

JEAN BAPTISTE
ROUSTAING
APOSTOLO DO ESPIRITISMO

JORGE DAMAS MARTINS
E
STENIO MONTEIRO DE BARROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M343j Martins, Jorge Damas, 1957-
Jean Baptiste Roustaing: apóstolo do espiritismo / Jorge
Damas Martins, Stenio Monteiro de Barros. Rio de Janeiro:
Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes,
2005.

“Bicentenário do Nascimento de J.-B. Roustaing”
Apêndices
Inclui bibliografia

1. Roustaing, j.-B. (Jean Baptiste), 1805-1879. 2. Espiritismo
- História. 3. Espíritas - França - Biografia. I. Barros, Stenio
Monteiro, 1945- . II. Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes. III. Título.

05-1550

920.91339

C D D

C D U

929:133.9

JORGE DAMAS MARTINS
E
STENIO MONTEIRO DE BARROS

JEAN BAPTISTE
ROUSTAING
APÓSTOLO DO ESPIRITISMO



BICENTENÁRIO DO
NASCIMENTO
DE J.-B. ROUSTAING

CRBBM
CASA DE RECUPERAÇÃO E
BENEFÍCIOS
BEZERRA DE MENEZES
RIO DE JANEIRO

© 2005 JORGE DAMAS MARTINS e
STENIO MONTEIRO DE BARROS

Revisão:
DANIEL CAMARINHA DA SILVA

Capa e Diagramação
JUNIA CAMARINHA DA SILVA
*sobre foto da “Quinta do Tribus”
Grupo Roustaing*

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Proibida a venda
Proibida a reprodução fotomecânica
sem autorização da Casa de Recuperação
e Benefícios Bezerra de Menezes

Direitos reservados à
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS
BEZERRA DE MENEZES
Rua Bambina, 128
Botafogo – Rio de Janeiro – RJ
CEP: 22.251-050
<http://www.casarecupbenbm.org.br/>
tels.: (21) 2266-2901 / 2266-6567

A todos os adeptos de J.-B. ROUSTAING

Agradecemos a todos aqueles que de alguma forma colaboraram com esta pesquisa:

ALEXANDRE ZAGHETO, ALEXANDRE ROCHA, FERDINANDO RUZZANTE, TÊKA DE OLIVEIRA, JOSÉ AUGUSTO CARVALHO, NELMA DAMASCENO, ANA SUELY FERREIRA, O CASAL MARI E ROBERTO ASSAD, HELOÍSA CORRÊA DA COSTA E PAULA, AMAURY DE SOUZA, LUIZ CARLOS DE CARVALHO, SARA SILVEIRA, REGINA LUCIA SILVEIRA MARTINS, ELIANE PÉREZ, LUCIANO DOS ANJOS, JOSÉ SALOMÃO MIZRAHY, LUCAS SILVEIRA MARTINS, GILBERTO PEREZ CARDOSO, PEDRO SILVEIRA MARTINS, AZAMOR SERRÃO FILHO, GERALDO MOURA, ISABEL GURGEL, PAULO VICTOR ROUVIER, JOÃO MELLO, MURILLO CARLOS CORRÊA DA COSTA DE CASTRO PINTO, CARLOS CAMPETTI, RICARDO TEIXEIRA MARQUÊS. SHIRLEY CARUSO, EDUARDO CARVALHO MONTEIRO, LINDEMBERG PEREIRA DA CUNHA JUNIOR

O nosso carinho especial aos colaboradores JÚLIO COUTO DAMASCENO, DIÓGENES MACHADO, GERALDO CAMPETTI, ZEUS WANTUIL, JOSÉ ANTONIO CARVALHO, JEAN-CLAUDE DROUIN e aos dedicados funcionários públicos franceses.

SUMÁRIO

PREFÁCIO – Júlio Couto Damasceno	9
INTRODUÇÃO	21
Grupo Demongodin	29
Médium Auguste Bez	35
Presidente Jules Peyranne	111
JEAN BAPTISTE ROUSTAING – Apóstolo do Espiritismo	127
Missionário da Fé	129
Renascimento de um Apóstolo do Espiritismo	131
Fase infante-juvenil de Jean Baptiste	147
Estudante de Direito	156
Estágio em Paris	165
Advogado	168
Casamento	177
Casa da Rue Saint-Siméon, 17	185
Quinta do Tribus	192
Desencarnação de Margaritte Robert	205
Generosidade no esmolar	210
Estafa providencial	215
Desencarnação de François Roustaing	221
No limiar da verdade espiritual	226
Conhecimento prático	235
Chamamento espiritual	259
Encontro com Allan Kardec	267
Primeiro testamento de J.-B. Roustaing	275
Encontro com Émile Collignon	300
Anúncio espiritual de <i>Les quatre Évangiles</i>	370
Apóstolo de Bordeaux	378
Organização de <i>Les quatre Évangiles</i>	395
Lançamento de <i>Les quatre Évangiles</i>	422
Aurélien Scholl e <i>Les quatre Évangiles</i>	443
Errata de <i>Les quatre Évangiles</i>	449

Segundo encontro de Roustaing com Allan Kardec	452
Comentário de Kardec em <i>A Gênese</i>	455
Chegada de <i>Les quatre Évangiles</i> ao Brasil	466
Carta a Jules Favre	475
Edições espanholas de <i>Los Cuatro Evangelios</i>	480
Desencarnação de Elisabeth Roustaing	484
Segundo testamento de Roustaing	487
Jean Guérin – o discípulo fiel	492
Pedagogia de Émile Collignon	508
Desencarnação de J.-B. Roustaing.....	529
Tradução alemã – <i>Christligher Spiritismus</i>	539
Tradução inglesa – <i>The Four Gospels</i>	541
Tradução italiana – <i>Spiritismo Cristiano</i>	546
Segunda tiragem de <i>Les quatre Évangiles</i>	552
Edições tchecas de <i>Výklad Ctvera Evangelii</i> <i>Desatera Prikázání dle Spítismu</i>	555
Traduções portuguesas de <i>Os quatro Evangelhos</i>	560
 CONCLUSÃO	 577
 1º APÊNDICE	 579
Estudos sobre os fluidos	581
Estudos sobre a bicorporeidade.....	590
 2º APÊNDICE	 610
Nos primórdios do Espiritismo J.-B. Roustaing (1805-1879) Em Arbis, em Bordéus e no Brasil	610
 3º APÊNDICE	 633
Engenheiro René Caillié	633

PREFÁCIO

“Mas, a quem compararei esta geração? É semelhante aos meninos que, sentados nas praças, clamam aos seus companheiros:

Tocamo-vos flauta, e não dançastes; cantamos lamentações, e não pranteastes.

Porquanto veio João, não comendo nem bebendo, e dizem: Tem demônio.

Veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizem: Eis aí um comilão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores. Entretanto a sabedoria é justificada pelas suas obras.”

(Jesus – Mt.11:16-19)

“Será que algum dia a polêmica Kardec x Roustaing vai acabar?”

“Em caso afirmativo, qual e quando será o seu desfecho?”

“Será que os Espíritos previram todas as marchas e contramarchas havidas em nosso movimento, desde a publicação da obra Os Quatro Evangelhos?”

“Se as previram, porque então a publicaram em 1866?”

“Não seria melhor aguardar um pouco mais, a fim de que as mentes já estivessem mais preparadas para as novidades que trazia esta obra?”

Estas questões se nos apresentam na tela mental quase instantaneamente, quando começamos, jubilosos, a redação do prefácio de *Jean Baptiste Roustaing – Apóstolo do Espiritismo*, a convite de seus autores, os prezados Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros.

Esperamos quase vinte anos por este momento.

Numa fração de segundo e nos vemos novamente em 1987, quando da publicação do *História de Roustaing – panorama dos fatos mais marcantes*, também do Jorge. Enquanto este fazia a palestra de lançamento, olhávamos o pequeno opúsculo em nossas mãos, pensando de que forma seria possível, algum dia, dar prosseguimento àquele trabalho, no qual tivemos também oportunidade de colaborar.

Passaram-se os anos e aquela idéia não saía de nosso pensamento.

Um dia, passando pela Rua Bambina, em Botafogo, Rio de Janeiro, a caminho da CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS BEZERRA DE MENEZES, na qual trabalhamos também há muitos anos, uma inspiração nos veio à mente, repentina. Pensávamos sobre toda a polêmica havida em torno da obra *Os Quatro Evangelhos*, de Roustaing, quando ouvimos uma voz a nos dizer: *quanto melhor conhecerem o homem, mais respeitarão a obra*.

Foi o que bastou para nos fazer partir da idéia à ação. Corria então o ano de 1990... Poucos dias mais tarde, encontrávamo-nos no salão do segundo piso de nossa querida CASA, em companhia de um pequeno grupo de amigos, igualmente estudiosos de Roustaing, decididos então a resgatar, de alguma forma, a biografia do abençoado missionário de Bordeaux.

Pensando bem, começamos com quase nada.

Não tínhamos em nosso grupo ninguém com perfil de *historiador*...

Também não tínhamos, entre os nossos integrantes, quem falasse francês.

Mal sabíamos por onde começar!

Mas, éramos jovens...

Foi neste misto de determinação e ansiedade que nos ocorreu convidar, então, o nosso amigo Jorge Damas para aquela primeira reunião, para que pudesse, com sua experiência e aprofundado conhecimento do assunto, ajudar-nos a estruturar um plano inicial de trabalho.

Como na vida não há coincidências, nem acaso, eis que, naqueles dias, comentando com um companheiro da CASA, Antônio Brandão, sobre o nosso projeto, este nos oferece os préstimos de uma colega de trabalho, chamada Ana Suely, que naquele momento estava radicada na França por motivos profissionais. Segundo Brandão, ela não era espírita, e portanto nada sabia sobre Roustaing mas, conhecida pela sua boa-vontade, certamente poderia ser útil procurando por informações na região de Tolouse, onde morava, e

mesmo em Bordeaux, terra de Roustaing, distante de Toulouse pouco mais de cem quilômetros.

Pela vontade de Deus, aquele nosso primeiro encontro já nos tirava do zero: de um lado tínhamos a orientação do prezado Jorge, e de outro a boa-vontade da encantadora Ana Suely.

Acho que Jorge sentiu, de imediato, a inexperiência do grupo. Colocou-se logo lado a lado conosco em nossas fileiras, atendendo como irmão de longa data a todas as questões que lhe foram propostas; orientando, ao mesmo tempo, com verdadeiro entusiasmo e riqueza de detalhes, aqueles que seriam os primeiros passos de Ana Suely como *correspondente internacional* de nosso projeto.

Qual não foi a nossa alegria, meses mais tarde, ao perceber que a pequena árvore já dava seus frutos. Ana Suely começou a nos enviar materiais diversos, da França, alimentando a conta-gotas a nossa fome de novidades.

Impossível resumir, aqui, em poucas palavras, o que se passou desde então.

Cada novo pedaço do imenso quebra-cabeça, que chegava, irradiava simultaneamente um sem-número de novas frentes de pesquisa. O projeto cresceu em complexidade de maneira espantosa, avançando muito além do que imagináramos em princípio... Jornais, fotos, cartas, pessoas... tudo conspirava a favor. É como se as portas de Bordeaux e da França tivessem repentinamente se aberto à nossa curiosidade, levando-nos passo a passo em direção à história do movimento espírita de Bordeaux, do século XIX e, naturalmente, do nosso biografado. O que mais nos chamava a atenção, à época, era a disponibilidade das pessoas para ajudar. Pessoas de todos os níveis, de todas as origens e funções, pareciam orquestradas em perfeita harmonia para suprir as nossas limitações. Quando vimos, tínhamos como colaboradores da pesquisa o primeiro ministro e autoridades da presidência da França! Simplesmente inacreditável o que faz a Providência divina para compensar as limitações de seus colaboradores...

Sistemático por natureza, logo Jorge tornou-se, além de orientador, também o redator do grupo. Organizou, com método e capricho impressionantes, todos os documentos, fotos e materiais recebidos. Mapeou, uma a uma, todas as correlações dos personagens do grande quebra-cabeça.

Neste ínterim, veio a conhecer também aquele que lhe seria o *braço direito* ao longo de todo o trabalho, o simpático Stenio Monteiro de Barros. Com a ajuda de seu conhecimento do idioma francês, Stenio

foi a pedra que faltava para a construção de todo o edifício. De sua pena saíram todas as cartas e e-mails enviados ao mundo inteiro, em busca de informações. Meticuloso, sempre atento aos detalhes, contribuiu também decisivamente na triagem e tradução de textos coligidos entre as mais de vinte mil páginas de fontes primárias utilizadas na pesquisa, trazendo a lume aspectos absolutamente novos e valiosos da história dos anos primeiros do espiritismo na França.

Passaram-se, assim, dezoito longos anos.

Nesse meio tempo enfrentamos momentos difíceis. Chegamos mesmo a ter de nos afastar na nossa CASA DE RECUPERAÇÃO, por motivos profissionais, mudando de cidade. De quando em quando falávamos com Jorge, recebendo notícias sempre animadas sobre os progressos da pesquisa. De longe as horas sempre parecem mais longas...

Mas, o tempo também se encarrega de nos ensinar a esperar.

Entendemos, aos poucos, que aquele trabalho tão disciplinadamente feito pelos amigos Jorge e Stenio, com tanta dedicação, não dependeria de nossa vontade e menos ainda de nossa ansiedade. Era a vontade da Vida que ali se realizava, e a Vida tem seu ritmo próprio, tão sábio nos avanços pequeninos do dia a dia quanto nas grandes realizações dos séculos.

Em verdade, não havia motivo de pressa.

Nem a polêmica que tanto nos mobilizara, em princípio, nem os comportamentos que lhe davam ensejo, desapareceriam num salto.

Estamos numa época de transição.

Durante milênios e milênio vestimos diferentes vestes religiosas, mas com pequenas alterações de atitude. Cultivamos com afincamento neste tempo toda a religiosidade de superfície, adiando *sine die* a verdadeira transformação pessoal. Não seria o ingresso nas fileiras espíritas que nos faria mudar, repentinamente, hábitos cristalizados por tanto tempo. Foi assim que trouxemos para os séculos XIX e XX, para a seara espírita, o velho hábito do sectarismo, da divisão, da polêmica, da vilania disfarçada de boas intenções...

Como diz Emmanuel, contra este pequeno e primeiro minuto de luz, que hoje vivemos, temos ainda séculos e séculos de sombras guardados dentro de nós...

Os volumes da Codificação Kardequiana e de *Os Quatro Evangelhos* contêm milhares e milhares de páginas de luz. Falam de amor, de caridade, de compreensão, de fraternidade. Trazem em seu seio o eco das vozes dos céus, dos Espíritos do Senhor, a falar-nos como nunca nos fora falado antes sobre as coisas do Céu e da Terra.

Pois vejam que conseguimos, tendo estes dois inestimáveis tesouros em mãos, torná-los motivo de discórdia, de azedume e dissensão, como se tivéssemos de escolher entre eles, como se não pudéssemos, e devéssemos, aproveitar tudo o que trazem de bom para os nossos espíritos combalidos... Lembramos, então, do comentário de Jesus sobre os discípulos, acerca das diferenças de seu trabalho e o apostolado de João Batista:

“Mas, a quem compararei esta geração? É semelhante aos meninos que, sentados nas praças, clamam aos seus companheiros: Tocamo-vos flauta, e não dançastes; cantamos lamentações, e não pranteastes. Porquanto veio João, não comendo nem bebendo, e dizem: Tem demônio. Veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizem: Eis aí um comilão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores. Entretanto a sabedoria é justificada pelas suas obras”.

Presos então à psicologia sectarista, os discípulos de João não conseguiam ainda perceber, na essência de sua mensagem, o mesmo sabor dos vinhos de Caná. Só podiam ouvir uma voz, e não aproveitavam a beleza do coro. Admiravam a parte e desprezavam o todo...

De lá para cá temos quase dois mil anos.

Olhando para trás é que constatamos o quanto a evolução é lenta.

Cá estamos, de volta ao orbe terrestre, re-vestidos, transfigurados, mas no fundo ainda os mesmos. Neste intervalo de tempo, fomos literalmente treinados, adestrados, induzidos e até obrigados a associar religião à ortodoxia. À repetição. À cristalização da verdade, no tempo, como se a verdade fosse uma chama pequenina que precisasse ser protegida do vento.

A idéia espírita, de uma religiosidade que evolui e se aprofunda, juntamente com o progresso das idéias, ainda é absolutamente nova! Não estamos habituados a ela. Falta-nos o chão! Claro que isso se refletiu e ainda se reflete na ainda breve história do Espiritismo, nesses seus cento e cinquenta primeiros anos, incompletos. Seria até surpreendente se assim não fosse. Admirados, encantados, renovados, maravilhados, apaixonados pela Codificação Kardequiana, impactados até a última das entranhas da alma pela grandeza de sua Revelação, de sua importância na história do pensamento contemporâneo e no futuro, nossos corações como que se preencheram por completo, a tal ponto de não caber mais nada de novo ou diferente que aparecesse pela frente! Parecia traição...

Logo o intelecto fez o seu papel e começou a achar mil desculpas para recusar as novidades que se apresentavam.

Foi assim que vimos muitos homens dignos, admiráveis, queridos mesmo, com contribuições imensas à Doutrina e ao movimento espíritas, recusarem-se simplesmente a aproveitar os ensinamentos de *Os Quatro Evangelhos*, justos eles, que tanto poderiam se beneficiar da obra cujo estudo o próprio Codificador recomendara aos *espíritas sérios*, de todos os tempos.

Houve também os que se puseram a combater publicamente a obra de Roustaing, acreditando que, assim fazendo, defenderiam a pureza doutrinária... Instalada a controvérsia, os ânimos muitas vezes se exaltaram, levando a excessos e arroubos de retórica lamentáveis representantes de ambos os lados – tanto entre os que atacavam a obra de Roustaing, quanto entre os que a defendiam. Empedernidos na defesa de suas próprias opiniões, terminaram se afastando, por seu comportamento, de tudo aquilo de sagrado que pretendiam proteger...

Vejam que não nos referimos aqui aos fariseus espíritas – o tempo também nos ensinou que todas as religiões têm os seus – que se aproveitaram do ambiente de polêmica para incidiosamente plantar entre nós a discórdia, o azedume e a dissensão. Invigilantes, ainda despreparados para lidar de forma cristã e madura com as diferenças de opinião, acabamos por dar espaço, em nossas fileiras, àqueles que Kardec chamou de *Judas do Espiritismo*. Felizmente são poucos, mas como aves de rapina souberam aproveitar muito bem os espaços dados em jornais e rádios espíritas para caluniar e desrespeitar de uma forma indigna, para qualquer espírita que efetivamente o seja, companheiros nossos de ideal e até a Casa de Ismael, simplesmente porque não lhes partilhavam as opiniões. Não, não nos referimos a estes últimos. A noite termina sempre com o dia, e o tempo e o espaço de que têm gozado terminará, também, com a madureza dos tempos e da própria comunidade espírita, que saberá, no futuro, se vacinar contra este tipo de ameaça interna.

Referimo-nos, sim, aos irmãos de boa vontade, essa gente boa e humilde que frequenta as casas espíritas em todo o Brasil.

No final, o que importa é que estamos todos juntos aprendendo a substituir a ortodoxia das idéias pela preservação dos valores, qualquer que seja a nossa opinião sobre *Os Quatro Evangelhos*.

Percebemos, assim, que o respeito ao outro e prática da tolerância cristã são mais importantes que a vitória de nossas opiniões pessoais.

Que o Espiritismo só progredirá se evoluirmos juntos, cada um no seu tempo e do seu jeito.

Que o Espírito do Senhor sopra onde quer, e que é preciso ter sempre a alma vigilante para perceber, por trás das diferenças de origem, de cultura, de idioma e até de idéias, os ventos da mesma verdade. Novos missionários virão, a todo tempo, trazendo sempre novos aspectos da revelação. Alguns virão de nossas fileiras, outros não... Estaremos prontos para entendê-los e a aceitar-lhes a contribuição? Ou faremos com eles o que fez Israel com seus profetas?

Olhos de ver e ouvidos de ouvir, lembram-se?

Essas considerações nos remetem de volta às questões que trouxemos de início.

Se o Espírito do Senhor sopra onde quer, sabe também exatamente onde e quando soprar...

A obra *Os Quatro Evangelhos* é, sim, uma antecipação conceitual, e nos exige uma dilatação dos próprios conceitos para seu pleno entendimento. Foi publicada por um contemporâneo do Codificador, sob orientação do Alto porque, desde o início da Doutrina, era preciso deixar claro a toda a gente que ela foi feita para evoluir, para progredir continuamente. Não como simples espectadora, na linha de quem acompanha a reboque os avanços da Ciência, mas como um agente ativo, desafiando a todo o tempo a nossa tendência à ortodoxia com a proposição de novas idéias e novas revelações.

Afinal, que mais quer o Senhor, se não que *o fogo arda?*

Processo semelhante da *rejeição* havida à obra *Os Quatro Evangelhos* tem ocorrido também com a Obra de Pietro Ubaldi, mais recentemente. Ouvimos com freqüência manifestações de dúvida sobre o fato da Obra ubaldiana ser ou não espírita. Depois dos *roustanguistas*, criamos os *ubaldistas*. Outra vez a divisão, o rótulo, a separação. No entanto, Sua Voz nos traz à alma os ecos da Galiléia distante; é possível mesmo sentir a presença do Cristo, diretamente, a inspirar as páginas do missionário da Úmbria. Ele chegou a ler as obras de Kardec, e as admirava, igualmente. Citou-as, por diversas vezes, em seu trabalho. Chegando ao Brasil, mostrou-se sempre amigo dos espíritas e do espiritismo, percebendo claramente a convergência de idéias e propósitos. Ora, se o espiritismo é do Cristo, e se Sua Voz mesma anima Ubaldi, por que razão separá-los?

Outra vez nos deparamos com uma *provocação intelectual*, vinda do mais alto, a nos convidar a reflexão e à ampliação do próprio entendimento.

Examinai tudo, retende o que é bom...

Queiramos ou não, vamos ter que nos habituar com esse progresso doutrinário.

Lembram-se do ocorrido quando da publicação da série *Nosso Lar*, de André Luiz, com psicografia do saudoso Chico?

A primeira reação da comunidade espírita foi de surpresa e inquietude. Alguns resvalaram pela negação. A força da revelação, porém, foi tão impactante, os livros publicados em série, cada vez com mais e mais detalhes da vida no plano espiritual, traziam informação tão sólida, que acabaram impondo por si a força da verdade, descortinando-nos assim um mundo de idéias que jamais esperáramos receber.

A polêmica em torno da obra de Roustaing vai desaparecer quando amadurecermos. Ela é o próprio retrato de nosso despreparo para lidar com o novo e o diferente, com a serenidade e o equilíbrio necessários. Aliás, isso vale para o caso Roustaing e para qualquer outro. Como dizia Ubaldo, *polêmica é coisa de involuído*, de espírito guerreiro que gosta de duelar com as palavras. Superar esta fase, e aprender a conviver com pontos de vista diversos, vai ser o sinal de nosso progresso nesta área.

Diante da dúvida frente a qualquer novidade doutrinária, ou qualquer aspecto diferente que chame a atenção, a única solução é estudo, estudo e mais estudo. A *quarentena* para a questão do Corpo Fluídico, proposta pelo próprio Codificador, simplesmente não acabou. Teremos ainda anos e anos pela frente de estudos sobre as materializações e sobre a evolução biológica da raça humana, para ter condições de avaliar, com mais propriedade, o que consta em *Os Quatro Evangelhos* sobre o assunto.

Assim como os discípulos de João aprenderam, mais tarde, que não precisavam escolher entre seu mestre e Jesus; assim como hoje entendemos a complementaridade dos esforços de Pedro e Paulo, na alvorada da cristandade, podemos afirmar, com segurança, que Kardec e Roustaing foram dois grandes missionários do Cristo, em serviços complementares e específicos, assim como Léon Denis, Flammarion e Delanne.

O papel destes missionários e a sincronicidade de seus esforços, naquele momento especial de nossa história, o século XIX, foi magistralmente sintetizada na frase de Humberto de Campos capturada pela mediunidade abençoada do nosso querido Chico Xavier, em seu *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*:

“Foi assim que Allan Kardec, a 3 de outubro de 1804, via a lua da atmosfera terrestre, na cidade de Lião. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares de sua obra, designados particularmente para

coadjuvã-lo, nas individualidades de João-Baptista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuaria o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abrir a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardequiana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos.” (13ª ed., FEB, p.176)

Kardec estabeleceu em *O livro dos espíritos e Céu e inferno* os fundamentos de um completo sistema filosófico, capaz de ombrear de igual para igual com todas as grandes escolas filosóficas, de todos os tempos. Coube a Léon Denis, no entanto, desenvolver este trabalho e prospectar os porquês da vida, do destino e da dor, dando prosseguimento às bases da filosofia espírita.

O Codificador erigiu também, com *O livro dos médiuns*, toda a base da nova ciência espírita, mas foi Gabriel Delanne o responsável pela pavimentação das pontes entre a Doutrina e o pensamento científico da época.

Em *A gênese* encontramos revelações surpreendentes sobre a origem da Terra, que ajudaram a aproximar a tradição mosaica do conhecimento contemporâneo; em Flammarion conhecemos as bases da vida multiplanetária, preparando terreno para as conquistas do porvir.

Em *O Evangelho segundo o espiritismo* ouvimos novamente a Voz do Sermão do Monte, mas coube a Roustaing reunir, em coro, a palavra dos Apóstolos do Cristo, trazendo-nos a explicação de seus Evangelhos, versículo a versículo, cumprindo assim ceitil por ceitil a promessa do Consolador, que viria lembrar as palavras do Mestre e completar-lhe os ensinamentos no momento aprazado.

Não, o que Deus uniu, o homem não separe.

Esses missionários vieram em conjunto, no momento certo, para estabelecer as fundações da Revelação Espírita, e o fizeram com a maestria e a dedicação já conhecidas. Não há porque distinguí-los, nem se justifica tentar fazê-lo por motivos menores. Mesmo que não tivessem consciência deste sentido de grupo, enquanto encarnados, em razão das limitações humanas, nós hoje a possuímos, pela revelação recebida, e só nos cabe respeitá-la e aproveitá-la em favor de nosso aprendizado, des-cobrimos em cada contribuição a parte que lhe cabe. Veremos assim que todos estes trabalhos se completam, e que a dificuldade em perceber-lhes o conjunto era fruto exclusivo de nossas limitações do passado...

É, pois, com este espírito de convergência, que convidamos o prezado leitor ou leitora e se aprofundar, a partir deste instante, na biografia de Jean Baptiste Roustaing.

Se é verdadeiro que pelo fruto se conhece a árvore – e sabemos que o é – ter-se-á aqui a oportunidade de conhecer, mais de perto, uma das figuras mais notáveis e especiais da história do espiritismo.

Assim como a história dos primórdios do cristianismo, os primeiros anos de nossa Doutrina têm também os seus heróis. Seus nomes e feitos estavam esquecidos em prateleiras empoeiradas, dispersos pelo tufão das guerras que abalaram tanto a Europa durante a primeira metade do século XX, mas cumpre-nos agora reuni-los de novo, e resgatar da melhor forma possível esse passado tão bonito e que pode nos ser tão útil, pelos VALORES e pelos EXEMPLOS que revela, e que servirão de guia para a comunidade espírita para todo sempre.

A comemoração dos 200 anos do Codificador foi o vento novo que nos chamou novamente a atenção para o trabalho dos pioneiros. Essa homenagem que fazemos a Jean Baptiste Roustaing dá prosseguimento a esta visita ao passado, aprofundando o nosso conhecimento das experiências dos que nos antecederam na seara espírita e aumentando exponencialmente o nosso respeito por seus exemplos e sacrifícios.

Estudar suas vidas, fazer força para conhecê-los e divulgar seus feitos, talvez seja hoje a melhor forma ao nosso alcance de expressar a nossa gratidão pelo que fizeram. Isto vale para os espíritas de hoje e do futuro, aos quais especialmente endereçamos este trabalho, na certeza de que bem compreenderão tudo o que aqui está feito e dito.

Nossas últimas palavras se dirigem aos companheiros da CASA. Que este esforço que agora fazemos, para trazer à lume este trabalho, feito com tanto sacrifício e ardor pelos companheiros Jorge e Stenio, seja a nossa parte nesta bela história, o nosso preito de agradecimento a todos esses gigantes do passado que estabeleceram as bases de nossa Doutrina e, em especial, o marco indelével de nosso compromisso com a Doutrina e com o Evangelho do Cristo.

Deus sempre se serviu dos seus pequeninos para realizar grandes coisas.

Que suas bênçãos se derramem, pois, sobre a pequenez destes seus servos, e nos ajudem a bem cumprir esta tarefa tão cara a Bezerra de Menezes e Azamor Serrão, queridos mentores de nossa CASA. Saudações deixamos, também, para os saudosos Ivo de Magalhães e Indalício Mendes, ambos ex-conselheiros e grandes admiradores de *Os Quatro Evangelhos* e de Roustaing.

Por fim, o nosso agradecimento aos Espíritos do Senhor, as *estrelas dos céus*, por todo o amparo recebido em favor deste trabalho, durante tantos anos, tendo em vista um único objetivo: levar-nos passo a passo ao conhecimento da verdade e ao sentimento de fraternidade universal.

Dizemos, então, como o próprio Roustaing:

Ficai certos, como eu, meus irmãos, de que eles o atingirão.

A todos, paz

JULIO DAMASCENO
Rio de Janeiro, 05 Maio de 2005

INTRODUÇÃO

Convidamos o leitor a um mergulho profundo no túnel do tempo, a se transladar para a Gironde, em especial à bela e progressiva cidade de Bordeaux, nos idos de 1860, e se ambientar nos primórdios do espiritismo.

É uma história apaixonante! Cheia de reentrâncias; motivos; revelações; guias espirituais respeitabilíssimos; grupos de estudo e prática; sociedades; médiuns, dos mais diferentes coloridos; jornais e revistas especializados; livros que abordam, das formas mais variadas, os princípios doutrinários; lideranças; milhares de adeptos, de operários a destacados doutores, magistrados, escritores e cientistas; viagens missionárias; perseguições clericais; dificuldades internas; polêmicas ardentes; ampla rede de caridade, material e espiritual, de creche a escola profissionalizante; etc.

Garantimos, sem modéstia, uma viagem surpreendente! É um roteiro praticamente novo para o espírita do século XXI. Seus principais pontos de observação proporcionam encanto, elevam a alma e nos pegam de improviso. É um mundo impressionante que estava esquecido e ressurge com toda sua bela e operante espiritualidade. Até os viajeros mais acostumados a percorrer os diferentes recantos e fases da história do espiritismo terão itinerário nunca visto, desafiador, questionador, revolucionário, transformador...

O leitor percorrerá terras abençoadas pela *mãe natureza*, ricas dos mais preciosos vinhos, das videiras da Terra e dos Céus. Andará por suas praças, avenidas e ruelas, e será convidado a refazer-se em suas vilas, campos e quintas. Entrará nas casas das cidades e fazendas, acompanhará as reuniões mediúnicas em seus diversos aspectos, inclusive ao ar livre, dada a grande aglomeração. Assistirá, satisfeitíssimo, banquetes, simples e fraternos, verdadeiras reuniões de família e saudará os convivas em seus muitos brindes. Lerá mensagens e mais mensagens em que os missionários espirituais, anjos de Deus, fecundaram a Terceira Revelação prometida por seu Cristo.

Na maior parte do tempo, o nosso viajor permanecerá na Bordeaux antiga e em seus aprazíveis arredores, mas o seu *voucher* de acesso será indubitavelmente adquirido nas cidades modernas de Bordeaux e Paris, através da Internet, do correio e do telefone, onde sempre encontrará prestimosos funcionários públicos – nas repartições, bibliotecas e associações –, professores universitários, políticos e cidadãos comprometidos com a preservação da história.

E não só isso; o leitor participará, questionando-se a si mesmo, de discussões acaloradas, mas sempre alicerçadas no espírito de compreensão e liberdade; lerá críticas, notas, observações. Vivenciará, em cheio, toda uma época de descobertas psíquicas e de possibilidades espirituais. E terá contato com as lideranças espíritas de Bordeaux, das mais competentes, corajosas e iluminadas. Verá que todos eles também são missionários, pioneiros e fazem parte da história das revelações, sempre grafada entre dores, lágrimas, suor, sangue, e muito, sempre muito amor.

Tomemos assento na espaçonave do universo akásico, onde tudo está registrado psiquicamente e vamos começar a viagem, inicialmente pela *Introdução* deste livro. Nela, o leitor visitará o *Grupo* do Sr. Demongodin, presidido pelo Sr. Jules Peyranne, e, na condição de assistente devidamente autorizado, participará de suas reuniões mediúnicas, juntamente com o médium Auguste Bez e os guias espirituais Claudius, Afonso de Liguori e Antônio de Pádua.

Está *Introdução* levará o leitor a se ambientar ao *universo espírita* onde viveu e brilhou J.-B. ROUSTAING, APÓSTOLO DO ESPIRITISMO!

* * *

Desde 1977, quando começamos a estudar o magnífico *Os quatro evangelhos*, de J.-B. Roustaing, um trecho desta obra atçou especialmente a minha curiosidade de pesquisador. A passagem encontra-se no 1º tomo, onde Roustaing indaga aos Espíritos reveladores sobre como se dava o *desaparecimento* e o *reaparecimento* de Jesus, quando o *supunham* no deserto ou numa montanha, em oração. Os Espíritos comunicantes começam uma longa explanação, falando sabiamente sobre o *fenômeno da bicorporeidade*. É precisamente aí que encontramos o ponto de partida deste nosso atual trabalho. Vejamos o referido trecho:

“Ao Espírito é lícito libertar-se temporariamente do invólucro material humano de que se ache revestido, mas conservando-se

sempre ligado e preso a ele por um cordão fluídico, invisível aos homens. Pode, assim, o Espírito, algumas vezes, libertar-se do corpo pelo desprendimento durante o sono e, em casos muito raros, quando o indivíduo, sem estar dormindo, se encontra num estado de êxtase mais ou menos pronunciado. Pode mesmo, pela bicorporeidade, pela bilocação e com o auxílio do perispírito, tornar-se visível e tangível, sob todas as aparências do corpo humano, de modo a produzir ilusão completa. Pode, ainda, em casos excepcionalíssimos, e tendes disso exemplos bem comprovados e autênticos, tornar-se visível e tangível, com todas as faculdades aparentes da vida e da palavra humanas”. (*Os quatro evangelhos*. Brasília: FEB, 1994, pp. 363-4).

Diante da informação acima, dada por Roustaing, de que sobre este assunto temos *exemplos bem comprovados e autênticos*, é ele mesmo quem esclarece, numa nota de rodapé, que exemplos são estes:

“Os fatos ocorridos com Afonso de Liguori e Antônio de Pádua são exemplos dessa natureza. Ver a *Union Spirite Bordelaise* (ns. 20 e 21, de 22 de outubro e 1º de novembro de 1865), onde todas as fontes históricas são indicadas” (p. 364).

Esta informação de Roustaing sempre rondou pelos meus interesses. A partir de 1995, começamos, eu e o Stenio Monteiro de Barros, intensa pesquisa em torno das origens do espiritismo em França. Farto e significativo material, entre jornais, revistas, livros, documentos, cartas, e-mails foram trocados e resgatados, e hoje temos mais de vinte mil páginas que desvelam segredos que pareciam enterrados para sempre. Está sempre correto o Evangelho:

“Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido” (Lc. 12: 2).

Foi assim que, em 4 de abril de 1997, recebemos a *original facture* da *Bibliothèque nationale de France – service de la reproduction*, nos colocando à disposição, por determinada quantia em *Franco Francês* – naquela época ainda não se usava o *Euro* na França –, a fotocópia completa da *L’union spirite bordelaise*. Certo tempo depois, estávamos frente a um rico conteúdo, em 3 volumes, sobre nossas origens espíritas, que gradativamente estamos dando a conhecer. E, em especial, também pudemos resgatar os dois artigos anunciados por J.-B. Roustaing, nos seus *Os quatro evangelhos*, sobre a bicorporeidade. E mais: a uma resposta do Espírito Antônio de Pádua a uma indagação de um leitor, num terceiro artigo, de 1º

de dezembro de 1865, Nº 25, da revista. Todo este material o leitor encontrará, na íntegra, no 1º *Apêndice* deste livro.

Examinando de saída os artigos, vemos que a nota destacada por *Roustaing* é feita com propriedade, pois o famoso advogado de Bordeaux participou intensamente da produção destes trabalhos, como *evocador* dos Espíritos Afonso de Liguori e Antônio de Pádua, em duas entrevistas brilhantes, que elucidaram, como em nenhum outro trabalho, a técnica da produção do fenômeno da bicorporeidade. O médium foi, então, o pioneiro e dinâmico espírita daquela cidade, o Sr Auguste Bez. Não sabemos em que instituição estas comunicações espíritas ocorreram. O artigo de 1º de dezembro de 1865 indica apenas: *numa reunião espírita*.

No entanto, há outro artigo, que colocamos também no 1º *Apêndice* deste livro, que aponta um local específico para esta *reunião espírita*. Este trabalho, muito interessante, aborda o tema *estudos sobre os fluidos*. Aqui, o evocador era o Sr. Peyranne (Jules Peyranne), o Espírito entrevistado se denominou Claudius, o médium era o mesmo Sr. Auguste Bez, as datas das sessões foram de 17 de abril a 14 de agosto de 1865, e o local da reunião era o *Grupo Demongodin*. O texto informa, logo no cabeçalho, ser o Sr. Peyranne o *presidente* do Grupo. Esta evocação espírita foi publicada na *Revue Spirite*, fundada por Allan Kardec (Paris, março, 1890, pp. 77-87). O que é incomum, mas que ressalta a importância do trabalho, foi o ano da publicação do artigo: 1890, 23 anos depois. É mais uma prova de que *nada há oculto que não venha a ser conhecido*.

Infelizmente, as informações sobre o *Grupo Demongodin* ainda são muito escassas para nós, pois pouco sabemos sobre suas atividades. O único fato que descobrimos é uma citação da *L'union spirite*, de julho de 1867, p. 30, que trás a 7ª lista dos *aderentes* da *Ligue de l'enseignement en France*, em que aparece o nome do Sr. Demongodin, como contribuinte. Por este documento verifica-se ser ele empregado da empresa ferroviária do Midi, e residir na estrada d'Espagne, Nº 256, em Bordeaux. Eis, aqui, então, o local para as reuniões do *Grupo Demongodin*. Sastel Demongodin, segundo o Censo de 1866, tinha 34 anos e vivia com a esposa Marguerite e a filha Jeanne.

Será que as *reuniões* com as entrevistas de Afonso de Liguori e Antônio da Pádua também ocorreram neste *Grupo Demongodin*? A princípio, parece que sim, pois a famosa *Sociedade Espírita de Bordeaux*, fundada pelo pioneiro Sr. Émile A. Sabò, com a presença de Allan Kardec, em 14 de outubro de 1861, já estava desativada ou, praticamente, não funcionava nesta época. Um texto importantíssimo, na *Union spirite*, revela:

“A Sociedade Espírita de Bordeaux, que o Sr. Sabò fundara, como os outros grupos espíritas, mais que os outros, talvez, foi vítima dessas dissensões intestinas que acabamos de assinalar, e seu fundador se viu mesmo obrigado a se retirar, não encontrando, entre aqueles de nossos irmãos que a compunham então, a simpatia que lhe era tão necessária. Ela viveu assim penosamente, durante perto de quatro anos, e viu três presidentes sucumbirem na luta. Seus membros se retiravam uns após os outros, e foi necessária toda a energia de alguns espíritas sinceros e dedicados para continuar a ficar em evidência. Foi necessário pagar com sua pessoa e em sua bolsa para se manter, e podemos mesmo dizer que a Sociedade viveu, durante muito tempo, de seu antigo prestígio, porque ela chegava, em 1865 e no começo de 1866, ao número fatal de 13 membros. Ela estava atrofiada; sentia-se morrer de atonia” (janeiro de 1867, p. 44).

Outro ponto que fala em favor do *Grupo Demongodin* é a data de término das comunicações do Espírito Claudius sobre os *fluidos*: 14 de agosto de 1865. Ora, as entrevistas com Liguori e Pádua foram publicadas em 22 de outubro e 1º de novembro de 1865; temos, então, o período de 15 de agosto a 21 de outubro de 1865 para as realizações das sessões sobre o estudo da bicorporeidade. É tempo suficiente para a execução do trabalho.

Registro também que uma pesquisa atenta indica que o *Grupo Demongodin* se reunia sempre às segundas-feiras. Esta informação é tirada do estudo das datas nas comunicações de Claudius: 17/04; 24/04; 22/05; 12/06; 10/07; 17/07 e 14/08 de 1865. Num calendário de conversão, vemos que todas estas sessões ocorrem neste dia da semana.

Outra informação quebra, porém, aparentemente, a lógica de nossas afirmações. A última comunicação de Pádua ocorreu da seguinte forma:

“Quando o Espírito, aproveitando o fato de que nos encontrávamos, no dia 19 de novembro, numa reunião espírita, nos ditou espontaneamente a resposta”.

Ora, o dia 19 de novembro de 1865 caiu num domingo. A última comunicação de Antonio não aconteceu, então, nas sessões normais das segundas-feiras do *Grupo Demongodin*. O Espírito de Pádua se aproveitou, diz o texto, do fato de Bez e Roustaing se encontrarem numa outra reunião espírita, e espontaneamente ditou a resposta. A expressão “numa reunião espírita” sugere que não se está falando daquelas reuniões, onde as entrevistas com Afonso e Antônio foram

realizadas. Onde ocorreu esta reunião espírita de domingo? Não temos como descobrir, pois Bordeaux possuía inúmeros Grupos de estudos espíritos que, como *satélites*, giravam em torno da *Sociedade espírita de Bordeaux*, como informa o Sr. L. Guipon:

“Em Bordeaux, onde há milhares de espíritas e um grande número de grupos, cerca de vinte pessoas desembolsam mensalmente a importância de um franco e cinquenta centavos para cobrir os gastos de aluguel de uma sala de reunião (*Sociedade espírita de Bordeaux*), iluminação, papel e demais despesas de correio” (*Ruche spirite bordelaise*, 1º.ano, Nº 8, 2ª quinzena de setembro de 1863, p. 114).¹



Rue Trois Conils, 44
Abril de 1999

Não devemos nos surpreender com a informação: *milhares de espíritas e grandes números de grupos*. Auguste Bez, na época, calculava bem mais que isto:

“Mais de *mil* cidades ou aldeias na França possuem reuniões espíritas, isto é reuniões de amigos onde, após ter orado a Deus, se estuda a filosofia religiosa sob todas as suas faces, e em que se procura as provas da imortalidade da alma e as consolações para os corações aflitos, conversando com aqueles que deixaram seu envoltório corporal, mas que não estão mortos” (*Union*, Nº 8, 22 de julho de 1865, p. 173. O *italico* é do original).

¹ A administração da *Sociedade* e da *Ruche* estava, desde 25 de agosto do corrente, localizada no novo endereço na rue Vergniaud, 25, e não mais na rue Des Trois Conils, 44 – Vide *Ruche* nº 6.

E o próprio Codificador estimava que, em 1860, já havia:

“Milhares de sociedade livres ou reuniões particulares, existentes na França e no estrangeiro” (*Revue Spirite*, tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, abril de 1860, p. 161).

Allan Kardec ainda informa bem mais, numa resposta ao redator da *Gazette de Lyon*:

“Sabei então, senhor, para vosso governo, que, dos cinco ou seis milhões de espíritas² que existem atualmente, a quase totalidade pertence às classes mais esclarecidas da sociedade” (RS, FEB, outubro de 1860, p. 435).

Aqui, evidentemente, Kardec falava de *todo o mundo*, mas, especificamente na França, temos a seguinte informação do Sr. Amand Greslez, da Argélia (Sétif), antigo oficial da administração, em carta datada de 11 de janeiro de 1866 e dirigida aos Srs. diretores e redatores dos jornais antiespíritas:

“Para toda a França há um total aproximado de um milhão de espíritas de ambos os sexos e de todas as classes e condições” (*La union*, 1º ano, Nº 36, 22 de fevereiro de 1886, p. 267).

Então, com tantos espíritas e Grupos, esta *reunião*, num *domingo*, poderia acontecer, por exemplo, na casa do Sr. Roustaing, pois ele se reunia todas as noites, em sua residência, na rua Saint-Siméon, 17, para orar pelos sofredores. Acompanhem suas palavras:

“Todas as noites a minha casa, à hora em que os Espíritos sofredores, errantes no espaço, se manifestavam por um médium psicográfico, para pedir e ouvir as preces” (*Os quatro evangelhos*, vol. I, p. 395).

² Penso serem estes números bastante exagerados. O nosso último censo, no Brasil, registrou um pouco mais de dois milhões de espíritas. Mesmo que aqui, como tentou me convencer um confrade, Kardec quisesse usar a palavra espiritualista em vez de espírita, pior seria, pois ainda assim os números ficam bastante aquém da realidade.

Outra possibilidade, muito provável, é desta *reunião de domingo* ter acontecido no então chamado *Grupo Roustaing* (falaremos sobre suas atividades mais adiante), que existia e era famoso em toda a região. Este *Grupo Roustaing* marcou a memória do Sr. Alexandre Delanne, que dele se lembrava como um destaque da época, em Bordeaux:

“A cidade de Bordeaux, como a grande cidade lionesa, teve a honra de levantar cedo a bandeira de Allan Kardec.

“Pela primeira vez, em 1860, eu visitava os grupos espíritas dessa cidade; nela já havia um número bastante grande. Os mais freqüentados eram os da Sra. Collignon, da Srta. O'kine, dos Srs. Roustaing, Krell, Alexandre, etc. Existiam dois órgãos espíritas: *Le Sauveur des peuples* e *L'Union Spirite Bordelaise*” (*Le spiritisme – organe de l'union spirite française* [Gerente: Gabriel Delanne], Nº 23, 1ª quinzena de fevereiro de 1884, p. 6. Redação e administração: Passage Choiseul, 39 & 41, Paris).

A informação sobre a *reunião de domingo* no *Grupo Roustaing* deixa de ser uma possibilidade e se torna realidade, quando atentamos para a seguinte informação de P.-G. Leymarie:

“Todo domingo, o antigo bastonário da ordem dos advogados de Bordeaux, discorria sobre o espiritismo” (*Revue Spirite*, ano XXVI, Paris, julho, 1883, p. 299).

Porém há mais: O Sr. A. Lefraise, no seu jornal *Le sauveur des peuples* (1º ano, Nº 33, 11 de setembro de 1864, domingo, p. 4) informa, de maneira definitiva, que as reuniões do *Grupo Roustaing* eram mesmo aos *domingos*, em sua propriedade no campo:

“Assistimos, no último domingo,³ a uma reunião de espíritas, chegados há pouco à crença regeneradora. Um dos apóstolos mais dedicados da doutrina nova, o Sr. Roustaing, advogado na Corte imperial de Bordeaux, que a confiança e a estima de seus colegas muitas vezes elevaram ao posto de bastonário da ordem,⁴ recebia, naquele dia, em sua casa, em sua propriedade do Tribus, como faz todo mês, os prosélitos que conseguiam chegar à sua região”.

Logo, a reunião do *Grupo Roustaing* acontecia aos *domingos*. Falaremos, no capítulo sobre o *evocador* Roustaing, muito mais sobre este *Grupo* e suas abençoadas *domingueiras*.

³ Logo em 4 de setembro de 1864.

⁴ Ver explicações no capítulo sobre J.-B. Roustaing.

Evidentemente, após todas essas informações, surge outra possibilidade de peso: a de que as entrevistas com Afonso e Pádua tenham sido realizadas na casa de Roustaing, ou no seu *Grupo*. Deixamos todas estas possibilidades para as reflexões do leitor.

Passemos, agora, ao estudo dos personagens que formam o contexto. Qual era o grau de envolvimento deles com o espiritismo? E com a prática da caridade? E com o estudo doutrinário? Tinham experiências mediúnicas? Vamos estudá-los um a um. São eles: Demongodin, Auguste Bez, Peyranne e Roustaing. Aqui, interessamos as suas biografias eminentemente espíritas, para sabermos se tinham condições apropriadas para participarem de tão elevadas revelações medianímicas.

I – GRUPO DEMONGODIN

O que temos com certeza é que as comunicações do Espírito Claudius, sobre *os fluídos*, foram recebidas nas reuniões das segundas-feiras no *Grupo Demongodin*. Há uma possibilidade razoável de que as entrevistas espirituais com Afonso e Pádua tenham sido realizadas aí. Por isto, temos que pensar na saúde espiritual do Sr. Demongodin e de seu *Grupo*. Vamos listar os argumentos, todos favoráveis, diremos logo de saída:

1- Inicialmente, lembramos que o Sr. Demongodin era empregado da rede ferroviária do Midi. Esta informação por si só já é positiva. Trabalhar para conseguir o sustento próprio, bem como o da família, além de colaborar para o desenvolvimento social do mundo em que se vive, é o primeiro grande argumento da seriedade de um espírita.

Trabalho realizado, sustento adquirido, dever cumprido, só depois destinar as horas restantes para os compromissos de ordem espiritual. Assim, não se cai na tentação de precisar viver de recursos espirituais, explorando mediunidades e patrimônios do mais Alto, de ordem qualitativa e não cambiáveis. O lema é o de sempre: *de graça recebestes, de graça dáis* (Mat. 10: 8).

Ainda no campo profissional, destacamos a necessidade de manter a melhor harmonia possível no ambiente de trabalho. E o que se vê, na companhia de ferro do Midi, é que muitos de seus empregados se envolveram com o espiritismo. Falando apenas do *Grupo Demongodin*, logo se vê o próprio Sr. Demongodin; o Sr.

Peyranne, presidente do *Grupo*, era também funcionário desta empresa; e o médium Sr. Auguste Bez também trabalhava nela como contador chefe. Ainda é bom acrescentar que a *Sociedade Espírita de Bordeaux*, que agasalhava fraternalmente todos os grupos espíritas da região, tinha em seu antigo 1º presidente, o Sr. Sabò, também um contador chefe desta empresa ferroviária.

2- Outro ponto fundamental a que se deve dar vulto é a caridade, a mãe de todas as virtudes. Os resultados espirituais colhidos nas reuniões espíritas sérias devem ser divulgados, pois não há maior caridade para com a Doutrina Espírita que sua própria divulgação. Esta caridade primeira o *Grupo Demongodin* fez quando divulgou suas comunicações espiritistas.

Outra importante manifestação de caridade é ajudar, de forma correta, os que não têm ascendido às fontes de conhecimento. Ensinar ao próximo a encontrar o saber que liberta é grande virtude. É virtude evangélica: *conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará* (Jo. 8: 32). Ora, quando encontramos a citação da contribuição do Sr. Demongodin em benefício da *Ligue de l'enseignement en France*, ficamos emocionados, pois era um abençoado trabalho que favorecia a todos e tinha como fim *propagar a instrução por todos os meios possíveis* (ver *Léon Denis e a Maçonaria*, de Eduardo Carvalho Monteiro. São Paulo: Madras Espírita – USE, 2003, p. 83).

Abro parêntese para noticiar ter sido esta *Ligue* fundada, em 25 de outubro de 1866, por Jean Macé (1815-1894).⁵ O movimento espírita da época colaborou intensamente na consecução de seus objetivos. Destaco que P.-G. Leymarie foi membro fundador e que os jornais e revistas espíritas incentivavam e divulgavam as listas dos colaboradores. É o caso da *Revue Spirite*, fundada por Allan Kardec e da *Union Spirite*, dirigida por Auguste Bez, médium do *Grupo Demongodin*. Auguste Bez e Alexandre Delanne⁶ passaram a ser contribuintes imediatamente após a convocação (ver *Union Spirite*, dezembro de 1866, p. 18).

⁵ A *Revue spirite* noticia a sua desencarnação, em 15 de outubro de 1894, sábado, em Monthiers (Aisne) – RS, 1895, p. 63.

⁶ Alexandre Delanne foi um dos seis sócios fundadores da *Liga*. A RS de agosto de 1904, num artigo assinado pelo Sr. Algol, pseudônimo de Paul Puvis, “um dos primeiros membros da *Sociedade Espírita* fundada por Allan Kardec”, registra que a *Liga* foi fundada no ano de 1863. (Ver Malgras, J.. *Os pioneiros do espiritismo*. São Paulo: DPL, 2002, p. 133).

Jean Macé fez o prefácio da obra *L'Éducation dans la famille et par l'état – chef de la famille nationale*, de Émilie Collignon. Bordeaux: Librairie de Feret & Fils, 1873. Madame Émilie Collignon foi a médium que recebeu a obra *Os quatro Evangelhos*, compilados por Roustaing.

Emmanuel Vauchez,⁷ espiritista e fiel colaborador de Jean Macé, atuou intensamente nos órgãos espíritas, fazendo-se de ponte entre o nosso movimento e a *Ligue*. Escreveu, inclusive, para Auguste Bez, fazendo-o dele adepto fervoroso da idéia, a ponto de escrever:

“Se nos perguntarem agora o que quer essa *liga*, o que se propõe fazer, quais serão os seus meios de ação, diremos:

“O que ela quer é trabalhar, por todos os meios possíveis e sem sair do domínio da legalidade, para propagar a instrução em todas as classes da sociedade; é ajudar na fundação de bibliotecas populares, de classes adultas, de escolas profissionais; é melhorar, tanto quanto possível, a posição dos professores e das professoras, etc., etc.

“Seus meios de ação dependem do número de partidários que responderão ao seu apelo e lhe permitirão constituir-se definitivamente.

“Que cada um de nós, na medida do possível, lhe empreste sua colaboração material e moral, e seu triunfo estará assegurado.

“As subscrições serão recebidas no escritório do jornal. Pode-se subscrever, seja para uma cotização anual, seja por um depósito imediato, destinado a fornecer à *liga* os meios de propagação que lhe são necessários” (*Union*, Nº 61, dezembro de 1866, p. 17).

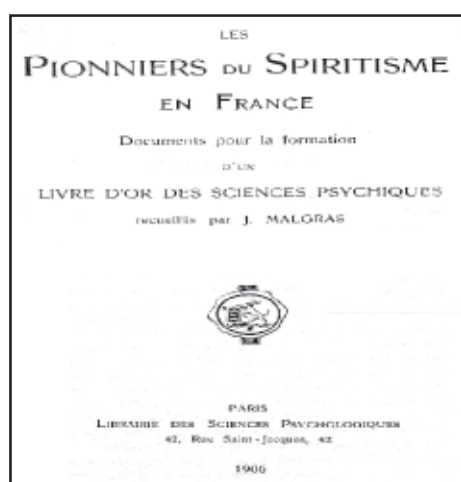


Emmanuel Vauchez

⁷ Nasceu em Courlans (Jura), em 19 de maio de 1836.

J. Malgras, em *Os pioneiros do espiritismo* (obra publicada em Paris, em 1906, com o título *Les pionniers du spiritisme en France*)⁸; inclui uma biografia de E. Vauchez (pp. 131-5) que, entre outras informações, destaca sua avançada e profunda opinião espírita:

“Não há senão matéria em toda a parte visível ou invisível; o homem, o animal mais elevado, é material; ao morrer, ele deixará de ser? – Não, pois conserva uma forma que resume para ele o progresso adquirido. Essa forma, ainda que invisível para o momento, ainda é material em graus diversos; ela lhe é suficiente no espaço para agir de outra maneira” (p. 131).



Les Pionniers du Spiritisme en France

E, continua mais adiante:

“Completemos esta biografia dizendo não ter a atividade de Emmanuel Vauchez se limitado a essas obras de ensino; ele soube também encontrar tempo para se entregar a estudos de alta especulação, como, por exemplo, seu belo trabalho *La Terre, evolução da vida na sua superfície, seu passado, seu presente, seu futuro*, 2 vols., in-8º, no qual, retomando as teorias de Buffon, Lamarck e Darwin, abarca, numa única olhada, o conjunto da natureza e fornece, numa série de capítulos, tão finamente escritos quanto profundamente pensados, uma nova teoria do mundo,

⁸ Tenho, em minha biblioteca, uma cópia do original francês, cedida gentilmente pela FEB, através do amigo Zeus Wantuil, e que pertencia ao inesquecível Presidente Aristides Spínola.

muito interessante, plena de visões novas e sedutoras graças às suas novidades próprias. O Magnetismo e o Espiritismo aí mantêm, orgulhosamente, o lugar que deveriam ocupar em todo trabalho científico” (p. 134).

Na mesma lista em que se encontra o Sr. Demongodin como membro contribuinte da *Ligue*, o Sr. Peyranne, Presidente do *Grupo*, fez também sua adesão a este movimento de ensino com sua prestimosa contribuição.

Como se vê, a harmonia era ampla entre os participantes do *Grupo Demongodin*: a mesma atividade profissional, o mesmo ideal espírita, e o mesmo interesse caritativo e social.



Jean Macé

A idéia da *Ligue* cresceu e se fortificou, através dos tempos, e hoje ainda dá frutos a mãos-cheias. Quem quiser conhecer melhor seu trabalho recomendo o site oficial <http://www.laligue.org/laligue/index.html>.

3- O *Grupo Demongodin* ficava numa propriedade do Sr. Demongodin. Isto era muito comum na época. Há muitas passagens, nos periódicos espíritas deste período, que confirmam isto. É o que se vê na citação de Alexandre Delanne, que fizemos antes:

“Eu visitava os grupos espíritas dessa cidade; nela já havia um número bastante grande. Os mais freqüentados eram os da Sra. Collignon, da Srta. O’kine, dos Srs. Roustaing, Krell, Alexandre”.

Ora, mesmo sendo o *Grupo* na casa do Sr. Demongodin, ele não se fazia o seu presidente. O escolhido foi o Sr. Jules Peyranne, seu colega de profissão. Peyranne era um adepto entusiasmado da Doutrina codificada por Allan Kardec, sendo presidente, também, a partir de 1866, da *Nova Sociedade espírita de Bordeaux*. Peyranne teve a feliz iniciativa de convidar o Codificador para um banquete na *Nova sociedade*, e o mais importante é que Kardec aceitou de bom grado. Mais adiante, falaremos sobre este banquete.

Reparem que a escolha do Sr Demongodin foi precisa. Não era Peyranne um desses presidentes que, infelizmente, encontramos por aí, que querem o cargo simplesmente porque querem, para atender aos seus desejos papais. Não! Peyranne era líder querido dos espíritas e admirado por Kardec, ou melhor, um compromissado com a divulgação do espiritismo. Então, o ato de escolha do Sr. Demongodin é um ato de humildade e reconhecimento do grau de grandeza do próximo. A humildade é mais um requisito básico para a harmonia de uma reunião mediúnica.

E o Sr. Demongodin não ficava só na escolha do presidente, pois sabia também atrair a colaboração de Auguste Bez, médium espírita, divulgador entusiasta da Doutrina, um pioneiro e líder espírita de Bordeaux.

A humildade deixa fluir a força atrativa do amor.

4- O Sr. Demongodin era espírita da primeira hora, e o espiritismo criou nele raízes, manifestando-se com toda a sua força, como ensina Kardec:

“Falsíssima idéia formaria do Espiritismo quem julgasse vir a sua força da prática das manifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, a sua base ter-se-ia minado. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso” (*O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1974, *Conclusão*, VI, p. 484).

Sim, a força da Doutrina apelou para razão do Sr. Demongodin. Ele não era espírita tipo *fogo de palha*, imediatista, interessado apenas na fenomenologia medianímica. Fundou um grupo (no mínimo, em abril de 1865), chamou o Sr. Peyranne para dirigi-lo, certificou-se das qualidades do médium, permitiu a divulgação das matérias espíritas obtidas no *Grupo* e, o mais importante, dois anos

e quatro meses depois (julho de 1867), aparece na *Union Spirite* como um espírita caridoso, colaborando com os interesses da *Ligue de l'enseignement en France*.

II – MÉDIUM AUGUSTE BEZ

A primeira aproximação que tivemos com o pioneiro, líder, escritor e médium de Bordeaux, Sr. Auguste Bez, foi através do livro *Spiritisme – réflexions sur le spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs – communications, lettres et fables spirites*,⁹ 1863, Paris e Bordeaux, por J. Chapelot, pseudônimo literário de Jean Condat, *inventor, artista e escritor*.¹⁰ A data do prefácio desta obra é 1º de janeiro, e nela vemos comunicações medianímicas de vários médiuns de Bordeaux (Sr. Bez, Sra. Cazemajour, Srta. Marthe Alexandre, Sra. Collignon, Sr. e Sra. Guipon). J. Chapelot não inclui o nome das entidades reveladoras. Allan Kardec destacou a comunicação *Loi d'Amour*, recebida pela Sra. Cazemajour e a incluiu no *Evangelho segundo o espiritismo*, dividindo-a em duas comunicações: *A lei do amor* (cap. XI) e *O ódio* (cap. XII).



J. Chapelot



Spiritisme – Réflexions sur le Spiritisme

⁹ Estamos preparando, juntamente com Eduardo Carvalho Monteiro, uma edição desta obra em português, pela editora Madras Espírita e USE de São Paulo, para breve.

[Agora, em abril de 2005, a Editora Madras (São Paulo) acaba de lançar a tradução desta obra com o título “O problema da justiça de Deus e do destino do homem – Mensagens, cartas e histórias espíritas”]

¹⁰ Vide J. Malgras. *Os pioneiros do espiritismo*. São Paulo: DPL, 2002, pp. 194-6.

Como podemos observar, Auguste Bez é o primeiro da lista, com nove belas comunicações, das quais destacamos quatro preciosidades. Segue a primeira:

A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE.

A Fé, a Esperança e a Caridade são as três bases sobre as quais devem todos vocês apoiar-se para chegar ao Céu, sua pátria, nossa pátria, de todos.

Pela Fé, sabemos que essa felicidade eterna e sem nome nos está reservada.

Pela Esperança, experimentamos o avanço em nossos corações, os efeitos benéficos e salutareos, cuja doce influência nos ajuda a atravessar com calma as mais rudes provas da vida.

Pela Caridade, trabalhamos em nosso melhoramento, melhorando a sorte de nossos irmãos que sofrem, de todos os nossos irmãos, porque todos sofrem, todos são infelizes, todos se sujeitam às provas. Uns, as da riqueza, outros, as da pobreza; uns, as da doença que os abate, outros, as da saúde da qual abusam; todos, qualquer que seja sua posição social, estão submetidos às provas que devemos procurar aliviar não só por nossas instruções, mas também por nossos pensamentos e nossas preces, mais ainda que por nossa cooperação material.

Com Fé, Esperança e Caridade nada é impossível ao homem. Conduzido ligeiramente por suas asas azuis, ele se lança radioso em direção à eternidade bem-aventurada onde o esperam os Espíritos já chegados ao termo de seu curso.

Sem elas, ai de mim!, nada lhes cabe em partilha, nada a não ser a miséria, o remorso e o desespero.

Oh! meus bons amigos, peçam a Deus que lhes permita adquirir essas três virtudes que se resumem numa só: a *Caridade*, e lembrem-se, repito-o mais uma vez, que, *sem ela, não há salvação*.

Aqui o destaque é: *Caridade... sem ela, não há salvação*. Este lema dos espíritos só será imortalizado a partir de abril de 1864, no *Evangelho segundo o espiritismo*, com a mensagem de Paulo, ditada em Paris, em 1860. Kardec, antes desta revelação ao médium Auguste Bez, só citou esta frase uma vez, numa carta aos espíritos lioneses, em 1862 (RS, fevereiro, p. 33).

É muito interessante, também, a informação espiritual: *repito-o mais uma vez*. Infelizmente não sabemos quando esta entidade revelou este lema pela primeira vez. O certo é que, a partir da 1ª quinzena de junho de 1863, ela passou a ser a bandeira dos espíritos de Bordeaux, como informa o Sr. E. Sabò:

“Nós escrevemos em nossa bandeira esta dupla afirmação: Fora da caridade não há salvação; Fora da caridade não há verdadeiro espírita” (La Ruche, nº 1, p. 9).

A segunda comunicação de Bez é:

ELOGIOS DIRIGIDOS AOS MÉDIUNS.

Amigos, um grande defeito existe em quase todos os grupos espíritas.

Esse defeito é tanto maior quando conduz muitos médiuns à sua perda e, com eles, muitas pessoas semiconvencidas de que, vendo esses próprios médiuns desanimar e abandonar a prática da doutrina que eles eram os primeiros e os mais ardentes a ensinar, se desencorajam tanto mais facilmente, e abandonam a procura da verdade.

Esse vício é muito útil dá-lo a conhecer a vocês. Ei-lo:

ELOGIOS QUE SE DIRIGEM AOS MÉDIUNS SOBRE AS COMUNICAÇÕES QUE RECEBEM.

Esquece-se, geralmente, que o médium só é uma máquina que o Espírito faz mover a seu gosto, e se, por essa máquina, o Espírito dá algum bom ensinamento, em seguida se dirigem ao médium elogios que ele está longe de merecer e que, muitas vezes, o conduzem à sua perda, porque, ai de mim!, ele é levado a ter a ilusão de suas qualidades e os elogios o enchem de orgulho.

Então, ele olha com desdém as comunicações obtidas por seus irmãos, vê se elas estão marcadas com o mesmo sinete de grandeza que as que ele próprio obtém, e despreza, não só os Espíritos que as ditam, mas também os médiuns que as interpretam e estes, muitas vezes desencorajados, renunciam ao exercício de sua faculdade.

Infeliz! Envaidecido pelos elogios, ele se entrega ao orgulho, esse laço odioso que maus Espíritos não cessam de estender, e então ele se torna a vítima inevitável de Espíritos zombadores, frívolos e tirânicos que lhe inspiram suas comunicações falsas e errôneas; que, pouco a pouco, o dominam, impondo-lhe todas as suas vontades e afastando-no dos grupos sérios onde ele tinha o hábito de ir, porque eles temem ser desmascarados pelos homens austeros e direitos e ver escapar sua vítima.

Assim fascinado, e dominado pelos Espíritos que seu orgulho atrai, o médium recebe o castigo merecido por suas faltas e paga bem caro o prazer que lhe causaram um instante algumas palavras lisonjeiras.

Oh! meus amigos, lembrem-se constantemente de que a humildade e a caridade são virtudes e de que só elas encerram todo o Espiritismo.

Então, por que os médiuns se orgulham de suas obras?
A máquina vai se gabar do trabalho que se faz por meio dela?
A locomotiva arrastando atrás de si os milhares de viajantes tem o direito de dizer-lhes: “Sou eu que os conduz, é a mim que vocês obedecem?”

Não obedece ela própria ao vapor que a governa e a leva a seu gosto e sem o qual ela seria apenas um corpo inerte e insensível?

E o vapor também não obedece aos caprichos, à vontade do mecânico que lhe impõe todos os movimentos que ele quer fazê-lo executar?

Deve acontecer o mesmo com os médiuns, meus amigos. Eles são a locomotiva da qual os Espíritos são o vapor, e uns e outros obedecem à vontade suprema de Deus, o todo-poderoso mecânico que dirige todas as coisas.

“FELIZES SÃO OS HUMILDES E OS PEQUENOS DA TERRA, DISSE JESUS CRISTO, PORQUE O REINO DOS CÉUS É PARA ELES”.

Segue a terceira comunicação:

O MELHOR MEIO DE OBTER BOAS COMUNICAÇÕES.

É para mim um prazer e um dever participá-los do que sei.
Como vocês, aprendi porque me ensinaram e porque trabalhei para compreender e reter as instruções que me deram.

Hoje minha maior felicidade é fazer para os outros o que outros fizeram por mim, e a felicidade é tanto maior quando as pessoas às quais me dirijo se empenham seriamente em me ouvir e me compreender, e fazem o maior esforço para pôr em prática as lições que lhes dou.

Porque observem bem isso, amigos:

É que queremos que vocês pratiquem a Caridade e a Fraternidade.

Não é suficiente pronunciar belas palavras, é necessário provar que elas saem do coração e que vocês não são como um instrumento de música que faz retinir sons melodiosos, mas que não entende nada desses sons, nem lhes saboreia a suave harmonia.

Espero que vocês me compreendam e que eu não seja forçado a dirigir-lhes advertências a esse respeito. Convençam-se de que, se for o caso, não deixarei de fazê-lo porque, se a caridade tem muitas formas, uma delas é dizer aos homens coisas desagradáveis e pouco lisonjeiras para seu amor próprio, se eles o merecem, e se tais censuras podem servir ao seu melhoramento.

Pergunta: Devemos fazer a evocação de Espíritos sofredores?

Resposta: Sim, chamem os Espíritos sofredores e procurem moralizá-los; muitas vezes vocês perdem tempo e não chegarão a nada a não ser rasgar papel, ou a ouvir asneiras, às vezes até blasfêmias.

Nesse caso, peçam a Deus que envie Espíritos superiores junto a esses Espíritos rebeldes, para fazê-los compreender que eles andam no mau caminho e procurem reconciliá-los com o bem.

Mas vocês encontrarão também alguns que os ouvirão, serão dóceis aos seus conselhos e se melhorarão. Desses, ainda que vocês só encontrassem um em cem, um, mesmo em mil, seus trabalhos seriam abençoados, porque o Cristo disse:

“HÁ MAIS ALEGRIA NO CÉU PARA UM PECADOR QUE SE EMENDA, DO QUE PARA CEM JUSTOS QUE NÃO PRECISAM DE ARREPENDIMENTO”.

Coragem, então, e perseverança.

Por fim, temos:

O PERDÃO.

Perdão das ofensas, é um desses deveres sublimes que a Caridade encerra em seu seio.

Cristo, o divino modelo, nos disse: “FAZEI O BEM ÀQUELES QUE VOS FAZEM O MAL, BENDIZEI AQUELES QUE VOS AMALDIÇOAM, PERDOAI AQUELES QUE VOS OFENDEM E ORAI POR VOSSOS PERSEGUIDORES” e, juntando o exemplo aos preceitos, a fim de melhor mostrar que esses preceitos não são palavras vãs e que se pode praticá-los em toda a sua extensão, ele ofereceu em holocausto, à humanidade inteira, uma vida cheia de amor e de caridade, onde a abnegação de si mesmo foi sempre aliada da bondade para os outros, mesmo para aqueles que estão encarnados para sua perda e que o fizeram morrer da morte ignominiosa da cruz.

Ah! vocês que se dizem seus discípulos, todos vocês, filhos de Deus, cuja nobre missão é melhorar a fim de chegar um dia puros de toda mancha aos pés de seu trono eterno, tenham sempre seu divino modelo presente no pensamento.

Cada vez que alguns de seus irmãos, esquecendo seus deveres ou levados por um orgulho tolo, uma vaidade insensata, vierem insultá-los ou, ocultamente, procurarem prejudicá-los, escutem as palavras do Cristo saindo de sua boca expirante e subindo para o céu, exalando um perfume tão suave de amor e de felicidade: “OH! MEU DEUS, PERDOAI-OS, PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM!”

Que esse grito parta de seus peitos, que saia do mais profundo de seus corações, e, longe de sentir o cruel aperto da ofensa, vocês se sentirão muito alegres pela maneira pela qual serão vingados.

Sim, porque a vingança, essa serpente hedionda que os antigos ousaram chamar de verdadeiro prazer dos deuses, aquece em seu seio as mais amargas dores, os mais lancinantes males.

Ferindo seu inimigo no coração, vocês se ferem a si mesmos, e, com frequência, sucumbem sob seus terríveis golpes antes que seu adversário seja alcançado.

Mas, se, para se vingar, vocês prodigalizam o amor e o perdão, esse amor e esse perdão, que devem atrair para vocês o sarcasmo e o mais inveterado ódio, vocês sentem passar sobre suas feridas pungentes como um sopro celeste que as refrigera e as cura instantaneamente.

E o que acontece muitas vezes, se seu inimigo tocou sua generosidade, se lança aos seus pés e reconhece suas próprias iniquidades, oh! vocês estarão nobremente vingados, não é?

Que transportes de júbilo! Que santo delírio d'alma! Vocês salvaram um irmão; mais que isso, um inimigo.

Eis aí a vingança que o Criador pede; eis aí o prazer indizível que se poderia chamar de verdadeiro prazer de Deus, mas que Deus, em sua infinita bondade, deixou em parte aos humanos.

Felizes são aqueles que o sabem cultivar e colher! Receberão a doce recompensa; na terra e nos céus eles saborearão seu delicioso perfume.

A carreira espírita de Auguste Bez começa a ser contada na brochura *Almanach Spirite para 1865*. Nesta obra, escrita em Bordeaux e concluída em 18 de dezembro de 1864, não há o registro de seu autor. Desconfiamos ser o próprio Auguste Bez, pois, na sua *página de rosto*, está informado que ela se encontrava à venda no *Bureaux de La voix d'outre-tombe*, 19, rue du Palais-de-l'Ombrière, endereço do próprio Bez, além deste jornal ter sido fundado e dirigido por ele mesmo. Há ainda, noutro jornal espírita, também de Bordeaux, *Le Sauveur des Peuples* (1º ano, nº 52, domingo, 22 de janeiro de 1865, pp. 3 e 4) a informação, numa suposição bem fundada, que Bez seria o autor deste opúsculo em parceria com outros três colaboradores.¹¹ Mas o que fala esta brochura sobre o nosso biografado:

“Auguste Bez é muito jovem, quase uma *criança*... O mais jovem talvez dos espíritas militantes” (p. 72).

¹¹ Desconfiamos que sejam os Srs. A. Lefraise, J. Chapelot e Louis-Auguste-Gratien Salgues. Temos, em nosso acervo, cópia desta brochura encaminhada pela BNF.

Determinado e aguerrido como os de *sangue jovem*, trava em 1862 a sua primeira polêmica em defesa das idéias espíritas. Inicialmente no periódico *l'Etincelle*, depois no jornal *Renard*. Além disso, mais tarde soube enfrentar as duras críticas do Sr. Philibert Burlet, *famoso estudante* de medicina de Lyon, que *lançava pelos quatro ventos do mundo* a idéia nefasta de ser o *Espiritismo a causa da alienação mental* (*Almanach*, pp. 72-3).

Já no primeiro número da *Ruche* (1ª quinzena de junho de 1863, pp. 9-12), encontramos um artigo assinado por Auguste Bez: *Courrier Spirite*, que, entre outros assuntos, fala do desenvolvimento do espiritismo em Bordeaux, e cita a primeira viagem do *notre maître bien aimé*, Sr. Kardec, nesta cidade, em 1861, quando da inauguração da *Sociedade espírita*, em 14 de outubro (ver RS, FEB, novembro de 1861, pp. 473-517). Bez registra, mais tarde, que, num curto tempo depois desta significativa visita missionária, mais de *trezentos espíritas* se reuniam em torno da *Sociedade*.¹² E, entre outras notícias, mais à frente, chama o Codificador de *notre cher et vénéré maître* (*nosso querido e venerável mestre*).



1º exemplar da *La Ruche*

¹² Aliás, era também *quase* este o número de confrades na inauguração desta *Sociedade*, em 14 de outubro de 1861, como informou Kardec no seu discurso: “Não é um fato característico a inauguração de uma sociedade espírita que, como a vossa, se inicia pela reunião espontânea de *quase trezentas pessoas*, atraídas, não pela vã curiosidade, mas pela convicção e pelo só desejo de se agrupar num único feixe?” (RS: FEB, novembro de 1861, p. 511 – [itálico dos autores]).

No próximo número da *La Ruche* (2ª quinzena de junho, pp. 25-6), na sessão *Communications spirites*, encontramos significativa mensagem: *Les spirites de nom*, captada por Bez, e agora, com a devida identificação espiritual:

OS ESPÍRITAS DE NOME SOCIEDADE ESPÍRITA DE BORDEAUX – GRUPO ROUX

A dúvida e o desânimo, vindo depois da fé e da convicção, provam que essa fé não era sólida e que essa convicção era mais aparente do que real, já que o menor sopro a faz desaparecer, como um furacão que passa faz desaparecer as folhas em novembro.

Muitos corações buscando a verdade e não a encontrando abraçaram o Espiritismo com um ardor irrefletido. Viram brilhar a luz e se lançaram nos braços desta doutrina que lhes pareceu tão bela, tão tocante, tão em harmonia com as necessidades de suas almas. Mas eles só se prenderam a ela pelos brilhos exteriores; não compreenderam dela os deveres imperiosos e difíceis de cumprir. Espíritas de nome, eles se deixaram levar à deriva logo que suas paixões reclamaram contra as flagelações sem rodeios dos Espíritos.

Em seu orgulho, ou, antes, em sua irreflexão, eles acreditavam submeter às suas ordens os seres invisíveis; às vezes estes se prestaram aos seus caprichos, e quiseram ainda submetê-los por mais tempo, mas logo reconheceram que não estamos às suas ordens, que, como eles, temos nosso livre-arbítrio e que, muitas vezes, nos recusamos a nos comunicar com aqueles que não o merecem, que deixamos de dar instruções àqueles que não as ponham em prática.

E por que seríamos nós sempre seus humildes servidores? Por que lançar a semente divina sobre os calhaus onde ela não pode germinar? Por que lançar sob os pés dos porcos as pérolas preciosas que Deus nos encarregou de levar sobre a terra para ornamento dos Espíritos escolhidos?

Nossa missão é grande, porque as necessidades da humanidade são grandes e urgentes; o momento da separação dos bons e dos maus chega, aproxima-se a grandes passos e nada temos que fazer com esses que fecham seus ouvidos e seus corações e não querem nos escutar.

Muitos ainda não ouviram a voz celeste que exclama: Coragem, filhos dos homens, levantai a cabeça e que a esperança renasça em vossos corações, porque eis aqui a boa nova: *Deus não quer a morte do pecador, mas a sua conversão e sua vida. Não quero a morte do pecador, diz o Senhor pela boca de seu profeta Ezequiel,*

mas eu o perseguirei eternamente até que ele se converta e caminhe na senda reta. Essa exclamação divina, que faz desaparecer o Deus inflexível, para só mostrar ao pecador o Pai sempre terno, sempre bom, sempre pronto a perdoar, só punindo com pesar a fim de não enganar sua infinita justiça; essa exclamação divina que os Espíritos, tantas vezes, fizeram ouvir na terra, tão bem, os homens a esqueceram, e Deus, cuja misericórdia nunca se fatiga, nos enviou para ainda o conduzir desde os quatro cantos dos céus.

Ó homens que escutais essa voz bendita, não endurecei vossos corações e não tapai vossos ouvidos, porque o momento supremo está vindo. Nesse apelo poderoso, levantai-vos com ardor, sacudi o torpor que entorpece vossos membros, retomai vosso bastão de viagem e recomeçai vossa marcha pela rota do progresso que conduz à perfeição, isto é, à eternidade bem-aventurada. Muito bem! Desde muito tempo ficastes estacionários, desde muito tempo vos detivestes, preferindo as miseráveis e pérfidas flores que as paixões humanas semeiam sob os passos do homem carnal, na senda plena dos escolhos, dos óbices e dos espinhos que é necessário seguir para chegar a Deus. Mas, se essas flores encantam um instante, o prazer que elas causam é bem efêmero, e não tardareis em reconhecer que elas ocultavam aos vossos olhos um precipício horroroso do qual é preciso sair quando nele se caiu e cujas bordas eriçaram pontas agudas que dilaceraram vossa alma e vosso corpo.

Coragem, então, marchai adiante, sempre adiante e subi para os Céus. E vós, pobres cegos, que vos deixastes arrastar pela dúvida e aos quais a coragem fez falta, escutai nossa voz amiga; vinde a nós, nós vos estendemos os braços e queremos vos tomar pela mão para vos ajudar a subir com esforço a senda penosa. Ainda um esforço e tereis recuperado o caminho que abandonastes. Coragem, então, irmãos, coragem; levantai vossos olhares para os Céus; a nuvem que, um instante, os tinha ocultado à vossa vista, dissipou-se, e a estrela que ilumina o caminho aí reaparece mais bela e mais brilhante que nunca.

LARROQUE-BONIFAS

Aqui temos mais um *centro* espírita de Bordeaux, em que Bez também colaborava. É o *Grupo Roux* (Ruivo), um dos muitos *satélites* da *Sociedade espírita de Bordeaux*. Este Grupo era presidido pelo Sr. Jean Bardet, tipógrafo impressor, residente no pátio St-Jean, nº 93, que desencarnou em 23 de outubro de 1863, aos 34 anos. Auguste Bez informa (*La Ruche, Inumação de um Espírita bordelês*, 1º ano, nº 12, 1ª quinzena de novembro, pp. 188-92):

“É a primeira vez que a *Sociedade Espírita de Bordeaux* foi chamada a conduzir à sua derradeira morada o despojo mortal de um de seus irmãos”.

Após as informações biográficas e o relato do cortejo fúnebre em direção ao cemitério da Chartreuse, Bez transcreve as palavras emocionantes dos Srs. Alfred Jonqua e Émilie A. Sabò, em nome dos espíritas da *Sociedade*. O mais emocionante e surpreendente vem no final da matéria, em que Bez escreve:

“Os Espíritas presentes a essa cerimônia não deviam, então, se separar antes de fazer sua evocação. E foi o que aconteceu. Eis aqui a comunicação que ele pode nos dar, no estado de perturbação em que devia, necessariamente, se encontrar em tão pouco tempo após a separação de seu corpo”:

Médium: Sr. Aug. BEZ.

Amigos, é um dever e um dever bem doce vir, ao sair da vida terrestre, vos dar conta de minhas impressões.

Vós o sabeis tudo assim como eu, muitas vezes procuramos juntos desvendar o futuro, esse futuro que nos ocultava a tumba. Muito jovem, me foi dado penetrar esse grande segredo, e me comprazo em vos dizer aqui, de uma maneira solene, minhas esperanças não foram desiludidas.

Ainda preso ao meu leito de dor, tinha a alma mergulhada nas esferas imensas da eternidade; os Espíritos que ainda não posso reconhecer, mas que, com certeza, são Espíritos amigos, vinham me consolar no meio das minhas mais cruéis dores, e me mostravam a rota da felicidade, e essa vista me fazia esquecer meus sofrimentos.

Amigos, não deixarei de vo-lo repetir: minhas esperanças, que são as vossas, não foram desiludidas para além da tumba.

.....
Oh! como teria desejado me manifestar abertamente a um de vós, no meio dessa numerosa reunião de amigos que conduziram meu despojo mortal à sua derradeira morada! Muitas influências contrárias impediram essa manifestação; mas eu estava presente no pensamento de todos, me comunicava com eles intuitivamente e enchi seus corações de alegria e de esperança.

Que inefável consolação às idéias espiritistas não se verteram como ondas no coração de meus queridos pais e nos vossos também, meus bons amigos! E quanto às palavras simples e tocantes que dois dentre nossos irmãos pronunciaram sobre minha tumba, agitaram os corações dos incrédulos!

Oh! obrigado, meus bons amigos, obrigado; continuei com ardor a aprofundar a ciência sagrada que os bons Espíritos vieram nos desvendar. De agora em diante unir-me-ei a eles e, se bem que ainda muito fraco, farei todos os meus esforços para vos ajudar na procura da Verdade. Espírito, farei muito freqüentemente ressoar em vossos ouvidos essas palavras sagradas que me ditavam muitas vezes os nossos bons guias: “*Coragem e confiança, porque a hora da libertação vai soar logo*”.

Adeus, caros amigos, não me estendo muito esta noite, porque estou fraco ainda e a combinação dos fluidos que me são necessários me incomoda muito. Ajudai-me com vossas preces a fim de que possa, rápido, gozar inteiramente de minhas novas faculdades.

Não vos digo adeus como o dizem só aqueles que estão sem esperança além da tumba; não, meu adeus significa: Até à vista, porque nós nos reveremos, aqui embaixo, por minha presença em nossas reuniões, e também um dia nas esferas celestes, quando o momento vier em que, vós também, quebrareis vossa prisão para tomar vosso vô para Deus.

Amigos, e vós também meus queridos pais, *coragem e confiança* e, sobretudo, bani a dor que assedia vossa alma. Se vos deixei corporalmente, pensai que estou entre vós em Espírito; se o número de vossos irmãos terrestres está menor por minha morte, pensai que, por minha morte também, o número de vossos irmãos espirituais aumentou.

.....
E vós, querido amigo,¹³ com quem trabalhei tanto tempo, vós que me ajudastes tão poderosamente, quando eu dirigia o grupo Roux, oh! não quero me retirar sem vos agradecer e sem vos repetir também essas palavras sagradas: *Coragem e confiança!*

Adeus, caros amigos, enviai essa comunicação à minha mãe, ela lhe fará bem.

Jean BARDET

Acabamos de registrar que o Sr. Jean Bardet era o presidente do *Grupo espírita Roux*. Este Grupo é citado por Allan Kardec, numa subscrição em favor dos operários de Rouen:

“Está aberta uma subscrição, no escritório da Revista Espírita, 59 rue et passage Saint-Anne, em favor dos operários de Rouen, a cujos sofrimentos ninguém ficaria indiferente. Vários grupos e sociedades

¹³ “O espírito se dirige aqui ao médium que lhe serve de intérprete” (nota do articulista Auguste Bez).

espíritas já nos enviaram o produto de sua arrecadação. Convidamos os que pretendem contribuir a apressarem sua remessa, pois o inverno está aí!” (RS, 6º ano, Edicel, janeiro de 1863, p. 32).

Listas abertas para as doações, entre muitas contribuições, vêm as da cidade de Bordeaux: da *Sociedade Espírita* e dos *Grupos Roux e Petit* (RS, Edicel, março de 1863, p. 98).

Dado o nosso espaço, vamos dar um salto para o ano muito especial, para nós espíritas, o de 1864. Nele temos o lançamento de *O Evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec (abril); o lançamento dos periódicos espíritas de Bordeaux: *Sauveur des peuples – Journal du spiritisme – propagateur de l’unité fraternelle*, direção A. Lefraise (1º de fevereiro); *La lumière pour tous – journal de l’enseignement des esprits*, direção A. Lefraise (7 de abril); *La voix d’outre-tombe – journal du spiritisme*, direção de Auguste Bez (1º de julho); e, a partir da 1ª quinzena de fevereiro, Auguste Bez começa a dirigir, juntamente com Sabò e Chapelot, *La Ruche*.

Tudo isso este ano precisa ser saudado com os brindes da alegria e da fé, e o Plano Maior o faz, com antecedência, saudando o ano que se inicia, com uma mensagem cheia de otimismo, através da mediunidade do nosso biografado, Sr. Bez (*La Ruche*, nº 15, 1ª quinzena de janeiro de 1864):

Sociedade Espírita de Bordeaux.–
Grupo B....., Médiun: Sr. Aug. BEZ.
UM NOVO ANO

O tempo passa, amigos, o tempo passa e a verdade prossegue sem cessar o caminho que os espíritos receberam a missão de lhe traçar, através dos rochedos quase impenetráveis da incredulidade e do materialismo que criaram o orgulho, a ambição, a hipocrisia e todos os vícios sob o abraço dos quais geme e se arruína a pobre humanidade.

O tempo passa, os anos se escoam e os maus, pouco a pouco, desaparecem da superfície da terra. O ano que terminou engoliu um grande número, e esse que começa ainda destruirá mais deles.

Quando disse: *destruirá*, falo dos corpos, porque os espíritos são indestrutíveis, como tudo que é imortal, mas os corpos sendo destruídos os espíritos voam para as esferas que lhes estão destinadas e a terra é assim libertada de uns e de outros. Perda que está bem longe de lhe ser prejudicial, porque, se os maus dela se vão, eles são substituídos com muita vantagem pelos bons que chegam de todas as partes.

De norte a sul, do ocaso à aurora, todas as nações recebem em seu seio Espíritos que, sob a forma de pequenos querubins rosas sempre

sorridentes, vêm trazer – hoje frágeis e fracas crianças, em alguns anos homens de gênio cheios de moral e de virtude – seu concurso à grande Obra da regeneração.

Coragem crianças, coragem! sereis poderosamente secundados; aos operários do Senhor não poderiam faltar os apoios, porque o Pai celeste lhes envia irmãos e chefes para engrossar as fileiras dessa armada abençoada que deve dar batalha às paixões da terra e vencê-las para sempre.

Coragem, irmãos, coragem! Lançai um olhar sobre o caminho que, em alguns anos apenas, tendes percorrido. A distância superada é imensa; já a divina luz clareou o mundo e, quanto mais caminhamos, tanto mais sua claridade redobra de intensidade, tanto mais seu doce calor aquece todos os corações e faz reviver a Fé, a Esperança e a Caridade.

Salve 1864! Salve ano bendito que vens, tu também, marcar, com uma marca indestrutível, uma das etapas gloriosas da Obra de regeneração.

Antes que a terra tenha completado a *revolução* que ela apenas começou, muitos Espíritos estarão encarnados de novo sobre seu solo; muitos incrédulos terão aberto os olhos à luz e terão preparado um ouvido atento aos acentos suaves e melodiosos que não cessam de ressoar a santa Caridade e a doce Esperança. Muitos *Espíritos fortes*, enfim, serão conduzidos no mundo espírita para se convencer de que sua ciência não era senão uma vã e estéril utopia. Lá eles serão forçados a queimar essa matéria que adoraram e de reconhecer o Espírito, esse Espírito que tanto os fazia rir e que eles não mais poderão negar, porque só ele restará e sua filosofia extinguir-se-á impotente.

Possa o Criador, do qual eles desconhecaram as leis, estender sobre eles os tesouros inesgotáveis de sua misericórdia! Possa o arrependimento penetrar com a luz em suas almas, a fim de tornar sua punição menos cruel e menos longa!

Progresso! Progresso! Marche, marche sempre para teu objetivo eterno: a perfeição total.

Ó meu Deus! que tua sabedoria é imensa! que teus decretos são imutáveis! Dá-nos a graça, Senhor, de proteger teus filhos fiéis; cobre com tua égide paternal todos os Espíritos que trabalham na santa colheita, que eles sejam errantes ou encarnados, humildes ou poderosos, sábios ou ignorantes. Faze que, durante esse ano que começa, todos se abracem no infável abraço da Fraternidade e que, numa perfeita união, tirem, por intervenção de tua bondade e de teu amor, essa força invencível diante da qual desaparecerão os obstáculos que a incredulidade e o orgulho amontoam sobre o caminho da Verdade.

BONIFAS-LARROQUE

Aqui quero focar o chamado Grupo B..., também um *satélite* da *Sociedade de Bordeaux*. Pesquisando várias fontes, descobre-se que B... é uma abreviatura do nome Bez. Um exemplo: no livro *Spiritisme – réflexions sur le spiritisme* de J. Chapelot (p. 46), há uma mensagem intitulada *Apprenez!... apprenez!...*, como uma das nove mensagens de Auguste Bez, e no jornal *La voix d'outre-tombe* (1º ano, nº 1, 31 de julho de 1864, p. 4), ela reaparece, na íntegra, como sendo captada pelo *Médium, Sr. B....*, acrescida da informação de ter sido ditada por *Un Esprit protecteur*. Assim, fica registrado que Auguste Bez também possuía seu Grupo particular.

O *almanach spirite pour 1865* (p. 74) registra que Auguste Bez era *médium ativo, devotado e muito maleável nas mãos dos Espíritos de todos os graus e categorias*. Esta devoção era tamanha que chegava a participar de *praticamente todos os grupos espíritas de Bordeaux*, nos quais *ele colocava à disposição a faculdade que Deus lhe deu a serviço de todos* (p. 74).

Já havíamos feito referência que, a partir da 1ª quinzena de fevereiro de 1864, Auguste Bez começa a dirigir, juntamente com Sabò e Chapelot, a *La Ruche*. O anúncio foi feito na mesma *La Ruche* pelo seu fundador, o Sr. Émilie Sabò:

“Nossos assinantes estão prevenidos de que, a partir de agora, os Senhores Chapelot e Bez tomarão conosco a direção de *la Ruche* [A colmeia].

“Acreditamos dever adotar esta medida, a fim de dar, se é possível, mais atenção à tarefa que nos incumbe. Os trabalhos sempre crescentes do Espiritismo necessitam desta decisão; sozinho, não podíamos ser suficientes. Com a ajuda destes dois irmãos, que já deram tantas provas de devotamento e de zelo para a propagação da santa verdade do Espiritismo, tudo caminhará, nós o esperamos, com mais harmonia e regularidade.

“Os Senhores Bez e Chapelot, estamos felizes por dizê-lo, (...) merecem a simpatia fraterna de todos os nossos leitores, que nos felicitarão de nos termos associado a colaboradores tão simpáticos à nossa pessoa, e tão devotados à causa que defendemos” (Nº 17, p. 273).

No significativo 1º de maio de 1864, Auguste Bez data o prefácio de seu mavioso *Os milagres dos nossos dias ou as manifestações extraordinárias obtidas por intermédio de Jean Hillaire*.¹⁴ Allan

¹⁴ Oferecemos esta obra ao coordenador da *Madras espírita – USE* (São Paulo), Eduardo Carvalho Monteiro, que preparou e lançou, em 2003, a versão deste livro para a língua portuguesa. Sua leitura é indispensável.

Kardec lê e recomenda com elogios o novo trabalho de Bez, em longa matéria estampada na *Revue Spirite*:

“A obra do Sr. Bez é escrita com simplicidade e sem exaltação. Não só o autor diz o que viu, mas cita numerosas testemunhas oculares, a maioria das quais se interessou pessoalmente pelas manifestações. Esses não teriam deixado de protestar contra as inexatidões, sobretudo se lhes tivesse feito representar um papel contrário ao que se passou. O autor, justamente estimado e considerado em Bordeaux, não se teria exposto a receber semelhantes desmentidos. Pela linguagem se reconhece o homem consciencioso que teria escrúpulo em alterar conscientemente a verdade. Aliás, não há um só fenômeno cuja possibilidade não seja demonstrada pelas explicações que se acham no *Livro dos médiuns*” (7º ano, agosto, 1864, p. 254).



Edição Francesa



Edição Madras

Na conclusão desta obra, deparamo-nos com um belo pronunciamento de Bez sobre sua fé espírita:

“Para mim, muito de minha fé, dessa fé que se apóia sobre provas palpáveis, proclamá-la-ei sem cessar, alto e bom-som: Eu creio em Deus, na imortalidade da alma e em suas manifestações. Creio na caminhada sempre ascendente dessa alma através dos milhares de milhões de mundos dos quais o Grande Arquiteto acreditou dever encher sua incomensurável criação. Creio numa recompensa ou numa punição sempre proporcional aos méritos ou às faltas. Repilo como criminoso, como atacando a bondade e a

justiça de Deus, a idéia revoltante de um inferno eterno e, se me engano, disso reclamo com confiança ao Soberano Juiz para julgar meu erro, persuadido de que, mais que tudo, será dada a cada um a parte que lhe toca” (p. 132).

Grafamos que a data de 1º de maio de 1864 é significativa para nós espíritas. Nela a corte *de Roma* tomou a decisão de condenar as obras de Allan Kardec no Índice. Peço licença ao leitor para colocar este assunto entre parênteses para se observar a atitude dos espíritas de Bordeaux, frente a este caso de loucura e intransigência. Inicialmente vejamos Kardec:

“A data de 1º de maio de 1864 será marcada nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1861. Ela lembrará a decisão da sagrada congregação do Índice, concernente a nossas obras sobre o espiritismo” (RS, 7º ano, Edicel, junho, 1864, p. 190).

O Jornal *La lumière pour tous* (1º ano, nº 4, 19 de maio de 1864, p. 4) sob a direção da Armand Lefraise, advogado e antigo tabelião de Angoulême, anuncia, com destemor e fé espírita, a condenação ao Índice:

O ESPIRITISMO NO ÍNDEX.

A corte de Roma acaba de pôr no índice as obras do Sr. Allan Kardec. Essa determinação não espantou nenhum espírita, porque esse evento era previsto e anunciado numa grande quantidade de grupos de todas as regiões. Sabemos mesmo que esse não é senão o prelúdio da ira do Vaticano. Essas medidas, cujo valor conhecemos atualmente, não assustarão mais os espíritas, convencidos de que as pessoas que não consentiram em abjurar sua razão, esse luzeiro divino que nos esclarece e sem o qual seríamos reduzidos ao estado de servidão, como nossos animais domésticos, por aqueles que pretendem ter o direito de a dirigir ou melhor de a sufocar. A excomunhão virá a seu tempo. Veremos quais serão os resultados.

Eis uma comunicação recebida por um de nossos médiuns a propósito da medida tomada pela corte de Roma:

NADA TEMAIS!

Que temeis, homens de pouca fé? Não tendes ouvido a palavra divina? E os coros dos anjos não repetem sem cessar: hosana! Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens de boa vontade!

Ide, então, ousadamente à conquista do futuro, vós, cuja intenção é reta e cujo coração é puro. Estivésseis vós no erro e Deus estenderia sobre vós o véu infinito de sua indulgência. Paz aos homens de boa vontade!

Dissipai-vos, sombras terrestres; subi mais alto, e que os raios benditos da Verdade vos clareiem!

Amados que procurais a verdade, não temais; Deus está convosco e os bons Espíritos vos envolvem, e se os véus da matéria obscurecem ainda o sol de justiça, tende paciência, dia virá em que ele brilhará em todo o seu esplendor e a sua solenidade. Esperando, operários laboriosos, trabalhai sem descanso na vinha do Senhor. Dai às vossas almas o alimento que elas reclamam; instruí-vos, avançai passo a passo com o suor de vossas frentes nesse labirinto estreito que deve conduzir-vos à posse do verdadeiro e do belo; espargi sobre todos os tesouros que acumulais e que a liberalidade de Deus vos outorga. Sim, eis aí a grande palavra do futuro: a instrução moral e intelectual; é ela que regenerará a humanidade, é ela que deve ser o objetivo de todos os vossos esforços. Então, não fraquejeis e pensai que nenhum meio é pequeno, quando ele conduz à Eternidade, quando tem por objeto o Justo e o Verdadeiro.

GUIA DO MÉDIUM.

“A comunicação precedente não tem nenhuma relação com aquela dada ao profeta Daniel pelo Espírito Gabriel: “Não temais, diz-lhe Gabriel, a paz seja convosco! Retomai vossas forças e sedes firmes; e Daniel respondeu: “Falai, meu Senhor, porque vós me tendes fortificado”.

A. L.

(Armand Lefraise)

Antes de fecharmos este parêntese sobre a condenação da obra de Kardec ao *Índex*, tão veementemente condenado no periódico *La lumière*, vamos aproveitar para descrever o real objetivo deste jornal de Bordeaux, dirigido pelo Sr. Lefraise:

“Para entrar de maneira rápida e profunda nas massas, os ensinamentos do Espiritismo devem ser-lhes apresentados por publicações de baixo custo.

Esse pensamento nos tem empenhado, nós que estudamos, ainda em nossa idade, para levar aos nossos irmãos, com um diploma oficial, o alívio às suas dores físicas, a lhes trazer primeiro o alívio moral, obra para a qual não é necessário ser diplomado.

E é para pôr em execução esse pensamento fraterno que nós publicamos um novo órgão do Espiritismo, ao alcance de todas as bolsas pela modicidade de seu preço.

LA LUMIÈRE POUR TOUS [A luz para todos], tal é o título de nossa nova publicação que aparecerá às 1^a. e 3^a. quintas-feiras de cada mês, a partir de 1^o de abril corrente (*Sauveur*, 1^o ano, n^o 11, 10 de abril de 1864, p. 4).



4^o exemplar de *La Lumière*

Voltemos a Auguste Bez.

A vida prossegue e o ano de 1864 ainda seria cheio de revelações e realizações, na vida missionária de Auguste Bez. Em 31 de julho de 1864, temos o lançamento do jornal *La voix d'outre-tombe*, com o *Bureau* fixado em sua residência: 19, rue du Palais de l'Ombrière. Seu confrade espírita A. Lefraise, Diretor-Gerente do jornal *Le sauveur des peuples* anuncia, com louvores, a chegada do novo periódico bordelês:

“Cada dia nós assistimos ao nascimento de novos campeões da doutrina espírita. Alguém perguntou, na época da fundação do *Sauveur de Peuples* [O Salvador dos Povos], se Bordeaux sentia a necessidade da criação de um segundo órgão do Espiritismo. Os eventos resolveram afirmativamente essa questão; bem melhor, após o segundo, *Le Sauveur des Peuples*, veio um terceiro, *La Lumière*

pour tous, cujo objetivo, em razão da modicidade de seu preço, foi de se introduzir nas massas.

Que vão então dizer aqueles que pensavam que *la Ruche spirite bordelaise* bastava às necessidades do centro importante no qual ela nasceu, conhecendo um quarto jornal espírita, *La Voix d'outre-tombe*, que vem associar-se a seus irmãos mais velhos, nesse caso especialmente porque o novo jornal tem por diretor-gerente o Sr. A. Bez, um dos diretores de *La Ruche spirite* [A colmeia espírita]?

Que dirão também os adversários do Espiritismo que pretendiam, como o Sr. Barricand, que ele estava num período de decrescimento?

Ao nosso parecer, quanto mais houver órgãos da nova doutrina, mais rápido ela chegará para levar às massas seus efeitos beneficentes. É em consideração a esse resultado que felicitamos o Sr. Bez por ter fundado essa outra publicação, que virá trabalhar ao lado de seus antecessores para o triunfo da verdade nova. Nós lhe desejamos todo o sucesso que merecem os esforços louváveis.

Essa folha aparece em Bordeaux todos os domingos” (*Le sauveur des peuples*, 1º ano, nº 28, 7 de agosto de 1864, p. 4).



Rue Palais-de L'Ombrière, 19 de abril de 1999

Allan Kardec também saúda a chegada de *La voix*:

“Eis a quarta publicação periódica espírita que aparece em Bordeaux, e que temos a satisfação de incluir nas reflexões que fizemos em nosso último número (RS, agosto, p. 249) sobre as publicações do mesmo gênero. De longa data conhecemos o Sr. Bez como um dos

firmes sustentáculos da nossa causa. Sua bandeira é a mesma que a nossa e temos fé em sua prudência e moderação. É, pois, um órgão a mais, que vem juntar sua voz às que defendem os verdadeiros princípios da doutrina. Que seja bem vindo!” (RS, setembro de 1864, Edicel, pp. 286-7).

O primeiro editorial de *La voix* é de uma competência espírita digna de ser reproduzida, não só como resgate histórico, mas, acima de tudo, para ser estudado, refletido e, ainda, servir de exemplo a nós todos espíritas do século XXI. Acompanhemos o ultramoderno Bez:



1º exemplar de *La Voix*

A TODO MUNDO

Produzido pela filosofia destrutiva do século XVIII, o materialismo toma diariamente proporções assustadoras. Já envolveu, vergonhosamente, a humanidade. A fé, pouco a pouco, desaparece do fundo dos corações; e o homem, persuadido de que tudo acaba com a vida terrestre, se lança, sem remorsos, nos braços do egoísmo, alavanca demolidora de toda a sociedade.

A Divina Providência deveria deixar os homens se curvarem sobre si mesmos, esmagados pelo peso da incredulidade? A humanidade deveria arruinar-se?

Não.

No justo momento em que o materialismo, altamente professado por diversos sábios, tinha estabelecido, por toda parte, uma imensa construção de teorias e sistemas, uma voz ressoa, possante, irresistível, que, por uma única palavra: *Eu existo*, reverteu o cálculo dos sábios e lhes provou que tudo era futilidade, *futilidades e tormento dos espíritos*.

Esta voz é a voz dos mortos que, transpondo o túmulo, se dirige a cada um de nós e a todos, e vem estabelecer de maneira irrefutável a existência e a imortalidade da alma, este ser invisível que pensa e nos comanda, este ser invisível que é o verdadeiro *eu* de cada individualidade e que, sozinho, continua sua carreira, quando da morte, quebrando o delicado envoltório que o recobria momentaneamente, desfazendo os laços que o prendiam, lança-se radioso em direção à sua bela pátria: A Imensidão.

O jornal da *Voix d'outre-tombe* [A voz d'além-túmulo] tem por objetivo estudar os discursos e ensinamentos dos mortos; esforçando-se para difundir e popularizá-los. Com mão firme e corajosa, ele cortará o imenso conjunto de mentiras friamente calculadas e grosseiras, erros com que os inimigos do espiritismo rodearam, como lúgubre cadáver, a sublime doutrina que os Espíritos livres ditaram aos Espíritos encarnados que se chamam: os homens. Ele recusará, sem piedade, tudo que a utopia, os sistemas preconcebidos, a hipocrisia, a maldade e o orgulho se esforçam a lhe atribuir, e se esforçará para fazer brilhar, aos olhos de todos, as inefáveis belezas desta filosofia consoladora que escreveu em sua bandeira este nobre lema:

“Fora da caridade não há salvação; fora da caridade, não há verdadeiro espírito”.

Penetrado do espírito deste admirável lema, o jornal *La voix d'outre-tombe*, nas suas polêmicas, bem como nos seus artigos de fundo e suas palestras espíritas, fará todo esforço para jamais atacar as pessoas. Discutindo princípios, ele respeitá sempre os homens que os sustentam ou os representam, pois, se é verdade que cada um é responsável por suas faltas, também é verdade que cada um, desfrutando do exercício de seu livre-arbítrio, tem o direito de usá-lo à sua maneira, evidentemente prestando conta ao Juiz Soberano pelo emprego das faculdades que lhe foram confiadas.

O livro dos espíritos, O livro dos médiuns e O Evangelho segundo o espiritismo, estes 3 volumes, ditados pelos Espíritos e coordenados, conforme ordem e influência do plano espiritual, pelo nosso mestre Allan Kardec, formam a frente inesgotável onde buscaremos as forças que porventura poderão nos faltar. Eles também representam o código sagrado do qual não procuraremos nos afastar, mas que nos dedicaremos a comentar e a desenvolver,

objetivando torná-lo perfeitamente compreensível às massas populares, às quais nos dirigimos, principalmente às massas operárias, para as quais o baixo preço do jornal *La voix d'outre-tombe* permitirá a leitura.

Alguns bondosos colaboradores nos ofereceram o apoio de suas experiências e o concurso de suas penas tão inteligentes como devotadas à doutrina. Nós aceitamos reconhecidos, e esperamos que novos atletas venham se juntar a eles para entrar na arena e, corajosamente, aí combater o bom combate do livre pensar.

Quanto a nós, pedimos a Deus e aos bons espíritos que desejam nos assistir para nos manter na realização de nossa tarefa, e de permitir que o jornal *La voix d'outre-tombe* faça escutar palavras de paz, de esperança e de amor às almas abatidas e desanimadas, e as reanime pelo fogo sagrado da imortalidade.

Está aí o nosso único desejo; está aí a nossa única ambição.

Auguste Bez
Diretor-Gerente

Ainda corre o ano de 1864 e Bez, assoberbado de tarefas familiares, profissionais e espíritas, pede licença a seus dois companheiros da *La Ruche*, Srs. Sabò e Chapelot, para se desligar da direção dele, e se dedicar exclusivamente à direção do seu novo jornal *La voix*. É bom que se diga que seu desligamento foi, além de permitido, compreendido, permanecendo a amizade salutar de espíritos afins. Chapelot observa:

“Este segundo ano viu afastar-se de *La Ruche* nosso colega e amigo, o Sr. Bez, atual diretor de *la Voix d'Outre-Tombe*” (*La ruche*, 2º ano, nº 24, 2ª quinzena de maio de 1865, p. 369).

Uma pesquisa atenta definirá a data de desligamento do Sr. Bez da *Ruche*. Primeiro, observemos a informação de Chapelot. Ele diz que Bez se afastou no segundo ano da *La Ruche*. Ora, esta revista começou a circular em 1º de junho de 1863, e, logicamente, no final de maio de 1864, ela concluiu seu primeiro ano de existência. Seu segundo ano começa em junho de 1864 e vai até final de maio de 1865. Foi neste período, entre junho de 1864 a maio de 1865, que Bez se desligou da *La Ruche*. Porém, outras informações definem melhor a data. No jornal *La voix*, (1º ano, nº 6, de 4 de setembro de 1864, p. 4) dirigido por Bez, na sessão *Journaux spirites*, encontramos o anúncio da revista *La Ruche*, com a seguinte observação:

“Ruche bordelaise, par Sabò, Chapelot et Bez (bimensuelle, 2^a année)”.

Mais adiante, nos mesmos, jornal *La voix* e sessão *Journaux spirites*, no dia 2 de outubro de 1864, n^o 10, p. 4, encontramos:

“*Ruche spirite bordelaise*, par Sabò et Chapelot (bi-mensuelle, 2^a année)”.

Reparem que, entre 4 de setembro e 2 de outubro de 1864, mas precisamente no mês de setembro, Bez, cheio de justificativas, em plena atividade de *La voix*, que se encontrava no seu segundo mês de atividades, se desliga da direção da *La Ruche*, órgão pioneiro do espiritismo em Bordeaux.

Aqui quero citar a informação do *Almanach Spirite pour 1865*, que, de forma enfática, anuncia o desligamento de Bez da *La Ruche*, porém deixando algo no ar...:¹⁵

“Pouco tempo depois, em 31 de julho de 1864, Auguste Bez se desliga da *La Ruche spirite bordelaise*, e não sabemos por quais motivos, e funda a *Voix d’Outre-Tombe*” (p. 74).

A data de 31 de julho é a de fato para o desligamento de Bez da *La Ruche*, pois é quando ele lança a *La Voix*; porém só no mês de setembro houve a retirada oficial de seu nome deste periódico. Mas *o homem propõe e Deus dispõe*. Tudo seria por um breve espaço tempo...

Chegamos ao ano de 1865. Ano de novidades e revelações. Nele, Auguste Bez mais se destacará, assumindo uma liderança espontânea no movimento espírita de Bordeaux.

Em maio, a tarefa reclamada é a da *União*. J. Chapelot é quem primeiro anuncia (*La Ruche*, 2^o ano, n^o 24, 2^a quinzena de maio, 1865, pp. 369-70):

“Com o presente número, acaba o segundo ano de la *Ruche Spirite Bordelaise*.

Começada sob a direção de três Espíritas devotados e sinceramente convictos, este segundo ano viu afastar-se de *La Ruche*, primeiro, nosso colega e amigo, o Sr. Bez, atual diretor de *La Voix*

¹⁵ Mais adiante, ao se comentar a inauguração da *Nova Sociedade Espírita de Bordeaux*, abordaremos um dos motivos deste desligamento, que o *Almanach* deixa no ar...

d'Outre-Tombe; depois, nosso irmão o Sr. Sabò, que suas novas funções de secretário particular do Sr. Allan Kardec chamaram a Paris. Nós nos encontramos, então, sozinho para sustentar a carga muito pesada da direção de uma revista espírita, e isto, no meio de ocupações pessoais, cujo número e importância bastariam para absorver todo o nosso tempo. Além disso, é só ao preço de grandes esforços e de imensos sacrifícios que pudemos chegar ao fim do segundo ano; e, por que não o diríamos?, acreditamos que, apesar de tantas dificuldades, a redação de *La Ruche* não se ressentiu nem um pouco de nosso isolamento.

Por outro lado, muitos de nossos leitores nos pedem com insistência uma modificação que, ao invés de o diminuir, teria dobrado nosso trabalho: eles desejariam que *La Ruche* se tornasse hebdomadário.

Por nós mesmos, ser-nos-ia radicalmente impossível corresponder aos seus desejos; e devemos procurar o meio de remediar este deplorável estado de coisas.

Estamos felizes de anunciar aos nossos leitores que tantos interesses tão diversos puderam ser conciliados pela fusão dos três jornais espíritas de Bordeaux.

O novo jornal, que toma o título de *L'Union Spirite Bordelaise*, aparecerá, a partir de 1º de junho, quatro vezes por mês, em fascículos de 24 páginas (uma folha grande in-12), sob a direção do Sr. Auguste Bez. Formará, assim, a cada três meses, um magnífico volume de cerca de 300 páginas, com índice e capa especial; ou seja, quatro belos volumes por ano.

Nosso desejo era conservar no novo jornal, ao qual nós e todos os nossos colaboradores continuaremos sempre a trazer o fruto de nossos trabalhos e de nossa experiência, o aspecto barato indispensável para que ele esteja ao alcance de todos, e de acordo com o novo diretor (...).

Persuadimo-nos de que as numerosas simpatias de que *La Ruche Spirite Bordelaise* sempre se cercou dignar-se-ão a se transportar para *L'Union Spirite*. Nossos leitores, além disso, puderam apreciar bastante por si mesmos o zelo e as capacidades do Sr. Bez, para que seja inútil de lhes dizer quanto confiamos em sua direção ativa e devotada, em sua moderação, e também na firmeza de sua linguagem, para fazer de *L'Union Spirite* uma das publicações das mais sérias e das mais variadas, ao mesmo tempo que, por seu formato e sua periodicidade freqüente, ela será a mais volumosa das publicações Espíritas.

Dirigir, para as assinaturas, uma ordem postal em nome do Sr. Bez, rua do Palais-de-l'Ombrière, 19, em Bordeaux”.

J. CHAPELOT

Lefraise, o diretor do *Sauveur des peuples* (2º ano, nº 15, de 14 de maio de 1865, p. 1), que também convocou a *União* dos periódicos bordelenses, acrescenta:

“No interesse da propagação do Espiritismo, pareceu conveniente aos Diretores dos três jornais espíritas publicados em Bordeaux de não disseminar suas forças multiplicando suas despesas.

É com esse objetivo que uma convenção interveio entre os Diretores de *La Ruche spirite bordelaise*, do *Sauveur des Peuples* e de *La Voix d’Outre-Tombe*, para reunir numa só as três publicações sob o título: *L’UNION SPIRITE BORDELAISE*.

Em conseqüência, a partir de 1º de junho próximo, os Srs. assinantes de todo o segundo ano do *Sauveur des Peuples* receberão, em troca, durante quatro meses (isto é, até o dia 1º de outubro próximo) *L’Union spirite bordelaise*, cujo preço está fixado em 12 francos por ano.

O novo jornal aparecerá quatro vezes por mês, sob a forma de brochura, por fascículos de 24 páginas, com capa impressa, formando a cada três meses um belo volume.

O Sr. Auguste Bez será seu diretor-gerente.

Pensamos, por essa combinação, satisfazer de maneira justa os compromissos tomados por *Le Sauveur des Peuples* diante de seus assinantes que, temos a esperança, quererão receber bem o Diretor do novo jornal com a mesma benevolência que nos concederam. Que eles queiram bem a esse respeito receber aqui o testemunho de nosso reconhecimento”.

A. LEFRAISE

Lefraise ainda informa:

“A obra anunciada: *Entretiens familiars sur le Spiritisme* [Conversas familiares sobre o Espiritismo], pela Sra. Émilie Collignon, cuja colocação à venda foi adiada pela mudança da tipografia, será enviada aos assinantes a partir de 1º de junho próximo.

Novo endereço: Ao Diretor do jornal *Le Sauveur des Peuples*, em Bordeaux, 56, rue Sainte-Catherine (Bazar-Bordelais)”.



1º exemplar *Le Sauveur*

Aqui abro mais um parêntese:

Esta nota serve para confirmar o entusiasmo do Sr. Lefraise pela divulgação da Doutrina Espírita. Se observarmos as referências de rodapé, sobre a gráfica onde eram impressos o *Sauveur* e *Lumière*, veremos que tanto a gráfica como o Bureau estavam localizados no mesmo endereço: cours d'Aquitaine, 57. Este também era o endereço residencial do Sr. Lefraise. Então, ele era o impressor gráfico de seus jornais espíritas. O jornal *La voix* era impresso em outra gráfica: Maison Suwerinck. Imprimerie de Bardet & Thiesson, successeurs rue Sainte-Catherine (Bazar-Bordelais) – Imprimerie de G. Bardet et Cie. Segundo o Censo de 1866, Lefraise (43 anos) vivia com a esposa Jeanne e a mãe Marie.

Aqui, chamo a atenção do leitor para o nome Bardet, sobrenome Sr. Jean Bardet, *tipógrafo impressor*, que, como vimos, era espírita, membro da *Sociedade de Bordeaux*, e que ditou uma mensagem através de Auguste Bez, momentos após seu corpo descer a sepultura.

A partir de 14 de maio de 1865, as duas empresas de impressão gráfica se unificam. É isso que está por trás da nota do Sr. Lefraise, sobre o atraso na remessa do livro da Sra. Collignon. A nova empresa passa a se chamar: Imprimerie de A. Lefraise – rue Sainte-Catherine, 56 (Bazar-Bordelais). Em síntese, o Sr. A. Lefraise adquiriu uma parte ou a totalidade da empresa da família do Sr. Bardet e continuou a colaborar com as impressões espíritas, pois, a partir de 1º de

junho de 1865, com a criação do novo órgão espírita, *L'Union*, é a sua empresa que passa a imprimir esta nova revista bordelesa.

Fecho parêntese.

Só falta a palavra abalizada de Allan Kardec sobre a *União*:

“A UNIÃO ESPÍRITA BORDELESA. Bordeaux contava quatro publicações espíritas periódicas: *La Ruche*, *Le Sauveur*, *La Lumière* e *La Voix d'Outre-tombe*. *La Lumière* e *Le Sauveur* estavam sob a mesma direção e, na realidade, havia apenas três, que acabam de fundir-se numa publicação única, sob o título de *L'Union spirite bordelaise* e sob a direção do Sr. A. Bez, diretor da *La Voix d'Outre-tombe*. Felicitamos esses senhores pela medida que adotaram e que os nossos adversários errarão se a tomarem como indício de decadência da doutrina. Fatos antes concludentes aí estão para provar o contrário.

Os materiais do Espiritismo, posto que muito numerosos, rolam num círculo mais ou menos uniforme; daí a falta de variedade suficiente e para o leitor, que os queria receber a todos, uma carga muito onerosa, sem compensação. A nova folha bordelesa só poderia ganhar com esta fusão, de todos os pontos de vista, e fazemos votos por sua prosperidade. Lemos, com prazer, nos primeiros números, uma boa refutação aos artigos do Sr. *Fumeaux* sobre a iniquidade e os flagelos do Espiritismo, bem como um interessante relato de uma nova cura em Marmande” (RS, Edicel, junho, p. 218).

Informo que o artigo sobre o Sr. *Fumeaux*, jesuíta, que Allan Kardec leu com prazer, foi escrito por Auguste Bez (pp. 5-10), e o relato sobre a cura em Marmande, também apreciado pelo Codificador, é uma longa missiva enviada pelo Sr. Dombre para *Mon cher monsieur Bez* (pp. 10-23), em 25 de maio de 1865.

Bom, mais antes de qualquer artigo interessante ou prazeroso de se ler, e *L'Union* está cheia deles, temos o editorial que mostra a linha de condução do Diretor-Gerente. Neste editorial, temos uma visão espírita cristã que revela toda a maturidade de Augusto Bez, o que confirma que, no seu caso, juventude era somente a casca. Vamos transcrevê-lo na íntegra:



1º exemplar da *L'Union Spirite Bordelaise*

AOS NOSSOS LEITORES

Tomando em mãos a direção de *L'Union spirite bordelaise*, não poderíamos nos enganar, por um instante, nem quanto à grandeza da tarefa que nos incumbe, nem quanto à fraqueza dos meios de que dispomos pessoalmente para cumpri-la. Assim, sentimos, mais do que nunca, a imperiosa necessidade de fazer apelo às luzes dos espíritas inteligentes e esclarecidos, todos dedicados à propagação da doutrina santa, e vimos pedir-lhes que nos ajudem em nossa fraqueza, com sua força, para sustentar nossa coragem com o concurso de sua sabedoria, de sua experiência e de suas luzes.

Os Espíritos do Senhor que, segundo a promessa do Cristo aos seus apóstolos bem-amados, se espalharam sobre a Terra, a fim de trazer a seus irmãos essa *Revelação da Revelação* há tanto tempo esperada, quererão também, disso temos a íntima convicção, ajudar-nos em nossa difícil tarefa. Com seu apoio esclarecido e com o de nossos irmãos, ser-nos-á permitido, pelo menos é o que esperamos, triunfar sobre os obstáculos numerosos postos em nosso caminho, e talvez seja dado a *L'Union spirite bordelaise* trazer sua pedra à construção do grande edifício do futuro.

O Espiritismo, além disso, não é nem a obra pessoal de um homem, nem a revelação pessoal de uma só individualidade espiritual. Ele se dirige a todos e se serve de todos para o triunfo da fé solidamente baseada na razão, e o estabelecimento de um dogma de que só entrevemos ainda as luminosas e beneficentes claridades, mas que, apesar do que dizem nossos adversários, será o dogma

consolador e puro de um tempo que não está distante. Cada um tem, então, o direito, seja encarnado na Terra, seja livre no espaço, de trazer sua ajuda à obra de iniciação para o progresso, e de consolidação da sociedade pela explicação lógica e fria dos princípios imutáveis revelados à humanidade desde seus primeiros passos na Terra. Assim como o cristianismo não veio destruir os princípios divinos da lei mosaica, o espiritismo não poderia procurar destruir os princípios divinos da lei cristã; ele vem, ao contrário, explicá-los, e, dissipando as espessas trevas de que o homem os tem cercado, fazer brilhar aos olhos de todos as verdades imutáveis que o mundo não tem reconhecido ou repellido senão porque não pudera compreender a sublime grandeza deles.

Procurar a verdade por toda parte onde ela se encontre, e isso abrindo suas colunas a toda discussão franca e leal; trabalhar tanto quanto lhe permitirão seus modestos recursos para o estabelecimento do reino de Deus sobre a Terra, tal é o objetivo que perseguirá sem descanso *L'Union spirite*; e, para a perseguição desse objetivo, convidamos todos os corações amantes do bem, do belo, do verdadeiro; todos aqueles que ainda não perderam toda esperança no cumprimento das promessas sagradas, todos aqueles que esperam o momento bendito em que a verdade reinará na Terra e transformará os homens pela caridade e pelo amor.

Temos a firme confiança de que nosso apelo encontrará ecos fiéis para repeti-lo e vozes amigas para responder a ele.

O Espiritismo, poderíamos dizê-lo e repeti-lo, não se dirige àqueles a quem sua convicção é suficiente; ele não vem arrancar os crentes ao altar, nem tirar de uma religião qualquer de seus adeptos que aí encontram a paz de suas almas e a consolação de seus corações; ele se dirige somente a essa maioria imensa de almas que congelam no ateísmo, no materialismo e devastador indiferentismo e, infelizmente para a glória da humanidade, o campo aberto aos seus trabalhos é bastante vasto para que não ambicione ir levar a perturbação às consciências em que pode viver a paz. É um erro atacá-lo de todas as partes com uma violência tão inexplicável quanto imerecida e de apontá-lo à vindita pública como um flagelo que é preciso evitar com cuidado, se não se pode livrar dele a Terra. Durante esta publicação, teremos algumas vezes que defendê-lo dos ataques numerosos dirigidos contra ele. Nós o faremos com firmeza, mas nos esforçaremos para fazê-lo também com dignidade, com calma. Em nossas polêmicas, em nossas refutações, esforçar-nos-emos para merecer o título de “adversário polido” que quis outorgar-nos ano passado, em plena Faculdade, um sábio professor de teologia cujos argumentos e conclusões tínhamos combatido; atacaremos algumas vezes as doutrinas, mas respeitaremos sempre os homens que as sustentam, porque nós mesmos, sinceramente convencidos,

não podemos, nem devemos supor que nossos adversários não o sejam também, seja qual for o abismo que separe nossas crenças das deles. Não esqueceremos, sobretudo, de que a única maneira de provar a superioridade da tese que se defende é de se mostrar à altura dos deveres que ela impõe; ora, o Espiritismo é todo amor e caridade; esforçar-nos-emos, pois, para sermos amáveis e caridosos, mesmo para com nossos adversários.

Possam Deus e os bons Espíritos dar-nos a força sem a qual nos seria impossível cumprir essas promessas!

AUGUSTE BEZ.

Encanta ver, no segundo parágrafo deste editorial, a expressão tão combatida pelos adversários de Roustaing: *Revelação da Revelação*. Aqui, tudo fica claro. O editorial é de junho de 1865, cerca de dez meses antes do lançamento de *Os quatro evangelhos* ou *Revelação da Revelação*, em 5 de abril de 1866. Então, não há dúvida, o texto diz que os *Espíritos do Senhor*, como o Cristo anunciou, *se espalham na Terra, a fim de trazer a seus irmãos o Espiritismo* ou essa *Revelação da Revelação*. A primeira palavra *Revelação* está como sinônimo de *Espiritismo*, e a segunda, é sinônimo de *Cristianismo*. Assim se pode ler: o Espiritismo é a revelação posterior da Revelação anterior de Cristo.

Esta expressão foi bastante estudada por P.-G. Leymarie, o fiel discípulo e continuador de Allan Kardec. Diz ele que ela provem de Joseph de Maistre, no seu *Soirées de St-Pétersbourg*, publicado em 1821. Escreve Leymarie:

“Sim, Joseph de Maistre, em 1821, anunciou uma revelação da revelação pelo espírito, uma nova e divina involução sobre nossa Terra e cada um estará saturado dessa bondade suprema; o que chegará, dizia ele, será *inacreditável, até para os crentes*, de tal modo sua manifestação será evidente e tomará desenvolvimentos declarados impossíveis por todas as faculdades” (RS, novembro de 1897, p. 648).

Um ponto da profecia de Maistre não convence P.-G. Leymarie; é quando ele fala que esta *revelação da revelação*, esta *nova efusão* do espírito profético, será reunida numa *única cabeça de um homem de gênio*:

“A aparição desse homem não poderia estar longe; talvez mesmo já exista...” (p. 650).

Leymarie não concorda com esta figura pessoal, e, baseado no profeta Joel, ensina:

“Não haverá dessa vez um único Messias, mas um número grande de encarregados de diversas funções, disse Joel, enquanto que de Maître esquece o fato e pretende que um único homem de gênio pode modificar tudo, o que é uma asserção arriscada” (p. 650).

Esta revelação profetizada por de Maître é o espiritismo, a terceira efusão após a primeira dos profetas judeus, e a segunda do Cristo. E esta terceira manifestação é conduzida por uma coletividade espiritual, como bem alerta Kardec:

“O Espiritismo... não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino que preside o Espírito de Verdade” (*A gênese*, cap. XVII, item 40).

Leymarie, então, faz uma citação que confirma que não só ele pensava assim, mas também J.-B. Roustaing e seus discípulos eram partidários da mesma idéia:

“J. de Maître foi o profeta disso. J.-B. Roustaing em seus *quatro evangelhos* é partidário da revelação da revelação, do mesmo modo seus discípulos Jean Guérin e o barão du Boscq”¹⁶ (p. 648).

Kardec conhecia bem as profecias de Maître, pois escreve um longo artigo na *Revue Spirite* (abril de 1867, Edicel, pp. 104-12) sobre elas, e muito interessado, evoca o *precursor do espiritismo*, Joseph de Maître, na Sociedade de Paris, em 22 de maio de 1867. Antes, porém, da mensagem espiritual, ele cita alguns pensamentos deste *homem de um mérito incontestável como escritor, e que é tido em grande estima no meio religioso* (p. 110). Vamos grifar apenas alguns destes pensamentos:

“Não há mais religião na Terra: o gênero humano não pode ficar neste estado. Oráculos terríveis, aliás, anunciam que os tempos são chegados” (p. 105).

¹⁶ Estes discípulos eram partidários desta idéia, segundo Leymarie, quando, em 1882, publicaram a brochura de Roustaing, *Les quatre évangiles de J.-B. Roustaing – réponse a ses critiques et a ses adversaires*. Tenho um exemplar dela em minha biblioteca particular, fornecido gentilmente por Luciano dos Anjos.



Joseph de Maistre

“A nação francesa deveria ser o grande instrumento da maior das revelações” (p. 105),

“Jamais houve no mundo grandes acontecimentos que não tivessem sido preditos de qualquer maneira” (p. 107).

“Então toda a ciência mudará de face; o espírito destronado retornará a seu lugar” (p. 108).

“Deus fala uma primeira vez no Monte Sinai e esta revelação foi concentrada, por motivos que ignoramos, nos estreitos limites de um só povo e de um só país. Após quinze séculos, uma segunda revelação se dirigiu a todos os homens sem distinção, e é a que desfrutamos... Contemplai... e vereis... como mais ou menos próxima uma terceira explosão da onipotente bondade em favor do gênero humano (pp. 108-9).

“E não digais que tudo está dito, que tudo está revelado e que não nos é permitido esperar nada de novo. Sem dúvida, nada nos falta para a salvação. Mas, do lado dos conhecimentos divinos, faltamos muito” (p. 109).

“Ainda uma vez não censureis as pessoas que disto se ocupam e que vêm na revelação as mesmas razões para prever uma *REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO*” (p. 109). [caixa alta dos autores]

“Pergunto-vos: disso resulta que Deus se interdita toda manifestação nova e não lhe é mais permitido ensinar-nos nada além do que sabemos? Força é confessar que seria um estranho argumento” (p. 110).

Evocado de Maistre por Kardec, através do médium Sr. Armand Théodore Desliens, ele confirma suas profecias e ensina a abrangência da *revelação da revelação* (expressão colocada em itálico por Kardec), por todo mundo:

“O espírito profético abrasa o mundo inteiro com seus eflúvios regeneradores. – na Europa, como na América, na Ásia, em toda a parte, entre católicos como entre os muçulmanos, em todos os países, em todos os climas, em todas as seitas religiosas... A aspiração a novos conhecimentos está no ar que se respira, no livro que se escreve, no quadro que se pinta; a idéia se imprime no mármore do estatuário como na pena do historiador, e aquele que muito se admirasse de ser colocado entre os Espíritas é um instrumento da Onipotência para a edificação do Espiritismo” (p. 112).

Lembro o amigo leitor que J.-B. Roustaing também evocou Joseph de Maistre em 1861, seis anos antes de Allan Kardec, em Bordeaux, e enviou, através do Sr. Sabò, a mensagem para o Codificador (RS, junho de 1861, Edicel, p. 180). Roustaing fez um pequeno comentário desta mensagem de Maistre e de outras recebidas. Kardec gostou do que leu, e comentou:

“Vê-se que, embora iniciado recentemente, o Sr. Roustaing passou a mestre em assunto de apreciação... pelas citações que o autor desta carta faz dos pensamentos contidos nas comunicações que ele recebeu, prova de que não se limitou a admirá-las como belos trechos literários, bons para conservar num álbum; mas as estuda, medita e tira proveito” (pp. 182-3).

Evidentemente que o tema é muito interessante, mas já está bastante longo. Retornaremos a ele ao falarmos do lançamento dos *Quatro Evangelhos* de Roustaing, no capítulo específico sobre o Apóstolo de Bordeaux.

Voltemos a Auguste Bez.

Um pouco mais de dois meses após o lançamento da *L'Union*, nos n^{os} 10 e 11, ocorreu o primeiro atraso na distribuição da revista. Bez é pressionado pelos assinantes, acostumados com os periódicos profissionais, e, sem a idéia correta do árduo trabalho de um idealista que, sozinho, empreende a obra que normalmente reclamaria a presença de três ou mais. Acompanhemos seu desabafo (1^o ano, n^o 10 [atrasado], 8 de agosto de 1865, pp. 217):

EXPLICAÇÕES

Uma ausência que se prolongou muito mais do que antes nós o pensávamos é a única causa do atraso sentido na expedição dos números 10 e 11 do *Union spirite*. Todas as medidas estão tomadas para que esse atraso seja reparado o mais rápido possível, e nos permitimos assegurar aos nossos leitores que, no fim do mês corrente,

os doze números formando o volume do 1º trimestre lhes terão sido expedidos.

As numerosas reclamações às quais este atraso deu lugar nos provaram que muitos, entre nossos assinantes e nossos leitores, têm sobre nossa obra uma opinião que acreditamos dever esclarecer sinceramente. Eles acreditam que o *Union spirite* tem uma administração composta do diretor, dos redatores e de vários empregados; isto é um grande erro. Somos o único para a direção do jornal e para o trabalho material: cópias, provas, correção, expedição, correspondências, etc., etc. Consagramos a esse trabalho, muitas vezes bem árido, grande parte de nosso tempo, e, apesar de nossos esforços, não nos é possível manter em dia nossa correspondência, que a cada dia aumenta cada vez mais rapidamente. E como os diversos trabalhos espíritas aos quais nos entregamos só nos deram até aqui *perdas materiais*, e que, além disso, estamos longe de ser rico, nos é impossível, apesar da melhor boa vontade do mundo, nos ocupar exclusivamente de um trabalho que seria suficiente para consumir todo o nosso tempo.

Portanto, pediríamos indulgência aos nossos correspondentes e, sobretudo, gostaríamos de convidar os nossos assinantes que ainda não enviaram a quantia de sua assinatura a fazê-lo o quanto antes possível. Esta é uma condição indispensável à regularidade e, sobretudo, à boa direção do jornal.

Temos plena confiança em nossos assinantes, e estamos certos de que nosso pedido não irá cair no vazio.

A. BEZ.

Valeu a espera!

A revista *L'Union* mostra-se atenta com as novas revelações espíritas, e divulga, num belo e profundo comentário, assinado por Auguste Bez, a nova obra de Allan Kardec: *Le ciel et l'enfer – la justice divine selon le spiritisme*. É uma longa matéria que ocupa 13 páginas (1º ano, nº 13, 1º de setembro de 1865), e, como esta obra de Kardec é bem conhecida do público espírita atual, vou transcrever somente a abertura do artigo de A. Bez:

“Assim como o indica suficientemente seu título, a nova obra do Sr. Allan Kardec trata exclusivamente da questão tão importante das penas e das recompensas futuras. Antes de dar conta dela, desejamos lê-la com cuidado e meditá-la profundamente. Estamos felizes de declarar, aqui, que o exame sério ao qual a submetemos nos confirmou completamente a feliz impressão produzida por uma primeira leitura. Contudo, não é que esta obra contenha alguma coisa nova para aqueles que há muito tempo se ocupam do

espiritismo. Não, a teoria que ela encerra é há muito conhecida e aceita por todo espírita reencarnacionista, primeiro porque ela está gravada em caracteres indelévels em seu coração, depois porque ela já foi estudada, fixada e sustentada por todos os órgãos da imprensa espírita. Mas nunca, até hoje, ela fora apresentada como uma doutrina completa, firmada por todas as provas de apoio, e contendo todos os desenvolvimentos que ela comporta. Também, estamos autorizados a dizer que *Le ciel et l'enfer* [O céu e o inferno] vem preencher uma grande lacuna, e que, vulgarizando a teoria, ao mesmo tempo tão consoladora e tão racional que o espiritismo nos prega sobre as penas e as recompensas futuras, ele será o último golpe dado no dogma irracional do Céu e do Inferno católicos, e, ao mesmo tempo, trará à sociedade moderna o freio do qual ela tem tanta necessidade para dominar as paixões, e que ela não tinha desde que a razão humana, despida de sua inocência infantil, repelia com horror a Eternidade das penas para uns e a beatitude eternamente ociosa e egoísta com a qual se desejava dotar os outros”.

“Persuadido que estamos de que todos os nossos próprios leitores lerão a obra do Sr. Kardec, limitar-nos-emos a fazer uma rápida análise. Nossos leitores, de resto, já notaram que daí tiramos magníficas páginas onde encontramos formulada toda a teoria dos anjos e dos demônios tal como, segundo nossos fracos meios, nós mesmos tê-la-íamos formulado em oposição à teoria dos anjos decaídos como proclama a escola católica. Faremos notar somente que se *Limitation de l'évangile selon le spiritisme* [A imitação do evangelho segundo o espiritismo] foi um passo dado adiante pelo Sr. Allan Kardec contra a ortodoxia católica (...), *Le ciel et l'enfer* vem indicar inteiramente a situação religiosa do autor que adota, enfim, diante da Igreja, a única linha de conduta possível, sobretudo após a condenação solene pela Congregação do Índice de todas as obras do diretor da *Revue spirite*.

Além da árdua tarefa de levar adiante o ideal da *L'Union*, Bez precisava, como líder espírita, soerguer a *Sociedade Espírita de Bordeaux*, pois sua situação era grave, acrescida do afastamento, significativo, do Sr. Sabò, que se dirigiu a Paris a fim de exercer sua nova função de secretário particular de Allan Kardec.

Acompanhemos primeiro o relato da partida do Sr. Sabò para Paris:

“Em outubro de 1864, Émile Sabò deixou o campo de seus primeiros trabalhos (em Bordeaux) para ir a Paris ocupar o cargo de secretário particular do Sr. Allan Kardec, cargo deixado livre pela aposentadoria do Sr. Alis d' Ambel” (*Almanach*, 70).

Parece que a palavra *aposentadoria* está cheia de outras intenções. No *Almanach*, há um capítulo precisamente sobre o Sr. d'Ambel, médium tão citado por Kardec e fundamental nas páginas da Codificação espírita. Era ele o medianeiro dos mentores *Erasto e Timóteo* (ver RS, FEB, julho de 1861, p. 326), além de vice-presidente da *Sociedade parisiense de estudos espíritas* (*Almanach*, p. 65). Acompanhemos mais um pouco o revelador *Almanach* sobre esta *aposentadoria* de d'Ambel do cargo de secretário particular de Allan Kardec:

“Assim nós devemos acrescentar com lástima e por razões que ignoramos que (o Sr. d'Ambel) resolveu abandonar este cargo tão importante, e para o qual ele era tão devotado e que ele sempre o preencheu com um desinteresse acima de qualquer elogio” (p. 67).

Há um total silêncio em Paris sobre a chegada do Sr. Sabò para exercer suas novas atividades. Penso mesmo que ele só exerceu este cargo de secretário por pouco tempo, mas nada posso provar ainda. O que parece é que Paris não acolheu bem a idéia de um secretário interiorano (?).

No entanto, sobre a saída de d'Ambel, parece que foi por motivo de alguns desentendimentos, no mínimo no campo das idéias, o que quebra a homogeneidade tão desejada por Kardec para a harmonia dos trabalhos na *Sociedade de Paris*, o que, convenhamos, é muito certo e fundamental. Um dos motivos nós o conhecemos através de Roustaing, quando ele escreve sobre a *carência de exatidão* do *critério universal* defendido por Kardec, o que o caso do corpo fluídico de Jesus, não aceito totalmente pelo Codificador, é uma prova. Este *critério* também não era aceito pelo seu antigo secretário, que chegava a defender suas idéias por escrito:

“... estamos certos de que esse *criterium* carecia de exatidão. Disse-o por escrito o Sr. d'Ambel, que foi seu secretário e seu médium preferido” (*Os Quatro Evangelhos*, 1º vol. , FEB, edição de 1942, p. 100).¹⁷

Enfim, a partir de 7 de julho de 1864 (*Almanach*, p. 66), o Sr. Alis d'Ambel funda em Paris o jornal espírita *L'avenir*.

¹⁷ Nas atuais edições da FEB de *Os quatro Evangelhos*, estas considerações de Roustaing, inseridas pelos seus discípulos na 2ª tiragem da obra, em francês, em 1882, não foram mais publicadas.

Voltemos a Bordeaux. Era necessário soerguer a *Sociedade* fundada em 1861 pelo Sr. Sabò.

A situação real era a seguinte: a *Sociedade* viveu, durante muito tempo, de seu antigo prestígio, e chegava, em 1865 e começo de 1866, ao número fatal de 13 membros. O *Relatório* das atividades de 1866 registra: *Ela atrofiava, sentia-se morrer de atonia.*

O *Almanach* faz uma radiografia da história da *Sociedade* e redige, de forma clara, seus rumos inconsiderados. Tudo se resume no seguinte: O Sr. Sabò sonhava com uma imensa *Sociedade* espírita que aglomerasse, no seu seio, não somente *todos os adeptos de Bordeaux*, mas também *todos do Midi da França*. O seu grande projeto foi minado e assumiu proporções bem diferentes. O sonho de grandeza tinha pernas menores que os passos que se queria dar. Surgem as *dissensões intestinas*, como já assinalamos na primeira parte desta *Introdução*. *O seu fundador* – escreve Jules Peyranne – *se viu mesmo obrigado a se retirar, não encontrando, entre aqueles de nossos irmãos que a compunham então, a simpatia que lhe era tão necessária* (*L'Union*, 1867, p. 44). Então prossegue o elucidativo *Almanach*:

“Sem dúvida os objetivos de Sabò eram imensos, generosos, devotados; mas ele esqueceu as incessantes recomendações do mestre (Allan Kardec), que havia claramente demonstrado o quanto a multiplicidade de grupos espíritas era preferível às grandes reuniões” (pp. 68-9).

As recomendações de Kardec foram dadas na própria presença do Sr. Sabò em 14 de outubro de 1861:

“Resta-me falar ainda, senhores, da organização da *Sociedade*. Desde que quereis pedir-me conselho, dir-vos-ei o que disse o ano passado em Lyon. Os mesmos motivos me levam a vos dissuadir, com todas as minhas forças, do projeto de formar uma *Sociedade* única, abrangendo todos os espíritas da cidade, o que seria impraticável, em razão do número crescente dos adeptos. Não tardaríeis a serdes paralisados pelos obstáculos materiais e pelas dificuldades morais, ainda maiores, que vos mostrariam a sua impossibilidade. É preferível, pois, não empreenderdes uma coisa a que seríeis obrigados a renunciar” (RS, FEB, novembro de 1861, pp. 497-8).

Kardec continua:

“É uma coisa séria confiar a alguém a suprema direção da doutrina. Antes de o fazer, é preciso estar bem seguro desse indivíduo

sob todos os pontos de vista, porque, com idéias errôneas, poderia arrastar a Sociedade por uma ladeira deplorável e, talvez, à sua ruína” (pp. 498-9).

O Espírito Erasto, pelo médium Alis d’Ambel, também alertava, em sua *primeira epístola aos espíritas de Bordeaux*, lida pelo próprio Codificador, que a *Sociedade*, como coordenadora do movimento, deveria ter um programa uniforme para os trabalhos e estudos da doutrina, como as placas indicando os caminhos nas estradas, sem impedir que os motoristas sigam seus próprios caminhos:

“Fique bem entendido, apesar disso, que cada grupo conservará sua originalidade e sua iniciativa particular” (p. 505).

Kardec, preocupado com os perigos de uma sociedade inchada e ditatorial, como a do papado, escreve na *Revue Spirite*, no mês de dezembro de 1861 (pp. 528-47), um longo artigo traçando, com cuidado, a *Organização do Espiritismo*, chegando a afirmar, de forma incontestável, essa máxima:

“Vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão mais pela propaganda do que uma sociedade única de quatrocentos membros” (p. 531).

O que é triste constatar é que a liderança não soube ouvir e, por isso, a *Sociedade de Bordeaux*, no início dos anos de 1866, *atrofiava, sentia-se morrer de atonia*.

Urgia fazer algo! O Sr. Jules Peyranne registra, então, a histórica participação de Augusto Bez:

“Nesse momento de fraqueza, alguns de nossos irmãos, entre os quais é de nosso dever citar o irmão Bez, propuseram tentar um esforço supremo de reunir num banquete o maior número possível de espíritas. Essa proposta foi aceita, e decidiu-se que esse banquete, que devia servir de traço de união para os espíritas bordelenses, aconteceria no dia 20 de maio, dia de Pentecostes” (*L’Union*, 3º ano, nº 62, janeiro de 1867, p. 44).

Penso que o médium Bez, aqui, foi tomado pelo *grito de união* que um *Espírito simpático* transmitiu a ele, quando de sua visita à cidade de Toulouse (*La voix*, 1º Ano, nº 9, 25 de setembro de 1864, p. 4):

Sociedade Espírita de Toulouse.– *Médium*, Sr. A. BEZ.

IRMÃOS, UNAM-SE !

Irmãos, unam-se! É o grito que fazemos retinir em seus ouvidos, desde o feliz momento em que Deus nos permitiu manifestar-nos a vocês; e, esse grito, não cessaremos de vo-lo repetir-lhes, porque ele é a sua proteção e o mais seguro apoio sobre o qual vocês podem apoiar sua fé.

Irmãos, unam-se! porque o tempo da prova chega. Ao longe, a tempestade estrondeia; sem cessar ela se aproxima e, em pouco tempo, ela vai cair sobre vocês.

Irmãos, unam-se, porque os ventos desencadeados pelas paixões e pelos ódios roncarão sobre suas cabeças, e os dispersariam aos quatro cantos do Universo, se vocês não bebessem numa santa união da força irresistível que amansará a tempestade.

Assim como um frágil caniço, submetido às intempéries das estações, curva a cabeça e se dobra sob os golpes redobrados do vento sul em cólera, assim vocês seriam tratados se vivessem sempre separados de seus irmãos.

Mas o caniço que não teme aliar-se ao carvalho, nem abraçar seu tronco forte e nodoso com seus ramos flexíveis, enfrenta, sem um instante de inquietação, a tempestade mais impetuosa, e, prodígio miraculoso! seus talos tão frágeis mas incessantes trepadores protegem o próprio rei das florestas, e, fazendo uma muralha com seu corpo, torna-o invulnerável para sempre.

Por isso, eu lhes digo ainda: Irmãos, unam-se, e pensem bem que ninguém, aqui embaixo, é bastante forte para suportar sozinho todo o esforço da luta.

Irmãos, unam-se, porque é preciso que o forte ajude, com sua força, o fraco; é preciso também que o fraco una sua fraqueza ao forte, a fim de que, todos juntos, façam um só e mesmo feixe, e realizem, enfim, essa admirável palavra do Cristo:

“Ajudai-vos uns aos outros”.

Irmãos, unam-se! porque, se vocês ficassem divididos, o sopro das paixões os dispersaria de um lado e de outro, como os restos de um navio despedaçado pela tempestade, e vocês não poderiam um instante resistir à dúvida e ao desânimo que seguem os momentos de prova.

Irmãos, unam-se, porque, se ficassem unidos, formariam uma falange inabalável contra a qual viria se chocar, mas em vão, todo o exército dos inimigos.

Assim nós tornaremos a dizer-lhes sem cessar:

Irmãos, unam-se!

Um Espírito simpático.

Enfim, chega o festivo *Pentecostes* de 1866. Além do banquete, como numa família, da união, da fraternidade, lança-se a *Nova Sociedade Espírita de Bordeaux*. Bez, radiante, redige a ata, passando todo o sentimento do ambiente acolhedor daquele inesquecível domingo.

Um esclarecimento: a ata redigida pelo Sr. Bez informa que o banquete aconteceu no *domingo último, dia de Pentecostes*, que, fazendo-se uma pesquisa, descobre-se que, naquele ano, ocorreu no dia 20 de maio. Bez publica esta ata, na *L'Union*, no dia 22 de maio (1 ano, nº 48, pp. 274-80), que, em 1866, caiu numa terça-feira. Logo, ele redigiu a ata imediatamente após o banquete, com a memória recente dos fatos e o coração cheio de entusiasmo. Pela beleza da reunião fraterna, pelos compromissos assumidos e por toda história que ela contém, é justo que passemos ao leitor dos tempos atuais a totalidade das informações que Bez soube tão bem relatar:

O BANQUETE ESPÍRITA DO PENTECOSTES

Domingo último, dia de Pentecostes, alguns espíritas de Bordeaux se reuniram numa das imensas salas do *Petit-fresquet* [Pequeno-fresquet], a fim de celebrar, com um banquete fraterno, o aniversário do maior fato medianímico cuja lembrança a história nos transmitiu: a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos.

Uma hora após o meio-dia, o Sr. Ch. Dubos,¹⁸ improvisado no lugar como presidente do banquete, tomava assento à mesa, tendo à sua direita o Sr. Jonqua pai,¹⁹ decano pela idade, e à sua esquerda o Sr. Mailhò, vice-presidente; os outros irmãos se

¹⁸ O Sr. Charles Dubos é considerado *um dos propagandistas mais ardentes do espiritismo* (*La Union*, 1º ano, nº 30, 8 de janeiro de 1866, pp. 121-31). Autor da obra intitulada *Enseignement de la philosophie spirite, méthode du raisonnement basée sur les lois qui régissent les effets et les causes de la création* (*Ensino da filosofia espírita, método racional baseado nas leis que regem os efeitos e as causas da criação*), dividida em quatro blocos, nela ensina, na sua última parte, sobre a *Educação filosófica e religiosa da infância*, que ele mesmo aplicou aos seus próprios filhos e recolheu excelentes frutos, o que o faz recomendar que isto seja feito no seio de todas as famílias espíritas (ver também *La Union*, nº 40, de 22 de janeiro de 1866, p. 88).

¹⁹ Já vimos que o Sr. Alfred Jonqua fez um discurso no funeral do confrade Sr. Jean Bardet, tipógrafo impressor. Jonqua era médium de destacados recursos morais, o que fez o jornal *Le Sauveur* (1º ano, nº 6, domingo, 6 de março de 1864, p. 3) estampar uma comunicação captada por ele, intitulada *La superbe érudition*, assinada por um *Esprit Familier*.

colocaram, cada um segundo seu grau, num silêncio e recolhimento que provava o quanto estavam compenetrados da grandeza do ato que iam cumprir.

O presidente abriu, então, o banquete com um brilhante improviso no qual, após ter explicado o objetivo e a natureza da reunião, se fixou em estabelecer o que é o espiritismo e qual é o objetivo com o qual ele veio atingir os homens. ‘O espiritismo, disse ele, é uma ciência, não é uma religião’. A religião nos diz: ‘crede’ o espiritismo nos diz: ‘estudai’; a religião nos diz: ‘adoro porque creio’, e o espiritismo: ‘adoro porque sei’. Imbuído desses princípios, o verdadeiro espírita deve estudar, estudar sem cessar, porque ele aprende todos os dias o quanto as leis ditadas por Deus à natureza permanecem desconhecidas e ele sabe que seu dever é descobri-las e ensiná-las; ele deve ser tolerante, porque sabe que todos os homens são irmãos, e que Deus, seu pai comum, é tolerante com todos e que ele não os julga segundo suas opiniões, mas segundo seus atos; ele deve ser caridoso, porque a caridade é a primeira de todas as virtudes e é por ela que nós nos aproximaremos sempre, cada vez mais, do objetivo que devemos todos alcançar: a perfeição.

Após ter lançado uma olhadela rápida no estabelecimento do espiritismo, nos fatos que lhe servem de base e que se produziram em todos os tempos, nas conseqüências filosóficas que deles se tiraram, na sua propagação tão rápida, apesar dos obstáculos de todas as espécies amontoadas sob seus passos, o presidente fez um apelo à concórdia, à dedicação, à abnegação de todos os espíritas e, numa magnífica peroração, voltando ao grande ato medianímico do Pentecostes, promete que as *línguas de fogo* farão e fazem sem cessar sua descida sobre todo homem de coração puro, de fé sincera e de desejo ardente de trabalhar para o estabelecimento sobre a Terra do verdadeiro reino de Deus, do reino do amor e da caridade.

Após essa alocução, várias vezes coberta por calorosos aplausos, a refeição começou numa ordem e num silêncio aos quais estão pouco habituadas as refeições das sociedades. Todas as fisionomias respiravam alegria e felicidade; cada um se sentia penetrado docemente pela influência espiritual e um imenso elã de fraternidade se apoderara de todos os assistentes.

Ao servir-se o segundo prato, um outro espírita pronuncia, mais ou menos nestes termos, uma segunda alocução:

“Meus irmãos,

“Eu me propusera falar-lhes sucintamente sobre a natureza e o objetivo de nossa reunião, mas, após o muito eloqüente discurso de nosso bem amado presidente, só me resta repetir-lhes, como ele, que o Pentecostes deve ser e é a festa espírita por excelência, porque

ele nos lembra o maior ato de mediunidade cuja lembrança a história nos transmitiu. Primeiramente, a relação sucinta dos fatos acontecidos nesse dia memorável, tal como nos está relatado nos Atos dos Apóstolos, cap. II, vers. 1 a 19.

“O dia do Pentecostes chegara; eles (os apóstolos) estavam reunidos, todos de acordo, num mesmo lugar. Então, de repente, fez-se um ruído que vinha do céu, como o ruído de um vento que sopra com impetuosidade, e encheu toda a casa onde eles estavam. E eles viram aparecer línguas separadas umas das outras, que eram como de fogo, e que se puseram sobre cada um deles. E eles foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar línguas estranhas, segundo o que o Espírito os fazia falar.

“(Vocês todos sabem, meus irmãos, o que devemos entender por essa expressão: o *Espírito Santo*. O Espírito Santo não é, para nós, senão o grupo de Espíritos superiores aos quais Deus confiou a direção do planeta e a educação moral dos homens que o habitam; o Espírito Santo não é outra coisa senão essa influência espiritual que se faz sentir tão freqüentemente entre nós em nossos dias e cujas sábias instruções foram tantas vezes assinadas com esse nome coletivo: o *Espírito de verdade*). Continuo:

“Ora, havia então em Jerusalém judeus tementes a Deus, de todas as nações que estão sob o céu.

“Depois então que o ruído se espalhou, reuniu-se uma multidão de pessoas, que ficaram espantadas de que cada uma delas os ouvia falar em sua própria língua. E, estando todos fora de si mesmos e na admiração, diziam-se uns aos outros: “Estas pessoas que falam não são todos galileus? Como, então, os ouvimos falar-nos cada um na própria língua da região onde nascemos? Partos, Medas, Elamitas, aqueles que habitam a Mesopotâmia, a Judéia, a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia, a Panfília, o Egito, as aldeias da Líbia que estão perto de Cirene e aqueles que vieram de Roma, tanto judeus quanto prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos falar em nossas línguas coisas magníficas de Deus”.

“E os outros, zombando, diziam: ‘é que estão cheios de vinho doce’.

“(Vocês vêem ; meus irmãos, o gracejo e o insulto sob o peso dos quais se procurou fazer sucumbir o espiritismo não são o único apanágio dos homens de nossa época. Em todos os tempos verteram caudais sobre todos os campeões do progresso e da verdade, e os próprios apóstolos não deviam estar ao abrigo de suas cruéis calúnias. Não nos deixamos, então, abater pelas calúnias de todas as espécies para as quais servimos de alvo; aplicamo-nos, ao contrário, a provar aos homens, pela sabedoria de nossas palavras e, sobretudo, pela sabedoria de nossas ações, o quanto nós pouco as merecemos. Isso nos será muito fácil, se tivermos sempre presente na memória o

exemplo dos apóstolos que, insultados como nós, não souberam vingar-se senão cumulando de benefícios morais e materiais aqueles que os tinham insultado. Nobre vingança que lhes valeu a conquista do mundo!)

“Mas Pedro, apresentando-se com os onze, levanta a voz e lhes diz: Homens judeus e todos vós que habitais em Jerusalém, sabeis isso e escutai com atenção minhas palavras: Estas pessoas não estão bêbadas como pensais, pois que ainda não é senão a terceira hora do dia.²⁰ Mas está aqui o que foi predito pelo profeta Joel: “Acontecerá nos últimos dias, disse Deus, que espalharei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos profetizarão e vossas filhas também; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. E nesses dias derramarei de meu Espírito sobre meus servidores e sobre minhas servas e eles profetizarão; e farei prodígios no alto dos céus, e sinais embaixo sobre a terra”.

“É essa festa, meus irmãos, que viemos celebrar aqui; e como desejamos celebrá-la? Reunindo-nos numa mesma comunhão de pensamentos e de idéias, ligando-nos fortemente uns aos outros pelos laços da fraternidade e da solidariedade universal, numa palavra, como *comungavam* os apóstolos e os primeiros discípulos do Cristo”.

“Permitam-me, terminando, exprimir o sentimento de que, vista a precipitação com a qual essa pequena festa foi organizada, nós não estejamos reunidos aqui senão num número muito pequeno; espero e todos esperamos que cada ano, em época semelhante, a mesma solenidade nos verá reunidos e que, se forem tomadas todas as medidas necessárias, nós nos contaremos aqui às centenas, e que nos será dado ver também nossas irmãs, que nos foi impossível admitir este ano. Os senhores sabem que, para o espírita, a mulher possui os mesmos direitos que o homem; ela também tem os mesmos deveres. Esperamos, então, que, no futuro, nossas mulheres e nossas irmãs venham fornecer seu contingente a esta cerimônia fraterna que, espero, se generalizará por toda parte onde houver espíritas”.

Após essa segunda alocução, aplaudida como a primeira, o presidente dá o sinal dos brindes, propondo à saúde de Allan Kardec, o primeiro e o maior dos vulgarizadores espíritas. Um brinde é feito, em seguida, pelo primeiro vice-presidente, o Sr. Jonqua pai, a todos os espíritas da França e do estrangeiro; um terceiro, pelo Sr. Mailhò, segundo vice-presidente, à propagação do espiritismo e ao estabelecimento, por sua influência, do reino da caridade e da fraternidade universal. Depois, cada um dos assistentes fez o seu.

²⁰ “Nove horas da manhã” (nota de Auguste Bez).

Estes ao Sr. Jaubert, de Carcassonne; ao Sr. Dombre, de Marmande; a *L'Union spirite* e ao seu redator, o Sr. Auguste Bez; a todos os defensores do espiritismo; a todos os homens generosos; aos salvadores medalhados dos quais um dos membros, o Sr. Belly, honrava a reunião com sua presença; ao Sr. Sabò, um dos primeiros vulgarizadores do espiritismo em Bordeaux; ao Sr. Théophile Jouanne, antigo vice-presidente da *Société spirite de Bordeaux* [Sociedade Espírita de Bordeaux], atualmente em Lima (Peru); ao Sr. J.-B. Roustaing, o vulgarizador do espiritismo em Benaugé; ao sr. D..., o infatigável médium curador que devolveu a saúde a tantos doentes só pela imposição das mãos; a todas as sociedades e a todos os grupos espíritas; a todos os livre pensadores, por maior que seja a diferença que separa seus sistemas do sistema espírita, são sobretudo acolhidos por aplausos prolongados. Cada um desses brindes era precedido ou seguido de uma pequena alocução que a falta de espaço nos impede de analisar e que fazia ressaltar seu caráter e sua eficácia.

Um incidente notável sob vários pontos de vista produziu-se à cerca da metade do banquete. Um dos assistentes, médium auditivo, colocado na extremidade mais distante da mesa, ouvira um Espírito dizer-lhe: “Note bem a proposição que vamos fazer pela boca do presidente”, quando, no mesmo instante, este se levantou e pronunciou um pequeno discurso sobre a necessidade da concórdia e da fraternidade, que são o objetivo de nossa doutrina e cujo exemplo, por conseguinte, os espíritas devem dar; depois propõe que se proceda imediatamente ao abraço fraternal, que estabelecerá, entre todos os assistentes, o laço indissolúvel da fraternidade. Esta proposição sendo calorosamente aprovada, o presidente abraça o primeiro vice-presidente sentado à sua direita, este abraça seu vizinho, e assim por diante, até que o abraço seja dado ao presidente pelo segundo vice-presidente sentado à sua esquerda.

Após o banquete, alguns membros tomam sucessivamente a palavra para desenvolver certos pontos da doutrina ou tratar das questões de organização que dão ensejo a uma discussão toda impregnada desse espírito de fraternidade e de concórdia que essa reunião fizera penetrar em todos os corações, e cada um se retira tranqüilamente às sete horas, felizes e orgulhosos por terem participado dessa festa de família, que vinha encher todos os corações de alegria, de coragem para suportar as provas presentes, e de esperança para o triunfo da causa num futuro próximo.

AUG. BEZ.

Ainda neste mesmo número da *L'Union* (nº 48, 22 de maio de 1866, pp. 265-6), Bez, sabendo ouvir os conselhos de quem entende

de impressão gráfica (e, sem duvida, entre eles estava o Sr Lefraise), muda o formato do papel da revista; e, indo além, e querendo dar a *L'Union* um caráter mais universal, retira de seu título à palavra *bordelaise* (bordelesa). Vamos ler sua nota explicativa:



LUnion Spirite

AOS NOSSOS LEITORES.

Cedendo aos conselhos que lhe quiseram dar homens cuja competência em semelhantes questões é reconhecida por todos, a direção de *L'Union spirite bordelaise* decidiu que a partir do próximo número, início do segundo ano, nossa revista aparecerá nas mesmas datas, mas em caderno de 16 páginas in-8° *grand raisin* [papel de grande formato = 0,65m x 0,50m] da *Revue spirite*. Formará, assim, todos os semestres um grande volume de 400 páginas aproximadamente, em belo papel acetinado, contendo mais matérias que os dois volumes que formam o semestre atual. As condições de assinatura permanecem as mesmas.

Como nossa obra é uma obra universal que se destina a toda parte onde se encontrem corações ávidos da verdade e da luz, acreditamos também dever suprimir a palavra *bordelaise* [bordelesa], que parece lhe dar um caráter local que não tem. Nossos leitores, com efeito, deverão perceber que, como tudo faz parte dos fatos espíritas que podem acontecer em Bordeaux, estamos longe de excluir as outras províncias onde, de resto, estamos felizes por dizê-lo, nossa fraca voz encontrou numerosas e caras simpatias.

Agradecemos sinceramente aos nossos leitores o apoio moral e material que quiseram dar-nos no cumprimento de nossa rude tarefa, e estamos convencidos de que ele não nos faltará, no ano que vamos começar, em confiança e coragem.

AUG. BEZ.

Agora, uma nota de dever cumprido: 27 dias após o *banquete* idealizado por Auguste Bez, nosso biografado estampa, com alegria, uma nota, na *L'Union* (2º ano, nº 51, 15 de junho de 1866, p. 48), informando o endereço e o horário das reuniões de estudo da *Nova Sociedade Espírita de Bordeaux*:

“Informamos que as sessões de estudos da *Sociedade Espírita de Bordeaux* são realizadas aos sábados, às 8 horas da noite, 23 rue des Menuts, 1º andar.

“Todos os nossos assinantes que desejarem acrescentar seus nomes à lista dos membros da nossa Sociedade, deverão passar no *bureau* do jornal, de 25 do corrente até o fim do mês, das 9 às 10 horas da manhã, para as devidas informações necessárias”.



Rue Des Menuts, abril de 1999



Rue Des Menuts, 23 – abril de 1999

A partir de julho de 1866, surgem novas dificuldades que impedem o bom andamento da *L'Union*. O leitor deve estar lembrado de que seu primeiro atraso ocorreu em agosto de 1865, como já comentamos. Vamos seguir os fatos. Inicialmente, Bez informa que o atraso da revista foi por problemas independentes de sua vontade (2º ano, nº 56, 22 de julho de 1866, p. 113):

“A fim de compensar o máximo possível o lastimável atraso decorrente de circunstâncias maiores, independentes da nossa vontade, a respeito da expedição da *L'Union spirite*, nós enviaremos inicialmente a todos os nossos leitores que, em 31 de agosto, pagaram a importância de sua assinatura, a fotografia e a biografia de Allan Kardec.

“Todos os nossos esforços estão sendo realizados para que a *L'Union spirite* apareça com regularidade”.

No próximo fascículo da revista *L'Union* (nº 57, agosto de 1866, pp. 129-30), surge outra dificuldade, um acidente: Bez é picado por um *inseto venenoso*:

AOS NOSSOS LEITORES.

No momento em que, segundo o aviso que déramos no número 56 de *L'Union Spirite*, acreditávamos ter superado todas as dificuldades que tinham retardado a marcha do nosso jornal, um

novo acidente (a picada de um inseto venenoso no pé direito) veio nos afundar em novos embaraços, e novos atrasos que, por sua duração, puderam fazer crer a vários que acabara a existência de *L'Union Spirite*.

Graças a Deus e aos bons Espíritos, isso não aconteceu e estamos felizes por informar aos nossos leitores, no início deste número, que, a fim de nos pôr o mais cedo possível em dia e satisfazer a todos os interesses, publicaremos um número duplo (32 páginas) para cada um dos meses de agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro, e isso de maneira a poder, em 1º de janeiro, retomar a marcha ordinária de nossa publicação, isto é, quatro números de dezesseis páginas, todos os meses.

Estes atrasos, causados por circunstâncias de força maior, e que fomos o primeiro a deplorar, tiveram por consequência natural um atraso considerável no envio do montante das assinaturas. Mais de dois terços de nossos assinantes não nos enviaram, até o presente momento, o montante de sua assinatura, e, contudo, sabemos, pelas numerosas cartas que estão chegando de todos os lados, há quatro meses, que *L'Union*, como doutrina e como redação, está geralmente bem ao gosto de seus leitores, que, com pena, o veriam desaparecer da liça. Também esperamos que a recepção do presente número bastará para fazer com que nossos assinantes em atraso, que queiram continuar a nos ler, decidam a endereçar-nos, seja em selos postais, seja por vale postal, a pequena soma de doze francos, sem a qual seria impossível *L'Union* prosseguir sua rota.

Como compensação pelos atrasos sofridos, estamos dispostos a enviar a todos os nossos assinantes uma bela fotografia, acompanhada da biografia de Allan Kardec, essa grande personalidade espírita que cada adepto de nossa doutrina deve ficar feliz em conhecer e desfrutar.

(...)

Ousamos esperar que essa medida satisfará todos os nossos leitores, ao mesmo tempo que será uma garantia de nossa boa vontade e de firme amor à doutrina para a qual já fizemos tão grandes sacrifícios.

Bordeaux, 1º de dezembro de 1866.

AUGUSTE BEZ.

Reparem que a revista é de agosto de 1866 e a nota de Bez só foi redigida em 1º de dezembro deste ano. Assim fica explicado o

motivo do atraso. No mês seguinte, Bez explica o atraso no volume de suas correspondências (2º ano, nº 58, setembro de 1866, p. 192):

AVISO

A grande quantidade de cartas às quais nos foi impossível responder durante nossa doença nos causa um atraso nas correspondências que suplicamos aos nossos leitores a boa vontade de levar em consideração. O tempo nos falta, e, apesar da maior boa vontade do mundo, só poderemos responder a algumas, as mais urgentes.

Um atraso de impressão nos obriga a adiar para o próximo número a remessa, àqueles, entre nossos assinantes, que têm direito à fotografia e à biografia de Allan Kardec.

A. BEZ.

No número seguinte, Auguste Bez anuncia, mais uma vez, a biografia de Allan Kardec, acompanhada de sua foto, e aproveita para dar o novo endereço da *Sociedade de Bordeaux*, que, graças ao seu esforço de reunir os espíritas num banquete, precisava agora de um espaço maior (2º ano, nº 59, outubro de 1866, p. 224):

AVISO

Com o presente número dirigimo-nos a todos aqueles, entre nossos assinantes, que têm direito à fotografia e à biografia de Allan Kardec. Assim como anunciamos, no início do número 57, enviá-los-emos a todos os outros à medida que nos chegarem suas renovações de assinaturas.

Pediram-nos que anunciássemos que, a partir de 1º de janeiro, a Sociedade Espírita de Bordeaux, cujo local atual se tornara insuficiente, fará suas sessões em sua nova sala que é muito mais vasta, na rue Neuve, 27, no primeiro andar.

As sessões acontecerão todas as quartas-feiras e aos sábados às 8 horas da noite.

A. BEZ.



Rue Neuve – abril de 1999



Rue Neuve, 27 – Prédio demolido – abril de 1999

Que bom ler esta informação do combativo Auguste Bez. A *Nova Sociedade*, quatro meses e meio após o inesquecível *banquete*, não só precisava de uma sala *muito mais vasta*, mas também informava que o número de suas reuniões espíritas duplicara.

Depois de todo este atraso da *L'Union*, que tanto fez Bez sofrer, nada melhor que receber o carinho e a compreensão de Allan Kardec:

“Soubemos com viva satisfação que a *Union Spirite Bordelaise* vai retomar o curso de suas publicações, momentaneamente inter-

rompidas por longa e grave doença de seu diretor e por circunstâncias independentes de sua vontade” (RS, dezembro de 1866, p. 393).

“A *Union Spirite* de Bordeaux, redigida pelo Sr A. Bez, momentaneamente interrompida por uma grave moléstia do diretor e por circunstâncias independentes de sua vontade, retomou o curso de suas publicações, como tínhamos anunciado, e deve ser arranjado um meio para que os assinantes não sofram qualquer prejuízo por essa interrupção. Felicitamos sinceramente o Sr. Bez e fazemos votos para que nada entrave, para o futuro, a útil publicação que ele empreendeu e que merece ser encorajada” (RS, janeiro de 1867, p. 31).

Aqui uma pausa para falar de Allan Kardec. Na nota acima, do Codificador, está registrado: *deve ser arranjado um meio para que os assinantes não sofram qualquer prejuízo por essa interrupção*. Ora, o meio já havia sido anunciado várias vezes por Auguste Bez: a distribuição da *fotografia* e da *biografia* de Allan Kardec. É verdade que o insigne Condutor da Revelação Espírita, da *Revelação da Revelação*, conforme a expressão de Auguste Bez, sabia sobejamente da distribuição de sua *foto* e *biografia*, mas sua humildade o fez silenciar, e ele escreve sobre a compensação do atraso da *L'Union*, de forma velada.

Cabe perguntar: qual era essa *fotografia* de Allan Kardec distribuída por Bez? Seria a reprodução da pintura de Monvoisin, quando Kardec posou para ele em 1861? Parece-nos que sim. E não digo isto por qualquer razão, pois Raymonde Auguste Quinsac MONSOISIN *nasceu em Bordeaux* em 31 de maio de 1790 e desencarnou em 26 de março de 1870. Ele escreveu de si mesmo: *Eu sou médium pintor (Figaro, 31 de março de 1870)*. Como estava certo o Espírito Erasto, em mensagem lida por Kardec, na cidade de Bordeaux: *necessitais de bons médiuns e aqui os vejo excelentes, em cujo meio só tendes que escolher... e nenhuma região, eu vo-lo repito, é melhor dotada do que Bordeaux* (RS, novembro de 1861, p. 366).

E qual era a *biografia* de Kardec? Quem a escreveu? Qual o seu conteúdo? É muito importante saber, pois naqueles dias Kardec se encontrava reencarnado para se revelar e corrigir. Penso que seria o texto sobre Kardec, do *Nouveau dictionnaire universel*, do Sr. Maurice Lachâtre, de 1865. E isto não é mera suposição, pois esta biografia é reproduzida na íntegra, e comentada por Auguste Bez, na revista *L'Union* (1º ano, nº 31, de 15 de janeiro de 1866, pp. 158-62). O texto é muito importante, e não poderíamos deixar de reproduzi-lo:



Monvoisin



Portrait allégorique
du M. Allan Kardec

Variedades

“ALLAN KARDEC (Hippolyte-Léon-Denisard Rivail).²¹ Chefe e fundador da doutrina dita espírita,²² nascido em Lyon, no dia 3 de

²¹ A Certidão de Nascimento registra: *Denisard, Hypolite Leon Rivail*. Ver *Allan Kardec – análise de documentos biográficos*, Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros. Niterói: Lachâtre, 1999.

²² “Protestaremos sempre contra toda denominação que tenda a apresentar o espiritismo como uma religião, como uma seita, tendo um chefe, ministros e uma ortodoxia. A doutrina espírita que, aliás, é a obra dos Espíritos e não a de Allan Kardec, olha todos os seus adeptos como irmãos que trabalham, cada um segundo suas forças e segundo a esfera de ação na qual está colocado, na edificação de uma *ciência filosófica* que está ainda em seus inícios. Ninguém nela possui outros graus a não ser os que foram adquiridos por seus trabalhos e por sua ciência, e, como o homem é essencialmente falível por sua natureza, a opinião de ninguém poderia ser lei. O dia em que um espírita qualquer, ainda que fosse Allan Kardec, quisesse se pôr como *chefe* e pretendesse impor suas idéias, ele se aperceberia que o orgulho do homem é muito mal conselheiro, e veria todos os verdadeiros espíritas repelir suas pretensões e desertar sua bandeira para seguir sempre o livre exame e a liberdade de consciência, sob cujos hábitos se abriga o progresso, único objetivo que todos perseguimos” (nota original de Auguste Bez).

outubro²³ de 1804, originário de Bourg en Bresse, departamento do Ain. Embora filho e neto de advogados,²⁴ e de uma antiga família que se distinguiu na magistratura e no foro, ele não seguiu essa carreira; cedo se dedicou ao estudo das ciências e da filosofia. Aluno de Pestalozzi, na Suíça, tornou-se um dos eminentes discípulos do célebre pedagogo, e um dos propagadores de seu sistema de educação, que exerceu grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha. É nessa escola que se desenvolveram as idéias que deviam mais tarde colocá-lo na classe dos homens de progresso e dos livres-pensadores. Nascido na religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que ele teve de suportar a esse respeito fizeram-no, desde a idade de quinze anos, conceber a idéia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegar à unificação das crenças; mas faltou-lhe o elemento necessário para a solução desse grande problema. O espiritismo veio, mais tarde, fornecer-lhe e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos. Por volta de 1850, assim que se tratou das manifestações dos Espíritos, Allan Kardec se entregou às observações perseverantes sobre esses fenômenos, e se dedicou principalmente a deduzir deles as conseqüências filosóficas. Neles entreviu, antes de tudo, o princípio de novas leis naturais: aquelas que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível; reconheceu, na ação deste último, uma das forças da natureza, e seu conhecimento devia lançar luz sobre uma multidão de problemas reputados insolúveis, e compreendeu o alcance disso do ponto de vista científico, social e religioso.

“Suas principais obras sobre essa matéria são *Le livre des Esprits*, para a parte filosófica, e cuja primeira edição apareceu no dia 18 de abril de 1857; *Le Livre des Médiuns*, para a parte experimental e científica (janeiro de 1861); *L'évangile selon le spiritisme*, para a parte moral (abril de 1864); *Le ciel et l'enfer, ou la justice de Dieu selon le spiritisme* (agosto de 1865); *La Revue Spirite, journal d'études psychologiques*, coleção mensal começada no dia 1º de janeiro de 1858. Ele fundou, em Paris, no dia 1º de abril de 1858, a

²³ No original da revista *La Union*, numa falha de impressão, saiu *dezembro* em vez de *outubro* (os autores).

²⁴ A *Certidão de Nascimento* de Kardec registra que seu pai, Jean Baptiste Antoine Rivail era *homme de loi*. Muito pesquisamos sobre esta expressão, e só agora, com o texto de Maurice Lachâtre é que se pode entender todo o seu significado. Na família de Kardec havia vários *magistrados*; seu pai e seu avô, porém, eram *advogados*. Eis aí mais um senão na biografia de Henri Sausse, que informa ser seu pai: *magistrado, juiz* (ver *O que é espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1981, p. 10).

primeira sociedade espírita regularmente constituída sob o nome de *Société parisiense des études spirites* [Sociedade parisiense de estudos espíritas], cujo objetivo exclusivo é o estudo de tudo que pode contribuir para o progresso dessa nova ciência. O próprio Allan Kardec se proíbe de escrever sob a influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas; homem de caráter frio e calmo, observou os fatos, e de suas observações deduziu as leis que os regem; primeiro deu a teoria e dela formou um corpo metódico e regular. Demonstrando que os fatos falsamente classificados de sobrenaturais estão submetidos a leis, ele os faz entrar na ordem dos fenômenos da natureza e destrói, assim, o último refúgio do maravilhoso, um dos elementos da superstição. Durante os primeiros anos em que o assunto fora os fenômenos espíritas, essas manifestações foram mais um objeto de curiosidade do que um assunto de sérias meditações; *Le Livre des Esprits* fez olhar a coisa sob outro aspecto; então deixaram-se as mesas girantes, que só tinham sido um prelúdio e se concentrou num corpo de doutrina que abarcava todas as questões que interessavam à humanidade. Da aparição do *Livre des Esprits* data a verdadeira fundação do espiritismo, que, até então, só possuía elementos dispersos sem coordenação, e cujo alcance não pudera ser compreendido por todo mundo; desse momento também a doutrina fixa a atenção dos homens sérios e tomou um desenvolvimento rápido. Em poucos anos, essas idéias encontraram numerosos partidários, em todos os níveis da sociedade e em todos os países.

ALLAN KARDEC (Hippolyte-Léon-Denizard Bi-
veit). Chef et fondateur de la doctrine dite spirite,
né à Lyon le 3 octobre 1804, originaire de Bourg
en Bresse, département de l'Ain. Quoique fils et
petit-fils d'avocats, et d'une ancienne famille qui
s'est distinguée dans la magistrature et le barreau,
il n'a point suivi cette carrière; de bonne heure il
s'est voué à l'étude des sciences et de la philoso-
phie. Élève de Pestalozzi, en Suisse, il devint un
des disciples éminents de ce célèbre pédagogue, et
l'un des propagateurs de son système d'éducation,
qui a exercé une grande influence sur la réforme
des études en France et en Allemagne. C'est à cette
école que se sont développées les idées qui devaient

Reprodução de parte do texto original
do *Nouveau dictionnaire universel*
de Sr. Maurice Lachâtre, edição de 1865.
Fotocópia gentilmente cedida pelo confrade Alexandre Rocha

“Esse sucesso sem precedente se deve, sem dúvida, às simpatias que essas idéias encontraram, mas é devido também, em grande parte, à clareza, que é um dos caracteres distintivos dos escritos de Allan Kardec. Abstendo-se das fórmulas abstratas da metapsíquica, o autor soube por-se ao alcance de todo o mundo e fazer-se lido sem fadiga, condição essencial para a vulgarização de uma idéia. Sobre todos os pontos de controvérsia, sua argumentação, de uma lógica rigorosa, oferece pouca margem à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que dá o espiritismo, da existência da alma e da vida futura, tendem à destruição das idéias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina, e que decorre do precedente, é o da *pluralidade das existências*, já entrevisto por várias filosofias antigas e modernas e, nestes últimos tempos, por Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugène Sue e outros; mas permanecera no estado de hipótese e de sistema, enquanto o espiritismo demonstra a realidade disso, e prova que é um dos atributos essenciais da humanidade. Desse princípio decorre a solução de todas as anomalias aparentes da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais; o homem sabe, assim, de onde vem, para onde vai, para que fim está na Terra, e por que aí sofre. As idéias inatas se explicam pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e da humanidade, pelos homens dos tempos passados que revivem após ter progredido; as simpatias e as antipatias, pela natureza das relações anteriores; essas relações, que reatam a grande família humana de todas as épocas, dão como base as mesmas leis da natureza, e não mais uma teoria, aos grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade, e de solidariedade universal”.

“A doutrina espírita, tal qual ela ressalta das obras de Allan Kardec, encerra em si os elementos de uma transformação geral nas idéias, e a transformação das idéias leva forçosamente à da sociedade. Desse ponto de vista, ela merece a atenção de todos os homens de progresso. Como sua influência se estende já sobre todos os países civilizados, dá à personalidade de seu fundador uma importância considerável, e tudo faz prever que, num futuro talvez próximo, ele será citado como um dos reformadores do século XIX”.

*

Deixando ao *Nouveau dictionnaire universel* a responsabilidade de certas partes da nota bibliográfica que ele dá do Sr. Allan Kardec, acreditamos correto colocá-la sob os olhos de nossos leitores. Não saberíamos, aliás, felicitar o autor, o Sr. Maurice Lachâtre, pelo fato

de que acreditou ter de incluir os neologismos necessitados pelo estabelecimento da doutrina espírita e que, até aqui, tinham sido sistematicamente rejeitados por todos os dicionários. Hoje, é um fato cumprido e as palavras *espiritismo*, *espírita*, *perispírito*, *reencarnação*, etc., etc., desde algum tempo já consagradas pelo uso, adquiriram direito de cidade na língua francesa.

A. B.
Auguste Bez



Maurice Lachâtre

* * *

Passa o tempo. O trabalho aumenta. As dificuldades prosseguem. A fé permanece inabalável. Chegamos ao mês de maio de 1867, e *L'Union* (2º ano, nº 68, p. 206), depois de mais um pequeno atraso em sua circulação, se revitaliza, prossegue e anuncia um novo formato:

AOS NOSSOS ASSINANTES

Absorvido pelo trabalho material que nos impôs a necessidade de prover as nossas carências e aquelas da família que temos a tarefa de educar, não nos foi permitido editar regularmente os últimos números de *L'Union Spirite*.

Não o ocultaremos: em presença dessa tarefa, ao mesmo tempo, tão penosa e tão ingrata que nos impusemos, perguntamo-nos, com freqüência, se não devíamos deter-nos no caminho e deixar a outros mais favorecidos da sorte o cuidado de continuar a obra que empreendemos com tanto ardor, convicção e fé. Mas, cedendo às

instâncias de muitos de nossos leitores, que pensam que *L'Union Spirite* tem não somente a sua razão de ser, mas já prestou, presta e é chamada a prestar, num futuro talvez próximo, grandes serviços ao espiritismo, decidimos ir adiante e enfrentar ainda as dificuldades de toda espécie que se acumulam a nossos passos. Só que, a fim de nos tornar possível semelhante tarefa e para evitar a irregularidade de que infelizmente até aqui fomos tão freqüentemente vítima, tivemos que fazer grandes mudanças em nosso modo de publicação.

L'Union Spirite, cujo presente número termina o segundo ano, daqui para frente aparecerá uma vez por mês somente, em cadernos de 32 páginas grandes in-8°.

O próximo número, o de junho, aparecerá no decorrer do mês; os outros aparecerão regularmente de 15 a 20 de cada mês e corresponderão, assim, aos desejos de nossos assinantes, que nos manifestaram o prazer que teriam de ver a publicação de *L'Union* alternar com a da *Revue Spirite* que aparece de 1° a 5 de cada mês.

O preço da assinatura será fixado em 10 fr. por ano.

Esperamos que nossos assinantes aceitarão bem essas condições que são, aliás, as da *Revue Spirite*, de Allan Kardec, e de quase todas as publicações ou revistas filosóficas de Paris, e que, enviando-nos logo sua adesão, facilitarão o cumprimento da obra à qual, há mais de quatro anos, fizemos grandes sacrifícios.

A. BEZ.

O trabalho que deveria ser um canto de alegria, no nosso mundo às avessas, soa sempre como dor, estafa e enfado. Quanta luta e desgaste para se produzir na sementeira do bem. O livro do *Gênesis* de Moisés alerta:

“No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que retornes à terra” (3: 19).

E *O livro dos espíritos* ensina:

“676. *Por que o trabalho se impõe ao homem?*

“Por ser uma conseqüência da sua natureza corpórea. É expiação e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho”.

O próprio Auguste Bez, antenado com o ensino doutrinário espírita, capta uma bela mensagem intitulada *O trabalho*. Esta mensagem foi bastante difundida naqueles tempos. Inicialmente, foi publicada no livro *Spiritisme – réflexions* (1863), de J. Chapelot, já citado; nele, a entidade comunicante não é informada. Depois ela reaparece no *La vérité – journal du spiritisme* (nº 40, domingo, 22 de novembro de 1863, p. 8), da cidade de Lyon (rue de la Charité, 29), sob a direção do Sr. E. Édoux, *Médium*, e agora com a identificação nominal da entidade comunicante: M. T. Cícero.²⁵ Por fim, ela torna a ser publicada, agora no jornal *La voix* (1º ano, nº 13, 23 de outubro de 1864, p. 4), sob a direção do próprio Bez, que a reproduz com a informação de ter sido ditado por *Un Esprit sympathique*. Por sua beleza, profundidade e propriedade para o momento de desgaste no trabalho vivido pelo nosso biografado, Auguste Bez, vou transcrevê-la na íntegra. Tenho a certeza de que o leitor se encantará, como se encantou numa nota de introdução, o Directeur-Gérant da *La vérité*, quando recomenda a mensagem do *grand Esprit de Cicéron*:

O Trabalho.

Tudo na natureza canta o Criador; tudo nos fala dele, nos mostra sua grandeza, sua sabedoria, sua justiça, sua imutabilidade.

Vejam esses seres microscópicos, mundo infinito que se agita numa gota d'água. Admirem-nos em seus folguedos, em seus trabalhos, em suas discussões, em seus benefícios e em suas guerras.

É possível, talvez vocês digam, que Deus, tão grande, tão imenso que é infinito, se ocupe dos ínfimos detalhes que enchem a vida efêmera desses seres tão pequenos, que são imperceptíveis aos nossos órgãos, desses seres que entram aos milhares na composição do grão de areia que pisamos aos pés com tanto desdém?

Ó meu Deus! é precisamente porque sois grande, tão infinito, que vossa terna solicitude cobre com sua égide todas as vossas criaturas, mesmo as que, em nosso orgulho insensato, olhamos como indignas de nós!

Vossas leis são imutáveis, Ó Eterno; tudo na natureza está submetido a elas.

Tudo se renova, aperfeiçoando-se num trabalho incessante; e assim, até que cada ser, em particular, tenha chegado ao grau de perfeição que lhe é destinado.

²⁵ Marcus Tullius Cícero, grande orador e político romano (106-43 a.C.)

E é por essa melhoria invisível dos pequenos detalhes que se realiza também a melhoria visível das massas.

É renovando-se e andando sem cessar na via do progresso que cada indivíduo concorre para a renovação e para a melhoria sempre crescente de tudo.

Renovação e progresso infinitos e eternos; porque Deus é eterno e infinito e, todos os dias, a cada instante, criou seres que, começando imediatamente seu trabalho de renovação, levam seu labor à harmonia universal.

Oh! leis da natureza, como sois sublimes! como sois dignas d'Aquele que vos fez! e que progresso imenso adquiriram pelo conhecimento de vós aqueles que, tendo estudado, querem seguir vossos passos!

Eternidade! Eternidade! que bela és com teu progresso infinito e tua marcha para Deus!

Como é vã e ridícula essa teoria que fazia dos Espíritos puros ociosos eternos, cuja única ocupação era admirar Deus e contemplar em êxtase suas maravilhas.

Longe de ser uma felicidade, não seria uma eterna punição?

Assim, Senhor, em vossa infinita sabedoria, não quisestes que os Espíritos puros fossem condenados a uma ociosidade sem fim; porque, intérpretes de vossa vontade santa, eles trabalham também para o cumprimento da obra.

Embaixadores de Deus, eles percorrem os mundos, levando aos Espíritos mais atrasados os conhecimentos que eles mesmos adquiriram por seu próprio trabalho, e os ajudam assim a trabalhar em seu avanço.

O trabalho abençoado por todos e exercido por todos, tal é o elo sagrado que reúne numa e mesma corrente os mundos e os universos que povoam a imensidade do espaço, os Espíritos errantes ou encarnados que povoam, eles também, esses mundos.

Corrente admirável! onde se revelam, em todo o seu esplendor, a grandeza, a sabedoria, a justiça e a imutabilidade de Deus.

Oh! trabalho, trabalho, mil vezes bendito, tu não és uma punição que Deus, em sua cólera, infligiu ao homem.

Tu és, ao contrário, o maior benefício com que o Criador gratificou suas criaturas.

Trabalho eterno, trabalho infinito, é por ti que chegaremos todos a Deus, e é por ti que gozaremos todos, um dia, as puras delícias do céu.

Trabalho, trabalho, nobre recompensa dos homens, sede mil vezes abençoado por eles.

Sobre a terra, tu és sua salvaguarda e sua melhor égide, e no céu, quando estiverem purificados, tu serás sua coroa de glória e de imortalidade.

Todos vocês, meus filhos que me escutam, oh! abram seu coração a essas doces palavras: Trabalhem, trabalhem e orem, e Deus os abençoará.

Chegamos ao período do ano em que a Cristandade comemora *Pentecostes*. Há um ano atrás, um banquete marcou a fundação da *Nova Sociedade Espírita de Bordeaux*. Agora, chegamos a outro banquete, o de 1867, que será mais especial ainda, pois teremos a presença inolvidável do Codificador Allan Kardec. Bez, sempre presente, assume a tarefa da redação da ata histórica. O texto irretocável se encontra na revista *L'Union* (3º ano, nº 1, julho de 1867, pp. 14-26):

O BANQUETE ESPÍRITA DO PENTECOSTES 1867

Um certo número de espíritas de Bordeaux achou por bem fazer uma reunião, no ano passado, para celebrar, num banquete fraterno, o aniversário de um dos maiores fatos medianímicos que a história nos transmitiu para lembrança: a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos.

Essa festa, de algum modo solene, que encheu todos os corações de uma santa e doce alegria, deu a muitos a coragem necessária para suportar as provas e as tribulações de todas as espécies às quais tantos de nós estamos constantemente expostos; nessa festa de onde saiu a nova organização da sociedade espírita de Bordeaux, exprimira-se o desejo de ver renovar-se todos os anos o banquete do pentecostes e de ver aumentar rapidamente o número de participantes. A admissão das mulheres, com os mesmos direitos e as mesmas condições que os homens, havia sido também decidida em princípio e emitira-se o voto de que, nos anos seguintes, as mulheres espíritas viriam fornecer seu contingente a essa festa de família.

Nesse banquete não se deixou de levantar muitas críticas, mesmo da parte de espíritas, aliás muito sinceras: uns não viam utilidade e pensavam que a quantia produzida pelas cotizações (eles acreditavam, sem dúvida, serem elas muito fortes) seria mais bem empregada em atos de caridade; outros acreditavam que o alimento material absorveu só a atenção dos convivas e fez perder inteiramente de vista o objetivo todo espiritual para o qual se reuniam; outros, enfim, e foram os mais numerosos, objetavam que a admissão das mulheres daria margem à crítica sempre desperta, sempre disposta a nos pegar em falta e que não deixaria de se aproveitar dessa circunstância para acusar os espíritas de desordem e de imoralidade. Cremos dever responder aos primeiros que nada podia melhor unir os corações do que um banquete fraterno, uma reunião de família onde domina só o sentimento religioso do ato solene que cada um

cumprir; aos outros, que espíritas sinceros, sérios, convencidos, compenetrados de seus deveres e de seus direitos nada tinham a temer da influência do alimento material num banquete onde a sobriedade é uma das primeiras condições e onde, de resto, a alimentação espiritual devia ser procurada, de novo, com bem mais avidez que a outra; e quanto à admissão das mulheres em tal reunião, se, apesar da gravidade do objetivo que nos propusemos, se, apesar da santidade do ato que íamos cumprir, se insinuavam entre os convivas alguns homens muito pouco conscienciosos, muito pouco inteligentes, muito pouco espíritas para sair dos limites impostos pelas mais estritas conveniências, será que a presença das mulheres, que são, ao mesmo tempo, esposas, mães e irmãs, não seria, por si só, suficiente para os conter?

A experiência de dois anos veio confirmar plenamente o nosso dizer, e o banquete espírita de 1867, como seu antecessor de 1866, não serviu senão para nos compenetrar mais da utilidade, da necessidade dessa instituição que seremos felizes de ver propagar-se por toda parte em que estão reunidos vários espíritas sinceros, convencidos e dedicados.

A sociedade espírita de Bordeaux acreditou dever convidar para essa festa de família seus três presidentes de honra, os Srs. Allan Kardec,²⁶ o coordenador, o editor responsável das obras que formam o corpo de doutrina da filosofia espírita; Main,²⁷ doutor em direito, antigo magistrado de Bordeaux, o decano dos espíritas franceses; T. Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne, homem corajoso, espírita eminente, convencido e esclarecido, cujo nome é uma bandeira que seguimos com orgulho. Todos três, e nós não saberíamos agradecer-lhes o bastante, aceitaram esse convite e realçaram, com sua presença, o banquete espírita de 1867.

Vários outros espíritas notáveis das cidades vizinhas vieram também, e sua presença confirma quanto acham boa essa idéia de um banquete que tantos outros criticaram; vários desejaram aproveitar essa boa ocasião para apertar a mão de irmãos dos quais só o nome era conhecido.

Entre eles, citaremos os Srs. Dombre,²⁸ de Marmande, que todos os espíritas conhecem; Delcher, prefeito de Cabarra (Gironde);

²⁶ “Malgrado as ocupações que nos retinham em Paris, foi-nos possível atender ao gentil e instantâneo convite que nos foi feito para nele tomar parte” (Allan Kardec. RS, julho de 1867, p. 197).

²⁷ É autor da obra intitulada *Réflexions sur la stabulation soumises à MM Aimé, Baron de la Chevrelière et Bernadin*. Bordeaux: Imp. Lanefranque 1864.

²⁸ CONSTANT DOMBRE. A *Revue Spirite* (16º ano, nº 12, dezembro de 1873, pp. 357-361) registra a sua desencarnação, ocorrida em 3 de outubro de 1873, através de uma carta enviada por sua filha Émilie Milhet, nascida Dombre. Era um homem de coração, que praticava a caridade espírita como médium de notáveis curas fluídicas e inspiradas poesias de mérito. O Espírito Constant Dombre, evocado através do médium Pierre, disse ter sido conduzido por Allan Kardec.

Bonnamy, juiz de instrução em Villeneuve sur Lot (Lot e Garonne),²⁹ Roussy, homem de letras, em Lesparre; Bitaubé, negociante em Blaye, e muitos outros cujos nomes nos escapam. A sra. Allan Kardec desejava muito acompanhar também seu marido e confraternizar conosco. Perto de cento e vinte pessoas, entre as quais, dezesseis senhoras, assistiam a essa reunião.

²⁹ NOTA (de Auguste Bez): Antes do banquete, não tínhamos a honra de conhecer o Sr. Bonnamy, e como nos fora impossível fazê-lo pessoalmente, cremos dever escrever-lhe para pedir a ele autorização para publicar seu nome nesse encontro. Estamos felizes, estamos orgulhosos, em nome do espiritismo, de pôr diante dos olhos de nossos leitores a carta pela qual ele nos respondeu:

“Villeneuve, 21 de junho de 1867.

“Senhor e caro irmão,

“Tenho a honra de responder à sua carta de 20 deste mês.

“Pode me citar como quiser em seu encontro do banquete espírita de Bordeaux.... Tenho a coragem do pensamento e dos meus atos... além do mais, é minha fé; desejo que meu nome, por minha qualidade de juiz, possa servir de ponto de consenso a todos aqueles que adotaram a santa doutrina do espiritismo; desejo que isso seja, alto e bom-som, a afirmação cumprida de minha parte, a fim de que, tanto quanto de mim dependa, seja demonstrado para todos que essa doutrina é digna das meditações dos homens sérios.

“Que importam os perigos que podem se ligar à sua posição social, para todo homem que tem a consciência de seguir a mais segura via, a mais salutar para a humanidade, e que, quando anda misturado aos das primeiras linhas, pode dizer-se que um tal exemplo, imposto em suas convicções, abalará talvez aqueles que hesitam em pegar o objetivo certo de sua existência, assinalado de maneira tão clara pela nova revelação..... Todo homem que crê tem uma missão a cumprir da parte de Deus que o ilumina, e a de afirmar sua fé.... Espírita, ele o deve sobretudo aos sentimentos de caridade, que são a base de suas próprias crenças..... Afirmando que crê, ele convida todos os seus irmãos ao banquete das luzes celestes, das quais recolheu os primeiros raios.

“Toda consideração pessoal é para ele um ato de fraqueza, um golpe à sua fé e, acrescentarei como o digno e venerável vice-presidente Jaubert, um ato de covardia.....

“Agradeço-lhe por suas preocupações, todas fraternas, tocando a vulnerabilidade de minha posição, emanação natural de suas sinceras crenças.

“Aceite, senhor e caro irmão, a expressão de meus devotados sentimentos.

“M. BONNAMY”

Após o jantar, substancial, mas simples, modesto como os circunstâncias o exigiam,³⁰ o Sr. Allan Kardec tomou a palavra e, num discurso escrito que estaríamos muito felizes de poder reproduzir, nos mostrou longamente a marcha geral e sempre ascensional da doutrina e da parte que lhe tocava a si mesmo nessa imensa oficina espiritual, onde todos, encarnados e desencarnados, trazem seu grão de areia para a construção do edifício filosófico do futuro.

Várias passagens desse discurso foram vivamente aplaudidas, mas só falaremos que a mais aplaudida de todas foi aquela em que Allan Kardec, alto e bom-som, declarou que nunca esteve em suas intenções colocar-se como mestre, e por-se como chefe; que em nenhum de seus escritos se encontrariam traços dessa pretensão cuja responsabilidade era preciso deixar à crítica sempre mal-intencionada que a tinha inventado.

“Minha única ambição, disse Allan Kardec, meu único desejo, o objetivo para o qual tendem todos os meus esforços é ser um dos mais rudes trabalhadores, o primeiro na tarefa e o último no repouso, entre esse exército de operários espíritas que trabalham sem cessar, uns a propagar a doutrina, outros a edificá-la”.

Pessoalmente, essa declaração franca e leal, tornada solene por causa dos aplausos prolongados que suscitou de todas as partes, nos foi mormente agradável, por termos exprimido a mesma idéia, no ano anterior, por termos dito (número de 1º de abril de 1866, tomo IV, p. 116), respondendo a uma carta muito virulenta do Sr. Piérart: “Não somos nem o adorador de um ídolo qualquer, nem o sectário fanático de quem quer que seja. Longe de nós curvarmo-nos *diante de um pontificado do qual não temos conhecimento*, temos declarado muitas vezes que *não queremos pontificado*, e, se alguém tentasse produzi-lo, todas as nossas forças seriam empregadas para combatê-lo e para abatê-lo”; chocamos, escandalizamos mesmo certo número de espíritas mais kardecistas do que o próprio Allan Kardec, o que nos valeu uma quarentena de cancelamentos de assinaturas.

Allan Kardec terminou seu discurso pelos brindes seguintes que também foram calorosamente acolhidos:

“Pelos motivos que acabo de expor, permitam-me, Senhores e caros irmãos, propor-lhes um brinde múltiplo:

“1º. À sociedade espírita de Bordeaux, e, em particular, a seu digno presidente e a todos aqueles que o secundam em sua obra

³⁰ “Banquete simples, digâmo-lo logo, como convém em semelhantes circunstâncias, e a pessoas cujo objetivo principal é encontrar uma ocasião para se reunir e estreitar os laços de confraternidade; a pesquisa e o luxo aí seriam uma insensatez” (Allan Kardec. RS, julho de 1867, p. 197).

laboriosa; felicitações pela ordem e inteligência com que presidem seus trabalhos;

“2º. A todos os zelosos defensores e sustentáculos da doutrina, e àqueles que a honram dando o exemplo da prática dos deveres que ela ensina; àqueles que mantêm a bandeira alta e firme pela coragem de sua opinião;

“3º. Aos magistrados, que o espiritismo se honra de contar em suas fileiras, e que lhe emprestam corajosamente o apoio de seu nome;

“4º. Aos médiuns curadores, que fazem um digno emprego da faculdade que lhes é concedida, e se consagram sem ostentação ao alívio de seus irmãos, com modéstia e um completo desinteresse moral e material;³¹

“Dizemos, Senhores, que aqueles de nossos irmãos que o pensamento de todos vocês coloca nas categorias que acabo de especificar, foram dignos do espiritismo; que seus nomes sejam transmitidos aos nossos descendentes para edificação dos espíritos futuros;

“5º. Aos espíritos dos Estados Unidos da América que, pioneiros, abriram o caminho para a nova doutrina: Saudação de cordial fraternidade;

“6º. Aos espíritos do mundo inteiro, sentinelas avançadas da doutrina, pioneiros que, espalhando a semente em todos os pontos do globo, primeiras balizas do laço fraternal que deve um dia aproximar todos os povos;

“7º. Enfim, Senhores, não esqueceríamos nossos irmãos que se foram antes; que uma boa e piedosa lembrança os chame entre nós, e os convide a essa festa de família.

“Paguemos também um tributo particular de reconhecimento aos Espíritos esclarecidos que vêm nos instruir; agradeçamo-lhes sua assistência, a proteção tão evidente com a qual eles cercam a nova obra, e a sabedoria com a qual eles conduzem as coisas. Esforcemo-nos para secundá-los com nosso zelo, e imitar sua prudência”.

³¹ “Mau grado nossa curta demora em Bordeaux, pudemos assistir a duas sessões na Sociedade: uma consagrada ao tratamento de doentes e outra a estudos filosóficos. Assim podemos constar, por nós mesmos, os bons resultados que sempre são o fruto da perseverança e da boa vontade... podemos, com conhecimento de causa, acrescentar nossas felicitações pessoais” (Allan Kardec. RS, julho de 1867, p. 198). Suponho que o médium de cura seja o Sr. D., como registra Auguste Bez, na Ata do 1º Banquete, em 1866, e que já transcrevemos anteriormente: *ao sr. D..., o infatigável médium curador que devolveu a saúde a tantos doentes só pela imposição das mãos*. Essas sessões de curas com “*passes fluídicos*” ocorriam, agora, às quintas-feiras, na *Nova Sociedade de Bordeaux* (RS, junho de 1867, p. 184).

O Sr. Jules Peyranne, presidente da Sociedade, respondeu ao Sr. Allan Kardec e, num improviso bem sentido, exprimiu todo o prazer que a Sociedade Espírita de Bordeaux sentia pela presença ao banquete de seus três presidentes honorários. Após ter estabelecido o quanto o espiritismo e, por conseqüência, o quanto também cada espírita devia em matéria de agradecimentos e de reconhecimento àqueles que, no meio dos sarcasmos e das injustiças de que são objetos, se consagram, sem segunda intenção, sem temer, sem debilidades, à propagação da obra comum, ele agradeceu ao Sr. Allan Kardec, em seu nome pessoal e no de toda a Sociedade de Bordeaux, a declaração formal que acabara de fazer e que a Sociedade considerava parte capital de seu discurso; ele o felicitou por tê-lo tão lealmente e tão alto e bom-som formulado, declarando que, dessa forma, ele produzira um imenso serviço ao espiritismo, esclarecendo muitos espíritas que, sob o império de um misticismo indigno de um homem de razão, consideram Allan Kardec uma espécie de semideus, e estariam prontos a aniquilar sua razão para seguir cegamente o Mestre. “O senhor nunca se colocou como chefe, papa, disse, terminando, o Sr. Peyranne, e fez bem; não conheço os sentimentos íntimos que animam nossos irmãos espíritas das outras cidades, mas sei que, em Bordeaux, onde os espíritas se gloriam de ser livres-pensadores, homens de razão, antes desejando toda a independência e liberdade de pensamento; toda idéia de um Mestre absoluto, de um chefe, de um papa, teria encontrado uma resistência enérgica. Nunca pensamos isso do senhor, Senhor Allan Kardec; assim nós o amamos e amamos suas obras, e, enquanto elas estiverem conformes às nossas aspirações e às necessidades de nossos corações, enquanto nossa razão vier aprová-las, teremos a honra de as proclamar, alto e bom-som, como a mais pura expressão da doutrina à qual estamos todos tão ardentemente ligados. Para nós, o senhor é um irmão mais adiantado, mais merecedor, talvez, que a maioria dentre nós; porque o senhor trabalhou mais, porque fez mais, porque se elevou por suas obras; assim nós o seguimos com respeito e com amor, e, quando for preciso, nós o defenderemos com força e, defendendo-o, nós nos defendemos a nós mesmos, porque defendemos a doutrina da qual o senhor é incontestavelmente o maior fundador. Mas, se o senhor se pusesse como chefe, se viesse entre nós para nos impor suas idéias e instituir autocracia, o que, aliás, nunca pude crer, minha convicção íntima é que o senhor teria fracassado completamente em Bordeaux, que o amor e o respeito que todos sentimos pelo senhor se teria transformado em frieza e indiferença e o senhor não teria encontrado partidários. Assim só lhe repetirei: Em nome de toda a Sociedade, agradeço-lhe sua solene declaração, pela qual responderemos, alto e bom-som, àqueles de nossos adversários que crêem encontrar uma arma contra o espiritismo nas pretendidas ambições que eles querem a toda força atribuir-lhe.

“Senhores, faço um brinde a nossos três presidentes honorários:

“Ao Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade parisiense de estudos espíritas, o irmão infatigável que nos dotou de tantos livros excelentes, onde todos, aqui, temos buscado a luz, a força, a consolação e a felicidade; queira Deus conservá-lo muito tempo ainda entre nós, a fim de que ele possa aumentar muito ainda a obra à qual se consagrou inteiramente; possam seus trabalhos ser coroados de sucesso; possa o espiritismo marchar rapidamente sob a poderosa impulsão que sua perseverança e sua grande experiência dos homens e das coisas lhe têm dado há muito tempo, e que lhe seja permitido ver, antes de sua partida deste mundo, a doutrina espalhada por todas as partes, conhecida, respeitada, praticada e exercendo, enfim, a influência moralizadora tão grande que ela incontestavelmente deve exercer um dia sobre as massas.

“Ao Sr. Main, nosso venerável decano, que, apesar de seus oitenta e três anos, não temeu fazer uma longa viagem para vir assistir a essa festa de família. A ele, o irmão corajoso e dedicado, sempre na trincheira, sempre combatendo pela boa causa, nossas mais ardentes felicitações e a expressão terna de nossa viva simpatia.

“Ao Sr. Jaubert, o magistrado íntegro, o intrépido campeão do espiritismo, que, apesar de sua posição oficial, não temeu elevar a voz, em alto e bom-som, em muitas circunstâncias, para afirmar sua fé; que seu exemplo nos anime a todos de um santo ardor; sigamos ousadamente a bandeira que ele levou tão alto; essa será, disso estou certo, a melhor maneira de lhe provar o quanto estamos felizes e orgulhosos de contá-lo em nossas fileiras.

Esses brindes, como se sabe, foram acolhidos por imensas aclamações.

Após o Sr. Peyranne, nós mesmos tomamos a palavra e, após ter dado leitura do fato medianímico, em comemoração do qual estávamos reunidos, dedicamo-nos a demonstrar que, festejando o espiritismo por um banquete, não fazíamos senão seguir uma via que nos traçaram os próprios apóstolos.

Depois retraçamos rapidamente o histórico do banquete de 1866 e dele fizemos ressaltar as imensas conseqüências; recordamos as objeções que tinham levantado e as respostas que tinham sido dadas a essas objeções. “Os apóstolos, dissemos também, nos deram o exemplo da admissão das mulheres em seus banquetes sagrados. Tanto que a fraternidade reinou entre os primeiros cristãos, vemos as mulheres cristãs penetrar nos cenáculos e tomar parte em todos os trabalhos de seus irmãos. Muito bem! esse hábito não se conservou por muito tempo; a mulher foi relegada logo a esse plano secundário, de onde a palavra de Jesus a fizera sair por um instante, e sob a dominação dos pretensos sucessores dos apóstolos do Cristo, ela recai tão baixo, que se chegou até a questionar solenemente, num concílio, se a mulher tinha uma alma. Apressei-me a acrescentar que a questão foi resolvida pela afirmativa; mas o único fato que a questão colocou nos descobre o

abismo que se tinha entreaberto a seus passos. Depois, graças ao progresso das luzes e da civilização, a mulher está um pouco elevada, mas nós temos muito ainda a fazer para lhe devolver o lugar a que ela tem direito. Melhor que qualquer doutrina filosófica, o espiritismo pode e deve reabilitar a mulher, porque nos prova que a alma, isto é, a individualidade, o eu, o que vive, o que pensa, não tem sexo, e que, por consequência, do ponto de vista espiritual, o homem e a mulher são iguais.

“Rompamos, então, com os procedimentos do passado; admitamos as mulheres entre nós com os mesmos títulos que os homens, e trabalhem com todas as nossas forças para fazer desaparecer os preconceitos que até agora relegaram a mulher ao último plano.

“Faço um brinde:

“1º. À fraternidade e ao amor que todos os espíritas se devem entre si, fraternidade e amor que devem se estender a todos os homens, qualquer que seja a escola filosófica ou religiosa à qual eles se liguem, porque todos somos irmãos.

“2º. À senhora Allan Kardec, a digna esposa de nosso bem-amado presidente, Sr. Allan Kardec; aquela que Deus colocou em seu caminho para lhe aplinar os escolhos; aquela cujos cuidados assíduos lhe permitem encontrar o repouso após a fadiga, a calma após a tempestade, as doces alegrias do lar doméstico após as rudes emoções da luta; à senhora Allan Kardec, cuja presença entre nós deixará em nossos corações uma lembrança graciosa e tocante.



Madame Rivail

“3º. Às mulheres espíritas, às esposas e às mães que têm tido bastante consciência de seus deveres e de seus direitos, que têm tido bastante força de vontade para desafiar os preconceitos que pesam tão injustamente sobre seu sexo, e não temeram afirmar, por sua presença neste banquete, a oportunidade do apelo que até agora dirigiram à Sociedade espírita de Bordeaux.

“4º. Enfim, à emancipação completa da mulher pelo espiritismo, que, provando a todos que a alma da mulher é igual à do homem, que ela tem a mesma origem e que caminha em direção ao mesmo objetivo, percorrendo a mesma via, restabelece, de maneira definitiva essa igualdade que nunca deveria ser desconhecida”.

O Sr Jaubert³² em seguida levantou-se e, com aquela voz eloqüente que já tivemos a felicidade de ouvir na sessão da véspera,³³ na Sociedade Espírita de Bordeaux, fez-nos o relato das experiências numerosas, perseverantes, repetidas sem cessar, depois das quais *sua razão* lhe incutiu o dever de crer, de considerar como *um fato* a existência da alma após a morte, a conservação de sua individualidade e a possibilidade para ele de se manifestar, de maneira inteligente, às almas suas irmãs, ainda aprisionadas em seu invólucro corporal.

O Sr Jaubert não omitiu o seguinte: Depois de ter procurado em vão, nas diferentes seitas do cristianismo, nos numerosos sistemas filosóficos que se sucederam desde Sócrates e Platão até aos Srs. Cousin, Taine e Littré, uma explicação racional do homem, de sua existência, de seu passado, de seu presente e de seu futuro, ele chegara, como tantos outros, a duvidar de tudo e a rejeitar tudo, porque nada respondia às aspirações de sua alma, às necessidades de seu coração e, ao mesmo tempo, às exigências imperiosas de sua razão. As mesas girantes, que se tornaram tão ruidosamente em

³² J. Malgras no seu *Os pioneiros do espiritismo* (pp. 48-50) registra uma biografia do Sr. Timoléon Jaubert (1806-1893).

³³ Suponho que esta reunião foi uma das duas que Allan Kardec assistiu em Bordeaux: “Mau grado nossa curta demora em Bordeaux, pudemos assistir a duas sessões na Sociedade: uma consagrada ao tratamento de doentes e outra a estudos filosóficos. Assim podemos constar, por nós mesmos, os bons resultados que sempre são o fruto da perseverança e da boa vontade... podemos, com conhecimento de causa, acrescentar nossas felicitações pessoais” (Allan Kardec. RS, julho de 1867, p. 198). As sessões filosóficas da *Nova Sociedade* eram aos sábados; coincidentemente, a *sessão da véspera* ocorreu também num sábado. “Essas sessões são abertas, como bem sabeis, por uma palestra feita por um membro da Sociedade, sobre um assunto espírita, e terminadas por um ligeiro resumo, feito pelo Presidente... Na palestra, é deixada ao orador toda a liberdade de linguagem, desde que não saia do quadro traçado por nosso regulamento” (citação feita por Allan Kardec, p. 184).

moda por volta de 1853 ou 1854, o encontraram nesse estado. Como todo mundo, o Sr. Jaubert quis experimentar esse passatempo tão novo. Sob seus dedos, reunidos aos dedos de alguns amigos, a madeira estalou de início, depois fez oscilações, agitou-se, desferiu pancadas, andou, entregou-se a toda sorte de exercícios que não somente distraíam, mas intrigavam cada vez mais os experimentadores.

De onde provinham esses movimentos? Qual era a causa desses efeitos constatados por eles, por assim dizer, a cada dia? Certamente, não era o pedaço de madeira, matéria inerte, que podia produzi-los. Não era, tampouco, os músculos dos experimentadores: eles sabiam disso, eles que procuravam, sem ser de caso pensado, a pesquisa da verdade; e, além do mais, nem todas as precauções, nem todas as medidas possíveis tinham sido tomadas para se assegurarem disso!

Uma força nova vinha então se revelar a eles: *sua razão lhes impunha o dever de afirmar a existência dessa força*, que eles ainda não conheciam.

Os meses se passaram, os anos também e experiências prosseguiram até que um jornal, que atribuía às almas dos mortos, *aos fantasmas*, os movimentos das mesas, caiu entre as mãos do Sr. Jaubert. “Oh! agora, exclama o orador, não creio nisso, e tive razão de não crer nisso (*aplausos prolongados de aprovação*), porque minha razão não estava convencida. Mas queremos dar conta disso; marcou-se um dos pés da mesa redonda, apagou-se as luzes, um assistente escondeu uma moeda fora da sala em que os outros esperavam, impacientes, os resultados dessa nova experiência, e dissemos à mesa, ao pedaço de madeira: “Procura”. A mesa se pôs em movimento, andou; nós a seguimos; ela deixou a sala logo parou batendo uma pancada seca com um de seus pés. Acenderam-se as velas: sob o pé, o pé marcado, estava a moeda. “É preciso render-se à evidência. A força desconhecida que há tanto tempo tínhamos constatado era mesmo uma força inteligente. Novas experiências sempre variadas só fizeram confirmar os resultados da primeira e, se *nossa razão* pudera conservar a menor dúvida, foram bastante poderosas para dissipá-las”.

Depois, o Sr. Jaubert nos fez assistir às conversações delicadas sempre pela intermediação do pedaço de madeira, entre os experimentadores e a força inteligente; um livro de química lhes foi ditado por esse meio, a eles que não eram químicos; depois foram poesias, fábulas cujos méritos a Academia dos Jogos Florais constatou, e que foram ditadas por batidas pela mesa; depois comunicações de todas as espécies, conversações íntimas das quais se inferiu claramente, de forma limpa, irrefutavelmente, que as inteligências que se manifestavam assim não eram outras senão as

almas dos parentes, dos amigos, de vizinhos, de homens, enfim, semelhantes a nós, que viveram entre nós e vieram ensinar-nos após sua morte que, como eles, existiremos ainda quando despiremos nossa vestimenta material, e que, como eles, poderemos vir para aqueles que nos são caros e continuar, de alma para alma, as doces relações que a morte é impotente para interromper.



Timoléon Jaubert

“Senhores, disse o Sr. Jaubert terminando, o Pentecostes é a festa do espiritismo; é também a festa da razão. Nossa razão entende hoje essa palavra profunda contida no livro dos Atos e que permaneceu tanto tempo um enigma para todos: *“E os apóstolos falaram línguas estranhas, segundo o que o espírito os fazia falar”*. Até aqui muitos negavam; outros criam na palavra. Nós, hoje, não negamos, nem cremos: nós sabemos.

“Faço um brinde ao triunfo da razão”.

O discurso, do qual nossas lembranças não nos permitem dar senão um palidíssimo esboço, terminou no meio de entusiásticos aplausos de todos os assistentes, felizes e orgulhosos de ver um homem como o Sr. Jaubert servir para a afirmação e defesa de nossa santa causa, com os tesouros de eloquência de que é dotado.

Depois do Sr. Jaubert, foi o Sr. Maillot, vice-presidente da Sociedade, que, num encantador e espiritual improviso, nos falou da influência moralizadora da doutrina espírita, de sua ação benéfica sobre os costumes e, sobretudo, da grandeza de alma, da força de caráter, da energia que ela dá àqueles que têm a felicidade de a compreender e a praticar.

“Até aqui, exclama o orador, o homem, o homem moral, bem entendido, sacudido nos mares tempestuosos da dúvida e da negação,

não podia seguir diretamente a rota que conduz ao porto. Semelhante a um frágil barquinho lançado no meio dos arrecifes, bordejava, sem cessar, a fim de os evitar, porque o leve invólucro no qual estava contida toda a sua bagagem filosófica era incapaz de resistir ao menor choque. Graças a Deus, isso não é mais assim. Do mesmo modo que os progressos industriais e mecânicos vieram encourçar nossas embarcações, a fim de pô-las ao abrigo dos canhões inimigos, o espiritismo veio encourçar nossas almas para as pôr ao abrigo dos assaltos repetidos sem cessar de nossas paixões”.

O Sr. Maillot terminou com um brinde à propagação do espiritismo e à força sempre ascendente de sua ação moralizadora.

Depois, o Sr. Dombre, de Marmande, nos contou uma fábula de sua composição:

O FANTOCHE³⁴

FÁBULA

Suspenso por um fio de seda imperceptível
No meio dos brinquedos de uma grande loja,
Um Pierrô de papelão.... melhor dizendo: um Fantoche
Fazia, sob a ação de uma mão invisível,
Aos olhos dos transeuntes parados,
Exercícios vivos, precisos, mas limitados.
Esgrema, escanchamento de pernas, golpes, piruetas leves,
Danças de espécies diversas,
Tais são seus jogos, seus movimentos
Cuja execução fácil
Parece dar-lhe direito aos aplausos.
Acrescentemos que o hábil pintor,
Espírito observador e um pouquinho mau
Soube dar aos traços animados do Fantoche
Um ar satisfeito de si mesmo,

³⁴ “Sem nenhuma dúvida essa fábula é encantadora, mas nós procuramos inutilmente as relações que ela podia ter, seja com o espiritismo em geral, seja com a cerimônia que nos reunia. O Sr. Dombre tem uma rica coleção de fábulas, umas mais belas do que as outras, e pareceu a muitos que ele teria podido ter a mão mais feliz e apanhar em seu cofre de jóias uma pérola senão mais brilhante, pelo menos mais em relação com a circunstância que aquela que nos ofertou” (nota original de Auguste Bez).

Um olhar desdenhoso, um sorriso arrogante,
Em suma, um caráter de orgulho extremo...
Ele parece feliz e orgulhoso de sua agilidade.
Mas o que aconteceu? o fio secreto se parte
E o Pierrô, cujas voltas causavam alguma surpresa,
É atingido pela inércia e pela imobilidade,
– Eh! Eis aí um pouco da comédia humana,
Disse um dos assistentes mais pensador que basbaque!
Ele se agita, se dá uma vã importância;
Por vezes desaparece de repente do palco;
Mas o que importa! o orgulho não faz falta,
Grandes ou pequenos atores, palhaços mais ou menos ágeis,
Vocês, pensem bem, não são mais que Fantoques frágeis,
Cujos cordéis estão no alto.

DOMBRE

O Sr. Jaubert pediu, então, para nos dar a conhecer uma das produções poéticas, batidas letra por letra por seu “pedaço de madeira”, desejou nos contar a fábula seguinte que, acrescentou ele, podia, com tão justo título, ser dedicado ao nosso bem-amado presidente, o Sr. Allan Kardec:

A ROSEIRA E A BORBOLETA

FÁBULA

Um dia uma borboleta ingênua, muito jovem ainda
Admirava um tapete semeado de botões de ouro.
Os junquinhos, as margaridas brancas
Corando em suas gargantilhas
E tantos outros buquês dispersos
Pela primeira vez se ofereciam aos seus olhares,
Aos arbustinhos vizinhos que festejavam sua chegada
Procurou, dizia ela, uma flor desconhecida.
Falando-me dela esta manhã
Um pintarroxo me exaltava seu vestido de cetim,
Suas cores, seus perfumes: a rosa.
– Amigo, disse uma roseira, ela é digna de ti,
Digna de teus beijos; a rosa vem de mim
Em meu talo logo a verás desabrochada;
Em meu talo fixa teu vô.

– Tu, seu pai! impostor, disse-lhe o rouxinol,
Esconda-te; tu não és senão um espinheiro.
Da roseira sabeis qual foi à resposta?
Para convencer ela teve apenas que florir.
Mas o homem... É em vão que brilha na liça,
Em vão que ele aí cresce. Para obter justiça
Que deve fazer o homem? – Morrer.

Como se sabe, os aplausos não faltaram para essa encantadora amostra das obras do *espírito batedor*.

Após vários outros discursos pronunciados pelos Srs. Jonqua filho, Pichon,³⁵ Dubos,³⁶ Delcher e Maillot, e dos brindes aos propagadores do espiritismo em Bordeaux, ao Sr. Roustaing, e aos espíritas pobres que não puderam assistir ao banquete, uma coleta é feita para os pobres sem distinção de raça, de nacionalidade, nem de culto. Ela ressalta em oitenta e cinco francos, que são depositados nas mãos dos membros do Comitê da Sociedade Espírita de Bordeaux, encarregados de fazer sua distribuição.³⁷

O Sr. Allan Kardec felicita os assistentes pela boa ordem e pelo espírito de paz e de concórdia que reinou nessa numerosa reunião tão ditosa e terminada por uma boa obra e declara o banquete encerrado.³⁸

Com o coração cheio de doce alegria, cada um se retira, então, feliz e satisfeito de ter tão bem empregado seu dia, marcando encontro no próximo ano em que as mulheres espíritas completarão a festa ao misturar suas vozes às vozes dos oradores que se farão ouvir.

Auguste BEZ.

³⁵ O Sr. Pichon era alfaiate. Seu nome consta na lista de contribuição para os trabalhos da *Liga de ensino*, onde também aparece o seu endereço: 6, impasse Lauredon, Bordeaux (*La Union*, 3º ano, nº 1, julho de 1867, p. 30).

³⁶ Ver nota nº 18.

³⁷ “A festa terminou por uma coleta em benefício dos infelizes, sem distinção de crenças, e com uma precaução cuja sabedoria é só para louvar. Para deixar toda a liberdade, não humilhar ninguém e não estimular a vaidade dos que dariam mais que os outros, as coisas foram dispostas de maneira a que ninguém, nem mesmo os coletores, soubesse quanto cada um dera. A receita foi de 85 fr. E comissários foram designados, imediatamente, para fazer o seu emprego” (Allan Kardec. RS, julho de 1867, p. 198).

³⁸ “Seria supérfluo acrescentar que tudo se passou como devia ter passado, entre gente que tem por divisa a expressão *fora da Caridade não há salvação*, e que professa a tolerância por todas as opiniões e todas as convicções. Assim, nas alocações de circunstâncias que foram pronunciadas, nem uma palavra foi dita que pudesse ferir a mais sombria susceptibilidade” (Allan Kardec. RS, julho de 1867, p. 197).

Diga-me, leitor, o que devo escrever agora? Penso na expressão “muito obrigado”, e sei que você pensa também assim. Então, digamos juntos: obrigado Augusto Bez! Muito obrigado!

Para encerrar, lembro ao leitor a emoção de Allan Kardec ao registrar este memorável banquete em sua *Revue Spirite* (julho de 1867, pp. 197-200), de onde citaremos apenas uma pequena, mas significativa informação:

“O (banquete) do ano passado, que era o primeiro, só registrou uns trinta convivas; no deste ano, havia quatro vezes mais, dos quais alguns vindos de grande distância: Toulouse, Marmande, Villeneuve, Libourne, Niort, Blaye e até Carcassonne, que fica a 80 léguas; aí tinham se confundido numa comunidade de sentimentos; aí se encontravam o artífice, o agricultor ao lado do burguês, do negociante, do médico, dos funcionários, dos advogados, dos homens de ciência, etc.

“Seria supérfluo acrescentar que tudo se passou como devia ter se passado, entre gente que tem por divisa: *Fora da Caridade não há salvação* e que professa a tolerância por todas as opiniões e todas as convicções” (p. 197).

Kardec ainda acrescenta, neste mesmo artigo da *Revue Spirite*:

“Sendo limitada a nossa ausência de Paris, pela obrigação de aí estar de volta num dia fixo, não pudemos, para nosso grande pesar, ir aos diversos centros que nos convidavam” (pp. 198-9).

É realmente uma pena Kardec não ter podido conhecer os principais *centros* de Bordeaux. Os *principais centros* eram, segundo Alexandre Delanne, que os visitou, e como já registramos anteriormente, os seguintes:

“Pela primeira vez, em 1860, eu visitava os grupos espíritas dessa cidade; nela já havia um número bastante grande. Os mais freqüentados eram os da Sra. Collignon, da Srta. O'kine, dos Srs. Roustaing, Krell, Alexandre, etc.”.

É bom ressaltar que esta informação de Alexandre Delanne é uma recordação escrita em 1884, muitos anos após esta inesquecível visita à cidade de Bordeaux. Evidentemente, Delanne, ao escrever “em 1860”, está se referindo aos anos 60. Em 1860, Roustaing ainda não freqüentava nenhuma instituição espírita. Ele só começou a freqüentar o *Grupo Sabò*, por recomendação de Kardec, em abril de 1861. Logo, ainda não possuía seu próprio *centro*. O *Grupo* do

Sr. Sabò só surge no início de 1861, e a Sra. E. Collignon também só começa a freqüentar esta instituição a partir de 1862. Logo, os *centros* só surgiram bem mais tarde. A visita de Alexandre Delanne ocorreu por volta de abril de 1864, como registra o Sr. Lefraise:

“Tivemos o prazer de apertar a mão amiga do Sr. Delanne, espírita devotado, membro da Sociedade Espírita de Paris, em sua passagem por Bordeaux. Numa viagem bastante longa através do sul da França, indo mesmo até à Espanha e Portugal, o Sr. Delanne tem como a abelha, pousando na corola de cada flor espírita encontrada em sua passagem, recolhido um mel precioso, o mel da verdade” (*Le sauveur des peuples*, ano 1º, nº 11, domingo, 10 de abril de 1864, p. 2).

Neste registro, para nosso deleite, Lefraise aproveita para mencionar algumas pérolas dos arquivos do Sr. Delanne. Entre elas, cita a passagem de uma carta endereçada a um nobre escritor, por um de seus amigos:

“Victor Hugo, em sua casa de Guernesey, escreveu por baixo de uma virgem tendo o menino Jesus em seus braços:

“O povo é pequeno, mas ele será grande.
Em teus braços sagrados, virgem fecunda,
Ó liberdade santa, nos passos conquistadores,
Tu levas o menino que leva o mundo”.

Lembro ao leitor que Delanne ainda fala, neste artigo, dos periódicos *Le sauveur* e *L'Union*. Neste período, abril de 1864, os órgãos espíritas de Bordeaux ainda não haviam sido fundidos; logo, no lugar de *L'Union*, o correto seria: *La Ruche*. São pequenos enganos que o tempo achou por bem atrapalhar na memória do pioneiro Alexandre Delanne.

Nossa informação sobre a época de sua viagem tem mais um fundamento e está baseada numa frase do Codificador, na RS de junho de 1867, quando ele se refere às sessões de estudos filosóficos em Bordeaux:

“Um dos nossos colegas, de passagem por aquela cidade, assistiu ultimamente a algumas sessões e trouxe a mais favorável impressão” (p. 185).

Ora, suponho ser o Sr. Delanne este *colega* de Kardec, pois ele era “um dos primeiros membros da *Sociedade Espírita* fundada

por Allan Kardec”, como já registramos numa nota anterior. Logo, a palavra *colega* é bem apropriada.

Fechando esta biografia espírita do médium Auguste Bez, registro que, em 10 de novembro de 1868, ele conclui mais um livro, que fez publicar de imediato, intitulado *Un faux médium dévoilé*, com edição em Paris, Bordeaux e Toulouse. O livro aborda o tema de um médium falso, Sra. Rodière, indicada pelo Sr. Piérart, que realizou algumas reuniões na sede da *Nova Sociedade*, onde Bez ainda era vice-presidente, e que causou inúmeros transtornos, mas que, desmascarada, retirou-se, permanecendo a *Sociedade* alicerçada na *rocha* da verdade. Tenho uma cópia desta obra em minha biblioteca particular, cedida pela *Bibliothèque nationale de France*, BNF – *Service de reproduction*.



Faux Médium Dévoilé.

Bem, amigo leitor, não disse tudo sobre Auguste Bez. Tenho em meus arquivos mais de 2.200 páginas escritas sobre a sua segura direção. Fora o material indireto, e não menos interessante, de outros pioneiros. Mas tudo isso fica para uma próxima oportunidade!

III – PRESIDENTE JULES PEYRANNE

O Sr. Jules Peyranne foi uma das principais lideranças de Bordeaux. O *Relatório da Sociedade Espírita* demonstra toda a sua segurança como Presidente.

Espírita devotado, era querido pelos confrades bordelenses, a ponto de ser convidado, como já observamos, para administrar o *Grupo Demongodin*. Diante de Allan Kardec, discursou com excelente desempenho, resolvendo de forma lúcida as incoerências que pairavam entre alguns confrades do movimento espírita de Bordeaux, em torno do papel do Codificador, na condução dos destinos da Doutrina nascente.

Sua crítica ao movimento espírita da época é firme. Radiografa a realidade daqueles tempos e aponta para a *bandeira da caridade*, hasteada, desde o princípio, como a única solução para se viver a fraternidade, apesar das divergências.

Jules Peyranne residia em Bordeaux, na rua Pelleport, 96. Era empregado da Empresa de ferro do MIDI. Caridoso e atento ao movimento de vanguarda, em torno da educação na França, movimento encabeçado pela *Ligue de l'enseignement*, fundada por Jean Macé, colaborava na lista de benefícios, em favor da consolidação definitiva deste belo projeto. Segundo o Censo de 1866, era judeu, viúvo, 35 anos e vivia com os pais Jean e Jeanne e com as filhas, Emilié e Eugénie.

O Presidente Peyranne foi o evocador do Espírito Claudius, que se manifestou pela mediunidade segura de Auguste Bez, através de várias reuniões. Ver *1º Apêndice*. Claudius ditou o tratado sobre os *Fluidos*, material excelente, que nos permite conhecer melhor a capacidade psíquica do médium em questão, além de demonstrar como se conduzia espiriticamente o *Grupo* dirigido por Peyranne.

A transcrição do *Relatório* da Sociedade de Bordeaux, sob sua direção, escrito por ele mesmo, dará a visão que precisamos sobre sua liderança no movimento espírita bordelense. Dada a sua importância, Allan Kardec apresenta uma síntese deste documento na *Revue Spirite* (Ed. Edicel, 1867, junho, pp. 181-85); nossa pesquisa, porém, o resgatou na íntegra, e agora o apresenta ao público espírita, para que possamos aquilatar a grandeza deste momento tão significativo da história do espiritismo.

SOCIEDADE ESPÍRITA DE BORDEAUX

RELATÓRIO SOBRE O ANDAMENTO DOS TRABALHOS DURANTE O ANO DE 1866.

Senhores e caros irmãos,

“Depositando em suas mãos o mandato que me confiaram, é de meu dever dar-lhes conta do andamento da Sociedade, durante o ano recém-findo, dos diversos trabalhos aos quais nos entregamos, bem como dos resultados obtidos.

“Antes de entrar no assunto, pedir-lhes-ei autorização para lançar um golpe de vista retrospectivo sobre os começos do espiritismo em Bordeaux e as diversas peripécias que marcaram sua marcha até a constituição, em junho último, da Sociedade atual. Isso não será sem interesse para alguns de nossos irmãos que, alistados recentemente sob nosso estandarte, não assistiram à entronização do espiritismo nesta cidade e não puderam, por conseqüência, segui-lo em sua marcha através dos obstáculos de toda espécie que encontrou em sua rota.

“Este sumário retrospectivo terá também como resultado deixar, nos arquivos, um documento que poderá servir, mais tarde, à história do espiritismo em Bordeaux.

“A nova ciência, ao estudo da qual nós nos entregamos, começou a ser conhecida em Bordeaux, em 1860. Um ano mais tarde, alguns grupos espíritas começaram a se formar e se reunir regularmente, graças à iniciativa que tomaram alguns homens dedicados, entre os quais citaremos o Sr. Emile Sabò, atualmente membro honorário de nossa Sociedade, que, tomando a direção do grupo principal, ao qual deu o nome de Sociedade Espírita de Bordeaux, contribuiu poderosamente para o estabelecimento, em nossa cidade, dessa escola filosófica que veio preencher tão numerosas e tão grandes lacunas.

“O terreno parecia preparado para receber a semente espírita que germinou logo e deu grandes frutos. O espiritismo se espalhou com uma rapidez surpreendente e, num tempo relativamente bem curto, juntou numerosos adeptos. Infelizmente essa marcha não foi ascendente por muito tempo. Estava, sem dúvida, nos desígnios da Providência que assim fosse, pois nada na harmonia universal se faz por saltos, e sabemos, por experiência, que o progresso, que é da lei divina, se produz lentamente e em seu tempo, sem que seja dado ao homem adiantá-lo à sua vontade.

“Era necessária então, como hoje ainda, uma grande dose de coragem para se declarar espírita. Se nos cobrimos de ridículo, o sarcasmo e a injúria não nos têm sido poupados e temos todos tido, mais ou menos, que sofrer por nossas crenças. Não é, então, muito extraordinário ter visto alguns de nossos irmãos sacrificar suas convicções, uns, por algo que concordamos chamar de respeito humano, que deveríamos pisar aos pés, outros por seus interesses materiais que, diga-se o que se disser, desempenham um grande papel na vida deste mundo; outros ainda por outras considerações que não devemos e nem queremos aqui apreciar. Não temos que julgá-los e menos ainda que censurá-los, porque cada homem tem sua consciência por juiz, e, se alguma coisa é sagrada para um espírita, é a consciência de outrem.

“E depois, por que não dizê-lo?, muitas pessoas eram atraídas, então, pela curiosidade, pelo desejo de assistir à produção de fenômenos estranhos ou novos; e, ao se encontrarem diante de uma doutrina filosófica que tem por base o amor a Deus e ao próximo, que faz compreender a necessidade de despir o homem velho e de trilhar corajosamente a vereda da virtude, se detiveram na rota, não ousando ou não podendo arrostar os perigos da luta que se oferecia a seus olhos. Então, não nos iludamos, senhores e caros irmãos, muitos dos que crêm na comunicação dos Espíritos com os encarnados não são ainda espíritas. Para se tornar, será necessário que se desembaracem de certa bagagem que consideram indispensável à sua felicidade terrestre. Eles voltarão em tempos melhores.

“Para nós, é verdadeiramente espírita aquele que não somente crê nas manifestações, mas ainda se esforça para pôr em prática as instruções que nos são dadas e, por conseqüência, procura se tornar melhor, despindo-se o mais possível dos defeitos que o têm seguido aqui embaixo.

“E, além do mais, como o espiritismo se espalhou ao mesmo tempo em todas as classes da Sociedade, tendo trazido para si homens pertencentes a todas as opiniões, a todos os sistemas, diferindo entre si em costumes e hábitos, os primeiros grupos que se formariam eram forçosamente compostos de elementos heterogêneos que o tempo devia pouco a pouco dispersar. Aqui, era o mais obcecado misticismo ao lado do racionalismo levado ao excesso; ali, era o fanatismo carola e intolerante que vinha se chocar com o liberalismo declarado alto e bom-som; noutra parte eram questões de pessoas, de castas, de predominância, ou, então, das diferenças de caracteres ou de educação de tal maneira confessados que a harmonia se tornava impossível. Por isso viu-se logo a desunião passar primeiro de homem para homem e, em seguida, de grupo para grupo, até que as opiniões extremas foram retiradas, a calma pareceu renascer após a

tempestade e permitiu às sobras de todas essas lutas reunir-se de novo e retomar a obra por um instante interrompida.

“Mas, entre as causas que são as que mais levaram a essa espécie de debate geral, não posso impedir-me de apontar sobretudo o misticismo, cujos golpes os espíritas não poderiam muito evitar; o misticismo que devia naturalmente assenhorear-se de homens sem experiência, entregues a si mesmos, no meio dos escolhos inumeráveis que o espiritismo nos oferece a cada passo, sobretudo nas evocações particulares que têm, entretanto, tantos atrativos, sobretudo para os neófitos.

“A Sociedade Espírita de Bordeaux, que o Sr. Sabò fundara, como os outros grupos espíritas, mais que os outros, talvez, foi vítima dessas dissensões intestinas que acabamos de assinalar, e seu fundador se viu mesmo obrigado a se retirar, não encontrando entre aqueles de nossos irmãos que a compunham então, a simpatia que lhe era tão necessária. Ela viveu assim penosamente durante perto de quatro anos, e viu três presidentes sucumbirem na luta. Seus membros se retiravam uns após os outros, e foi necessária toda a energia de alguns espíritas sinceros e dedicados para continuar a ficar em evidência. Foi necessário pagar com sua pessoa e com sua bolsa para se manter, e podemos mesmo dizer que a Sociedade viveu durante muito tempo de seu antigo prestígio, porque ela chegava, em 1865 e no começo de 1866, ao número fatal de 13 membros. Ela estava atrofiada, sentia-se morrer de atonia.

“Nesse momento de fraqueza, alguns de nossos irmãos, entre os quais é de nosso dever citar o irmão Bez, propuseram tentar um esforço supremo de reunir num banquete o maior número possível de espíritas. Essa proposta foi aceita, e decidiu-se que esse banquete, que devia servir de traço de união para os espíritas bordelenses, aconteceria no dia 20 de maio, dia de Pentecostes.

“Esse foi um verdadeiro congresso. Trinta espíritas assistiam a ele. *Trinta espíritas!* era, na circunstância, um número fabuloso! Discursos calorosos foram pronunciados, brindes foram feitos; cada um, esquecendo o passado, se deu o abraço da mais sincera amizade; os laços fraternos foram estreitados e, durante a sessão, foi elaborado um projeto de reorganização para formar, com as sobras de todas as Sociedades, uma Sociedade nova.

“Uma lista foi aberta durante vinte dias; 40 membros requereram inscrição.

“Duas reuniões bastaram para concluir os estatutos, nomear os funcionários e os membros honorários.

“Eis aí, Senhores e caros irmãos, a Sociedade atual em seu início, isto é, no dia 7 de junho de 1866, dia da sessão de inauguração.

“Hoje, 15 de dezembro, contamos 63 membros ativos; é um aumento de 23 membros no espaço de sete meses.

“Devo ressaltar, todavia, que, entre os 40 membros que se fizeram inscrever, 5 nunca fizeram ato de presença entre nós, e nunca depositaram o montante de suas cotas. Creio, então, que é racional não mais contar com eles e determinar definitivamente nosso efetivo real no número de 58.

“Devemos felicitar-nos por ter em tão pouco tempo obtido um resultado semelhante, enquanto que, a julgar pelos precedentes, tudo parecia fazer-nos temer que uma Sociedade com numerosos membros não pudesse ainda existir. Provamos o contrário, e a cordialidade e a homogeneidade que reinam entre nós me dão a certeza de que, não somente nossas fileiras serão em pouco tempo muito sensivelmente aumentadas, mas também de que a Sociedade Espírita de Bordeaux, despida que é de toda autocracia e de todo misticismo, fará escola, se continuar a seguir a marcha que traçou para si; isto é, se ela permite que todas as opiniões sérias se produzam e se discutam lealmente, se ela pratica sempre os grandes princípios de tolerância e caridade para todos e para com todos que são a base de todo edifício filosófico durável; enfim, se ela continua a permitir aos seus membros que sentem sua força, desenvolver, em conversações familiares, no começo de cada sessão, os grandes princípios sobre os quais repousam nossa doutrina, princípios que muitos só combatem porque os desconhecem.

“São, aliás, essas conversações familiares que atraíram até aqui numerosos ouvintes estranhos à Sociedade. Certamente, não tenho a pretensão de crer que todos os nossos ouvintes venham a nós para se instruir; muitos, sem dúvida, vêm para procurar nos apanhar em falta. É seu trabalho. O nosso, para nós, é difundir o espiritismo nas massas, e a experiência nos provou que o melhor meio de fazê-lo, após a colocação em prática da sublime moral que dele decorre, e as comunicações dos Espíritos, é pela palavra.

“Seja como for, constato um fato que, para mim é de muito bom augúrio: é que o número de ouvintes aumenta tão sensivelmente que a exigüidade do local, que pode, entretanto, conter facilmente 70 pessoas, é notória, e que, há mais de um mês, estamos à procura de uma sala mais ampla.

“Desde que nos constituímos, temos duas sessões por semana, uma a mais do que têm geralmente as outras Sociedades. Podemos dizer que temos vivido duplamente, já que temos feito, num mesmo lapso de tempo, uma dupla tarefa.

“Essa dupla tarefa nos foi imposta pela dupla necessidade de dedicar uma sessão particular (a de quinta-feira) aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças que eles ocasionam, e de reservar outra sessão (a de sábado) aos estudos científicos.

Acrescentarei, para justificar nossas sessões de quinta-feira, que temos a felicidade de possuir entre nós um médium curador, de faculdades bem desenvolvidas, e, como por sua caridade, sua modéstia e seu desinteresse, é também conhecido fora do seio de nossa Sociedade, os doentes não lhe faltam.

“Há, além disso, em Bordeaux, muitos casos de obsessão, e uma sessão por semana especialmente dedicada à evocação e à moralização dos obsessores está longe de ser suficiente, já que o médium curador, acompanhado de um médium escrevente [psicógrafo], de um evocador e muitas vezes de alguns de nossos irmãos, vão ao domicílio dos doentes a fim de reter a atenção dos obsessores e alcançar o objetivo mais facilmente.

“Ao médium curador veio juntar-se um de nossos irmãos, magnetizador de uma grande força e de uma dedicação a toda prova que, ajudado também pelos bons Espíritos, substituiu o primeiro, de tal modo que podemos dizer que a sociedade possui dois médiuns curadores, ainda que em graus diferentes.

“Se quisesse detalhar-lhe aqui todas as curas que eles fizeram e as circunstâncias nas quais elas se produziram, ser-me-ia preciso escrever um volume. Assim, limitar-me-ei a algumas.

“1º. Srta. Z... T...

“Essa criança, que ainda não tem nove anos, foi acometida desde a mais tenra idade (doze ou quinze meses) de ataques epiléticos que chegavam a se produzir até duas vezes por semana. Seus pais, após terem feito tudo o que era humanamente possível fazer, sem outro resultado que o de gastar muito dinheiro decidiram, enfim, no começo de 1865, se dirigir aos espíritas. As informações foram pedidas aos nossos guias e soubemos que a Srta. Z... estava *obsidiada* por um certo Espírito, de nome Simon que, com o tempo, levava uma perturbação muito grande ao organismo dessa criança.

“Pela evocação, pela prece e pelos passes fluídicos, a obsessão cessou, mas as crises, consequência da obsessão, continuaram a se produzir, conservando contudo intervalos cada vez mais longos. Houve mesmo uma intermitência de cinco meses; mas sabíamos que a cura não estava completa e não fomos surpreendidos quando, ultimamente, dois ou três sintomas de crises se manifestaram sucessivamente. Nossos guias, consultados a esse respeito, nos disseram que era o resto dos fluidos impuros dos quais a criança tinha sido por tanto tempo impregnada que se esvaíam, e que podíamos considerar essas fracas crises os primeiros sintomas de uma cura radical.

“2º. Srta. A..., 12 anos de idade.

“Essa menina, órfã, a cargo de pais muito pobres, nos foi apresentada num estado lastimável. Todo o seu corpo estava exposto

a movimentos convulsivos, seu rosto sempre contraído fazia caretas horríveis; seus braços e pernas eram constantemente agitados, a ponto de gastar os lençóis de seu leito pelo espaço de oito dias. Suas mãos que não podiam pegar o menor objeto giravam sem cessar ao redor dos pulsos. Enfim, em consequência de sua doença, sua língua tornava-se de uma espessura extrema a que se seguia o mais completo mutismo.

“À primeira vista compreendemos que aí também havia uma obsessão e, como nossos guias nos confirmaram essa opinião, agimos em consequência.

“Pelo parecer de um médico, que se achava incógnito na casa da doente a quem fazíamos sujeitar-se a um tratamento fluídico, a doença devia traduzir-se *dentro de três dias*, na dança de São Guido e, em vista do estado de fraqueza no qual se encontrava a doente, e matá-la impiedosamente no mais tardar em oito dias.

“Não detalharei aqui os inumeráveis incidentes nos quais aconteceu a cura. Não falarei dos obstáculos de todas as espécies, amontoados sob nossos passos pelas influências contrárias e que deveríamos superar; esse relato seria muito mais longo do que comporta o quadro muito restrito deste relatório, e, ademais, deixamos ao nosso honorável vice-presidente, o irmão Bez, o cuidado de fazer dele, como no-lo prometera, o objeto de um artigo especial que publicará no *Union Spirite*. Direi somente que dois meses após nossa entrevista com o médium, a menina falava com os senhores e comigo, usava as mãos, ia à escola e estava perfeitamente curada.

“Os senhores viram nesta sala, e nobremente completaram, pela caridade material, a obra que a caridade moral tão bem.começara.

“3º. Sra. B...

“A Sra. B... tem quarenta e sete anos. Há dois anos, ela se acreditava tísica; tinha, além disso, sufocações e não podia nem comer, nem dormir. Em certas horas do dia, sofria crises de que não se dava conta real; logo era obrigada a correr a toda pressa ao seu quarto, acreditando voar, porque seus pés apenas tocavam levemente o solo; logo subia, contra a vontade sobre os móveis e sobre as janelas. Essas corridas rápidas e essa subidas eram mormente inexplicáveis para ela e, para os seus, fora desses momentos de crise, seu corpo parecia ser cortado em dois, a cabeça caindo sobre o peito, e as duas mãos fortemente apoiadas sobre os joelhos formando um arcobotante para que o torso não dobrasse sobre as pernas, tendo o ventre por eixo.

“Esta mulher, que estava obsidiada por um Espírito de nome Thomas sobre o qual o exorcismo não tinha produzido mais efeito do que sobre Alphonse, o obsessor da pequena A..., foi curada pelo

médium no espaço de dois meses mais ou menos, quando quatro médicos sucessivamente a tinham abandonado.

“4º. O Sr. A...

“O Sr. A... é remendão. Tem trinta e sete anos. Com uma constituição hercúlea, pai de cinco filhos cujo primogênito fez sua primeira comunhão este ano, era o único sustento dessa família numerosa, quando, há dois anos, foi posto na impossibilidade absoluta de trabalhar. Permaneceu dezenove meses preso em seu quarto, enfrentando sofrimentos atrozes que nenhum médico conseguia acalmar. Tinha uma opressão pulmonar que incomodava muito sua respiração; o peito, o rosto e as pernas estavam consideravelmente inchados. Não podia permanecer nem sentado, nem deitado. Passou dezenove meses de pé ou sentado numa cadeira, com o peito apoiado numa grande caixa colocada para esse fim no meio do quarto. Em seus sofrimentos, parecia-lhe que lhe arrancavam o coração.

“Aí também, havia obsessão material, e foi empregado o mesmo duplo tratamento dado aos dois doentes acima citados. Dois meses foram suficientes para pôr fim a todos esses sofrimentos e os senhores foram postos em condições de constatar a cura, porque A... aproveitou seus primeiros dias de saída para vir às nossas sessões.

“Faltaria entretanto à verdade, se não acrescentasse que, há oito ou dez dias, A... veio a recair em seus antigos sofrimentos.

“O médium curador, sempre infatigável, voltou de novo para junto dele, e tudo nos faz esperar que dessa vez seus generosos esforços serão coroados de sucesso.

“5º. Srta. L...

“Essa senhorita, que mora na aldeia de Lurbe (Basses-Pyrénées), foi notada por suas excentricidades por um de nossos irmãos, em veraneio nesse pequeno lugar. Ela imitava o canto de certos pássaros e de animais domésticos e isso, apesar de sua vontade. Nosso irmão que, ademais, é muito bom médium escrevente [psicógrafo] que se ocupa utilmente e sem cautela das evocações sempre fatigantes e muitas vezes muito desagradáveis dos Espíritos obsessores, não teve dificuldade de constatar todos os caracteres da obsessão nessa menina.

“Voltando a Bordeaux, deu-nos conta de suas observações e, segundo nosso hábito, pedimos informações aos nossos guias. Foi-nos respondido que havia obsessão completa e que se podia remediar o problema sem fazer vir a obsidiada a Bordeaux, o que teria apresentado dificuldades insuperáveis. Segundo seus conselhos, evocamos o Espírito obsessor e estabelecemos, com o concurso dos bons Espíritos entre nós e o obsidiado, um cordão fluídico por meio do qual o médium curador operava sobre esta última. Os fluidos

que ele emitia, lançados sobre o médium escrevente [psicógrafo], absorvidos de início pelo obsessor, chegavam ao obsidiado, deslizando sobre o cordão fluídico exatamente como o fluido elétrico desliza sobre o fio telegráfico.

“Contar-lhes aqui todas as angústias do obsessor que, evocado em Bordeaux, às oito horas da noite, e submetido a essa ação fluídica, que o ofuscara a tal ponto que, quando desejara retornar ao seu posto, se perdera a caminho por causa do nevoeiro, dizia ele, e não pudera retornar a ele (é assim que designava sua vítima) senão no dia seguinte à tarde, seria certamente bem interessante, ao mesmo tempo que muito instrutivo, mas é-me preciso ainda passar por cima desses detalhes que não são essenciais para esse relatório.

“Imaginem um Espírito que, levado por seus guias, nos chega mais rápido que um relâmpago e que depois de ter contado bravata enquanto era repreendido, não ousa mais deixar-nos porque, disse ele, se perdeu e não sabia mais para que lado ir.

“Esse obstáculo parecer-lhe-ia com razão impossível para um Espírito avançado, mas não para um Espírito tão impuro quanto pode ser um Espírito obsessor.

“Graças a esse tratamento, embora tenha sido feito à distância, a cura não demorou, e a Srta. L... foi curada em menos de dois meses.

“6°. O Sr. S...

“O irmão S..., atualmente membro titular de nossa Sociedade, esteve também durante muito tempo e antes de ser espírita, sob a influência de uma obsessão que poderia ter terríveis conseqüências. Compreendam, senhores, que não insisto aqui nos fatos que são, aliás, conhecidos pela maioria; ser-me-á suficiente dizer-lhes que um distinto doutor tinha liberado para nosso irmão os certificados necessários para torná-lo aceito numa casa de alienados, e que sua presença entre nós é uma marca certa de sua completa cura. Permitam-me notar a esse respeito, que longe de povoar as casas de alienados, como tem dito tão freqüentemente uma crítica tão ignorante quanto mal-intencionada a nosso ver, o espiritismo bem compreendido e bem aplicado é o melhor remédio contra a loucura. Possam os resultados brilhantes obtidos de todas as partes desenganar enfim os olhos da ciência! A humanidade então seria liberada de uma das mais profundas chagas que a consomem no coração.

“7°. Sra. C...

“Essa jovem senhora, tão sensível ao magnetismo espiritual e que quer muito nos ajudar com suas faculdades medianímicas, ficou gravemente doente. O seu sistema nervoso estava excessivamente irritável e ela se tornara de uma fraqueza tal que o menor trabalho de agulha lhe era impossível. Os passes

magnéticos, feitos pelo magnetizador do qual falamos mais acima, foram suficientes para renovar suas forças e lhe restituir a saúde em muito pouco tempo.

“8º. Sr. B...

“O Sr. B... tem cinqüenta e três anos. Havia muito tempo sofria horrivelmente de uma retenção urinária. Três meses de tratamento magnético, operado duas vezes por semana, foram suficientes, para não mais precisar do emprego de sondas, e também para fazer desaparecer todo sinal dessa tão cruel afecção.

“9º. Sra. C...

“A Sra. C... tem cinqüenta e sete anos. Há cerca de dez anos suporta sofrimentos contra os quais fracassavam todos os recursos da arte médica. A doente ia de mal a pior e, por último, não podia se mover sem sentir dores atrozes. Os médicos que a assistiram, depois de terem declarado sua doença incurável, vão vê-la hoje a fim de explicar no interesse da ciência como se pôde curá-la. Por que então insistem em fazer uma guerra encarniçada contra o magnetismo, o que força os parentes da doente a guardar ao pé deles o segredo do remédio empregado, com medo de que os fluidos contrários venham senão paralisar, ao menos combater os fluidos do magnetizador e impedir assim que se complete a cura?

“Paro aqui, senhores, para não cansar sua atenção por mais tempo, o relato das curas materiais obtidas aos seus olhos, não considerando as que foram realizadas anteriormente, muito numerosas. Abstenho-me, também, de falar-lhes daquelas nas quais trabalhamos atualmente e das quais lhes será prestada conta, sem dúvida, no fim do ano que vamos começar. Mas não posso impedir-me de passar de novo aos seus olhos os grandes ensinamentos que são por nós tirados das sessões consagradas aos Espíritos obsessores.

“Eis aqui os principais:

“Para agir eficazmente sobre um obsessor, é necessário que aqueles que o repreendem e o combatem pelos fluidos, valham mais que ele. Isto se compreende tanto mais que a força dos fluidos está em relação direta com o avanço moral daquele que os emite. Um Espírito impuro chamado numa reunião de homens morais não está lá por sua vontade; compreende sua inferioridade e, se tenta bravatear o evocador como acontece algumas vezes, sendo persuadido, abandonará logo esse papel, sobretudo se as pessoas que compõem o grupo em que ele se comunica se unem ao evocador pela vontade e pela fé.

“Creio que ainda não compreendemos bem tudo o que podemos sobre os Espíritos impuros, ou melhor, não sabemos ainda nos servir dos tesouros que Deus pôs em nossas mãos.

“Para não citar senão um exemplo do que podemos, vou lembrar um fato que se produziu na presença dos senhores:

“Um Espírito obsessor que hoje está melhorando, persistindo em torturar um encarnado, foi ameaçado por mim várias vezes de ser arrancado à força de sua vítima, se não a abandonasse de boa vontade. De início acreditara no que lhe dizíamos e prometera se retirar; mas como não colocava em execução sua promessa, fiz-lhe notar que se ele não parasse desde já, seríamos obrigados a prendê-lo na sala de nossas reuniões, onde então se encontrava. Ele bancou o fanfarrão, dizendo que, desde o momento em que o ameaçávamos, teríamos posto nossas ameaças em prática se pudéssemos. Com uma resposta semelhante, acreditei dever prendê-lo por vinte e quatro horas a fim de lhe provar que não agíamos por intimidação e que podíamos fazer o que dizíamos. A detenção foi observada e a doente passou uma noite melhor e, no dia seguinte, teve um bom dia; mas ele chegou após a detenção; o obsessor, encontrando-se livre, voltou com mais encarnicamento sobre sua vítima; houve uma luta terrível, e a vitória ficou com o mais forte, isto é, com o obsessor. Foi isso, ao menos, o que nos foi dito por nossos guias que, não censurando a intenção que nos tinha feito agir, nos fizeram compreender que não é aprisionando os homens que se pode melhorá-los, mas moralizando-os.

“Sabemos ainda que uma descarga fluídica feita sobre um obsidiado por vários espíritos, no meio da corrente magnética, pode romper o laço fluídico que o religa ao obsessor e se tornar para este último um remédio moral muito eficaz, provando-lhe sua impotência.

“Sabemos, igualmente, que todo encarnado, animado do desejo de aliviar seu semelhante, agindo com fé, pode, por meio de passes fluídicos, senão curar, ao menos aliviar sensivelmente um doente.

“Termino com as sessões de quinta-feira, fazendo notar que nenhum Espírito obsessor permaneceu rebelde. Todos aqueles dos quais nós nos ocupamos terminaram por reconhecer suas injustiças, abandonaram suas vítimas e entraram numa via melhor.

“Creio dever, para o entendimento do assunto que acabo de tratar, definir, tanto quanto o conhecemos, os princípios dos fluidos e sua influência sobre a matéria.

“Nada na natureza pode existir sem fluidos; os fluidos são, então, o único elemento pelo qual tudo vive, se agita, cresce, se desenvolve, declina, se deteriora, morre, se decompõe, para nascer de novo sob uma forma sempre mais purificada e sempre mais graciosa.

“Estudar os fluidos é levar a mão até ao fundo dos mais obscuros mistérios da criação.

“Como há uma causa primeira, causa inteligente por excelência à qual tudo o que é deve sê-lo, da mesma maneira também há um

princípio material primeiro e único, causa material por excelência da qual tudo o que existe, fora da causa inteligente, tira os átomos materiais que formam a matéria. Esse princípio material de que são formados todos os corpos que enchem os mundos é o *fluido universal*.

“O fluido universal, que nossos sábios ainda não descobriram, porque ele escapa à imperfeição de nossos instrumentos de química, sob a mão todo-poderosa de Deus e dos Espíritos ultra-superiores, encarregados de sua manipulação, se subdivide numa infinidade de fluidos, distintos uns dos outros por sua densidade, por sua afinidade, por suas propriedades diversas. Tais são o fluido magnético, o fluido elétrico, o fluido medianímico, o calórico que não é também outra coisa senão um fluido, o fluido imã e uma multidão de outros cujos efeitos se produzem sem cessar sob nossos olhos, sem que nos apercebamos disso. E da combinação de todos esses fluidos entre si, de suas misturas, de sua atração, de sua repulsão uns pelos outros, são formados todos os corpos materiais que nossos olhos vêem, que nossas mãos tocam, que nosso ouvido percebe, que nosso olfato pode sentir, que nosso gosto pode saborear.

“Os corpos perispiríticos não são também senão compostos desses fluidos, combinados entre si nas proporções diversas, dos quais só conhece a lei o mestre da criação.

“Assim, então, um só corpo simples do qual são formados todos os corpos; e quando será dado ao homem manipular os fluidos, como o fazem as inteligências celestes, a transmutação dos metais não será mais que um jogo para sua inteligência.

“Já que os Espíritos são os grandes manipuladores dos fluidos, é fácil compreender o que eles podem sobre nossos corpos, seja para sua regeneração seja para sua destruição. Atuando pela análise e pela síntese, exatamente como faríamos num laboratório de química, eles operam as combinações fluídicas próprias para curar as diversas doenças da matéria.

“Passo às curas morais que temos feito e que ninguém aqui pode avaliar nem mesmo aproximadamente.

“Essas curas se obtêm nas sessões do sábado, reservadas exclusivamente ao estudo das leis divinas e ao desenvolvimento dos sublimes princípios de moral que são a pedra angular de nossa doutrina.

“Essas sessões são abertas, como já sabem, com uma palestra feita por um membro da Sociedade sobre um assunto espírita, e terminadas com um resumo sucinto que o Presidente faz.

“Na palestra, toda liberdade de linguagem é deixada ao orador, desde que, contudo, ele não saia do quadro traçado por nosso regulamento. Ele considera, em seu ponto de vista pessoal, os

diversos assuntos de que trata; desenvolve-os como entende e deles tira as conseqüências que julga convenientes; tudo sem comprometer a responsabilidade da Sociedade.

“No fim da sessão, o Presidente resume os trabalhos e, se não está de acordo com o orador, combate-o, fazendo notar ao auditório que, do mesmo modo que o antecessor, só compromete a própria responsabilidade, deixando a cada homem o uso de seu livre-arbítrio e o cuidado de julgar e de decidir em sua consciência de que lado está a verdade ou, ao menos, o que dela mais se aproxima; porque para mim, a verdade é Deus; quanto mais nos aproximarmos dele (o que não podemos fazer senão nos depurando e trabalhando em nosso progresso), mais verdades teremos.

“Em qualquer época em que se coloque, o homem não teve e não terá senão uma verdade relativa, isto é, ele só saberá o que suas faculdades lhe permitirão compreender, e nós sabemos que as faculdades do Espírito são infinitamente perfectíveis.

“Eis aí por que o espiritismo rejeita dogmas que confundam o pensamento, e eis por que também o espírita, longe de ser um alucinado e um louco é, ao contrário, um homem de progresso, porque sabe que, para chegar à perfeição (que não alcançará de maneira absoluta, porque o dia em que ele for perfeito, ele próprio será Deus), ele deve tudo conhecer e tudo saber. Ele sabe também que não aprenderá tudo num mesmo planeta e numa só existência. Ele não pode então, dentro de semelhantes condições, ter idéias preconcebidas e colocar uma barreira em seu pensamento e em suas crenças. Para nós, a verdade de hoje pode não ser a verdade de amanhã; se fosse de outro modo, seria preciso renunciar ao progresso e enterrar-se no cretinismo.

“Compreende-se agora por que os espíritas convencidos e sinceros não estão sempre de acordo sobre certos pontos de nossa doutrina. Longe de nos assustar com essas divergências de idéias, nós nos parabenizamos por elas. Isso nos prova que aqui, como em toda parte, não estamos todos igualmente avançados, e que, cada um tendo a consciência de si mesmo, não reconhece em outrem o direito de pensar por ele e de lhe impor suas idéias.

“Eis aqui alguns dos assuntos tratados pelos diversos oradores nas sessões de sábado:

“Relações entre o espiritismo e o cristianismo.– O espiritismo é uma religião? – O que é um espírita e o que deseja? – Fraternidade, caridade.– Do livre-arbítrio. – Deveres do espírita para com sua família, seus próximos e seus servidores. – A prece e sua eficácia. – Progresso ascensional da humanidade. – Do misticismo na prática do espiritismo. – Das evocações particulares. – Progressão do Espírito. – Dos Espíritos impuros e dos obsessores. – Dos anjos guardiães e do papel que desempenham junto aos encarnados. – Do

materialismo e de suas conseqüências. – O materialismo, o espiritualismo e o espiritismo comparados.

“Essas palestras produziram um duplo resultado: primeiro, o de desenvolver a idéia espírita e de aprender a pô-la em prática; em seguida, o de nos habituar à arte da palavra que possuímos geralmente tão pouco e que, entretanto, nos seria tão útil para explicar, numa linguagem digna dela, a doutrina que professamos.

“Não nos deixemos abater pelas dificuldades que encontramos em cada instante, e que provêm de nossa ignorância; não hesitemos em tomar a palavra, e nos assegurarmos que os esforços que o homem faz, com vistas ao bem de seus semelhantes, são sempre coroados de sucesso.

“Quanto às questões que foram postas por nossos guias, compreendam que me é impossível reproduzi-las aqui; limitar-me-ei a dizer que, com as respostas que nos foram dadas, poderíamos escrever um *Livro dos Espíritos* que não seria inútil.

“Vou tentar fazê-los conhecer, o mais sucintamente possível, os diversos ensinamentos que deles retiramos.

“De início, aprendemos a melhor nos conhecer e, por conseqüência, nós nos realçamos aos nossos olhos, tudo em nós se inclina mais diante da força, da justiça e da bondade de Deus, compenetrando-nos melhor nestas palavras do Mestre: *Muito será pedido àquele a quem terá sido dado muito.*

“Sabemos agora que o homem só depende de sua consciência, e que ela é o barômetro da alma; que ele é seu próprio juiz e que, por conseqüência, não se deve temer um Deus que não pune e não fere ninguém, mas, ao contrário, ama-o e adora-o em espírito e em verdade, e não por momices ridículas.

“O Espírito, posto na posse de seu livre-arbítrio, estando livre da matéria, é, tenho-o dito, seu próprio juiz. Não podendo mentir à sua consciência, vê as infrações que cometeu e, como chegar à perfeição é uma obrigação imposta por Deus, o Espírito, obedecendo à lei do progresso, impõe-se então, mas voluntariamente, a punição que comporta a falta da qual ele se tornou culpado, e que ele vem numa nova encarnação expiar e reparar. Daí a diversidade das posições em que nós nos encontramos colocados uns para com os outros, e cujo conjunto forma essa maravilhosa harmonia universal na qual cada homem é, ao mesmo tempo, ator e espectador.

“O Espírito pode, momentaneamente e por seu livre-arbítrio, recuar diante de tal ou tal punição; ademais, não tem ele a eternidade para chegar ao objetivo? Mas, em virtude da lei de talião, não pode escapar a essa punição, que ele se imporá quando se acreditar bastante forte para bem suportá-la. Ele se encerrará de novo na matéria, como num crisol no qual nos depuramos. É pelas provas

que ele se fortifica e se eleva. Assim, um espírita que muito sofre tem a força de suportar seus sofrimentos com resignação, porque sabe que, se sofre assim, é que tinha muito a expiar.

“A pena de talião não é, portanto, tão rigorosa quanto alguns espíritas parecem entender. Não é exatamente *dente por dente, olho por olho*; não, não se trata de fazer passar rigorosamente toda individualidade em cada uma das fases infelizes nas quais sua conduta terá mergulhado numa outra individualidade. Trata-se somente de fazer o culpado sentir as angústias que sua falta causou e isso, não como punição, não como vingança, não para o fixar num mundo inferior, mas para que ele consiga, nessas mesmas angústias, com a perfeita consciência das faltas que cometeu, a força de caminhar para frente; para que ele aprenda por sua experiência pessoal, e que, sabendo, aproveite o que sabe. E, se o Espírito se impõe essa lei de talião, é porque sente a necessidade disso, e o faz nas condições apropriadas às exigências de seu melhoramento e de seu avanço. O culpado, sendo assim o juiz, é que aplica a si a lei, e só o faz por saber o quanto a punição é necessária para seu bem.

“Independentemente das provas expiatórias que o Espírito se impõe, há as que são obrigatórias e a que nos devemos forçosamente submeter para chegar à perfeição: tais são a ignorância e a ciência, a miséria e a fortuna, a liberdade e a escravidão, os dois sexos, etc., etc.

“Eis aí, senhores e caros irmãos, uma exposição sumária bem incompleta do que aprendemos no espiritismo este ano, em nossa Sociedade. Resta-nos ainda muito a aprender. Trabalhem, então, com perseverança no estudo das leis divinas que são imutáveis, que existiram em todos os tempos e que existirão sempre.

“Nesse estudo, cada um tem o direito de a ele se entregar. É até mesmo o dever de cada um, porque Deus não deserda ninguém, do mesmo modo que não outorga privilégio a ninguém; o contrário seria incompatível com sua justiça.

“Embora tenhamos excelentes instrumentos para nossos estudos, compreendemos que o número deles se tornava insuficiente, sobretudo em face da extensão sempre crescente da Sociedade. A penúria de médiuns veio muitas vezes trazer obstáculos à marcha regular de nossos trabalhos e compreendemos que era necessário, tanto quanto possível, desenvolver as faculdades que dormem latentes na organização de muitos de nossos irmãos. É por isso que acabamos de decidir que uma sessão especial de experimentos medianímicos ocorreria no domingo, às duas horas da tarde, na sala de nossas reuniões. Acreditei dever convidar para ela, não somente nossos irmãos de crença, mas também os estranhos que desejassem se tornar úteis.

“Essas sessões já deram resultados que excederam nossa expectativa. Nela experimentamos a escrita, a tipologia, o

magnetismo. Várias faculdades muito diversas foram descobertas nelas e delas saíram dois sonâmbulos que parecem ser muito lúcidos.

“Também creio ser de meu dever convidar o Presidente, seja ele quem for, cujo nome sairá do escrutínio que agora vai se abrir, a manter as sessões do domingo que são chamadas, disso tenho a íntima convicção, a abrir os olhos de muitos incrédulos e a contribuir poderosamente para a propagação de uma doutrina que tantos inimigos diferentes buscam sufocar.

“Termino, senhores, endereçando a toda a Sociedade os meus agradecimentos e minhas felicitações pela dedicação que cada um trouxe no cumprimento da tarefa que lhe coube. Cada um fez seu dever; uns curando os doentes, outros empregando sem reservas as faculdades medianímicas de que a Providência os dotou, outros espalhando a verdade por discursos bem sentidos, todos, enfim, procurando instruir-se e esforçando-se para pôr em prática as sublimes máximas que nos ensinaram.

“Peço também aos membros da administração, meus colaboradores, que recebam os meus mais sinceros agradecimentos pelo concurso que me prestaram: confesso humildemente que, sem eles, minha tarefa, já bem pesada, teria estado acima de minhas forças.

“Sinto-me tão à vontade, senhores e caros irmãos, para exprimir minha gratidão, que obedeço à voz de minha consciência sem o menor temor de que essas palavras vão influenciar o voto, porque cada um sabe, aqui, que a confiança se inspira e não se demonstra”.

O Presidente, J. PEYRANNE.

Bordeaux, 15 de dezembro de 1866.

(L'Union Spirite, janeiro de 1867, pp. 42-58).

JEAN BAPTISTE
ROUSTAING
APÓSTOLO DO ESPIRITISMO

Sr. Roustaing, advogado distinto e, sobretudo, consciencioso, destinado a representar papel marcante nos fatos do Espiritismo.

Alphonse Bouché de Vitray, médico
(RS, FEB, novembro de 1861, p. 486).

I – MISSIONÁRIO DA FÉ

Uma era nova, de tempos em tempos, ilumina de ideal a Terra. É uma nova efusão do Espírito que realiza o grande arcano da transformação planetária. A Vida, no seu esforço de fixação da revelação, utiliza-se de uma técnica funcional padrão: um missionário maior é destacado para *descer* ao orbe com a augusta tarefa de ser o centro de irradiação da nova idéia. Este missionário, no seu maravilhoso esforço de fecundação e síntese da verdade, conta sempre com a cooperação de uma plêiade de auxiliares de sua obra, designados particularmente para coadjuvá-lo.

Assim foi com Moisés, o médium extraordinário que recebeu de sublimes emissários, no Sinai, *os dez mandamentos* que – segundo Emmanuel –¹, representam *a base de toda a justiça no mundo*. Entre seus auxiliares, encontramos grandes tarefeiros: Termutis,² Aarão, Zipora e Josué.

Na maior revelação de todos os tempos, o Cristianismo, o próprio Messias *desceu* às praias terráqueas acompanhado de sublimes mensageiros da Boa Nova, que o auxiliaram na sua obra insuperável, como informa o lúcido Emmanuel:

“As figuras de Simeão, Ana, Isabel, João Batista, José, bem como a personalidade sublimada de Maria, têm sido muitas vezes objeto de observações injustas e maliciosas; mas a realidade é que somente com o concurso daqueles mensageiros da Boa Nova, portadores de contribuição de fervor, crença e vida, poderia Jesus lançar na Terra os fundamentos da verdade inabalável” (*A caminho da luz*, p. 106).

No espiritismo, a terceira grande explosão das verdades eternas não poderia ser diferente. O missionário Allan Kardec, seu Codificador, também contaria com a colaboração imprescindível de enviados do Alto. O Espírito Humberto de Campos assinala os seus nomes e as tarefas desses jornalheiros da *última hora*:

¹ *A caminho da luz*, médium: Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1975, pp. 66-7.

² Princesa egípcia, segundo Flavio Josefo. O Espírito Bittencourt Sampaio revela e confirma: *Thermutis a bela princesa, filha de Faraó (De Jesus para as crianças*, médium: Frederico Pereira da Silva Junior. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, Rua da Assembléia, 96, 1901, p. 4).

“João-Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuará o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando, assim, na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com necessários complementos” (*Brasil coração do mundo, pátria do Evangelho*. Rio de Janeiro: FEB, 1974, p. 176).

Aqui falaremos sobre J.-B. Roustaing, o maior dos tarefeiros, depois Allan Kardec, a serviço da Codificação kardeciana. Ele foi o grande vulgarizador do espiritismo no sul da França, homem de bem, coração generoso, discípulo fervoroso de Allan Kardec, e instrumento de Deus na compilação, por convocação espiritual, da monumental obra mediúnica *Os quatro Evangelhos ou revelação da Revelação*.

A nossos irmãos, quaisquer que sejam, convidamos a percorrer conosco os passos luminosos da vida deste apóstolo da fé em Cristo Jesus, em sua árdua tarefa que objetiva este fim:

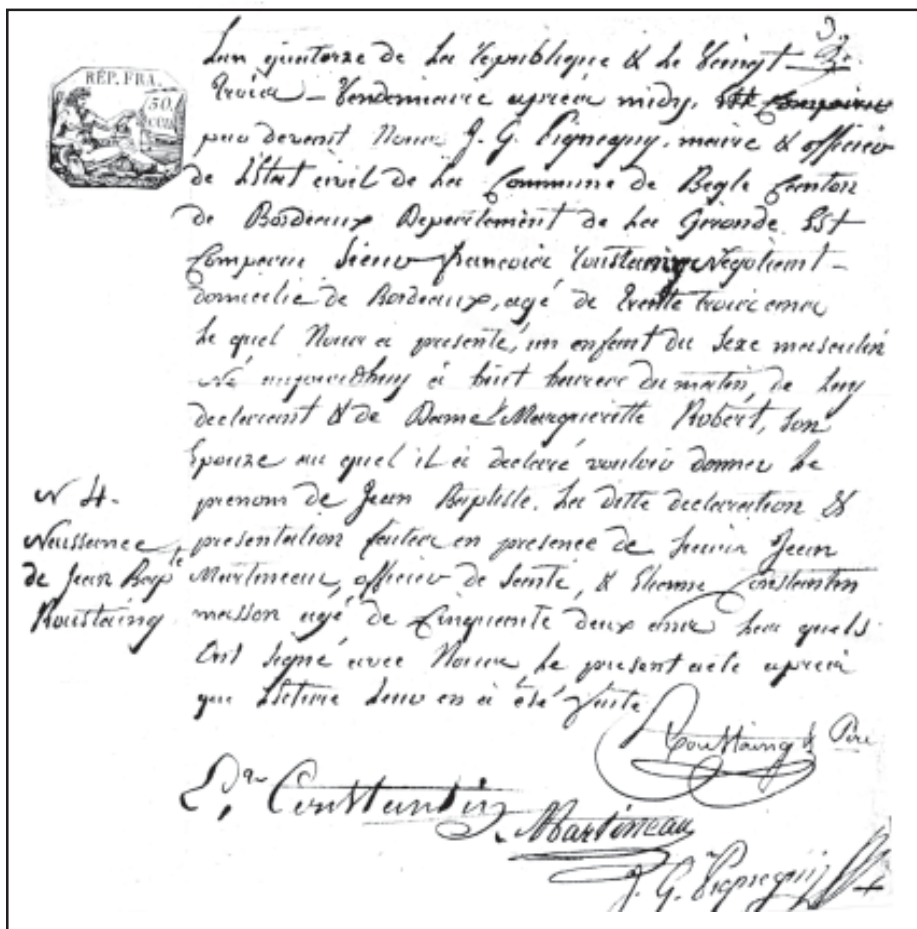
“A ventura da humanidade pela sua purificação” (QE, I, p. 67).

E preparar:

“A realização da unidade de crenças e a fraternidade humana pela efetivação das promessas do Mestre, e, enfim, o reino de Deus na Terra, iniciando-nos na lei da unidade e do amor” (QE, I, p. 67).

II – RENASCIMENTO DE UM APÓSTOLO DO ESPIRITISMO

Os arquivos da Ville de Bègles tiveram a gentileza de nos enviar uma cópia autenticada da certidão de nascimento do menino Jean-Baptiste Roustaing, em 5 de dezembro de 1996.



Certidão de Nascimento de J.-B. Roustaing

O texto do documento é o seguinte:

“No ano catorze da República e vinte e três do vindimário, à tarde, perante nós, J. G. Pignegny, prefeito (Maire) e oficial do Estado civil da comuna de Bègles, cantão de Bordeaux, departamento da Gironde, compareceu o Senhor François Roustaing, negociante, domiciliado em

Bordeaux, com a idade de trinta e três anos, o qual nos apresentou uma criança do sexo masculino nascida hoje, às oito horas da manhã, dele, declarante, e da Senhora Margueritte Robert, sua esposa, à qual ele declarou querer dar o prenome de Jean Baptiste. A dita declaração e apresentação é feita em presença do Senhor Jean Martineau, oficial da Saúde, e Elianne Constantin Masson, com a idade de cinqüenta e dois anos, os quais assinaram conosco o presente ato logo após a leitura lhes ter sido feita. – Roustaing Père, E. Constantin, J. Martineau, J.G. Pignegny”.

Hoje, com o avanço da informática, já existe um *software* elaborado por P. Capdeville, que transforma, automaticamente, as datas do calendário da Revolução para as do nosso calendário. O programa chama-se *Calendrier*, do qual obtivemos a versão 3.1.

O dia 23 do mês da vindima (colheita das uvas), no ano catorze da República, é transformado, então, no nosso 15 de outubro de 1805 (terça-feira). Foi com muita alegria que descobrimos, o que, até então, não se sabia, que Roustaing nasceu no mesmo mês do Codificador Allan Kardec, sobre a mesma regência astral que tem a *sua razão de ser*, – como ensina Emmanuel:

“O campo magnético e as conjunções dos planetas influenciam no complexo celular do homem físico, em sua formação orgânica e em seu nascimento na Terra; porém, a existência planetária é sinônima de luta...e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada homem sob a influência que merece” (*O consolador*, Médium: F. C. Xavier, FEB, 1976, perg. 140).

Pietro Ubaldi também vai pelo mesmo ensino:

“Também a hora, o dia, o mês, o ano, as constelações, diz-nos a astrologia, influem no destino de um homem. E seria absurdo negá-lo *a priori*, por simplismo ou ignorância materialista” (*História de um homem*. Campos: Ed. Fundápu, 1981, p. 54).

A certidão ainda informa que Jean Baptiste (sem hífen) nasceu às oito horas da manhã. Permita-nos, leitor amigo, apresentar as informações que fizemos dos *estudos astrológico e numerológico* do recém-nascido, os quais, dado o caráter desta obra, não iremos publicar na íntegra. Apenas informo que nos baseamos no trabalho do extraordinário pesquisador e sábio espírita Francisco Valdomiro Lorenz – *A sorte revelada pelo horóscopo cabalístico* (São Paulo: Ed. Pensamento) – evidentemente fazendo todas as conversões de latitudes para o cenário geográfico da Gironde.³ O

³ Ver *Tables des maisons* (Edition Aureas e St Michel, France, 1995).

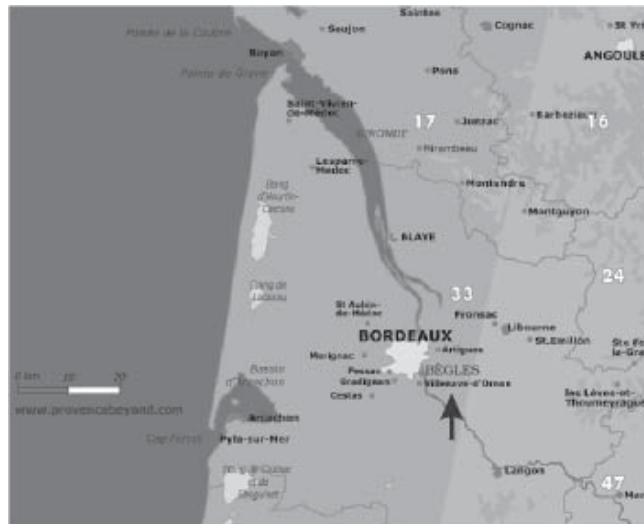
que encontramos de positivo, pois não é justo, como recomenda o Evangelho, divulgar as negatividades de ninguém, foi:

Influência Astral: agradável, diplomata, disciplinado, perseverante, decisões lentas mas equilibradas, líder, sabedoria e sociabilidade, geração ligada ao surgimento de religiões, ensino superior, habilidade nos negócios, êxito profissional, excelente círculo de amizades, atrações por temas filosóficos e místicos, sensibilidade, relação com o mundo através do saber.

Influência Numerológica: Sabe confiar em si e expressar suas opiniões, destinado a trabalhar duro e batalhar pela vida, necessidade de assumir suas responsabilidades, agir com independência, capacidade para dominar as suas emoções, habilidade para cuidar de seus negócios. 1805-1830: tempo difícil. 1831-1857: aprimoramento pessoal, família e casamento. Após 1858: Aperfeiçoamento pessoal.

No mesmo documento da certidão, encontramos igualmente a informação de que Roustaing nasceu em Bègles, vila integrada à comunidade de Bordeaux, ao sul, com 1080 hectares, e hoje com 23 mil habitantes, sendo 55% da população ativa, principalmente nos setores de serviços e comércio.

No registro, encontram-se também os nomes de seus pais: François Roustaing, com 33 anos, negociante domiciliado em Bordeaux e Margueritte Robert, sua esposa.



Em nossas pesquisas, não conseguimos descobrir o porquê de seus pais se encontrarem, na época do nascimento do menino, na ville de Bègles. Estaria lá a casa de algum parente (provavelmente

de sua mãe)? Segundo a *certidão de óbito* de Margueritte, ela era natural de Bordeaux (bem perto de Bègles). Seu pai, por sua vez, também segundo sua respectiva *certidão de óbito*, era natural de Targon, que fica bem mais ao sul da capital.

Descobrimos, também, que sua mãe era gêmea com Marie Robert, como informa o *registro de batismo*, realizado em 17 de agosto de 1778, e filha de Jean François Robert, *grande negociante*, e Marie Anne Rivière Dusigneau. O pai de Roustaing era filho do Sr. François Robert, proprietário, e da Sra. Marie Bichon.⁴

Então, não sabemos o motivo da estada dos pais de Roustaing em Bègles. O fato é que eles moravam em Bordeaux. Infelizmente, ainda não temos o endereço de sua residência, mas um outro documento pode nos revelar algo. É a *certidão de nascimento*⁵ de Joseph Adolphe Roustaing, irmão mais velho do nosso biografado, que nasceu no dia 6 de outubro de 1803, *na casa de seu pai*, François Roustaing, às onze horas da manhã, na *Porte de la Pont de Saint-Jean, nº 1*. Nada nos garante, no entanto, que, em 1805, quando do nascimento do nosso Roustaing, seus pais continuassem a residir neste endereço.



Rue de la Porte-Saint-Jean, nº 1. – abril de 1999

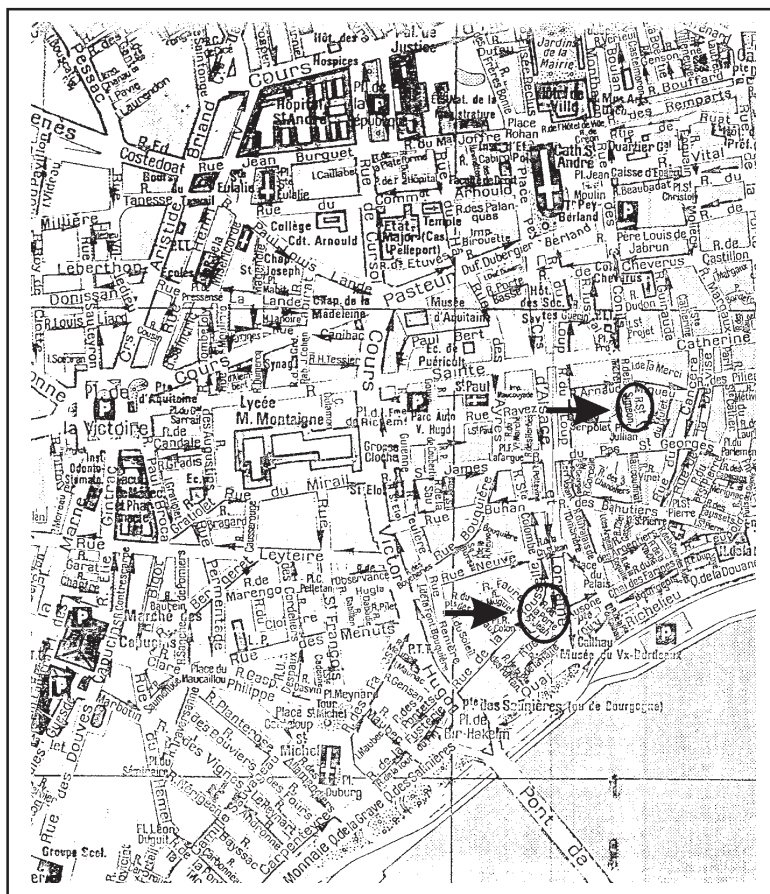
⁴ Essas últimas certidões nos foram enviadas pelo *Archives de Bordeaux* em 9 de outubro de 1998.

⁵ Esta *certidão* foi obtida nos *Arquivos Municipais de Bordeaux* pela amiga Ana Suely F. Ferreira, em sua visita à cidade, e nos foi encaminhada em 23 de setembro de 1991.

⁶ Ver *Jean-Baptiste Roustaing, o missionário da fé*, de Luciano do Anjos. Volta Redonda-RJ: Edição AEEV, 2002, p. 15. *Alfred* provavelmente é nome familiar. Ele não deixou filhos.

Aproveito para informar que o historiado teve mais dois irmãos:
Jeanne Mathilde Roustaing (1815-1898) – Não temos sua certidão de nascimento.

Alfred Roustaing – Ainda vivo em 1879⁶ – Não temos sua certidão de nascimento.



Rue Saint-Siméon (seta superior)⁷
Rue de la Porte Saint-Jean (seta inferior)
Abaixo se vê o rio Garonne

Em julho de 1995, um casal de amigos, ativos participantes da Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, visita a cidade de Bordeaux. Eles trouxeram interessantes fotos que valorizam o acervo desta pesquisa. Entre

⁷ Na cronologia desta biografia é um futuro endereço de Roustaing.

elas, destacamos duas que mostram a rua e a casa onde deve ter ocorrido a infância de nosso missionário de *Les quatre evangiles*. O jornal *O cristão espírita*, órgão de difusão dos princípios doutrinários, defendidos pela *Casa*, num furo de reportagem, na *edição especial* de dezembro de 1995, publicou algumas fotos desta casa e rua, pela primeira vez no Brasil.



Rue de la Porte-Saint-Jean e a casa do antigo nº 1
Na fotografia, vemos a Sra. Mari Assad, em foto de Roberto Assad.

Passemos a observar o nome Jean Baptiste. Já vimos que, na *certidão de nascimento*, ele se encontra sem o sinal diacrítico (-). O seu significado vem do hebraico e quer dizer:

João: YHWH *foi favorável*
Baptiste: *o mergulhador*

João foi o nome que o anjo determinou (Lc. 1: 13) a Zacarias, esposo de Isabel, colocar no seu anunciado filho, o qual seria o Precursor de Jesus. Baptiste não é nome próprio e, sim, a atividade ritualística com a qual João preparava o povo, pela purificação, símbolo da transformação mental, para a grande e esperada vinda do Cristo. Como João foi o preparador das veredas de Jesus, a obra revelada a Roustaing, *Os quatro Evangelhos*, também é preparatória, como esclarece o seu *compilador*:

“Fui levado a empreender e executar esta obra preparatória da revelação predita e prometida pelo Cristo, o Espírito da Verdade. Ela é apenas um intróito destinado a preparar a unidade de crença entre os homens” (QE, I, 57).

Há mais:

“Em 1861, J.-B. Roustaing foi espontaneamente escolhido para começar a obra teológica, cuja fase importante lhe coube **abrir** (mas que não **encerra**; ele diz abrir, não esqueçamos esta palavra)”. (QE, 1942, I, 96).⁸



Mapa da Grande Bordeaux
Seta de cima: Pont Saint-Jean
Seta do meio: Ville de Bègles
Seta de baixo: Ville de Talence

Com relação ao seu nome, o próprio Jean Baptiste Roustaing dá uma dica:

⁸ Os negritos são do original.

“Jean-Baptiste qui est le patron qui me fut donné à ma naissance”
(QE, I, 1ª impressão de 1866, p. XVI).

“João Batista, patrono que me foi dado por ocasião do meu nascimento” (QE, I, 65).

O Espírito de João Batista se revelou a Roustaing, primeiramente em 23 de junho de 1861, através de um médium que diariamente se achava em sua companhia. Veremos mais adiante esta comunicação espiritual.

Agora, analisemos seu nome de família, que o imortalizou: ROUSTAING. Mas, antes, apreciemos, com atenção, o ensino de Pietro Ubaldi:

“O verdadeiro nome do homem não é dado pelos registros sociais, mas pelo seu tipo, pelo seu destino, pelas suas obras” (*História de um homem*, p. 55).

O significado da palavra *Roustaing* vem do nome pessoal alemão *Hrodstain*, composto dos elementos: *hrod* = destaque e *stain* = pedra. Nas variações deste nome se incluem: Rostang, Rostand, Roustan e Rostain. A forma latina é *Rustanhdus*. Logo, ele traduz a noção de *pedra principal*, *pedra de destaque*, ou, ainda, *pedra gloriosa*.

Segundo *Os Evangelhos*, o Cristo é a *pedra que foi rejeitada pelos construtores e que veio a ser a principal pedra angular* (Mt. 21: 42). Sim, a mensagem que o Cristo veicula, a lei santa dos seus *Evangelhos*, é a *grande pedra de tropeço* (Mt. 16: 23) *rejeitada pelo mundo*.

No espiritismo, também, o *Evangelho* do Cristo é a *pedra principal*, como ensina o Espírito Ferdinand, nas páginas da *Revue Spirite*:

“O Espiritismo é a aplicação da moral evangélica pregada pelo Cristo em toda a sua pureza” (Médium: Sra. Cazemajour, RS, FEB, maio de 1861, p. 241).

Roustaing também tem, nos *Evangelhos*, toda a sua base, a sua obra é a própria mensagem de Jesus, em *espírito e verdade*, a *pedra de destaque* que não deve ser rejeitada:

“A obra que os bons Espíritos nos determinaram empreender, e que dirigiram, colima difundir a claridade por tudo quanto parecia treva e fazer ressaltar a verdade de tudo que era reputado por mentira, na grande obra da revelação messiânica realizada por Jesus e recolhida nos *Evangelhos*” (QE, I, 69).

Bezerra de Menezes é taxativo na defesa da relação entre Espiritismo e Evangelho:

“O Espiritismo... é como moral, o fac-símile da doutrina de Jesus... é a tradução, em espírito, e o complemento” (*O paiz*, 23 de outubro de 1887).

E, ainda:

“O Evangelho e o Espiritismo são obras do mesmo autor: Jesus-Cristo” (*Jornal do Brasil*, 27 de maio de 1895).

Solicito um pouco mais da atenção do leitor para o nome *Roustaing*. Convido-o a percorrer a história longínqua e de grande vulto desta destacada família da Gironde.

No dia 27 de fevereiro de 2000, o *Hotel de Ville de Talance*, simpática cidade, limítrofe de Bordeaux, ao sul, atendendo às nossas pesquisas, enviou-nos interessantes informações sobre as origens dos *Roustaing*: este nome pertence a duas das mais antigas famílias de Talance. Em seus arquivos se encontram textos que registram, no século XIII, a presença dos Roustaing, quando esta vila era uma simples floresta. A história assinala o vultoso Guillaume Roustaing, primeiro habitante de renome de Talance, que fora prefeito de Bordeaux, em 1229. Ainda nesta vila, temos até hoje dois destacados palácios, que pertenciam a estas duas famílias, um conhecido como a *Velha Torre* ou *Torre de Roustaing*, e outro chamado *Prince Noir*; todos importantes pontos turísticos da região, e que marcam a importância destas famílias, nos aspectos culturais, econômicos e políticos do local.



Tour Roustaing

Localizado na Avenue de la Vieille Tour
Foto cedida pelo *Cabinet du Maire*



Prince Noir

Localizado na Rue Roustaing
Foto cedida pelo *Cabinet du Maire*

A Ville de Talance, em justa homenagem, dedica o nome de uma de suas principais ruas a estas famílias como um todo, pela importância histórica que representam: *rue Roustaing*.



Rue Roustaing
Foto cedida pelo *Cabinet du Maire*

Esta nossa pesquisa na França tem rendido, além de tudo, grande conhecimento de pessoas inteligentes, dedicadas e sensatas. Um desses novos amigos é o renomado historiador Prof. Jean-Claude Drouin, antigo professor do Institut D'Histoire da Université de Bordeaux III e atual Vice-Président da Fédération Historique du Sud-Ouest – Maison des Sciences de L'Homme D'Aquitaine – MSHA. Numa carta datada de 28 de junho de 2000, o Prof. Drouin adita mais dados sobre os *Roustaing*. Fala ele de um Jean Roustaing, Sr. de Brama e cidadão de Bordeaux, que, em 1500, era Lugar-Tenente do Sr. Louis da La Trémoville. Este Sr. de Brama era proprietário do palácio *Prince Noir*.

O Prof. Drouin, solícito, já havia indicado, noutra correspondência, o endereço da pesquisadora sobre a história da região de Targon, Sra. Jeannine Guilhon, que, em 7 de fevereiro de 2000, acrescenta às nossas buscas o seguinte registro:

“No que concerne ao nome Roustaing, talvez o primeiro fosse ruivo! De qualquer forma, este nome já era bastante usual em Targon no século XV”.

O *primeiro*, acima, refere-se ao prefeito de Bordeaux, em 1229, Sr. Guillaume Roustaing, o pioneiro desta família em Talance. E o registro é, no mínimo, curioso, porque talvez nos aproxime um pouco do biótipo do nosso biografado, o *compilador de Os quatro Evangelhos*: seu ancestral era *ruivo*.

Chegamos, assim, a Targon, famosa região de vinhedos de escol, ao sul de Bordeaux. Vimos que o nome *Roustaing* já era bastante usual ali, no século XV. E, um tempo depois, em 1540, encontramos na mesma região o Sr. Louis Roustaing, lorde de *La Tour*, personalidade que inspira, atualmente, um vinho superior produzido em Targon e denominado, em sua homenagem, *Château Roustaing*. Tivemos o prazer, leitor amigo, de degustar, juntamente com o confrade Felipe Salomão, adepto da obra de Roustaing, da progressista cidade de Franca – SP, uma garrafa deste imponente vinho, aveludado, encorpado e de sabor intenso e prolongado. Bom! Muito bom! Evidentemente, bem distante daquele outro de Canaã.

Isto é relevante, pois, na segunda metade do século XIX, encontraremos o nosso J.-B. Roustaing produzindo excelente vinho, *blanc* e *rouge*. Mas isto se verá mais adiante.



Rótulo do vinho do *Château Roustaing*
Safrade 1981

Agora é hora de falarmos do cognome familiar *Saint-Omer*, dado a J.-B. Roustaing. Ele está presente em vários documentos oficiais⁹ recebidos de Bordeaux e onde aparece grafado de diferentes modos:

⁹ Falaremos sobre cada um destes documentos mais adiante.

- 1) Na *certidão de óbito* de Elizabeth Roustaing (08/11/1878), sua esposa:
Jean Baptiste St Omer Roustaing.
- 2) Na *certidão de óbito* (03/01/1879) de J.-B. Roustaing:
Jean-Baptiste Roustaing, en famille St Omer.
- 3) Discurso Sr. Battar – funeral de Roustaing (*Jornal de Bordeaux* – 06/1/1879):
Jean-Baptiste St-Omer Roustaing
- 4) Extrato da *certidão de óbito* de Roustaing, cedido pela prefeitura de Bordeaux (13/1/1879), para ser anexado ao 1º testamento:
Jean Baptiste Roustaing en famille St Omer
- 5) Relatório de abertura do 2º testamento de J.-B. Roustaing (14/1/1879):
Jean Baptiste Roustaing en famille St Omer
- 6) Relação dos corpos inumados – Ato de concessão do cemitério (04/1/1879):
Roustaing Omer Jn.

Cognomes são freqüentes, mesmo hoje, na cidade de Bordeaux. Até os cartórios os registram nos documentos oficiais. Muitos até sem fazer menção da expressão “em família”, ou outra semelhante, como pudemos ver na *certidão de óbito* da esposa de Roustaing, Sra. Elizabeth.

É pelo cognome que os íntimos (parentes e amigos) chamam uma pessoa, e não pelo seu prenome. Este cognome é escolhido bem depois do nascimento, e tem sempre um significado que caracteriza a personalidade em questão. Os principais motivos para a escolha de um cognome são:

- 1º) Sugestão por uma determinada afeição, em memória de alguma personalidade muito mimosa e/ou querida.
- 2º) Representação de alguém que caracteriza a personalidade em questão.
- 3º) Lembrança de uma propriedade da família.
- 4º) Homenagem a um santo de devoção particular.
- 5º) Outros motivos.

Quando afirmamos que o cognome é consignado *bem depois do nascimento*, apoiamo-nos nos documentos da época, que corroboram esta afirmação. Basta olharmos para a relação de documentos acima e veremos que são todos tardios, em relação à

data do nascimento de Roustaing (15/10/1805). Aliás, neste seu caso, todos estes documentos são de mais de 70 anos em relação à data do registro de nascimento.

Nada vemos sobre seu cognome no registro de seu nascimento (1805), de casamento (1850), nos documentos que registram suas aquisições imobiliárias (1853 e 1855), no seu 1º testamento (1861), nem em seus livros (1866 e 1882). E, por tudo isso, surge aqui a pergunta que não quer calar: por que Jean Baptiste Roustaing recebeu este cognome de *Saint-Omer*?

Vamos em busca de um possível motivo:

Iniciamos pelo mais óbvio, a lembrança do nome de algum imóvel. A propriedade de campo de Roustaing se chamava *Tribus*, não tendo absolutamente nada a ver com Saint-Omer. Adiante falaremos intensamente sobre a grande importância desta propriedade na vida do nosso historiado.

Há, ainda, a possibilidade de haver uma propriedade dele localizada numa região ou cidade chamada Saint-Omer. E, na França, existe uma cidade muito antiga com este nome. Ela está localizada no departamento de Pas-de-Calais, região mais ao norte do país. Escrevemos para a *Bibliothèque de Saint-Omer* e recebemos, em 16 de maio de 2000, minuciosas informações históricas sobre *La ville de Saint-Omer à travers les siècles*. Não há nenhuma informação que lembre Roustaing, nem lá se conhece o nosso personagem. Nos dois testamentos de Roustaing (1861 e 1878), não há nada que sugere que ele tivesse alguma propriedade nesta localidade.

Outra possibilidade seria a devoção pelo santo de nome Omer. Isto é também um terreno bastante impalpável. Há bons exemplos para se provar a falta de substância desta teoria. Em todas as suas obras (e mesmo nas notas de rodapé), artigos e notas para jornais e revistas espíritas, cartas (oficiais e íntimas), nada há que possa indicar esta devoção religiosa. Aliás, quando Roustaing pedira, numa prece, para que Deus permitisse que determinados Espíritos se manifestassem a ele, nada há sobre *Saint-Omer*:

“Na véspera do 24 de junho de 1861, eu rogara a Deus, no sigilo de uma prece fervorosa, que permitisse ao Espírito de João Batista, patrono que me foi dado por ocasião do meu nascimento, manifestar-se por um médium que se achava então em minha companhia com o qual me consagrava diariamente a trabalhos assíduos. Pedira também a graça da manifestação do Espírito de meu pai e do meu guia protetor.

“Essas manifestações se produziram espontaneamente (...).

O Espírito do apóstolo Pedro se manifestou a 30 de junho, de modo inesperado tanto para mim como para o médium” (QE, IV, 65).

Outra possibilidade que se pode considerar é a de que o *seu guia protetor* seria o próprio Saint-Omer. Mas, por que ele ocultaria essa informação? Aqui não cabe lembrar a virtude da humildade, pois ele cita os nomes dos Espíritos João Batista e Pedro. Ora, dadas as proporções de grandeza, pelo menos na ótica comum dos homens, e da popularidade dos santos, seria muito mais aceitável a citação do nome do Espírito Saint-Omer. Por isso descartamos, não só uma devoção de Roustaing por Saint-Omer, mas também a possibilidade de ele ter sido o seu *guia protetor*.

Outra hipótese que se pode aventar para a origem deste cognome seria a existência de semelhanças psicológicas entre os dois personagens: *Saint-Omer* e *Roustaing*. É pagar para ver!

Quem foi Saint-Omer?

Saint-Omer nasceu em Coutances, no departamento de Manche (Normandia), por volta do ano 595 d. C. e desencarnou em 9 de setembro de 670. Era filho único de pais nobres e ricos, Friulph e Domitilla. Seus pais tinham um único pensamento: a formação sólida do menino Omer para o sucesso no mundo e nas virtudes espirituais.

Jovem ainda, ele passa pela dor da partida de sua mãe deste mundo. Resolve, então, seguir a vida religiosa, convencendo também seu pai a vender tudo, distribuir seus bens aos pobres e seguir com ele o mesmo caminho. Vão para Luxeuil, perto de Besaçon (Haute-Saone), onde são recebidos no grande monastério local pelo Abade Saint Eustasius.

Omer se distingue pela humildade, obediência e devoção. Orientado por Eustasius, *estudou as escrituras, vindo a adquirir, nelas, uma proficiência notável*. Dentro de curto espaço de tempo, sua reputação de santidade já era bastante extensa. Após 20 anos de recolhimento e estudos em Luxeuil, foi nomeado, com o apoio do Rei Dagoberto, para ser o bispo de Théroutanne, perto da atual Saint-Omer. Esta diocese era estratégica, pois chegava a estender a sua influência por todo o Pas-de-Calais e a Flanders. Era uma região muito necessitada de evangelização. Dos seus habitantes a maior parte era de pagãos inamovíveis e, os seus poucos cristãos, dado o sarcasmo da maioria, estavam decididos a regressar às antigas crenças pagãs. O trabalho de Omer foi árduo. A sua escolha para bispo foi aplaudida por todos, nobres e religiosos, menos por ele mesmo, que imediatamente ao receber a notificação da nova missão, em 637, externou com veemência:

“Como é grande a diferença entre o porto seguro do meu atual modo de vida, tão calmo e doce, e a daquele oceano tempestuoso em que sou empurrado, de encontro a minha vontade, e destituído de experiência”.

Mas a obra era do Cristo e para o Cristo e com ele exerceria a sua tarefa. Com prazer e determinação se dedicou, então, totalmente. Dada a amplitude da missão, solicitou o concurso do seu antigo monastério, em Luxeuil, convocando os monges Mommolinus, Bertrand, e Bertin. Destruiu ídolos e templos pagãos e instruiu, pacientemente, o povo nas novas verdades do Cristianismo. Sua primeira resolução foi fortalecer a fé dos poucos cristãos que encontrou. Depois, com zelo, *caridade e eloqüentes palavras* de reconciliação, Omer soube atrair, também, gradativamente, os outros a Cristo. E, num espaço curto de tempo, sua diocese se transformou numa das mais florescentes da França.

Omer e seus discípulos cobriram literalmente de abadias todo o vasto território sob a jurisdição deles, verdadeiros centros de atividades missionárias. Em 654, fundou a abadia de São Pedro (atualmente Saint-Bertin) em Sithu, nos mesmos moldes pedagógicos de Luxeuil, que logo se caracterizou pela formação de homens instruídos e zelosos no trato. Mais tarde, erigiu uma igreja à Virgem, onde hoje fica a Catedral de Saint-Omer. É lá, dizem, que se encontram os seus despojos.

Decorridos cerca de trinta anos de atividades de evangelização em sua comunidade, já avançado em idade, ficou cego, mas, mesmo assim, não deixou de atender ao seu rebanho, que sempre fora abençoado por ele, recebendo inúmeras demonstrações da graça divina, as quais o vulgo chama de milagres. Ele mesmo, Omer, foi agraciado pela recuperação da visão, por um curto tempo.

Na arte sacra, Omer é retratado vestindo um traje episcopal esvoaçante, com significativos cachos de uvas pendentes. Aos seus pés, há um homem que caracteriza um convertido, salvo da ignorância do paganismo.

Ainda hoje é venerado em Saint Omer e Luxeuil.

Voltemos ao nosso J.-B. Roustaing.

O cognome de *Saint-Omer* era como os seus mais íntimos o chamavam. Como não encontramos este cognome em nenhum documento anterior ao ano de 1861, ano de sua conversão ao espiritismo, podemos supor que Roustaing só passou a ser assim identificado após esta época. Seus íntimos, à exceção de sua querida esposa, não o acompanhavam em suas caridades espíritas,

e seria muito improvável que fizessem uma correlação de sua personalidade, dedicada ao *estudo das escrituras, onde adquiriu uma proficiência notável*, com a mesma postura de Saint-Omer. Pensamos mesmo que esta hipótese é totalmente descartável.

Mas, então, onde estaria a origem do cognome *Saint-Omer*?

Entendemos que J.-B. Roustaing, em seus intensos contatos mediúnicos, e dada a sua missão de coadjuvante na Codificação conduzida por Allan Kardec, recebeu do Alto a revelação de ter sido, numa outra vida, a personalidade marcante de Saint-Omer. Compreendemos ser isto bem provável, não só pelos paralelos e continuidades entre as duas vidas, mas, acima de tudo, pela intuição e inspiração que nos chegaram, do sempre presente Espírito Bittencourt Sampaio. Mas, em se tratando de informações como estas, nunca se deve dizer a última palavra e nem tratá-las de modo absoluto. É somente mais *um caso que sugere reencarnação*, como diria nosso inesquecível amigo, o Dr. Hernani Guimarães Andrade.

Roustaing deve ter confidenciado a amigos e parentes suas pesquisas e revelações sobre o tema da reencarnação, como fizera em carta a Allan Kardec:

“Como sou feliz por conhecer e ter compreendido a *reencarnação*, com todo o seu alcance e todas a suas conseqüências, como realidade e não como alegoria. A reencarnação, esta sublime e equitativa justiça de Deus, como ainda ontem dizia o meu guia protetor, tão bela e consoladora, visto deixar a possibilidade de fazer, no dia seguinte, o que não podemos fazer na véspera” (RS, FEB, junho de 1861, p. 254).

E reparem que ele recebia informações do seu próprio *guia protetor*, que aqui, também, não tem revelado o seu nome. É bem provável que ele tenha confidenciado a seus próximos o caso particular da reencarnação de Saint-Omer, e isto deve ter sido suficiente para criar o cognome, muito sugestivo e surpreendente, de um personagem completamente fora dos nomes usuais, entre os Espíritos comunicantes nas origens do espiritismo, e mesmo nos dias de hoje (o que é mais uma prova). Ainda é bom lembrar que a popularidade deste santo é bem restrita e circunscrita às regiões mais ao nordeste da França, bem distantes de Bordeaux.

III – FASE INFANTO-JUVENIL DE JEAN BAPTISTE

O Sábio Emmanuel assinala que o período da infância é bipolar: *de um lado*, vemos a construção do veículo de exteriorização do Espírito; e, *de outro*, temos o entorpecimento das recordações do passado, como verdadeira *hipnose terapêutica*. O esquecimento temporário do passado, quando numa nova grade física, impõe limitações ao Espírito, que, quanto mais evoluído, mais sofre com essa reclusão. *O livro dos espíritos* chega a falar de uma *infância obtusa* aqui na Terra:

“183. *Indo de um mundo para outro, o Espírito passa por nova infância?*

“Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas não é, em toda parte, tão obtusa como no vosso mundo”.

Esta *infância obtusa* é conseqüência de um corpo rude, pesado e sufocante. E o mergulho de um Espírito superior, num tal corpo, é até comparado a um *contato com o vício* (*O livro dos espíritos*, perg. 402). E ele mesmo assente, *sem grande repugnância*, em reencarnar em tais condições, dado *a graça do sono*, onde se libertando momentaneamente, pode manter relações com o seu mundo de origem. Vejamos o ensino dos Espíritos com suas próprias palavras:

“Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio (LE, 402)”.

A diferença, no processo da reencarnação, entre os Espíritos de nível evolutivo compatível com a Terra, e outros mais adiantados, é que os primeiros dormem em pesada letargia muito tempo antes do refúgio no ventre. Os superiores guardam um pouco mais de liberdade, enquanto perdura a vida fetal. Mas, nos dois casos espirituais, há sempre *prostração psíquica* nos primeiros sete anos. Passemos a palavra ao mentor espiritual:

“O espírito mais lúcido, em contraposição com os mais obscurecidos e ignorantes, goza de quase inteira liberdade, até a consolidação total dos laços materiais com o novo nascimento na esfera do mundo” (Emmanuel. *O consolador*, perg. 31).

Noutra fonte, continua Emmanuel a elucidar:

“Encetando uma nova existência corpórea, para determinado efeito, a criatura recebe, desse modo, implementos cerebrais completamente novos, no domínio das energias físicas, e, para que se lhe adormeça a memória, funciona a hipnose natural como recurso básico, de vez que, em muitos ocasiões, dorme em pesada letargia, muito tempo antes de acolher-se ao abrigo materno. Na melhor das hipóteses, quando desfruta grande atividade mental nas esferas superiores, só é compelida ao sono relativamente profundo, enquanto perdure a vida fetal. Em ambos os casos, há prostração psíquica nos primeiros sete anos de tenra instrumentação fisiológica dos encarnados, tempo em que se lhe reavive a experiência terrestre” (*A religião dos espíritos*, Médiun: F. C. Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1974, pp. 111-2).

Esse entorpecimento do passado é decorrente do fenômeno natural de *restringimento do corpo espiritual*, no refúgio uterino, que somado a mais sete anos da infância, temos *mais ou menos três mil dias de sono induzido ou hipnose terapêutica* – segundo Emmanuel, para que se *alivie a mente na direção de novas conquistas*.

Durante todo esse espaço de tempo, deve-se munir a infância com *novos conceitos e pensamentos acerca de si própria*, num trabalho lento de construção; é a base da fase seguinte: a adolescência. Continua ensinando Emmanuel:

“É compreensível que toda a criatura sobrenade na adolescência, como alguém que fosse longamente hipnotizado para fins edificantes, acordando, gradativamente, na situação transformada em que a vida lhe propõe a continuidade do serviço devido à regeneração ou à evolução clara e simples (p. 112).

Assim, segundo as revelações diversas, a nova encarnação se vai processando, até por volta dos sete anos. E, além, até a *puberdade*, entre os 12 e 15 anos, também continua o *processamento do material psicológico*, que marcará a personalidade espiritual no mundo. Já vimos isso num outro trabalho nosso:

“Nesta fase infante-juvenil, os pais e educadores precisam de um acurado critério, para acompanhar, com bom senso, este período

de exteriorização do material psíquico para a formação da personalidade terrena” (*Regina, o Evangelho de Maria*. Rio de Janeiro: Ed. Aliança da Fraternidade, 2000, p. 37).

Sobre este assunto Pietro Ubaldi ensina, definitivo:

“Se o homem nasce organicamente no ato do parto, o homem, espiritualmente, é um feto em gestação, até a sua maturação juvenil, e só então ele nasce consciente para a vida, e se prepara para a continuação do trabalho criativo e sem fim do seu próprio espírito” (*História de um homem*, p. 47).

O livro dos espíritos corrobora esta posição:

“Desde que, porém, os filhos não mais precisam da proteção e assistência que lhes foram dispensadas durante quinze ou vinte anos, surge-lhes o caráter real e individual em toda a nudez” (resposta à pergunta nº 385).

Lentamente, o Espírito reencarnado vai tomando a herança de si mesmo, na estrutura psicológica do destino, como conclui o Espírito Emmanuel:

“Reavendo o patrimônio das realizações e das dívidas que acumulou, a se lhe regravarem no ser, em forma de tendências inatas, e reencontrando as pessoas e as circunstâncias, as simpatias e as aversões, as vantagens e as dificuldades, com as quais se acha afinizado ou comprometido” (p. 112).

Se visualizarmos o Espírito que reencarnou na personalidade conhecida como J.-B. Roustaing, como um ser amadurecido pelo longo carreiro evolutivo, com experiências no discipulado do Cristo, vindo para coadjuvar a revelação espírita, no campo da fé, poder-se-á imaginar a sua luta e sofrimento para se adaptar ao terreno perverso do mundo. Torna-se fácil, então, entender como, para Espíritos deste nível, a existência num corpo físico pareça insuportável prisão. Que a oportunidade do sono significava a benção do reencontro com a sua *pátria* distante. E que a sua adaptação psicológica, numa psicofera de mentiras, injustiças e astúcias, foi deveras dolorosa.

Em suas reflexões, devia sentir qualquer coisa de imenso dentro de si, no seu passado. Um vasto e complexo eu, que por intuição, lhe aflorava na mente; sem, no entanto, encontrar a explicação que o fizesse compreender. A religião oficial que seus pais lhe impuseram,

pelas próprias circunstâncias de seu tempo, não lhe respondia nada do que se lhe passava na alma. Não satisfazia sua curiosidade irrequieta. Por tudo isso, chegou mesmo a dizer:

“Nenhuma fé definida eu tinha. Minha razão se recusava a admitir o que as interpretações humanas ensinavam” (QE, I, 58).

Mas, *chegara o tempo*, faltavam apenas *poucas horas* para o surgimento do espiritismo.

A nossa pesquisa muito pouco contribui para se conhecer melhor esta fase da vida de nosso missionário. Mesmo assim, temos algo importante para revelar, auxiliados por um depoimento do próprio Roustaing que, aliás, não fala também muito sobre este período:

“Dera-me Deus por provação ser, desde a juventude, desde o momento em que entrei na vida social, filho de minhas obras, no seio da pobreza, pelo estudo, pela fadiga, pelo trabalho” (QE, I, 57).

O que temos aqui é que Roustaing, na juventude, trabalhava para se sustentar. Mas, ainda, não é sobre esta fase da vida de Roustaing que queremos comentar. O que, por hora, nos interessa, é a expressão *no seio da pobreza*. O que ela significa? Seus pais eram pobres? Sua parentela também era pobre?

Há outra citação dada mediunicamente, em 1861, pelo Espírito de seu pai, Sr. François Roustaing, que reforça esta hipótese da pobreza:

“Meu Deus, bendito sejas tu que tomastes pela mão o meu filho bem-amado e o levaste, *através da pobreza*, do estudo e do trabalho...” (QE, IV, 67).

Há mais duas fontes biográficas que focam este problema social do nosso historiado. Uma foi escrita pelo Sr. Édouard Feret:¹⁰

“Após ter feito seus estudos no colégio real de Bordeaux, foi para Toulouse cursar direito, e, pouco afortunado, deu lições de matemática” (*Statistique Générale – topographique, Scientifique, administrative, industrielle, commerciale, agricole, historique, archéologique, et*

¹⁰ Mais adiante falaremos sobre esta obra e seu autor. O verbete sobre Roustaing desta obra nos foi encaminhado pelo Sr. Jean-Claude Chanut, da Mairie de Bordeaux, em 22 de novembro de 1996.

biographique du departament de la Gironde, vol III, 1^a parte, biographie. Bordeaux: Ed. Feret et Fils, 1889, p. 549).



Statistique Générale – Édouard Feret

A outra citação é a do discurso fúnebre feito pelo Sr. Battar (4/1/1879), sobre o qual já fizemos referência:

“Nascido em Bordeaux,¹¹ em 1805, de uma família de poucos recursos, Jean-Baptiste Roustaing foi matriculado no Liceu da cidade, onde recebeu uma educação boa e sólida. Mas, ao sair do colégio, era preciso escolher uma carreira, e os sacrifícios, que seu pai se havia imposto para o ajudar, haviam chegado ao fim” (*Jornal de Bordeaux*, 6/1/1879).

Assim, temos: *no seio da pobreza, através da pobreza, pouco afortunado* e a expressão definitiva: *de uma família de poucos recursos*. A última informação não deixa dúvidas. Seu pai, Sr. François, mesmo na infância de seu filho Roustaing, se sacrificou até a ponto de esgotarem seus recursos financeiros, para ajudá-lo nos estudos. Mas valeu! O rapazinho completou seus estudos básicos no famoso *Liceu Real de Bordeaux*, adquirindo *uma educação boa e sólida*.

¹¹ O correto é a ville de Bègles.

Este Liceu teve diversos nomes, na sua história bicentenária: *Lycée Municipal*, *Collège Royal*, *Lycée Republicain*, *Lycée Impérial* e, atualmente, *Lycée Michel Montaigne*. Ele foi criado pela lei de 1º de maio de 1802, que reorganizou a instrução pública francesa e, mais tarde, foi estabelecido através de um decreto de 18 de outubro deste mesmo ano.

Está localizado em dois antigos prédios de conventos do século XVII, com uma comunicação entre eles, resgatados pela Revolução Francesa, *Convent das dames de la visitation à l'angle des fosses des carmes* e do *Convent des feuillants*, no Quartier Latin.

Na época de J.-B. Roustaing (1812-1822), este seu colégio ficava na Avenida Napoléon, 118. Hoje, esta avenida chama-se Victor Hugo e fica bem próxima da Rue Porte de la St-Jean, onde possivelmente o menino Jean Baptiste morava.



Lycée Michel Montaigne

Na 1ª grande guerra serviu de Hospital Militar e, na 2ª guerra, muitos de seus alunos foram martirizados por fazer parte da gloriosa *resistência francesa*. Após a última grande guerra, o Lycée passou a ser misto.

Em 1933, por ocasião da celebração do 4º centenário de Michel Montaigne, a *Associação dos antigos estudantes* solicitou que ele fosse denominado Lycée Michel Montaigne, o que realmente aconteceu em 17 de março de 1934, por um decreto presidencial.

O Lycée aplica na educação de seus meninos e meninas o grande princípio de Montaigne, da formação do *homem integral*:

“Fazer bem o homem e da forma devida”



Michel Montaigne (1533-1592)

Aproveitando o motivo de centenário do Lycée (1802-1902), as Éditions Feret lançam, em 1905, a obra *Le centenaire du Lycée de Bordeaux*.

Estas informações vieram dos *Archives Municipales*, em 20 de julho de 2004.

Voltemos ao problema financeiro do Sr. François.

Há uma ressalva a se fazer: Se o pai de Roustaing passava por dificuldades financeiras, o mesmo não se pode dizer de sua família. Os Roustaing não eram pobres. Muito pelo contrário. Tenho em minhas mãos o texto *O Entre-deux-Mers à procura de sua identidade, 2º colóquio de Créon* – 16 e 17 de setembro de 1989, escrito pelo nosso já conhecido Prof. Jean-Claude Drouin, texto que nos foi encaminhado, em 30/8/1999, pelo Sr. N. Fabre, *Le Conservateur en chef des Archives Municipales de Bordeaux*. Neste documento, relacionam-se *Os notáveis de Targon de 1789 a 1830*. Aí fica clara a força política, social e econômica desta família de burgueses, que, neste período, se encontrava em plena ascensão. Na relação dos impostos pagos, temos uma boa prova de sua pujança financeira.

Uma análise histórica da força econômica dos Roustaing mostra que o caso financeiro do Sr. François era, podemos dizer, uma exceção nesta família secular. Mesmo ele não era pobre, no sentido de miserável, longe disso. Nem mesmo ficou nesta situação por toda a sua longa vida, de 90 anos. Os documentos esclarecem:

- 1) Certidão de nascimento de Joseph Roustaing (1803): *negociante*.
- 2) Certidão de nascimento de J.-B. Roustaing (1805): *negociante*.
- 3) Certidão de casamento de J.-B. Roustaing (1850): *proprietário*.
- 4) Certidão de óbito de Margueritte Roustaing (1855): *proprietário*.
- 5) Certidão de óbito de François Roustaing (1859): *capitalista* (*rentier*, que vive de rendas).

Reparem que, com o passar dos anos, sua ascensão econômica é notória. As dificuldades ocorreram na fase infanto-juvenil de Roustaing, e talvez, até uns anos a mais para frente.

A informação de que os pais de Roustaing *estavam pobres*, nós já havíamos publicado no nosso livro *A história de Roustaing – panorama cronológico dos fatos mais importantes*. Rio de Janeiro: Edição particular, 1987, p. 19:

“Juventude cheia de dificuldades. Família pobre. Começa a trabalhar cedo para poder estudar”.

Esta informação, como já citamos, foi recolhida da própria obra de Roustaing, *Les quatre Evangiles*. Porém, a nossa intensa correspondência com o pesquisador Prof. Jean-Claude Drouin nos abriu um canal de troca de informações que veio esclarecer às duas partes. Nesta troca, o nosso livro *A história de Roustaing* chegou às suas mãos. E, ele, com a colaboração de um estudante português, fez a tradução parcial da nossa obra. Somando as nossas com outras informações, o Prof. Drouin passou a ter um rico material biográfico sobre Jean Baptiste. Foi assim que surgiu a obra histórica *Arbis*, autores diversos, setembro de 2000, CRDP d’Aquitaine – N° Imprimeur: 333, publicada pela L’A. S. P. E. C. T – *Association pour la sauvegarde du patrimoine et L’Environnement du canton de Targon*. Esta obra é de excelente apresentação e tem 352 páginas. Nela, o Prof. Drouin, num dos seus artigos, escreve sobre nosso biografado o capítulo *Aux débuts du spiritisme – J. B. Roustaing (1805-1879) à Arbis, à Bordeaux et au Brésil* [Nos primórdios do espiritismo – J. B. Roustaing (1805-1879), em Arbis, em Bordeaux e no Brasil].

Neste excelente trabalho, do qual publicaremos uma tradução no 2º *Apêndice* deste livro, o Prof. Drouin analisa os personagens

da genealogia da famille Roustaing, estabelecida pela Sra. Jeannine¹² Guilhon. Ele mantém a sua posição anterior, já comentada acima, sobre *Os notáveis de Targon*: A família dos Roustaing é rica e poderosa politicamente. E, discordando da nossa referência sobre a *pobreza* dos pais do nosso Roustaing, pensa corrigir-nos:

“Seus biógrafos brasileiros apresentam-no como oriundo de família pobre e como tendo conhecido uma juventude difícil (*Juventude cheia de dificuldades. Família pobre*). De fato, a família Roustaing não era pobre; trata-se de uma família de burguesia rural, se esses termos não são antinômicos, cujos membros estavam em plena ascensão social antes e após a Revolução francesa. Os Roustaings possuíam bens no campo e exerciam, no burgo de Targon, uma influência política e social considerável: eram *pequenos notáveis*, na escala da sede do cantão.

“Como as crianças da burguesia, ele vai para uma grande cidade universitária: Toulouse – e não Bordeaux – para os estudos de letras, ciências e direito.

“Não pensamos, como seus biógrafos brasileiros, que ele tenha começado a trabalhar para poder estudar.” (p. 315).

Ora, pelas citações que fizemos acima, não são somente os *biógrafos brasileiros* que dizem ser esta informação verdadeira. Ela é oriunda do próprio Roustaing. O que o Prof. Drouin não viu é que, embora realmente sua família fosse rica e influente, o pai de Roustaing, Sr. François, pelo menos nos trinta primeiros anos do século XIX, estava pobre, pois passava por *sacrifícios* para manter a educação escolar de seu filho Jean Baptiste, vindo mesmo a *esgotar os seus recursos financeiros*, em 1823, quando o rapaz conclui seus estudos básicos e parte para Toulouse, com o objetivo de se formar advogado.

¹² No original há um erro de impressão: *Jeanne*.

IV – ESTUDANTE DE DIREITO

O jus, a lei, é ordem, e toda criação de ordem é um passo do homem para Deus (Pietro Ubaldi. *História de um homem*, pp. 82-3).

O Bâtonnier M. Battar, no discurso fúnebre para Roustaing, legou à história uma importante análise psicológica sobre o motivo da escolha da carreira que o nosso biografado, por preferência, decidiu seguir:

“Mas, ao sair do colégio, era preciso escolher uma carreira, e os sacrifícios, que seu pai se havia imposto para lhe ajudar, haviam chegado ao fim.

“Nessa ocasião, ao lado de nomes que lembravam um passado glorioso, e que se tornariam célebres, o quadro da Ordem continha outros, cheios de promessas brilhantes para o futuro.

“O jovem Roustaing foi inflamado de nobre emulação e, a exemplo de um pintor ilustre, ele disse sobre si próprio: E eu também terei um lugar neste quadro. Resoluto, ele partiu para Toulouse, não contando com ninguém, a não ser ele próprio, para continuar seus estudos” (Journal de Bordeaux, 6/1/1879).

O *passado glorioso da Ordem dos Advogados de Bordeaux* é um marco na história dos direitos universais. Convido o leitor a tomar conhecimento desta história consultando o site do IDHBB – *Institut des Droits de l’Homme de Bureau du Bordeaux*, na *page sobre o bureau de Bordeaux através da história*. O texto revela surpresa e erudição e foi publicado com a amável autorização de seu escritor, o Presidente do Institut, Maître Bertrand Favreau (www.idhbb.org/). Ele narra a história dos direitos humanos em Bordeaux, desde o período romano até os dias de hoje.



Prédio atual da Ordem dos Advogados



Maître Bertrand Favreau

É clara a vocação de J.-B. Roustaing pela carreira de advogado. Ele mesmo escreve sobre a sua disposição:

“Uma vida já longa de estudos, de canseiras e de labor, passada a princípio em Tolosa, de 1823 a 1826, no ensino das letras e ciências, ao mesmo tempo que na aprendizagem das leis e do Direito para a obtenção dos diplomas que me abriram progressivamente a carreira da Advocacia” (QE, I, 57).

O Sr. Battar, minucioso, acrescenta:

“Tornou-se professor para poder se transformar em estudante. De um lado, ensinava matemáticas especiais, obtendo, assim, os recursos necessários para fazer face às despesas com taxas de inscrições e às necessidades de sua vida; de outro, seguia assiduamente os cursos da Escola de Direito”.

Édouard Feret confirma a informação de seu compatriota:

“Após ter feito seus estudos no colégio de Bordeaux, foi para Toulouse cursar direito, e, pouco afortunado, deu lições de matemáticas para pagar suas inscrições” (*Statistique Générale*, p. 549).

No Brasil, Pedro Richard, o grande *discípulo de Max* (Bezerra de Menezes), registra as dificuldades do *Missionário Roustaing*, nas páginas do secular *Reformador*:

“Em Tolosa, onde residia, teve que tirar do ensino das letras e ciências, que ele ministrava quando ainda estudante, os recursos para manter-se e prosseguir no estudo das Leis e do Direito a que se dedicava, a fim de obter o diploma para a carreira de advocacia” (1916, p. 366).

Estudos, canseiras e labor são a síntese de uma juventude honesta e cheia de ideal, que nunca se curva diante das adversidades impostas pela vida. O que demonstra maturidade é a forma de luta pela sobrevivência, exemplo maior de dignidade: *Tornou-se professor para poder se transformar em estudante*. O seu futuro colega, o Doutor e Prof. Pietro Alleori Ubaldi, na luta pela vida, na arte do Direito, e no ideal da vivência do Evangelho, ensina:

“Dize-me como lutas e por que lutas, e eu te direi quem és” (*História de um homem*, p. 56).

Anos depois, mais amadurecido e sofrido, escreve Ubaldi com a tinta inapagável da realidade:

“Deixemos, pois, os ingênuos crerem que viver seja alegria e que dar a vida seja dar alegria. Não. A vida é dor. O seu primeiro objetivo é evoluir, que é sofrer, ainda que para conquistar a felicidade. É necessário viver, somente porque é necessário sofrer” (*Deus e universo*. Campos: Ed. Fundápu, 1985, p. 245).

Assim, para sobreviver, Roustaing ministrava os ensinamentos das letras e das ciências (*des lettres et des sciences*) e das matemáticas especiais (*mathématiques spéciales*). O saudoso Indalício Mendes, antenado com esta fase da formação universitária de Roustaing, registra, na revista *Reformador*, um belo comentário:

“Jean-Baptiste Roustaing... experimentou as vicissitudes que costumam marcar a vida das criaturas humanas dotadas de grande sensibilidade. Sua juventude foi difícil e trabalhosa, no seio da pobreza. Determinado a transpor os obstáculos que se lhe ofereciam para estudar, atirou-se denodadamente ao trabalho, buscando, ao mesmo tempo, instruir-se, embora o extraordinário esforço afetasse suas reservas físicas, pois não dispunha de tempo suficiente para o repouso necessário. Por vezes, parecia-lhe o empreendimento verdadeira tarefa de Sísifo, porque, dada a sua carência de meios, o progresso se fazia lentamente, ainda que sem solução de continuidade” (*Reformador*, 1971, setembro, p. 203).

Ainda com relação ao esgotamento financeiro de seu pai, que tanto custou ao nosso jovem estudante de direito, já registramos os questionamentos do Prof. Drouin:

“Como as crianças da burguesia, ele vai para uma grande cidade universitária: Toulouse – e não Bordeaux – para os estudos de letras, ciências e direito.

“Não pensamos, como seus biógrafos brasileiros, que ele tenha começado a trabalhar para poder estudar” (p. 315).

Penso também que Roustaing, sem medo de trabalhar, para investir em sua formação, escolhe Toulouse, o melhor centro de ensino do Direito no sul da França, superior, na época, ao de Bordeaux. No entanto, como informa o nosso biografado, era necessário lutar arduamente pelo salário providencial.

A nossa já conhecida pesquisadora Jeannine Guilhaon, autora da genealogia da família Roustaing, na carta já citada, também se mostra inconformada com a condição social de J.-B. Roustaing, tão diferente do resto da sua parentela:

“Eu creio que Jean-Baptiste ROUSTAING não tinha o devido reconhecimento de sua família, que era bastante rica e poderia perfeitamente pagar muito bem seus estudos em Toulouse, sem obrigá-lo a trabalhar” (7/2/2000).

Crer não é suficiente. O porquê da família não ajudar financeiramente o Sr. François Roustaing, e, por conseguinte, não beneficiar o seu jovem filho, é uma pergunta para a qual nossa pesquisa até agora não achou resposta. Penso mesmo ser difícil encontrá-la. Somente se pode falar de três fatos, que não podem ser harmonizados: *família rica, pai pobre e filho tendo de trabalhar para estudar*.

Então, de Roustaing podemos imaginar este pensamento: se a realidade da vida é essa, não adianta reclamar. É necessário lutar. Nenhum destino é engessado! A orientação de Emmanuel é bastante válida:

“O determinismo de Deus é o do bem, e todos os que se entregarem realmente ao bem triunfarão de todos os óbices do mundo” (*O consolador*, perg. 141).

Toulouse foi um grande cenário, onde o nosso jovem idealista, no palco armado pela vida, pôde se exercitar e mostrar, para anjos e homens, pais e parentes, mestres e alunos, quem era, porque veio e o que queria. O Sr. Battar compreendeu bem o sentimento do nosso rapazinho:

“Conhecendo qual o preço do tempo, ele se empregava inteiramente, e logo obteve os seus diplomas”.



Antigo prédio – Faculdade Toulouse

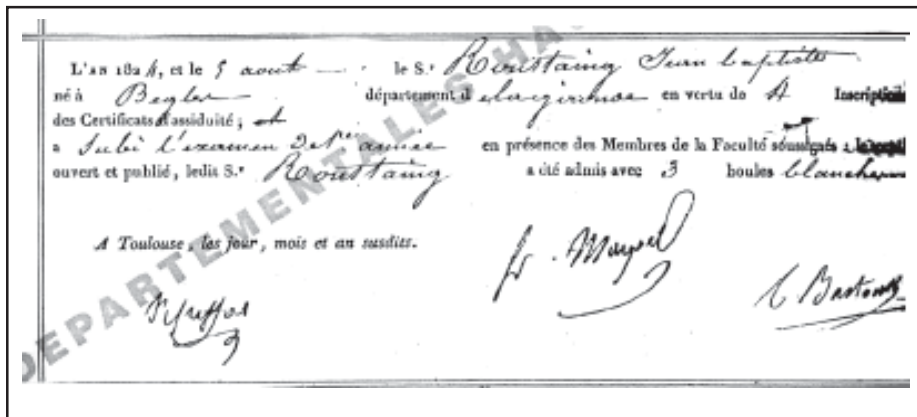


Antigo emblema da Faculdade de Toulouse

Roustaing chegou a Toulouse em 1823, ano em que completaria 18 anos. Aplicado nos estudos, esgotado pelo excessivo trabalho que lhe tirava muitas horas de sono, foi-se adaptando gradativamente ao mecanismo dos exames, esforçando-se para vencê-los. Aos poucos, as notas magras, sem distinção, vão se elevando, até ser distinguido, no final do curso e na defesa de sua tese.

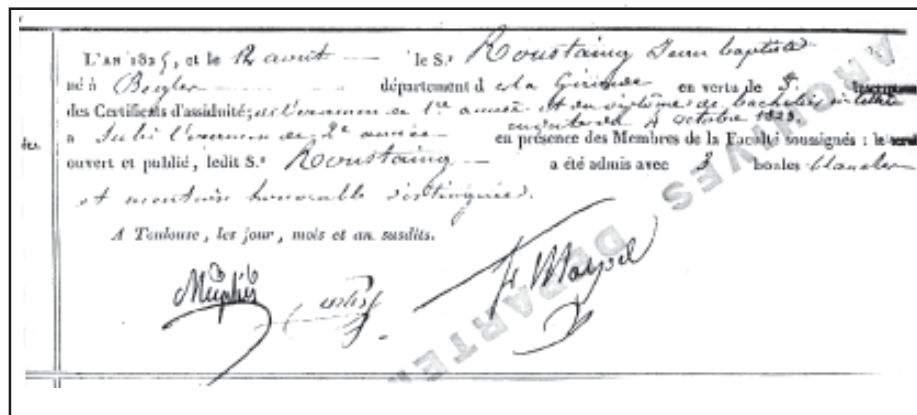
Todas estas informações nos chegaram após consulta à *Faculdade de Direito* em Toulouse, que orientou a nossa busca para a *Direction des Services D'Archives de la Haute-Garonne*. Assim, em 29 de abril de 1997, através de sua Diretora Bernadette Suau, recebemos vários *certificados* que registram a evolução curricular de Jean Baptiste Roustaing.

Em 5 de Agosto de 1824, a certidão informa que o jovem Jean Baptiste foi submetido ao Exame do 1º Ano da Faculdade de Direito, tendo sido devidamente aprovado:



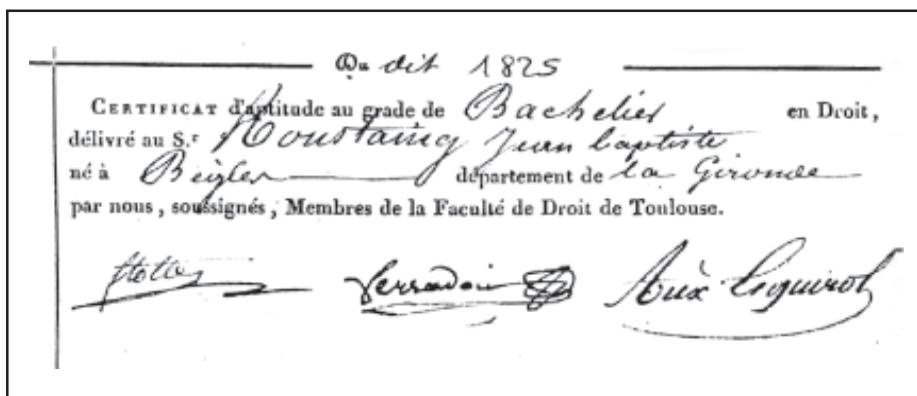
Certificado de exame do 1º ano

Em 12 de agosto de 1825, a certidão registra que ele foi submetido ao Exame do 2º Ano da Faculdade de Direito, agora com menção: *honorable distinguée*. O interessante é que este certificado também informa que Roustaing já era *Bacharel em Letras*, em ato de 4 de outubro de 1823:



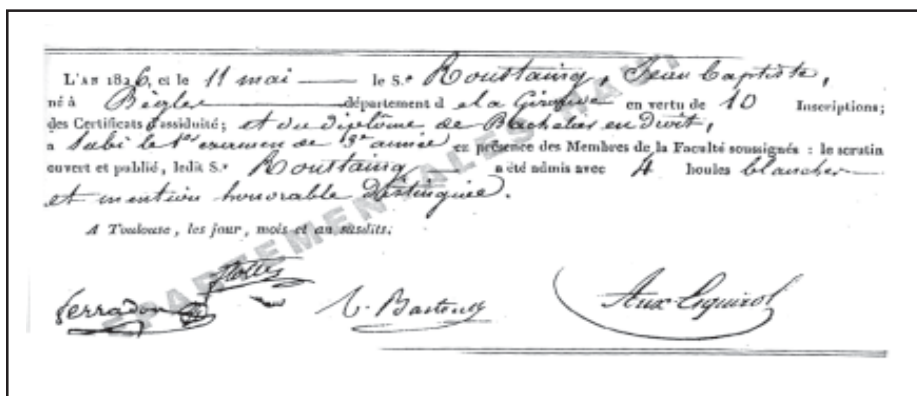
Certificado de exame do 2º ano e Bacharel em Letras

No ano de 1825, ele recebe o certificado de Bacharel em Direito:



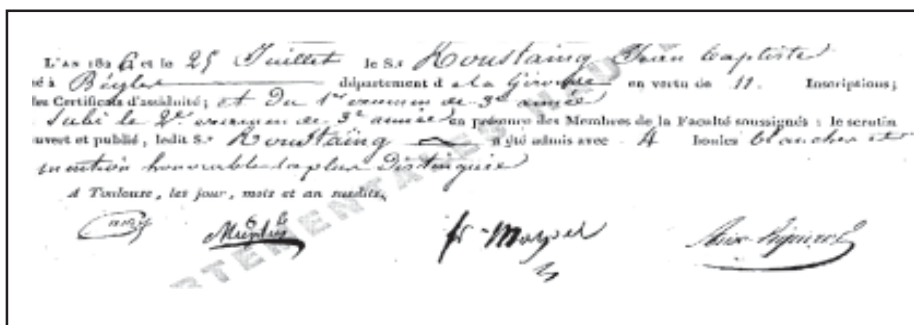
Certificado de Bacharel em Direito

Em 1826, começam os seus exames de conclusão do curso. Em 11 de maio, temos o certificado que registra que Roustaing foi submetido ao 1º Exame do 3º Ano da Faculdade de Direito, quando ele recebeu a menção: *honorable distinguée*:



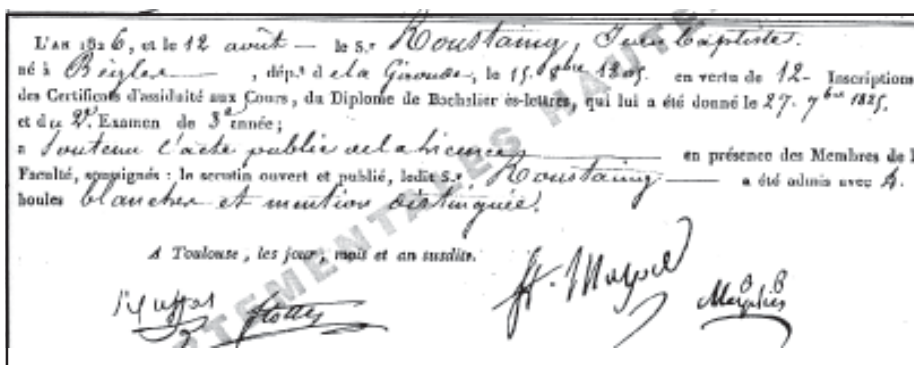
Certificado do 1º exame do 3º ano

Em 25 de julho de 1826, temos o registro de que Roustaing foi submetido ao 2º Exame do 3º Ano da Faculdade de Direito, onde recebeu a menção: *honorable la plus distinguée*:



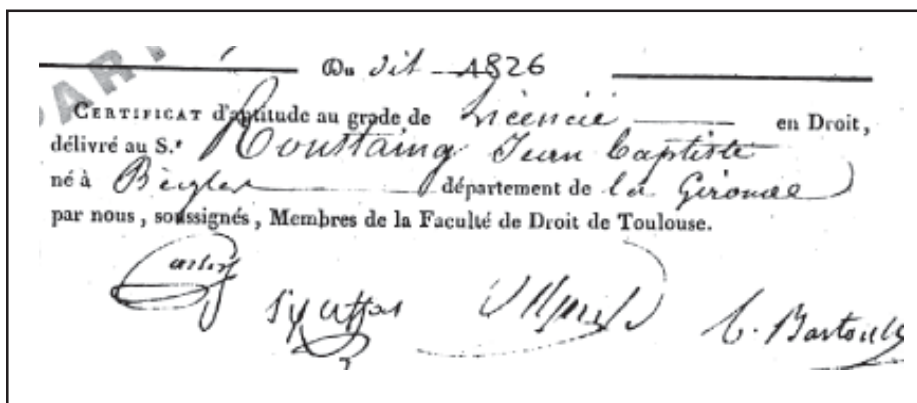
Certificado de 2º exame do 3º ano

Chega a hora da defesa de tese. Em 12 de agosto de 1826, emite-se o certificado que informa que J.-B. Roustaing defendeu o ato público de licenciatura (tese), tendo recebido a menção: *distinguée*. Nele, também vemos a informação de que o seu certificado de *bacharel em letras* foi concedido em 27 de setembro de 1825.



Certificado de defesa de tese e bacharel em letras

Por fim, como coroamento de seus pungentes esforços, ele recebe, em 1826, o seu certificado de licenciatura:



Certificado de licenciatura

Deixamos para o final deste subcapítulo o registro de alguns colegas de turma do jovem formado. Infelizmente, só conseguimos levantar um total de 12. Estes dados também nos foram fornecidos pela *Direction des Services D'Archives de la Haute-Garonne*:

- 1) Jean François Roquer – nasceu em Labougade (Lot)
- 2) Labaune (não sabemos seu prenome e localidade de nascimento)
- 3) Jean Joseph Auguste Pascal Torrier – nasceu em Baziège (Haute-Garonne)
- 4) Jacques Cisané – nasceu em Perpignan (Pyrinés Orientales)
- 5) Joseph Ribar – nasceu em Caret (Pyrinés Orientales)
- 6) Paulin de Paulo – nasceu em Gaillac (Starn)
- 7) Pomyere (não sabemos seu prenome e localidade de nascimento)
- 8) Antoine Vicent – nasceu em Carber (Pyrinés)
- 9) Louis Bousquet – nasceu em Bessières (Haute-Garonne)
- 10) Alexandre Eugène Pujos – nasceu em Miélan (Gern)
- 11) Casimir Darné – nasceu em Toulouse (Haute-Garonne)
- 12) Rouville (não sabemos seu prenome e localidade de nascimento)

V – ESTÁGIO EM PARIS

É difícil encontrar gente que tenha bom desempenho. Elas não crescem por aí nas árvores. Na realidade, na maioria dos casos, é preciso treinar as pessoas para elas terem bom desempenho (Blanchard, Kenneth. *O líder um minuto*. Lisboa: Ed. Presença, 1986, p. 50).

Diploma em mãos, Roustaing encontra, entre os seus familiares e amigos, um curto, mas merecido descanso. Alguns dias de lazer e reabastecimento emotivo pelo contato com os íntimos são mais que um direito, é um dever para manutenção da saúde física e psíquica. Numa rápida pincelada, o Sr. Battar comenta este retorno à sua cidade:

“Pôde, então, voltar a Bordeaux e ao seio de sua família”.

Detalhista, o Dr. Battar informa que Roustaing, após este período de descanso e, antes de iniciar sua carreira como advogado, neste *intervalo (l'intervalle)*, dedica um tempo para estagiar em Paris.

Esperar de um *trainee* que faça algo que nunca fez, na prática, e criar a expectativa de um bom resultado logo de início, é expô-lo ao insucesso e à frustração. A evolução profissional se alcança por aproximações sucessivas. E o primeiro passo na *gerência de desempenho* é fornecer orientação, direção e treinamento. O sucesso profissional de Jean Baptiste Roustaing começou com este primeiro passo. Seguiu ele uma coerente psicologia de desenvolvimento pessoal. Conquistando seus diplomas, não se acomoda, e parte em busca da necessária especialização. É ele quem comenta. Vejamos primeiro em Francês:

“PUIS à Paris, de 1826 à 1829, dans la cléricature où j´apprenais la mise en action de la loi, et dans le stage, allant écouter ceux qui étaient alors les princes de la parole et les favoris de la renommée” (QE, I, 1ª impressão de 1866, p. IV ou QE, I, 2ª impressão de 1882, p. 2).

“Depois, em Paris, de 1826 a 1829, na escrivania, onde aprendi a pôr a lei em execução, e no estágio, ouvindo os que eram príncipes da palavra e os favoritos da fama” (QE, I, 58).

Esta fase inicial de sua profissionalização também foi comentada pelo seu colega, o Bâtonnier M. Battar, no discurso fúnebre:

“Tinha, finalmente alcançado o objetivo de todos os seus desejos: tinha estudado procedimentos legais, num dos melhores centros de estudo de Paris; tinha-se munido de todas as peças”.

Outro biógrafo, Édouard Feret, foi ainda mais preciso:

“Terminou, em Paris, sua instrução jurídica no escritório de um Procurador Judicial” (*Il a terminé, à Paris, son instruction juridique chez un avoué*).

Da citação de Roustaing pode-se concluir que ele fazia duas coisas em Paris:

- 1º) Na *escrivania (cléricature)*, aprendeu a pôr a lei em execução;
- 2º) No *estágio (stage)*, ouviu os príncipes da palavra e os favoritos da fama;

Examinando com atenção a palavra francesa *cléricature*, podemos chegar aos meios de sobrevivência do nosso jovem advogado. Vamos para os dicionários. O *Grande dicionário Francês-Português*, de Domingos de Azevedo (4ª edição, Lisboa, 1952) ensina:

Cléricature: Estado, condição dos ajudantes de escrivões, de tabeliães, etc.

O lúcido Guillon Ribeiro traduz a palavra *cléricature* para o português como *escrivania*. Os nossos bons dicionários confirmam o acerto do querido tradutor. O *Aurélio eletrônico* esclarece: *cargo de escrivão*; e o *Houaiss eletrônico* corrobora: *profissão, trabalho, cargo de escrivão*.

Então, Roustaing trabalhava, em Paris, como *ajudante de escrivão*, e aprendia, nesta função, a pôr a lei em execução, e, com isso, ganhava um salário providencial, para se sustentar na grande metrópole, e poder, ao mesmo tempo, realizar o seu grande intento: *estagiar com os príncipes da palavra e com os favoritos da fama*.

Três anos de estudos e observações se passaram, num dos melhores centros de estudo de Paris. Agora, estava o nosso

missionário pronto para voltar a Bordeaux e exercer bem a sua carreira de advogado. Tudo estava preparado para o seu sucesso profissional, como informou o Sr. Battar:

“Tinha-se munido de todas as peças”.

VI – ADVOGADO

Sr. Roustaing, advogado na Corte Imperial de Bordeaux, antigo bastonário... um homem de sua posição, posto entre os mais esclarecidos (Allan Kardec, RS, FEB, junho de 1861, p. 253).

Diploma em mãos e armado das instruções recebidas *num dos melhores centros de estudo de Paris*, o advogado Jean Baptiste Roustaing lança-se na lida. Édouard Feret comenta:

“Voltou a Bordeaux, onde foi inscrito no quadro da ordem dos advogados, em 1829. Distinguiu-se rápido como advogado de negócios (*avocat d'affaires*), em nossa advocacia tão rica em homens de talento”.

É o que também comenta Roustaing sobre si mesmo:

“Finalmente, nos auditórios de Bordeaux, meu torrão natal, numa vida ativa e militante de ininterrupta labutação” (QE, I, 58).

M. Battar confirma:

“Se lança com ardor nas lutas do palácio e consegue logo seu lugar”.



Palais de Justice de Bordeaux, inaugurado em 1846

Algumas considerações. Primeiramente, Roustaing especializou-se em *negócios*, ou melhor, em *direito comercial (affaire – transac-*

tion commerciale).¹³ Segundo, quando ele fala de Bordeaux como seu *torrão natal*, é evidente que está aqui em foco a região de Bordeaux ou a *grande Bordeaux*, da qual faz parte a comunidade de Bègles.

O sucesso veio rápido, pois se deve somar, ao seu espírito empreendedor, inteligência e grande memória, como acrescenta M. Battar:

“Trabalhador infatigável, secundado por uma viva inteligência e excelente memória, ele analisava as causas até as últimas etapas de profundidade do direito. Seu caráter laborioso e perseverante se revelava em toda parte, nas suas audiências e nos seus escritos”.

Mas de nada adianta todo este talento privilegiado, se o causídico não está alicerçado na rocha da honestidade. Ser considerado águia da inteligência e receber o aplauso superficial nos triunfos espetaculares, tudo à custa da defesa do mal, do pagamento farto, torturando decretos, ladeando artigos e forçando interpretações, é sempre muito lamentável, como ensina o Espírito Irmão X pela *pena espiritual* de Francisco Cândido Xavier, numa lição extraordinária intitulada *Grande cabeça (Pontos e contos*. Rio de Janeiro: FEB, 1978, capítulo 23, pp. 121-5).

Roustaing era diferente. Homem acima do seu e do nosso tempo, tinha na honestidade a razão primeira de sua conduta. Era ela a sua grande virtude, que dava valor a tudo que conquistava, quer em prestígio, quer em fortuna. E ele soube adquirir, à força de um trabalho honesto, uma excelente condição de vida.

O *livro dos espíritos* ensina que toda a propriedade, móvel ou imóvel, resultante do labor honesto é sempre legítima:

“O que, por meio do trabalho *honesto*, o homem junta constitui legítima propriedade sua, que ele tem o direito de defender, porque a propriedade que resulta do trabalho é um direito natural, tão sagrado quanto o de trabalhar e de viver” (perg. 882).

Pedimos licença ao leitor para transportar a concepção de honestidade de Pietro Ubaldi, de sua autobiografia, escrita em 1941, para Roustaing, no século XIX. Lendo Ubaldi, o apóstolo da Úmbria, se pode ver Roustaing, o apóstolo de Bordeaux:

“Preferiu uma vida de luta, a fim de permanecer sempre coerente consigo mesmo. Quis ser um verdadeiro homem, vivendo

¹³ *Larrouse de poche*. Paris: Librairie Larrouse, 1954.

a sério. Esta nota fundamental de honestidade, qualquer que seja o erro que ele tenha podido cometer, nunca o abandonou. Não pactuou jamais com o mundo, contra a sua consciência” (*História de um homem*, p. 42).

É precisamente isto que o Dr. Battar escreve sobre o nosso biografado, revelando para a história, em especial para a história espírita, todo o seu caráter laborioso e profundamente honesto:

“Muito honesto para procurar desnaturar fatos, a fim de acomodá-los às necessidades de sua defesa, ele os aceitava em sua realidade, tal como se ofereciam a ele, e procurava, com cuidado, quais os princípios de direito aplicáveis às suas causas. O terreno era o campo de batalha a que se afeiçoara, e sobre o qual tinha de chamar seus adversários. Era aí que desenvolvia todos os recursos de uma ciência completa, e que dava prova de prodigiosa fecundidade”.

Esta virtude da honestidade era tal, que a *Revue Spirite*, fundada por Allan Kardec, a destaca, num artigo sob a responsabilidade da *Redação*, que, na época, era exercida pelo inesquecível P.-G. Leymarie:

“J. B. Roustaing, homme très libéral, très honnête”.

“J.-B. Roustaing, homem muito liberal, muito honesto” (RS, 26º ano, julho, 1883, p. 314).

Estudioso dos fatos à exaustão, perseverante e intuitivo, sabia, porém, manter a humildade frente a limites extremos, que devem ser sempre respeitados, para se permanecer no terreno da ética. Confirmemos isto com mais algumas palavras do Sr. Battar:

“Quando acreditava ter obtido uma visão definitiva, ele a seguia até o fim, sem jamais desencorajar, e não parava a não ser diante de uma impossibilidade absoluta”.

Qual cientista isolado no laboratório para descobrir uma combinação química, uma lei física ou biológica, Roustaing se mantinha, horas e horas, no gabinete particular, em recolhidas *meditações*. Não confiava só em si mesmo, mas também buscava, em *compilações diversas*, o que a jurisprudência, oriunda dos tribunais superiores,

recomendava como soluções dadas às questões de direito e as interpretações reiteradas que dão à lei, nos casos concretos submetidos ao seu julgamento. Para embasar com segurança sua defesa, *pesquisava diversos autores* em busca de apoio e universalização de conceitos. Mais uma vez, sigamos com o Sr. Battar:

“Para atingir o seu objetivo, nada o continha; as mais prolongadas e penosas pesquisas eram para ele, poder-se-ia dizer, um prazer. Quantas noites passou mergulhado em suas meditações, pesquisando autores e compilações diversas para extrair o que poderia servir às suas defesas. E quando, no dia seguinte, chegava à tribuna, surpreendia seus adversários com a variedade de seus recursos. Quantas vezes ele, assim, com a inspiração feliz pela descoberta imprevista, recuperava causas aparentemente desesperadas; quantas vezes fez triunfar métodos que, à primeira vista, poderiam parecer fortemente duvidosos, mas que ele fundamentava no direito e nas autoridades mais importantes”.

É, realmente, gostar muito do que faz. E Roustaing gostava, a ponto de identificar a advocacia como a sua *amada profissão* (*profession aimée* – QE, I, 58).

Mas o seu sucesso profissional ainda não havia chegado ao topo.

A amiga e confeitira Nelma Damasceno, interessada por esta pesquisa sobre J.-B. Roustaing, escreve, em 16 de fevereiro de 1991, para a *Faculté de Droit des Sciences Sociales et Politiques de Bordeaux*, solicitando mais informações profissionais do historiado. Sua carta é respondida pelo *Le Vice-Président de L'Université*, Sr. J. du Bois de Gaudusson, em 5 de setembro de 1991, que, gentil, solicita do *Bâtonnier de l'Ordre*, Sr. Jean-Paul Bayle, uma espécie de linha do tempo das atividades de Roustaing nesta instituição.

Dr. Bayle contribui bastante, com vários dados até então desconhecidos dos pesquisadores de Roustaing. Primeiro, informa que, infelizmente, não conseguiu levantar a data correta da inscrição de J.-B. Roustaing na *Ordre des Avocats du Barreau de Bordeaux*. Porém, Édouard Feret registra o ano de 1829 como o desta inscrição, o que já informamos acima. Após cerca de dezoito anos de militância na advocacia, Roustaing, em 13 de agosto de 1847, entra para o *Conselho da Ordem*, permanecendo nesta função até 2 de agosto de 1855.

O *Conselho* é o órgão deliberativo, legislativo e disciplinar da *Ordem*. É composto, atualmente, por 21 membros eleitos por 3 anos, através de voto secreto, em dois turnos, e renovado em 1/3, a cada ano. Hoje há 800 advogados inscritos na Ordem de Bordeaux, que exerce um monopólio sobre toda a Gironde.

Nestes anos, de 1847 em diante, seu prestígio profissional é uma unanimidade. Assim, registra o Dr. Bayle que ele foi eleito Bastonário da Ordem, em 11 de agosto de 1848, para o ano jurídico 1848-1849. M. Battar informa mais sobre esta eleição:

“Não vos surpreenderíeis, senhores, se eu acrescentasse que foi também por ter ganho a afeição e estima de seus confrades que, em 1848, nomearam-no bastonário da Ordem e lhe conferiram, por sufrágio, a mais alta distinção àquele que jamais a aspirara”.

Édouard Feret também confirma esta data:

“E foi eleito bastonário da ordem em 1848”.

J.-B. Roustaing ainda não havia completado 43 anos. Dr. Bayle informa que, infelizmente, não foi possível localizar o seu discurso de posse, no destacado cargo de *Bâtonnier*. Indalício Mendes, de destacada cultura, nos científica, em nota de rodapé do seu já citado artigo, na revista *Reformador*, que Bastonário significa *Chefe* ou *Presidente*:

“Esse título honroso era conferido ao advogado escolhido entre outros da maior cultura jurídica e reconhecida probidade pessoal e profissional. Constituía uma distinção, uma homenagem à dignidade da pessoa distinguida com tão honrosa preferência” (1971, p. 203).

O Sr. Armand Lefraise, diretor dos jornais espíritas *Le sauveur* e *La Lumière*, confirma a informação de *título honroso* para *bâtonnier*:

“M. Roustaing, avocat à la Cour impériale de Bordeaux, que la confiance et l'estime de ses collègues ont souvent élevé au poste de bâtonnier de l'ordre”

“O Sr. Roustaing, advogado na Corte imperial de Bordeaux, que a confiança e a estima de seus colegas muitas vezes elevaram ao posto de bastonário da ordem” (*Le sauveur*, 1º ano, nº 33, 11 de setembro de 1864, domingo, p. 4 e *La Lumière*, 1º ano, nº 13, 1º de outubro¹⁴ de 1864, sábado, p. 2).

¹⁴ No original francês está *novembro* em vez do correto *outubro*.

Atualmente, diz a *home page* da Ordem de Bordeaux, o *Bâtonnier* é o chefe da Ordem, e a representa em todos os atos da vida social. É eleito por dois anos em escrutínio secreto, e, depois, tem que ser referendado por maioria absoluta em assembléia geral. Suas funções principais são:

- 1) A representação da Ordem;
- 2) A administração geral;
- 3) A responsabilidade pela disciplina;
- 4) O papel de conciliador das diferenças;

Mais tarde, foi designado *Secretário do Conselho*, em 10 de agosto de 1852, para o ano jurídico 1852-1853. Assim, de 1847 a 1855, ao todo oito anos, Roustaing colaborou administrativamente na *Ordem*, que tanto orgulho tinha em pertencer, e à qual deixou um legado ao morrer, conforme Édouard Feret:

“Considerou muito honroso estar inscrito no quadro da ordem até a sua morte, e ao qual fez um legado ao morrer”.

É a mais pura verdade. Em seu testamento holográfico, de 1861, ele impõe a sua vontade:

“Dou e lego à ordem dos advogados da corte imperial de Bordeaux, à qual, durante trinta anos, pertenci, de uma maneira tão ativa em audiência e no gabinete, e à qual pertenço ainda como advogado consultor, 1º minha biblioteca inteira em tudo o que a compõe em livros de direito, de legislação e de jurisprudência e, notadamente, os três volumes encadernados de minhas defesas e memórias que, em pequeno número, foram, a pedido de meus clientes, em razão da complicação das causas de fatos e de direito, submetidos à publicação para serem distribuídos aos magistrados; 2º uma soma de três mil francos para ser empregada, a título de fundos de reserva, conforme as regras que regem a ordem dos advogados da França segundo as leis e decretos a esse respeito, para dar socorro aos advogados do tribunal de Bordeaux que vierem a precisar dela”.

Que reconhecido agradecimento! Que bondade!

Acometido de grave doença, a partir de *janeiro de 1858* (QE, I, 57), que abordaremos mais adiante, Roustaing viu-se obrigado a se afastar da militância da advocacia, mesmo depois de seu restabelecimento. Permaneceu, porém, ligado à sua querida Ordem como *advogado consultor*, e também em casa instruía com prazer:

“Sua inteligência ainda se fazia sentir sobre matérias de direito e sobre outros assuntos” (M. Battar).

Aqui Battar também fala em *outros assuntos*. Quais seriam eles? Seriam sobre os diversos temas espíritas? Talvez. O *Bâtonnier* M. Battar seria um simpatizante da nova doutrina? É provável; mas, em seu discurso, apesar da beleza, da profundidade e do bom senso quanto à caridade, nada dele se pode aventar sobre suas possíveis ligações com a Terceira Revelação.

Agora vamos ver a posição de *independência financeira* que Roustaing conquistou com estes 30 anos de labuta:

“Exercício desta amada profissão para com a qual era devedor de uma posição independente, adquirida mediante trinta anos de trabalho no gabinete e nos tribunais” (QE, I, 58).

Roustaing ainda confirma esta independência numa 3ª carta dirigida a Allan Kardec, a quem também faz um grande legado, o qual mais adiante analisaremos na íntegra:

“Posso e devo consagrar a essa nova era uma notável porção do modesto patrimônio que adquiri para a realização de minhas provas, com o suor de meu rosto, à custa de minha saúde, através da pobreza, da fadiga, do estudo e do trabalho, durante trinta anos de vida militante de advogado, um dos mais ocupados nas audiências e no escritório” (RS, FEB, janeiro de 1862, p. 52).

Não quero deixar o leitor sem conhecer a informação, sempre rica, do M. Battar sobre a independência financeira de Roustaing:

“Foi assim que ele conquistou, na advocacia, uma das situações mais prestigiadas e, ao mesmo tempo, uma modesta fortuna, mas suficiente para seus gestos simples e seu coração desprovido de ambição”.

O Espírito do Sr. François Roustaing, seu pai, confirma esta independência em mensagem ditada do além, como um beneplácito divino:

“Meu Deus, bendito sejas tu que tomaste pela mão o meu filho bem-amado e o levaste, através da pobreza, do estudo e do trabalho, a ter, entre os seus irmãos da Terra, uma posição livre e independente, que lhe permite consagrar o resto da vida a te amar e servir” (QE, IV,67).

Quero citar a opinião síntese que seus discípulos escreveram sobre sua carreira advocatícia de sucesso, numa nota de rodapé na segunda tiragem, de 1882, da obra de Roustaing:

“J.-B Roustaing foi um jurisconsulto sábio e profundo, advogado poderoso pela dialética e pela atração da sua eloquência. Possuía também, no terreno das coisas humanas e divinas, uma ciência e uma erudição excepcionais, hauridas em trabalhos imensos e em extraordinários estudos” (QE, I, 1942, p. 104).

Impressiona ver que, até no estrangeiro, o grande advogado bordelense criou fama. A *Revue Spirite* reproduz um artigo inserido no periódico espírita, o *Moniteur*, órgão da *Federação Belga*, em que o Sr. De Turck, *cônsul honorário, amigo devotado de Allan Kardec*, em certa altura, destaca o nome de J.-B. Roustaing como *célèbre advogado (célèbre avocat)*:

“O Sr. J. B. Roustaing, antigo bastonário na Corte de Bordeaux, jurisconsulto profundo, advogado formidável por sua dialética e sua eloquência, de uma erudição pouco vulgar” – *De Turck, cônsul honoraire, ami dévoué d`Allan Kardec* (RS, 26º ano, nº 7, julho, 1883, p. 311).

Agora, leitor amigo, vou estampar parte da *page* do *Institut des Droits de L`Homme du Barreau de Bordeaux – Le Barreau de Bordeaux à travers l`histoire* (<http://www.idhbb.org/fr-index1.htm>), com texto escrito pelo seu atual Presidente, o Sr. Bertrand Favreau. O que emociona é que, passados 125 anos da desencarnação de Roustaing, seu nome permanece lembrado entre os grandes da história dos *Direitos do Homem*. Surpreende mais ainda ver o IDHBB, através do seu *Portal*, sintonizado com o Espiritismo e, em especial, com o *site* da *Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes* (Rua Bambina, nº 128, Botagogo, Rio de Janeiro). Este *site* (<http://www.casarecupbenbm.org.br>) foi idealizado pelo amigo e grande colaborador nesta pesquisa, o jornalista Júlio Couto Damasceno, e lançado em 1999, na gestão segura da inesquecível Presidenta, a Sra. Amanda Pereira da Silva. Desde então, vem publicando, no *Museu Roustaing*, com ineditismo, num feito jornalístico verdadeiramente notável, os principais documentos e fotos levantados por esta pesquisa. O *Portal* do IDHBB, ao falar da obra *Os Quatro Evangelhos*, compõe as palavras do título com um grifo, para realçar e ao mesmo tempo para assinalar um *link*, que *clicado*, nos leva para a *page* da *Casa*, e, mais precisamente, para o *Museu Roustaing*.

É surpreendente! E como gratifica os esforços da Casa em manter viva a história que tanto ama e, por isso, divulga. E, se pensarmos no Espírito Roustaing, podemos imaginar a alegria de ver o seu amado Barreau tão sintonizado com os ideais pelos qual viveu e tanto lutou.

Vejamos o texto em francês e, em seguida, a tradução:

1848

Election au bâtonnier de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879). Disciple fervent d'Allan Kardec, il est le futur auteur de "Spiritisme chrétien ou la revelation da la revelation contenant les quatre évangiles", publié à Bordeaux en 1866 et connu au Brésil, où il est aujourd'hui encore considéré comme une source du Spiritisme, sous le titre "Os Quatro Evangelhos". Il consacra la fin de sa vie à des oeuvres de charité. À sa mort il légua au barreau de Bordeaux la somme de 3000 FF pour être "affectée à secourir les avocats nécessiteux".

1848

Eleição a bastonário de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879). Discípulo fervoroso de Allan Kardec, é o futuro autor de "Espiritismo cristão ou a revelação da revelação", publicada em Bordeaux em 1866 e conhecida no Brasil, onde é atualmente ainda considerada uma fonte do espiritismo, sob o título "Os Quatro Evangelhos". Ele consagrou, no fim de sua vida, a obras de caridade. À sua morte ele deixara ao Barreau de Bordeaux a soma de 3000 FF para ser "destinada a socorrer advogados necessitados".



Portal do IDHBB
Institut des Droits de l'Homme du Barreau de Bordeaux

176

VII – CASAMENTO

O *Espírito de Verdade* nos ensina, em *O livro dos espíritos*, que o casamento ou a união de dois seres:

“É um progresso na marcha da Humanidade” (perg. 695).

E Allan Kardec, coerente, comenta, mais adiante, após a resposta da pergunta 696:

“O estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre todos os povos, se bem que em condições diversas. A abolição do casamento seria, pois, regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes”.

Sim, *solidariedade fraterna*, intimidade, afetividade, simpatia, concordância e amor é tudo que se espera de um casamento e que o torna feliz.

Em 1850, J.-B. Roustaing, com 44 anos, bem amadurecido nas lutas pela vida e profissionalmente estabilizado, vê chegar a hora de se unir a uma companheira que, pela *simpatia*, o complementa em tudo, principalmente que o conforto no seu coração sobrecarregado por uma vida *de estudos, de canseiras e labor* (QE, I, 57). Ali, bem perto dele, na sua parentela, encontra, ou melhor, reencontra sua querida Elisabeth.

No dia 15 de novembro de 1996, recebemos da Prefeitura de Bordeaux, através do Sr. Jean-Claude Chanut, *Direction de la Communication*, a *certidão de casamento* de Elisabeth-Jean Baptiste. Dada a importância do documento vamos traduzir e transcrevê-lo na íntegra:

“Roustaing Jean e Roustaing Elisabeth. Aos vinte e quatro de agosto de mil oitocentos e cinqüenta, à tarde, diante de nós, Pierre Casteja, um dos adjuntos do senhor prefeito (Maire) de Bordeaux, compareceram de um lado o Senhor Jean Baptiste Roustaing, advogado na Corte de Apelação de Bordeaux, de quarenta e quatro anos, nascido na cidade de Bègles, Gironde, em quinze de outubro de mil oitocentos e cinco, residente em Bordeaux com seus pai e mãe, na rua des Trois-Conils 5, filho do senhor François Roustaing, proprietário, e da senhora Marguerite Robert, sua esposa. E de outro

478
Rouletting Jean
Rouletting Elisabeth

Les Vingt quatre deus mil huit cent cinquante
après midi, par devant nous Charles Jaquez...
Muni de Rouletting ont comparu: le sieur Jean Baptiste Rouletting
avec elle indifférent. Rouletting, âgé de quarante quatre ans, résidant à Rouletting
Rouletting, gendre le sieur et de la sieur Rouletting
Rouletting, veuve de la sieur Rouletting
de Rouletting, résidant à Rouletting. Contre de Rouletting, gendre de Rouletting
Rouletting, résidant à Rouletting, fils de Rouletting
Rouletting, propriétaire, résidant à Rouletting. Elisabeth Rouletting, née
dame de Rouletting, âgée de quarante ans, résidant à Rouletting.
Le mariage a été célébré par nous Charles Jaquez, notaire public, en présence de
de Rouletting, gendre de Rouletting, et de Rouletting, gendre de Rouletting.
Le mariage a été célébré par nous Charles Jaquez, notaire public, en présence de
de Rouletting, gendre de Rouletting, et de Rouletting, gendre de Rouletting.
Le mariage a été célébré par nous Charles Jaquez, notaire public, en présence de
de Rouletting, gendre de Rouletting, et de Rouletting, gendre de Rouletting.

Je soussigné, notaire public, Charles Jaquez, en présence de
Rouletting et de Rouletting, gendre de Rouletting, et de Rouletting, gendre de Rouletting.
J. Rouletting
Le Rouletting

489
Rouletting Jean
Rouletting Elisabeth

Le Vingt huit ans mil huit cent cinquante après midi
par devant nous Charles Jaquez, notaire public, en présence de
de Rouletting, gendre de Rouletting, et de Rouletting, gendre de Rouletting.
Le mariage a été célébré par nous Charles Jaquez, notaire public, en présence de
de Rouletting, gendre de Rouletting, et de Rouletting, gendre de Rouletting.

2E 192 428
15 Nov. 1996

Certidão de casamento
de Elisabeth e Jean Baptiste

lado a senhorita Elisabeth Roustaing, viúva do senhor Raymond Lafourcade, de quarenta e quatro anos, nascida em Ladaux, Cantão de Targon, Gironde, no dia treze de dezembro de mil oitocentos e cinco, residente em Bordeaux, na rua D'Aquitaine 63, filha do senhor Pierre Roustaing, proprietário, falecido, e da senhora Elisabeth Chéminade Saveune, os quais comparecem querendo se unir em matrimônio, agindo como maiores. O primeiro com consentimento de seus pai e mãe aqui presentes, e a última, com o da mãe, expresso num ato autêntico, com data de vinte e dois de julho último, na declaração de me. Labadie de Salarde (?) e seu colega, notário em Bordeaux, ato que ficou anexado ao processo das peças do presente casamento, após ter sido assinado por estar conforme. Em consequência, eles nos requereram de proceder à celebração de seu casamento, cujas publicações foram feitas em frente à porta principal da Prefeitura (Hôtel de Ville – sede da Mairie), nos dias onze e dezoito do corrente ano. Sobre o que, em face daquela requisição, após haver feito a leitura das peças relativas ao seu estado e do capítulo seis do título cinco do Código Civil, atendido a que não nos foi apresentada nenhuma oposição, perguntamos aos futuros esposos se eles desejavam aceitar um ao outro em casamento, e cada um deles tendo respondido separadamente e afirmativamente, nós pronunciamos em nome da lei que o senhor Jean-Baptiste Roustaing e a senhorita Elisabeth Roustaing estão unidos em matrimônio, cujo ato (?) à repartição do Estado Civil em presença dos unidos. (Relação dos presentes assinalada pelo notário.). JnBte Roustaing esposo, viúva Lafourcade nascida Roustaing esposa, Roustaing nascida Robert, Chéminade, Roustaing (?), (?) Chéminade, Casteja, J. Roustaing, L. Roustaing”.

Em 24 de agosto de 1850, à tarde, Jean Baptiste Roustaing, de 44 anos, nascido em Bègles, e residindo com seus pais, na Rue Trois-Conils, 5, casa-se com Elisabeth Roustaing, sua prima, também com 44 anos, nascida em 13 de dezembro de 1805, em Ladaux, cantão de Targon, e residindo, àquela época, em Bordeaux, na Rua D'Aquitaine, 63. O pai de Elisabeth, Sr. Pierre Roustaing, proprietário, já havia falecido.

Elisabeth era viúva do Sr. Raymond Lafourcade, e não deixou filhos deste primeiro casamento, bem como do segundo, com Roustaing. Pode-se imaginar que ela, possivelmente, era estéril, e que dada às limitações da medicina da época, não podia solucionar tal restrição, que é sempre uma imposição, parcial ou total, imposta pelas leis que regem a vida.



Início da Rue Trois-Conils



Rue Trois-Conils, 5

De Elisabeth Roustaing, ainda recebemos a *certidão de nascimento*, enviada pelos *Archives Municipales de Bordeaux*, em 26 de dezembro de 1996. Para que o leitor tenha acesso ao máximo de informações que cercam o eminente advogado Jean Baptiste Roustaing, vamos também transcrevê-la e traduzi-la na íntegra:

“Ano quatorze da república. Aos vinte e três do Primário, ao meio-dia, diante de nós, prefeito provisório do estado civil da Comunidade de Ladeaux Cantão de Targon, Departamento da Gironde, compareceram o senhor Pierre Roustaing agricultor residente há três meses nesta comunidade, o qual nos declarou que ontem, vinte e dois do mês corrente às oito horas da manhã, Elizabeth Cheminade viúva de Pierre Lieux deu à luz na casa “d’auries” na citada comunidade a uma criança do sexo feminino que ele nos apresenta e a qual ele dá os sobrenome e nome de Elizabeth Roustaing, as ditas declarações e apresentações foram feitas na presença de Jean Galoupeau, agricultor de sessenta e cinco anos de idade, morador desta comunidade, e de Michel Daudieu fabricante de Sercles, de quarenta e dois anos de idade, domiciliado na comunidade de Cardan, Cantão de Cadillac. As testemunhas não assinaram o presente ato, tendo declarado não saberem assinar, mas o fez o senhor Roustaing. Leitura feita para todos os três. Assinaturas: Roustaing e Firvallois (prefeito temporário)”.

47 7977



Le quatorze de la république le vingt
 trois finnaire amidi pardevant nous Maire
 provisoire officier de l'état civil de la commune
 de la deaux canton de targon département
 de la giroude est comparu Sieur pierre
 Roustang agriculteur résidant depuis
 trois mois dans cette commune, lequel nous
 a déclaré que hier vingt deux du courant
 a trois heures du matin Elisabeth Chamme de
 Veys de pierre lieu est accouchée d'une
 d'amaison d'auis de cette commune d'un
 enfant du sexe féminin qu'il nous présenter
 et auquel il donne les noms et prénoms
 d'Elisabeth. Roustang, les ditte déclaration
 et présentation faite en présence de Jean
 galouzeau, cultivateur agé de soixante
 cinq ans, habitant de cette commune, Et
 de michel Daudieu faïtcur, d'abord, agé
 de quarante deux ans, domicilié de la commune
 de Cardan, canton de Cadillac, les temoins
 ne signent par le present acte ayant
 déclaré ne savoir rien de la naissance
 Roustang lecture luaité faite à tous
 trois en tous
 Roustang Juvallois maire provisoire

Certidão de nascimento de Elisabeth Roustang

O texto é muito claro. Elisabeth Roustaing nasceu no dia 22 do frimare do ano 14 da República, às oito horas da manhã. Utilizando os recursos do *software Calendrier* para a conversão da data republicana para o nosso calendário, se chega ao dia 13 de dezembro de 1805, sexta-feira. Logo, Elisabeth era cerca de dois meses mais nova que seu futuro marido, o Sr. J.-B. Roustaing.

Algumas observações de reforço: seu pai, Pierre Roustaing, era agricultor e só há três meses residia em Ladaux, cantão de Targon. Lembro que Targon era a região de origem do pai de Jean Baptiste Roustaing, Sr. François. A mãe da esposa de Roustaing também se chamava Elisabeth, e ficou viúva, como mais tarde sua filha, de um primeiro casamento, como o Sr. Pierre Lieux. Outra observação é que – saber ler e escrever, no interior (Ladaux), em 1805, era um privilégio dos que tinham poder econômico. Reparem que as testemunhas não assinam o documento, afirmando que não o sabem fazer; porém o Sr. Pierre Roustaing, o pai, o fez. Este sinal de cultura, logo de força econômica, mostra que o agricultor Pierre era endinheirado, o que justifica a posse da casa “d’auries”, local do nascimento da menina Elisabeth. Suponho que o Sr. Pierre Roustaing fosse vinhateiro.

Por hora adianto que o casal Roustaing viveu uma vida de harmonia e de grandes serviços no bem. Apresento apenas três citações, a primeira do Sr. Battar, que registra que Elisabeth era de Roustaing a:

“Companheira de sua vida e de suas boas obras”.

A outra citação é do próprio Jean Baptiste Roustaing, quando escreveu o seu primeiro testamento em dezembro de 1861:

“Eu, abaixo assinado, Jean Baptiste Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, ex-bastonário, morando em Bordeaux na Rua Saint-Siméon, nº 17, declaro ter feito, pelo artigo dois de minha certidão de casamento com a assistência jurídica do falecido Me. Alexandre Louis Thierrée notário em Bordeaux na data de vinte e um de agosto de mil oitocentos e cinquenta, à minha esposa Elisabeth Roustaing, chamada Jenny em família, viúva em primeiras núpcias do Senhor Raymond Lafourcade, doação, em caso de falecimento anterior de minha parte, e em plena propriedade, de todos os bens móveis e imóveis que deixarei na ocasião de minha morte. Confirmo aqui essa doação universal em favor de minha querida esposa, como sendo a expressão de minhas últimas vontades. Em consequência, faço pelos presentes, sob forma holográfica, meu testamento para o caso somente em que a vontade de Deus me imponha a obrigação e o dever de sobreviver à minha cara esposa e em que eu venha a sobreviver a ela”.

Mais adiante, no seu testamento, mostra a total confiança que deposita em sua *querida esposa*, ao ressaltar:

“Tal é o meu testamento que só surtirá efeito e só terá existência e valor no caso somente em que minha cara esposa venha a morrer e morra antes de mim. Se ela sobreviver a mim, este presente testamento será e permanecerá, em sua inteireza e inteiro teor, nulo e de nulo efeito e valor, anulado e como se nunca tivesse existido; e minha inteira sucessão mobiliária e imobiliária será recolhida, sem nenhuma exceção nem reserva por minha cara esposa em virtude e em execução da dita doação universal que lhe fiz pelo artigo dois de minha dita certidão de casamento. Estou convencido e sei antecipadamente que ela fará desses seus bens e dos meus, por via testamentária, uma disposição e uma distribuição ao mesmo tempo perfeitamente eqüitativa, caridosa e agradável a Deus”.

Allan Kardec, semelhantemente, em seu testamento, também declara a sua total confiança em sua querida esposa Amélie, na intimidade Gaby. A cópia autenticada deste documento nos foi enviada, em 18 de fevereiro de 2002, pelo *Centre Historique des Archives Nationales – Departament de la Communication*:

“Este é meu testamento



“Eu, abaixo assinado, Hypolite Léon Denizard Rivail,¹⁵ antigo diretor de instituição de ensino; morador em Paris, Rua Mauconseil nº. 18, declaro instituir Madame Amélie Gabrielle Boudet, minha esposa, como minha legatária universal apropriando-se de todos os meus bens, móveis e imóveis, presentes e futuros. O presente testamento, inteiramente manuscrito, foi entregue em mãos ao Sr. Gaudcheaux, tabelião em Paris, Rua Ste. Anne nº 18

“Feito em Paris, vinte e quatro de abril de mil oitocentos e quarenta e seis”.

¹⁵ Aqui, é bom ressaltar, que o testamento foi escrito à mão pelo próprio Kardec. Assim se vê como ele escrevia o seu nome: *Hypolite* é como está na certidão de nascimento. *Léon* está com assento, diferentemente do documento. *Denizard* está escrito com “z”, e no registro de nascimento aparece com a letra “s”. Informo ainda que este testamento holográfico foi aberto em 1º de abril de 1869 e registrado no dia 5 do mesmo mês e ano.

177

Testamentum

Je soussigné, Apprenti Allan Kardec
 Né le 24 Avril 1804 au lieu de la commune
 de Paris sous le nom de Malouin
Gabriel Baudet sous
 le nom de Malouin
 propriétaire en toute propriété
 d'un certain bien meuble et immeuble
 situé à Paris
 Et de la somme de 1000 francs
 dont un tiers est affecté au service
 de Joseph Baudet - Père
 de Allan Kardec - Fils
 Fait à Paris le vingt-quatre avril
 mil huit cent quarante-six
 Signé par son propre nom Allan Kardec
 Membre de la Société, le premier
 jour de son existence
 1846
 Enregistré à Paris le 24
 6 mai 1846 folio 1029
 Plus cinq francs de frais
 de Carlier

Testamento de Allan Kardec - 24 de abril de 1846

VIII – CASA DA RUE SAINT-SIMÉON, 17

A sabedoria popular diz bem: *quem casa quer casa*.

Com o nosso biografado não foi diferente. Apesar do aconchego do lar paterno-materno, onde por muito tempo morou, J.-B. Roustaing e sua *querida* Elisabeth viram a necessidade de adquirir um imóvel confortável e amplo, onde pudessem, com independência, exercitar o destino traçado com antecedência, anos antes de reencarnarem.

Assim, no ano de 1853, eles encontram um imóvel disponível para venda, num excelente ponto de Bordeaux. Até hoje o local é muito bem valorizado, ficando nas imediações da Place Camille Julian.

O endereço desta casa, na Rue Saint-Siméon, nº 17, é conhecido dos espíritas atentos, pois ele se encontra na *Revue Spirite* (10º ano, janeiro, 1867, Edicel, p. 32), numa carta que Roustaing escreveu a Allan Kardec. Esta foi, no mínimo, a sexta correspondência dele para o Codificador.¹⁶ Nela se vê a solicitação para se publicar na *Revue* uma *errata* da obra *Os quatro Evangelhos*, o que Kardec fez imediatamente. No final da missiva, se encontra:

ROUSTAING

Advogado na Corte Imperial
de Bordeaux, antigo presidente,
rue Saint-Siméon, 17.

Assim, tomando esta informação, fomos buscar conhecer o imóvel que tão bem serviu a Roustaing durante a sua jornada terrena. Em 1990, a então Srta. Ana Suely Ferreira, amiga da *Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes*, cursava uma Pós-

¹⁶ É possível que as correspondências entre estes dois missionários não se resumam a estas aqui citadas. Outras poderão ser encontradas mais adiante, conforme o andamento das pesquisas. Não temos absolutamente nenhum medo do futuro. Inclusive, como já supôs um confrade, se algum dia, esta ou outra pesquisa encontrar qualquer coisa desabonando com palavras o homem Roustaing, desde um simples bilhete até uma carta ou artigo, ainda que assinados pelo próprio Codificador, este trabalho permanecerá atual e com força para permanecer de pé. Continuará grafando, assim, nas páginas da história, e com letras irremovíveis, que *Jean Baptiste Roustaing é apóstolo do espiritismo, na condição de missionário do Alto com a tarefa abençoada da fé, e que bem desempenhou sua missão entre nós*.

graduação em Engenharia, na cidade de Toulouse (Résidence Les Oliviers, 77 Chemin de la Salade Ponsan, apt. 5), e solícita, se comprometeu, diante das informações que eu e o Julio Damasceno colocamos em suas mãos, a disponibilizar um tempo, apesar de todas as dificuldades de uma bolsista, e pesquisar algum documento em Bordeaux sobre o nosso biografado e a fotografar a sua casa, na Saint-Siméon.

No dia chuvoso de 3 de fevereiro de 1990, eis a grande surpresa: Ana Suely consegue disponibilizar tempo, e viaja de Toulouse para Bordeaux, a fim de visitar a antiga residência de J.-B. Roustaing. Emocionada, mistura lágrimas com chuva, e fotografa, de muitos ângulos (20 fotos), a rua e a casa. A nossa alegria não teve e ainda não tem palavras para agradecer à dedicada colaboradora. Que Deus continue a iluminar sua jornada com muitas bênçãos. *O Cristão espírita* imediatamente registrou as fotos inéditas, na edição nº 90, Ano XXIV, de janeiro a abril de 1990.



Rue Saint-Siméon
Foto de Ana Suely Ferreira



Casa nº 17
Foto de Ana Suely Ferreira

Na época destas fotos, funcionava neste endereço o *Laboratório de Prótese Dentária F. Uzac e Francis Theas*.

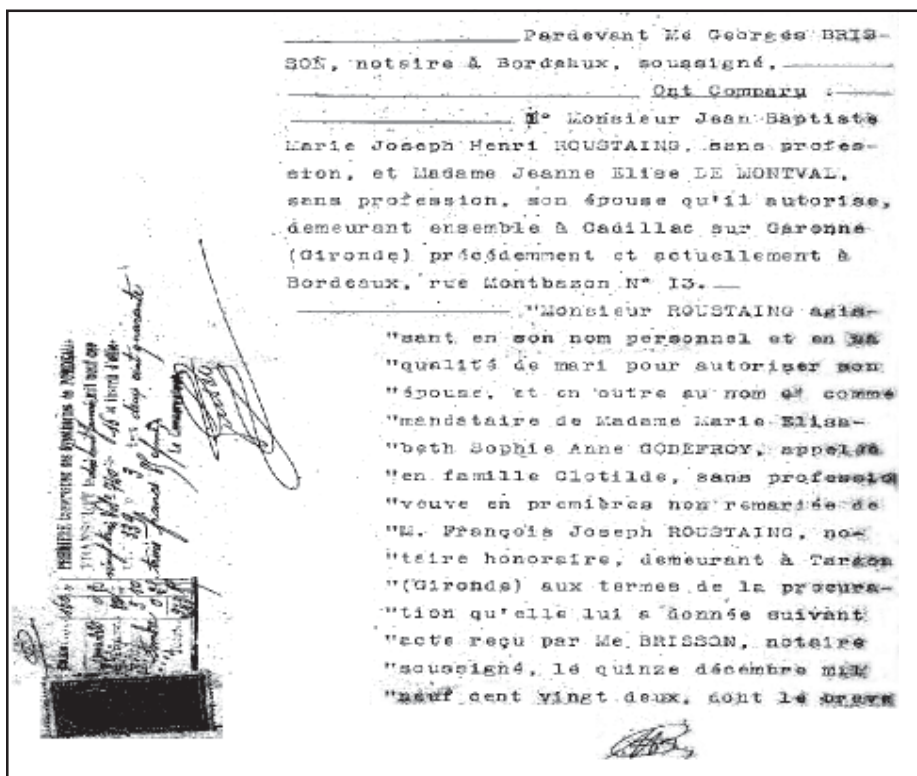


Porta da Rue Saint Siméon, 17
Laboratório de prótese dentária em 1990
Foto de Ana Suely Ferreira



Rue Saint Siméon e, ao fundo, as obras do Metrô em 1990
Foto da Ana Suely Ferreira

Infelizmente, dado o tempo curto da Ana Suely, não foi possível contatar os proprietários. Muito tempo depois, em 1997, escrevemos para este endereço, em busca de mais informações e, em 10 de junho deste mesmo ano, recebemos uma carta do Sr. François Uzac, que nos informou ser ele o conservador (*conservateur*) deste antigo imóvel, há 34 anos. E, para nossa surpresa, ele enviava o documento *original* de compra e venda deste imóvel. Reforço à informação de ser o documento *original*, que, após a publicação deste livro, fará parte, sem dúvida, do acervo da *Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes*.



Certidão de Compra e Venda do imóvel de Roustaing

Segundo o documento, a origem da propriedade é a seguinte: Jean Baptiste Roustaing,¹⁷ advogado da Corte imperial de Bordeaux, comprou de Alexandre Maixent Sebilleau, tabelião, e de sua esposa, a Sra. Marie Julie Jamain, sem profissão, ambos de Aunac (Charente), a dita propriedade, em 18 de fevereiro de 1853, por 25.000 FF e pagos em 14 de maio do ano corrente. O documento foi registrado pelo Sr. Thierrée, tabelião em Bordeaux, no dia 3 de março, no *Bureau des Hypothèques de Gironde*, Vol II77, n^o 52, com inscrição oficial no mesmo dia, no vol. 366, n^o 34I.

A propriedade, como já informamos, é bem confortável. Há o pavimento térreo, depois vêm o 1^o, 2^o e 3^o andares. Ainda há um pavimento situado abaixo da cobertura do edifício, o sótão, além das adegas. Um casal amigo, grande colaborador desta pesquisa desde os primórdios,

¹⁷ Nesta certidão, o prenome Jean Baptiste se encontra sem o hífen, à semelhança da certidão de nascimento.

esteve visitando a propriedade, em abril de 1999, e registrou tudo com muitas fotos:



Placa da Rue Saint-Siméon



Antiga casa de Roustaing

No *Censo* realizado em 1866, na cidade de Bordeaux, encontram-se registrados os nomes dos que moravam na Rue Saint-Siméon, 17, andares superiores:

Jean Roustaing, advogado, homem casado (*homme marié*), 58 anos.¹⁸

Marguerite,¹⁹ sua esposa, sem profissão, 50 anos.²⁰

Jeanne Viguet, doméstica, solteira, 20 anos.

Os andares térreos da casa do Sr J.-B. Roustaing, dono de toda a propriedade, eram alugados ou cedidos à família Lévêque:

Stanislas Lévêque, agregado no tribunal do comércio, casado, 53 anos.

Suzanne Venanine, sua esposa, sem profissão, 50 anos.

Marguerite Lévêque, filha, 20 anos.

Léonce Lévêque, filho, 19 anos.

Marie Lévêque, filha, 8 anos.²¹

¹⁸ O certo é 60 ou 61 anos, dependendo do mês em que houve o *Censo*.

¹⁹ O certo é Elisabeth ou Jenny.

²⁰ O certo é 60 ou 61 anos. O funcionário que anotou as informações desta rua, como se vê, era bastante *generoso* e, também, apressado, por isso, a imprecisão.

²¹ Esta jovem menina será agraciada no 2º testamento de Roustaing, em 1878, a título de *dedicação*. Ver mais adiante.

Seus vizinhos eram, na residência nº 15, andar superior, a família do Sr. Jean Marquéfave, 40 anos, negociante em metais, com mais quatro dependentes. No andar inferior, temos a família do Sr. André Prados, 44 anos, negociante de vinhos, com mais três dependentes. Neste mesmo prédio, num quarto, vivia a Sra. Marie Dufill, separada do marido, segundo o Censo, e morando sozinha, com 50 anos. Na residência do nº 19, temos a família do Sr. Jean Dupré, que vivia de rendas (sem profissão), de 69 anos, com mais oito dependentes.

Inspirado pela Sabedoria Maior, o Espírito André Luiz revelou:

“Compreenda os problemas e as dificuldades de quantos caminham ao seu lado. Os familiares são parentes do sangue, mas os vizinhos são parentes do coração”. (*Estude e viva*. Xavier, F. C. Rio de Janeiro: FEB, 1972, p. 113).

Todas estas informações sobre este *Censo* nos foram enviadas pelos *Archives Municipales de Bordeaux*, na pessoa de seu atual *Le conservateur*, Sra. Agnes Vatican, em 20 de julho de 2004.

Mais tarde, nesta residência, na Rue Saint Simeón No 17, J.-B. Roustaing irá realizar reuniões espíritas diárias, favorecendo toda a psicofera da região. E, também aí, será o local de sua desencarnação. Tudo isso veremos mais adiante.

NOME DO HABITANTE	NOME DO PADRÃO, ALIAS, NOME DE COI	SEXO	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	TÍTULOS	DIAZ QUITA DAS HABITAÇÕES						IDADE	OBSERVAÇÕES
						COM MANEIRO			SEM MANEIRO				
						QUANT.	VALOR	VALOR	QUANT.	VALOR	VALOR		
1	Grados	André	solteiro	cardeiro	1							40	
2	Boussy	Amor	casado	cardeiro					1			40	
3	Grados	Maria	solteira	cardeiro					1			14	
4	Grados	Conceição	solteira	cardeiro	1							12	
5	Auguier	João	solteiro	cardeiro	1							40	
6	Milly	Luís	solteiro	cardeiro					1			20	
7	Auguier	João	solteiro	cardeiro					1			6	
8	Auguier	Margarida	solteira	cardeiro					1			4	
9	Milly	João	solteiro	cardeiro							1	16	
10	Milly	Maria	solteira	cardeiro					1			23	
11	Dupé	Maria	solteira	cardeiro						1		20	casada
12	Louisy	Maria	solteira	cardeiro	1							13	
13	Vermeil	João	solteiro	cardeiro					1			20	
14	Louisy	Margarida	solteira	cardeiro					1			20	
15	Louisy	António	solteiro	cardeiro	1							19	
16	Louisy	Maria	solteira	cardeiro					1			1	
17	Gallé	Maria	solteira	cardeiro					1			21	
18	Franchet	João	solteiro	cardeiro					1			24	
19	Roustaing	João	solteiro	cardeiro	1							17	
20	Roustaing	Margarida	solteira	cardeiro						1		25	
21	Vigot	João	solteiro	cardeiro					1			20	
22	Dupé	João	solteiro	cardeiro	1							11	
23	Chou	Luís	solteiro	cardeiro						1		60	
24	Dupé	João	solteiro	cardeiro	1							24	
25	Dupé	Margarida	solteira	cardeiro	1							20	
26	Louisy	António	solteiro	cardeiro						1		21	
27	Dupé	Conceição	solteira	cardeiro	1							1	
28	Dupé	Maria	solteira	cardeiro					1			20	
29	Chou	João	solteiro	cardeiro	1							21	
30	Chou	Maria	solteira	cardeiro						1		22	
TOTAL						8	6		11	7			

Rue S^t Siméon



Censo de 1866 na Rue Saint-Siméon
A seta aponta para a família Roustaing

IX – QUINTA DO TRIBUS

Realizado profissionalmente, o advogado J.-B. Roustaing adquire uma bela quinta em 1855. Ela foi de importância fundamental para o refazimento emocional e físico do seu proprietário, além de se transformar num dos maiores *epicentros* na explosão do espiritismo na França.

A origem desta propriedade, seu nome e localização serão alvo de nossas atenções neste subcapítulo. Inicialmente, quem escreve sobre sua propriedade no *campo* é o próprio Roustaing, em dois momentos:

“Un médium qui était alors, avec moi, à ma campagne, et avec lequel je me livrais chaque jour, à des travaux assidus” (QE, I, 1ª tiragem de 1866, p. XVI).

Vamos acompanhar a tradução feita por Henrique Vieira de Castro, a pedido da *Federação Espírita Brasileira*, baseada na 1ª tiragem de *Les quatre evangiles*, de 1866, e publicada em português, no ano de 1909 (mais adiante falaremos especificamente desta tradução e do seu tradutor):

“Um médium que estava então comigo na minha casa de campo e com o qual eu me entregava todos os dias a trabalhos assíduos” (QE, I, 1909, p. 21).

Aqui quero destacar: *na minha casa de campo*.

Em 1882, quando da 2ª tiragem de *Les quatre evangiles*, duas vírgulas são suprimidas do texto, mas o sentido permanece o mesmo. Elas não mais aparecem após a palavra *moi e jour*:

“Un médium qui était alors, avec moi à ma campagne, et avec lequel je me livrais chaque jour à des travaux assidus” (QE, I, 2ª tiragem de 1882, p. 11).

A tradução feita aqui, para este pequeno trecho, por Stenio Monteiro de Barros, é a seguinte:

“Um médium que estava então, comigo, no meu campo e com o qual eu me dedicava, diariamente, a trabalhos assíduos”.

Guillon Ribeiro, baseou sua tradução nesta segunda tiragem (1882); mas especificamente, este texto em foco, ele o traduziu da edição de 1866:

“Um médium que se achava então em minha companhia e com o qual me consagrava diariamente a trabalhos assíduos” (QE, IV, 65).

Evidentemente que, por um lapso, Guillon Ribeiro não traduz: *ma campagne*.

Meus dedos, leitor amigo, que normalmente já vão meio que cata a cata, pelo teclado, aqui endureceram, dada a grandeza de Guillon Ribeiro, o qual merece todo o nosso carinho e gratidão. Quero inclusive exaltar sua contribuição espírita, citando o que escreveu sobre ele o poeta Clóvis Ramos. Em 1969 e 1970, a revista *Sabedoria*, cujo *Diretor Responsável e Redator Chefe* era o inesquecível Carlos Torres Pastorino, publicou uma série de 48 ótimas biografias dos grandes vultos do Espiritismo internacional e brasileiro, todas da lavra de Clóvis Ramos, *o que valoriza sobretudo o trabalho, dado o seu cunho literário apurado*, comentou Torres Pastorino (*Sabedoria*, ano 6, nº 72, dezembro de 1969, p. 328). O texto que vamos citar sobre Guillon está na 22ª biografia de 1969:

“Podia ter deixado grande bagagem doutrinária, maior número de livros de sua autoria, mas preferiu ser o tradutor de obras notáveis, que enriqueceram a bibliografia de Espiritismo no Brasil, sem falar da excelente tradução, ainda não superada, das obras de Allan Kardec. Poliglota, conhecedor profundo de vários idiomas e cultor do vernáculo, mestre de nosso idioma, pode fazê-lo como ninguém, até hoje. E isto é sua maior láurea. Deu-nos os livros da Codificação em português castiço, em linguagem exata. E os **Quatro Evangelhos**, de Roustaing, nos quais gastou cinco anos de perseverante trabalho” (O negrito é do original).



Carlos Torres Pastorino

De Guillon Ribeiro falaremos mais adiante, quando tratarei de sua impecável tradução.

Voltemos à propriedade de *campo* de Roustaing. *Ma campagne* se traduz por *meu campo*, e, no contexto, significa: chácara, sítio, quinta, fazendola, etc. É uma propriedade rural.

Numa outra vez, J.-B. Roustaing fala desta propriedade a Allan Kardec, ao comentar sobre o seu 1º testamento, de 1861:

“Tinha programado neste inverno, depois de minha volta do campo (*à moi retour de la campagne*), esta obra de minhas últimas vontades” (RS, FEB, janeiro de 1862, p. 52).

M. Battar, porém, precisa o local desta propriedade rural, no seu grande discurso, nos funerais de Roustaing:

“No distrito de Targon, onde possuía uma propriedade”.

Édouard Feret é mais exato:

“Discípulo fervoroso de Allan Kardec, levou, durante os últimos anos de sua vida, numerosos adeptos à doutrina espírita, seja em Bordeaux, seja sobretudo na região de Entre-deux-Mers, onde habitava na comuna de Arbis, próximo de Targon”.

Armand Lefraise, num texto que já citamos na *Introdução*, acrescenta:

“Assistimos, no último domingo, a uma reunião de espíritas, chegados há pouco à crença regeneradora. Um dos apóstolos mais dedicados da doutrina nova, o Sr. Roustaing, advogado na Corte imperial de Bordeaux, que a confiança e a estima de seus colegas muitas vezes elevaram ao posto de bastonário da ordem, recebia naquele dia, em sua casa, em sua propriedade de Tribus, como faz todo mês, os prosélitos que conseguiam chegar à sua região”.

P.-G. Leymarie confirma:

“Todos se recordam das reuniões em Arbis, nas quais, todo domingo, o antigo bastonário da ordem dos advogados de Bordeaux, discorria sobre o espiritismo” (RS, julho, 1883, p. 299).

Há, no entanto, outro dado que precisa ser citado para se formar um conjunto. No *Banquete de Pentecostes*, em 20 de maio de 1866, já citado na íntegra na *Introdução* deste livro, há um brinde que, para nós, é muito especial:

“Ao Sr. J.-B. Roustaing, o vulgarizador do espiritismo em Benaugé” (*L'Union*, 22 de maio de 1866, p. 279).

Agora temos as seguintes localidades para confrontar: Entre-deux-Mers, Benaugé, Targon, Arbis e Tribus. Observemos suas geografias.

Entre-deux-Mers (*Entre-deux-Mers*) é uma vasta região, extremamente fértil e rica em produção agroindustrial, num formato semelhante a um triângulo de terra, delimitada pelos rios Dordogne (ao norte) e Garonne (ao sul). O seu mapa destaca os vários *cantões* que aglomeram diversas *comunidades*:



Mapa de Entre-deux-Mers

A relação entre Targon, Arbis, Benaugé e Tribus, fomos buscar através de uma carta encaminhada para a Mairie (prefeitura) de Arbis. A nossa solicitação foi atendida, em 3 de novembro de 1998, pelo Sr. P. Journu, *Adjoint au Mairie*, que nos trouxe importantes esclarecimentos.

“Arbis é uma comuna administrada por um Conselho Municipal e um Mairie (Prefeito). Um cantão é constituído de várias comunas vizinhas (vinte para o cantão de Targon), o que permite reunir e administrar coletivamente certos equipamentos ou atividades e serviços comuns a essas aldeias.

O Departamento da Gironde abrange todos os cantões de uma zona geográfica, e é dirigido por uma assembleia, o Conselho Geral, que reúne os eleitos dos Cantões (um por cantão).

Arbis e Targon são duas comunas do mesmo cantão, este tomou o nome da comuna mais importante, e o denominamos “Canton de Targon”, e Targon é o “*Chef-lieu*” (capital) do cantão, do mesmo modo que Bordeaux é a capital (*Chef-lieu*) do Departamento da Gironde.

Targon, sendo um centro mais importante que Arbis, é normal que certos serviços aí estejam instalados em benefício dos habitantes do cantão”.

Logo, temos um cantão chamado Targon, que administra 20 comunidades, entre elas a comunidade de Targon (mesmo nome do cantão e sua *capital*) e a comunidade de Arbis. Observemos um mapa que esclarece bem:



Mapa do Cantão de Targon
A seta de cima mostra a comuna de Targon (capital)
A seta de baixo mostra a comuna de Arbis

Arbis é uma comunidade atualmente com 243 habitantes, uma superfície de 874 hectares, a 41 m de altitude. Dista 45 km de Bordeaux e 8 km da comuna administrativa de Targon, local de nascimento de François Roustaing, pai de Jean-Baptiste. Ao norte de Arbis, podemos ver a comuna de Ladaux, local de nascimento de Elisabeth Roustaing.



O Bourg de Arbis no Século XIX



Uma rua de Arbis – Séc XIX



Uma rua de Arbis – Séc. XIX

O Château Benauge é um belo e antigo castelo localizado em Arbis. Principal referência turística da comuna, é também seu centro administrativo ou Mairie. O Sr. P. Journu teve a gentileza de mandar uma foto, onde se pode visualizar o Château Benauge e, por trás dele, a quinta do Tribus, antiga propriedade rural de Roustaing.



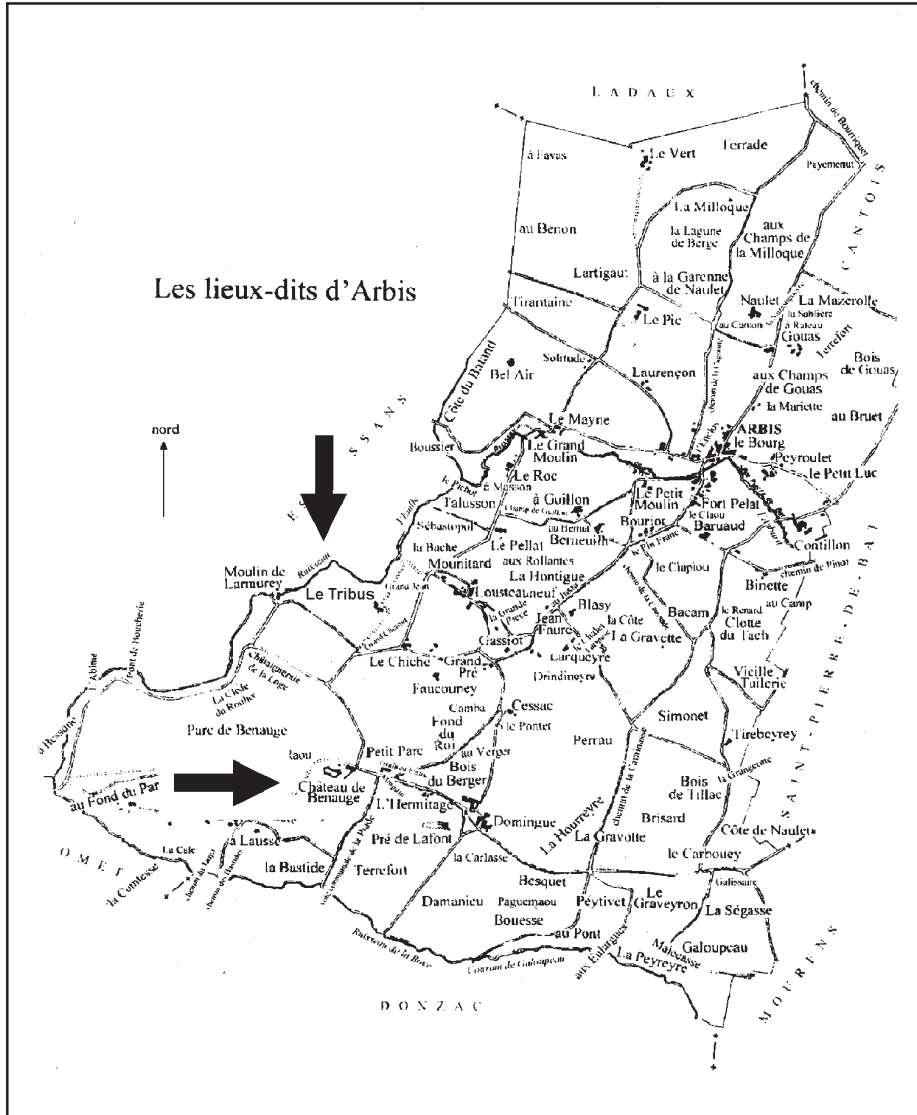
Château Benauge e aos fundos a quinta do Tribus

A quinta do Tribus já tinha sido alvo de nossas atenções anteriormente. Já havíamos solicitado informações sobre esta propriedade rural ao Marie de Arbis, que através do Sr. P. Journu, em 30 de julho de 1998, informou-nos a sua história.

Tribus é uma quinta que pertencia ao domínio do castelo de Benauges, castelo de grande importância do século XII e XIII. O nome Tribus tem sua origem no fato de lá ter sido a residência do *cofradeiro de impostos* do Condado de Benauges. Acompanhemos P. Journu:

“Tribus é uma propriedade de 17 hectares de terra. Ela se transformou, em 1795, em propriedade da família Lalanne, depois, em 1855, passou ao mestre J.-B. Roustaing. Com a morte deste último, em 2 de janeiro de 1879, a propriedade ficou em divisão entre os seus dois sobrinhos (François Joseph Roustaing e Georges Roustaing). Tribus foi vendida pelos seus descendentes, em 28 de agosto de 1919, para a família Arnaud, cujos descendentes atuais são o Sr. e a Sra. Yvan Jeanneau”.

Vamos com a ajuda de um mapa de Arbis localizar a quinta do Tribus e outras propriedades vizinhas:



Mapa das Propriedades de Arbis
 1ª seta: a quinta do Tribus
 2ª seta: o château Benauge



Visão do conjunto da quinta do Tribus



A casa de campo da quinta do Tribus

Uma síntese geográfica para melhor visualização é a seguinte:

Aquitaine	Uma das 23 Regiões da França
Gironde	Um dos cinco Departamentos da Aquitaine
Entre-deux-Mers	Triângulo entre o Dordogne e Garonne, rico em produção e variedades culturais
Bordeaux	Capital da Gironde
Cantão de Targon	Cantão que administra 20 comunas, entre elas a comuna de Targon e a comuna de Arbis
Comuna de Targon	Capital do Cantão de Targon
Comuna de Arbis	Uma das 20 comunidades do Cantão de Targon
Château de Benauge	Antigo e belo castelo da comuna de Arbis e seu centro administrativo
Quinta do Tribus	Uma das propriedades rurais da comuna de Arbis

Alguém mais exigente poderá perguntar se é legítimo o célebre advogado de Bordeaux, Jean Baptiste, possuir tais propriedades, a casa de Bordeaux e a quinta do Tribus. Não seria um exagero, frente à lei da caridade? A resposta está nas origens dos bens e na sua utilização. Terra por terra é crime, frente às leis dos homens e, sobretudo, diante das leis divinas. Está lá no Evangelho: *para que deixar inativa a terra?* (Lc. 13: 7). Allan Kardec ensina, com grande prudência, num comentário no *Livro dos espíritos* (Perg. 882):

“O que, por meio do trabalho *honesto*, o homem junta constitui legítima propriedade sua (...), porque a propriedade que resulta do trabalho é um direito natural, tão sagrado quanto o de trabalhar e de viver”.

O *Livro dos espíritos* continua:

883. *É natural o desejo de possuir?*

“Sim, mas quando o homem deseja possuir para si somente e para sua satisfação pessoal, o que há é egoísmo”.

a) – *Não será, entretanto, legítimo o desejo de possuir, uma vez que aquele que tem de que viver a ninguém é pesado?*

“Há homens insaciáveis, que acumulam bens sem utilidade para ninguém, ou apenas para saciar suas paixões. Julgas que Deus vê isso com bons olhos? Aquele que, ao contrário, junta pelo trabalho, tendo em vista socorrer os seus semelhantes, pratica a lei de amor e caridade, e Deus abençoa o seu trabalho”.

884. *Qual o caráter da legítima propriedade?*

“Propriedade legítima só é a que foi adquirida sem prejuízo de outrem”.

Comenta Allan Kardec:

“Proibindo-nos que façamos aos outros o que não desejáramos que nos fizessem, a lei de amor e de justiça nos proíbe, *ipso facto*, a aquisição de bens por quaisquer meios que lhe sejam contrários”.

Vamos convocar Pietro Ubaldi para a nossa discussão:

“Desde as suas primeiras origens e raízes biológicas, os princípios do trabalho e da propriedade são conexos, legitimados pelas leis da vida e nela profundamente radicados” (*A descida dos ideais*. Campos: Fundápu, 1984, p. 301).

Segundo Ubaldi, há *leis para adquirir e leis para usufruir*:

“Então a lei é que propriedade e riqueza podem subsistir de uma forma estável só quando quem as possui cumpre os deveres relativos a elas. Somente nestas condições a vida respeita o direito de quem possui” (p. 311).

E, mais:

“Um dos maiores abusos da propriedade e riqueza é o de aproveitá-la como meio de luxo e ócio, em vez de cumprir com o dever de utilizá-las como meio para realizar um maior trabalho produtivo, em proveito da sociedade. Eis então que luxo e ócio, em vez de trabalho e produção, representam uma posição invertida, contra a Lei, que reagirá destruindo-a. A posição duradoura não é a da exploração dos outros para vantagem própria, mas aquela na qual quem possui trabalha a favor da utilidade coletiva” (pp. 311-2).

Voltemos à questão das propriedades de Roustaing. Eram elas bem administradas por ele, visando não somente o seu bem-estar, mas também a prática da lei de amor e caridade?

Já vimos, *en passant*, que, na casa da Rua Saint-Siméon, nº 17, eram realizadas, por Roustaing, reuniões diárias de preces e esclarecimentos para os espíritos sofredores, depois que este passou a conhecer o espiritismo. Lembramos também que este imóvel só foi adquirido após Roustaing labutar por 22 anos ininterruptos na advocacia.

Seus empregados também foram bastante compensados por ele; não só pelo salário, que sempre dignifica o trabalhador, mas pela lembrança póstuma, em seus dois testamentos. No primeiro, de 1861, ele lembra deles com as seguintes palavras:

“Dou e lego à empregada que estiver a meu serviço, durante minha última doença e na ocasião de minha morte, e que me tiver dedicado seus cuidados, a quantia de três mil francos”.

No segundo testamento, de 1878, a quantia é aumentada, e seus nomes lembrados, com os devidos agradecimentos:

“Dôo e lego à Marie Laborde e à Rose Laborde, Jeanne, sua irmã, minhas domésticas atualmente a meu serviço, para a primeira nomeada a quantia de três mil francos e, para a segunda, a quantia de mil e quinhentos francos; essas duas quantias de três mil francos e de mil e quinhentos francos serão pagas e saldadas por meus legatários gerais e universais Georges e Joseph Roustaing a partir do dia do meu falecimento, com juros a partir do dia do meu dito falecimento”.

No *Censo* realizado em Bordeaux, em 1866, a doméstica que estava aos seus serviços chamava-se Jeanne Viguet, e tinha, então, 20 anos. Talvez seja a mesma Jeanne que o serviu até o final de sua existência, e Viguet seria o nome do seu marido.

Havia ainda a Srta. Marie Lévêque, que, com seu pai e mãe, moravam nesta residência, com a autorização de Roustaing. A Srta. Lévêque nutria a dedicação do casal Roustaing, e, por isso, foi agraciada no 2º testamento, com uma quantia em Francos Franceses e palavras de carinho:

“Dôo e lego à senhorita Lévêque, Marie Lévêque, residente em Bordeaux, na rua St. Siméon nº 17, com seu pai e mãe, a título de dedicação, a quantia de mil francos, pagável em duas partes após o meu falecimento”.

Na quinta do Tribus, J.-B. Roustaing realizava uma intensa atividade de imensos benefícios sociais. É o que se verá, ao tratarmos das reuniões espíritas realizadas nesta propriedade.

Mas, numa quinta, o principal é *não deixar a terra inativa*. Terras só podem ser sinônimo de produção. E Roustaing produzia, aí, em larga escala: trigo (*blé*), vinho tinto (*vin rouge*) e vinho branco (*vin blanc*). Temos os números da safra de 1872. Em trigo, a quinta do Tribus, dos 16 principais produtores, foi a quarta colocada, com 90 hl. Em vinho tinto, foi a sexta colocada, com 36 hl. E, em vinho branco, ficou em quinto lugar, com 108 hl..

O mais bonito, que se destaca além da boa produção agrícola, é o carinho respeitoso que o célebre advogado nutria pelo seu caseiro, extensivo a seus familiares. No 2º testamento, de 1878, ele e seus filhos são nomeados e os últimos agraciados de forma toda especial:

“Dôo e lego aos quatro filhos de meu caseiro Jacques Léglise, cognominado em família Marcellin, na minha propriedade de Tribus, comuna de Arbis, e a cada um de seus filhos, Ferdinand, Fernand, Marie e Jeanne, a quantia de quinhentos francos, que será destinada e paga a cada um deles na época de seu casamento, ou na época de sua maioridade e, a partir do dia do meu falecimento, esses citados legados aos quatro filhos de Léglise, meu caseiro, serão por meus dois herdeiros instituídos Georges e Joseph Roustaing depositados e remetidos à Caixa Econômica de Cadillac ou Bordeaux, à escolha dos interessados, que elas permanecerão rendendo juros até à dita época do casamento ou maioridade”.

Há muito mais exemplos de caridades feitas por Roustaing, apóstolo da nova doutrina, em Arbis e por toda a região de Entre-deux-Mers, que relataremos noutro subcapítulo, num tempo mais oportuno.

X – DESENCARNAÇÃO DE MARGARITTE ROBERT

“Os séculos que varreram civilizações e refundiram povos não transformaram a misteriosa fisionomia da sepultura” (Emmanuel – Prefácio da obra *Obreiros da vida eterna*, Espírito: André Luiz – Médiun: F. C. Xavier, FEB, 1981, p. 7).

A *perda* de um ente querido foi sempre uma experiência dolorosa, em todas as épocas. O fenômeno da morte tortura, quando não se tem a devida compreensão do que ocorre, como ocorre, e suas conseqüências futuras. O famoso *Deus sabe o que faz* é um paliativo urbanizado. É verniz! Emmanuel constata a pura realidade:

“Milenário ponto de interrogação, a morte continua ferindo sentimentos e torturando inteligências” (no prefácio do livro *Obreiros da vida eterna*, p. 7).

Desorientado pelas religiões tradicionais, que não explicam o fenômeno, nem convencem com a fé cega; e desiludido pela Ciência sem ciência, que nega tudo que não pode apalpar, e nem perquire fora das sensações físicas, o homem vive sem esperança, indeciso em suas crenças, ou pior, indiferente ou revoltado.

A falta de luz sobre a hora da morte e o seu depois faz este homem deparar-se ante o pórtico do sepulcro – diz Emmanuel –, com a mesma *aflição dos egípcios, dos gregos e dos romanos de épocas recuadas*.

Em 7 de dezembro de 1852, desencarna Joseph Adolphe Roustaing, irmão mais velho do nosso biografado. Três anos depois, em 1855, chega a hora da desencarnação da mãe de J.-B. Roustaing, a Sra. Margueritte Robert. Esta época – meados do século XIX – não era diferente da Antigüidade, frente ao fenômeno da morte. Era ainda uma *época de sarcasmo, de incredulidade e de negação*, escreve Roustaing (QE, I, 57). Ele mesmo era *respeitador de todas as crenças*, dada a sua urbanidade e *liberdade de consciência*, o que exigia, antes de tudo, a sua profissão. Porém, não se sentia confortável diante das simplórias explicações tradicionais e, por isso, confessa com pesar:

“Nenhuma fé definida eu tinha” (QE, I, 58).

E admitia:

“O que as interpretações humanas ensinavam relativamente ao Cristo e aos seus Evangelhos, que permaneciam obscuros e incompreensíveis para mim” (p. 58).

No entanto, se era amadurecido para não cair nas garras do materialismo, também não se deixava cristalizar pelo catolicismo retrógrado:

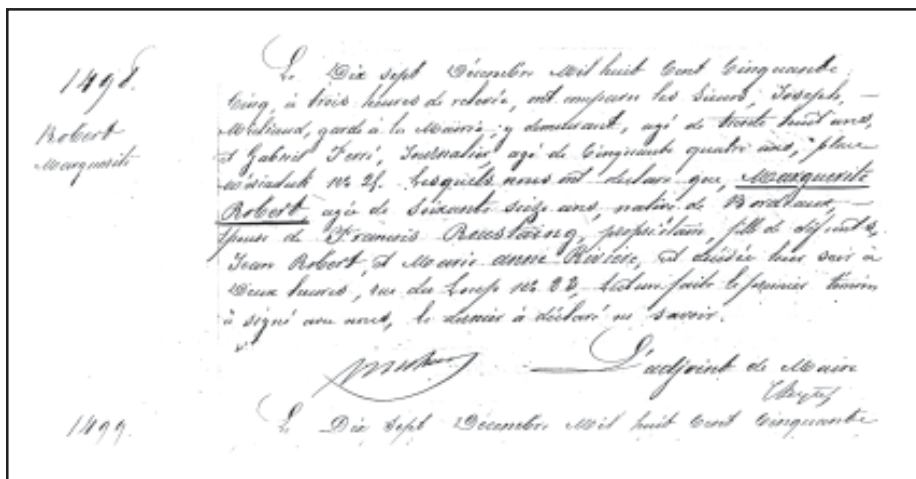
“A liberdade do materialista no seu limitado campo, liberdade que, do contrário, acabaria por nos mumificar a consciência e a razão, como pretendeu o catolicismo mariólatra e intolerante dos papa-reis” (QE, I, 1942, 124).

Só mais tarde, em 1860, cinco anos depois, pôde ler *O livro dos espíritos* e se deparar com *explicações judiciosas* sobre o:

“Fenômeno da morte, da individualidade e das condições de individualidade da alma após a morte” (QE, I, 59).

Enfrentou, portanto, antes da explosão abençoada do espiritismo, a realidade fria e cortante da separação materna. No entanto, não se revoltou, porque tinha a dignidade e a serenidade resultantes de sua maturidade espiritual.

A Sra. Margueritte Robert, sua querida mãe, desencarnou aos 76 anos, no dia 16 de dezembro de 1855, às 14 horas. Estes dados se encontram na certidão de óbito que recebemos dos *Archives de Bordeaux*, em 9 de outubro de 1998:



Certidão de Óbito de Margueritte Roustaing

A certidão de óbito também registra que o seu falecimento ocorreu em sua residência, na Rua du Loup, 23.



Início da Rue du Loup



Rue du Loup, 23

A Rua du Loup fica bem perto da Rua Saint-Siméon, local da residência de Roustaing. Assim, mãe e filho eram quase vizinhos e, com facilidade, podiam manter o convívio aconchegante e caloroso.

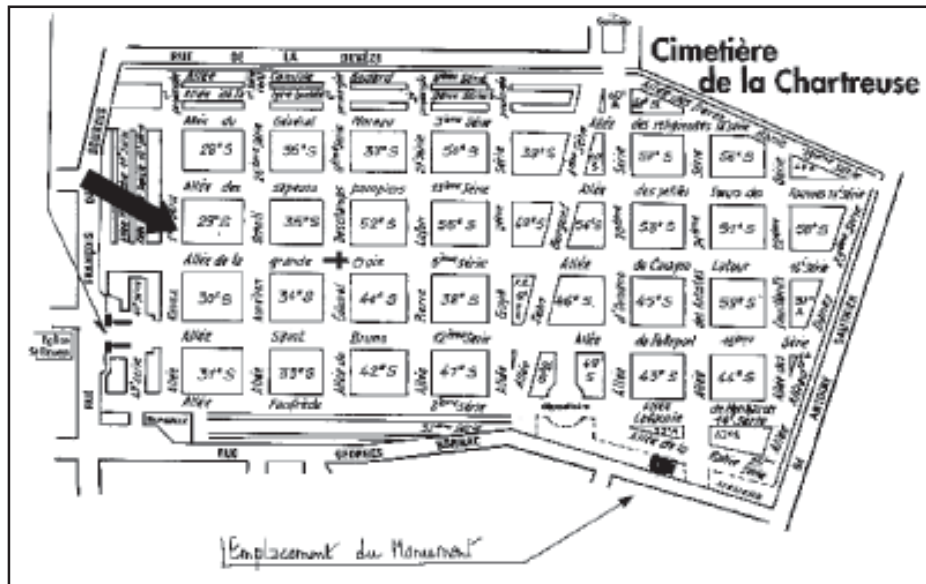
É o amor materno, que independe da idade do filho, que é sempre amado, como constata *O livro dos espíritos*:

“A tal ponto se considera o amor que uma mãe consagra a seus filhos como o maior amor que um ser possa votar a outro” (perg. 385).

Os funerais ocorrem dois dias depois, no dia 18, no *Cimetière de la Chartreuse*. O local do jazigo é a *Allée des Sapeurs Pompiers*, Série 13, nº 242. Essa quadra fica à esquerda de quem entra pelo portão principal do cemitério. Neste mesmo jazigo, mais tarde, foram sepultados François, Elizabeth, Jean Baptiste e outros das famílias Roustaing e Gautier. Todas essas informações nos chegaram da Mairie de Bordeaux, através do Sr P. Fouriaud, *Conservateur des Cimetières*, em 22 de março de 1997.

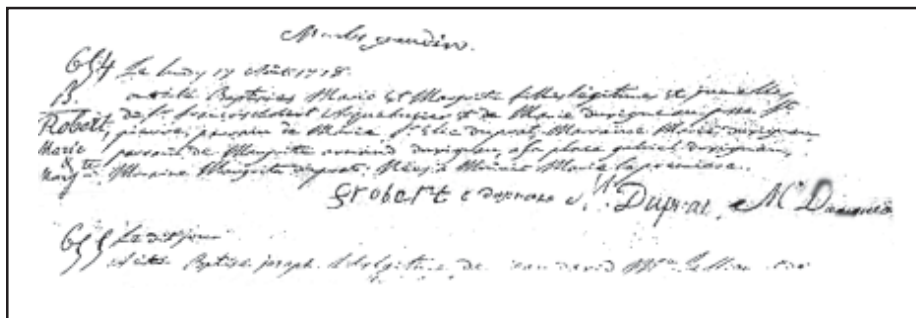


Allée des Sapeurs Pompiers



Cimetière de la Chartreuse

Outro documento que temos, em nosso arquivo, sobre a Sra. Margueritte Robert é a sua certidão de batismo, já citada neste capítulo. O local deste registro, aqui neste livro, parece não ser muito apropriado; porém, para nós, os espíritas, *berço* e *túmulo* são apenas duas fases, momentâneas e opostas, de uma única vida que prossegue eterna, a do Espírito imortal.



Certidão de batismo de Margueritte Robert

XI – GENEROSIDADE NO ESMOLAR

“Dai esmola do que tiverdes, e tudo vos será limpo” (Jesus, Lc. 11: 41).

Segundo o Evangelho, nenhum ritual purifica o homem, mas somente no ato de doar, dar *esmola* é que ele pode encontrar a limpeza, tanto *exterior*, quanto *interior*. É o desprendimento, é o dever social cumprido, é, acima de tudo, a consciência tranqüila. Nas escrituras, encontramos três exemplos notáveis de cristãos que imortalizaram seus nomes pela prática desta virtude. O primeiro exemplo encontramos na cidade de Jope, onde uma *discípula* de nome Tabita, nome este que traduzido quer dizer Docas, era *notável* pelas boas obras e *esmolas* que fazia (At. 9: 36). O segundo, vemos em Cornélio, centurião da Corte chamada Italiana, que era piedoso e temente a Deus com toda a sua casa e que fazia *muitas esmolas* ao povo e, de contínuo, orava a Deus. Certo dia, Cornélio foi tomado por uma visão de um anjo do Senhor:

“Cornélio! Este, fixando nele os olhos e possuído de temor, perguntou: Que é, Senhor? E o anjo lhe disse: As tuas orações e esmolas subiram para a memória diante de Deus” (At. 10: 2 e 4).

Aqui, se registra que as esmolas também elevam a alma para Deus. O terceiro e último grande exemplo, encontramos em Paulo de Tarso, que diante do Governador, o excelentíssimo Félix, fazendo a sua defesa, declarou, que depois de muitos anos, num esforço para *manter a consciência pura diante de Deus e dos homens*, veio a Jerusalém trazer *esmolas à sua nação* e também fazer oferendas. Nesta última passagem bíblica, há, mais uma vez, a relação *esmola e consciência pura ou limpa*.

A *postura generosa do esmolar* é condição *sine qua non* para não agredir ainda mais o solicitante, que, por razões sociais não preventivas, não proveu à vida do mais *fraco*. O *livro dos espíritos* é contundente:

888. *Que se deve pensar da esmola?*

“Condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se. Uma sociedade que se baseia na lei de

Deus e na justiça deve prover à vida do *fraco*, sem que haja para ele humilhação. Deve assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à *mercê do acaso* e da boa vontade de alguns”.

a) – *Dar-se-á reproveis a esmola?*

“Não; o que merece reprovação não é a esmola, mas a maneira como habitualmente é dada. O homem de bem, que compreende a caridade de acordo com Jesus, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão.

“A verdadeira caridade é sempre bondosa e benévola; está tanto no ato, como na maneira como é praticado. Duplo valor tem um serviço prestado com delicadeza. Se o for com altivez, pode ser que a necessidade obrigue quem o recebe a aceitá-lo, mas o seu coração pouco se comoverá”.

(...).

Passemos dos ensinamentos evangélicos e doutrinários para a vida exemplar de J.-B. Roustaing. M. Battar, o nosso já conhecido *Bâtonnier* do discurso fúnebre para Roustaing, diz, como já observamos, que ele *conquistou*, na advocacia, *uma das situações mais prestigiadas* e, ao mesmo tempo, *uma modesta fortuna*, mas *suficiente para seus gestos simples e seu coração desprovido de ambição*.

É bom ver que o Sr. Battar destaca *os gestos simples* e o *coração desprovido de ambição* como virtudes manifestas da personalidade de Jean Baptiste. Esses são *os dois primeiros passos* para a caminhada de sucesso daquele que recebe a prova da riqueza, tão arriscada, árdua e embaraçosa. Há *um terceiro e grande passo* nesta prova, que é o saber administrar bem esta fortuna, tendo a verdadeira consciência da sua missão social e o seu melhor emprego. O Espírito Fénelon ditou uma mensagem em Argel, em 1860, onde orienta sabiamente sobre a *missão das grandes fortunas*:

“Sendo o homem o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe pôs nas mãos, contas severas lhe serão pedidas do emprego que lhes haja ele dado, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau uso consiste em os aplicar exclusivamente na sua satisfação pessoal; bom é o uso, ao contrário, todas as vezes que deles resulta um bem qualquer para outrem. O merecimento de cada um está na proporção do sacrifício que impõe a si mesmo. A beneficência é apenas um modo de se empregar a riqueza; ela dá alívio à miséria presente; aplaca a fome, preserva do frio e proporciona abrigo ao que não o tem. Dever,

porem, igualmente imperioso e meritório é o de prevenir a miséria. Tal, sobretudo, a missão das grandes fortunas, missão a ser cumprida mediante os trabalhos de todo gênero que com elas se podem executar (...)” (*O Evangelho segundo o espiritismo*, FEB, 2004, 1ª ed. especial, XVI, 13, 385-6).

Como J.-B. Roustaing administrava a *porção do modesto patrimônio que ele adquiriu para a realização de suas provas* (RS, FEB, 1862, p. 52)? M. Battar informa a respeito:

“Ele reservava mesmo grande parte para empregar em abundantes esmolas”.

Mas sabia fazer isso sem degradar e humilhar o mais necessitado. Fazia, investindo na dignidade do homem, exalçando a sua inteligência através do trabalho. É como recomenda *O livro dos espíritos*:

“O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa” (perg. 886).

Antes de darmos alguns exemplos da conduta generosa de Roustaing, é bom lembrar que, nesta época, ele ainda não era espírita, ainda não conhecia o Evangelho, em espírito e verdade. Esta cronologia dos fatos é muito importante. Só mais tarde, depois de 1860, quando passa a conhecer a Doutrina codificada por Allan Kardec, é que, ressalta o Sr. Battar:

“A partir desse momento, ele se liberou, com mais desprendimento que antes, de suas atividades de beneficência e caridade, tanto na cidade como no distrito de Targon, onde possuía uma propriedade”.

Esta nova fase, a da caridade no período espírita, será abordada mais adiante, no tempo conveniente. Mas dizíamos que Roustaing aplicava grande parte de sua fortuna incentivando a dignidade humana. Já registramos a sua preocupação, ao criar *fundos de reserva*, com o objetivo de *dar socorro* aos advogados do tribunal de Bordeaux que viessem a precisar. Ainda, mesmo afastado da militância advocatícia, se punha de boa vontade, como advogado consultor, colocando a sua prestigiosa inteligência a serviço do próximo, em *matéria de direito* e sobre *outros assuntos*. Deixa a

sua biblioteca, em tudo que se refere ao direito, à *Ordem* dos advogados, democratizando, em alto grau, o bem do conhecimento.

Noutras áreas de atividades, na cidade e no campo, pensava sempre na grandiosidade do bem do trabalho:

“Dou e lego aos pobres da comuna de Arbis, cantão de Targon (Gironde), uma soma de dois mil francos e aos pobres da paróquia da igreja de São Pedro em Bordeaux uma soma de dez mil francos. Que cada uma dessas duas somas seja empregada, a de dois mil francos para a dita comuna de Arbis e a de dez mil francos para a dita paróquia de São Pedro, com discernimento, 1º para obter roupa, pão e abrigo, ou uma somente ou várias dessas coisas, conforme o caso, se uma delas for somente necessária, para os verdadeiros pobres, isto é, para os mais necessitados que, em razão de sua idade ou de sua enfermidade, não podem mais trabalhar, tais como os velhos e os que são ou serão, de uma maneira permanente ou momentânea, atingidos de doença e também da impossibilidade, apesar da idade, de prover às necessidades da vida pelo trabalho, para as viúvas e os órfãos que não atingiram ainda a idade do trabalho que é um dever para todos os homens ricos ou pobres, na condição social e na família em que a justiça de Deus os colocou e no lugar em que ela os fez nascer, 2º para conseguir para todos os que tiverem necessidade, operários das cidades e dos campos, as ferramentas e instrumentos de trabalho para a aprendizagem ou exercício de um estado ou de uma profissão manuais”.

Que texto maravilhoso! Que respeito pelo trabalho que tão bem dignifica o homem. Interessante a sua preocupação com a invalidez permanente, parcial ou total. Para que ninguém se sinta excluído, mas incluído em sua decência social. Sua visão profissionalizante, disponibilizando *ferramentas e instrumentos*, é bem moderna, é ultramoderna, pois encerra a auto-realização, como conseqüência do fazer pelas próprias mãos. É a célebre recomendação do *ensinar a pescar*, dando todas as condições para isto.

Seu proceder também é exemplar em relação ao respeito pelo direito de propriedade. Ele empresta recursos financeiros para que um servidor seu adquira um cômodo, e se sinta digno por ter uma moradia própria, podendo, através do seu trabalho, ir pagando, gradativamente, seu empréstimo. Mas, reconhecendo a importância do servidor e vendo seu esforço em pagar sua dívida, releva-a, e ainda acrescenta maior soma em dinheiro, como agradecimento pelos serviços prestados:

“Dou e lego a Mouline, meu avaliador, morando atualmente perto de meu domínio do Tribus, no lugar denominado Talusson ou

Sebastopol, na dita comuna de Arbis, uma soma de dois mil francos, mais a de cento e vinte francos que ele ainda me deve, como prêmio, que lhe emprestei, para compra por ele, de André Vinsot, em ato diante de M, Roustaing, tabelião em Targon, de um cômodo de fundos no dito lugar de Talusson ou Sebastopol.

“Faço esse legado a Mouline em lembrança e testemunho de seus bons e leais serviços”.

Mas pode alguém questionar ainda se a generosidade de Roustaing deveria ser feita de outra maneira. Que, em seu lugar, agiria desta ou outra forma, vale lembrar a frase ensinada por Jesus na parábola dos trabalhadores na vinha:

“Acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence?” (Mt. 20: 15).

XII – ESTAFAPROVIDENCIAL

Este título é devido à genial intuição do saudoso articulista do *Reformador*, Sr. Indalício Mendes, no seu supracitado artigo. Ele é devido ao grave problema de saúde que assaltou o nosso biografado, a partir de janeiro de 1858, e que o afastou da vida militante na advocacia. É o próprio Roustaing quem conta:

“No mês de janeiro de 1858, fui acometido de uma enfermidade tão prolongada quão dolorosa, proveniente de uma vida já longa de estudos, de canseiras e de labor” (QE, I, 57).

M. Battar é mais completo:

“Depois, chegou o dia em que esse ardente organismo achou-se quebrado pelo excesso de trabalho, onde a atividade do espírito foi vencida pelo esgotamento do corpo. Em torno de 1860, sua saúde, profundamente alterada, obrigou-o a se afastar da vida militante da advocacia, e a se recolher a seu interior”.

Aqui, *esgotamento do corpo*, explica a intuição de Indalício Mendes, de identificar esta doença como estafa. Hoje sealaria em estresse. E é verdade que esgotamento, estafa e estresse é sempre um processo *prolongado*. Mas não é tudo. Há também a constatação da dor, de uma enfermidade *dolorosa*. E, assim, a situação se complica ainda mais. O que houve realmente? O esgotamento físico, cercado pelo clima de constante tensão nos tribunais, foram o estopim para a manifestação de sérios problemas cardíacos? Poderíamos, também, pensar em hipertensão arterial? Ou seriam problemas reumáticos das articulares ou problemas do sistema nervoso periférico? Muito discuti com o Dr. Gilberto Perez Cardoso, Doutor em Medicina da UFF – *Universidade Federal Fluminense*, mais nada além de indícios se pode levantar sobre esta enfermidade, baseado apenas nas informações dadas por Roustaing e seu colega, o Sr. Battar. Tudo, até agora, fica no terreno das conjecturas. Esta pesquisa não encontrou nenhuma explicação convincente para diagnosticar, com precisão, a enfermidade do grande bâtonnier.

J.-B. Roustaing escreve que só se recuperou *em janeiro de 1861*, quando ficou *completamente restabelecido* (QE, I, 58). Logo a enfermidade perdurou por três longos anos. Dos seus 52 aos 55 anos de idade. Mesmo assim, a situação não teve um ponto final definitivo. Em junho de 1861, constatamos que a enfermidade ainda

persiste. Por volta desta data ele escreveu a sua 2ª carta para Allan Kardec, e já nas últimas linhas registra com pesar:

“Eu me proporia a fazer uma viagem a Paris para ter o prazer de vos apertar a mão; minha saúde, porém, opõe-se no momento a tal propósito” (RS, FEB, p. 257).

Restabelecido em janeiro, enfermado em maio (mês em que escreveu sua 2ª carta) e preocupado com seu testamento em dezembro de 1861. É tudo muito oscilante, e não dá para se falar em recuperação definitiva. Neste último mês, ele escreve para Kardec, reafirmando que seu patrimônio foi adquirido:

“À custa da minha saúde” (RS, FEB, janeiro de 1862, p. 52).

Mas, apesar da instabilidade orgânica, pensando estar restabelecido definitivamente, cuida em voltar às suas atividades profissionais:

“Cuidei de voltar ao exercício dessa amada profissão para a qual era devedor de uma posição independente, adquirida mediante trinta anos de trabalho no gabinete e nos tribunais. Mas “o homem propõe e Deus dispõe”, diz a sabedoria popular” (QE,I,58).

M. Battar, sempre atento às etapas cronológicas, descreve bem esta fase:

“Mas desejava sempre continuar advogado, e conservava com amor sua beca que, nesses momentos de ilusão, habitual entre doentes, jactava-se, algumas vezes, de poder retomar suas antigas atividades”.

Édouard Feret confirma o ano em que ele abandona a atuação profissional ostensiva:

“Deixou de advogar em 1860”.

Se M. Battar não exagerou ao descrever o quadro da enfermidade de Roustaing, outras fontes confirmam, sem nenhuma dúvida, que esta situação de *ilusão* foi passageira e circunscrita ao período agudo de sua enfermidade. O certo é que ele guardou, até o final de sua existência terrena, plena lucidez; lucidez reconhecida por um tabelião e quatro testemunhas, em novembro de 1878, cerca de 40 dias antes da sua desencarnação, ao ditar seu 2ª testamento:

“Senhor Jean-Baptiste Roustaing, advogado junto à Corte de Apelação de Bordeaux, antigo presidente da Ordem, residente em Bordeaux, na rua S^t-Siméon n^o 17, doente do corpo, mas são do espírito, logo que apareceu aos d. (ditos) escrivão e testemunhas para a conversação, foi encontrado pelos ditos escrivão e testemunhas numa poltrona colocada num quarto, ao meio-dia do dia marcado, perto de duas sacadas para a rua St.-Siméon e o qual fez seu testamento, que ditou assim como segue, em presença das testemunhas, ao d. (dito) escrivão, que o redigiu na íntegra, na mesma presença, tal como o dr. Roustaing, testador, o ditou, o presente”.

Isto é que é importante: menos de dois meses antes de falecer, estava ainda lúcido, totalmente lúcido.

No entanto, esta parada forçada das atividades profissionais foi *providencial*, como descreve, iluminado, Indalício Mendes. Bela interpretação para a pretensa vontade de Roustaing de retornar à militância advocatícia. Sim, *o homem propõe e Deus dispõe*. Neste período de convalescença, um fato extraordinário aconteceu na vida de nosso historiado:

“Um distinto médico (*médecin distingué*) daquela cidade²² me falou da possibilidade das comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, da doutrina e da ciência espíritas, como fruto dessa comunicação, objetivando uma revelação geral” (QE, I, 58).

Penso que J.-B. Roustaing está falando do seu clínico particular, o Dr. Lablay, que era seu grande amigo, e que, durante muitos anos, assistiu o nosso biografado e sua querida esposa, a Sra. Elisabeth. A amizade era tal, que o Dr. Lablay nunca cobrou os honorários a que fazia jus. Roustaing, sempre agradecido, se lembra dele, em seu último testamento:

“Dôo e lego ao Dr. Lablay, doutor em medicina em Bordeaux, alameda de Gourgues n^o 9, a título de remuneração e como pagamento de uma dívida a que faz jus, a quantia de seis mil francos por todos os cuidados que nos deu, a mim e à minha mulher, senhora Roustaing, durante longos anos, sem nada cobrar”.

²² Roustaing está falando de Bordeaux.

Outra possibilidade é que o Dr. Alphonse Bouché Vitray, distinto médico e bom amigo de Roustaing, o tenha alertado quanto às comunicações entre os dois mundos, e da doutrina e da ciência que se podem concluir destas manifestações. O Dr. Vitray, *há uns bons dez anos*, já recebera as *claridades do Espiritismo*, que *luziram em seus olhos*, porém sem o brilho verdadeiro da filosofia da *Doutrina dos Espíritos*, como ele narra:

“Era o Espiritismo em estado rudimentar, despido de seus principais documentos e de sua tecnologia característica; era um reflexo, alguns jatos de fina radiação; mas ainda não era a luz” (RS, FEB, 1861, p. 484).

Mesmo o Dr. Vitray não se encontrando ainda, nesta época, convencido por suas experiências fenomenológicas, pois só havia obtido *mistificações e respostas triviais ou obscenas*, pouco conforme a sua expectativa; ele pode ter alertado o nosso Roustaing quanto à possibilidade destas comunicações medianímicas. Depois, em 1861, após Roustaing estar devidamente orientado e convencido espiriticamente, retorna a seu *bom amigo*, o Dr. Vitray, alertando-o quanto à *filosofia da Doutrina codificada por Kardec*, que ilumina verdadeiramente. Adiante falaremos mais sobre este assunto.

O certo é que Roustaing foi alertado quanto às relações espirituais entre os dois mundos através de um *distinto médico*.

Corria o ano de 1860, quando Roustaing é convidado a pensar nas comunicações espíritas e em toda a filosofia que brota como resultado destas comunicações. Sua primeira impressão foi registrada por ele mesmo:

“Minha primeira impressão foi a de incredulidade devida à ignorância, mas eu bem sabia que uma impressão não é uma opinião e não pode servir de base a julgamento; que, para isso, é necessário, antes de tudo, que nos coloquemos em situação de falar com pleno conhecimento de causa” (QE,I,58).

Essa atitude é muito positiva, e mesmo muito racional. O Prof. Huberto Rohden também pensava assim, quando de seus primeiros contatos com a fenomenologia espírita:

“Conhecer a sua própria ignorância já é o *a b c* da sabedoria.
“Mas, impor a sua própria ignorância, é completo analfabetismo”
(*Por um ideal*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1862, p. 198).

Roustaing prossegue com sua reflexão:

“Sabia e sei ainda ser ato de insensatez aprovar ou repudiar, afirmar ou negar o que se não conhece em absoluto, ou o que se não conhece bastante, o que se não examinou suficientemente e aprofundou sob o duplo ponto de vista teórico e experimental, na medida das faculdades próprias, sem prevenções, sem idéias preconcebias” (QE, I, 58).

Roustaing não se permitia ordenar *silêncio à razão* (QE, I, 58); também não se satisfazia com a superficialidade do *sobrenatural ou do milagre*, pois, segundo ele, *o sentido que se empresta a estas palavras é o de derrogação das leis da Natureza* (QE, I, 59).

Então, só lhe restava uma solução, a única que não afrontava a sua consciência:

“Com a minha vida inteira irresistivelmente presa à pesquisa da verdade, na ordem física, moral e intelectual, deliberei informar-me cientificamente, primeiro pelo estudo e pelo exame, depois pela observação e pela experimentação, do que haveria de possível, de verdadeiro ou de falso nessa comunicação do mundo espiritual com o mundo corpóreo, nessa doutrina e ciência espíritas”. (QE, I, 59).

Sensibilizado pela dor e mais recolhido em seu interior, pôde mergulhar na nova ciência que lhe batia na alma, exigindo amplas e profundas considerações.

A dor é sempre uma abençoada oportunidade, sem igual, ensina Pietro Ubaldi:

“A dor é a chave da vida, a sua nota fundamental, o mais ativo agente de reações, plasmador de qualidades, é a sua mais alta e fecunda escola, a indispensável e insubstituível mola do progresso, ou seja, a ascensão para Deus, que é o alvo da vida” (*História de um homem*, pp. 294-5).

Noutra passagem, Ubaldi inspirado por *Sua Voz* é ainda mais preciso:

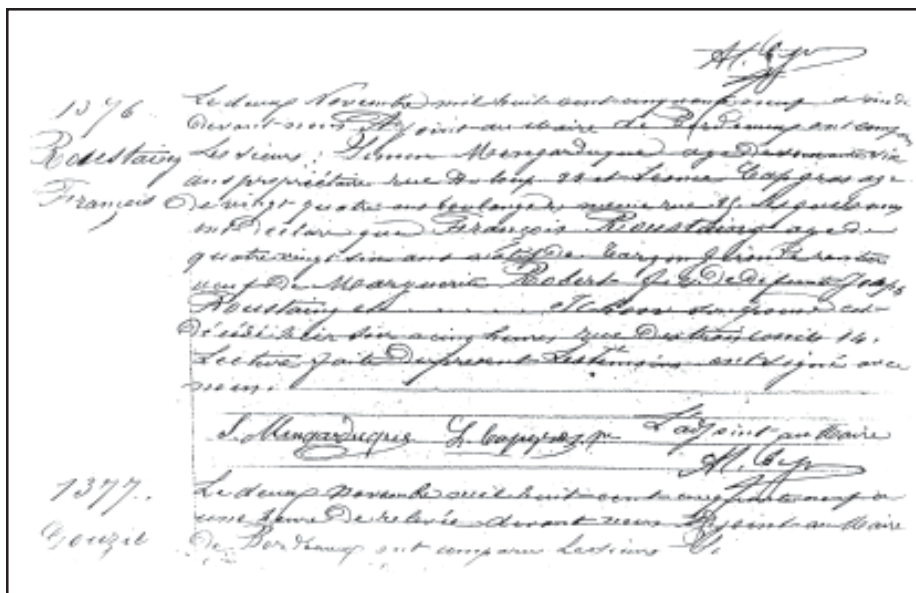
“A dor, produzida pelo choque das forças ambientais opostas ao eu, excita-lhe como reação todas as atividades e, com as atividades, o desenvolvimento. Só a dor sabe descer ao âmago da alma e arrancar-lhe o grito, com o qual ela se reconhece a si mesma; só ela sabe despertar-lhe toda a potência oculta e fazê-la encontrar,

no fundo do abismo íntimo, sua divina e profunda natureza” (*A grande síntese*. Campos: Fundápu, 1997, p. 189).

Mas façamos uma pausa para falar sobre a desencarnação de seu querido e respeitado (*chéri et respecté*) pai.

XIII – DESENCARNAÇÃO DE FRANÇOIS ROUSTAING

J.-B. Roustaing sempre demonstrou muito carinho por seu *querido e respeitado* pai (QE, IV,67). Morou com ele até o ano de 1853, quando comprou sua casa na Rue Saint-Siméon. Mesmo depois, seu pai continuou morando nas imediações da residência de seu filho. Inicialmente, na Rue du Loup, 23, até um pouco de tempo após a desencarnação de sua Margueritte (1855). Depois, na Rue Trois Conils, 14, ainda mais perto da Saint-Siméon, e ao lado da residência de outros familiares; e, aí, permaneceu, até a sua desencarnação. Isto nós podemos observar na certidão de óbito que recebemos dos *Archives de Bordeaux*, em 9 de outubro de 1998. Ele faleceu em sua residência, no dia 1º de novembro de 1859, às 17 horas, com 90 anos de idade.



Certidão de óbito de François Roustaing



O prédio da Rue Trois Conils, 14



Prédio da antiga residência de François Roustaing

O corpo que serviu à existência física do Sr. François Roustaing foi sepultado junto aos despojos de sua Margueritte Robert, no Cimetière de la Chartreuse, em 3 novembro de 1859.

O documento de aquisição por concessão do jazigo foi enviado pelo Sr. P. Fouriaud, *Conservateur des Cimetières*, em 22 de março de 1997. A aquisição deste *caveau* (4,90m x 2,89m) foi feita pelo Sr. Jean Baptiste Gautier, proprietário, residente na Rue des Trois Conils, 7, em 18 de abril de 1845. Seu corpo foi o primeiro a ser enterrado neste jazigo, em 18 de agosto de 1846.

A relação das famílias Gautier-Roustaing ocorreu através do casamento de Catherine Zoraide Gautier, filha de Jean Gautier, com Joseph Adolphe Roustaing, filho de François Roustaing e irmão mais velho do nosso Jean Baptiste.

NOMBRE CONCESSIONNAIRES		1 3 • Série N° 242061 E		Superficie... m. 70	
N° de l'Etat				Longueur... m. 25	
CONCESSIONNAIRES					
M. Jean Baptiste GAUTIER					
Profession					
7, rue de Notre Dame					
Fait le 12 Décembre 1897					
MUTATIONS					
<p>Jean Baptiste Gautier décédé est remplacé par Joseph Roustaing le 10 Octobre 1897 à la suite de son décès. Pour plus de détails voir l'acte de décès de Jean Baptiste Gautier n° 107 de la mairie de Paris le 10 Octobre 1897.</p> <p>Le 10 Octobre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p> <p>Le 10 Octobre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p> <p>Le 10 Octobre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p> <p>Le 10 Octobre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p> <p>Le 10 Octobre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p> <p>Le 10 Octobre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p> <p>Le 10 Octobre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p> <p>Le 10 Octobre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p> <p>Le 10 Octobre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p> <p>Le 10 Octobre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p>					
<p>Fait le 12 Décembre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p> <p>Fait le 12 Décembre 1897 - Le Maire J. Roustaing</p>					

Certidão de Concessão do Caveau Gautier



Detalhe do Caveau Gautier

Mas a *morte* não foi suficientemente grande e forte para afetar a relação de simpatia entre pai e filho, entre François e Jean Baptiste. É o grito de esperança que Paulo de Tarso, outro grande apóstolo do Cristo, fez ecoar através dos tempos:

“Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu agulhão?” (I Co, 15: 54-5).

O livro dos espíritos ensina que um Espírito bem amado, de um familiar, influencia os seus, em devotada e constante proteção:

514. Os Espíritos familiares são os mesmos a quem chamamos Espíritos simpático ou Espíritos protetores?

“Há gradações na proteção e na simpatia. Dai-lhes os nomes que quiserdes. O Espírito familiar é, antes, o amigo da casa”.

É precisamente isto que ocorreu: o *Espírito familiar* François Roustaing continuou, do mundo do *além*, a ser o *amigo da casa*, no mundo do *aquém*. Com o advento do espiritismo e a popularização das comunicações mediúnicas, este Espírito ditou *algumas mensagens* (QE, IV, 67).

No original francês está impresso:

“Une des manifestations de l'esprit de mon père” (QE, 1866, 1ª impressão, I, XIX).

Assim, como *amigo da casa*, como mais um *protetor* espiritual, ele ditava mensagens, segundo o *ponto de vista da era nova que começava*. Eram palavras cheias de *conselhos, lições e avisos*. A primeira destas comunicações foi ditada, em 23 de junho de 1861, na *véspera (veille)* do dia consagrado a S. João-Baptista, após uma rogativa a Deus, no *sigilo* de uma prece fervorosa, para que ele, seu pai, se comunicasse a um médium, que se achava, então, na companhia de Roustaing, em sua *casa de campo*, e com o qual se consagrava *diariamente* a trabalhos assíduos. A manifestação, escreve Roustaing, se produziu:

“Espontaneamente, com surpresa do médium, a quem eu deixara ignorante da minha prece” (QE, IV, 65).

Felizmente, Roustaing dá publicidade à *parte final de uma das comunicações* do Espírito de seu *querido pai*. Vamos transcrever este trecho da mensagem de François:

“Meu Deus, bendito sejas tu que tomaste pela mão o meu filho bem-amado e o levaste, através da pobreza, do estudo e do trabalho, a ter entre os seus irmãos da Terra uma posição livre e independente, que lhe permite consagrar o resto da sua vida a te

amar e servir. Meu Deus, sê para sempre bendito, por haverdes permitido que sua inteligência e seu coração compreendam e pratiquem tua lei de amor. Sê para sempre bendito, por teres permitido que seu pai terreno, teu humilde escravo, lhe viesse dar estes salutareis avisos” (QE, IV, 67).

Diz Roustaing que, ao refletir nessas palavras mediúnicas, sua *alma experimentou vivamente a alegria de ser*, para seu pai, *o filho em quem ele encontrava as sementes da vontade divina*:

“Maior então se tornou a minha humildade, tão grande era em mim o temor de não me mostrar sempre digno dos encorajamentos que recebia desse ente querido e respeitado” (QE, IV, 67).

As mensagens mediúnicas, pessoais ou não, são como *escrituras sagradas*, e precisam ser sempre analisadas, refletidas e meditadas portas a dentro de si mesmo. O grande exemplo foi Maria de Nazaré, que, ao saber das revelações que os anjos fizeram aos pastores, nos arredores de Belém, não se vangloriou, mas:

“Guardava todas estas palavras, meditando-as no coração” (Lc. 2: 19).

Roustaing, servo humilde, também procedia desta maneira com as revelações dirigidas a ele:

“Guardo em meu coração essas palavras, que aí foram postas como um farol a me clarear a estrada e para o qual volto constantemente os olhos, esforçando-me sempre por alcançar ao longo dela” (QE, IV, 67-8).

A verdadeira *Doutrina* é a dos *Espíritos do Senhor*. As *virtudes dos Céus!* Como eles influenciam as nossas vidas, como nos enchem de esperanças, como nos protegem, orientam e consolam.

XIV – NO LIMIAR DA VERDADE ESPIRITUAL

Este é mais um título inspirado do saudoso confrade Indalício Mendes, do seu artigo sobre J.-B. Roustaing, na revista *Reformador*.

Roustaing começa sua viagem pelo imenso campo da *Doutrina* espírita, precisamente por onde deve *iniciar* quem pretende percorrer a longa estrada, sem desvios e atalhos:

“Li *O Livro dos espíritos*. Nas páginas desse volume encontrei: uma moral pura, uma doutrina racional, de harmonia com o espírito e progresso dos tempos modernos, consoladora para a razão humana; a explicação lógica e transcendente da lei divina ou natural, das leis de adoração, de trabalho, de reprodução, de destruição, de sociedade, de progresso, de igualdade, de liberdade, de justiça, de amor e de caridade, do aperfeiçoamento moral, dos sofrimentos e gozos futuros” (QE, I, 59).

Profundamente admirado, analisou demoradamente os capítulos acerca da alma e seus progressos:

“Em seguida, deparei com explicações judiciosas acerca da alma no estado de encarnação e no de liberdade; do fenômeno da morte, da individualidade e das condições de individualidade da alma após a morte; do que se chamou anjo e demônio; dos caminhos e meios, dos agentes secretos ou ostensivos de que se serve Deus para o funcionamento, o desenvolvimento, o progresso físico dos mundos; do progresso e desenvolvimento físico, moral e intelectual de todas as suas criaturas” (QE, I, 59).

Deteve-se, com cuidado, para estudar sobre as *muitas moradas da Casa do Pai*:

“Encontrei, ainda, a explicação racional da pluralidade dos mundos, da lei do renascimento presidindo, pelo progresso incessante, não só da matéria como da inteligência, à vida e à harmonia universais, no infinito e na eternidade” (QE,I,59).

Estudando as hierarquias dos mundos, compreendeu o nível espiritual do nosso planeta e de seus habitantes:

“Compreendi, mais do que nunca, diante da pluralidade dos mundos e das humanidades, assim como de suas hierarquias; da pluralidade das existências e da respectiva hierarquia, que os homens,

no nosso planeta, são de uma inferioridade moral notória; de uma inferioridade intelectual acentuada relativamente às leis a que estão sujeitos na Terra os diversos reinos da Natureza e às leis naturais a que obedecem os mundos e as humanidades superiores, por meio das quais aquelas leis se conjugam na unidade e na solidariedade” (QE,I, 59-60).

Soube refletir, nas entrelinhas das perguntas de *O livro dos espíritos*, tão profundas, a ignorância imensa que há, quanto aos meios para a manifestação de um Messias, num planeta inferior como a Terra:

“Sim, essa ignorância é imensa, quanto aos meios de apropriação das leis de um planeta superior a um planeta inferior, quando um messias, enviado por Deus em alta missão, toma um corpo de conformidade com a sua natureza espiritual e relativamente harmônico com uma esfera inferior, qual a Terra, para aí se manifestar entre os homens, para lhes traçar as diretrizes da regeneração humana, para lhes trazer a luz e a verdade veladas e destinadas a ser descobertas progressivamente, conforme aos tempos e às exigências de cada época” (QE, I, 60).

Por fim, compreende o porquê das *revelações sucessivas*:

“Compreendi a necessidade das revelações progressivas, vindo sucessivamente levantar, pouco a pouco, o véu e patentear aos olhos dos homens, de modo a iluminá-los sem os deslumbrar, a luz que os tem de guiar nas suas indagações e ajudar a progredir na trilha da verdade” (QE,I, 60).

Meu Deus, quantas novidades! É o que deve ter exclamado J.-B. Roustaing. Como está certo o filósofo: *só sei que nada sei!*

Mas era preciso continuar a busca da verdade *nova*, tão antiga quanto a humanidade. Allan Kardec havia anunciado, nas páginas da *Revue Spirite*, o lançamento de *O livro dos médiuns*, que apareceu entre os dias 5 e 10 de janeiro (1861), na livraria do Sr. Didier, editor do Codificador, localizada no Quai des Augustins, 35, ou, igualmente, nos escritórios da *Revue*, Rue Sante-Anne, 59. Segundo Kardec, esta nova obra:

“Representa o complemento de *O livro dos espíritos* e encerra a parte experimental do Espiritismo, assim como este último contém a parte filosófica” (RS, FEB, 1861, p. 22).

Roustaing não permitiu demora para conhecer a tão anunciada e esperada continuação da *Terceira Revelação*:

“Li, em seguida, *O Livro dos médiuns* e nele se me deparou uma explicação racional: da possibilidade das comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual; das vias e meios próprios para essas comunicações; das aptidões e faculdades mediúnicas no homem; da mediunidade e das condições de moralidade e de experiência para seu exercício útil e proveitoso nas relações do mundo visível com o mundo invisível, sempre e exclusivamente com o objetivo da prece; da caridade de além-túmulo, do ensinamento moral; da instrução que os bons Espíritos, na era nova que começa, têm a missão de dar e que é invariavelmente proporcionada e adequada ao desenvolvimento intelectual e moral do homem. Achei, enfim, a explicação racional das vantagens e inconvenientes da mediunidade, dos escolhos e perigos a evitar e dos caminhos a seguir para praticá-la”.

“*O mundo espiritual era bem o reflexo do mundo corporal*” (QE, I, 60).

Concluído o estudo inicial das obras principais até então existentes de Allan Kardec, era necessário buscar complementos. Sentar junto de quem já havia percorrido mais o longo caminho do espiritismo. Ele conhecia, pela grande reputação, o seu colega da Corte de Lyon, o ilustre advogado Jacques André Pezzani. Sabia, também, das suas incursões no terreno do espiritismo, e de outras filosofias e revelações espiritualistas. Pezzani escrevia, também, com os pseudônimos de Philaléthès e Erdna, e muitas vezes assinava seus trabalhos com as iniciais A. P. Era amigo de Allan Kardec, que admirava a sua *erudição*, inclusive convidando-o como *consultor*, na Codificação, para escrever uma nota explicativa sobre o significado do verbo *odiar*, em hebraico, com o seu sentido verdadeiro de *não amar tanto quanto o outro* (ver *O Evangelho segundo o espiritismo*, FEB, 1ª edição especial, 2004, cap. XXII, pp. 429). Ver também RS, 1866, FEB, pp. 493-4.

André Pezzani foi, a partir de 1863, o editorialista do periódico espírita *La Verité, Journal du Spiritisme* (após o nº 3, em 8 de março); porém, escrevia em diversos órgãos doutrinários. A BNF – *Bibliothèque Nationale de France* possui em seu acervo cerca de 40 obras deste trabalhador da primeira hora. Filósofo de *primeira ordem*, segundo o próprio Roustaing (QE, 1942, I, 118), foi o autor da célebre obra *La pluralité des existences de l'âme, conforme à doctrine de la pluralité des mondes*, condenada pelo Índex, em 1866, mas imortalizada por Kardec em *O Evangelho segundo o espiritismo* (cap. IV, p. 106. Ver também RS, FEB, 1866, 289 e 353).

Pezzani nasceu em 1818, era filho do Sr. Claude e da Sra. Marie Bernard e casado com Jacqueline Pauline Virginie Merck. Residia na Rue Martin, 1, onde faleceu aos 58 anos, a 1h da madrugada de 17 de março de 1877, segundo sua *certidão de óbito*, encaminhada pelos *Archives Municipales de Lyon*. A *Revue Spirite* registra a sua desencarnação em duas notas: 1877, p. 200 e 1878, p. 38.

Para concluir esta longa nota sobre André Pezzani e para que o leitor possa aquilatar a sua grandeza, reproduzo parte de uma mensagem do Espírito Allan Kardec, ditada em Paris e datada de 13 de agosto de 1883, e mandada publicar, por ninguém menos que o Dr. Gabriel Delanne, em jornal de sua propriedade e sobre sua direção, que diz o seguinte:

“Repito, pois, o que já disse: eu não era o único designado a receber os ensinamentos de nossos caros espíritos; jamais tive a pretensão de fazer escola; recolhi e ordenei o que eles desejaram me fornecer, Piérat, Pezzani, Roustaing e muitos outros estavam capacitados para transmitir as informações de nossos caros amados” (*Le Spiritisme*, órgão da Union Spirite Française, 1º ano, No 17, 1ª quinzena de novembro 1883, redação e administração: Passagem Choiseul, 39 & 41).²³

Voltando ao nosso Roustaing, dizíamos que ele se *sentou* ao lado do célebre pioneiro do espiritismo na França, para receber a *iniciação* complementar após a leitura e o estudo inicial de *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec. É o próprio Roustaing quem escreve:

“O Sr **Philaléthès** (A. Pezzani) devia lembrar-se de que, em 1860, iniciara no Espiritismo o seu colega **Roustaing**; de que este com ele penetrou na babel da ortodoxia cristã e perlustrou a história das suas heresias; que lhe mostrou o que era **Docetismo**, levando-o a percorrer-lhe a trajetória com o auxílio das obras de Santo Inácio, de S. Polycarpo, de S. Irinéa, de Eusébio (**História Eclesiástica**), de Teodoreto, de Clemente de Alexandria, de Beausobre (**História do Maniqueísmo**), de Bergier, de Feller, de Fluquet, de Matter” (QE, I, 1942, 104. Os negritos são do texto).

Convido o leitor a percorrer comigo um pouco do universo destes escritores, de épocas variadas, e, assim, se poderá ter a

²³ O leitor poderá encontrar esta mensagem, traduzida e completa, no meu livro *A bandeira do espiritismo*, em parceria com o Stenio Monteiro de Barros, edição particular, Rio de Janeiro, 2001, pp. 63-4, inclusive com o fac-simile do original francês.

dimensão da psicofera cultural do nosso biografado, o registro do conhecimento de Roustaing, da história da heresias cristãs e, entre elas, o tema todo especial do Docetismo.

A) *Santo Inácio de Antioquia*: Bispo entre século I e II d. C., foi condenado às feras em Roma, durante a perseguição movida por Trajano. A história guarda sete cartas enviadas por ele aos cristãos de diferentes cidades. A editora Vozes, Petrópolis, em 1984 (3ª ed), publicou os textos completos destas interessantes cartas. Outra publicação é da Editora Paulus, São Paulo, 2002, 3º Ed.

B) *São Polycarpo: de Esmira*: Bispo entre o século I e II d. C. Sofreu o martírio em 155, no circo, onde foi queimado vivo. Santo Inácio de Antioquia escreveu uma carta para ele. A história preserva duas cartas suas aos filipenses e um texto contendo a sua biografia. Em português, temos a publicação de todo este material pela editora Paulus, São Paulo, 2002, 3ª Ed..

C) *São Irineu de Lyon*: Bispo de Lyon e martirizado num massacre geral de cristãos lioneses sob Sétimo Severo, em cerca de 202 d. C. Autor de várias obras, mas a principal é a intitulada: *Contra as heresias*. A editora Paulus, São Paulo, 1995, 2ª Ed., a publica na íntegra.

D) *Eusébio de Cesaréia*: nasceu em 260 d. C., em Cesaréia, palestina, e morreu em cerca de 340. O primeiro grande historiador da história do Cristianismo, depois do evangelista Lucas. Era amigo e defensor de Ário. Autor de várias obras, inclusive de uma sobre a vida de Constantino. Sua obra principal é o clássico *História eclesiástica*. A editora Paulus, São Paulo, 2000, publica este livro na íntegra.

E) *Teodoreto de Ciro*. Nasceu em Antioquia em 393 d.C. e morreu em 457. Bispo de Ciro, em 423. Sofreu perseguição por aderir ao nestorianismo,²⁴ sendo, por isto, deposto e exilado, em 448. Escreveu numerosas obras e deu continuação ao livro *História eclesiástica*, de Eusébio. Salientou-se como polemista, exegeta e historiador. Infelizmente não conheço nenhuma obra sua em português. Li sobre ele na Internet e divulgo uma das *pages*: <http://www.fact-index.com/t/th/theodoret.html>.

F) *Clemente de Alexandria*: Tito Flávio Clemente nasceu. no ano de 150 d. C., e faleceu, em 217. Várias de suas obras se extraviaram. A história preserva três interessantes obras: *Exortação*

²⁴ Discípulos de Nestório, Patriarca de Constantinopla, de 426 a 431; n. na Síria, por volta de 380; m. no Egito, em 451. Em 431 foi deposto pelo Concílio de Éfeso, convocado especialmente para decidir o conflito entre Nestório e Cirilo de Alexandria sobre a natureza de Cristo. Sustentava que Maria era a mãe de Cristo (*Christotokos*) e não a mãe de Deus (*Theotokos*).

aos pagãos, *O Pedagogo* e *Stromata* (tapeçaria). Não conheço nenhuma de suas obras em português. A editora Vozes, Petrópolis, 1982 (2ª Ed), publicou a obra *História da Filosofia Cristã*, de Boehner, P. e Gilson, E. Nela há um excelente resumo de suas teorias eminentemente evolucionistas (pp. 33-47).

G) *Isaac de Beausobre*: Nasceu em Niort, em 8 de março de 1659, e morreu em 8 de junho de 1738. Teólogo protestante francês. Erudito, foi um dos maiores escritores de seu tempo. Autor da obra *Histoire Critique de Manichee et du Manicheisme*, Edition Hardcover, 1984.

H) *Nicolas-Sylvestre Bergier*: Nasceu em 31 de dezembro de 1718, em Darney (Lorraine), e morreu em Versailles, em 9 de abril de 1790. Teólogo francês. Autor de várias obras sobre os elementos primitivos da língua, as origens dos deuses do paganismo, o deísmo refutado por ele mesmo, as veracidades das provas do Cristianismo, sobre Voltaire, apologia da religião cristã e outros temas. O seu grande clássico intitula-se *Tratado histórico e dogmático das várias religiões*.

I) *François-Xavier de Feller*: Nasceu em Bruxelas, em 18 de agosto de 1735, e faleceu em Ratisbon, em 22 de maio de 1802. Autor de várias obras, das quais se destaca *Catéchisme philosophique ou recueil d'observations propres à défendre la religion chrétienne contre ses ennemis*.

J) *Amable-Pierre Floquet*: Célebre escritor francês e autor de várias obras. Erudito, escreveu inúmeros trabalhos sobre o filósofo Bossuet e a Normandia, entre eles se destaca o *Études sur la vie de Bossuet* (3 vol., 1865).

L) *Jacques Matter*: J. Malgras o inclui no seu livro *Os pioneiros do espiritismo*:

“(1791-1864), membro da Academia de Paris, professor e autor de uma história da filosofia de Alexandre, do Gnosticismo, de uma biografia de Swedenborg e de vários outros trabalhos, morreu em Strasbourg” (São Paulo: DPL, 202, p. 93).

André Pezzani escreve dois interessantes artigos sobre Matter, no jornal *La vérité*: um em seu 2º ano, nº 28, de 23 de agosto de 1864, pp. 138-9, e outro no 3º ano, nº 5, de 25 de março de 1865, pp. 18-9. Entre suas obras, ele destaca a interessante *Philosophie de la révélation*, além de colocá-lo entre *Les précurseurs du spiritisme*.

J.-B. Roustaing não parou nestes filósofos e teólogos. Consultou também a fenomenologia espírita na História:

“Depois desse estudo e desse exame, consulte a História, desde a origem das eras conhecidas até nossos dias, e vi, entre todos os

povos da antigüidade, dos tempos intermediários e dos tempos modernos, a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal historicamente comprovada, atestada pelos fatos que, em todas as épocas, os historiadores mais acreditados entre os homens registraram” (QE, 60-1).

Meticuloso, agora Roustaing vai consultar os filósofos seculares e religiosos (alguns já citamos atrás), os prosadores e poetas:

“Compulsei os livros da filosofia profana e religiosa, antiga e recente, os prosadores e os poetas que refletem as crenças, bem como os costumes dos tempos. Vi ensinados, desde a antigüidade até hoje, num amálgama de erros e de verdades, dispersas e ocultas aos olhos das massas, os princípios que a doutrina e a ciência espíritas vieram pôr em foco: 1º – a pluralidade dos mundos e sua hierarquia; 2º – a pluralidade das existências e sua hierarquia; 3º – a lei de renascimento; 4º – as noções da alma no estado de encarnação e no de liberdade e as de seus destinos” (QE, I, 61).

E a Bíblia, era necessário relê-la sobre o novo enfoque do espiritismo, e Roustaing não titubeou:

“Perlustrei os livros das duas revelações, o Antigo e o Novo Testamento. Entregando-me a essa leitura, que empreendera outrora e abandonara por obscura e incompreensível, verifiquei que, graças à doutrina e à ciência espíritas, sobre aquelas páginas se projetavam vivos raios de luz, a cuja claridade minha inteligência e minha razão alguma coisa divisavam através do véu da letra. Reconheci, nesses livros sagrados, ser um fato a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, comunicação que, na ordem divina, providencial, é o instrumento de que se serve Deus para enviar aos homens a luz e a verdade adequadas ao tempo e às necessidades de cada época, na medida do que a Humanidade, conforme o meio em que se acha colocada, pode suportar e compreender, como condição e elemento do seu progresso” (QE, I, 61).

A conclusão era óbvia, pondera Roustaing:

Vi que a revelação de Deus é permanente e progressiva.

Mais que isso, o Espiritismo está todo dentro do Cristianismo.

Sim, o Espiritismo é essencialmente cristão, pontua Roustaing:

“Encontrei nos Evangelhos, veladas pela letra: 1º- a afirmação da pluralidade dos mundos e da sua habitabilidade; 2º- a lei dos renascimentos como meio único, para o homem, de ver o reino de

Deus, isto é, de chegar à perfeição pela purificação e pelo progresso; 3º – a afirmação da imortalidade da alma, da sua individualidade após a morte, dos seus destinos futuros, da sua vida eterna” (QE, I, 61).

Mas um ponto permanecia obscuro para Roustaing. Faltava uma *revelação nova*, que explicasse a *origem* e a *natureza* de Jesus-Cristo e sua posição na *escala espírita*:

“Mas, se por um lado a moral sublime do Cristo resplandeceu a meus olhos em toda a sua pureza, em todo o seu fulgor, como brotando de uma fonte divina, por outro lado tudo permaneceu obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão, no tocante à revelação sobre a *origem* e a *natureza* espirituais de Jesus, sobre a sua posição espírita em relação a Deus e ao nosso planeta, sobre os seus *poderes* e a sua *autoridade*”.

“Quanto à revelação sobre uma origem, uma natureza, ao mesmo tempo humanas e extra-humanas de Jesus, sobre o modo de sua aparição na Terra, tudo, como antes, se conservou igualmente obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão”.

“Pelo que respeita à sua morte, tendo em vista estas palavras suas: “Deixo a vida para retomá-la, ninguém a tira de mim; sou eu que a deixo por mim mesmo”; pelo que toca à sua ressurreição, diante destas outras palavras por ele proferidas: “Tenho o poder de deixar a vida e tenho o poder de a retomar”; pelo que se refere ao desaparecimento do seu corpo do sepulcro, estando selada a pedra que lhe fechava a entrada, à sua ressurreição e às suas aparições às mulheres e aos discípulos; pelo que entende com a sua ascensão às regiões etéreas, com as suas palavras proféticas acerca do futuro do nosso planeta e dos acontecimentos que hão de proceder ao seu segundo advento, por ele predito, senti a impotência da razão humana para penetrar nas trevas da letra e, desde então, a necessidade de uma revelação nova, de uma revelação da Revelação” (QE, I, 61-2).

Em breve, esta *nova revelação*, como complemento, *nestes pontos*, da *Terceira Revelação Espírita*, seria dada a ele, a J.-B. Roustaing, através da médium Émilie Aimée Charlotte Bréard Collignon. E esta obra seria a sua grande missão na Terra, seria *o trabalho da fé*, obra que veio para a *ruína da letra* que imperava, e para o *levantamento* da interpretação em *espírito e verdade* dos *Evangelhos*. Em 1866, este belo trabalho seria apresentado ao mundo. Mas, aguardemos mais um pouco.

A conclusão destes estudos teóricos de Roustaing foi a seguinte:

“Porém, o que, em nome da História, da Filosofia e das revelações já enviadas por Deus aos homens, eu verificara é que: a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal se dera em todos os tempos, segundo as naturezas e categorias dos Espíritos, bons ou maus, Espíritos que eram apenas as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos; que a doutrina e a ciência espíritas vinham clarear e desenvolver no seio das massas os ensinamentos do passado, sob os pontos de vista filosófico e religioso” (QE,I, 62).

Estes estudos profundos foram devidamente reconhecidos por Allan Kardec, que vê em seu discípulo de Bordeaux, um *iniciado recente*, porém aplicado; e comenta sobre ele:

“É que estudou, séria e profundamente, o que lhe permitiu apanhar, com rapidez, todas as conseqüências dessa grave questão do Espiritismo, não se detendo, em sentido oposto a muita gente, na superfície” (RS, FEB, junho de 1861, p. 258).

XV – CONHECIMENTO PRÁTICO

Eu me honro de ser ativamente e publicamente espírita. J.-B. Roustaing (RS, FEB, junho, p. 257).

O conhecimento do espiritismo teórico, *filosófico e religioso*, de J.-B. Roustaing, foi fundamentado nas obras existentes de Allan Kardec e na iniciação com o erudito André Pezzani. Agora eram necessárias a *observação* e a *experimentação*, como a fase complementar da ciência espírita. Assim, o tripé da religião, filosofia e ciência estaria devidamente equilibrado, e a *fé* muito bem alicerçada, de *modo inabalável* (QE, I, 63).

Mas onde buscar orientação para a prática espírita? Inteligente e inspirado, Roustaing escreve para Allan Kardec, *solicitando orientação*. Meu Deus, não há, até hoje, melhor curso de iniciação espírita do que este estudo teórico e conhecimento prático sobre a legítima e segura orientação kardeciana.

Infelizmente, não temos esta carta de Roustaing, escrita em março de 1861, solicitando a devida orientação a Kardec sobre a prática espírita, mas *um fragmento* dela está reproduzido por Roustaing, na sua 2ª carta ao Codificador. O trecho é o que se segue:

“Quando vos escrevi em março último, pela primeira vez, dizia: Nada vi, mas li e compreendi; e creio. Deus me recompensou muito por ter acreditado sem ter visto”. (RS, FEB, junho, 1861, p. 253)

E Kardec comenta a postura humilde de Roustaing:

“Dissera ainda nada ter visto, mas estava convencido, porque havia lido e compreendido. Tem ele isto de comum com muitas criaturas e sempre observamos que estas, longe de serem superficiais, são, ao contrário, as que mais refletem. Ligando-se mais ao fundo do que à forma” (RS, FEB, junho, 1861, p. 258).

O Codificador não demorou a atender à solicitação do discípulo. A resposta chegou a Roustaing em *abril*. Mas qual era a orientação de Kardec? Vejamos:

“Desde o começo de abril, graças ao conhecimento que me proporcionastes, do excelente Sr. Sabò e de sua família patriarcal, todos bons e verdadeiros espíritas, pude trabalhar e trabalho

constantemente com eles, todos os dias, quer em minha casa, quer na presença e com o concurso dos adeptos da nossa cidade, que estão convictos da verdade do Espiritismo, embora nem todos ainda sejam, de fato e na prática, espíritas” (RS, FEB, junho, 1861, p. 254).

Roustaing, no *prefácio* de *Os quatro evangelhos*, registra um pouco da história desta fase de trabalhos espíritas com os confrades de sua cidade:

“Por essa época já havia, em algumas das mais distintas famílias da minha cidade natal, médiuns com os quais me foi dado entrar em relações. Entreguei-me, auxiliado por eles, diariamente, a trabalhos de experimentação e de observação, com o espírito disciplinado pelo estudo das ciências puras e aplicadas, com o sentimento da caridade que nos prescreve dar atenção ao parecer daquele que é mais humilde do que nós e aproveitar-lhe os conselhos, pois que os pequenos foram sempre os obreiros de tudo que é grande” (QE, I, 62).

Allan Kardec orienta Roustaing a conhecer o *Grupo* do Sr. Sabò. A *Revue* registra, pelo próprio Sabò, as origens deste *Grupo*, em 1861:

“Desde o mês de janeiro nos ocupamos da *ciência prática* e vimos ligar-se a nós um certo número de irmãos que dela se ocupavam isoladamente; outros que ouviram falar pela voz da imprensa ou pela fama, essa trombeta retumbante que se encarregou de anunciar, em todos os pontos da nossa cidade, o aparecimento desta fé consoladora, testemunha irrecusável da bondade de Deus para com os seus filhos” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 478-9).

Quem era o Sr. Sabò? O que se conhece sobre sua família patriarcal?

O *Almanach spirite de 1865* (pp. 67-8), já citado, informa que o Sr. Émile A. Sabò foi o *primeiro espírita* de Bordeaux a *confessar suas íntimas convicções, em 1860*. Ele era chefe da contabilidade da Companhia de Ferro do Sul (RS, FEB, março, 1862, p. 125). Sua residência, nesta época, estava localizada na Rue Barennes, 13 (começa na Rue Mandron e termina na Rue Le-Chapelier e está localizada a duas quadras do belo *Jardim Municipal* de Bordeaux). No dia 28 de setembro de 2004, tivemos a satisfação de receber as fotos desta casa, onde esteve Kardec, em outubro de 1861. Elas foram tiradas, gentilmente, pelo Sr. Murillo Carlos Corrêa da Costa de Castro Pinto.



Rue Barennes, 13
Placa da Rue Barennes

É interessante conhecermos um pouco melhor a família do Sr. Sabò, *sobre a qual o Espiritismo derramou a mancheias suas benfazejas consolações*, no dizer do próprio Kardec (RS, FEB, 1861, novembro, 476).

Inicialmente Sabò foi casado, em primeiras núpcias, com a Sra. Felícia, com quem teve um filho chamado Joseph Sabò. Após a desencarnação de sua esposa, ele se casou com a irmã desta, a Sra. Sabò (não sabemos o seu prenome, nem se era médium). Felícia e a Sra. Sabò ainda tinham mais dois irmãos: Ferdinand (já desencarnado) e a Srta. Cazemajour, médium (também não sabemos o seu prenome). Ao todo, quatro irmãos, e filhos da Sra. Cazemajour, médium (não sabemos o seu prenome).

O Sr. Sabò seria pai pela segunda vez, é o que informa o médium Jean Hillaire, em 7 de outubro de 1863, numa sessão na *Sociedade Espírita de Bordeaux*. Foi uma revelação mediúnica extraordinária, pois o médium nada sabia sobre a gravidez da Sra. Sabò, e pensava que, com esta revelação, estaria sendo *indiscreto*. Outro fato surpreendente é que Hillaire também nada sabia sobre um primeiro casamento de Sabò, que seu filho Joseph era fruto deste primeiro

casamento, e que a sua atual esposa era irmã de Felícia, o Espírito comunicante. Tudo isso deixou o médium mui temeroso, achando que estava sendo enganado. Principalmente quando Felícia, dirigindo-se à sua irmã, a atual Sra. Sabò, abraçando-a, lhe diz para que ela ame seu filho (Joseph) como *a pequena criatura que lhe será confiada em breve*. Hillaire ainda descreve como via o espírito Felícia:

“Cabelos de um loiro escuro, rosto magro e pálido, um vestido cinza com listas oblíquas (Esta descrição confere com a última roupa que ela usava na Itália)”²⁵ (*Os Milagres dos nossos dias*, Auguste Bez, pp. 66-7).

O juvenzinho Joseph Sabò, com *cinco anos e meio*, saudou a Allan Kardec quando de sua primeira visita à cidade de Bordeaux, no dia 14 de outubro de 1861, e o Codificador não deixou de publicar esta saudação, primeiro pela forma inusitada e emocionante, segundo, para o menino não ficar *desgostoso*. Kardec ainda ressalta que ele não recitou suas palavras como um *papagaio*, mas captou-lhe muito bem o sentido:

“Sr. Allan Kardec, permiti a mais jovem de vossas crianças espíritas vir hoje, dia para sempre gravado em nossos corações, vos exprimir a alegria causada por vossa estada entre nós. Ainda estou na infância; mas meu pai já me ensinou que são os Espíritos que se manifestam a nós; a docilidade com que devemos seguir seus conselhos; as penas e recompensas que lhe estão destinadas. E, em alguns anos, se Deus o julgar conveniente, também quero, sob os vossos auspícios, tornar-me um digno e fervoroso apóstolo do Espiritismo, sempre submisso ao vosso saber e à vossa experiência. Em recompensa por estas breves palavras, ditadas por meu coraçãozinho, conceder-me-eis um beijo, que não ouse vos pedir?” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 477).

Alonguei-me um pouco mais porque o Espírito Felícia ditou comunicações, belas e profundas, que foram publicadas na *Revue Spirite* por Allan Kardec:

1^a) *A chegada de um irmão*: recebida e enviada para Kardec, por sua mãe, a Sra. Cazemajour (RS, FEB, 1861, maio, pp. 241).

²⁵ A família era proveniente da Itália? Ou Felícia se encontrava lá a passeio?

2ª) *O deboche*: recebida e enviada para Kardec, por sua mãe, a Sra. Cazemajour (RS, FEB, 1861, maio, p. 282).

3ª) *A esperança*: recebida, por sua mãe, a Sra. Cazemajour (RS, FEB, 1862, fevereiro, pp. 88-9).

O Sr. Sabò era o *evocador* do *Grupo* (RS, FEB, 1861, maio, p. 241). Roustaing, depois, também exerceu esta tarefa, no *Grupo Sabò* (RS, FEB, 1861, junho, p. 254) e em outro *Centro* (*L'Union*, 1º ano, nº 20, de 22 de outubro de 1865, p. 174, e nº 21, de 1º de novembro de 1865, p. 194).

O outro filho já desencarnado, da Sra. Cazemajour, o Espírito Ferdinand, era *um dos guias espirituais da nossa Sociedade* (*La Ruche*, 1º ano, nº 1, junho, 1863, 1ª quinzena, p. 8). Ele também ditou belas e profundas mensagens que foram publicadas por Allan Kardec:

1ª) *Vinde a nós*: recebida e enviada para Kardec, por sua mãe, a Sra. Cazemajour (RS, FEB, 1861, maio, pp. 241-2).

2ª) *A separação do espírito*: recebida pela Sra. Cazemajour, sua mãe, e enviada pelo Sr. Sabò para Kardec (RS, FEB, 1861, junho, p. 288).

3ª) *A missão do homem inteligente na Terra*: assinada como *Ferdinand, Esprit protecteur* e ditada em Bordeaux, no ano de 1862, e publicada em *O Evangelho segundo o espiritismo* (cap. VII, item 13, pp. 178-9). Como se sabe, Kardec não incluiu o nome dos médiuns neste livro, mas tudo leva a crer ser, neste caso, a própria Sra. Cazemajour, que foi médium de uma mensagem, no mínimo, em *O Evangelho segundo o espiritismo*, como iremos ver.

As Sra. e Srta. Cazemajour eram médiuns do *mais alto grau*, bem como *outros moradores* de Bordeaux; é o que escreve o Espírito Erasto, em mensagem recebida em Paris, pelo médium Alis D´Ambel, e lida por Kardec, que se intitula *Primeira epistola aos espíritas de Bordeaux, por Erasto, humilde servo de Deus*:

“Necessitais de bons médiuns e aqui os vejo excelentes, no meio dos quais não tendes senão que escolher. Por certo sei perfeitamente que a Sra. e a Srta. Cazemajour e alguns outros possuem qualidades mediúnicas no mais alto grau e nenhuma região, eu vo-lo repito aqui, é mais bem favorecida a esse respeito do que Bordeaux” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 503).

Este *alto grau dos médiuns de Bordeaux* justifica a inclusão, em *O Evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec, de 27 mensagens mediúnicas recebidas nesta cidade. E mais 13 mensagens, em *O céu e o inferno*.

Cordiais, as duas médiuns, Sra. e Srta. Cazemajour, conquistaram a simpatia até fora dos limites de Bordeaux. E o exemplo disto se vê na fábula *A toutinegra, o pombo e o peixinho*, que o Sr. Constant Dombre, da cidade de Marmande, reconhecido, escreve homenageando mãe e filha (RS, FEB, 1861, dezembro, pp. 554-6).

A Sra. Cazemajour tinha uma fluência mediúnica excepcional. Há um número enorme de mensagens captadas por ela, publicadas em livros espíritas da época e nos diversos jornais espíritas que circularam na cidade. Infelizmente, dada à quantidade, é impossível listá-las. Vamos apenas, por motivo de espaço, destacar as mensagens aproveitadas por Kardec, excluindo as dos Espíritos Ferdinand e Felícia, que já foram citadas:

- 1^a) *Povos, silêncio*: Espírito: Byron, enviada pelo Sr. Sabò para Kardec (RS, FEB, 1861, agosto, pp. 370-1).
- 2^a) *Fé*: Espírito: Georges, Bispo de Périgueux (RS, FEB, 1862, fevereiro, pp. 87-8).
- 3^a) *A caridade*: Espírito: Adolfo, Bispo de Argel (RS, FEB, 1862, fevereiro, pp. 90-1).
- 4^a) *Evocação*: Espírito Jobard – 24 de novembro de 1861 (RS, FEB, 1862, março, pp. 113-5).
- 5^a) *Resposta à questão dos anjos decaídos*: Espíritos: *Vossos guias espirituais* (RS, 1862, abril, pp. 162-3).
- 6^a) *La Bruyère*: Espírito: Jean de la Bruyère (RS, FEB, 1862, abril, 171-3).
- 7^a) *Credes nos espíritos do Senhor*: Espírito: Elisa Mercoeur, poesia (RS, FEB, 1862, abril, p. 173).
- 8^a) *As vozes do céu*: Espírito: Elisa Mercoeur, poesia (RS, FEB, 1862, abril, pp. 173-4).
- 9^a) *Necrologia da viúva Foulon*: Espírito: Foulon. Mensagem recebida em Paris,²⁶ em 6 de fevereiro de 1865 (RS, EDICEL,²⁷ março, pp. 75-77 e reproduzida em *O céu e o inferno*, 2^a parte, cap. II. Rio de Janeiro: FEB, 1974, pp. 208-10).

A contribuição da Sra. Cazemajour à Codificação não parou aí. Esta pesquisa nos trouxe mais algumas surpresas. Examinando livros e periódicos espíritas da época de Kardec, encontramos a

²⁶ Cazemajour em Paris? Em 1865? Uma possível explicação é o fato de que neste período o Sr. Émile A. Sabò já era o *secretário particular* de Allan Kardec, em substituição ao Sr. Alis d' Ambel.

²⁷ A tradução da *Revista Espírita* pela FEB, em junho e julho de 2004, período em que estou escrevendo este livro, só foi publicada até o ano de 1862. Por isso que cito muitas vezes a tradução da Edicel.

participação dela em *O Evangelho segundo o espiritismo*. Na brochura *Spiritisme – réflexions sur le spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs*, de J. Chapelot, escrita em 1863, temos, na segunda parte desta interessante obra, uma série de comunicações de diversos médiuns da cidade de Bordeaux. Entre eles, aparece a médium Sra. Cazemajour, com nove (9) mensagens, todas ricas de ensinamentos doutrinários. Uma delas intitula-se *Loi d'amour (Lei do amor)*. É esta a mais extensa da coletânea e a que mais se sobressai, como um diamante lapidado e de rara beleza. O Sr. J. Chapelot não inclui, nesta obra, o nome do Espírito comunicante. Depois, porém, Allan Kardec a inclui em *O Evangelho segundo o espiritismo* e, sem declarar a fonte, atribui o nome do Espírito comunicante a Fénelon. Mais tarde ainda, dada a sua profundidade, ela é transcrita, na íntegra, na *Lunion spirite bordelaise* (nº 19, 15 de outubro de 1865, pp. 163-6), dirigida por Auguste Bez, e aí recebe, como autor, a assinatura *Un Esprit Sympathique*.

Voltemos a Kardec. Ele publica esta mensagem numa editoração toda especial. Além de rever a forma, mudando a pontuação, incluindo e excluindo palavras e frases; ele divide a mensagem em duas partes: a *primeira*, ele a publica com o título original: *Lei do amor* (cap. XI, item 8, pp. 232-3); a *segunda*, ele a publica com um título novo: *O ódio* (cap. XII, item 10, pp. 254-5). Toda esta *mensagem*, traduzida na íntegra, conforme o original francês, eu a publiquei no meu livro *A Bandeira do espiritismo*, onde apresento outros detalhes. Este livro, apesar de esgotado, está disponível na *Biblioteca Nacional* e, em breve, será acessado na *home page* da *Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes*. Não vou transcrever a mensagem original de Fénelon, dado o nosso espaço.

O *Grupo Sabò* era freqüentado por outros médiuns, todos de *alto grau* de receptividade. É o que diz o Espírito Erasto sobre Bordeaux: *Necessitais de bons médiuns e aqui os vejo excelentes*. Por isto, o Sr. Sabò envia outras mensagens ao Codificador, que as inclui na *Revue Spirite*, porém, infelizmente, não declina o nome dos médiuns. Antes de citarmos estas comunicações, vamos listar os nomes dos principais médiuns que encontramos nos diversos periódicos espíritas e livros, publicados nesta cidade, de J.-B. Roustaing: Sr. Auguste Bez, Srta. Marthe Alexandre, Sra. Émilie Collignon,²⁸ Sra. M..., Une jeune fille, Sr. X..., Sr. J. Delaby, Srta. M. A..., Sr. Adolphe Nunez, Sr. J.-

²⁸ As mensagens captadas pela Sra. Collignon são as mais reproduzidas nos seis periódicos espíritas de Bordeaux.

C.-A.-R., Sr. Gauffard, Sr. Alfred Jonqua, Sra. R. Bourget Ainé, Srta. Y..., Sr. J. Guérin, Srta. Du Vernay, Sr. Brèard, Sr. A. M..., Sra. E. B..., Sra. M. I..., Sra. J. L..., Sr. C. A. I., Sr. L. M..., Sr. Aubonnet, Sr. Rabache, Sra. Dupy, Sr. e Sra. L. Guipon, Sr. Richard, Sr. H, Sr. Rul, Sr. Simonet, Sra. W. Kell, Sr. S. B..., entre outros.

Kardec observa pessoalmente, em sua primeira visita à cidade de Bordeaux, em outubro de 1861, a excelência de médiuns que aí existiam:

“Encontramos em Bordeaux numerosos e excelentes médiuns em todas as classes, de todos os sexos e idades. Muitos escrevem com grande facilidade e obtêm comunicações de elevado alcance, o que, aliás, os Espíritos nos haviam prevenido antes de nossa partida” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 474).

Listemos, agora, as outras mensagens enviadas pelo Sr. Sabò para Kardec, sem a citação dos nomes dos médiuns:

- 1ª) *O missionários*: Espírito: Adolfo, bispo de Argel (RS, FEB, 1861, março, pp. 148-9).
- 2ª) *A França*: Espírito: Carlos Magno (RS, FEB, 1861, março, pp. 149-51).
- 3ª) *Vai nascer a verdade*: Espírito: Massilon (RS, 1861, abril, pp. 192-3).
- 4ª) *Progresso intelectual e moral*: Espírito: Georges – Bispo de Périgueux e de Salat, feliz por ser um dos guias do médium (RS, FEB, 1861, maio, pp. 242-3).
- 5ª) *A prece*: Espírito: Fénelon (RS, 1861, julho, pp. 330-1).
- 6ª) *A controvérsia*: Espírito: Bossuet (RS, 1861, agosto, pp. 371-3).
- 7ª) *O pauperismo*: Espírito: Adolfo, bispo de Argel (RS, FEB, 1861, agosto, pp. 373-4).
- 8ª) *Roma*: Espírito: Massilon (RS, FEB, 1861, outubro, pp. 457-8).
- 9ª) *Carrère – constatação de identidade*: espírito: Carrère (RS, 1862, março, pp. 121-26).

Aqui não citei as mensagens mediúnicas vindas de Bordeaux e que não foram enviadas pelo Sr. Sabò. Lembro ao leitor que o nosso foco é a biografia de J.-B. Roustaing; logo, é o *Grupo Sabò*, que ele frequentou, por orientação de Kardec, que nos interessa no momento, para entendermos o universo espírita de Roustaing em sua iniciação espírita.

O Sr. Sabò ainda contribuiu, na *Revue Spirite*, com artigos, cartas e notícias diversas do movimento bordelense e das adjacências. Ele ainda veio a publicar o primeiro periódico espírita de Bordeaux: *La Ruche Spirite Bordelaise – revue de l’enseignement des Esprits*,

de 1º de junho de 1863 a 24 de maio de 1865. *Ruche* tem o significado de *colmeia*. A sua excelente relação com Allan Kardec o fez convidá-lo para ser o editorialista do primeiro número do jornal.²⁹ Em 1865, ele já era o secretário particular de Kardec, em Paris. Ver sobre Sabò em Paris (RS, FEB, 1865, p. 119).

Nestes primeiros tempos, a relação interna do Grupo era cheia de fraternidade e de devotamento à Doutrina Espírita. E tudo corria da melhor forma possível. Não havia distinções e preconceitos de espécie alguma. Escreve Roustaing:

“Acresce que, desse trato íntimo entre um que sabe muito segundo a ciência humana e aquele que lhe traz o concurso generoso e gratuito da sua boa vontade, nascem relações fraternas, que geram mútuo respeito e estima recíproca. O mais afortunado estende lealmente a mão ao outro, que não possui senão os seus próprios braços. Todos, espiriticamente, se sentem irmãos e cada um se reconhece mais ou menos bem colocado na hierarquia social (em virtude do seu livre-arbítrio), a fim de tirar desta posição o partido mais útil, mais moralizador para si e para a sociedade” (QE, I, 62-3).

Roustaing já havia estudado, meditado e praticado e podia dizer-se *convencido*:

“Ao cabo dessa obra de experimentação e de observação, no terreno das manifestações inteligentes, às quais se vieram juntar as manifestações físicas no terreno material, achei-me convencido de que a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal é uma das leis da Natureza e que não existe a barreira que a minha ignorância e a influência de preconceitos vulgares me fizeram crer intransponível entre os vivos e os mortos segundo a carne” (QE, I, 63).

Essa experiência prática respondeu a Roustaing que o *espiritismo* marcha de mãos dadas com a *ciência do magnetismo*, tão fundamental para explicar a técnica de funcionamento de todos os fenômenos espíritas:

“Compreendendo que a ciência magnética é inseparável da ciência espírita, que só agora o sei, é chamada a servir e serve àquela de farol, cientificamente, do ponto de vista experimental, no campo do sonambulismo e da psicologia. Sei também que o magnetismo é o

²⁹ Toda a história deste fato, com as palavras de Kardec, está narrada em nosso livro *A bandeira do espiritismo*.

agente universal que tudo aciona. Tudo é atração magnética em todos os reinos da Natureza; tudo, no Universo, é atração magnética. Essa é a grande lei que rege todas as coisas sob a ação espírita universal (QE, I, 63).

Sim, o magnetismo e o espiritismo estiveram sempre juntos, diz a história, e proporcionaram o progresso do futuro, diz a ciência da experimentação espírita:

“O estudo e a observação, preparando-me para a compreensão do magnetismo espiritual, me levaram a pressentir, no futuro, a descoberta de vastos horizontes no campo científico humano e extra-humano, para o avanço da Humanidade pelo caminho do progresso e da verdade. E meus estudos e pesquisas, no que respeita à história dos tempos antigos, dos tempos intermediários e dos tempos modernos, me mostraram a existência do magnetismo humano em todas as épocas, desde a Antigüidade até os nossos dias (QE, I, 63).

Roustaing, agora, depois de tudo que estudou e experimentou, pode constatar a si mesmo:

“Depois de ter visto e ouvido, minha fé se firmou de modo inabalável” (QE, I, 63).

Só faltava o *sinete* de aprovação para toda esta trajetória de iniciação espírita. Roustaing segue, então, o que era praxe no *Grupo Sabô*: contatar Kardec e buscar, com ele, sua aprovação, baseada em sua experiência e não como endeusamento cego, que tudo aceita:

“Sabeis que temos o hábito de vos submeter todos os nossos trabalhos, confiando inteiramente nas luzes e na vossa experiência para os apreciar” (carta de Sabô para Kardec – RS, FEB, 1862, março, 122).

Enquanto se toma *leite*, ensina o apóstolo Paulo, é assim que deve ser, como fazemos com a *criancinha*. Gradativamente, à medida que vamos sendo *alimentados* por *comida sólida*, e nos tornamos aptos a proceder a caminhada com nossos próprios pés, conquistamos a própria liberdade, sem, porém, deixar de levar gravados na alma os ensinamentos e as experiências fundamentais que, como rocha, sustentam quaisquer novas construções futuras. É o exemplo do profissional formado: ele atua de forma independente e por total risco e respon-

sabilidade sua, sem ficar constantemente indagando como proceder, com seus instrutores escolares, porém age da forma como aprendeu deles, e é sempre livre para consultá-los, quando achar por bem fazê-lo.

Roustaing não titubeou e foi buscar a *aprovação* de todo o seu intenso *curso*³⁰ de iniciação espírita com Allan Kardec. Envia, então, ao Codificador a sua *segunda carta*, em torno do mês de maio, relatando toda a sua convicção, baseada no estudo e na prática. E recebe dele mesmo, de Kardec, de forma *pública*, nas páginas da *Revue Spirite*, sua aprovação *honorable la plus distingué*, e com *felicitações*. Vamos, inicialmente, à carta de J.-B. Roustaing:

“Meu caro senhor e muito honrado chefe espírita.

“Recebi a doce influência e colhi o benefício destas palavras do Cristo a Tomé: *Felizes os que viram e creram*. Profundas, verdadeiras e divinas palavras, que mostram a via mais segura, a mais racional, que conduz à fé, segundo a máxima de São Paulo, que o Espiritismo cumpriu e realiza: *Rationabile sit obsequium vestrum*.

“Quando vos escrevi em março último, pela primeira vez, dizia: *Nada vi, mas li e compreendi; e creio*. Deus me recompensou muito por ter acreditado sem ter visto; depois vi e vi bem; vi em condições proveitosas, e a parte experimental veio animar, se assim me posso exprimir, a fé que a parte doutrinária me proporcionara e, fortalecendo-a, imprimir-lhe a vida.



*Incredulidade de S. Tomé*³¹
Autor: Diogo Teixeira (1540-1612)
Mosteiro de Sta Mafalda – Arouca

³⁰ A palavra *curso*, aqui, não tem nada a ver com notas, diplomas, professores espíritas e *currículum*, como alguns setores do movimento espírita insistem em implantar.

³¹ *Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho* (Luc. 24: 39).

“Depois de ter estudado e compreendido, eu conhecia o mundo invisível como conhece Paris³² quem a estudou sobre o mapa. Por experiência, trabalho e observação continuada, cheguei a conhecer o mundo invisível e seus habitantes, como conhece Paris quem a percorreu, mas sem ter ainda penetrado em todos os recantos desta vasta capital. Contudo, desde o começo do mês de abril, graças ao conhecimento que me proporcionastes, do excelente Sr. Sabò e de sua família patriarcal, todos bons e verdadeiros espíritas, pude trabalhar e trabalho constantemente com eles, todos os dias, quer em minha casa, quer na presença e com o concurso dos adeptos de nossa cidade, que estão convictos da veracidade do Espiritismo, embora nem todos ainda sejam, de fato e na prática, espíritas.

“O Sr. Sabò vos enviou exatamente o produto de nossos trabalhos, obtidos a título de ensinamento por evocações espontâneas dos Espíritos superiores. Experimentamos tanta alegria e surpresa, quanto confusão e humildade, quando recebemos esses ensinamentos, tão precisos e verdadeiramente sublimes, de tantos Espíritos elevados, que nos vieram visitar ou nos enviaram mensageiros para falar em seu nome.

“Oh! caro senhor, como sou feliz por não mais pertencer, pelo culto material, à Terra, que agora sei não ser para os nossos Espíritos senão um lugar de exílio, a título de provas ou de expiação! Como sou feliz por conhecer e ter compreendido a *reencarnação*, com todo o seu alcance e todas as suas conseqüências, como realidade e não como alegoria. A reencarnação, esta sublime e eqüitativa justiça de Deus, como ainda ontem dizia o meu guia protetor, tão bela, tão consoladora, visto deixar a possibilidade de fazer no dia seguinte o que não pudemos fazer na véspera; que faz a criatura progredir para o Criador; “esta justa e eqüitativa lei”, segundo a expressão de Joseph de Maître, na evocação que fizemos de seu Espírito, e que recebestes; a reencarnação é, conforme a divina palavra do Cristo, “o longo e difícil caminho a percorrer para chegar à morada de Deus”.

“Agora compreendo o sentido destas palavras de Jesus a Nicodemos: *Sois doutor da lei e ignorais isto?* Hoje, que Deus me permitiu compreender de maneira completa toda a verdade da lei evangélica, eu me pergunto como a ignorância dos homens, *doutores da lei*, pôde resistir a este ponto à interpretação dos textos, produzir assim o erro e a mentira que engendraram e alimentaram o materialismo, a incredulidade, o fanatismo ou a poltronaria? Eu me pergunto como esta ignorância, este erro puderam produzir-se quando o Cristo tivera de proclamar a necessidade de reviver, dizendo: *É preciso*

³² Lembro ao leitor que o exemplo é de ordem bem prática, pois Roustaing morou em Paris por três anos, de 1826 a 1829.

nascido de novo e, por aí, a reencarnação, como único meio de alcançar o reino de Deus, o que já era conhecido e ensinado na Terra e que Nicodemos devia conhecer: “Sois doutor da lei e ignorais isto!” É verdade que o Cristo acrescenta a cada passo: “Que os que têm ouvidos, ouçam”; e também: “Têm olhos e não vêem; tem ouvidos e não ouvem e não compreendem”, o que também se aplica aos que vieram depois dele, assim como aos de seu tempo.

“Dissera eu que Deus, em sua bondade, recompensou-me por nossos trabalhos até este dia, e os ensinamentos que nos foram transmitidos pelos seus divinos mensageiros, ‘missionários devotados e inteligentes junto aos seus irmãos – segundo a expressão de Espírito de Fénelon – para lhes inspirar o amor e a caridade do próximo, o esquecimento das injúrias e o culto da adoração devido a Deus’. Compreendo agora o admirável alcance destas palavras do Espírito de Fénelon, quando fala desses divinos mensageiros: ‘Viveram tantas vezes que se tornaram nossos mestres’.

“Agradeço com alegria e humildade a esses divinos mensageiros por terem vindo nos ensinar que Cristo está em missão na Terra para a propagação e o sucesso do Espiritismo, esta terceira explosão da bondade divina, em cumprimento daquela palavra final do Evangelho: *‘Unum ovile et unus pastor’*, por nos ter vindo dizer: ‘Nada temais! O Cristo – por eles chamado Espírito de Verdade – é o primeiro e mais santo missionário das idéias espíritas’. Estas palavras me haviam tocado vivamente e eu me perguntava: *‘Mas onde então está o Cristo em missão na Terra?’* A Verdade comanda, conforme expressão do Espírito de Marius, bispo dos primeiros tempos da Igreja, essa falange de Espíritos enviados por Deus em missão na Terra, para a propagação e o sucesso do Espiritismo.

“Que doces e puras satisfações dão esses trabalhos espíritas, pela caridade feita, com o auxílio da evocação aos Espíritos sofredores! Que consolação entrar em comunicação com os que, na Terra, foram nossos parentes ou amigos; saber que são felizes, ou aliviar-lhes, caso sofram! Que viva e brilhante luz projetam em nossas almas esses ensinamentos espíritas que, fazendo-nos conhecer a verdade completa da lei do Cristo, dão-nos a fé por nossa própria razão e nos fazem compreender a onipotência do Criador, sua grandeza, sua justiça, sua bondade e sua misericórdia infinitas, colocando-nos assim na deliciosa necessidade de praticar esta lei divina de amor e caridade! Que sublime revelação nos dão, ensinando que esses divinos mensageiros, fazendo-nos progredir, progridem eles também, indo aumentar a falange sagrada dos Espíritos perfeitos! A admirável e divina harmonia que nos mostra, ao mesmo tempo, a unidade em Deus e a solidariedade entre todas as criaturas; que nos revela estas sob a influência e o impulso dessa solidariedade, dessa simpatia, dessa reciprocidade, chamadas a subir e subindo, mas não sem passos falsos e sem quedas, nos seus primeiros ensaios, esta longa e alta escada espírita para, após haver percorrido

todos os degraus, chegar, do estado de simplicidade e de ignorância originais à perfeição intelectual e moral e, por esta perfeição, a Deus. Admirável e divina harmonia, que nos mostra esta grande divisão da inferioridade e da superioridade, pela distinção entre os mundos de exílio, onde tudo são provas ou expiações, dos mundos superiores, morada dos bons Espíritos, onde não têm senão que progredir para o bem.

“Bem compreendida, a reencarnação ensina aos homens que eles aqui se acham de passagem, livres para não mais voltar, se para isso fizerem o que for necessário; que o poder, as riquezas, as dignidades, a ciência não lhes são dados senão a título de prova e como meio de progredir para o bem; que em suas mãos não são mais que um depósito e um instrumento para a prática da lei de amor e de caridade; que o mendigo que passa ao lado de um grão senhor é seu irmão perante Deus e talvez o tenha sido diante dos homens; que, talvez, tenha sido rico e poderoso; se agora se encontra numa condição obscura e miserável é por ter falido em suas terríveis provas, lembrando assim aquela palavra célebre, do ponto de vista das condições sociais: Não há senão um passo do Capitólio à rocha Tarpéia, com a diferença de que, pela reencarnação, o Espírito se levanta de sua queda e pode, depois de haver remontado ao Capitólio, lançar-se de seus picos às regiões celestes, morada esplêndida dos bons Espíritos.

“A reencarnação, ao ensinar aos homens, segundo a admirável expressão de Platão, que não há quem não descenda de um pastor, nem pastor que não descenda de um rei, dissipa todas as vaidades terrenas, liberta do culto material, nivela *moralmente* todas as condições sociais; constitui a igualdade, a fraternidade entre os homens, como para os Espíritos, em Deus e diante de Deus, e a liberdade que, sem a lei de amor e de caridade, não passa de mentira e de utopia, como ultimamente no-lo dizia o Espírito de Washington. Em seu conjunto, o Espiritismo vem dar aos homens a unidade e a verdade em todo progresso intelectual e moral, grande e sublime empreendimento, do qual somos apenas humildes apóstolos.

“Adeus, meu caro senhor. Após três meses de silêncio, eu vos sobrecarrego com uma carta muito longa. Respondei quando puderdes e quando quiserdes. Eu me propunha a fazer uma viagem a Paris para ter o prazer de vos conhecer pessoalmente, de vos apertar fraternalmente a mão; minha saúde, porém, opõe-se no momento a tal propósito.

“Podeis fazer desta carta o uso que julgardes conveniente. Eu me honro de ser altivamente e publicamente espírita.

“Vosso bem dedicado,

Roustaing, advogado.
(RS, FEB, 1861, junho, pp. 253-57).

Antes da resposta dada por Allan Kardec, convido o leitor a pormos os olhos no conteúdo desta carta de Roustaing:

1º) Roustaing reconhece em Kardec um *muito honrado chefe espírita*. Esta humildade deve ser aplaudida, porém a palavra *chefe* deve ser evitada, dado o perigo de ser interpretada como uma liderança absoluta e infalível, o que não existe no espiritismo. Aliás é o próprio Kardec quem esclarece no seu segundo banquete em Bordeaux, em 1867:

“Allan Kardec alto e bom-som declarou que nunca esteve em suas intenções colocar-se como mestre, e por-se como chefe; que em nenhum de seus escritos se encontrariam traços dessa pretensão cuja responsabilidade era preciso deixar à crítica sempre mal intencionada que a tinha inventado.”³³ (*L'Union*, 3º ano, julho, 1867, pp. 16-7).

O próprio idealizador do Banquete, Sr. Auguste Bez, comentou aí, este esclarecimento do Codificador:

“Chocamos, escandalizamos mesmo um certo número de espíritas mais kardecistas que o próprio Allan Kardec” (p. 17).

O Sr. Jules Peyranne, presidente da Nova Sociedade Espírita de Bordeaux, neste mesmo banquete, explica, complementando, e na frente de Kardec:

“Ele agradeceu ao Sr. Allan Kardec, em seu nome pessoal, e no nome de toda a Sociedade de Bordeaux, a declaração formal que acabara de fazer e que a Sociedade considerava a parte capital de seu discurso; ele o felicitou por tê-lo tão lealmente e tão alto e bom-som formulado, declarando que, dessa forma, ele produzira um imenso serviço ao espiritismo, esclarecendo muitos espíritas que, sob o império de um misticismo indigno de um homem de razão, consideram Allan Kardec uma espécie de semideus, e estariam prontos a aniquilar sua razão para seguir cegamente o Mestre. “O senhor nunca se colocou como chefe, papa, disse terminando o Sr. Peyranne, e fez bem; não conheço os sentimentos íntimos que animam nossos irmãos espíritas das outras cidades, mas sei que, em Bordeaux, onde os espíritas se gloriam de ser livres-pensadores, homens

³³ É a mais pura verdade. Na *Revue Spirite*, Kardec ressaltou: “Se os espíritas dão-me esse título, é por um sentimento espontâneo de sua parte, em razão da confiança que se dignaram de me conceder” (RS, FEB, setembro de 1863, pp. 374).

de razão, antes desejando toda a independência e liberdade de pensamento; toda idéia de um Mestre absoluto, de um chefe, de um papa, teria encontrado uma resistência enérgica. Nunca pensamos isso do senhor, Senhor Allan Kardec; assim nós o amamos e amamos suas obras, e, enquanto elas estiverem conformes às nossas aspirações e às necessidades de nossos corações, enquanto nossa razão vier aprová-las, teremos a honra de as proclamar, alto e bom-som, como a mais pura expressão da doutrina à qual estamos todos tão ardentemente ligados. Para nós, o senhor é um irmão mais adiantado, mais merecedor, talvez, que a maioria dentre nós; porque o senhor trabalhou mais, porque fez mais, porque se elevou por suas obras” (pp. 18-9).

2º) Agora as citações bíblicas, que demonstram o seu profundo conhecimento das escrituras:

A) Paulo de Tarso: “*rationabile sit obsequium vestrum*”.

A frase é o primeiro versículo do capítulo doze da carta aos Romanos. A frase completa, em latim, é:

“Obsecro itaque vos, fratres, per misericordiam Dei, ut exhibeatis corpora vestra hostiam viventem, sanctam, Deo placentem, rationabile obsequium vestrum”

Encontramos quatro boas traduções para o português:

“Conseqüentemente, eu vos suplico, irmãos, pelas compaixões de Deus, que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo santo e aceitável a Deus, um serviço sagrado com a vossa faculdade de raciocínio” (Tradução da versão inglesa de 1961, sob a responsabilidade de Watchtower Bible and tract Society of New York, INC, Brooklyn, 1967).

“Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo: Ed. Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999).

“Assim, pela misericórdia de Deus vos rogo, irmãos, que ofereçais os vossos corpos como uma hóstia viva, santa, agradável a Deus, que é o culto racional que lhe deveis” (Antônio Pereira de Figueiredo, segundo a Vulgata latina, Lisboa, 1933).

“Meus irmãos, rogo-vos pela misericórdia de Deus que ofereçais vosso corpo como holocausto vivo, santo e agradável a Deus; assim

será espiritual o vosso culto” (Huberto Rohden. São Paulo: Ed. Edigraf, 1930).

B) Jesus: “Felizes os que não viram e creram” (Jo. 20: 25).

Jesus: “Longo e difícil é o caminho a percorrer para chegar à morada de Deus”

Esta frase é uma interpretação dos seguintes versículos:

“Estreita é a porta e apertada a estrada que conduz à vida” (Mt. 7: 14).

“Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt. 5: 48).

Jesus: “Sois doutor da lei e ignorais isto?” (Jo. 3: 10).

Jesus: “É preciso nascer de novo” (Jo. 3: 3 e 7).

Jesus: “Que os que têm ouvidos ouçam” (Mt. 11: 15)

Jesus: “Têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem e não compreendem” (Mt. 13: 13).

Jesus: “*Unum ovile unus pastor*”

A tradução de Carlos Pastorino é:

“*Um rebanho, um pastor*” (Jo 10: 16).

3º) Solicitação de Roustaing, para Kardec, visando a sua maior experiência, para que ele examinasse suas evocações:

“O Sr. Sabò vos enviou exatamente o produto de nossos trabalhos, obtidos a título de ensinamento por evocações espontâneas dos Espíritos superiores”.

4º) Coloca o Espiritismo como *a terceira explosão da bondade divina*.

Esta frase é inspirada em Joseph de Maistre, como já vimos na *Introdução* sobre Auguste Bez, e veremos, ainda, quando falarmos sobre o título de sua obra: *Os quatro evangelhos* ou *Revelação da Revelação*. Allan Kardec vai transcrever esta frase de Joseph de Maistre, em 1867, na *Revue Spirite* (abril, Edicel, p. 109).

5º) Roustaing fala da *satisfação* de realizar *trabalhos espíritas*, de ordem caritativa, em favor dos *Espíritos sofredores* e de possíveis *parentes e amigos*, desencarnados, que necessitem de *consolo e alívio*.

6º) Roustaing adianta, nesta carta, a *fé raciocinada* que Kardec anunciará em abril de 1864, em seu *O evangelho segundo o espiritismo*. Primeiro Roustaing:

“Que viva e brilhante luz projetam em nossas almas esses ensinamentos espíritas que, fazendo-nos conhecer a verdade completa da lei do Cristo, dão-nos A FÉ POR NOSSA PRÓPRIA RAZÃO e nos fazem compreender a onipotência do Criador, sua grandeza, sua justiça, sua bondade e sua misericórdia infinitas, colocando-nos, assim, na deliciosa necessidade de praticar esta lei divina de amor e caridade!”.

Agora, Kardec:

“A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura, então, crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade*” (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XIX, item 7, p. 388).

7º) Roustaing mostra estar bem familiarizado com o estudo de *O livro dos espíritos* (perguntas de 100 a 113), ao fazer uma síntese da escada ou escala espírita:

“Longa e alta escada espírita para, após haver percorrido todos os degraus, chegar, do estado de simplicidade e de ignorância originais, à perfeição intelectual e moral e, por esta perfeição, a Deus. Admirável e divina harmonia, que nos mostra esta grande divisão da inferioridade e da superioridade, pela distinção entre os mundos de exílio, onde tudo são provas ou expiações, dos mundos superiores, morada dos bons Espíritos, onde não têm senão que progredir para o bem”.

Roustaing, nesta época, 1861, sem a revelação da *queda do homem*, que os Espíritos dos Evangelistas, assistidos pelos apóstolos, ditariam em *Os quatro evangelhos* (QE, I, 281-336), não pode ainda entender este ensino, que está registrado nas entrelinhas de *O livro dos espíritos* (em especial nas perguntas 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127 e 262), em toda a sua extensão, diz ele, de forma *não de todo correta*, sobre a ascensão das criaturas para Deus:

“Chamadas a subir e subindo, mas *não sem passos falsos e sem quedas*, nos seus primeiros ensaios, esta longa e alta escada espírita”.

Ora, os *passos falsos* e as *quedas* não são uma necessidade no carreiro evolutivo. É uma opção dos Espíritos, que usaram mal do patrimônio do livre-arbítrio:

“*Uns cederam à tentação, outros resistiram*” (*O livro dos espíritos*, perg. 122).

Depois de publicados *Os quatro evangelhos*, a *escala espírita* é vista, pelo estudioso atento, de outra maneira, de forma clara e coerente. Um exemplo de uma correta compreensão da *escala espírita* encontramos na *Revista Espírita*,³⁴ *publicação mensal de estudos psicológicos, feita sob os auspícios de alguns espíritas e dirigida pelo Dr. Antônio da Silva Neto*, no Rio de Janeiro. Quando, nesta *Revista*, foi transcrita a *escala espírita* de *O livro dos espíritos*, ao término, o Dr. Silva Neto mandou incluir o seguinte esclarecimento:

“Observação. – A escala espírita, tal qual se acha aqui contida, classifica somente os Espíritos que passaram e estão passando pela feira da corporeidade humana; entretanto, Espíritos existem que nunca passaram por esse lodaçal de impurezas chamado corpo humano; que, posto criados simples e ignorantes, seguiram a lei do progresso contínuo, sem nunca se afastar das leis de Deus, porque jamais foram surdos aos conselhos dos seus Guias; não obstante, esses mesmos se acham compreendidos na primeira ordem – puros espíritos” (1º ano, nº 2, fevereiro de 1875, p. 61).

8º) Roustaing cita a palavra célebre: “*Não há senão um passo do Capitólio à Tarpéia*”.

O Capitólio ou Tarpéia é a mais célebre das colinas de Roma, onde se erguia o templo-cidadela dedicado ao deus Júpiter, protetor da cidade. Em 509 a. C, quando foi concluído, era o lugar principal da cidade. Numa de suas elevações foi também construído o templo de Juno Moneta, com a oficina monetária, ou casa da moeda. Perto de Templo de Júpiter havia o desfiladeiro da *Rocha Tarpéia*, de onde se precipitavam os criminosos, acusados de traição. O Capitólio era o centro da vida religiosa dos romanos. Ali, os triunfadores iam oferecer sacrifícios, em homenagem ao deus, por suas vitórias.

³⁴ Tipografia de Domingos Luiz dos Santos, Rua do Ouvidor, 18.

Assim, no alto do Capitólio, no Templo de Júpiter, temos a imagem do triunfo e, ao seu lado, no desfiladeiro da Rocha Tarpéia, o lugar do sacrifício dos condenados.



Capitólio e a Rocha Tarpéia

Por isso a expressão usada por Roustaing, demonstrando toda a sua erudição e sabedoria: *Não há senão um passo do Capitólio à Tarpéia*. Só à luz da *reencarnação* é que as *diferenças sociais* são resolvidas e explicadas, por se ter *falido* nas *terríveis provas*.

Outra significativa explicação é sobre a lenda de Tarpéia: Após o rapto das mulheres dos sabinos pelos romanos, uma guerra explodiu, entre estas duas tribos vizinhas. Os guerreiros sabinos buscam, então, invadir o Capitólio, sede do poder romano, e encontram para isto, uma aliada inesperada, na filha do líder romano, a jovem ambiciosa Tarpéia, que se fez amante do líder Sabino, atraída pelo bracelete que ele, galante e majestoso, ostentava no braço esquerdo. Ela, em troca do que ele tinha no braço esquerdo, abre a fortaleza à sua invasão e, logo, é esmagada pelo escudo de seu amante que, poderoso, também o ostentava no braço esquerdo. Ela, então, *perece* na *rocha* que era o seu *lugar de triunfo*.

9º) Roustaing, por fim, cita o filósofo Platão:

“Não há quem não descenda de um pastor, nem pastor que não descenda de um rei”.

Esta palavra, segundo ele, à luz da lei da reencarnação, liberta do culto material, além de nivelar *moralmente* todas as condições sociais.

10º) O que os Espíritos, em mensagens ditadas nos trabalhos práticos no *Grupo Sabò*, ensinaram a Roustaing?

Meu Guia Protetor:

“A reencarnação, esta sublime e eqüitativa justiça de Deus, tão bela, tão consoladora, visto deixar a possibilidade de fazer no dia seguinte o que não pudemos fazer na véspera”.

Joseph de Maistre:

A Reencarnação “esta justa e eqüitativa lei”.

Fénelon:

O Espírito Fénelon era quem presidia o *Grupo Sabò*, segundo o Espírito Erasto, em sua Epístola aos bordelenses (RS, FEB, novembro, p. 504).

Os divinos mensageiros, “missionários devotados e inteligentes junto aos seus irmãos para lhes inspirar o amor e a caridade do próximo, o esquecimento das injúrias e o culto da adoração devida a Deus”.

Os divinos mensageiros: “Viveram tantas vezes que se tornaram nossos mestres”.

Espírito Marius, bispo dos primeiros tempos da Igreja:

Os Espíritos Marius e Georges eram os *fiéis auxiliares* de Fénelon, na direção espiritual do *Grupo Sabò*, segundo Erasto, em sua Epístola aos bordelenses (RS, FEB, novembro, p. 504).

“Nada temais! O Cristo, Espírito de Verdade, é o primeiro e mais santo missionário das idéias espíritas”. “*Mas onde, então, está o Cristo em missão na Terra?*” A Verdade comanda essa falange de Espíritos enviados por Deus, em missão na Terra, para a propagação e o sucesso do Espiritismo”.

Na *La Ruche* se vê duas outras mensagens mediúnicas de Marius, Espírito protetor, captadas pela Sra. Cazemajour, na *Société Spirite de Bordeaux*. Primeira: *L’avenir* (1º ano, n. 3, 1ª quinzena de julho de 1863, p. 47) e, segunda: *L’indifférence de l’homme* (1º ano, n.º 16, 2ª quinzena de janeiro de 1864, pp. 267-8).

Washington:

A reencarnação “constitui a igualdade, a fraternidade entre os homens, como para os Espíritos, em Deus e diante de Deus, e a

liberdade que, sem a lei de amor e de caridade, não passa de mentira e de utopia”.

11º) A coragem de ser espírita:

“Podeis fazer desta carta o uso que julgardes conveniente. Eu me honro de ser ativamente e publicamente espírita”.

12º) Roustaing reconhece a experiência de Allan Kardec e, agradecido, se despede:

“Respondei quando puderdes e quando quiserdes. Eu me propunha a fazer uma viagem a Paris para ter o prazer de vos conhecer pessoalmente, de vos apertar fraternalmente a mão; minha saúde, porém, opõe-se no momento a tal propósito”.

Diante de todas estas informações, Kardec só o poderia felicitar, de imediato e publicamente, como um exemplo incontestável de sólida iniciação espírita:

“Como nós todos apreciarão a exatidão dos pensamentos expressos nesta carta. Vê-se que, embora iniciado recentemente, o Sr Roustaing passou a mestre em assunto de apreciação. É que estudou, séria e profundamente, o que lhe permitiu apanhar, com rapidez, todas as conseqüências dessa grave questão do Espiritismo, não se detendo, em sentido oposto a muita gente, na superfície. Dissera ainda nada ter visto, mas estava convencido, porque havia lido e compreendido. Tem ele isto de comum com muitas criaturas e sempre observamos que estas, longe de serem superficiais, são, ao contrário, as que mais refletem. Ligando-se mais ao fundo do que à forma, para elas a parte filosófica é a principal, sendo acessórios os fenômenos propriamente ditos; dizem que mesmo que tais fenômenos não existissem, nem por isso deixaria de haver uma filosofia, a única que resolve problemas até hoje insolúveis; a única a dar, do passado e do futuro do homem, a teoria mais racional. Ora, eles preferem uma doutrina que explica a uma que nada explica, ou explica mal. Quem quer que reflita, compreende perfeitamente que se pode fazer abstração das manifestações sem que, por isso deixa a doutrina de subsistir. As manifestações vem corroborá-la, confirmá-la, mas não são a sua base essencial. O discurso de Channing³⁵ que acabamos de citar, é

³⁵ William Ellery Channing (1780 a 1842), célebre filósofo e religioso americano. Combateu a idéia da santíssima trindade e defendeu o uso da razão para a discussão de temas religiosos. Allan Kardec cita o seu “Discurso sobre a vida futura” (RS, FEB, 1861, pp.245-52).

uma prova disso, porque, cerca de 20 anos antes desta grande exibição de manifestações na América, somente o raciocínio o havia conduzido às mesmas conseqüências.

“Há outro ponto pelo qual também se reconhece o espírita sério; pelas citações que o autor desta carta faz, dos pensamentos contidos nas comunicações que ele recebeu, prova que não se limitou a admirá-las como belos textos literários, bons para conservar num álbum, mas que as estuda, medita e tira proveito. Infelizmente, há muitos para quem esse importante ensinamento permanece letra morta; que colecionam essas belas comunicações como certa gente coleciona belos livros, mas sem os ler.

“Devemos, além disso, felicitar o Sr. Roustaing pela declaração com que termina sua carta. Infelizmente, nem todos têm, como ele, a coragem da própria opinião, o que estimula os adversários. Entretanto, forçoso é reconhecer que as coisas têm mudado muito neste particular, de algum tempo a esta parte. Há dois anos apenas, muitas pessoas só falavam do Espiritismo entre quatro paredes; só compravam livros às escondidas e tinham grande cuidado em não os deixar em evidência. Hoje é bem diferente; já se familiarizaram com os epítetos *grosseiros* dos gracejadores e deles se riem em vez de se ofenderem. Não mais têm receio em confessar-se espíritas abertamente, como não temem dizer-se partidários de tal ou qual filosofia, do magnetismo, do sonambulismo, etc.; discutem livremente o assunto com o primeiro que chegar, como discutiriam sobre os clássicos e os românticos, sem se sentirem humilhados por serem a favor destes ou daqueles. É um progresso imenso, que prova duas coisas: o progresso das idéias espíritas em geral e a pouca consistência dos argumentos dos adversários. Terá como conseqüência impor silêncio a estes últimos, que se julgavam fortes por se serem mais numerosos; mas quando, de todos os lados, encontram com quem falar, não diremos que serão convertidos, mas guardarão reserva. Conhecemos uma pequena cidade da província onde, há um ano, o Espiritismo não contava senão com um adepto, que era apontado a dedo como um bicho estranho e assim considerado; e, quem sabe? talvez até deserdado por uma família ou destituído de seu cargo. Hoje os adeptos ali são numerosos; reúnem-se abertamente, sem se inquietarem com o que dirão; e quando se viram entre eles autoridades municipais, funcionários, oficiais, engenheiros, advogados, tabeliões e outros que não ocultavam suas simpatias pelo Espiritismo, os trocistas cessaram de zombar e o jornal da localidade, redigido por um Espírito muito forte, que já havia lançado alguns dardos e se prestava para pulverizar a nova doutrina, temendo encontrar pelas costas partido mais forte que o dele, guardou prudente silêncio. É a história de muitas outras localidades, história que se generalizará à medida que os partidários do Espiritismo, cujo número

aumenta diariamente, levantam a cabeça e a voz. Bem podem querer abater uma cabeça que se mostre, mais quando há vinte, quarenta, cem pessoas que não receiam falar alto e firme, pensam duas vezes e isso dá coragem a quem não a possui” (RS, FEB, 1861, pp. 258-60).

Em síntese, disse Kardec sobre J.-B. Roustaing:

- 1º) O Sr Roustaing passou a mestre em apreciação de mensagens espirituais.
- 2º) Não ficou na superfície.
- 3º) É espírita sério.
- 4º) Estuda as comunicações espirituais que recebe, as medita e delas tira proveito.
- 5º) Devemos felicitar o Sr Roustaing.

Em se tratando de Espiritismo, tudo para Roustaing corria muito bem. Só faltava, pessoalmente, apertar a mão de Allan Kardec, como tanto desejava, como um gesto simbólico e marcante, para começar a realizar a sua missão, para qual veio na Terra. Mas era necessário, ainda, esperar, ou melhor, *saber esperar*, como recomenda a virtude evangélica: *o amor é paciente* (Paulo – I Co 13: 4).

XVI – CHAMAMENTO ESPIRITUAL

“Quando o discípulo está preparado o mestre aparece” (*Bhagavad Gita*).

“O tempo está próximo” (Ap. 1: 3).

A Espiritualidade Maior não exige que trabalhem além de nossas forças. Os missionários estão aí, cheios de exemplos, alertando-nos quanto à moderação na aplicação do trabalho. É fundamental saber administrar a *economia* das forças humanas. O repouso é o complemento natural do trabalho, e lei da natureza, conforme *O livro dos espíritos*:

“682. Sendo uma necessidade para todo aquele que trabalha, o repouso não é também uma lei da Natureza?”

“Sem dúvida. O repouso serve para a reparação das forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria”.

É evidentemente, que, por trabalho, não se deve entender somente as ocupações materiais. Não; o *Espírito trabalha, assim como o corpo*, continua *O livro dos espíritos*:

“Toda a ocupação útil é trabalho” (Perg. 674).

Quando se termina uma ocupação física, quase sempre ao som de um relógio ou sineta, se começa, imediatamente a descansar, ou gozar o *ócio*. No trabalho mental, não há nenhum instrumento que sinalize o término da atividade ocupacional. Para onde se vai, se leva o trabalho consigo. É o que constata o célebre Prof. Domenico de Masi, da *Universidade La Sapienza* de Roma:

“Entre inércia física e trabalho intelectual não existe essa separação: o sujeito pode passar horas deitado numa rede e estar trabalhando só com a cabeça, vertiginosamente. A rede é a antítese da linha de montagem. Além disso, talvez seja o objeto mais bonito e funcional que tenha sido inventado até hoje pelos seres pensantes” (*O ócio criativo*, Ed. Sextante, 2000, p. 225).

O cansaço psíquico obedece a leis diferentes das do cansaço físico. O desgaste físico traz prostração que impõe sofá ou cama.

Para o cansaço mental é recomendado, usualmente, passeios, ioga e viagens, para mudar de clima e se respirar novos ares. Mas nem sempre esses meios serenam a mente. E isto ocorre quando há um alto índice de motivação pelo que se está fazendo. Não há *rede*, nem *viagens* que sosseguem a mente. Continua Domenico Masi:

“O trabalho intelectual pode nos agradar a tal ponto, que nem nos damos conta de que nos cansamos, correndo o risco de um esgotamento nervoso” (p. 233).

É lógico que a ocupação psíquica é uma atividade do Espírito, e, como cada Espírito se encontra num nível peculiar, os limites da aplicação mental variam, de pessoa para pessoa, como ensina *O livro dos espíritos*:

“683. *Qual o limite do trabalho?*

“O das forças. Em suma, a esse respeito Deus deixa inteiramente livre o homem” (Perg. 683).

Era precisamente isto o que acontecia com J.-B. Roustaing. Ele estava deslumbrado com as descobertas espíritas, e se aplicava intensamente em desvendar suas leis. Atuava intensamente. E o mais grave: vinha de sérios problemas de saúde. E, ele, que se achava *completamente restabelecido, em janeiro de 1861* (QE, I, 58), constata, em *maio*, para sua decepção, que os *problemas com a saúde* retornaram, o que o impedia de conhecer *pessoalmente Kardec*, em Paris:

“Eu me propunha a fazer uma viagem a Paris para ter o prazer de vos conhecer pessoalmente, de vos apertar fraternalmente a mão; minha saúde, porém, opõe-se no momento a tal propósito”.

Numa outra vez, a própria Espiritualidade Maior alertou J.-B. Roustaing, por escrito mediúnico, sobre a necessidade dele administrar bem a economia orgânica:

“Emprega com critério e medida as horas, a fim de poupares tuas forças” (QE, IV, 74).

Cansado, Roustaing busca esparecer, em junho de 1861, *no lazer e na solidão do campo* por uma temporada. Viaja, então, para a sua bela quinta em Tribus, em busca de refazimento psicofísico.

Eram comuns estas temporadas de J.-B. Roustaing em sua quinta, em Arbis. Temos três registros que mostram que elas deviam ser freqüentes, no mínimo anuais:

Em 1861, temos duas temporadas. A *primeira*, em torno do mês de junho:

“Um médium que estava, então, comigo na minha casa de campo e com o qual eu me entregava todos os dias a trabalhos assíduos” (QE, I, 1909, p. 21).

O médium se achava com ele em sua casa de campo. Aqui temos três opções: ou o médium residia na sua própria propriedade, ou era um residente da vizinhança ou, ainda, podia ter viajado com Roustaing, e era, neste caso, seu hóspede. Em todo caso há um total silêncio sobre o seu nome. Por que? Ele não desejava se identificar? Precisava se resguardar? Era familiar de Roustaing? Esta pesquisa nada descobriu sobre este importante médium na missão do biografado. Já adiante vamos falar de suas produções mediúnicas.

Mas o certo é que ele *trabalhava diariamente* com Roustaing. *Diariamente*, significa que Roustaing estava passando uma temporada em Tribus.

A *segunda* temporada, de 1861, aconteceu, provavelmente, entre os últimos dias de outubro e o fim do mês novembro. É Roustaing quem escreve para Kardec, em sua 3ª carta, no início de dezembro, e comenta:

“Tinha programado neste inverno, depois de minha volta do campo, esta obra de minhas últimas vontades (1º testamento). No lazer e na solidão do campo pude recolher-me e, à luz desse divino facho do Espiritismo...” (RS, FEB, 1862, janeiro, p. 52).

A expressão *volta do campo*, aqui, sugere que Roustaing vinha de uma temporada de lazer e reflexão, onde ele pôde decidir-se sobre o seu testamento.

Outro registro de temporada, em Tribus, encontramos numa interessante carta que Roustaing escreve para o Vice-Presidente francês, o Sr. Jules Favre, seu *confrade e amigo*, em outubro de 1870 (mais adiante, vamos transcrevê-la na íntegra), e que foi publicada na *Revue Spirite*:

“Eu vos escrevo de minha casa de campo onde estou nesse momento até o mês de novembro próximo” (RS, 1893, pp. 230-2).

Do conjunto de todas estas informações analisadas, pode-se concluir que Roustaing era um interessado pelo Espiritismo e

que, para ele, trabalhar pela *Doutrina* era um prazer e, por isso, se aplicava de forma inteligente e livre.

É fácil de se concluir: na *primeira* temporada, ele trabalha *diariamente* com um médium, que se encontrava em sua companhia. Na *segunda* temporada, ele lê Lamennais e retira, de seus escritos, os embasamentos que solidificaram a obra de suas últimas vontades (1º testamento). Na *terceira* temporada, escreve para o Vice-Presidente Jules Favre, consolando-o em suas dificuldades e divulgando os postulados espíritas, que é a maior caridade que se pode fazer pela Doutrina:

“O Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação” (Espírito: Emmanuel, médium: F. C. Xavier, livro: *Estude e viva*. Rio de Janeiro: FEB, 1972, cap. 40, p. 229).

Mas voltemos à 1ª temporada, a de junho de 1861. Penso que foi nesta época que J.-B. Roustaing idealizou o seu *Grupo espírita* ou *Grupo Roustaing*, em Tribus. Tudo começa na presença de um excelente médium que se encontrava em sua companhia, e com o qual trabalhava diariamente. É ele quem relata os fatos:

“Na véspera do dia 24 de junho de 1861, eu rogara a Deus, no sigilo de uma prece fervorosa, que permitisse ao Espírito de João Batista manifestar-se por um médium, que se achava então em minha companhia e com o qual diariamente me consagrava a trabalhos assíduos. Pedira também a graça da manifestação do Espírito de meu pai e do meu guia protetor” (QE, I, 64).

Se utilizarmos um calendário de conversão, vê-se que a *véspera* de 24 de junho, dia 23, caiu, neste ano, num domingo. E *domingo* foi o dia da semana escolhido por Roustaing para o funcionamento de seu *Grupo espírita*, em Tribus. Vimos, na *Introdução* sobre o *Grupo Demogodin*, que o Sr. Leymarie informa, na *Revue Spirite*, que este *Grupo* se reunia *todo domingo* (1883, julho, p. 299). O Sr. Lefraise registra: *domingo... todo mês* (*Le sauveur*, de 11 de setembro de 1864, p. 4); e, ainda, temos o Sr. Jean Guérin corroborando, também na *Revue Spirite*, ao informar sobre J.-B. Roustaing e seu *Grupo: reuniões mensais a que presidia* (março de 1879, p. 116).

Surge, então, uma dúvida: o *Grupo Roustaing* se reunia semanalmente ou mensalmente? Penso que, nos primeiros tempos do *Grupo*, as reuniões eram mensais, pois Roustaing vinha de Bordeaux (a 45 km), exclusivamente para a sessão espírita; e, semanalmente, quando Roustaing estava passando temporadas em sua

quinta. Mais tarde, dada a saúde de Roustaing, e sua idade mais avançada, o *Grupo* passou a se reunir apenas mensalmente.

Voltemos ao texto citado acima, de Roustaing.

Ele ora, fervorosamente, no silêncio de uma prece, para que os *Espíritos de João Batista, de seu pai e de seu guia protetor* pudessem, com a permissão divina, se comunicar através desse médium, que se encontrava em sua companhia. Num segredo, ele *não revela sua intenção ao médium*, que capta, com *surpresa*, as comunicações. Ele esclarece:

“Essas manifestações se produziram espontaneamente, com surpresa do médium, a quem eu deixara ignorante da minha prece. Constituíram para mim uma fonte de alegria imensa, com o me provarem que a minha súplica fora ouvida e que Deus me aceitava por seu servo” (QE, I, 64).

No dia seguinte, 24 de junho, data consagrada pela Cristandade a S. João-Batista, este Espírito se manifesta mais uma vez, através do médium que estava na companhia de Roustaing. Era uma segunda-feira, e a reunião devia ser mais intimista, sem a presença da vizinhança. Esta informação se vê na *Introdução de Os quatro evangelhos*, no primeiro volume, que ainda traz um fragmento desta comunicação:

“Através de um médium, nos disse João, filho de Zacarias e de Isabel, a 24 de junho de 1861: *se a fé e a esperança são irmãs, ambas são filhas da caridade e do amor*” (QE, I, 124).

O Espírito João-Batista ditou mais uma comunicação a Roustaing, porém, não se tem a informação de sua data. Ao todo, então, foram três as comunicações deste Espírito, como informa Roustaing e Guillon Ribeiro traduz fielmente:

“Trois manifestations de Jean, fils de Zacharie et d’Élisabeth” (QE, 1866, 1ª tiragem, p. XVII).

“Três manifestações de João, filho de Zacarias e Isabel” (QE, IV, 65).

Seu pai, o Espírito François Roustaing, como já informamos, ditou algumas mensagens a Roustaing; uma no dia 23 de junho. Roustaing publica um *fragmento* do final de uma destas comunicações medianímicas.

O Espírito de seu guia protetor ditou uma mensagem, no dia 23 de junho, e outra, de que Roustaing já havia destacado um *fragmento*, na 2ª carta que ele escreveu para Allan Kardec. Já transcrevemos este trecho. Este espírito, dada a missão que Roustaing tinha que

desempenhar na Terra, deve ter ditado outras mensagens. É lógico, é mais que certo!

Uma semana depois, no domingo seguinte, 30 de junho, dia dedicado pela Cristandade ao apóstolo Pedro, aproveitando-se de toda a psicofera que animava as reuniões do *Grupo Roustaing*, este mavioso Espírito se comunica, como registra Roustaing:

“O Espírito do apóstolo Pedro se manifestou a 30 de junho, de modo inesperado, tanto para mim como para o médium” (QE, IV, 65).

E, assim, as famosas *domingueiras* iam se consolidando, e o afluxo popular ia crescendo cada vez mais, até se transformar numa das maiores reuniões espíritas de todos os tempos. Não estou *louco*, leitor, você verá mais adiante. Se há *loucura*, é aquela que o apóstolo atribuía a Deus, dizendo ser esta mais sábia que a sabedoria dos homens (Paulo, I Co 1: 25).

Por razões que acredito serem particulares, não fora permitido a Roustaing publicar na íntegra estas mensagens:

“Não posso e nem devo publicar aqui essas comunicações mediúnicas. Fui mediunicamente prevenido da época em que poderia e deveria publicá-las” (QE, IV, 65).

Estas comunicações, analisadas em seu conjunto, deram imensa alegria a Roustaing. À semelhança de Maria de Nazaré, ele deve ter cantado no imo d’alma um verdadeiro *Magnificat*:

“A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu Espírito se alegrou em Deus meu salvador” (Luc. 1: 46).

É ele quem comenta:

“Constituíram para mim uma fonte de alegria imensa, como o me provarem que a minha súplica fora ouvida e que Deus me aceitava por seu servo” (QE, IV, 65).

A frase *Deus me aceitava por seu servo* é a explicação deste subtítulo presente: *O chamamento espiritual*. Roustaing estava pronto para desempenhar a missão para a qual foi chamado. Era servo e, mais um escolhido, para trabalhar na Vinha do Senhor!

A Bhagavad gita, em sua sabedoria milenar, ensina:

“Quando o discípulo está preparado, o mestre aparece”.

O Ministro Genésio também bebeu da mesma fonte:

“Quando o discípulo está preparado, o Pai envia o instrutor”.
(*Nosso lar*, André Luiz, p. 143)

Concluindo estas informações, Roustaing *destaca* alguns *fragmentos (fragments détachés)*, de uma destas três mensagens do Espírito João-Batista, sem especificar a data desta comunicação. Neles, o Espírito do Precursor esclarece e complementa com um versículo do *Apocalipse*, que diz *O tempo está próximo* (1: 3). Para o Espírito comunicante, o *tempo* que corria presente, o da Terceira Revelação, o Espiritismo, era aquele *tempo* anunciado, que chegara, enfim. Por isso, ele insiste algumas vezes: *São chegados os tempos*:

“São chegados os tempos em que as profecias se hão de cumprir. Começa o reinado da verdade. Povos adictos ao culto idólatra da fortuna, desprendei os vossos pensamentos dessa profunda adoração. Dirigi os olhares para as regiões celestes. Escutai as vozes dos Espíritos do Senhor, que não se cansarão de fazer ouvido este aviso salutar: – Os tempos são chegados.

“Chegaram os tempos. Deus envia seus Espíritos aos homens para ajudá-los a sair da superstição e da ignorância. Ele quer o progresso moral e intelectual de todos. Esse progresso, porém, estava entravado pelo orgulho e pelo egoísmo, obstáculo que lhe era impossível vencer, senão mediante lutas sangrentas e mortíferas. O Espiritismo, alavanca poderosa, que vosso pai acaba de colocar nas mãos de alguns apóstolos fervorosos, o fará avançar com passo rápido para o cume que lhe cumpre atingir, arrancando a humanidade toda ao pesado sono que a obrigava a ter o pensamento e o corpo pendidos para a terra.

“Chegaram os tempos em que todos deveis reconhecer vossos erros e faltas.

“Que os santos mandamentos de Deus, dados a Moisés no Sinai, sejam o código dos vossos deveres para com as vossas consciências. Que o santo Evangelho seja a doce filosofia que vos faça resignados, compassivos e brandos para com os vossos irmãos, pois todos sois membros da mesma família. O Espiritismo vos veio ensinar a verdadeira fraternidade e os tempos são chegados.

“São chegados os tempos em que, por toda parte, vai germinar a preciosa semente que o Cristo, o Espírito da Verdade, espalhou entre os homens.

“Sabeis quais são os copiosos frutos que os verdadeiros espíritos vão colher desta sementeira bendita? São a liberdade, a fraternidade, a igualdade perante Deus e os homens. O Espiritismo

é quem os vai convidar a todos para esta abundante messe, pois que o orgulho e o egoísmo, o fanatismo e a intolerância, a incredulidade e o materialismo vão desaparecer da Terra, cedendo lugar ao amor e à caridade que os Espíritos do Senhor vos pregam. Eles estão sempre convosco e vos assistem, porquanto os tempos são chegados” (QE, IV, 65-7).

XVII – ENCONTRO COM ALLAN KARDEC

“E conhecendo a graça a mim concedida, Tiago, Cefas e João, tidos como colunas, estenderam-nos a mão, em sinal de comunhão” (Paulo, Gl, 2: 9).

No dia 7 de agosto de 1861, o Sr. Émile Sabò escreve para Allan Kardec uma carta-convite, anunciando que ele e os mais fervorosos adeptos da Doutrina em sua cidade ficariam muito felizes se pudessem contar com a presença do Codificador, a grande *coluna* do Espiritismo, na inauguração da *Sociedade Espírita de Bordeaux*. Ele aproveitava a carta para enviar a Kardec, contando com sua aprovação, um documento, nos moldes da *Sociedade iniciadora parisiense*, e informa que a *Sociedade bordelense* dependeria desta, em tudo por tudo.

Segundo Sabò, a *Sociedade de Bordeaux* coordenaria grupos de dez a doze pessoas em diversos pontos da cidade e recebeu o apoio, o pleno apoio, da Espiritualidade:

“Todos os nossos guias espirituais estão de acordo neste ponto, isto é, que Bordeaux deve ter uma sociedade de estudos, pois a cidade será o centro da propagação do Espiritismo em todo o Sul” (RS, FEB, 1861, setembro, p. 407).

Aliás, o Espírito Erasto, na *Epístola* ditada em Paris, e lida por Kardec, no banquete em Lyon, em 19 de setembro de 1861, já emitia a sua opinião e aprovação espiritual:

“Eis por que vos concito a seguir o exemplo que vos deram os espíritos de Bordeaux, cujos grupos particulares formam, todos, os satélites de um grupo central” (RS, FEB. 1861, outubro, p. 444).

E ele ainda explica o porquê de se seguir este exemplo bordelense:

“É necessário que a luz se irradie do centro para a periferia e desta para o centro, a fim de que todos aproveitem e se beneficiem dos trabalhos de cada um” (RS, FEB, 1861, outubro, p. 445).

Enfim, chega o grande dia: 14 de outubro de 1861. E, nele, a surpresa maior, a presença inesquecível de Allan Kardec. Sabô não cabia em si de contentamento. Todos estavam muito felizes. Podemos imaginar a alegria de J.-B. Roustaing, entre *quase trezentos*³⁶ confrades (RS, FEB, 1861, novembro, p. 511), em poder ter o prazer, tão desejado, e já expresso, de conhecer pessoalmente Kardec, e de poder apertar fraternalmente a sua mão, numa comunhão inolvidável. Os discursos estavam preparados e ensaiados. Os cozinheiros,³⁷ para o banquete do dia seguinte, estavam com todos os preparativos encaminhados.

Allan Kardec ficou emocionado com a recepção. Foram muitos os *testemunhos de simpatia, atenções e cortesias*, que o deixaram *confuso*. Saiu das reuniões espirituais em que assistiu, feliz e edificado:

“Pelo piedoso sentimento que as preside e pelo tato com o qual sabem guardar-se contra a intrusão dos Espíritos enganadores” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 474).

Mas teve mais um fato que Kardec constatou com prazer: foi a fraternidade que encontrou, sem nenhum dos preconceitos sociais, onde os operários se confraternizavam com a elite da sociedade, formando um só corpo:

“Um fato que constatamos com prazer é que certos homens, muitas vezes em eminente posição social, se misturam aos grupos plebeus com a mais fraterna cordialidade, deixando os títulos à porta, como se fossem simples trabalhadores, acolhidos com igual benevolência nos grupos de uma e outra ordem. Por toda parte, o rico e o artesão se apertam as mãos cordialmente” (RS, FEB, 1861, p. 474).

É precisamente isto que Roustaing escreve sobre o movimento espírita bordelense, e que já transcrevemos, mas vale repetir:

³⁶ Para uma segunda-feira, era e é um número bem expressivo.

³⁷ Um ano depois, em 1862, ficamos sabendo da contratação de *cozinheiros* para este banquete (RS, FEB, 1862, setembro, p. 382). Evidentemente que o gasto excessivo foi desaprovado por Kardec, que queria dar à sua visita um caráter *pastoral*. Mais tarde, num *outro banquete* com Roustaing, vão se cotizar para aliviar o infortúnio dos *pobres sem distinção de raça, de nacionalidade, nem de culto*. Comentaremos mais adiante.

“O mais afortunado estende lealmente a mão ao outro, que não possui senão os seus próprios braços. Todos, espiriticamente, se sentem irmãos e cada um se reconhece mais ou menos bem colocado na hierarquia social (em virtude do seu livre-arbítrio), a fim de tirar desta posição o partido mais útil, mais moralizador para si e para a sociedade” (QE, I, 63).

Chegou a hora da *Reunião geral dos espíritas de Bordeaux*. Kardec, emocionado, é saudado pelo menino Joseph, a jóia que proporcionava tantas alegrias na família Sabò, marcada por dolorosas provas, como informa o Espírito Erasto, na leitura feita por Kardec:

“Mencionei a família Sabò, que, com constância e uma piedade inalterável, soube atravessar as dolorosas provas com que Deus a afligiu, com o fito de a elevar e torná-la apta para a sua missão atual” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 505).

O Sr. Émile Sabò abre oficialmente a sessão com um discurso calcado em alguns pontos doutrinários. Primeiro, discorre sobre a reencarnação, e o caminho a percorrer para se chegar ao *topo*, Deus. Cita, então, um célebre pensamento:

“Para chegar a Ele, é preciso nascer, morrer e renascer até que se tenha alcançado os limites da perfeição, e ninguém chega a Ele sem ter sido purificado pela reencarnação” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 478).

Depois, fala da missão de Kardec como propulsora do progresso das nações:

“Fostes vós que nos traçastes a rota e nos sentimos felizes por vos seguir, previamente convencidos de que vossa missão é fazer marchar o progresso espiritual em nossa bela França, a qual, por sua vez, impulsionará as demais nações da Terra de modo a permitir, pelo progresso intelectual e moral, que elas cheguem pouco a pouco à felicidade” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 480).

Em seguida, chegou a vez do discurso do *distinto médico*, Dr. Alphonse Bouché Vitray. Conta ele, então, que, a partir do conhecimento filosófico que teve da Doutrina dos Espíritos, passou a se reunir, *semanalmente*, com alguns *espíritas fervorosos*, no consultório, em *sua residência*. Eram sessões de *estudos* em

comum e com proveito do Espiritismo, *evocações e preces* a Deus pelos Espíritos sofredores.

Em seu discurso, ele opta por tratar de alguns casos fenomenológicos espíritas que ocorreram nas sessões em sua residência. Destaca o caso de uma menina, de nome *Estelle*, de seis anos, *vitimada pelo crupe*, e que foi *evocada por ele*. Ela veio acompanhada de companheiras, ou *amiguinhas espirituais*, que provocaram, mediunicamente, um *ruído insólito*. Outros casos são relatados, todos bem provados, no seu longo mas instrutivo discurso. Mas, a certa altura, ele relata como foi devidamente alertado e orientado no conhecimento da verdadeira luz que emana da filosofia da obra kardequiana:

“Hoje, o reconhecimento me obriga a inscrever nesta página o nome de um de meus bons amigos, que me abriu os olhos à luz, o do Sr. Roustaing, advogado distinto e, sobretudo, consciencioso, destinado a representar um papel marcante nos fastos do Espiritismo. Devo esta homenagem passageira ao reconhecimento e à amizade” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 486).

A forma como o Dr. de Vitray se expressa, sem citar, inclusive o prenome de Roustaing, demonstra que ele era bem conhecido de todos os presentes, dada a sua atuação no movimento nascente. Mas, e de Allan Kardec, que fazia a sua primeira viagem a Bordeaux? Eles só se conheciam por carta. A partir de agora, não. O discurso do Dr. Bouché de Vitray tira qualquer dúvida que possa ser levantada. Isto é lógico, é mais que certo. Ele, Roustaing, um ativo participante do *Grupo Sabô*, um dos seus evocadores, um agradecido pela orientação providencial de Kardec, nunca perderia esta oportunidade. Com os documentos, cartas e artigos que se tem, isto se torna um fato histórico. Quem quiser que prove o contrário, e não esqueça de citar e estampar uma fonte inquestionável.

Os dois estavam ali, juntos, a *coluna* do Espiritismo, Kardec, e o *discípulo*, Roustaing, destinado, pelas revelações recebidas, a tornar-se o *apóstolo de Bordeaux*; eles *estenderam as mãos*, em *senal de comunhão*. O prazer tão ardentemente desejado por Roustaing estava materializado. Valeu a pena esperar, como dizia Paulo de Tarso:

“O amor... tudo espera” (I Co. 13: 7).

Outra questão surge de imediato. Como o Dr. de Vitray pôde visualizar, de forma tão surpreendente, o futuro que estava

reservado a Roustaing, com o seu *papel marcante* no movimento espírita e na história das revelações sucessivas?

Entre Vitray e Roustaing havia laços de verdadeira amizade. Penso que, dada a intimidade que há entre *bons amigos*, e da gratidão do médico ao missionário de Bordeaux pela orientação filosófico-espírita recebida, e pelos exemplos de seriedade nos estudos doutrinários, nas evocações e nas preces constantes pelos Espíritos sofredores, Roustaing, atraído pela amizade e confiança do companheiro, sentiu-se à vontade de revelar a ele o conteúdo, total ou parcial, das comunicações recebidas na quinta de Tribus, em junho de 1861, se é que ele não se encontrava também presente naquelas *domingueiras*. A *profecia* de Vitray seria, assim, fruto de um misto de admiração com o conhecimento dessas revelações que lhe teriam sido confiadas.

Por tudo isto, pela importância do Dr. de Vitray para esta pesquisa, fomos em busca de informações sobre este *distinto médico* de Bordeaux. Escrevemos para a BNF – *Bibliothèque Nationale de France* – e dela recebemos, em 1 de junho de 1999, as seguintes informações bibliográficas:

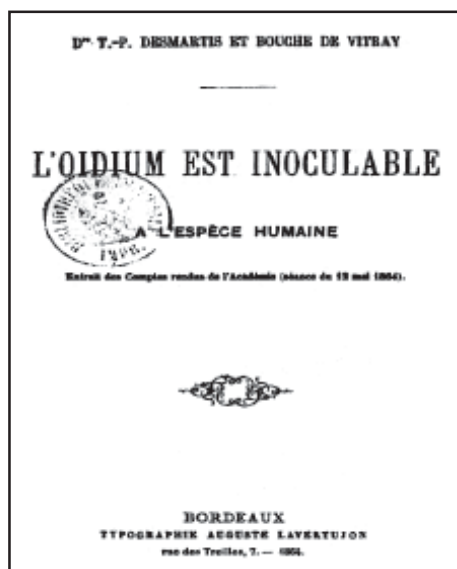
Primeiro, ele foi autor da obra *Nouveau traitement du croup et des angines (Novo tratamento do crupe e das anginas)*, em parceria com o Dr. Télèphe-P. Desmartis, livro publicado em Paris, ed. J.-B. Baillière et fils, em 1860. É interessante ver que o Espírito da menina Estelle, evocado por ele, quando encarnada, fora vitimada pelo *crupe*. Mais uma prova de que os Espíritos se atraem por suas afinidades.

Segundo, o tema do *crupe* foi o de sua tese, defendida em 23 de agosto de 1825, em Montpellier, e publicada com o título *Essai sur le croup, considéré dans son état de simplicité*. Pelo ano da tese, podemos supor ter ele uma idade aproximada à de J.-B. Roustaing.

Seu terceiro trabalho foi extraído dos anais da *Academia*, da sessão de 12 de maio de 1864, e também foi escrito com a colaboração do Dr. Télèphe-P. Desmartis, e com o título *L'oidium est inoculable à l'espèce humaine (O oídium é inoculável à espécie humana)*. Foi publicado em Bordeaux, pela *Tipografia Auguste Lavertujon*, em 1864.

A existência desta obra é muito importante para as grandes produções de vinhos, principalmente em Bordeaux, onde este produto sempre foi o carro-chefe. O *oídium* é um microfungo existente nos vinhedos.

Outro ponto a considerar é que a *Typographie Auguste Lavertujon*, na Rue des Treilles, 7, foi a mesma contratada por J.-B. Roustaing para imprimir seu *Les quatre evangiles*.



Livro do Dr. Alphonse Bouché de Vitray

De imediato, veio o discurso de Allan Kardec. De início, ele faz algumas ressalvas, como se estivesse falando de improviso: primeiro, com relação à Doutrina dos Espíritos, diz, de forma clara, que não passa de um instrumento nas mãos da Providência:

“Jamais me considerei seu criador” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 490).

Em segundo lugar, esclarece, sem deixar nenhuma dúvida:

“Nos trabalhos que tenho feito para alcançar o objetivo a que me propunha, sem dúvida fui ajudado pelos Espíritos, como eles próprios já me disseram várias vezes, mas sem o menor sinal exterior de mediunidade. Assim, não sou médium no sentido vulgar da palavra” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 491).

Depois, passa a fazer uma seleção dos diversos ensinamentos doutrinários. Diz que a força do *Espiritismo* é *tornar felizes os que o conhecem e praticam*; e segundo, o *Espiritismo* não assenta na

cabeça de nenhum homem, pois ele não é senão o *desenvolvimento e a aplicação das idéias cristãs*. Por fim, elogia o *sistema de multiplicação dos grupos espíritas*. Em seguida, passa a ler a Epístola de Erasto, recebida em Paris, pelo médium Alis d´Ambel, que já respingamos vários fragmentos seus neste capítulo.

Neste dia memorável para a história do espiritismo, o *Espírito da Verdade*, por um médium, se manifesta a Allan Kardec, e, em certa altura da mensagem, destaca:

“Como vês, Bordeaux é uma cidade amada pelos Espíritos, pois multiplica intramuros, sob todas as formas, as mais sublimes devoções da caridade” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 512).

Ainda neste dia, o Espírito Ferdinand, *instrumento* do Espírito de Verdade, se comunica e reforça o tema da união:

“Sede unidos: a união faz a força” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 512).

No dia 15 de outubro, terça-feira, o banquete começa com o discurso do Sr. Lacoste, negociante, que fala em nome da juventude e a convoca para o trabalho espírita. Por fim, convida-se a todos para vários brindes. Em seguida, vieram os brindes do Sr. Sabò, que, sem delonga, passa a palavra ao Sr. Desqueyroux, mecânico, que discursa em nome do *grupo dos operários*, humilde e emocionado a dizer que Allan Kardec é:

“O pai de todos nós” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 510).

O evento conclui-se com as palavras finais do Codificador, Allan Kardec, cheias de entusiasmo, onde saúda, com um brinde, a *Sociedade Espírita de Bordeaux*, e, em especial, o *Grupo Espírita dos Operários de Bordeaux*. E, consciente dos bons propósitos que animavam o movimento espírita bordelense, diz dele, num linguajar teológico inesperado:

“Vedes, pois, senhores, que o impulso que vos anima vem do Alto, e bem temerário seria quem o quisesse deter, porquanto seria abatido como os anjos rebeldes que quiseram lutar contra o poder de Deus” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 512).

No encerramento do banquete, transbordante de alegrias, a poesia do Sr. Constant Dombre, de Marmande, que veio a Bor-

deaux para a solenidade, continua emocionando a todos os presentes com duas fábulas – *Os camponeses e o carvalho*, título mais que sugestivo, ele a dedica a Allan Kardec; e *O ouriço, o coelho e a pega* ele a oferece à *Sociedade Espírita de Bordeaux*.

Lembro que o *Carvalho* é um dos grandes símbolos do druidismo.

Era hora de agradecer a Deus a messe de bênçãos.

O saldo desta visita a Bordeaux é sintetizada por Kardec com palavras sinceras e inesquecíveis:

“Incluirei minha primeira estada em Bordeaux entre os mais felizes momentos de minha vida” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 511).

XVIII – PRIMEIRO TESTAMENTO DE J.-B. ROUSTAING

“Esperamos tenha a Doutrina, um dia, o seu Mecenas: a posteridade inscreverá seu nome entre os benfeitores da Humanidade”.

(Allan Kardec, RS, FEB, 1858, março, p. 147).

O Espiritismo é o maior opositor do materialismo, um dos vícios da sociedade atual – segundo Kardec –, porque engendra o egoísmo. A grande obra do espiritismo está em provar, de forma viva e palpável, a existência da alma e sua imortalidade. Por isso, deve ser saudada com aplausos a grande caridade da divulgação dos conceitos e das provas espíritas.

Assim discorre Allan Kardec, num artigo sobre a excepcional mediunidade do Sr. Douglas Home, e sua abençoada tarefa de *convencer e converter* os incrédulos à sementeira da Doutrina Espírita. Conta o Codificador, com prazer, que uma dama inglesa convertida pelo Sr. Home, reconhecida pela satisfação que experimentou, lhe proporcionou *um legado de 6.000 francos de renda*, visando colaborar na propagação das idéias espíritas. Kardec louva a atitude da doadora, e ainda comenta:

“Colaborar na sua propagação (do Espiritismo) é desferir um golpe mortal na chaga do ceticismo que nos invade como um mal contagioso; honra, pois, aos que empregam nessa obra os bens que Deus os favoreceu na Terra!” (RS, FEB, 1858, março, p. 148).

Tempos depois, a *Sociedade Espírita de Paris*, numa sessão particular realizada no dia 3 de fevereiro de 1860 (sexta-feira), notifica, por um anúncio feito por Allan Kardec, que uma senhora, assinante da *Revue Spirite*, e moradora na província, envia-lhe a soma de *dez mil francos*, para ser usada em favor do Espiritismo.

Este dinheiro era fruto de uma herança, com a qual a senhora não contava, e queria, por isso, que dela participasse a Doutrina Espírita:

“À qual deve suprema consolações e o ser esclarecida sobre as verdadeiras condições de felicidade, nesta e noutra vida” (RS, FEB, 1860, março, 1860, p. 111-2).

Diz mais a esclarecida doadora:

“Desejo que este singelo óbolo vos ajude a espalhar sobre os outros a luz benfazeja que me tornou tão feliz. Empregai-o como

entenderdes; não quero recibo nem controle. A única coisa de que faço questão é do mais estrito incógnito” (p. 112).

Allan Kardec informa, então, que esta soma formará o *primeiro fundo* de uma *Caixa Especial*, sob o nome de *Caixa do Espiritismo*. Kardec acrescenta:

“Essa caixa será aumentada posteriormente pelos fundos que poderão chegar-lhe de outras fontes e destinada exclusivamente às necessidades da doutrina e ao desenvolvimento dos estudos espíritas” (p. 116).

Um dos primeiros cuidados na aplicação destes recursos – continua o Codificador – será a criação de uma *biblioteca especial*, e, *prover a Sociedade daquilo que lhe falta materialmente*, para a regularidade de seus trabalhos.

Allan Kardec, escolado, apressa-se em evitar, desde logo, qualquer suspeita na administração desta *Caixa*, ressaltando que este fundo:

“Nada terá de comum com meus (de Kardec) negócios pessoais, e que será objeto de uma contabilidade distinta” (p. 116).

Pediu, então, a vários colegas da *Sociedade*, que aceitassem o *controle* dessa *Caixa*, e constatassem, em datas determinadas, o *emprego útil destes fundos*. Forma, assim, uma comissão auditora, composta pelos Srs. Solichon, Thiry, Levent, Mialhe, Krafzoff e Sra. Parisse.

Há, porém, um fato, registrado nos anais do Espiritismo, que é um sinal de alerta aos detentores de patrimônios, colocados pela Providência em suas mãos, no intuito de administrarem esses recursos em favor do bem comum. Em especial, os espíritas ricos devem meditar neste fato, e dele saberem tirar proveito, para gerenciarem seus recursos com prudência, e em benefício da causa porque vivem. Vamos à reconstrução da fisionomia dos acontecimentos.

No dia 22 de junho de 1858, o Sr. Jobard escreve uma missiva a Allan Kardec, de Bruxelas, Bélgica, com significativas informações, infelizmente decepcionantes, com relação ao possível emprego de seus recursos financeiros, em favor da causa doutrinária. Antes dos fatos, falemos um pouco sobre o Sr. Jobard.

Adepto fervoroso e esclarecido da Doutrina – segundo Kardec (RS, FEB, 1861, dezembro, pp. 547-50) –, era presidente honorário da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*. Seu nome completo

era Jean-Baptiste-Ambroise-Marcellin Jobard. Nasceu em Baissey (Haute-Marne), em 14 de maio de 1792, e morreu de um ataque de apoplexia, em 27 de outubro de 1861, aos 69 anos de idade, em Bruxelas. Era engenheiro, diretor do Museu Real da Indústria, em Bruxelas, oficial da Legião de Honra, membro da Academia de Dijon e da Sociedade Incentivadora de Paris. Fundou o primeiro estabelecimento de litografia na Bélgica, diretor do *Industriel* e do *Courrier belge*, redator do *Bulletin de l'Industrie belge*, da *Presse* e do *Progrès international*. A BNF – *Bibliothèque Nationale de France* possui, em seu acervo, 35 títulos deste destacado homem da indústria belga, e que contribuiu com obras importantes para se pensar modernamente, esta grande fonte de trabalho e progresso. Destaco um de seus títulos, que desenvolve um conteúdo tão urgente e necessário, tanto em sua época como nos dias de hoje: *Création de la propriété intellectuelle: de la nécessité et des moyens d'organiser l'industrie, de moraliser le commerce et de discipliner la concurrence* (*Criação da propriedade intelectual: da necessidade e dos meios de organizar a indústria, de moralizar o comércio e de disciplinar a concorrência*).

Voltemos à sua carta de 1858. Jobard registra que sua ânsia de aprender faz dele um curioso; mas reconhece que *a curiosidade é a mãe da instrução*. E desta instrução ele aprendeu que a vida é passageira, e chegou a confessar a si mesmo:

“Que me achava apenas de passagem nesta sórdida pousada, onde não vale a pena fazer as malas” (RS, FEB, 1858, julho, p. 313).

Por isso, esta compreensão da brevidade da vida, o faz:

“Suportar sem dor as injúrias, as injustiças, os roubos de que fui vítima privilegiada, foi a idéia de que aqui não existe nem felicidade, nem infelicidade com que possamos nos alegrar ou nos afligir. Trabalhei, trabalhei, trabalhei, o que me deu forças para fustigar os adversários mais encarniçados e impor respeito aos demais, de sorte que agora sou mais feliz e mais tranqüilo do que as pessoas que me escamotearam uma herança de 20 milhões” (pp. 313-4).

No entanto, ele lastima esta perda pelo que se poderia fazer, com ela, pela causa espírita:

“Se eu lamento essa fortuna não é por mim – afinal de contas, não tenho apetite para digerir 20 milhões – mas pelo que deixei de fazer” (p. 314).

Reconhece, porém, que esta fortuna seria uma *alavanca poderosa*, nas mãos de *um homem que soubesse empregá-la utilmente!* E, de chofre, recrimina o homem rico que não sabe tirar proveito de seus bens:

“Aqueles que têm fortuna ignoram, freqüentemente, as verdadeiras alegrias que se poderiam permitir” (p. 314).

E conclui, indagando sobre a importância de um mecenas para a ciência espírita:

“Sabeis o que falta à ciência espírita para propagar-se com rapidez? Um homem rico, que a ela consagrasse sua fortuna por puro devotamento, sem mescla de orgulho, nem de egoísmo, que fizesse as coisas em grande estilo, sem parcimônia, nem mesquinhez: tal homem faria a ciência avançar meio século. Por que me foram subtraídos os meios de o fazer? Esse homem será encontrado; algo mo diz; honra a ele, pois!” (p. 314).

Todo esse material foi devidamente analisado por J.-B. Roustaing. Sabia ele, então, que um legado seu, em favor do Espiritismo, seria um grande bem ao progresso desta revelação, além de ter a certeza de que este legado seria bem aplicado no fundo da *Caixa Especial do Espiritismo*, administrada por Allan Kardec e controlada por uma *comissão*, instituída pela *Sociedade*.

Por isso, antes de fazer o seu 1º testamento, em dezembro de 1861, recorda-se, principalmente, destas informações do Sr. Jobard, e depois de meditá-las, recolhido no *lazer e na solidão* da sua casa de campo em Arbis, na sua prazerosa quinta de Tribus, reescreve sobre elas a Allan Kardec, lembrando do Sr. Jobard, que há pouco havia desencarnado:³⁸

“Lembrei-me do que esse respeitável Sr. Jobard, de Bruxelas, cuja morte súbita nos anunciastes, vos escrevia, na sua linguagem profunda e, ao mesmo tempo, divertida e espirituosa, relativamente a uma sucessão de vinte milhões, dos quais se dizia espoliado: que esta soma colossal teria sido uma alavanca poderosa para ativar de um século a nova era que se inicia. O dinheiro, que muitas vezes e do ponto de vista terreno dizem ser o ponto nevrálgico das batalhas, é, com efeito, o mais terrível, o

³⁸ Kardec anuncia a desencarnação do Sr. Jobard na *Revue Spirite* de dezembro de 1861 (pp. 547 a 550, Ed. FEB). A *Revue* não atrasava, e muitas vezes saía com antecedência (RS, FEB, 1867, p. 56)

mais poderoso instrumento, tanto para o bem, quanto para o mal aqui na Terra” (RS, FEB, 1862, janeiro, p. 52).

Antes de prosseguirmos com as origens e o conteúdo do seu testamento holográfico, podemos observar que, pela citação do texto acima, o nosso Roustaing era mesmo um estudioso das obras da Doutrina Espírita. Reparem que ele só conhece o Espiritismo a partir do ano de 1860, e esse texto é de 1858. Logo, ele conhecia toda a coleção da *Revue* de Kardec, até então publicada. Não há nisto nada de estranho, pois que, por várias vezes o Codificador anuncia, nas páginas de sua *Revue*, a venda encadernada dos anos anteriores.

Ele informa a Kardec, em sua 3ª carta, que havia programado para o inverno³⁹ de 1861, depois de sua volta de mais uma temporada no campo (*retour de la campagne*) a realização de seu testamento ou obra de suas *últimas vontades*. Não foi, porém, uma obra apressada e sem reflexão, como comenta:

“Desde o momento em que conheci e compreendi o Espiritismo, seu objetivo, sua meta final, tive a idéia e tomei a resolução de fazer meu testamento” (p. 52).

Assim, decidido, recolhe-se no *lazer e na solidão do campo* (*loisir et solitude des camps*), munido das recordações do Sr. Jobard e de seus aprendizados espíritas, para refletir, e depois realizar a obra mais útil possível:

“Aproveitei todos os ensinamentos que recebi, sob todos os pontos de vista, dos Espíritos do Senhor, para me guiar no cumprimento desta obra da maneira mais útil aos meus irmãos da Terra, quer sentados no meu lar doméstico, quer à minha volta ou longe de mim, conhecidos e desconhecidos, amigos ou inimigos, e da maneira mais agradável a Deus” (p. 52).

Sabia Roustaing do perigo de mal aplicar o dinheiro. Mesmo o que se ganha pelo trabalho e pela inteligência, é *talento* sagrado que deve ser bem administrado. Aliás, alerta de forma inquestionável o Apóstolo Paulo:

“Porque o amor do dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (I Tm. 6: 10).

³⁹ Lembro ao leitor que o *inverno* na Europa começa em dezembro.

Como vimos acima, Roustaing compartilhava, com o Apóstolo dos Gentios, essa opinião:

“O dinheiro, que muitas vezes e do ponto de vista terreno dizem ser o ponto nevrálgico das batalhas, é, com efeito, o mais terrível, o mais poderoso instrumento, tanto para o bem quanto para o mal aqui na Terra” (p. 52).

Não só isso. Refletiu muito, lendo e relendo a carta que Lamennais escreveu, em 1º de novembro de 1832, para a Condessa de Senfft, esposa do embaixador da Áustria em Roma. Nesta carta, Lamennais *expressa sua decepção após tantos esforços e tantas lutas consagrados à procura da verdade*; ao mesmo tempo que anuncia, de *forma profética*, a *era nova* do Espiritismo, ponto destacado na missiva de Roustaing a Kardec.

Roustaing ainda faz várias citações do texto do famoso religioso francês ao Codificador que, por *falta de espaço*, não foram reproduzidas na *Revue Spirite*. Nós o transcreveremos aqui, no entanto, na íntegra, pois nos foi fornecida uma cópia do mesmo pela *Bibliothèque Sainte Geneviève*, de Paris, como exceção, através do Sr. Olivier Vermaut, do *Service Communication*, em 24 de agosto de 2004.

“À Sra. Condessa de Senfft

Chenaie, 1º de novembro de 1832

“Vossa carta de 26 de setembro somente me foi entregue a alguns dias, desta forma suponho que você tenha agora chegado em Florença. Divido bem vivamente suas dores, ainda mais sensíveis pela impressão que me fizeram a respeito da saúde do Sr. de Senfft. Porquanto, é necessário ficar acima da ingratidão e da mercantilidade dos homens. É loucura esperar por outra coisa, particularmente neste mundo que considero em erro. Eu vos considero feliz, a este respeito, de estar bem isolada, e se não experimenta, de outra forma, dificuldades cruéis, vossa posição tranqüila, num belo país, podendo escolher vossa sociedade, tudo observando e nada respondendo, me pareceria, das poucas coisas ao redor, o que de melhor talvez houvesse na terra. Em relação a minha pessoa, continuo na mesma incerteza de quando vos escrevi de Paris. Trata-se de saber se conseguirei admitir a cessão de bens pelo tribunal; se ela for admitida, estarei ao menos em segurança; em caso contrário, deixarei a França, Deus sabe aonde, errante até chegar à última morada. Esta idéia, há algum tempo, se torna tão familiar que pouco tem me afetado. “Todo lugar,

diz um velho ditado, é a pátria para o forte”. Não me incluo entre os fortes, suponho, mais perdi o interesse em relação a tudo que se passa no mundo, de forma que os países me serão todos praticamente iguais. Não há, atualmente, em qualquer lugar, nada a fazer para o homem de bem. Detesto, igualmente, todos os que dividem a França: loucura geral e corrupção geral. O catolicismo era minha vida, porque é a vida da humanidade; eu desejava defendê-lo, eu desejava retirá-lo do abismo no qual ele se encravava cada dia mais: nada era mais fácil. Os bispos consideraram que tudo isto não lhes convinha. Restava Roma; fui até lá, e lá presenciei a cloaca mais infame que jamais imaginei observar. O gigantesco esgoto das Tarquin seria demasiadamente estreito para dar passagem a tanta imundície. Lá, nenhum outro Deus além do interesse pessoal; vender-se-ia os povos, vender-se-ia o gênero humano, vender-se-ia as três pessoas da santa trindade, uma após a outra, ou todas juntas, por um canto de terra, ou por alguns piastres (moedas). Vi tudo isto, e afirmo: Este mal está acima do poder do homem, e desviei os olhos com desgosto e pavor. Não se perca nas estéreis e ridículas especulações da atual política. O que se prepara, não é nada destas mudanças que acabam por meras transações, e que tratados regulamentam, mas uma violenta subversão total do mundo, uma transformação completa e universal da sociedade. Adeus ao passado, adeus por jamais; nada subsistirá. O dia da justiça chegou, dia terrível em que a cada um será concedido conforme suas obras; mas dia de glória para Deus que retomará as rédeas do mundo, e dia de esperança para o gênero humano, sob o império do único e verdadeiro Rei, em que recomeçarão novos e belos destinos.

“Encaminhai-me vossas cartas provisoriamente a Dinan. Sabereis mais tarde o que me tornarei, quando eu mesmo souber. Mil ternuras e mil votos.

(Lamennais,⁴⁰ Félicité. – *Correspondance générale...* vol. 5, juillet 1831-1833. – Paris: A. Colin, 1974 – lettre de Lamennais du 1^o novembre 1832 à la comtesse de Senfft, pp. 208-209).

⁴⁰ Convido o leitor para conhecer pensamento idêntico e mesmo estilo de linguagem, na mensagem do Espírito Lamennais, ditada na Sociedade Espírita de Paris, em 19 de junho de 1863, ao médium Sr. Alfred Didier, e estampada na *Revue Spirite* (FEB, junho de 1863, pp. 308-9).



Lamennais (1792-1854)

Esta carta de Félicité Robert Lamennais, religioso francês, fortaleceu as convicções de Roustaing, sobre a importância desta *nova era*, anunciada pelos Evangelhos, e da necessidade de ele ajudar, financeiramente, segundo as possibilidades de seu patrimônio, fruto de seu dedicado trabalho:

“Então eu disse a mim mesmo: ‘Posso e devo consagrar a essa nova era uma notável porção do modesto patrimônio que adquiri para a realização de minhas provas, com o suor de meu rosto, à custa de minha saúde, através da pobreza, da fadiga, do estudo e do trabalho, durante trinta anos de vida militante de advogado, um dos mais ocupados nas audiências e no escritório” (p. 52).

Esta carta de Roustaing foi comunicada à *Sociedade Espírita de Paris*, que a leu em sua sessão de 20 de dezembro de 1861, sexta-feira, e coube a Allan Kardec, em nome da Sociedade, agradecer:

“Às generosas intenções do testador em favor do Espiritismo, e de o felicitar pela maneira por que compreende a sua finalidade e o seu alcance” (p. 53).

Ainda falaremos mais adiante sobre este agradecimento do Presidente Allan Kardec.

Agora vamos transcrever o 1º testamento de Roustaing, na íntegra; o qual adquirimos nos *Archives Départementales de la Gironde*, com o concurso do *Directeur des archives départementales*, Sra. Danièle Neirinck, em 12 de junho de 1997:

“Eu, abaixo assinado, Jean Baptiste Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, ex-bastonário, morando em Bordeaux

na Rua Saint-Siméon n° 17, declaro ter feito, pelo artigo dois de minha certidão de casamento e com a assistência jurídica do falecido Me. Alexandre Louis Thierrée, notário em Bordeaux, na data de vinte e um de agosto de mil oitocentos e cinquenta, à minha esposa Elisabeth Roustaing, chamada Jenny em família, viúva em primeiras núpcias do Senhor Raymond Lafourcade, doação, em caso de falecimento anterior de minha parte, e em plena propriedade, de todos os bens móveis e imóveis que deixarei na ocasião de minha morte. Confirmando aqui essa doação universal em favor de minha querida esposa, como sendo a expressão de minhas últimas vontades. Em conseqüência, faço pelos presentes, sob forma holográfica, meu testamento para o caso somente em que a vontade de Deus me imponha a obrigação e o dever de sobreviver à minha cara esposa e em que eu venha a sobreviver a ela. “Dou e lego aos pobres da comuna de Arbis cantão de Targon (Gironde) uma soma de dois mil francos e aos pobres da paróquia da igreja de São Pedro em Bordeaux uma soma de dez mil francos. Que cada uma dessas duas somas seja empregada, a de dois mil francos para a dita comuna de Arbis e a de dez mil francos para a dita paróquia de São Pedro, com discernimento, 1º para obter roupa, pão e abrigo, ou uma ou várias somente dessas coisas se uma delas, conforme o caso, for somente necessária, para os verdadeiros pobres, isto é, para os mais necessitados que, em razão de sua idade ou de sua enfermidade, não podem mais trabalhar, tais como os velhos e os que são ou serão, de uma maneira permanente ou momentânea, atingidos de doença e também da impossibilidade, apesar da idade, de prover às necessidades da vida pelo trabalho, para as viúvas e os órfãos que não atingiram ainda a idade do trabalho que é um dever para todos os homens ricos ou pobres, na condição social e na família em que a justiça de Deus os colocou e no lugar em que ela os fez nascer, 2º para conseguir para todos os que tiverem necessidade, operários das cidades e dos campos, as ferramentas e instrumentos de trabalho para a aprendizagem ou exercício de um estado ou de uma profissão manuais.

“Dou e lego a minha irmã Jeanne Roustaing chamada Mathilde em família e, como casada, Naubert, morando atualmente em Bordeaux, na Rua Santa Eulália n° 10 e cuja posição é precária e casual uma renda anual e vitalícia de hum mil e duzentos francos, que com os modestos recursos que ela já possui será suficiente para prover à sua existência, a cuidar-se e a deixar-se cuidar, tanto em saúde quanto na doença, depois de minha morte e em sua velhice; essa renda anual e vitalícia será servida e paga a minha dita irmã de três em três meses e sempre antecipadamente a contar do dia do meu falecimento; ela será, quanto ao capital e quanto aos atrasados, e como condição substancial do legado, inacessível e impenhorável durante toda a vida da minha

Je soussigné Jean Baptiste Roustaing
 Cour impériale de Bordeaux, ancien bâtonnier
 Bordeaux Rue St Sébastien 17, Déclare avoir
 de mon contrat de mariage en rapport de famille
 Théorie notaire à Bordeaux en date du vingt et un
 cinquante fait à mon épouse Elisabeth Roustaing
 famille Jomy, veuve en première nocce de la dite
 la fourcades, donation en cas de prédécès de mes
 propriétés, de tous les biens, meubles et immeubles
 de mon dit
 Je confirme ici
 pour former l'olographie mon
 volonté à Dieu m'imposerait et
 chose épuse et au présent
 pour les biens communs d'arches Constant
 de deux mille francs et aux pauvres de
 à Bordeaux une somme de dix mille francs
 deux sommes être employées, celle de deux
 commune d'arches et celle de dix mille francs
 l'église St Pierre, avec discernement de
 et l'abri, ou l'un ou plusieurs subordonnés
 y échelant, et seulement vicaires, aux
 plus vicaires qui, à raison de leur âge, ou
 plus travaillés, tels que les vieillards et ceux
 mariés permanents au moment mes
 ainsi à cause l'impossibilité, malgré leur âge
 de le vie par le travail, aux veuves et
 encore attendit l'âge du veuvage qui est un
 riches à l'ancien, dans la condition sociale
 de leur à plain et de leur elle les a
 pour ceux qui en ont besoin, au lieu de
 et instruments de travail, font appaître
 ou d'une profession manuelle Je donne
 Roustaing surnommé de famille mathieu
 demeure actuellement à Bordeaux Rue St
 position est précaire et variable une somme
 mille cent francs qui, de ce modeste ressource
 à son

1ª página do 1º testamento holográfico de J.-B. Roustaing

dita irmã; será garantida pela hipoteca legal em virtude do artigo 107 do código napoleônico de todos os meus bens imóveis e pelo registro que poderá ser tomado em razão dessa hipoteca, salvo aos meus legatários gerais e universais a fornecer, se acharem conveniente, uma hipoteca e um registro de um outro ou de outros imóveis, seja dependente da minha sucessão, seja a ela estranha, mas suficiente para assegurar e garantir o serviço exato da dita renda anual e vitalícia.

“Dou e lego ao estabelecimento de caridade chamado atualmente asilo dos surdos-mudos, situado agora em Bordeaux, pátio São João nº 19, na pessoa da superiora ou diretora desse asilo, atual, e em caso de falecimento anterior dessa última antes de mim, daquela que estiver na função na época de minha morte, uma soma de cinco mil francos.

“Dou e lego ao hospital das crianças enjeitadas e abandonadas que existe em Bordeaux uma soma de dez mil francos a ser empregada 1º até a quantia de dois mil francos para a admissão, nesse hospital, de crianças de famílias indigentes das comunas do departamento da Gironde além das de Bordeaux e para servir sucessivamente aos fins dessa admissão, seja no pagamento do preço da diária fixada em setenta e cinco centimos, seja no pagamento da soma de cento e vinte francos para um tratamento com tudo incluído; 2º até a quantia de oito mil francos, para prover às primeiras necessidades das crianças enjeitadas e abandonadas, quando de sua saída do dito hospital e dar-lhes instrumentos ou meios de trabalho a fim de prover honestamente ao ganho de sua vida.

“Dou e lego à ordem dos advogados da corte imperial de Bordeaux, ao qual durante trinta anos pertenci, de uma maneira tão ativa em audiência e no gabinete, e ao qual pertenço ainda como advogado consultor, 1º minha biblioteca inteira em tudo o que a compõe em livros de direito, de legislação e de jurisprudência e notadamente os três volumes encadernados de minhas defesas e memórias que, em pequeno número, foram, a pedido de meus clientes, em razão da complicação das causas de fatos e de direito, submetidos à publicação para serem distribuídos aos magistrados; 2º uma soma de três mil francos para ser empregada, a título de fundos de reserva, conforme as regras que regem a ordem dos advogados da França segundo as leis e decretos a esse respeito, para dar socorro aos advogados do tribunal de Bordeaux que vierem a precisar dela.

“Dou e lego à empregada que estiver a meu serviço durante minha última doença e na ocasião de minha morte e que me tiver dedicado seus cuidados, a quantia de três mil francos.

“Dou e lego a Mouline, meu avaliador, morando atualmente perto de meu domínio do Tribus, no lugar de Talusson ou de Sebastopol

na dita comuna de Arbis, uma soma de dois mil francos, mais a de cento e vinte francos que ele ainda me deve, como prêmio, que lhe emprestei, para compra por ele, de André Vinsot, em ato diante de Me. Roustaing tabelião em Targon, de um cômodo de fundos no dito lugar de Talusson ou Sebastopol.

“Faço esse legado a Mouline em lembrança e testemunho de seus bons e leais serviços. No caso em que Mouline venha a morrer antes de mim, dou e lego, neste caso, a dita soma de dois mil francos a ele acima legada, aos ditos pobres da dita comuna de Arbis que terão então, assim, direito, como legatários a título particular, à soma de quatro mil francos que será empregada em seu proveito da maneira já acima prescrita e estabelecida a seu respeito.

“Dou e lego ao Sr. Allan Kardec, em sua qualidade de Presidente da *Sociedade Espírita de Paris*, residente atualmente em Paris, rua Ste Anne n° 59 Parte coberta da Ste Anne, e, em caso de morte anterior a mim do Sr. Allan Kardec, àquele que for, na ocasião da minha morte, presidente dessa sociedade, a soma de vinte mil francos para ser empregada, sob a direção dessa mesma sociedade, e por decisão tomada em sessão ordinária para a propagação, na França ou no estrangeiro, do espiritismo, por todos os meios possíveis, os mais oportunos e os mais eficazes de publicação ou publicidade ou outros e a cargo de dar conta também em sessão ordinária do emprego dos fundos e da execução que tiver sido dada à dita decisão para fins desse emprego.

“A soma de vinte mil francos deverá ser e será contada e paga ao legatário particular nomeado, contra recibo, mantida a cláusula de emprego unicamente e exclusivamente para o dito presidente e a dita sociedade.

“Nomeio como meu executor testamentário o Sr. Thierrée, atualmente notário em Bordeaux, residente em Bordeaux na Rua Ste Catherine n° 102 e, em caso de morte do Sr. Thierrée antes da minha, seu sucessor, imediato ou mediato, que será, por ocasião da minha morte, detentor de seu estudo e de suas minutas. Dou e lego ao meu executor testamentário em conformidade com o artigo 1026 do código napoleônico, a penhora de toda minha sucessão. Dou e lego ao meu executor testamentário, a título de indenização de seus trabalhos e cuidados para executar as prescrições do artigo 1031 do mesmo código napoleônico e para velar pela execução total e completa do conteúdo do presente testamento holográfico, uma soma de seis mil francos à qual só terá direito e só poderá ser-lhe e lhe será contada e paga imediatamente depois que meu dito testamento tiver sido por inteiro executado por meus legatários gerais e universais em anexo nomeados e com a ajuda e em consequência da liquidação completa e efetiva de todos os legados particulares acima nas mãos de todos os legatários particulares a eles tendo direito e

acima instituídos, notadamente pelas garantias dadas e realizadas pelo serviço exato da dita renda anual e vitalícia à minha irmã.

“Para efeito de recolher minha inteira sucessão mobiliária e imobiliária sem nenhuma exceção nem reserva mas após liquidação inteira e completa de todos os ditos legados particulares e da indenização de seis mil francos ao meu dito executor testamentário, nomeio e instituo meus legatários gerais e universais meus dois sobrinhos François Roustaing, chamado Joseph em família, e Jean Baptiste Roustaing, chamado em família Georges, oriundos do casamento do meu falecido irmão mais velho Joseph Roustaing chamado em família Adolpho com a senhorita Zoraide Gautier e residentes atualmente com sua mãe em Bordeaux, rua Bouffard nº 50; em caso de morte anterior de um deles antes de mim, o inteiro legado universal acrescentará o total àquele dos dois que tiver sobrevivido a mim e que, em consequência, for único chamado a recolher e recolherá, na dita qualidade de legatário geral e universal, minha dita inteira sucessão aos mesmos encargos e condições que os que são a ambos acima conjuntamente e solidariamente impostos.

“Dou e lego, a título de lembrança e de amizade, de uma maneira especial e excepcional a meu sobrinho Jean Baptiste Roustaing, chamado em família Georges, e na qualidade de meu afilhado, meu relógio de repetição e de campainha com a corrente de ouro que a ele está presa.

“Meus ditos sobrinhos não poderiam queixar-se de legados particulares que fiz acima pelo presente testamento: eles têm, no patrimônio que os espera, por parte de pai e de mãe, mais do que lhes é necessário para viver honradamente sobretudo com a ajuda do trabalho que é imposto por Deus a todos os homens nesta terra que não é para nosso espírito senão um lugar ao mesmo tempo de passagem e de exílio a título de provas e de expiação; convoco-os aqui, por este ato solene de minhas últimas vontades, a praticar, durante sua vida terrestre, o trabalho, o amor de Deus acima de todas as coisas e o amor do próximo como a si mesmo, praticando, segundo suas forças e seus meios, a caridade do coração, dos braços e da bolsa, para todos indistintamente, conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos; esforçando-se sempre e em qualquer circunstância para pôr em prática, em suas palavras e em suas ações, os preceitos, os ensinamentos e os exemplos que o Cristo, nosso divino modelo, trouxe entre os homens e que foram promulgados pelos Evangelhos.

“Em caso de morte anterior à minha dos meus ditos dois sobrinhos e somente neste caso de ter ocorrido morte anterior, modifico as disposições testamentárias que precedem, como se segue:

“1º dou e lego ao Sr. Allan Kardec na sua qualidade de presidente da *Sociedade Espírita de Paris*, e, em caso de morte deste último antes

da minha, àquele que será, por ocasião de minha morte, presidente dessa sociedade, além disso a soma de vinte mil francos.

“2º dou e lego ao dito estabelecimento de caridade, chamado asilo dos surdos-mudos, na pessoa já acima nomeada, além da dita soma de cinco mil francos, outra soma de cinco mil francos: de tal modo que o legado será então do total de dez mil francos.

“3º dou e lego aos ditos pobres da dita paróquia de São Pedro que são, todos, meus irmãos seja qual for o culto a que pertençam, além da dita soma de dez mil francos outra soma de três mil francos; de tal forma que o legado feito a esses pobres será então de um total de treze mil francos que será empregado da maneira já acima prescrita e estabelecida em e para o legado, já feito, da dita soma de dez mil francos.

“4º mantenho, finalmente, sempre e em todos os casos, as disposições testamentárias já acima feitas em favor de meu dito executor testamentário quanto aos encargos e condições a ele já acima impostos; em favor de minha dita irmã, do dito Mouline e, em caso de morte anterior deste último à minha, dos ditos pobres da dita comuna de Arbis; em favor da dita ordem dos advogados da corte imperial de Bordeaux; em favor de minha dita empregada e do dito hospital das crianças enjeitadas e abandonadas.

“5º nomeio e instituo o dito hospital das crianças enjeitadas e abandonadas existente em Bordeaux meu legatário geral e universal com o fim de recolher minha dita inteira sucessão e para os mesmos encargos e condições que os que acima foram impostos aos meus ditos dois sobrinhos que tivessem ambos morrido antes de mim.

“Minha dita sucessão mobiliária e imobiliária é bem mais que suficiente para liquidação de todos os ditos legados particulares feitos por mim pelo presente testamento inclusive aquele acima feito a esse hospital da dita soma de dez mil francos; ela deixará em consequência, após esta liquidação efetuada, a esse mesmo hospital um ativo líquido e limpo.

“6º entendo e quero que tudo que o dito hospital das crianças enjeitadas e abandonadas vier a recolher e recolherá assim na qualidade de legatário geral e universal seja empregado da maneira já acima prescrita e estabelecida, em e para o legado particular já feito a esse hospital e quanto à dita soma de oito mil francos. Em todo caso, que meus ditos sobrinhos sejam, se tiverem sobrevivido a mim, ou um deles, meus legatários gerais e universais, ou que o dito hospital das crianças enjeitadas e abandonadas seja, por ocasião de minha morte e em consequência da morte anterior à minha dos meus ditos dois sobrinhos, meu legatário geral e universal, entendo e quero que todos os direitos de registro de todos os legados particulares feitos por mim pelo presente testamento, fiquem a cargo da minha dita sucessão, pagos e quitados por meus ditos legatários gerais e universais; de modo que todos esse legados particulares sejam liberados e pagos aos que, tendo

direito a eles, livres e quites de todos esses ditos direitos de registro e de todos os encargos. Tal é o meu testamento que só surtirá efeito e só terá existência e valor no caso somente em que minha cara esposa venha a morrer e morra antes de mim. Se ela sobreviver a mim, este presente testamento será e permanecerá, em sua inteireza e inteiro teor, nulo e de nulo efeito e valor, anulado e como se nunca tivesse existido; e minha inteira sucessão mobiliária e imobiliária será recolhida, sem nenhuma exceção nem reserva por minha cara esposa em virtude e em execução da dita doação universal que lhe fiz pelo artigo dois de minha dita certidão de casamento. Estou convencido e sei antecipadamente que ela fará desses seus bens e dos meus, por via testamentária, uma disposição e uma distribuição ao mesmo tempo perfeitamente eqüitativa, caridosa e agradável a Deus.

“Feito em Bordeaux, em meu gabinete, na rua Saint-Siméon nº 17 no dia primeiro de dezembro de mil oito centos e sessenta e um.

Roustaing

“Um outro original do presente testamento será enviado e remetido a meu dito senhor Allan Kardec, em sua dita qualidade de presidente da sociedade espírita de Paris.

Bordeaux, primeiro de dezembro de mil oito centos e sessenta e um.

Roustaing

“Eu abaixo assinado Jean Baptiste Roustaing advogado na corte imperial de Bordeaux, ex-bastonário, residente em Bordeaux, na rua Saint Siméon nº 17, declaro acrescentar, como de fato, pelo presente, acrescento ao testamento holográfico acima e em outras partes, feito por mim ontem, primeiro de dezembro de mil oitocentos e sessenta e um e com o efeito de prever o caso em que a sociedade espírita de Paris seja dissolvida ou não exista mais, na ocasião de minha morte e fazer, se for o caso, as disposições testamentárias seguintes:

“No caso, o legado particular feito por meu dito testamento assim como está estabelecido, seja a dita soma de vinte mil francos seja a de trinta mil francos não podendo receber execução segundo o modo e as intenções por mim ditadas por este testamento, para ser utilizado e empregado para a propagação do espiritismo na França ou no estrangeiro, esse legado particular será de nulo efeito e valor, anulado e como se nunca tivesse existido.

“Sempre no mesmo caso e somente então dou e lego aos pobres da cidade de Bordeaux, além dos da paróquia de São Pedro de Bordeaux que já estão gratificados pelo meu dito testamento, e que são, todos, meus irmãos seja qual for o culto ao qual pertencem, seja a dita

soma de vinte mil francos, seja, se for o caso, assim como está estabelecido no meu dito testamento, a de trinta mil francos, para ser empregada, em todo caso, da maneira já prescrita e estabelecida pelo meu dito testamento quanto ao legado da soma de oito mil francos feitos aos pobres da dita paróquia de São Pedro; nos fins deste emprego e para operá-lo entendo e quero que a dita soma de vinte mil francos seja, se for o caso, de trinta mil francos, uma metade ao Presidente dos hospitais de Bordeaux que estiver no cargo por ocasião de minha morte, para os pobres do culto católico, um quarto ao Presidente do conselho presbiterial e consistório da igreja reformada de Bordeaux, que estiver também em função quando da minha morte para os pobres dos cultos protestantes e o outro quarto ao grande Rabino de Bordeaux que estiver igualmente em função na época da minha morte para os pobres do culto israelita.

“Quanto à dita soma de oito mil francos objeto do legado particular, feito pelo meu dito testamento, aos ditos pobres da dita paróquia de São Pedro: entendo e quero que essa soma de oito mil francos, para os fins do emprego já prescrito e estabelecido, em e para este legado particular, por meu dito testamento seja remetida ao cura desta paróquia para ser por ele (como apóstolo de tolerância, de amor e de caridade, de fraternidade católica, isto é, universal, praticando o amor ao próximo como a si mesmo para todos indistintamente, segundo o ensinamento do samaritano e a palavra de nosso senhor Jesus Cristo, nosso divino modelo, que diz, dirigindo-se a todos os homens: “Tendes apenas um único senhor e sois todos irmãos”) distribuída a meus irmãos de todos os cultos.

“Quanto ao mais, mantenho pura e simplesmente, em todo o seu teor, meu dito testamento holográfico. Reitero aqui que este testamento será nulo, de nulo efeito e valor, anulado e como se nunca tivesse jamais existido se minha querida esposa sobreviver a mim, e que vindo assim a sobreviver a mim recolherá, por consequência, minha inteira sucessão mobiliária e imobiliária em virtude e na execução da minha dita certidão de casamento com a assistência jurídica do falecido Me Thierrée notário em Bordeaux na data de vinte e um de agosto de mil oitocentos e cinqüenta.

“Feito em Bordeaux, no meu gabinete, rua Saint-Siméon nº 17 no dia dois de dezembro de mil oitocentos e sessenta e um.

Roustaing

RESUMO DAS PRINCIPAIS DOAÇÕES DO 1º TESTAMENTO:

- 1º) Doação universal para a esposa Elisabeth Roustaing
- 2º) 2.000 francos para os pobres da comunidade de Arbis
- 3º) 10.000 francos para os pobres da paróquia de São Pedro

- 4º) 1.200 francos de renda vitalícia para sua irmã Mathilde, Jeanne Roustaing.
- 5º) 5.000 francos para o estabelecimento de surdos-mudos
- 6º) 10.000 francos para o hospital (asilo) de crianças abandonadas
- 7º) 3.000 francos para advogados necessitados da Ordem, além de sua biblioteca jurídica
- 8º) 3.000 francos para a doméstica a seu serviço
- 9º) 2.000 francos mais 120 francos, de uma dívida, para o Sr. Mouline, como prêmio pelos serviços prestados. Se ele morrer antes de Roustaing, a doação irá para os pobres de Arbis
- 10º) 20.000 francos para:

“Sr Allan Kardec, em sua qualidade de Presidente da *Sociedade Espírita de Paris* residente atualmente em Paris, rua Ste Anne nº 59 Parte coberta da Ste Anne, e em caso de morte anterior a mim do Sr. Allan Kardec, àquele que for, na ocasião da minha morte, presidente dessa sociedade, a soma de vinte mil francos para ser empregada, sob a direção dessa mesma sociedade, e por decisão tomada em sessão ordinária para a propagação, na França ou no estrangeiro, do espiritismo, por todos os meios possíveis, os mais oportunos e os mais eficazes de publicação ou publicidade ou outros e a cargo de dar conta também em sessão ordinária do emprego dos fundos e da execução que tiver sido dada à dita decisão para fins desse emprego.

“A soma de vinte mil francos deverá ser e será contada e paga ao legatário particular nomeado, contra recibo, mantida a cláusula de emprego unicamente e exclusivamente para o dito presidente e a dita sociedade”.

Evidentemente, Kardec veio a falecer antes de J.-B. Roustaing, em 31 de março de 1869, e este legado foi encaminhado para a *Sociedade Anônima para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec*, para onde fora os recursos da *Caixa Especial do Espiritismo*. Esta Sociedade foi idealizada por Kardec e fundada por sua querida esposa, a Sra. Amélie Gabrielle Boudet, em 3 de julho de 1869. Na época do falecimento de Roustaing, 1879, esta Sociedade era administrada pelo Sr. P.-G. Leymarie.

Que o testamento foi liquidado não há a menor dúvida, pois temos todos os pagamentos de taxas e registros deste testamento, nos órgãos oficiais competentes, além da informação atual do Sr. Bertrand Favreau, presidente do *Instituto dos Direitos do Homem*, em Bordeaux, que confirma, como já citamos, na *page do Instituto*, o recebimento da doação para a *Ordem dos Advogados*.

11º) Legatários universais, ele nomeia os dois sobrinhos, Georges e Joseph, filhos de seu irmão mais velho, já falecido, Joseph Adolphe Roustaing. Para o sobrinho e afilhado Georges, ele deixa o relógio com a devida corrente de ouro. Ele ainda faz a ressalva do porquê não deixar um legado especial para os sobrinhos, vale a pena repetir, para refletirmos melhor:

“Meus ditos sobrinhos não poderiam queixar-se de legados particulares que fiz acima pelo presente testamento: eles têm, no patrimônio que os espera, por parte de pai e de mãe, mais do que lhes é necessário para viver honradamente, sobretudo com a ajuda do trabalho que é imposto por Deus a todos os homens nesta terra que não é para nosso espírito senão um lugar ao mesmo tempo de passagem e de exílio a título de provas e de expiação; convoco-os aqui, por este ato solene de minhas últimas vontades, a praticar, durante sua vida terrestre, o trabalho, o amor de Deus acima de todas as coisas e o amor do próximo como a si mesmo, praticando, segundo suas forças e seus meios, a caridade do coração, dos braços e da bolsa, para todos indistintamente, conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos; esforçando-se sempre e em qualquer circunstância para pôr em prática, em suas palavras e em suas ações, os preceitos, os ensinamentos e os exemplos que o Cristo, nosso divino modelo, trouxe entre os homens e que foram promulgados pelos Evangelhos”.

É muito bonito e justo. A verdadeira propriedade, a de ordem substancial, a única que é merecida e que não traz danos espirituais, é a que se consegue mediante o trabalho honesto.

Mesmo diante dos esclarecimentos de Roustaing a seus sobrinhos, o que parece é que seus familiares não ficaram satisfeitos com este testamento. Aliás, Pedro Richard, nas páginas da Revista *Reformador*, faz uma declaração dura sobre seus familiares:

“No seio de sua própria família, que era clerical e lhe moveu guerra encarniçada, ele passava por demente e visionário” (1916, p. 366).

Da mesma forma aconteceu com Madame Allan Kardec. Uma parenta sua, já bem idosa, e os filhos desta, anularam suas disposições testamentárias, alegando que *ela não estava em perfeito juízo (perdu la raison)*. Estas informações se encontram na *Revue Spirite* (1883, p. 132), e também na obra *Allan Kardec – pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação*, de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen (Rio de Janeiro: FEB, 1984, vol III, p. 160). Porém,

esses dois últimos autores acrescentam que estes parentes de Madame Rivail *nada conseguiram*, pois *as provas em contrário foram esmagadoras*. Não foi bem assim, infelizmente, pois, em 1900, Leymarie, frustrado, informa:

“O Sr. Mathieu Bittard e o tabelião da sociedade deram como resultados, após longo processo, a perda dos bens deixados pela... Sra. viúva Rivail Allan Kardec, a ruína da sociedade e de 30 anos de trabalhos e de economias perdidas pela causa” (RS, 1900, p. 259).

Não há, porém, a menor dúvida de que eles pensavam que a Sra. Gabrielle Boudet estava *louca*:

“Atualmente os parentes da Sra. Allan Kardec pretendem e dizem, a respeito dela, que, sendo espírita, ela estava submetida a uma espécie de loucura ao fazer o seu testamento” (RS, 1883, p. 207).

O certo, no entanto, é que a *Sociedade continuadora das obras de Allan kardec*, através do seu Presidente, o Sr. Leymarie, contava com estes recursos, legados em testamento⁴¹ por Madame Rivail, para dar continuidade à grande obra de seu idealizador, Allan Kardec, e de outros missionários espíritas. Logo, este legado seria uma alavanca para o progresso do Espiritismo. Com a palavra o Sr. Leymarie, fiel discípulo e continuador do Codificador:

“A Sra. Allan Kardec, afirmo, fez a Sociedade Central sua *legatária universal*; nós preencheremos, nós realizaremos, com a ajuda de Deus, todo o pensamento do Mestre (Allan Kardec), integralmente.

“Quando o Sr. Allan Kardec retornar entre nós, com J. Roustaing e outros missionários do progresso, para dar continuidade à obra a qual não terá solução de continuidade, ele constatará, com todos os outros, que sua *cama está bem arrumada*, se pudermos utilizar esta figura, e que nossa Sociedade, sem idéia preconcebida, realizou todo o esforço inteligente e vigoroso para o bem” (RS, 1883, p. 207).

E aí, caro leitor, o que concluir, após estas palavras de Leymarie, quanto à ignorância desses familiares que tentaram frear a obra da

⁴¹ Temos uma cópia do testamento da Sra. Rivail conosco, e noutra oportunidade daremos a publicidade. Realmente, nele, ela deixa seus muitos bens para a *Sociedade continuadora*, fundada por ela.

Terceira Revelação, obra que é do Cristo? Que *carma* imenso! Que responsabilidade! Perdoa-os, Senhor, pois não sabem o que dizem e fazem.

É duro concordar, mas a astúcia jurídica, como ensina Pietro Ubaldi, é uma das maiores armas do anti-sistema ou inferno terrestre.

Voltemos ao 1º testamento de Roustaing. Havia a possibilidade de os sobrinhos de Roustaing morrerem antes dele, por isso ele acrescenta por causa desta possibilidade:

- 1º) 10.000 francos a mais para Allan Kardec, além dos 20.000 francos já doados.
- 2º) 5.000 francos para o estabelecimento de caridade dos surdos-mudos, além dos 5.000 francos já doados.
- 3º) 3.000 francos para os pobres da paróquia de São Pedro, além dos 10.000 francos já doados.
- 4º) Mantém a doações para o executor testamentário, para sua irmã, para os pobres da comuna de Arbis, para os advogados da Ordem de Bordeaux, para a doméstica e para o asilo das crianças encontradas abandonadas.

Por último, havia ainda a possibilidade de a *Sociedade de Estudos Espíritos de Paris* ser dissolvida e talvez não venha a ter nenhuma outra para substituí-la; neste caso, os 20.000 ou 30.000 francos, legados a esta Sociedade, seriam distribuídos para os pobres da cidade de Bordeaux, que são todos considerados, por ele, seus irmãos: pobres do culto católico, pobres dos cultos protestantes e pobres do culto israelita.

Por fim, não esquece de ressaltar ao religioso responsável da paróquia:

“O amor ao próximo como a si mesmo para todos indistintamente, segundo o ensinamento do samaritano e a palavra de nosso senhor Jesus Cristo, nosso divino modelo, que diz, dirigindo-se a todos os homens: *Tendes apenas um único senhor e sois todos irmãos*”.

Este é o 1º testamento do grande apóstolo de Bordeaux. Até 1879, quando desencarnou, foi ele o maior doador de recursos para as obras de Allan Kardec que esta pesquisa conseguiu descobrir. E, também, de todas as doações feitas por J.-B. Roustaing, é ao Codificador que ele fez o seu maior legado.

Vamos agora transcrever, na íntegra, a sua 3ª carta para Allan Kardec, com o envio do testamento e a resposta, em nome da Sociedade de Paris, feita pelo Codificador:

Testamento Em Favor do Espiritismo

Ao Sr Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris

Meu caro senhor e muito honrado chefe espírita,

“Estou anexando meu testamento holográfico, em envelope lacrado em cera verde, com orientação do que deverá ser feito após a minha morte. Desde o momento em que conheci e compreendi o Espiritismo, seu objetivo, sua meta final, tive a idéia e tomei a resolução de fazer meu testamento. Tinha programado neste inverno, depois de minha volta do campo, esta obra de minhas últimas vontades. No lazer e na solidão do campo pude recolher-me e, à luz desse divino facho do Espiritismo, aproveitei todos os ensinamentos que recebi, sob todos os pontos de vista, dos Espíritos do Senhor, para me guiar no cumprimento desta obra da maneira mais útil aos meus irmãos da Terra, quer sentados no meu lar doméstico, quer à minha volta ou longe de mim, conhecidos e desconhecidos, amigos ou inimigos, e da maneira mais agradável a Deus. Lembrei-me do que esse respeitável Sr. Jobard, de Bruxelas, cuja morte súbita nos anunciastes, vos escrevia, na sua linguagem profunda e, ao mesmo tempo, divertida e espirituosa, relativamente a uma sucessão de vinte milhões, dos quais se dizia espoliado: que esta soma colossal teria sido uma alavanca poderosa para ativar de um século a nova era que se inicia. O dinheiro, que muitas vezes e do ponto de vista terreno dizem ser o ponto nevrálgico das batalhas, é, com efeito, o mais terrível, o mais poderoso instrumento, tanto para o bem quanto para o mal aqui na Terra. Então eu disse a mim mesmo: “Posso e devo consagrar a essa nova era uma notável porção do modesto patrimônio que adquiri para a realização de minhas provas, com o suor de meu rosto, à custa de minha saúde, através da pobreza, da fadiga, do estudo e do trabalho, durante trinta anos de vida militante de advogado, um dos mais ocupados nas audiências e no escritório”.

“Reli a carta de 1º de novembro de 1832 que, depois de sua viagem a Roma, Lamennais escreveu à Condessa de Senfft, e na qual, expressando a sua decepção após tantos esforços e tantas lutas consagrados à procura da verdade, encontrei estas palavras, se não proféticas, pelo menos inspiradas, anunciando esta era nova.

.....

“(Seguem-se várias citações que a falta de espaço não nos permite reproduzir)

“O envelope contém o seguinte sobrescrito:

“Dentro deste envelope, lacrado com cera verde, está meu testamento holográfico. O envelope só deverá ser aberto e o selo quebrado após a minha morte, durante sessão geral da Sociedade Espírita de Paris. Nessa sessão será feita a leitura integral do testamento, pelo presidente da Sociedade que estiver em exercício naquela ocasião. O dito envelope e o selo mencionado serão rompidos pelo presidente. O presente envelope selado, contendo o meu testamento e que vai ser entregue ao Sr. Allan Kardec, atual presidente da dita Sociedade, será por ele guardado nos arquivos da referida Sociedade. Um original desse mesmo testamento será encontrado, na época de minha morte, na sala de estudo da Sra ***; um outro original será, na mesma época, encontrado em minha casa. O depósito ao Sr. Allan Kardec é mencionado nos outros originais”.

“Tendo sido a carta comunicada à Sociedade Espírita de Paris, em sua sessão de 20 de dezembro⁴² de 1861, seu presidente, o Sr. Allan Kardec, foi encarregado de agradecer, em nome da Sociedade, às generosas intenções do testador em favor do Espiritismo, e de o felicitar pela maneira por que compreende a sua finalidade e o seu alcance.

“Embora o autor da carta não tenha recomendado omitir seu nome, caso se julgasse conveniente publicá-la, compreende-se que, em tais circunstâncias e num ato dessa natureza, a mais absoluta reserva é uma obrigação rigorosa” (RS, FEB, 1862, março, pp. 52-54).

Allan Kardec guarda o nome do doador em absoluto sigilo, o que foi uma medida de bom senso para a época. Hoje, com os documentos em mãos, seu nome fica claro, e não se pode levantar absolutamente nenhuma dúvida quanto ao autor desta carta para Kardec. Vejamos algumas provas:

1º) *Meu caro senhor e muito honrado chefe espírita*. Esta é a mesma forma de saudação feita por Roustaing na sua 2ª carta ao Codificador, em maio de 1861 (RS, FEB, 1861, junho, p. 253).

2º) O testamento é *holográfico* e enviado a Allan Kardec, como Roustaing escreve em seu próprio testamento:

⁴² Na edição da *Revista Espírita* feita pela Edicel, saiu um evidente erro de impressão, *novembro* (p. 28), em vez de *dezembro*, como reza o original francês e, corretamente, está traduzido pela edição da Federação Espírita Brasileira.

“Um outro original do presente testamento será enviado e remetido a meu dito senhor Allan Kardec, em sua dita qualidade de presidente da sociedade espírita de Paris”.

3º) Roustaing diz, na carta, que *programou* escrever o testamento no *inverno*. E, realmente ele o escreveu em 1º e 2 de dezembro de 1861.

4º) O testamento, diz a carta, seria escrito depois de minha *volta do campo (campagne)*. Realmente, Roustaing era acostumado a passar temporadas no seu campo, na quinta do Tribus, em Arbis.

5º) Todo o círculo de pessoas, como diz a carta, conhecidas e desconhecidas, as que estão sentadas em seu lar, as de longe e as de perto, amigas e inimigas, todas receberam doações, como se pode constatar no testamento.

6º) A informação, na carta, sobre a forma de aquisição do patrimônio doado é, em tudo, semelhante à vida de Roustaing.

“Adquiri para a realização de minhas provas, com o suor de meu rosto, à custa de minha saúde, através da pobreza, da fadiga, do estudo e do trabalho, durante trinta anos de vida militante de advogado, um dos mais ocupados nas audiências e no escritório”.

Ele mesmo chega a afirmar no testamento:

“Ordem dos advogados da corte imperial de Bordeaux, ao qual durante trinta anos pertenci, de uma maneira tão ativa em audiência”.

7º) A informação sobre Lamennais e sua carta à Condessa de Senfft, em 1832, quando da viagem do religioso a Roma, é a mesma que se encontra no *prefácio* de *Os quatro evangelhos*:

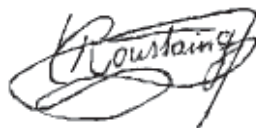
“Era para mim um sinal dos tempos essa manifestação geral quase simultânea, em todos os pontos do globo, do espírito novo, o sinal do advento de uma nova era, como já o tinham pressentido o conde de Maistre em suas *Soirées de Saint Pétersbourg* e Lamennais, em 1832, na carta, que foi publicada, por ele dirigida à condessa de Senfft, esposa do embaixador da Áustria em Roma, era destinada a realizar a renovação moral dos homens e a transformação universal da sociedade humana” (QE, I, p. 63).

Depois de tudo isso se pode concluir como estava certo o Sr. Jobard, em sua carta dirigida a Allan Kardec, em 1858, quando ele escreve sobre um futuro *mecenas* do Espiritismo:

“Esse homem será encontrado; algo mo diz; honra a ele, pois!”
(RS, FEB, p. 314).

* * *

Agora aproveito este espaço, em que o leitor acabou de visualizar a letra de Roustaing, para mostrar a sua assinatura e uma pequena análise de grafologia.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Roustaing', with a large, sweeping flourish underneath.

Assinatura de Roustaing

As fontes para este estudo as recolhemos, entre outras, na sabedoria inquestionável do espírita Francisco Valdomiro Lorenz, no seu *Elementos de quiromancia, quirognomonía, palmisteria, fisiognomonía, frenologia e grafologia*. São Paulo: Ed. Pensamento, 1971, pp. 107 a 119. A grafologia é a ciência antiqüíssima que:

“Revela o caráter e as aptidões de uma pessoa pelo exame de sua escrita” (p. 107).

A grafologia baseia-se:

“Sobre a fisiologia e a psicologia, que ensina que cada movimento da alma corresponde o movimento do corpo, que é a sua resultante; por isso, o nosso caráter, sendo constituído do conjunto dos movimentos que, em consequência das nossas aptidões e dos nossos hábitos, se dão em nossa alma o mais freqüentemente, manifesta-se nos correspondentes movimentos psicológicos necessários, que daqueles resultam” (p. 107).

As *linhas ascendentes* dos escritos e da assinatura de J.-B. Roustaing revelam espírito de audácia, ânimo, atividade, alegria e combatividade.

Sua escrita revela palavras que, na grafologia, são consideradas *normais*, ou seja, terminam com letras da mesma altura proporcional como é a das letras do começo e do meio. Isto é indício de caráter reto e prudente.

As letras de suas palavras estão grafadas na *vertical*; isto demonstra calma, reserva e impassibilidade. As letras, também, estão *ligadas entre si na mesma palavra*, isto denota espírito de análise, dedução, raciocínio, assimilação, lógica e senso prático. As letras são visivelmente *finas*, o que representa uma natureza delicada e idealista. Outra característica de sua escrita está nas *letras curvas* das palavras, demonstrando afabilidade, doçura, simpatia e benevolência.

O exame das letras *maiúsculas* mostra que são *simples*, de altura e largura proporcionada, dando indício de uma personalidade moderada e sóbria. Os *acessórios* e as *volutas* destas maiúsculas também passam imaginação ou criatividade. Por fim, por serem maiúsculas *relativamente largas*, confirmam segurança psicológica ou autoconfiança.

Sua escrita é *nítida e firme*, apesar da moléstia da qual vinha se recuperando, e este tipo de escrita mostra um indivíduo resoluto. Porém, sua escrita é *simples*, o que denota ser um homem também simples.

As letras da *assinatura* são *iguais às do texto* e revelam sinceridade, coerência. O *rasgo* que envolve a sua assinatura, passa amor-próprio, valorização pessoal e autoconfiança.

Estas informações são suficientes para esta biografia. Porém, esta ciência adivinhatória é profunda, e muitos outros traços psicológicos podem ser revelados, o que poderemos fazer noutra lugar e oportunidade.

XIX – ENCONTRO COM ÉMILIE COLLIGNON

Quando da sua primeira viagem espírita a Bordeaux, Allan Kardec ficou impressionado com a qualidade das comunicações espirituais e com vários estilos de mediunidades encontrados, mesmo já estando, antes de sua partida de Paris, prevenido a respeito pelos Espíritos do Senhor. Outra virtude que ele encontrou foi a ascendência moral, condição *sine qua non* para as qualidades das mensagens:

“Constatamos, também, que se compenetraram do princípio de que todo o médium orgulhoso, ciumento e suscetível não pode ser assistido por bons Espíritos e que nele essas imperfeições são motivos de suspeitas” (RS, 1861, novembro, p. 475).

Sentiu o Codificador firmeza nos grupos espíritas, que, sérios, não dão guarida a médiuns desta espécie:

“Longe, pois, de procurar tais médiuns, a despeito da eminência de suas faculdades, porquanto, se fossem encontrados, seriam repelidos por todos os grupos sérios que, antes de tudo, querem ter comunicações sérias, e, não, visar os efeitos” (p. 475).

Ora, lembro ao leitor que um *grupo sério*, visitado, com certeza, por Kardec, foi o *Grupo Sabò*, que J.-B. Roustaing freqüentava, por orientação sua, e no qual exercia, entre outras tarefas, a de *evocador*.

Em sua visita a Bordeaux, também pôde observar um caso de mediunidade excepcional, que impressionou Kardec; foi o de uma moça de dezenove anos que à faculdade de escrever se somava a de desenhista e música. Ela recebeu um trecho de música do Espírito Mozart, que não desautorizaria este grande compositor. Surpreendente foi, também, a exatidão na assinatura da entidade, em tudo por tudo, semelhante ao seu autógrafo quando encarnado.

Mas, segundo Kardec, o seu trabalho mais notável é, sem dúvida nenhuma, o desenho (*le dessin*):

“Trata-se de um quadro planetário (*un tableau planétaire*) de quatro metros quadrados de superfície, de um efeito tão original e tão singular que nos seria impossível dar uma idéia pela sua descrição” (p. 475).

O trabalho é desenhado em lápis negro, em pastel de diversas cores e em esfuminho. Este trabalho tinha sido iniciado há alguns meses, e ainda não estava encerrado, quando da visita do Prof.

Rivail, e havia sido destinado, pelo Espírito artista, à *Sociedade Espírita de Paris*. Kardec viu a médium em plena execução e ficou maravilhado com a rapidez e o nível de precisão:

“Inicialmente, e à guisa de treino, o Espírito a fez traçar, com a mão levantada e de um jato, círculos e espirais de cerca de um metro de diâmetro e de tal regularidade, que se encontrou o centro geométrico perfeitamente exato” (p. 475).

Evidentemente, sem o trabalho pronto, Kardec não pôde aquilatar o quadro, quanto ao valor científico, e como ele mesmo disse, admitindo seja uma fantasia, não deixa de ser, como execução mediúnica, um trabalho notável.

A tela, antes de ser encaminhada a Paris, seria fotografada e reproduzida, em várias cópias, por dica do próprio autor espiritual, para que da obra muitos tivessem o conhecimento. Outro fato que o visitante fez questão de ressaltar é que o pai da médium era pintor:

“Como artista, achava que o Espírito obrava contrariamente às regras da arte e pretendia dar conselhos. Por isso o Espírito o proibiu da assistir o trabalho, a fim de que a médium não lhe sofresse a influência” (p. 476).

Mas, com todo respeito ao artista pintor espiritual e seu quadro, e ao músico celeste e seu trecho musical mediúnico, penso que é na concordância com o ensinamento de *O livro dos espíritos* que encontraremos a grande virtude deste médium bordelense:

“Até pouco tempo a médium não havia lido nossas obras. O Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que ainda não estava anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos conforme *O livro dos espíritos*” (p. 476).

Voltemos ao nosso biografado. Depois de seu inesquecível encontro com Allan Kardec, onde, com toda a satisfação, apertou a sua mão, em 14 e 15 de outubro de 1861, Jean Baptiste Roustaing parte para mais uma temporada na quinta do Tribus, onde refletiu na melhor e mais coerente forma de distribuir seus bens em seu testamento, como já vimos sobejamente. Retornando à cidade de Bordeaux, realiza a obra solene de seus favores, em texto holográfico, no dias 1º e 2 de dezembro, e encaminha cópia em *envelope lacrado em cera verde* (RS, FEB, 1862, janeiro, p. 52) a Allan Kardec, a tempo de sua carta ser lida na sessão de 20 de dezembro de 1861, na *Sociedade Espírita de Paris*, por seu Presidente, o Prof. Rivail.

Neste ínterim, entre o envio da carta e a resposta agradecida de Allan Kardec, pelo seu belo e expressivo gesto de grandeza, o que se passa com nosso biografado? É ele mesmo quem nos conta:

“Em dezembro de 1861, foi-me sugerido ir à casa de Mme. Collignon, que eu não tinha a satisfação de conhecer e a quem devia ser apresentado, para apreciar um grande quadro (*un grand tableau*) mediunicamente desenhado (*dessiné*), representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço” (QE, I, 64).

Evidentemente que estamos diante do mesmo quadro (*tableau*), mediunicamente desenhado (*médianimiquement dessiné*), visto em execução por Kardec e doado espiritualmente, depois de pronto, à *Sociedade de Paris*. Dadas as dimensões do movimento espírico da época, em Bordeaux, fica difícil se pensar num outro grande quadro (*grand tableau*) mediúnico, de 4 m², retratando o aspecto planetário (*planétaire*), ou, como diz Roustaing, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço (*qui figurait un aspect des mondes répandus dans l'espace*). A semelhança nos textos, aqui, nos leva, com segurança, à identificação, que Kardec e Roustaing, viram o mesmo *quadro planetário*, e na mesma época, nos fins de 1861.

Mas a grande e interessante pergunta que se pode fazer sobre tudo isto é a seguinte: o que este grande quadro planetário e mediúnico estava fazendo na casa de Mme. Émilie Collignon? Allan Kardec viu este grande quadro na casa de Madame Collignon? Repetindo, o Codificador do espiritismo esteve na casa de Émilie Collignon, onde, alguns dias mais, os Evangelistas, assistidos pelos Apóstolos, em *espírito e verdade*, anunciariam mediunicamente *Les quatre évangiles*?

Se é assim, a visita de Kardec à casa de Émilie Collignon ocorreu cerca de sessenta (60) dias antes do anúncio da maior obra mediúnica sobre os Evangelhos de Jesus-Cristo. Mas, retornemos à primeira das perguntas: o que este *grande quadro planetário* e mediúnico estava fazendo na casa de Mme. Émilie Collignon?

Peço a compreensão e paciência do leitor para deixar a resposta a esta pergunta no ar, mas só por pouco tempo. Primeiro, é preciso direcionar alguns *flashes* nos dados pessoais da Sra. Collignon.

Émilie Aimée Charlotte Bréard nasceu em Antwerp (Anvers), Bélgica, no ano de 1820. Em nossa pesquisa, apesar de todos os esforços, não conseguimos identificar o dia e o mês de nascimento da médium Émilie Collignon. Ela era filha de Paul Damase Bréard, original da cidade de Villedieu (Manche), onde nasceu em 8 de

setembro de 1795. Ele vivia de rendas (*rentier*). Sua mãe chamava-se Aimée Marie Célestine Hubert dit Descours, sem profissão, original da cidade de Saint-Omer (Pas-de-Calais), onde nasceu em 1797. Todos estes dados nos foram enviados pelo Presidente do *Centre Généalogique du Sud-Ouest*, em Bordeaux, Sr. Jean-Paul Casse, em correspondência, rica de documentos e certidões, datada de 28 de janeiro de 2000.



Antwerp – Belgium

A Sra. Émilie Collignon era casada com o artista pintor (*artiste peintre*), Sr. Charles Paul Collignon, que nasceu em 1808, e que vivia de rendas (*rentier*). Infelizmente, ainda não localizamos o dia, mês e local de seu nascimento. Inicialmente, moravam juntos na commune de Caudéran, na Rue Terre Nègre, no bairro de Saubos. A data do casamento também não foi localizada.

Quando a Sra. Collignon e seu marido completaram 34 e 46 anos, respectivamente, tiveram uma filha, a quem puseram o nome de Paule Victorine Aimée Collignon, e que nasceu em 11 de outubro de 1854, às seis horas da manhã, no domicílio de seus pais.

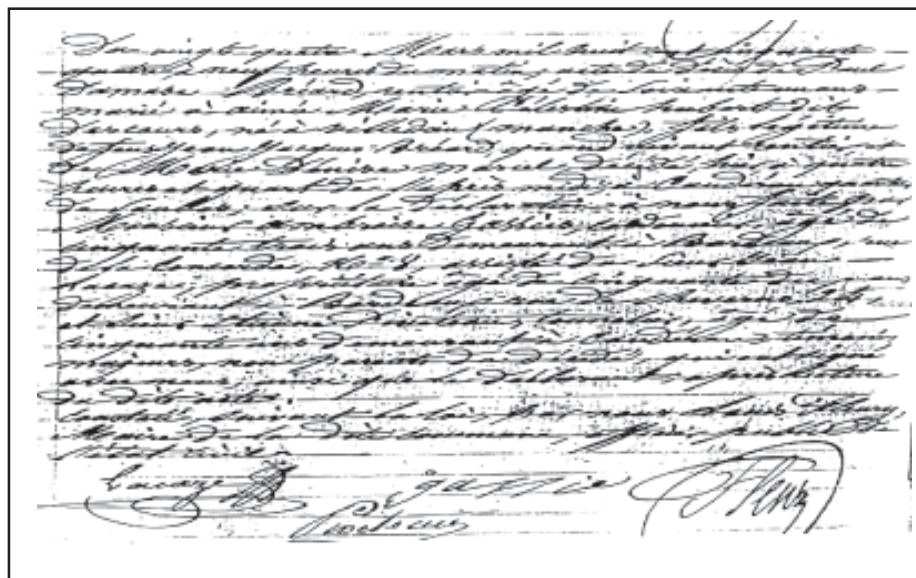
Antes mesmo de Paule Victorine nascer, Émilie Collignon havia passado pela dor da chamada *perda* física de seu pai, o Sr. Paul Damase Bréard, homem muito dinâmico e determinado, pelo que parece de uma citação feita por J.-B. Roustaing, sobre sua vida:

“Em 1832, quando o cólera asiático assolava Paris, o Sr. Bréard, pai do médium, se absteve, com efeito, durante quatro dias, de toda e qualquer alimentação, temendo-lhe as conseqüências, da epidemia reinante. E, apesar disso, durante aqueles quatro dias, cuidou, bem disposto, dos seus negócios” (QE, I, 248).

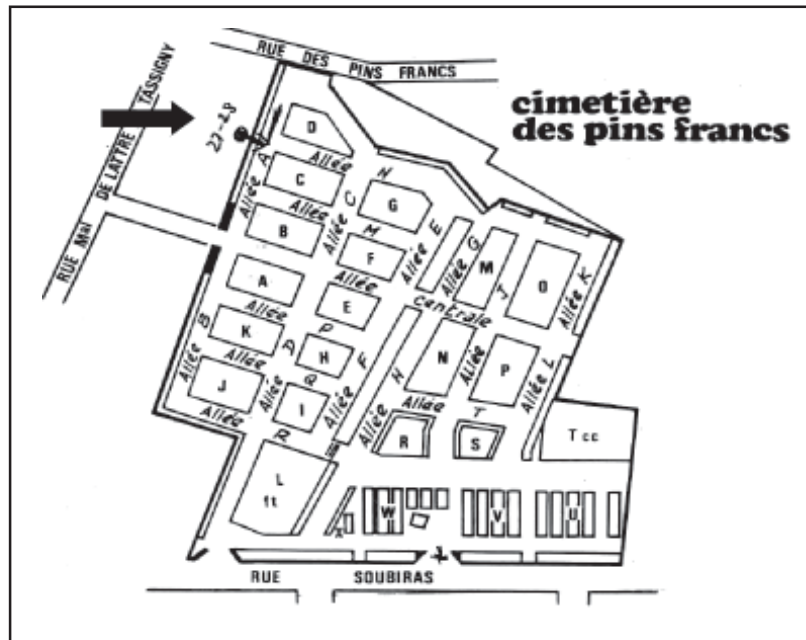
Ele desencarnou na residência de sua filha, em Caudéran, no dia 23 de março de 1854, às 16h15, aos 61 anos de idade. Mme. Collignon, de família católica e, ainda, dada à época, sem as bênçãos da Doutrina dos Espíritos, da qual foi pioneira incontestada, incorporou a dor da saudade na alma, resignada, porém sem as claridades da compreensão do que se passa no fenômeno da morte.

O corpo de seu pai foi sepultado no Cimetière des Pins Francs, em Bordeaux. A localização da concessão é *caveau Collignon*, allée A, nº 27-28, onde se ressalta a inscrição sobre a campa:

“Paul Damase Bréard né le 8.9.1795, mort le 23.3.1854”



Certidão de óbito de Paul Damase Collignon



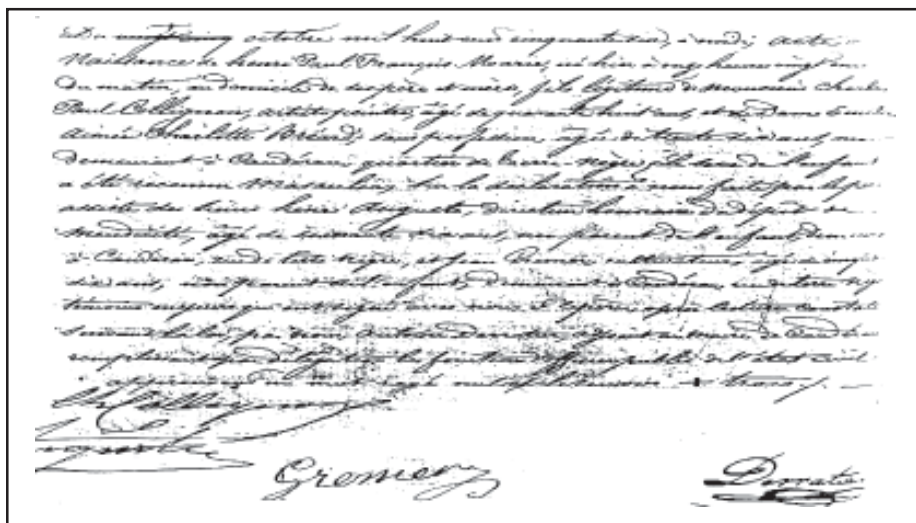
Caveau Collignon

A roda da vida, no entanto, gira num fluxo permanente. Não pára! É Deus que dá e retoma a vida, e faz tudo nascer, morrer e renascer, continuamente. Assim, numa onda permanente, a dor da perda é substituída pela alegria da vida, e tudo prossegue obedecendo à ordem imperativa do comando evolutivo. É, assim, que, em 2 de outubro de 1856, nasce, através do concurso do casal Collignon, mais um filho, que receberia o nome de Henri Paul François Marie Collignon, às 11h20, e que daria aos seus pais e à França o maior exemplo de dedicação, serviço e amor.

“Dia + outubro de mil oitocentos e cinqüenta e seis, ao meio-dia, ato de nascimento de Henri Paul François Marie, nascido ontem às onze horas e vinte minutos da manhã, no domicílio de seu pai e mãe, filho legítimo do senhor Charles Paul Collignon, artista-pintor, quarenta e oito anos, e da senhora Émilie Aimée Charlotte Bréard, sem profissão, trinta e seis anos, casada, residente em Caudéran, bairro de Terre Nègre. O sexo da criança foi reconhecido como masculino, de acordo com a declaração a nós feita pelo pai, assistido por Henri Auguste, diretor honorário do depósito de mendicidade, setenta anos, não parente da criança, morador em Caudéran, rua de Terre Nègre, e Jean Grenier, lavrador, cinqüenta e seis anos, não

parente da criança, morador em Caudéran, rua de Terre Nègre, testemunhas principais que assinaram conosco e o pai, após leitura feita, segundo a lei, por nós, Antoine Derratin, adjunto do prefeito de Caudéran, preenchendo por declaração as funções públicas de estado civil. xxx aprovando uma palavra rasurada, anulada pelo revisor + três”.

Assinaturas



Certidão de nascimento de Henri Paul François Marie Collignon

O documento é do dia três de outubro de 1856, ao meio-dia, e informa que Henri Collignon nasceu no dia anterior, dois de outubro.

Agora, situada no tempo e no espaço a figura da grande medianeira, Sra. Émilie Collignon, voltemos à época em que o Dr. Roustaing a visitou, em dezembro de 1861, no intuito de observar um grande quadro mediúnico desenhado, representando um dos aspectos dos mundos que povoam o espaço. Neste tempo, a Sra. Émilie Collignon, com sua família, não morava mais em Caudéran. Vamos encontrá-la em nova residência, em Bordeaux, na rue Sauce, 12. Esta rua, em 1920, passou a se chamar Henri Collignon, em justa homenagem a seu grande filho, herói francês. Mais adiante daremos outros detalhes.



Rue Henri Collignon, antiga Rue Sauce



Rue Henri Collignon, 12



Rue Henri Collignon, 12 e 10

Hoje, a antiga residência dos Collignon não existe mais. No seu lugar, há uma construção que pertence à garagem de uma empresa de transporte, e onde reside também sua proprietária atual, a Sra. Delorme. Esta senhora, em carta datada de 12 de outubro de 1998, nos informou:

“A minha casa foi construída em 1962 e eu mesma sou originária da África do Norte, expulsa por De Gaulle das nossas propriedades”.

A partir desta visita de Roustaing, a Sra. Émilie Collignon e seu esposo se engajam de vez no movimento espírita bordelense e, em âmbito nacional, marcam presença na *Revue Spirite*, de Paris, e na *La vérité*, da cidade de Lyon. Émilie vai se transformar na maior personalidade mediúnica de Bordeaux, aquela que recebeu a maior divulgação na imprensa espírita, com *um sem número* de mensagens, artigos, cartas e livros. Vamos fazer uma descrição geral de sua produção espírita; inicialmente, até o ano de 1865, ano em que a obra *Les quatre évangiles* é concluída, em sua primeira fase, a do ditado mediúnico.

Mas, e a resposta da pergunta: o que este *grande quadro planetário* e mediúnico estava fazendo na casa de Mme. Émilie Collignon? Juro ao leitor que não esquecemos da resposta; peço apenas que aguarde mais um pouco a solução deste enigma.

A) *Émilie Collignon: de 1861 a 1865*

No dia 7 de janeiro de 1862, um abade de Bordeaux foi visitar a família dos Collignon, em especial a mãezinha de Émilie, a Sra. viúva Aimée Marie Célestine Hubert, dit Descours, com cerca de 65 anos e *muito doente*. No dia seguinte, 8 de janeiro, ele se apressou a escrever para a dita viúva, preocupado com *certas práticas religiosas contrárias ao ensino da Igreja*, que ele ouviu falar no seio desta família, quando da sua visita. Estava mesmo preocupado com a existência de certo *círculo* prático, que alguns deles freqüentavam ou que se formava em torno de seu próprio endereço. Queria o abade se certificar, através de uma resposta à sua carta, já que não foi possível uma *conversa particular*, no momento de sua visita, se esta senhora *desprezava essas superstições diabólicas* e se ela permanecia *sempre sinceramente ligada aos dogmas invariáveis da religião católica*.

Émilie Collignon apressou-se em responder ao abade, dadas as dificuldades de saúde pelas quais sua mãezinha passava, inclusive autorizada por ela, a fim de *tranqüilizar* o próprio abade:

“Quanto aos perigos que ela e sua família podem correr” (RS, FEB, 1862, maio, p. 209).

Esta carta e sua resposta foram enviadas a Allan Kardec, com a devida autorização para publicá-las. Émilie, a certa altura da resposta, mostrando toda a sua coragem pela fé depositada nos novos princípios doutrinários que agasalhava, diz:

“Eu não coro nem me oculto por admitir o desenvolvimento e a clareza que as *manifestações espíritas* espalham para mim e para muitos outros, sobre aquilo que havia de obscuro, do ponto de vista de minha inteligência, em tudo quanto parecia sair das leis da Natureza” (p. 210).

Depois, confessa que estes novos princípios a fizeram entender e crer nos chamados *milagres* que a Igreja dá como artigo de fé, sem explicar, e que antes de conhecer a Doutrina dos Espíritos, ela:

“Os encarava como símbolos, ou, antes – confesso-o – como fantasias”. (p. 210).

Agora, porém, feliz, agradece aos princípios formulados pelo espiritismo:

“Devo-lhes uma paz de espírito que até agora não tinha obtido, fossem quais fossem os meus esforços” (p. 210).

Lembro ao leitor que aqui, no tempo destas palavras, não havia mais de 15, ou no máximo 20 dias, que a Sra. Émilie Collignon começou a psicografar esta bela e instrutiva obra intitulada *Os quatro evangelhos*. E, no entanto, ela sentia toda *uma paz de espírito*.

Voltemos à sua resposta à carta do abade bordelense. Infelizmente – prossegue Collignon – sua mãezinha não havia podido meditar em torno dos novos princípios libertadores, dada a sua idade avançada para os padrões da época, e seus graves problemas de saúde. Confessa, então, num misto de tristeza e felicidade:

“De toda minha família, meu marido e eu somos os únicos que temos a felicidade de seguir esta via que cada um tem liberdade de julgar do seu ponto de vista” (p. 211).

Por fim, sem rodeios, abre o coração e descreve as leis moralizadoras que o espiritismo, o Evangelho do Cristo redivivo, apelaram à sua razão e a transformaram num lugar seguro, de fé inabalável:

“Quanto a mim, pessoalmente, encontrei muita força e consolo na *certeza palpável* de que aqueles que nós amamos, e que choramos, estão sempre ao nosso lado, pregando o amor a Deus acima de tudo, o amor ao próximo, a caridade sob todas as suas faces, a abnegação, o esquecimento das injúrias, o bem pelo mal (o que não se afasta dos dogmas da Igreja) que, aconteça o que acontecer, me prendo àquilo que *sei*, ao que *vi*, pedindo a Deus que envie as suas consolações àqueles que, como eu, não ousavam refletir nos mistérios da religião, temerosos de que essa pobre razão humana, que só quer admitir o que compreende, destruísse as crenças que o hábito me dava um *ar de possuir*” (p. 211).

Suas últimas palavras foram um voto de proliferação da felicidade nova que sentia por encontrar as bênçãos do espiritismo:

“Faço votos ardentes para ver entrar em todos os corações a fé e o amor que hoje tenho a felicidade de possuir” (p. 211).

Allan Kardec ficou encantado com o que leu, e, por isso, mandou publicar em sua *Revue Spirite* esta missiva. Seu comentário, porém, é de aceitação plena:

“Desobrigamo-nos de qualquer comentário a esta carta” (p. 211).

Dez dias depois, vamos encontrar Émilie Collignon freqüentando e participando das sessões espíritas do prestigiado *Grupo Sabò*, que *agora* funcionava na própria *Sociedade Espírita de Bordeaux*, ou melhor, se confundia com ela.

O casal Collignon, influenciado pela visita de Roustaing, ou até mesmo orientado por Allan Kardec, quando da visita ao *quadro*, ainda em execução, passa a freqüentar o *Grupo Sabò*. O local do *Grupo* facilitava muito, pois a rue Barennes está localizada nas proximidades da antiga rue Sauce.

A primeira notícia da participação deles, neste *Grupo*, encontra-se na *Revue Spirite*, de Allan Kardec. É o caso da constatação da identidade do Espírito Carrère, que foi subchefe de equipe da estação ferroviária de Bordeaux, que desencarnou no comando de uma manobra, em 18 de dezembro⁴³ de 1861. O caso se passou na seguinte ordem: O Sr. Sabò, presidente da *Sociedade espírita*, recebeu uma carta do Sr. L. Guipon, membro do corpo diretor desta *Sociedade*, datada de 14 de janeiro de 1862, solicitando a evocação desta entidade, em sessão, visando ao estudo e à instrução. Como complemento, enviava incluso, em envelope à parte, os detalhes dos fatos concernentes à desencarnação, e a um fato excepcional ocorrido com a recusa de uma mulher, a Sra. Beutey, esposa de seu chefe, de oferecer a imagem de um Cristo para ser colocada sobre o cadáver, durante o velório, e do incômodo, provocado pela forte impressão, que esta mulher sentiu, ao ver o Espírito do Sr. Carrère, durante toda aquela noite, postado *em volta do Cristo*. Como observação, o Sr. L. Guipon, solicita que o envelope, com todas estas informações, só fosse aberto após o término da evocação.

Na próxima sessão da *Sociedade*, no dia 18 de janeiro de 1862, sábado:

“Numa reunião de cerca de dez pessoas distintas de nossa cidade, fizemos a evocação solicitada” (RS, FEB, 1862, março, p. 123. O subscrito é nosso).

Em síntese: feita a evocação e conferido o conteúdo do envelope, tudo foi confirmado como certo, num *caso admirável de identidade*. O Sr. Sabò, ainda não se dando por satisfeito, envia

⁴³ Na tradução da FEB, saiu, em evidente engano, *setembro*. O original francês não deixa dúvidas: *décembre*. A edição da revista Espírita feita pela EDICEL, está correta: *dezembro* (p. 80, de março de 1862).

uma carta para Allan Kardec, em 25 de janeiro do ano corrente, *submetendo* toda a experiência de identificação ao crivo das *luzes* e da *experiência* do Codificador. E recebe, de Kardec, a total aprovação, com comentários públicos e com toda a publicação do ocorrido, nas páginas da *Revue Spirite* do mês março de 1862 (pp. 121-6).

Um fato, porém, merece destaque. As *dez pessoas distintas da cidade* (o número correto é de treze (13) participantes), entre elas o casal Collignon, que assistiram a reunião, assinaram um documento, e encarregaram o Sr. Sabò de comunicar a Allan Kardec que, se ele achasse útil, divulgasse o episódio:

“Seus nomes podem ser declinados claramente e que, nestas circunstâncias, conservar o incógnito seria um erro” (p. 124).

Desejo informar que a assinatura de Charles Collignon vem acompanhada de endereço: *rue Sauce, 12*; e da sua posição econômica de *capitalista*, que, como já observamos, é a de quem vive de rendas. Émilie Collignon, após sua assinatura, também informa: *capitalista*. As suas assinaturas se encontram imediatamente após a do presidente, Sr. Sabò. Em seguida, vêm as outras dez.

Que forma interessante e segura de se começar uma vida espírita, principalmente como médium, e médium que terá uma missão de destaque na história das revelações sucessivas.

1º) Frequentar um grupo seguro. Neste caso, o *Grupo Sabò* era o recomendado por Allan Kardec, que inclusive o visitou pessoalmente.

2º) Tratar a manifestação mediúnica com razão e bom senso, experimentando, para não se deixar enganar, ou ser levada pela *imaginação*, como recomenda Allan Kardec (p. 125). Todo fenômeno deve servir de estudo e instrução.

3º) Submeter toda a experiência à apreciação de alguém mais experiente no trato da mediunidade, solicitando suas *luzes* e *experiência*. Neste caso, pede-se o concurso de ninguém menos que Allan Kardec, que aprova o método e o resultado.

4º) Disponibilizar toda a experiência para ser publicada. Os princípios espíritas libertam da escravidão da ignorância; por isso, a divulgação é a maior caridade que se pode fazer à Doutrina.

5º) Não deixar de declinar os principais dados pessoais: nome próprio, endereço e profissão, além de não *hesitar confirmar com a assinatura* (p. 125). Dá credibilidade a quem está lendo a

informação. E é, sempre uma *honra*, para os que se identificam com os princípios doutrinários, apresentar-se *altiva e publicamente* como *espíritas*.

Agora, aquecida pelas experiências mediúnicas no *Grupo Sabò*, e trabalhando semanalmente com Roustaing, com veremos adiante, Émilie Collignon funda seu grupo particular, o *Grupo Sra. Collignon*, o que era comum na época. Aliás, é o próprio Kardec quem recomendava, como já observamos, estes grupos particulares, evitando o inchaço inconveniente para a prática mediúnica e pelo perigo de endeusamento de poder.⁴⁴ Dada a sua excelente mediunidade, do tipo mecânica, e sua grande fluência no escrever, seu *Grupo* se popularizou rapidamente, o que fez o Sr. Alexandre Delanne observar, quando de sua visita à cidade de Bordeaux:

“Eu visitava os grupos espíritas dessa cidade; nela já havia um número bastante grande. Os mais freqüentados eram os da Sra. Collignon, da Srta. O’kine, dos Srs. Roustaing, Krell, Alexandre, etc. Existiam dois órgãos espíritas: *Le Sauveur des peuples* e *L’Union Spirite Bordelaise*” (*Le spiritisme – organe de l’union spirite française* (Gerente: Gabriel Delanne), nº 23, 1ª quinzena de fevereiro de 1884, p. 6. Redação e administração: Passage Choiseul, 39 & 41, Paris).

Não é surpreendente, nem coincidência, que, nesta lista de grupos espíritas de Bordeaux, feita pelo Sr. Alexandre Delanne, o *Grupo da Sra. Collignon* a esteja encabeçando. Dada a divulgação de sua produção mediúnica, nos diversos periódicos espíritas da cidade, e da veracidade comprovada de vários fenômenos mediúnicos obtidos por seu intermédio, o destaque ao seu *Grupo* é mais que natural.

Vejamos, agora, como a Sra. Émilie Collignon estudava a Doutrina e as diversas comunicações mediúnicas, recebidas por ela ou não, e como as meditava, analisava a linguagem, a forma e o fundo, comparando com outras mensagens de seus *bons guias particulares* e, em especial, consultando o seu mentor, o Espírito Joseph, sempre que achava necessário.

É através do jornal *La lumière* que ficamos sabendo que o Espírito Joseph era o mentor da médium Émilie Collignon (1º ano, nº 6, 16 de junho de 1864, p. 4). Aliás, este Espírito ditou,

⁴⁴ Ver o artigo completo de Allan Kardec: *Organização do espiritismo* (RS, 1861, dezembro, pp. 528-47).

por esta mesma médium, uma mensagem em *O Evangelho segundo o espiritismo*; é o que veremos um pouco mais adiante.

Émilie Collignon chegava mesmo a dividir seus estudos e observações com Allan Kardec, pedindo vênua para isto:

“Perdoai-me esta espécie de controle que acabo de fazer, pois tem um objetivo sério” (RS, FEB, 1862, junho, p. 259).

Vale a pena nos determos um pouco em torno de um exemplo concreto da análise minuciosa que Collignon fazia das mensagens em geral, suas ou não.

É o caso de uma mensagem ditada pelo Espírito Girard de Codenberg. Ele, quando encarnado, foi aluno da Escola Politécnica e membro de várias sociedades científicas. Desencarnou em novembro de 1858. Foi autor de um livro intitulado *Le monde spirituel, ou science chrétienne de communiquer intimement avec les puissances célestes et les âmes heureuses*. Kardec o evocou, em 14 de janeiro de 1859, e publicou esta entrevista espiritual, na *Revue Spirite* (FEB, 1859, abril, pp. 158-60). No ano de 1862 (RS, FEB, abril, pp. 167-171), Allan Kardec acrescenta que sua obra possui *comunicações excêntricas* que denotam manifesta obsessão e cuja publicação os espíritas sérios lamentam profundamente. Kardec consulta seus guias espirituais, que respondem que ele sofre, na condição de desencarnado, por ver o mau que causa a doutrina errônea que publicou. Dizem mais os guias:

“Era obsidiado e a doença que o matou foi fruto da obsessão” (p. 171).

Kardec, então, transcreve, neste número da *Revue Spirite* (abril de 1862), mais uma evocação deste Espírito, agora feita em Bordeaux, em novembro de 1861, sem informar o médium e o grupo espírita. Acha, inclusive, interessante a *coincidência* entre as duas evocações. Aqui, penso, com a licença de Allan Kardec, não haver *coincidência* alguma. Os espíritas bordelenses, em especial os que fizeram esta evocação, podiam conhecer, como, aliás, é claramente possível, a *Revue Spirite* de 1859, com a evocação feita por Kardec, em Paris.

Na mensagem, a certa altura, o Espírito comunicante escreve, de forma *espontânea*:

“Tenho a incumbência de vos guiar à situação de Espírito, na estrada boa e segura onde entrastes” (p. 171).

E, à semelhança de um guia bastante determinado, arremata com um conselho, num tom *um pouco cruento*:

“Não vos inquieteis com os irmãos que se afastam de vossas crenças. Ao contrário, agi de maneira que não mais se misturem ao rebanho dos verdadeiros crentes, pois são ovelhas sarnentas e deveis evitar o contágio” (p. 171).

E, demonstrando exclusividade mediúnica, finaliza:

“Adeus. Voltarei com este médium” (p. 171).

Esta *espontaneidade* na mensagem e a *exclusividade* mediúnica sugerem um misto de animismo e interferência espiritual estranha, funcionando juntas. Continuemos a análise.

Émilie Collignon estuda, analisa, compara com outras mensagens. Recebe, ainda, a crítica de uma amiga, *espírita noviça*, sobre a forma da linguagem, por não ter encontrado caridade naquelas linhas. Então, pensa, repensa e resolve consultar seu mentor, o Espírito Joseph, e recebe dele o conselho:

“Não, minha filha, um Espírito elevado não se serve de semelhantes expressões; deixai aos Espíritos encarnados a aspereza da linguagem e reconhecei sempre o valor das comunicações pelo valor das palavras e, sobretudo, pelo valor dos pensamentos” (p. 260).

Em síntese:

“Pelo fruto se conhece a árvore” (Jesus – Mt. 12: 33).

Outro ensino, dado pelo Espírito Joseph, é sobre a interferência do médium, num misto de mediunidade e animismo: *deixai aos Espíritos encarnados a aspereza da linguagem*.

Recebe, ainda, a Sra. Collignon, duas mensagens: uma de um Espírito que diz ter tomado o lugar de Gérard⁴⁵ de Codemberg, e outra, maravilhosa, do Espírito Bernardin (recebida em 4 de abril de 1862). Ela envia para Allan Kardec, de uma vez, estas duas mensagens, acompanhadas de uma carta com as devidas explicações.

⁴⁵ A *Revue Spirite* escreveu este nome de duas formas, inclusive no original francês: Girard (abril de 1859 e abril de 1862) e Gérard (junho de 1862).

Munida, então, de todas as informações, escreve para Allan Kardec, pedindo *perdão pela ousadia*, mas ressaltando o *objetivo sério*. Seu intuito, antes de tudo, é se esclarecer, e, com isto, aprender.

Kardec, por sua vez, está mesmo convencido de que a comunicação dada em Bordeaux, e publicada por ele, em abril de 1862, é mesmo do Espírito Gérard de Codemberg. Aliás, os Espíritos por ele consultados, o informaram quanto à *identidade do Espírito* (abril, 1862, p. 171), e como ele *sofre*, por ver os danos causados por sua teoria.

Kardec conclui que o Espírito comunicante não é mau, mas está na categoria numerosa dos Espíritos inteligentes, mas não suficientemente superiores para dominarem os Espíritos obsessores, que dele abusaram, pois não soube reconhecê-los. O pensamento de Kardec, aqui, infelizmente, não é muito claro. Ele está falando do Espírito Gérard de Codemberg como encarnado. Em síntese, temos: como encarnado, ele não era mau, era inteligente; porém, não tinha bondade suficiente para barrar o domínio dos obsessores. Então, como bondade não se adquire num piscar de olhos, e nem com a desencarnação, é arriscado ele se atribuir a *incumbência de guia*.

Outro ponto que Kardec levanta é a questão do conselho que o Espírito dá, se é bom ou mau. Rivail argumenta que, nas reuniões espíritas sérias, a primeira condição é a *calma*, o *recolhimento*, que são *impossíveis de se conseguir com discussões que fazem perder tempo com coisas inúteis*. Segundo ele, a frase: *Não vos inquieteis com os irmãos que se afastam de vossas crenças* não está se referindo:

“Às pessoas que, de boa-fé, procuram esclarecer-se quanto às dificuldades da ciência ou sobre aquilo que não podem compreender, por uma discussão pacífica, moderada e conveniente” (p. 261).

Não entendo por que Kardec tirou esta conclusão. O espírito comunicante só fala de pessoas que se afastaram das crenças espíritas. Não fala nada sobre *discussão pacífica, moderada e conveniente*, frente aos esclarecimentos quanto às *dificuldades da ciência espírita*. Que, convenhamos, é sempre útil, como um grito de socorro.

Mas, então, é sobre que tipo de pessoas que o Espírito está se referindo, ao dizer: *Não vos inquieteis com os irmãos que se afastam de vossas crenças*? Segundo Kardec, ele está se referindo:

“As que vêm com idéia preconcebida de oposição sistemática, que levantam oposições inoportunas a torto e a direito, capazes de perturbarem o trabalho” (p. 261).

Por isso, conclui Kardec:

“Quando o Espírito diz que é preciso afastá-las, tem razão” (p. 261).

Quanta coisa Allan Kardec viu com a frase *Não vos inquieteis com os irmãos que se afastam de vossas crenças*. É uma opinião respeitável a de Kardec. Nem todos vêm a mesma hipótese. Quantas pessoas existem, e chegamos a conhecer muitas, que se diziam espíritas e se afastaram, pois a *Doutrina não entrou nelas*? E, nem por isso, quando freqüentavam determinado grupo, não estavam com idéias preconcebidas de oposição sistemática, e nem levantaram discussões inoportunas, perturbando os trabalhos. Conhecemos casos assim! Você não conhece, leitor?

Mas é a opinião de Kardec, e ele merece todo o nosso respeito. Por outro lado, a opinião da médium Émilie Collignon merece, também, todo o nosso respeito. A opinião do Espírito Joseph, um dos Espíritos da Verdade, pois participou, com uma mensagem, em *O Evangelho segundo o espiritismo*, merece ainda mais todo o nosso respeito.

Só se explica por que Kardec dá este tipo forçado de interpretação para a frase bem mais simples, apesar de dura, do Espírito Codemberg, se ele já soubesse que as relações dos grupos de Bordeaux com a *Sociedade Espírita* não andavam, a partir desta época, na harmonia esperada. Já vimos, na *Introdução*, quando falamos sobre Auguste Bez, como rapidamente esta *Sociedade* se atrofiou. Só assim se explicam as palavras do Codificador, para Émilie Collignon:

“Nosso mais caro desejo é o de ver reinarem a união e a harmonia entre os grupos e sociedades que se formam de todos de lados” (p. 262).

E, um pouco mais adiante, prossegue:

“Sem homogeneidade, não há união simpática entre os membros, não há relações afetuosas; sem união, não há estabilidade; sem estabilidade, não há calma; sem calma, não há trabalhos sérios” (p. 163).

Mas a história registra, cruamente, que as lideranças espíritas não souberam ouvir o alerta de Kardec, como já citamos do *Almanach*:

“Sem dúvida, os objetivos de Sabò eram imensos, generosos, devotados; mas ele esqueceu as incessantes recomendações do mestre

(Allan Kardec), que tinha claramente demonstrado o quanto a multiplicidade de grupos espíritas era preferível às grandes reuniões” (pp. 68-9).

Penso, e peço licença para emitir meu pensamento, como o menor entre todos, imensamente menor, mas, também, estudioso do assunto, que alguns pontos a mais podem e devem ser acrescentados.

Vejo, como Kardec, que, na parte crítica da mensagem, o Espírito Gérard de Codenberg se expressou com um palavreado *um pouco cruamente*. Mas, também, concordo com o Espírito Joseph, quando fala da interferência anímica: *deixai aos Espíritos encarnados a aspereza da linguagem*. E levanto, como correta, a mensagem que a Sra. Émilie Collignon recebeu do Espírito que tomou o lugar de Gérard de Codenberg, apenas neste momento crítico de crueza, interferindo na mensagem, que já estava no fim, aproveitando-se da fraqueza do médium, da do evocador ou da de alguém do grupo, ou mesmo de um conjunto destas possibilidades.

Como se vê, há muito para estudar. E só uma análise completa de toda a situação dará a melhor solução.

Por isso, enquanto não conhecemos a mensagem desse Espírito que se fez passar por Gérard de Codenberg, e captada pela Sra. Collignon, e que Kardec, infelizmente, não a publicou, por encontrar *caracteres estranhos*, tudo, então, fica em suspenso. Salvo a *outra mensagem*, recebida na balada da mesma inspiração deste estudo, em 4 de abril de 1862, do Espírito Bernardin, através da mesma médium, e publicada, de imediato, por Allan Kardec, na página seguinte, onde recebe seus comentários com louvores. Vamos a ela:

O ESPIRITISMO FILOSÓFICO

“Meus amigos, falamos do Espiritismo do ponto de vista religioso; agora que está bem estabelecido que ele não é uma religião nova, mais a consagração dessa religião universal cujas bases lançou o Cristo, e que hoje vem levar ao coroamento, vamos encarar o Espiritismo do ponto de vista moral e filosófico.

“Antes de mais, expliquemo-nos quanto ao exato sentido da palavra filosofia. A filosofia não é uma negação das leis estabelecidas pela divindade, da religião. Longe disto, a filosofia é a busca do que é sábio, do que é o mais exatamente razoável. E o que pode ser mais sábio, mais razoável que o amor e o reconhecimento que se deve ao seu Criador e, conseqüentemente, o culto, seja qual for, que pode servir para lhe provar este reconhecimento e este amor? A religião, e

tudo quanto ela vos pode levar é, pois, uma filosofia, porque é uma sabedoria do homem que a ela se submete com alegria e docilidade. Feitos esses reparos, vejamos o que podeis tirar do Espiritismo, posto em prática seriamente.

“Qual o fim para onde tendem todos os homens, seja qual for a posição em que se encontram? O melhoramento de sua posição presente. Ora, para o conseguir, correm por todos os lados e se extraviam na maior parte, porque, enceguecidos pelo orgulho, arrastados pela ambição, não vêem a única rota que pode conduzir a esse melhoramento; buscam-na na satisfação do orgulho, de seus instintos brutais, de sua ambição, ao passo de que só poderão encontrá-la no amor e na submissão devidos ao Criador.

“O Espiritismo vem, pois, dizer aos homens: Deixai esses atalhos tenebrosos, cheios de precipícios, cercados de espinhos e urzes e entrai no caminho que leva à felicidade que sonhais. Sede prudentes, a fim de serdes felizes; compreendei, meus amigos, que para os homens os bens da Terra não passam de emboscadas, que devem evitar. Eis por que finalmente o Senhor permitiu vísseis a luz desse farol, que deve vos conduzir ao porto. As dores e os males que sofreis com impaciência e revolta são o ferro em brasa que o cirurgião aplica sobre a ferida aberta, a fim de impedir a gangrena de perder todo o corpo. Vosso corpo, meus amigos, o que representa para o Espírito? Que deve ele salvar? Que deve preservar do contágio? Que deve cicatrizar, por todos os meios possíveis, senão a chaga que rói o Espírito, a enfermidade que o entrava e o impede de lançar-se radioso para o seu Criador?

“Voltai sempre os olhos para este pensamento filosófico, isto é, cheio de sabedoria: Somos uma essência criada pura, mas decaída; pertencemos a uma pátria onde tudo é pureza; culpados, fomos exilados por algum tempo, mas só por algum tempo. Empreguemos, pois, todas as nossas forças, todas as energias em diminuir o tempo de exílio; esforcemo-nos por todos os meios que o Senhor pôs à nossa disposição para reconquistar essa pátria perdida e abreviar o tempo de ausência.⁴⁶

“Compreendei bem que vossa sorte futura esta em vossas mãos; que a duração de vossas provas depende inteiramente de vós; que o mártir tem sempre direito à palma da vitória e que, para ser mártir, não é necessário, como aconteceu com os primeiros cristãos, servir de pasto aos animais ferozes. Sede mártires de vós mesmos; quebrai, aniquilai em vós todos os instintos carnais que se revoltam contra o Espírito; estudai com cuidado as vossas inclinações, os vossos

⁴⁶ Vide o número de janeiro de 1862: *Doutrina dos anjos decaídos* (nota de Allan Kardec).

gostos, as vossas idéias; desconfiai de tudo quanto a vossa consciência reprova. Por mais baixo que ela vos fale, porque muitas vezes pode ser repelida; por mais baixa que ela vos fale, essa voz do vosso protetor vos dirá que eviteis o que vos pode prejudicar. Em todos os tempos, a voz do vosso anjo da guarda vos falou, mas quantos ficaram surdos! Hoje, meus amigos, o Espiritismo vem explicar-vos a causa desta voz íntima; vem dizer positivamente, vem vos mostrar, fazer tocar com o dedo aquilo que podeis esperar se a escutardes docilmente; aquilo que deveis temer se a rejeitardes.

“Eis, meus amigos, para o homem em geral, o lado filosófico; a vós compete salvar-vos a vós mesmos. Meus filhos, não procureis distrações materiais nem satisfação à curiosidade, como fazem os ignorantes. Não chameis a vós sob o menor pretexto, Espíritos dos quais não tendes a mínima necessidade; contentai-vos em vos entregardes sempre aos cuidados e ao amor de vossos guias espirituais; eles jamais vos faltarão. Quando vos reunirdes no objetivo comum, qual seja o melhoramento de vossa Humanidade, elevai o coração ao Senhor, mesmo que seja para lhe pedir suas bênçãos e a assistência dos bons Espíritos, aos quais vos confiou. Examinai bem, em vosso redor, se não há falsos irmãos, curiosos, incrédulos. Se os encontrardes, rogai-lhes com doçura, com caridade, que se retirem. Se resistirem, contentai-vos em orar com fervor, que o Senhor os esclareça e, de outra vez, não os admitais em vossos trabalhos. Não recebais em vosso meio senão os homens simples que querem buscar a verdade e o progresso. Quando estiverdes certos de vossos irmãos que se acham reunidos em presença do Senhor, chamai os vossos guias e pedi-lhes instruções; eles vo-las darão sempre, proporcionadas às vossas necessidades, à vossa inteligência; mas não busqueis satisfazer a curiosidade dos que vos pedem evocações. Que sempre saem menos convencidos e mais dispostos à zombaria.

“Aqueles que desejam evocar seus parentes e amigos não o façam jamais senão com o objetivo de utilidade e de caridade; é um ato sério, muito sério, chamar os Espíritos que erram em redor de vós. Se não trouxerdes a fé e o recolhimento necessários, os Espíritos maus tomarão o lugar daqueles que esperais, enganar-vos-ão e vos farão cair em erros profundos e algumas vezes vos arrastarão em quedas terríveis!

“Não esqueçais, pois, meus amigos, que o Espiritismo é a confirmação do Cristianismo, porque o Cristianismo entra completamente nessas palavras: Amar ao Senhor sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

“Sob o ponto de vista filosófico, é a linha de conduta reta e sábia que vos deve conduzir à felicidade que todos ambicionais; e

esta linha vos é traçada partindo de um ponto seguro, demonstrando: a imortalidade da alma, para chegar a outro ponto que ninguém pode negar: Deus!

“Eis, meus amigos, o que vos tenho a dizer hoje. Em breve, continuaremos nossas conversas íntimas.

Bernardin
(RS, FEB, 1862, junho, 263-266).

Transcrita a bela mensagem, Kardec registra que ela está *marcada por um cunho de profundidade e de simplicidade*. Aproveita para informar que esta comunicação faz parte de uma série de ditados sob o mesmo título:

“Espiritismo para todos” (p. 266).

E todas elas teriam a mesma qualidade espiritual. Acrescenta que nem todas podem ser publicadas na *Revue Spirite*, e por isso, farão parte das:

“Coletâneas especiais que preparamos” (p. 266).

Estas coletâneas já haviam sido prometidas por Kardec, em janeiro de 1862 (RS, FEB, pp. 30-34), num artigo intitulado *Publicidade das comunicações espíritas*. Este era um projeto de publicação central e coletiva, de mensagens espíritas das diversas localidades, idealizado pelo Srs. Didier & Cie, sob o título de *Biblioteca do mundo invisível*. Compreenderia uma série de volumes, com cerca de 250 páginas, ao preço uniforme de dois francos. Kardec aprofunda sobre a coleção:

“O nome de *Biblioteca do mundo invisível* é o título geral da coleção. No entanto, cada volume terá um título especial para designar a procedência e o assunto, beneficiando o autor sem que este tenha de se imiscuir no produto das obras que lhe são estranhas. É uma publicação coletiva, mas sem vínculos recíprocos entre os produtores, na qual cada um entra por sua conta e risco, aproveitando-se da publicidade comum” (p. 33).

O volume *O Espiritismo para todos*, que Kardec estava preparando, faria parte desta coleção *Biblioteca do mundo invisível*; e, neste volume, em particular, estaria a mensagem do Espírito Bernardin, *O Espiritismo filosófico*, captada por Émilie Collignon. Anteriormente, ele pensou no título *Carteira Espírita*

(p. 34); mas, mais tarde, ele optou por este outro, *O Espiritismo para todos*, que, convenhamos, é bem melhor. Ele desejava, inclusive, publicar, nesta coleção *Biblioteca do mundo invisível*, os seus livros principais, que ele chamava de *obras especiais*.

Infelizmente, o projeto dos Srs. Didier & Cie não vingou. Kardec não tocou mais no assunto e, só em abril de 1864, quando ele lança *O Evangelho segundo o espiritismo*, algo parecido surgiu. Nesta obra, ele publica mensagens de localidades, médiuns e Espíritos diversos, inclusive mensagem de Émilie Collignon, todas, à semelhança desta do Espírito Bernardin, *marcadas pelo mesmo cunho de profundidade e simplicidade paternal*.

Por todas estas informações, inclusive sobre publicações futuras, se vê como eram intensas as correspondências entre Kardec e Madame Collignon. O que, inclusive, chamou a atenção do eminente historiador e pesquisador espírita da atualidade, o argentino Sr. Florentino Barrera. Barrera é autor de inúmeras obras, e gentilmente nos cita em suas várias e ricas referências biográficas, além de nos honrar com a oferta de seus livros e com cartas esclarecedoras.

Numa de sua obras, intitulada *La Sociedad de Paris*. Buenos Aires: Ediciones Vida Infinita, ele, baseado em documentos raros e jornais espíritas da França e do estrangeiro, confirma a grande relação de Kardec e o casal Collignon. Ele lista uma série de destacados nomes de pioneiros espíritas, *membros da Sociedade de Paris*, que *mantêm com ela uma correspondência assídua em benefício de suas investigações*: do Havre, o Sr. J.-P.-L. Crouzet; de Tours, o Sr. Léon Denis; de Marmande, o Sr. Constant Dombre; de Toulouse, o Sr. Brion D'Orgeval; de Carcassonne, o Sr. Timoléon Jaubert; de Bordeaux, o Sr. e Sra. Émilie Collignon; Anna Blackwell e Sr. e Sra. Forbes, Londres; Sra. María de Fernández Colavida e Sr. Maurice Lachâtre, Barcelona; Sr. Jobard, Bruxelas, e outros (ver p. 63).

Ainda em 1862, Allan Kardec mostra toda a versatilidade da mediunidade de Madame Émilie Collignon, ao publicar, na *Revue Spirite*, na seção *Poesias espíritas*, uma bela produção espiritual intitulada: *Meu Testamento* (RS, FEB, novembro, pp. 462-5). Andei consultando, ao longo desta pesquisa, alguns estudiosos de poesia, versados na língua pátria de Victor Hugo, e todos foram unânimes em reconhecer a beleza dos versos e a harmonia das rimas. Agora mesmo, acabamos de pedir a valiosa colaboração do querido amigo, Inaldo Lacerda Lima, adepto fervoroso de Roustaing, e responsável pela tradução dos poemas, da *Revista Espírita*, para a edição da *Federação Espírita Brasileira*. Ele só teceu elogios quanto a esta produção mediúnica. Diz, ainda, que estamos frente a um excelente

poeta, que soube mesclar, em rimas perfeitas, o alexandrino e o decassílabo.

Bom, isto é papo para o Inaldo e o Prof. Pasquale. O que admiramos mesmo, no poema, é o conteúdo doutrinário, que nos últimos versos canta:

“E vos conceda Deus em Sua alta bondade,
Só terdes vós por lei o Amor e a Caridade!”

Da vasta produção mediúnica de Émilie Collignon, noutros periódicos espíritas, só encontrei mais um trabalho mediúnico, em forma de poema. Intitula-se *Noel*. A autoria é do Espírito Elisa Mercoeur, e foi publicado, em data significativa, no periódico *Le sauveur* (1º ano, nº 48, domingo, 25 de dezembro de 1864, pp. 3-4); posteriormente foi transcrito no *La lumière* (1º ano, nº 21, 1º de fevereiro de 1865, pp. 3-4).

Em 1863, surge o livro *Spiritisme – réflexions sur le spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs – communications, lettres et fables spirites*, por J. Chapelot, pseudônimo literário de Jean Condat, e, na sua segunda parte, está estampada uma série de comunicações dos principais médiuns da época; entre elas, temos seis (6) instrutivas comunicações ditadas à mediunidade da Sra. Émilie Collignon: *La résignation, Enfants du Spiritisme rappelez-vous, Laissez le temps écouler ses flots, La clef de diamant, Orgueil que peux-tu faire? e Ne jouez pas avec la vérité*. É escusado falar da profundidade e simplicidade destas pérolas espirituais.

Aqui, aproveito para pedir desculpas ao leitor por não reproduzir neste esforço as muitas e muitas mensagens de E. Collignon, espalhadas pelos diversos periódicos espíritas. Há, também, artigos, novelas, cartas e livros. Nosso espaço não comportaria... Em outra oportunidade traduziremos estas mensagens e as reuniremos num volume, acrescentando notas explicativas onde se fizer necessário. Quem sabe o título será, como queria Kardec, *Espiritismo para todos*. Que o Alto nos ajude! Orem por nós!

Este mundo de mensagens espirituais chegou à Terra através do fenômeno mediúnico, lei natural estabelecida por Deus desde o surgimento dos primeiros homens. Fez assim o Criador para que fosse permanente a ligação do Céu com a Terra, e que as saudades imensas fossem abrandadas pelo encontro de almas.

A mediunidade, devidamente exercitada, é um instrumento de comunicação que pode ser acionado pelos dois lados da vida. Quando os Espíritos se comunicam sem a consciência pré-

estabelecida do médium, chamamos este fenômeno de *manifestação mediúnica espontânea*. Quando é o lado de cá, dos encarnados, que consulta um ou mais determinados Espíritos, chamamos este método de *evocação espiritual*.

Este tema, o das evocações, era bastante polêmico até a chegada das luzes espíritas. De lá para cá, esta objeção caiu por si mesma, visto não ser mais sustentável, independentemente da mal interpretada restrição de evocar os mortos, feita pelo profeta Moisés.

O certo é que, num grupo espírita de Bordeaux (seria o Grupo Sra. Collignon?), foi dirigida a esta médium a seguinte pergunta, no dia 11 de agosto de 1862 (segunda-feira): *É permitido evocar os mortos, já que Moisés o proibiu?* Esta data esta registrada numa extensa carta, com os devidos esclarecimentos, escrita pelo Sr. J.-B. Main, Doutor em Direito e membro de diversas sociedades de sábios, e dirigida ao Diretor da *L'Union spirite bordelaise*, Sr. Auguste Bez, que não se fez de rogado e a publicou, imediatamente, na sua *Revue*. Lembro ao leitor que o Sr. Main foi um dos Presidentes honoráveis do *Banquete espírita bordelense*, de 1867, quando da visita de Kardec a esta cidade. A certa altura de sua carta, escrevendo sobre este tema da proibição das evocações, informa:

“Estes ensinamentos foram dados, de maneira inesquecível, na reunião de um grupo de espíritas de Bordeaux, em 11 de agosto de 1862, pelo Espírito Siméon, a um dos médiuns mais estimados e interessantes que possui o espiritismo, a Sra. Émilie Collignon” (*L'Union*, 1º ano, nº 10, 8 de agosto de 1865, p. 228).

Não há só competência mediúnica, mais há, também, *estima*, e isto é tanto quanto, ou mais importante ainda.

Allan Kardec, sem conhecer a mensagem, foca luz definitiva sobre o assunto, no artigo *Da proibição de evocar os mortos* (RS, FEB, 1863, outubro, pp. 421-424). De alguma forma, esta mensagem chegou às mãos do Prof. Rivail, surpreendendo-o a *concordância das idéias*. Outras mensagens, de diversos lugares, foram obtidas no mesmo sentido, porém foi esta que Allan Kardec optou por publicar, como complemento e coroamento de seu artigo, na *Revue Spirite*:

“Nota – Esta comunicação foi dada num grupo espírita de Bordeaux, em resposta à pergunta acima. Antes de a conhecer, tínhamos feito o artigo precedente, sobre o mesmo assunto. A despeito disto, nós a publicamos, precisamente por causa da concordância das idéias. Muitas outras, em diversos lugares, foram obtidas no mesmo sentido,

o que prova a concordância dos Espíritos a este respeito. Esta objeção cairá por si mesma, visto não ser mais sustentável do que as demais que se opõem às relações com os Espíritos” (RS, FEB, 1863, outubro, p. 424).

Vamos transcrever esta mensagem na íntegra. Antes, quero lembrar que quem ditou a mensagem foi o Espírito Siméon, aquele que, mediunizado, ergueu o *menino* (?) Jesus nos braços, no Templo de Jerusalém (Lc. 2: 22-35). Porém, dada as suas dimensões espirituais desta entidade, a mensagem foi transmitida à médium Collignon através do apóstolo e evangelista Mateus, que agiu como um *transformador* espiritual. Foi uma *descida das idéias*, como chama Pietro Ubaldi, onde foi preciso adaptar vibrações, conceitos e palavras, segundo às referências do mundo dos mortais. Passemos ao texto:

“Será o homem tão perfeito que julgue inútil medir suas forças? E sua inteligência tão desenvolvida que possa suportar toda a luz?”

“Quando Moisés trouxe aos hebreus uma lei que os pudesse tirar do estado de escravidão em que viviam e neles reavivar a lembrança de Deus, que haviam esquecido, viu-se obrigado a lhes graduar a luz de acordo com a sua vista, e a ciência conforme sua capacidade de entendimento.

“Por que também não perguntais: Por que Jesus se permitiu refazer a lei? Por que disse: “Moisés vos disse: Olho por olho, dente por dente; eu, porém, vos digo: Fazei o bem aos que vos querem mal: bendizei os que vos amaldiçoam, perdoai os que vos perseguem?”

“Por que disse Jesus: “Moisés disse: Aquele que quiser deixar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: Não separeis o que Deus uniu?”

“Por quê? É que Jesus falava a Espíritos mais adiantados do que a encarnação em que se encontravam ao tempo de Moisés. É preciso adaptar a lição à inteligência do aluno. É que vós, que perguntais, que duvidais, ainda não chegastes ao ponto em que deveis estar e ainda não sabeis o que sereis um dia.

“Por quê? Então perguntai a Deus por que criou a erva do campo, da qual o homem civilizado da Terra chegou a fazer seu alimento? Por que fez árvores que só deveriam crescer em certos climas, em certas latitudes e que o homem conseguiu aclimatar por toda parte?”

“Moisés disse aos hebreus: “Não evoqueis os mortos!” como se diz às crianças: “Não toqueis no fogo!”

“Não foi a evocação entre os egípcios, os caldeus, os moabitas e todos os povos da Antigüidade que, pouco a pouco, tinha degenerado

em idolatria? Eles não tiveram força de suportar a ciência e se queimaram; mas quis o Senhor preservar alguns homens, a fim de que pudessem servir e perpetuar seu nome e sua fé.

“Os homens eram pervertidos e predispostos às evocações perigosas. Moisés preveniu o mal. O progresso deveria ser feito entre os Espíritos, como entre os homens; mas a evocação ficou conhecida e praticada pelos príncipes da Igreja. A vaidade e o orgulho são tão velhos quanto a Humanidade; assim, os chefes da sinagoga usavam a evocação e, muitas vezes, a usavam mal; por isso, muitas vezes se abateu sobre eles a cólera do Senhor.

“Eis por que disse Moisés: “Não evocai os mortos.” Mas a própria proibição provava que a evocação era usual entre o povo e era ao povo que ele proibia.

“Deixai, pois, falar, os que perguntam por quê? Abri-lhes a história do globo, que cobrem com seus passos miúdos, e perguntai-lhes por que, depois de tantos séculos acumulados, patinam tanto e avançam tão pouco? É que sua inteligência não está bastante desenvolvida; é que a rotina os constringe; é que querem fechar os olhos, apesar dos esforços feitos para lhos abrir.

“Perguntai-lhes por que Deus é Deus? Por que o Sol os ilumina?

“Que estudem, que busquem, e, na história da Antigüidade, verão por que Deus quis que tal conhecimento em parte desaparecesse, a fim de renascer com mais brilho, na época em que os Espíritos encarregados de o trazer tivessem mais força e não falhassem sob o seu peso.

“Não vos inquieteis, meus amigos, com perguntas ociosas e objeções sem motivo que vos fazem. Fazei sempre o que acabais de fazer: perguntai e responderemos com prazer. A ciência é de quem a busca e surge para se mostrar a quem procura. A luz ilumina os que abrem os olhos, mas as trevas se condensam para os que os querem fechar. Não é aos que perguntam que se deve recusar, mas aos que fazem objeções com o único objetivo de extinguir a luz ou porque não ousam encará-la. Coragem, meus amigos, estamos prontos para vos responder todas as vezes que isto se tornar necessário”.

Simeão, *por* Mathieu
(RS, FEB, 1863, outubro, pp. 425-7).

A partir de 3 de abril de 1864 surge, talvez, a primeira produção espírita mediúnica, publicada em série, na imprensa especializada na Doutrina, segundo Kardec. Estas matérias formariam, em breve, a brochura *L'éducation maternelle*, ditada pelo Espírito Etienne, através da abençoada mediunidade de Émilie Collignon. Elas foram, a partir desta data, publicadas no periódico

Le sauveur des peuples, sobre a direção segura do Sr. Armand Lefraise, desde o seu nº 10 até o nº 14, em 1º de maio de 1864.

Esta obra foi muito saudada no movimento espírita nascente, carente ainda de temas tão aconchegantes e esclarecedores. O Espírito Etienne era desconhecido do médium (*et qui est inconnu du médium*), e deu as suas instruções, em tudo por tudo, coerentes com os postulados do Espiritismo, verdadeiras colunas que se encontram nas obras básicas *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*.



Le sauveur, nº 10, domingo, 3 de abril de 1864, parte da página 3

Em conjunto, no mesmo número, *Le sauveur* inicia a publicação de um dos poemas mais lindos produzidos pelas luzes do Espiritismo, intitulado *Le corps et l'esprit* (*O corpo e o espírito*), ditado ao médium Sr. J. C. A. R., um dos mais atuantes nos jornais espíritas da cidade de Bordeaux. A publicação dele começou, então, no nº 10, e foi concluída em 8 de maio de 1864, no nº 15. Esta produção mediúnica, sem a declinação do nome do Espírito comunicante, fará parte da brochura, numa parceria dos médiuns Sra. Émilie Collignon e Sr. J. C. A. R., e a obra se chamará: *Enseignements médianíques – L'éducation maternelle, conseils aux mères de famille – Le corps et l'esprit*.⁴⁷

⁴⁷ Esta obra já está traduzida para o português, a nosso pedido, pelos Srs. José Antonio de Carvalho e José Augusto de Carvalho, e publicada no jornal espírita *A voz do caminho*, de Vitória, ES. Em breve disponibilizaremos uma cópia na Internet, na *page* da *Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes*.

LE SAUVEUR DES PEUPLES

Jusqu'au moment où ses frêches couleurs se fient, où sa tige,
privée de suc fertilisant qui l'aurait fait vivre, se penche?...
Hélas! la solitude se fait alors autour d'elle! l'ennui la prend, elle
regrette le passé, pleure sur le présent, s'affrôle de l'avenir.
Pourquoi? Parce que tout en elle s'adresse aux yeux, rien au
cœur, à la raison, à l'esprit. Heureux encore lorsque ces aban-
dons ne font pas naître une amerlaine qui se regardé en regards
mortelles, en méchantes propos, en calomnies mépris, contre les
femmes plus jeunes qui sont venues à leur tour répandre leur
dilaté déshonneur! Heureux quand cette amerlaine ne rend pas
l'épouse acariâtre, la mère jalouse de sa fille, servante des diables
que son fils prodigue à la jeunesse, à la beauté qu'elle n'a plus!
Ah! faites donc la femme libre de préjugés, pour avoir la
bonne fure dans l'intérieur! Faites des mères qui préparent au
siècle à venir des hommes pieux, et filles des femmes pieuses et
sérieuses!...

(La suite au prochain numéro.)

ÉPIQUE.

LE CORPS ET L'ESPRIT

Métier: M. L. C. A. R.

Mérite avait plongé son nez dans le sommeil;
Son nez, affaibli de ce long sommeil,
Voulait s'émanciper et vaguer dans l'espace,
Abandonnant son corps comme un nid le place.
Il rêvait, libre enfin, s'élevait dans les airs.
Mais un sommeil, un caprice, un esprit
lui survint sans savoir à quel point le surprit.

* Ce qu'un monde rêvait sous des ailes vides...
* — Je te fais rêver. Tu fais rêver à des rêves,
* Des ailes, des paroles, des pleurs et des rêves;
* Je voulais les ailes et connaître leur sort;
* Car tout ne doit pas, comme on croit, à la mort!
* Le vie est une aile, c'est une aile dure
* Qui rend l'esprit meilleur, dans laquelle à s'élever.
* Il faut vivre sereine, sereine des morts,
* Pour aller de Dieu d'une seule immortalité...
* Je ne dois pas mourir, mais parler et me lever
* Et vivre de chaque des années sereines;
* Puis, vouloir s'élever sur les différents lieux
* Qu'on a vus les anges respalés, immortels,
* J'ai d'un monde à l'autre et je vis la vie des choses... »
(A continuer.)

VARIÉTÉS

La question de la liberté des cultes et de la liberté de con-
science, agitée dans nos assemblées parlementaires, a son réinté-
ressement au sein. Nous ne pouvons résister au désir de reproduire
in extenso le dispositif du décret par lequel l'empereur du Maroc
donne un haut exemple de tolérance et d'impartialité, que nous
aimons à rencontrer chez les sages souverains, car c'est la dé-
monstration irréfutable de la loi du progrès humanitaire.
Nous trouvons ce décret dans le journal le *Tahy*, publié à Médjah
(Algérie).
«... Nous ordonnons que tous les Juifs qui résident dans

Le sauveur, n° 10, domingo, 3 de abril de 1864, parte da página 4

ENSEIGNEMENTS MÉDIANIMIQVES

L'ÉDUCATION MATERNELLE

CONSEILS AUX MÈRES DE FAMILLE


LE CORPS ET L'ESPRIT

Prix : 50 centimes; — par la poste, 60 centimes.

SE VEND :

Au Bureau du Journal LE SAUVEUR DES PEUPLES,
27, cours d'Aquitaine, Bordeaux.

PARIS : E. BOUVEN.
Louvain-Borvais.
St. Calixte d'Orléans, Palais-Royal.

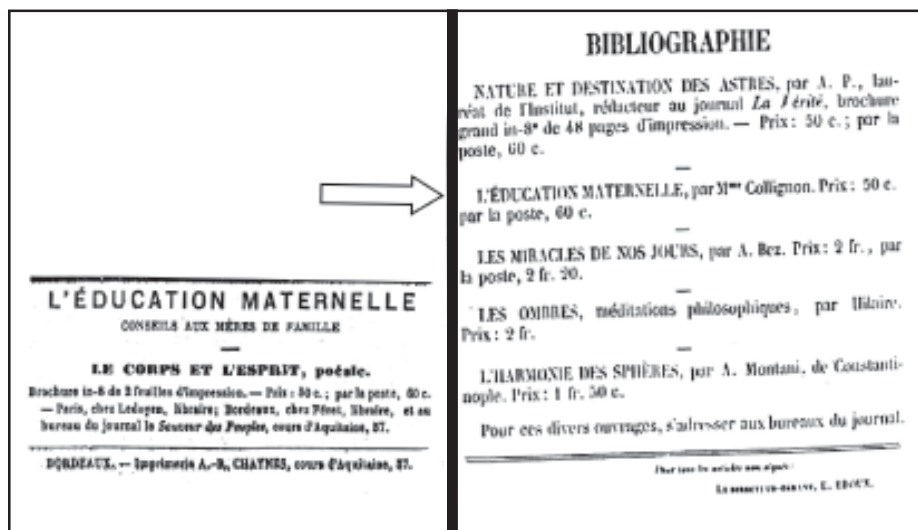
BORDEAUX : PERET, Lemaire.
18, Forcée de l'Indépendance,
et chez les principaux Libraires.

1864

Brochura dos médiuns Émilie Collignon e J. C. A. R. – Prefácio A. Lefraise

Nesta brochura, também foi incluído o poema *Le fleuve de la vie*, captado pelo mesmo médium. Ele já havia sido publicado no *Le Sauveur*, n° 17, de 22 de maio de 1864, p. 4. Aliás, este médium, Sr. J. C. A. R., recebeu diversos poemas lindíssimos, que foram inseridos em diversos periódicos espíritas. O prefácio da brochura é do editor do periódico, Sr. A. Lefraise, e está datado de 20 de maio

de 1864. A BNF – *Bibliothèque Nationale de France* registra este livro como sendo de autoria do editor, Sr. Lefraise, já que o livro não registra autor ou autores na *página de rosto*.



Le sauveur (Bordeaux)

La vérité (Lyon)

Allan Kardec fez questão de dar a notícia desta obra num grande destaque na *Revue Spirite*, na seção *Notícias bibliográficas*. A matéria se intitula *A educação materna – conselhos às mães de família*. Como se pode ver, ele não dá destaque, no título desta nota, para o poema *O corpo e o espírito*.

Inicialmente, em nota de rodapé, há as informações: Brochura in-8°; Preço 50 c – Paris: Ledoyen, Palais-Royal, .galerie d´Orléans, nº 31. – Bordeaux: Feret, 15, Fossés-de-l´Intendance, e no escritório do jornal *Sauveur*, 57, cours d´Aquitaine.

Destaco que a obra foi lançada, em Paris, no mesmo local do lançamento de *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec. Outra informação importante é que era vendida, em Bordeaux, pelo famoso livreiro Feret, que também distribuiu a 2ª tiragem da obra *Les quatre Évangiles*, de 1882.



Palais Royal – 1853

Allan Kardec, então, comenta, numa crítica rica em elogios:

“O opúsculo é produto de instruções mediúnicas, formando um conjunto completo, ditadas à Sra Collignon, de Bordeaux, por um Espírito que se assina *Etienne*, desconhecido da médium. Essas instruções, antes publicadas em artigos avulsos pelo jornal *Sauveur*, foram reunidas em brochura.

“É com prazer que aprovamos esse trabalho sem reservas, tão recomendável pela forma, quanto pelo fundo: estilo simples, claro, conciso, sem ênfase, nem palavras vazias de sentido; pensamentos profundos, lógica irreprovável, é bem a linguagem de um Espírito elevado, e não esse estilo verboroso de Espíritos que julgam compensar o vazio das idéias pela abundância das palavras. Não tememos fazer estes elogios, porque sabemos que a Sra. Collignon não os tomará para si e que seu amor-próprio não será superexcitado, assim como não se melindraria com a mais severa crítica.

“Nesse escrito, a educação é encarada sob seu verdadeiro ponto de vista em relação ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerado desde o berço até o seu estabelecimento no mundo. As mães espíritas, melhor que todas as outras, apreciarão a sabedoria dos conselhos que encerra, razão por que recomendamos como uma obra digna de toda a sua atenção” (RS, FEB, 1864, julho, p. 302).

Inicialmente, penso que a palavra *aprovação* está no sentido, apenas, de concordância com o conteúdo e a forma do livro. Não se deve supor que ela tenha a força de um julgamento absoluto, que tanto pode *aprovar-salvar* ou *reprovar-condenar*. Kardec não era homem deste tipo:

“Proibir um livro é provar que o tememos” (RS, FEB, 1861, fevereiro, p. 79).

Bem, só foi uma ressalva. Felizmente, Kardec só encontra elogios para a obra do Espírito Etienne; inclusive, recomenda-a às mães espíritas, porque a educação, nesta obra, é encarada no seu verdadeiro ponto de vista. Ora, vindo esta opinião do Prof. Rivail, o destacado educador de Paris, discípulo fiel de Pestalozzi, não há dúvida de que a obra recebeu o maior elogio e apoio. Apoio de quem conhecia de perto o assunto, porque educava.

Outro ponto que merece comentário é quando ele tece elogios. Diz que Collignon não os tomará para si, e que seu amor-próprio não será excitado. Lembra, também, que, num possível caso de severa crítica, ela não se ofenderia. Como Kardec sabe disso? Ele conhecia Collignon a fundo? Sabia qual era o seu tipo de reação? Mantinha com esta senhora uma relação constante? Eis mais uma prova de que Kardec, não só a conheceu, pessoalmente, mas era bem informado sobre seus trabalhos, sua aplicação doutrinária, seu tipo de pessoa. Conhecia o cadastro e as colaborações constantes, enviadas por cartas, deste atuante membro da *Sociedade Espírita de Paris*. Kardec não sairia rasgando elogios à toa. Sabia o que estava falando e para quem estava falando.

Por fim, escreve sobre o poema:

“A brochura é rematada por um pequeno poema: *O corpo e o espírito*, também mediúnico, que mais de um autor de renome poderia assinar sem receio” (p. 302).

Infelizmente, Kardec não registra o nome do médium deste poema espiritual. A própria brochura também não registra. Mas o seu nome está lá no *Le sauveur*.

Ele ainda fala em *um pequeno poema (un petit poème)*. Tudo é muito relativo, nesta opinião pessoal de Kardec. Do poema ele apenas transcreve 40 versos (pp. 303), de um total de 398. O adjetivo *pequeno* não representa bem a extensão e a profundidade do poema que *mais de um renomado poeta o subscreveria sem receio*.

Émilie Collignon contribuiu muito mais. 1864 foi um ano de graças abundantes para o Espiritismo e para a médium de *Les quatre évangiles*. No mesmo mês de abril, em que vimos surgir na imprensa o seu *L'Éducation maternelle*, é lançado, outro novíssimo periódico bordelense, *La lumière*, no dia 7 (quinta-feira), também sobre a direção do Sr. Armand Lefraise.

Nela é publicada uma nova série de artigos de Émilie Collignon, não mediúnica, mas, com certeza, inspiradíssima, intitulada: *Entretiens familiers sur le spiritisme (Conversas familiares sobre o espiritismo)*. Estas publicações se iniciam no primeiro número de *La lumière* e só terminam em 15 de março de 1865 (nº 24). Como se vê, a série é longa, e é dividida em duas partes: As *conversas*, encerradas em 1º de janeiro de 1865 (nº 19) formam a primeira parte. Em seguida, vem uma segunda parte, com uma série de profundas e significativas mensagens mediúnicas, por diversos Espíritos, até o nº 24 do periódico.

Émilie foi de uma felicidade indizível. Didática, repassa os principais pontos doutrinários, com ênfase sobre a educação mediúnica. É uma espécie de síntese de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns*. No que ela escreveu, e na forma como escreveu, observa-se total segurança, tão necessária para o bom desempenho de uma missão na seara do serviço mediúnico com Jesus.

Émilie mostra todo o seu carinho e respeito pelo Codificador, dedicando-lhe este trabalho:

“AO SENHOR ALLAN KARDEC

“Caro e honorável mestre.

“Em lhe oferecendo este resumo dos preceitos que foram por vós estabelecidos, não pretendo me prevalecer, aos olhos de nossos irmãos, da autoridade de vosso nome, mas lhe conceder, publicamente, o testemunho de meu profundo reconhecimento pela fé viva que fui buscar em todas as vossas obras, que me serviram de base para este pequeno opúsculo.

“Receba, caro mestre, a garantia renovada de minha fraternal simpatia”.

É. Collignon

Meu Deus! Quanto reconhecimento, agradecimento e amor!

Puisse-t-il tous les hommes qui veulent sincèrement à l'avancement, au progrès de l'humanité, consacrer leurs forces et leurs talents à l'accomplissement de sa mission sur la terre...

De Madame Collignon, A. LEFRAISE, auteur, éditeur, etc.

Mais commençons à parler aujourd'hui un langage sacré de la doctrine du spiritisme, par M^{lle} E. Collignon.

Voilà le genre de langage que j'ai placé l'ouvrage... Au milieu de ce groupe de personnes de bonne volonté, désireuses de connaître la vérité sur ce qu'on dit du Spiritisme...

A Madame Collignon, Cher Monsieur, Vous m'avez offert en cadeau des préceptes que vous avez mis au jour, je ne saurais pas me prévaloir des yeux de nos frères de l'autorité de votre nom...

ENTRETIENS FAMILIERS SUR LE SPIRITISME

Cher frère, Les préceptes que j'ai écrits sont bons, pour être et fertiles; ils ont été écrits pour servir de guide à ceux qui ont besoin de la lumière de la doctrine que nous professons...

Puisse ne point fléchir de nous écarter de la route tracée par notre vénéré chef, M. Allan Kardec, nous serons, comme les autres, sous sa direction, les frères des Espéris, les frères des Espéris, les frères des Espéris...

Je n'aurais pas osé entreprendre cette tâche si les bons esprits, qui veulent servir Dieu, ne s'y étaient pas engagés...

J'ai soumis ce travail au contrôle de notre guide, M. Kardec, qui l'a approuvé comme matérialiste dans l'emploi des préceptes. De plus, j'ai pu, la plus grande partie des renseignements des communications que j'avais reçues précédemment; j'en transcris quelques-unes à la suite de vos réflexions.

QUEST-UN OUVRIER SPIRITISME

Madame : M^{lle} E. L'intérêt commun exige de grandes précautions; ainsi, quand vous venez d'écouter l'ouvrage de vos entretiens avec moi, qui n'était pas supposé à la vérité que vous deviez pratiquer, et surtout vous adresser dans vos expressions...

La lumière, 1º ano, nº 1, 7 de abril de 1864 O prefácio de A. Lefraise, a dedicatória a Allan Kardec e a Introdução de E. Collignon

A segunda parte das comunicações espíritas é intitulada *Disseratações medianímicas – Dictées à Madame Collignon – à l'appui du travail qui précède*. São ao todo oito (8) mensagens: 1º) *Allez et instruisez les hommes*, do Espírito Joseph; 2º) *Utilité du spiritisme*, [Espírito não identificado]; 3º) *Du culte*, do Espírito Lazare; 4º) *Origine de l'âme dans la Gênes*, do Espírito Siméon, pour Matthieu; 5º) *Où se trouve la justice du Seigneur*, do Espírito Jean, évangéliste; 6º) *L'indulgence*, do Espírito Joseph; 7º) *Le spiritisme pratique*, do Espírito Dufêtre, évêque de Nevers; e 8º) *Chrétien de coeur*, do Espírito Joseph.

Terminada a publicação em série, todo o material foi organizado numa brochura publicada em 1865, e impressa e distribuída em Bordeaux pela Chez Feret et Bardet librairie e, em Paris, pela Chez Ledoyen librairie, 31, Galerie d'Orléans.



La lumière, 1^o ano, n^o 2, 21 de abril de 1864
1^o artigo da série *Entretiens familiers sur le spiritisme*⁴⁸

Ressalto que, na brochura, não constam os nomes de todos os Espíritos comunicantes. Todo este levantamento das identidades fizemos nos jornais *La lumière*, *Le sauveur* e em *O evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec; este último não cita o nome do médium, mas registra o do Espírito e a cidade de origem do ditado mediúnico. A única mensagem em que não consegui identificar o nome do Espírito foi a segunda, *Utilité du spiritisme*.

⁴⁸ Esta obra já está traduzida para o português, a nosso pedido, pelos Srs. José Antonio de Carvalho e José Augusto de Carvalho, e publicada no jornal espírita *A voz do caminho*, de Vitória, ES. Em breve disponibilizaremos uma cópia na Internet, na *page* da *Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes*.



Entretiens familiais sur le spiritisme



Anúncio no *Sauveur*

Allan Kardec fez questão de anunciá-la, numa saudação muito rica de elogios:

“Temos a satisfação e o dever de chamar a atenção dos nossos leitores para essa brochura, que apenas anunciamos no último número, e que inscrevemos com prazer entre os livros recomendados. É uma exposição completa, embora sumária, dos verdadeiros princípios da doutrina, em linguagem familiar, ao alcance de todos, e sob uma forma atraente. Fazer a análise desta produção seria fazer a de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns*. Assim, não é por conter idéias novas,⁴⁹ que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a doutrina” (RS, FEB, 1865, setembro, pp. 382).

Mas o ano de 1864 proporciona muito mais bênçãos. Que ano! Em abril, como um sol de rara beleza, brilha *O evangelho segundo o espiritismo*. Que abril! Trabalho muito meditado por Allan Kardec, na psicofera bucólica de Sante-Adresse. Numa casa circundada por jardins, cercada de árvores e flores, Kardec, em solidão, respirando calma e tranqüilidade, concebeu o plano inspirado por seus guias, e elaborou, em comum acordo com eles, *o livro áureo do espiritismo*. Diz um amigo espiritual para Allan Kardec:

“Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já se lhe pode ver a cúpula a desenhar-se no horizonte” (*Obras póstumas*, Allan Kardec. Rio de Janeiro: FEB, 1973, p. 309).

Em 1º de maio deste ano, o clero gritou: *heresia!* Aliás, como os mentores de Kardec já lhe haviam anunciado (*Obras póstumas*, p. 308). Os espíritas, até hoje, não temos palavras para agradecer às *grandes vozes do Céu!*

Aqui, em especial, penso na Sra. Émilie Collignon ao ver estampada, nesta obra, algumas mensagens captadas pela antena sensibilíssima de sua mediunidade. Não é com orgulho que traz à alma, é a alegria indescritível de *serva do Senhor*, de se sentir aceita, como operária da *grande causa da ressurreição do Evangelho do Cristo, em espírito e verdade*.

⁴⁹ Será que já havia chegado em Paris, nos ouvidos de Allan Kardec, que a Sra. Émilie Collignon estava produzindo um livro que traria *revelações novas* ao acervo já codificado da Doutrina, como um complemento? Penso que sim. E há razões para isso. Falaremos mais, quando analisarmos os anúncios sobre o lançamento de *Os quatro evangelhos*, na imprensa especializada. Aqui, Kardec não está dizendo que, se essa brochura tivesse idéias novas, não seria aceita. Kardec não tinha o espírito misoneísta.

Já citamos que a cidade de Bordeaux contribuiu com 27 mensagens para *O evangelho segundo o espiritismo*. Destas, Émilie Collignon contribuiu com várias, mas, infelizmente, só podemos provar duas participações, o que, convenhamos, uma já era mais que suficiente. Mas há muitas possibilidades:

1º) *A beneficência*: do Espírito Jean, Bordeaux, 1861. Este foi o ano em que ela entrou para o Espiritismo, e que esteve com Kardec, pessoalmente, em sua residência. Na sua obra *Entretiens sur le spiritisme*, ela psicografa outra mensagem de Jean. Em fins de dezembro, ela começa a captar *Les quatre évangiles*, que os evangelistas, entre eles Jean, ditavam. Porém, não temos a certeza de que esta mensagem de *O evangelho segundo o espiritismo* tenha sido captada por ela. Há, inclusive, a possibilidade da dúvida de que este Jean fosse outro Espírito e não o evangelista.

2º) *Perdão das ofensas*: do Espírito Siméon, Bordeaux, 1862. Conhecemos mais duas mensagens do espírito Siméon para Émilie: a primeira, recebida também em 1862, foi publicada na *Revue Spirite*, por Kardec; é sobre a proibição de Moisés de se evocar os mortos. A outra encontra-se no seu *Entretiens sur le spiritisme*, e intitula-se *Origine de l'âme dans la Gênesse*.

3º) *A indulgência*: do Espírito Jean, év. de Bordeaux, Bordeaux, 1862. É apenas intuição de minha parte.

4º) *A fé mãe da esperança e da caridade*: de Joseph, Esprit protecteur, Bordeaux, 1862. Este é o mentor de Émilie Collignon, e ditou, com certeza, através dela, uma mensagem para *O evangelho segundo o espiritismo*.

5º) *Dever-se-á pôr termo às provas do próximo?*: de Bernardin, Esprit Protecteur, Bordeaux, 1863. Kardec publicou uma mensagem deste Espírito, por este médium, na *Revue Spirite*, que se intitula *O espiritismo filosófico*.

6º) *Pelas obras é que se conhece o cristão*: do Espírito Siméon, Bordeaux, 1863. Ver as explicações no item 2º.

Passemos às duas mensagens que, indiscutivelmente, foram psicografadas por Collignon. A primeira denomina-se *L'indulgence* (*A indulgência*), e foi, segundo Allan Kardec, ditada em Bordeaux, no ano de 1863, por Joseph, Esprit protecteur. Fora de *O evangelho segundo o espiritismo*, a encontramos publicada, pela primeira vez, no periódico *La lumière*, nº 24, de 15 de março de 1865, p. 3. Aqui, há a informação do nome do médium, Émilie Collignon, mas não há registro da entidade comunicante. Depois, ela é publicada na brochura *Entretiens sur le spiritisme*, pp. 83-4; evidentemente com o nome do médium Émilie Collignon, mas ainda sem o nome do

Espírito. Então, é por Kardec que ficamos sabendo que a entidade assinou a mensagem como Joseph, Espírito protetor.

Não há necessidade de reforçarmos a beleza e a profundidade da mensagem; basta saber onde Kardec a publicou. É mais que suficiente! Porém, há algo mais: Allan Kardec, com o bom senso que lhe é próprio, e em *comum acordo* com a Espiritualidade Maior, que o assistia, no recolhimento em Sante-Adresse, faz alguns retoques de editoração, na mensagem, visando, penso, a uma melhor fluência. Por isso, corta e inclui palavras, muda a pontuação, retira frases, e, com a mensagem ajustada aos interesses do capítulo X, *Bem-Aventurados os que são misericordiosos*, a imortaliza em *O evangelho segundo o espiritismo*. Aliás, ele comenta estas editorações especiais:

“Os espíritos sempre nos têm dito: Ligai-vos ao fundo e não à forma; para nós, o pensamento é tudo; a forma, nada. Corrigi, pois, a forma, se quiserdes. Nós vos deixamos esse cuidado” (RS, FEB, 1860, junho, p. 283).

Vamos transcrever a mensagem, na íntegra, segundo o original do Espírito Joseph, conforme a jornal *La lumière* e a brochura *Entretiens sur le spiritisme*:

A INDULGÊNCIA

“Espíritas: queremos falar-vos hoje da indulgência, sentimento doce e fraternal, que todo homem deve alimentar para seus irmãos, mas do qual bem poucos fazem uso.

“A indulgência não vê os defeitos de outrem, ou, se os vê, evita falar deles, divulgá-los de casa em casa. Ao contrário, oculta-os, a fim de que se não tornem conhecidos senão dela unicamente, e, se a malevolência os descobre, tem sempre pronta uma escusa para eles, escusa plausível, séria, não das que, com aparência de atenuar a falta, mais a evidenciam com pérfida intenção.

“A indulgência jamais se ocupa com os defeitos de outrem, a menos que seja para prestar um serviço, mas, mesmo neste caso, tem o cuidado de disfarçá-los para que não sejam notados.

“A indulgência não faz observações chocantes, não tem nos lábios censuras; apenas conselhos e, as mais das vezes velados, seja pelo manto do gracejo, seja pelo abrigo de uma alegoria, de uma anedota contada, de um exemplo citado ao acaso.

“Espíritas, sede indulgentes quando julgares vossos irmãos e, também, quando lhes disserdes: ele errou, isto é mal; ele não deveria ter dito isto, feito aquilo etc.

“Pobres cegos! Qual é o âmago de vosso pensamento ao criticar? Que conseqüências se há de tirar das vossas palavras? É que vós, vós que censurais, vós não teríeis feito nem isto, nem dito aquilo. Ou, então, que valeis muito mais do que o culpado que sobrecarregais com a vossa reprovação. Ó humanidade! Que só vê os erros dos outros, e que fecha obstinadamente os olhos sobre as próprias faltas! Quando será que julgarás teu próprio coração, teus próprios pensamentos, teus próprios atos, sem te ocupares com o que fazem teus irmãos? Quando só terás olhares severos sobre ti mesmo?”

“Amigos, julgai vós mesmos, jamais julgueis os outros. Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros. Lembrai-vos daquele que julga em última instância, que vê os pensamentos mais secretos de cada um e que, por conseguinte, desculpa muitas vezes as faltas que censurais, porque conhece o móvel de todos os atos; e vós, que clamaís em altas vozes, ANÁTEMA, tereis, quiçá, cometido faltas mais graves.

“Sede indulgentes, meus amigos, porquanto a indulgência atrai, ergue, acalma, ao passo que o rigor desanima, afasta e irrita”

Joseph, Espírito protetor.

A segunda mensagem, Kardec a inclui, também, no capítulo X de *O evangelho segundo o espiritismo*, indicando que foi ditada em Bordeaux, pelo Espírito Dufêtre, évêque de Nevers, mas sem informar a data. Aí, ela recebe o título geral, juntamente com outras mensagens, de *L'indulgence (A indulgência)*. No jornal *La lumière*, nº 24, de 15 de março de 1865, p. 3, ela é republicada com a identidade do Espírito, mas com o nome do médium abreviado: Mme. C... . Outra informação: aí ela recebe a denominação de *Le spiritisme pratique (O espiritismo prático)*. Depois, ela é reeditada na brochura *Entretiens sur le spiritisme*, pp. 84-5; evidentemente com o nome do médium, Sra. Émilie Collignon, porém sem a identidade do comunicante. Ai também se chama: *Le spiritisme pratique*. A data do ditado não é informada em nenhum lugar, ficando entre 1861, ano em que Émilie entra para a seara espírita, e início de 1864; pois, em abril deste ano, ela aparecerá em *O evangelho segundo o espiritismo*.

Assim, reunindo todas as informações, como um quebra-cabeça – a história é um juntar de caquinhos –, temos que esta mensagem foi ditada pelo Espírito Dufêtre, bispo de Nevers, à médium Émilie Collignon, em Bordeaux, com o título de *O espiritismo prático*, e publicada, primeiramente, por Kardec, em abril de 1864, em *O evangelho segundo o espiritismo*, no capítulo X, *Bem-aventurados os misericordiosos*. Não há registro da data do ditado.

Esta comunicação também sofre retoques de editoração, feitos por Kardec, visando, penso, a uma melhor fluência. Por isso, ele corta e inclui palavras, muda a pontuação e retira frases, até seu ajuste final. Vamos transcrevê-la conforme ditada pelo Espírito Dufêtre:

ESPIRITISMO PRÁTICO

“Caros amigos, sede severos para convosco, indulgentes para com as fraquezas dos outros; esta é uma prática sublime da santa caridade, que poucas pessoas observam; todos vós tendes más tendências a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar para atingir o ápice da santa montanha do progresso. Por que, então, ser tão perspicazes para com o próximo e tão cegos para convosco? Desta forma, quando vós cessareis de perceber nos olhos de vosso irmão o cisco que o fere, para observar no vosso a trave que vos cega e que vos conduz de queda em queda até o apagar de vossas imperfeições? Acreditai nos vossos irmãos, os Espíritos: todo homem orgulhoso que acredita ser superior em espírito e em mérito aos seus irmãos encarnados é insensato e culpado; e Deus o punirá no dia de sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em ver superficialmente os defeitos dos outros e valorizar o que existe de bom e de virtuosos neles; pois seu coração humano é um abismo de corrupção, em alguns sempre haverá, em recantos bem escondidos, o germe de bons sentimentos, centelha viva da essência espiritual, criada do sopro vivificante do Mais-Alto.

“Oh doutrina consoladora e bendita! Espiritismo! Felizes aqueles que te conhecem e que aproveitam os salutares ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para esses, não há mais obstáculos a transpor, dificuldades a vencer. O caminho é luminoso e a vós é permitido ver, no seu final, as esplêndidas e graciosas belezas das moradas eternas onde deveis chegar. Então, coragem, meus seguidores! Atenção para não tropeçar nas pedras do caminho; caminhai firme através dos espinheiros, e não receais de ferir e de ensangüentar vossos pés nas asperezas que cobrem o rochedo abrupto das provas da vida terrena; pois, para vos consolar e fortificar nas fadigas e sofrimentos, postes indicadores de vosso avanço são erigidos por vossos guias, nos quais estão inscritos com letras de fogo: prática da caridade, caridade de coração, caridade para com o próximo como para si mesmo, caridade moral, caridade física, enfim amor e caridade para com todos, e amor a Deus acima de tudo, que será a última barreira que tereis de transpor para repousar vossas fadigas no seu seio, onde esperamos vos receber, impelidos pelo ferrão estimulante do Espiritismo prático”.

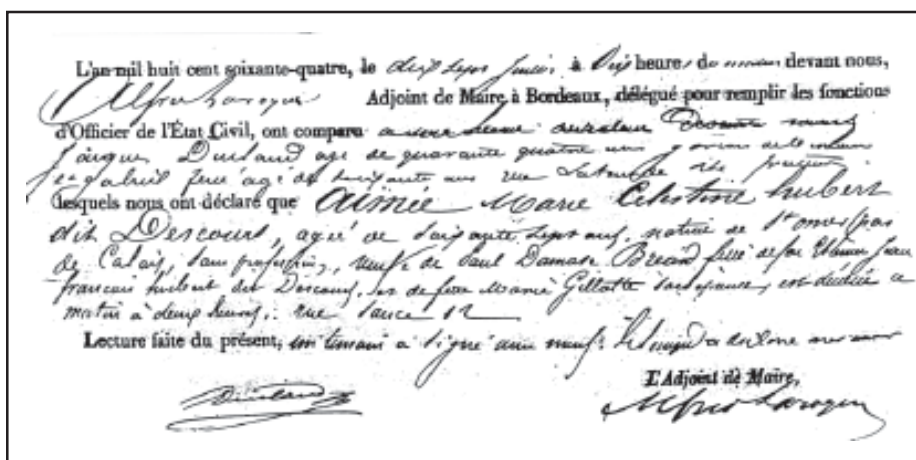
Dufêtre, bispo de Nevers.

Em 1864, outro fato relevante aconteceu na vida de nossa médium. No dia 17 de julho, às duas horas da manhã, desencarnou a mãe de Émilie Collignon, a Sra. Aimée Marie Célestine Hubert dit Descours, viúva Bréard, aos 67 anos de idade, em sua residência, na rue Sauce, 12.

O Evangelho anuncia, com relação a nós outros, que o nosso *tempo está sempre presente* (Jo 7: 6) para o fenômeno da morte, pois não sabemos o dia nem a hora. Porém, o crente, redivivo em Cristo, mesmo sem o controle do fenômeno, compreende-o e o aceita com esperança, pois sabe que a vida, em processo de evolução, é *devenir: nascer, morrer e renascer até que se tenha alcançado os limites da perfeição*, como se expressou o Sr. Emile Sabò.

Agora, como espírita, Collignon estava alicerçada neste *princípio* tão consolador e esclarecedor. A morte não é mais um mistério, um mergulho no incompreensível ou um *agulhão*. É um anúncio de *vitória*. Émilie, cheia de fé raciocinada, sabia disto muito bem, quando escreveu:

“Quanto a mim, pessoalmente, encontrei muita força e consolo na *certeza palpável* de que aqueles que nós amamos, e que choramos, estão sempre ao nosso lado, pregando o amor a Deus acima de tudo, o amor ao próximo” (RS, FEB, 1862, maio, p. 211).



Certidão de óbito de Aimée Bréard, mãe de Émilie Collignon

Pensando também assim, Allan Kardec resolve revolucionar os conceitos pessimistas do *dia dos mortos*, 2 de novembro, em dia de reunião comemorativa, pois eles desanuiam a saudade com a *certeza palpável* de suas presenças.

Assim, a *Sociedade de Paris*, a partir de 2 de novembro de 1864, passa a reunir-se, visando oferecer uma piedosa lembrança a seus *falecidos* colegas e irmãos espíritas. Na primeira dessas reuniões comemorativas, Kardec explica, seu objetivo, num discurso intitulado *Da comunhão do pensamento*:

“Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para dar àqueles dos nossos irmãos que deixaram a Terra, um testemunho particular de simpatia, para continuar as relações de afeição e de fraternidade, que existiam entre eles e nós, enquanto vivos, e para chamar para eles as bondades do Todo-Poderoso” (RS, Edicel, 1864, dezembro, p. 351).

Que lindo! *Continuar as relações de afeição*. Abençoada mediunidade! Lei de amor!

Kardec, didático, pergunta: Qual a utilidade de assim se reunir num dia determinado? E, ele mesmo responde:

“Comunhão de pensamentos!” (p. 351).

Sim, comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração:

“Ninguém pode desconhecer que o pensamento é uma força” (p. 352).

E nas reuniões homogêneas esta força se multiplica:

“Sendo a vontade uma força ativa, essa força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número de braços” (p. 353).

Isto é lógico, e funciona assim nos dois lados da vida:

“Temos visto o efeito desta comunhão de homem a homem. O Espiritismo nos prova que ele não é menor dos homens aos Espíritos, e reciprocamente” (p. 354).

E, mais:

“A *união faz a força*, axioma verdadeiro, tanto no moral quanto no físico” (p. 354).

As correntes positivas e homogêneas de uma reunião se somam com os eflúvios fluídicos salutareos dos bons Espíritos, favorecendo o fenômeno da aproximação espiritual:

“Descerão sobre eles como em língua de fogo, para nos servirmos de uma admirável imagem do Evangelho” (p. 354).

E continua Kardec a comentar, agora apoiado no ensino de Jesus-Cristo:

“Quando estiverdes diversos, reunidos em meu nome, eu estarei em vosso meio. Reunidos em seu nome, isto é, com um pensamento comum. Mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, palavras e atos” (355).

Por fim Kardec costura o tema de seu discurso com os objetivos da reunião em comemoração aos *mortos*:

“Sendo o nosso objetivo unirmo-nos em intenção para oferecer, em comum, um testemunho particular de simpatia aos nossos irmãos falecidos, poderia ser útil chamar nossa atenção para as vantagens da reunião” (p. 356).

Terminado o discurso inicial, foi feita uma *prece especial* para a circunstância:

“Glória a Deus, soberano senhor de todas as coisas!

“(…)”

“Sabemos que a morte do corpo não interrompe a vida do espírito, mas que lhe abre a verdadeira vida; que não rompe nenhuma afeição sincera; que os que nos são caros não estão perdidos para nós e que os encontraremos no mundo dos Espíritos. Sabemos que, enquanto esperamos, eles estão juntos de nós; que nos vêem e nos ouvem e podem continuar suas relações conosco”.

“Ajudai-nos, Senhor, a espalhar entre os nossos irmãos da Terra, que ainda estão na ignorância, os benefícios desta santa crença, porque ela acalma todas as dores, consola os aflitos, dá-lhes coragem, resignação e esperança nas maiores amarguras” (p. 357).

A seguir, o Presidente, Sr. Allan Kardec, dirige a seguinte alocução:

“Caros Espíritos de nossos antigos colegas Jobard, Sanson, Costeau, Hobach e Poudra:

“Convidando-vos a esta reunião comemorativa, nosso objetivo não é apenas vos dar prova de nossa lembrança que, bem sabeis, é sempre cara à nossa memória; vimos, sobretudo, felicitar-vos pela posição que ocupais no mundo dos Espíritos e vos agradecer as excelentes instruções que, de vez em quando, nos vindes dar desde a vossa partida” (pp. 357-8).

A esse testemunho de gratidão, Kardec acrescenta aos bons Espíritos que, habitualmente ou eventualmente:

“Vêm trazer-nos o tributo de suas luzes: João Evangelista, Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas-Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Laluze, Viannet – cura d’Ars – Jean Reynaud, Delphine de Girardin, Mesmer e os que apenas tomam qualificação de Espírito” (p. 358).

Por último agradece a São Luís:

“Devemos particular tributo de reconhecimento ao nosso presidente espiritual, que, na Terra, foi São Luis. Nós lhe agradecemos a bondade de ter tomado a nossa sociedade sob seu patrocínio e pelas provas evidentes de proteção, que nos tem dado. Nós lhe rogamos, igualmente, que nos assista nesta circunstância” (p. 358).

Kardec se dirige, ainda, aos Espíritos que não são espíritas:

“Nosso pensamento não pára em nossos irmãos em Espiritismo: todos os homens são irmãos, seja qual for a sua crença” (p. 359).

Finda a alocução, vieram mais preces:

“Ditas preces para cada categoria de Espíritos, com a designação dos nomes daqueles a quem eram dedicadas. Elas foram tiradas, em parte, da *Imitação do Evangelho*,⁵⁰ número 355 e seguintes. A série terminou pela oração Dominical desenvolvida, que está na *Revista espírita* de agosto de 1864”⁵¹ (p. 359).

A psicofera da reunião estava então preparada:

“Em seguida os médiuns se puseram à disposição dos Espíritos que quiseram manifestar-se. Não foi feita qualquer evocação particular” (p. 359).

⁵⁰ Nome da 1ª edição de *O evangelho segundo o espiritismo*.

⁵¹ Na edição Edicel, pp. 235-40.

Kardec transcreve as principais comunicações recebidas por diversos médiuns: João Evangelista, Sanson, Hobach, Lalouze, um Espírito desconhecido e ajudado por São José, Costeau, Santo Agostinho, Um Espírito, Aimée Bréard, de Bordeaux.

Uma festa de vivos em comunhão com *vivos*. Verdadeiro encontro de corações, ou, como diz o querido Humberto Leite de Araújo, fundador da *Aliança da Fraternidade*,⁵² a casa em que meu coração achou abrigo: *Corações em diálogos*.

Para os interesses deste livro, queremos nos debruçar sobre a comunicação deste último Espírito desta lista: Aimée Bréard, de Bordeaux. É a mãe da Sra. Émilie Collignon, que desencarnou em 17 de julho deste mesmo ano. Quantas alegrias a nossa médium não sentiu em seu coração. Que conforto indizível proporciona o espiritismo com Jesus.

O médium que recebeu a mensagem foi a Sra. Delanne, esposa do Sr. Alexandre e mãe do cientista Dr. Gabriel Delanne. Penso que, aqui, a comunicação foi favorecida por uma relação de simpatia. O leitor deve estar lembrado que o Sr. Alexandre Delanne visitou Bordeaux e o *Grupo da Sra. Collignon*, em torno de abril de 1864; logo, de três a quatro meses antes da desencarnação da Sra. Aimée Bréard. Outra informação é que ele estava numa longa viagem missionária por alguns países da Europa:

“Numa viagem bastante longa através do sul da França, indo mesmo até à Espanha e Portugal” (*Sauveur des peuples*, ano 1º, nº 11, domingo, 10 de abril de 1864, p. 2).

Custo acreditar que ele tenha feito esta viagem sem a companhia do coração e de atividade espirituais. Logo ela, a Sra. Delanne, que era tão atuante nos serviços mediúnicos da seara espírita.

Há mais uma informação que não deve ser desprezada. Na famosa carta que o Sr. Muller endereçou, no dia 31 de março de 1869, ao Sr. Finet, de Lyon, informando-o sobre a desencarnação de Allan Kardec, a certa altura ele descreve, referindo-se à intervenção de Alexandre Delanne:

“Delanne acudiu com toda a presteza, friccionou-o, magnetizou-o, mas em vão. Tudo estava acabado” (Allan Kardec, Thiesen e Wantuil, vol. III, pp. 119-21).

⁵² Rua Paula Brito, 715, Andaraí, Rio de Janeiro.

Excelente informação. Quem não irá supor que, sendo o Sr. Alexandre magnetizador, em companhia de sua dedicada esposa, a Sra. Delanne, quando em sua visita à casa da Sra. Collignon, não tenha medicado a sua mãezinha, a Sra. Aimée, com passes magnéticos? Ela já se encontrava doente há muitos anos e, agora, com a aproximação da desencarnação, encontrava-se mais enfraquecida. Nós hoje, também, não fazemos assim?

Eis uma relação de simpatia interessante entre o Espírito Aimée e a médium Sra. Delanne. Uma relação desta natureza favorece, sem dúvida, em muito, a sintonia vibratória. Passemos à mensagem transcrita por Kardec (pp. 364-5):

“Obrigado a todos, bem-amados irmãos, por vossa boa lembrança e vossas boas preces. Obrigado a vós, caro presidente, pela feliz iniciativa tomada, fazendo orar por todos, numa mesma comunhão de idéias e pensamentos. Sim, estamos todos aqui; ouvimos, felizes, vossas preces sinceras, dirigidas ao Pai de misericórdia, em favor de cada um de nós. Sim, estamos felizes porque a prece feita com sinceridade sobe a Deus e dele recebemos a força necessária para combater as más influências que os Espíritos levianos procuram fazer sentir aos que trabalham na obra santa. Essas preces foram para nós como um apelo solene, e nós nos achamos todos reunidos ao vosso lado. De longe, como de perto, corremos a esse feliz apelo. É de desejar que vosso exemplo seja seguido por todos os centros sérios, porque essas preces, feitas com tanto mais sinceridade e desinteresse, sobem a Deus como santos eflúvios e jorram sobre cada um de nós. Ainda uma vez obrigado, meus bons amigos e, posto que meu nome não tenha sido pronunciado, vedes que aqui estou. Isto deve provar que somos felizes e numerosos.

A mãe de um membro honorário de vossa Sociedade,

Aimée Bréard,⁵³ *de Bordeaux*
(Médium: Sra. Delanne)

A comunicação espontânea é sempre uma grande prova mediúnica.

⁵³ No original francês saiu Brédard, em evidente erro de impressão. Bréar, Bréard, Breard ou Brédard são variações do mesmo nome. Em Bordeaux, inclusive, havia um médium famoso que já citamos, Sr. Bréard (Seria parente de Émilie Collignon? Não nos esqueçamos de que a mediunidade é hereditária). Dele, os jornais bordelenses transcrevem inúmeras e excelentes mensagens mediúnicas. Havia também em Bordeaux um Sr. Brédard, empregado da *Empresa de Ferro do Midi*, residente na Rue Etables, 18, que colaborou com 3 francos numa lista em favor da *Liga de ensino* (*L'Union*, 3º ano, nº 1, 1867, julho, p. 31).

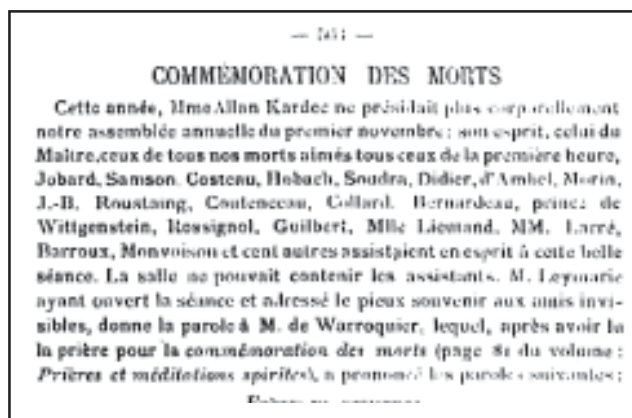
A informação do Espírito Aimée, de que sua filha é *um membro honorário da Sociedade Espírita de Paris*, só confirma o que já registramos, de que Émilie Collignon era um *membro correspondente* desta Sociedade.

Lembro que o sr. Alexandre viajava sempre a negócios e que nesta época sua esposa estava grávida de Ernest (RS, FEB, 1865, p. 200).

Estas reuniões, anuais, foram se fixando no calendário espírita, principalmente na França. Kardec manteve sempre esta sessão e, após a sua desencarnação, a Sra. viúva Rivail, Amélie Boudet, passou a presidi-la, até o ano de 1882. Nela, palestravam diversos oradores e médiuns recebiam mensagens do Plano Maior.

Em 1883, na assembléia anual em *Commémoration des morts*, Mme. Allan Kardec, pela primeira vez, não presidiu a solenidade, corporalmente, pois desencarnou, em 21 de janeiro deste ano. Porém, como *a desencarnação não mata ninguém*, como sempre ensinava e ensina o tribuno Newton Boechat, a *Revue Spirite* registra a seguinte visão medianímica:

“Este ano, a Sra. Allan Kardec não presidia mais corporalmente nossa assembléia anual de primeiro de novembro:⁵⁴ seu espírito, o do Mestre (Allan Kardec), os de todos os nossos mortos amados, todos aqueles da primeira hora, Jobard, Sanson, Costeau, Hobach, Soudra, Didier, d’Ambel, Morin, J.-B. Roustaing, Coutenceau, Collard, Bernardeau, prince de Wittgenstein, Rossignol, Guilbert, Srta. Lieutand, Sr. M. Larré, Barroux, Monvoisin e centenas de outros assistiram em espírito a esta bela sessão” (RS, 26º ano, nº 12, 1883., dezembro, p. 563).



RS, 26º ano, nº 12, 1883, novembro, p. 563

⁵⁴ Por conveniência de dia da semana, se comemorava os *mortos* em 31 de outubro, ou 1º ou 2 de novembro.

Diante dos fatos narrados acima, como brilham as frases do Mestre de Nazaré: *Deus é Deus de vivos e não de mortos e onde está o seu tesouro aí está seu coração.*

Isto é espiritismo puro!

B) *Charles Paul Collignon*:

“A arte pagã é o verme; a arte cristã é o casulo; a arte espírita será a borboleta”. Espírito Alfred Musset
(RS, FEB, 1860, dezembro, p. 531 e 560).

“A grande arte é simples”.
(*A Grande Síntese*, Pietro Ubaldi, cap. 100, p. 351).

Charles Paul Collignon nasceu em 1808. Era bem posicionado financeiramente, pois se dizia *rentier*, isto é, aquele que vive de rendas; Collignon se dedicava às atividades de pintor.

Seu atelier estava localizado na Rue Laroche, 84 e fazia esquina com a Rue Sauce, onde ficava a sua residência.



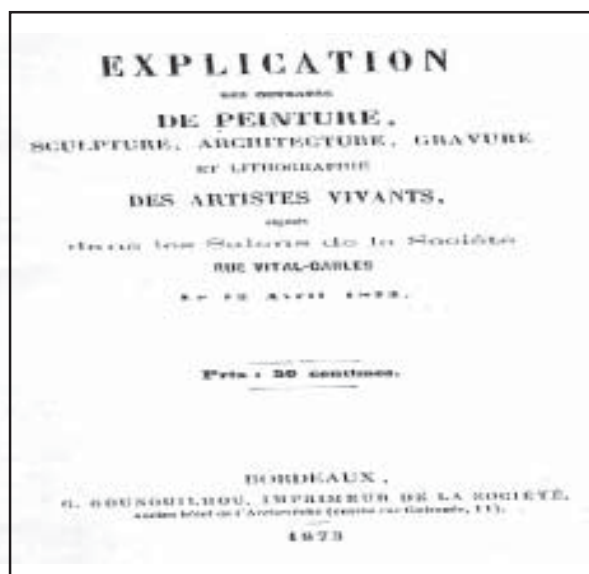
Esquina da Rue Henri Collignon (antiga Rue Sauce) e Rue Laroche



Rue Laroche, 84 (antigo atelier de Charles Collignon)

Infelizmente, o prédio hoje não retrata mais a realidade da época dos meados do século XIX.

O forte da pintura de Collignon eram os motivos marinhos. Na obra *Explication des ouvrages de peinture, sculpture, architecture, gravure et lithographie des artistes vivants exposés dans les salons de la Société*, publicada em 1873, em Bordeaux, pela G. Gounouilhou, imprimeur de la Société, vemos listadas três obras suas que foram expostas nesta *Société* (Rue Vital-Garles):



Obra que lista quadros de Ch. Collignon

- 1º) *Mer agitée*; aquarelle (Mar agitado; aquarela).
- 2º) *Paysage*; aquarelle (Paisagem; aquarela).
- 3º) *Bateaux de pêcheurs de la mer do Nord; encre de Chine* (Barco de pescadores do mar do Norte; técnica com tinta da China).

O dictionnaire critique et documentaire des peintres, sculptures des peintres, sculpteurs, dessinateurs et gravures, de E. Bénézit, de 1966, Librairie Gründ, informa ainda que o pintor Charles Collignon expôs no *Salão da Paris*, de 1831 a 1847.



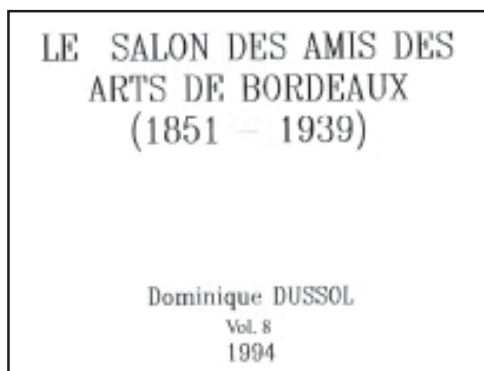
Obra que fala das exposições do Sr. Collignon em Paris

Todos os quadros destas exposições estão listados no *Dictionnaire Général des Artistes de l'école française*, de Bellier, Auvray, Paris, 1882: três quadros em 1831; quatro quadros em 1835; dois quadros em 1836; um quadro em 1837; dois quadros em 1844; dois em 1845; dois em 1846 e um em 1847.



Obra que registra os anos e os quadros das exposições em Paris

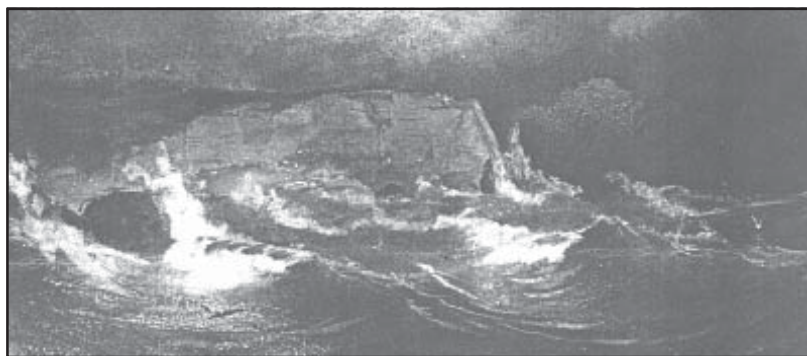
A obra *Le salon des amis des arts de Bordeaux (1851-1939)*, de Dominique Dussol, de 1994, Bordeaux, lista os anos e a quantidade de quadros que o Sr. Charles Collignon expôs na cidade de Bordeaux: em 1852, três quadros; em 1853, três quadros e, em 1873, outros três quadros.



Obra que registra os anos e o número de quadros das exposições em Bordeaux

Todo este rico material nos foi enviado pelo *Musée des Beaux-Arts de Bordeaux*, pela sua documentaliste Marie-Christine Lelu, em 25 de fevereiro de 1997.

Mas, sendo importante obter uma cópia de um trabalho do Sr. Collignon, escrevemos para *Le cabinet*, de Mme. Trautmann, *Ministre da la culture et de la communication*, que solicitou, gentilmente, ao *Louvre* a fotocópia de um exemplar, encaminhando-nos o resultado, no dia 13 de março de 1998.



Les falaises d'Étretat par temps de tempête
Aquarelle sur papier blanc, 10 x 22 cm
Calais, Musée des Beaux-Arts

Outra informação significativa é que nada foi encontrado sobre suas origens na comuna de Caudéran. O mais provável, e estamos apoiados nas sugestões do *Centre Généalogique du Sud-Ouest*, em Bordeaux, é que ele não era originário desta localidade. Os Collignon ou Collignan desta comuna, que foi anexada a Bordeaux, em 1863, são homens simples, trabalhadores rurais.

O seu nome, Charles Paul Collignon, com prenome duplo, é inabitual na Gironde. Só era usado nas elites sociais (aristocratas e burgueses de grandes negócios). O mais provável é que os Collignon da família do nosso Charles sejam protestantes não originários da Gironde. Inclusive, mais tarde, em 1902, a já viúva Émilie Collignon, vai falecer em Saint-Georges-de-Didonne (Charente-Maritime), terras onde há grande concentração de protestantes, inclusive da família Collignon. Aliás, o Sr. Michel Collignon, importante estudioso belga desta família, nos fornece, num *e-mail* de 11 de novembro de 1997, as seguintes informações complementares:

“O Sr. Henri Collignon era um importante latifundiário em Saint-Georges-de-Didonne, como os Coulomb, os Jarrausseau, e outros protestantes da comunidade, no início do século (XIX). Ele fez importantes donativos de terrenos para a comunidade com o objetivo de construir novas ruas e estabelecer uma correta urbanização”.

Penso que agora já podemos responder à nossa enigmática pergunta: o que aquele *grande quadro (grand tableau)*, *mediúnico*, que retratava um *aspecto planetário*, estava fazendo na casa de Émilie Collignon?

Uma *primeira* resposta simples: Charles Collignon era pintor e espírita e, por certo, queria expor este quadro em seu atelier, para observar melhor a técnica espiritual empregada, pois, naquela época, tudo isto, em especial a *psicopictografia*, era muito novo. *Segundo*: dada a sua influência no meio das artes, o quadro ali exposto seria melhor e mais facilmente observado, principalmente por especialistas no assunto, que deviam ser convidados por Charles Collignon. *Terceiro*: seu atelier serviu para a execução do quadro como espaço apropriado e com a devida disponibilidade dos materiais necessários.

Mas não é só isto. A médium *mecânica* tinha cerca de dezenove anos. O pai da médium era pintor especializado, pois, inclusive, queria opinar na execução da técnica espiritual. O quadro não foi pintado em alguns minutos, mas levou meses para ser executado. Será que há, então, mais alguma informação que possa dar uma

explicação mais convincente da presença deste quadro na casa da Sra. Collignon?

O Censo de 1866, na cidade de Bordeaux , também contemplou a Rue Sauce e a família dos Collignon. Nele, temos algumas particularidades até então desconhecidas. Já vimos que, na Gironde, era comum dar, ao lado do nome legítimo, o aposto, *em família*. Já observamos que Roustaing era *St Omer* e Elizabeth, era *Jenny*. Os Collignon, Charles e Émilie eram conhecidos, na intimidade, por *outros* prenomes: O do Sr. Charles, era *Jean*, de 58 anos e *rentier* (capitalista); o da Sra. Émilie, era *Jeanne*, da família Bréard, 47 anos, sem *profissão*. Como este prenome só era escolhido muito tempo depois do nascimento, o menino Henri ainda não tinha o seu, mas aparece, corretamente, como filho e possuindo 10 anos (ele nasceu em 2 de outubro de 1856). A família ainda tinha sobre seu teto duas domésticas, uma de 32 anos (Marie Charré) e outra de 21 anos (Gracienne Lajon).

O imóvel era grande, e as respostas ao Censo foram dadas numa das entradas da residência, do nº 7 ao nº 12, da Rue Sauce. Ele, ao que parece, estendia-se até ao atelier, na esquina com a Rue Laroche, possivelmente por uma comunicação interna entre os prédios.

Este documento do Censo dos Collignon nos foi enviado pelo *Archives de Bordeaux*, através do Sr. Agnès Vatican, em 10 de setembro de 2004.

O casal Collignon encontra-se registrado no nº 7, e no nº 12 temos a família Lalanne, da zeladora da propriedade, composta de seis pessoas: Mathieu Lalanne (46 anos, biscateiro), sua esposa Jeanne Renouil (46 anos, zeladora) e os filhos: François (trabalhador em fábrica de piano, 20 anos), Bertrand (17 anos), Raymond (15 anos) e Jean (10 anos).

Mas há uma nova informação. Émilie e Charles Collignon tinham também uma filha, de 22 anos, e registrada no Censo, em 1866, com o nome íntimo e carinhoso de *Jeannine*. Seu nome verdadeiro era Jeanne Collignon, como aparece noutro documento, o *anuncio fúnebre (convoi funèbre)*, publicado no journal *La petite Girond*, de Émilie Collignon, em 26 de dezembro de 1902. Sobre este último documento, falaremos ainda, bem mais adiante.

Logo, a jovem Jeanne, dit. *Jeannine*, nasceu em 1843 ou 44, dependendo do mês do *Censo*. Assim, quando Allan Kardec foi visitar a cidade de Bordeaux, em 14 e 15 de outubro de 1861, esta jovem contava de 18 a 19 anos. Infelizmente, não foi possível encontrar sua certidão de nascimento. Ao que parece, o Casal Collignon não morava em Caudéran entre 1843-4.

DÉSIGNATION	NOM			PROFESSION	TITRE	ÉTAT CIVIL DES HABITANTS						AGE	OCCUPATION
	DE MARIAGE					MARIAGE			MARIAGE				
	PREMIER	DEUXIÈME	TROISIÈME			DATE	LIEN	LIEN	LIEN	LIEN	LIEN		
Mairie de Bordeaux Censo 1866	Belle	Marie	André									23	
	Belle	Marie	André									12	
	Leveau	Marie	André									55	
	Leveau	Marie	André									49	
	Leveau	Marie	André									39	
	Leveau	Marie	André									51	
	Leveau	Marie	André									50	
	Leveau	Marie	André									58	
	Leveau	Marie	André									47	
	Leveau	Marie	André									20	
	Leveau	Marie	André									30	
	Leveau	Marie	André									32	
	Leveau	Marie	André									21	
	Leveau	Marie	André									16	
	Leveau	Marie	André									45	
	Leveau	Marie	André									28	
	Leveau	Marie	André									37	
	Leveau	Marie	André									41	
	Leveau	Marie	André									12	
	Leveau	Marie	André									42	
Leveau	Marie	André									41		
Leveau	Marie	André									9		
Leveau	Marie	André									25		
Leveau	Marie	André									1		
Leveau	Marie	André									37	et de la femme	

Censo dos Collignon em 1866

Jeannine, então, é a médium mecânica – a mediunidade é hereditária, pois Émilie é também médium mecânica –, que escrevia

tratados, compunha e pintava. Mas a faculdade psicopictórica era a mais notável, segundo Kardec:

“O trabalho mais notável é, sem contradita, o desenho” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 475).

Agora há um fato que precisa bem a época em que a Sra. Émilie Collignon conheceu as obras de Allan Kardec. O Codificador, falando sobre a filha dela, Jeannine, registra:

“Até pouco tempo a médium não havia lido nossas obras. O Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que ainda não estava anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos conforme *O livro dos espíritos*” (p. 476).

O anúncio da visita de Kardec à cidade foi feito na *Revue Spirite* de setembro de 1861. O tratado foi psicografado antes do mês de setembro. Com o anúncio da chegada próxima de Kardec, tudo divulgado pelos *quatro ventos*, o seu nome se popularizou mais em Bordeaux. Por isso, após este anúncio, as obras do Codificador foram conhecidas pela médium Jeannine, e, obviamente, por sua família.

Quanto à informação de Émilie, na carta para um abade de Bordeaux, e publicada por Kardec, na *Revue Spirite*, de que em sua família, em janeiro de 1862, apenas ela e seu marido Charles seguiam a *via espírita*, não é argumento para se opor aos dados sobre a mediunidade de sua filha Jeannine. Ela era jovem, solteira (*vide Censo*), logo casadoira, dependente da família, que a prudência de seus pais achou por bem resguardar. Coisa aceitável para época, para famílias ricas e, inclusive, de tradição protestante, por parte do Sr. Charles.

E isto é bem certo, pois Kardec não revelou o seu nome na *Revue Spirite*, nem Roustaing em *Les quatre évangiles*.

Kardec era bem consciencioso quando da publicidade de nomes de espíritas e simpatizantes, em sua época:

“A reserva que temos na publicação de nomes é motivada por razões de conveniência, pelo que não temos, até o momento, senão que nos felicitar” (RS, FEB, 1860, janeiro, p. 53).

Mais adiante, ele explica porquê:

“Uma coisa é ter coragem de externar a opinião numa conversa e outra é entregar o nome à publicidade... Estes escrúpulos, que absolutamente não implicam falta de coragem, devem ser respeitados” (RS, FEB, 1860, fevereiro, p. 62).

E, por fim, comenta a principal razão, que é, também, o principal motivo sobre o silêncio do nome de Jeannine:

“Quando fatos extraordinários se passam em qualquer parte, compreende-se que seria pouco agradável, para as pessoas que lhes são objeto, serem transformadas em ponto de mira da curiosidade pública e molestada pelos importunos. Sem dúvida, devemos ser gratos aos que se põem acima dos preconceitos, mas também não devemos censurar com tanta leviandade os que talvez tenham motivos legítimos para não se fazerem notados” (pp. 62-3).

Não há nada oculto que não venha a ser descoberto. Jeannine Collignon é mais uma prova.

C) *Henri Collignon:*

Henri Paul François Collignon era seu nome completo. Penso ter sido ele a causa da mudança de seus pais da cidadezinha de Caudéran para um grande centro, a cidade de Bordeaux. Um filho homem, naquela época, precisava de uma instrução apropriada, num colégio de nome.

O seu serviço militar ocorreu no ano de 1876 e sua matrícula era a de nº 1279. O cadastro, depois de listar os nomes completos de seus pais, informa os dados particulares do jovem recruta: nascido em Caudéran, residente em Bordeaux, católico, cabelos e sobrancelhas negros, testa comum, nariz médio, boca média, queixo arredondado e rosto oval, altura 1,80 m. Era estudante de direito e, por isso, estava destinado aos *serviços auxiliares* nas Forças Armadas. Esta ficha nos foi enviada pelo *Conseil Général da Gironde*, em 8 de abril de 1997.

A informação de que ele era católico é bem natural. Os Bréard eram católicos. Naquela época, não havia a religião espírita, como se tem hoje para efeitos de cadastros e censos. Kardec explica bem como se deviam entender os espíritas, naquela época:

“Não é, pois, como pretendem alguns, quase sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma à custa das mais antigas; é uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, pois não impõe nenhuma. E a prova disto é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos. O espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o

mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os muçulmanos têm alma como NÓS, o que significa que podem comunicar-se tanto com eles quanto conosco, e que, conseqüentemente, eles podem ser espíritas como NÓS” (RS, FEB, 1861, outubro, pp. 436-7. O destaque do pronome *nós* é meu).

Se o leitor tiver sua atenção concentrada, neste texto de Kardec, verá a separação de dois blocos de religiões. O *primeiro*, o dos católicos; o *segundo*, o dos judeus, protestantes e muçulmanos. Destacamos o pronome pessoal do caso reto, primeira pessoa do plural, *nós*, porque Kardec, com ele, está se colocando no primeiro bloco, o dos católicos. Logo, Allan Kardec se considerava *católico espírita*. Evidentemente, são coisas da época. Hoje dizemos apenas *espírita*, ou melhor, *espírita cristão*.

Kardec ainda registra sobre sua época:

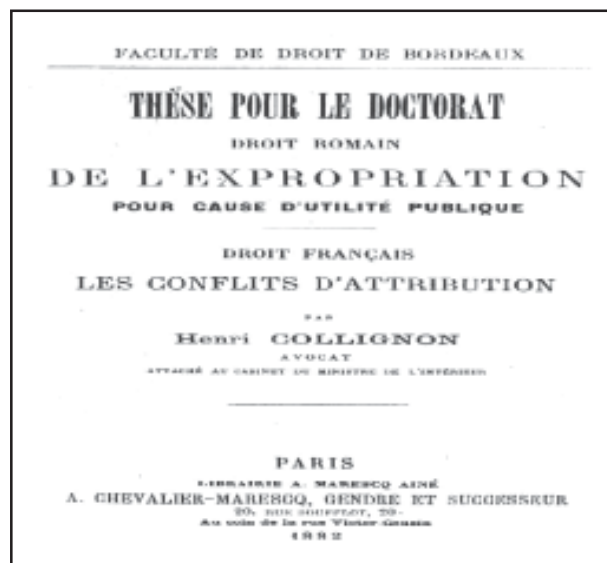
“Há mais espíritas católicos do que espíritas protestantes” (RS, FEB, 1861, janeiro, p. 30)⁵⁵

<p><i>Collignon</i></p> <p>1° <i>Henri Paul Desormois Marie</i></p> <p>2° No dia <i>2 de Maio</i> de <i>1882</i> a <i>matrícula</i></p> <p>nasceu de <i>Bordeaux</i>, departamento de <i>La Gironde</i></p> <p>residência à <i>Bordeaux</i>, cantão de <i>St</i></p> <p>departamento de <i>La Gironde</i>, religião <i>Catholique</i></p> <p>filho de <i>Henri Paul</i></p> <p>no dia <i>15 de Maio</i> de <i>1856</i> a <i>Bordeaux</i></p> <p>departamento de <i>La Gironde</i></p> <p>residência à <i>Bordeaux</i>, cantão de <i>St</i></p> <p>nome <i>Henri</i></p> <p>profissão <i>secrétaire</i>, front <i>français</i></p> <p>sexo <i>masculin</i>, altura <i>1,60</i></p> <p>mentes <i>bonnes</i>, estagio <i>1882</i></p> <p>Alarguez particularité:</p>		<p>1° <i>17 82</i></p> <p>2° <i>Henri Paul</i></p> <p>3° <i>1 8 2</i></p>	<p><i>Service militaire</i></p> <p><i>Alphonsie en son état</i></p> <p><i>remontant au 1er janvier</i></p>
---	--	---	--

Cadastro do alistamento militar de Henri Collignon

Em 1882, com 26 anos, Henri estava formado em *direito romano*, pela Faculté de Droit de Bordeaux. Ele defendeu tese de forma brilhante: *Droit Romain de l'expropriation pour cause d'utilité publique – Droit Français les conflits d'attribution*, publicada em Paris, Librairie A. Marescq Ainé, 1882. Nesta época, ele exercia a função de secretário no Cabinet du Ministre de L'Intérieur. Em 18 de maio de 1999, a BNF – *Bibliothèque Nationale de France* nos enviou uma cópia de sua destacada *Thèse*.

⁵⁵ Ver também *Os quatro evangelhos*, II, p. 262.



Tese em Direito de Henri Collignon

Henri Collignon percorreu uma brilhante carreira profissional. O *Dictionnaire biographique des préfets de septembre 1870 à mai 1882*, mostra o seu crescimento profissional no serviço público, com uma carreira vertiginosa. A cópia deste documento recebemos através da confreira Shirley Caruso, ativa confreira da AEFA – *Associação Espírita Francisco de Assis*, em Higienópolis, Rio de Janeiro, instituição que estuda e divulga a obra de Roustaing. Infelizmente a cópia veio sem a informação do nome do livro, por isso, escrevemos para a Présidence de la République, e obtivemos, através de le Chef de Cabinet do Sr. Jacques Chirac, Sra. Annie Lheritier, as devidas informações, em 11 de junho de 1998.

Henri Collignon entrou na Administração Municipal em 1883, como secretário do Inde. Sucessivamente foi subprefeito de Mayenne e de Arles. Em abril de 1895, era diretor do Gabinete do Prefeito de Seine. No fim deste ano, tornou-se Cavaleiro da Legião de Honra. Foi prefeito de Aveyron, em 1893; de Correze, em 1896; e do Finistère, a partir de 1899, até ser posto em disponibilidade, em 30 de junho de 1906.

Collignon foi convidado para exercer a função de Secretário Geral Civil da Presidência da República, no governo de R. Poincaré (1912-13), e, depois, Conselheiro de Estado.

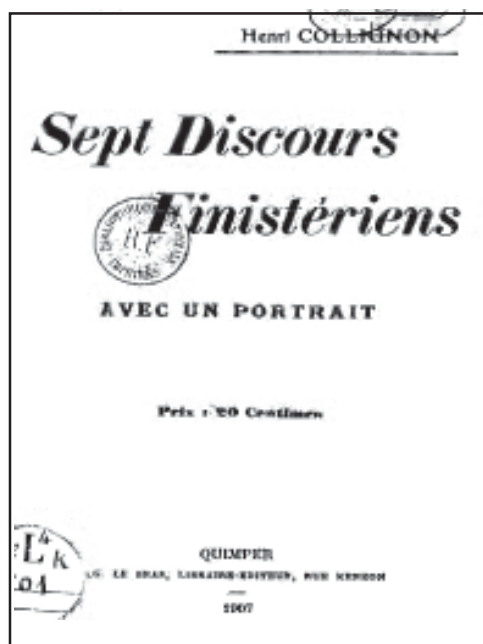


Henri Collignon

Evidentemente que, como político, ele fez muitos e muitos discursos. Temos uma cópia de todos os seus livros, adquiridos junto a BNF - *Bibliothèque Nationale de France*.



Treze discursos de Carreira
Paris, Librairie Chaix
1907

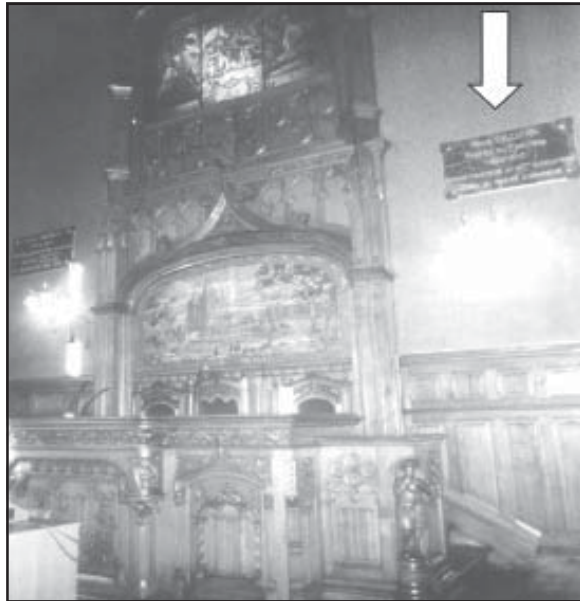


Sete discursos no Finistère
Quimper – 1907

Aqui, no final de um discurso pronunciado em 7 de julho de 1906, ele declara o seu anuncio de fé aos ideais republicanos:

“Quanto a mim, independentemente dos dias que me restam a viver, eu os empregarei, como empreguei os que já vivi, a servir à República, com todo o meu coração e com todas as minhas forças. A República que meu pai me ensinou a amar, durante minha infância, há longo tempo atrás, a República direcionada a um ideal de bondade, de tolerância e de liberdade” (p. 30).

No departamento do Finistère, em Quimper, como *Préfet Honoraire*, a bela sala da prefeitura, dedicada a ele, guarda uma placa em sua homenagem:



Sala Henri Collignon

Há também um projeto seu, de 1901, para o Finistère, de receitas e despesas.



Projeto de receitas e despesas
Quimper – 1901

Henri Collignon se distinguiu na administração pública, sendo reconhecido pela sua competência no gerenciamento do bem comum. A sua dedicação integral e impoluta, em benefício da comunidade, em todas as comunidades em que foi convocado a atuar, o fez ser aclamado e celebrado, com amor, e até hoje, como *Le Père Collignon* (*O pai Collignon*). Há um halo de simpatia que envolve a sua pessoa histórica. J. Malgras, em 1906, com Henri ainda encarnado, no seu *Os pioneiros do espiritismo* (p. 94), no verbete sobre Émilie Collignon, registra um tanto inflamado:

“Senhora Collignon (Émilie), mãe de um dos nossos mais simpáticos prefeitos (*l’un de nos plus sympathiques préfets*)”.

Sua contribuição à nação não terminou como Conselheiro de Estado, em 1913. Seu amor à França não tinha limites, pois tinha uma identificação única com sua pátria. O bem da França era o seu ideal. Por isso, como já vimos em sua declaração de amor à República, este bem, que ele desejava reinasse em sua querida pátria, só seria bem, se fosse pleno *de bondade, de tolerância e de liberdade*.

Assim, quando da explosão da 1ª Grande Guerra, vendo a sua amada França em perigo, as instituições ameaçadas, a liberdade amordaçada, não obstante a sua idade já avançada, ele se engaja na grande cruzada de salvação nacional. Agora a sua contribuição seria como herói, uns dos maiores da gloriosa nação francesa.

Mas poder-se-ia questionar o porquê da Providência em inspirar Henri nesta mobilização nacional. *O livro dos espíritos*, que sua querida e saudosa mãe tanto estudou, divulgou e inclusive resumiu, no seu *Entretiens sur le spiritisme*, esclarece definitivamente os motivos de engajamento desta magnitude. Henri, que tanto ouvira em casa, em sua meninice e juventude, comentários inesquecíveis sobre esta grande obra libertadora, guardara uma chama no coração, que o iluminava agora em sua nova jornada de amor à França:

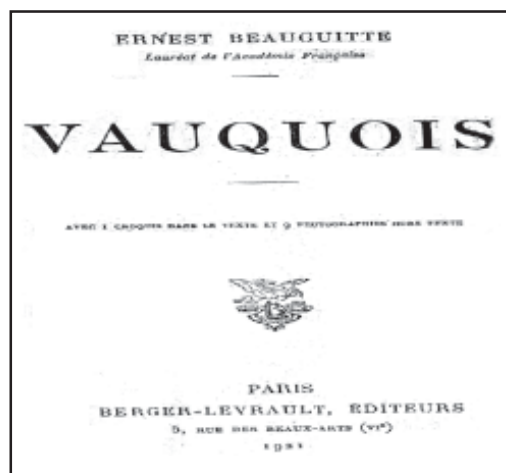
“744. *Que objetivou a Providência, tornando necessária a guerra?*

“A liberdade e o progresso”.

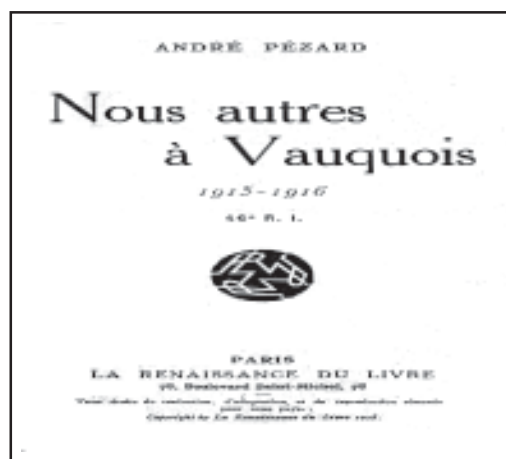
Chegara a hora. Não era permitido aguardar um só momento mais. A França gritava: Avante!

O material sobre esta nova empresa de amor de Henri Collignon é vasto. Recebemos importantes informações de duas fontes. A primeira, da Mairie de Vauquois, que gentil, em 25 de abril de 1997,

nos enviou cópias dos livros: *Nous autres à Vauquois – 1915-1916 – 46e R. I*, de André Pézard (Paris, *La renaissance du livre*) e *Vauquois*, de Ernest Beauguitte (Paris, Berger-Levrault, Éditeurs, 1921). A segunda fonte, emocionante, é dos *Amis de Vauquois et de sa région*, e nos foi enviada, em 28 de abril de 1997. Vamos fazer um resumo de tudo.



Vauquois, Ernest Beauguitte



Nous autres à Vauquois, André Pézard

Como se concebe que Henri Collignon tivesse se achado em Vauquois, com a idade de 58 anos, e como simples soldado de primeira classe...?



Soldado Collignon⁵⁶

De grande altura, ligeiramente curvado, usava imponente barba branca. Vestido todo de preto, atitude sempre digna, os títulos resumiam seu sucesso profissional.

Naturalmente, sua idade não permitia ser convocado. Não obstante, no primeiro dia de mobilização, ele se engaja por toda a guerra no *46 Regimento de Infantaria*. O regimento, reunido em direção a St Mihiel, devia se dirigir para os lados de Longwy. O mês de agosto de 1914 estava tórrido; os homens se põem em marcha a pé, sobrecarregados pelo equipamento. Tais marchas foram particularmente penosas a partir de 21 de agosto.

A respeito do seu engajamento há um belo e emocionante registro sobre Collignon e a repercussão que ele deixou na tropa:

“O Soldado Collignon, Conselheiro de Estado, Oficial da Legião de Honra, engajado pela duração de toda a guerra no 46 R. I., tomou parte nos combates de 22 a 24 de agosto. Colocado na guarda da bandeira, deu exemplo das mais belas virtudes militares. Foi chamado de *O Segundo La Tour d’Auvergne*.

“Com efeito, o 46 R. I. – regimento de Fontenebleau – perpetuava a lembrança de Théophile de la Tour d’Auvergne, morto na Baviera, em 27 de junho de 1800, nomeado *Primeiro Granadeiro dos Exércitos da República*, e que apoiava a 46 Semi-Brigada”.

⁵⁶ É com esta imagem do Soldado Collignon que o 46 R. I. abre seus desfiles nas comemorações anuais do 14 de julho.



Henri Collignon conduzindo a bandeira.

Assim, com esta saudação, Henri é honrado todos os dias, pela manhã, em seu antigo regimento, na solenidade do hasteamento do pavilhão nacional francês.

Após a vitória no Marne, o 46 R. I. está em Argonne, na direção de Ravin des Meurissons. O outono chegava com chuva e lama. Henri Collignon é proposto para o posto de sargento. Ele recusa e aceita apenas o galão de soldado de primeira classe. Ele faz patrulhas como seus camaradas mais jovens. É nomeado para o posto de guarda-bandeira, o que o afasta da linha de frente. Ele recusa, mas deve obedecer diante da ordem.

Em fevereiro de 1915, o 46 R. I. chega a Vauquois. Henri Collignon insiste de novo por uma indicação na frente. O comando cede.

Em 16 de março de 1916, os alemães realizam violento fogo de artilharia. Henri Collignon se abriga na adega de uma granja da Cigallerie, ao pé da Pequena Colina, em companhia de padioleiros e sapadores (a adega da Cigallerie se achava bem próximo da local da atual prefeitura). Pedras e estilhaços de granadas caem como chuva sobre os tijolos e as telhas. A trincheira está juncado de cadáveres, as vizinhanças e as passagens estreitas próximas estão cheias de corpos sem vida.

Do lado de fora, Henri percebe um camarada que, da fonte, corre em direção da adega. Infelizmente, sobrevém uma rajada de 105 e o homem tomba ferido. O soldado Collignon se precipita em direção ao ferido, mas cai, por sua vez, com o corpo crivado de estilhaços e balas.

Procura-se salvar Collignon da morte, mas é inútil. Alguns instantes depois, o porta-bandeira expira.

O boletim do major-médico relata assim, com eloqüente simplicidade:

“Collignon foi vítima:

De ferida penetrante na coxa direita por estilhaço de obus ao nível do anel dos adutores, hemorragia muito abundante da artéria femoral.

Feridas múltiplas na perna esquerda.

Ferida penetrante no punho esquerdo.

Ferida no antebraço direito.

Ferida contusa no ombro direito.

Ferida na arcada do supercílio direito.

Apenas a perfuração da coxa direita foi mortal. A hemorragia determinou a morte em pouco tempo”.

O corpo de Collignon foi transportado, no dia seguinte, para Aubreville. É dentro do pequeno cemitério, arruinado pelos obuses, que seus camaradas e seus superiores lhe rendem as últimas homenagens, ao canto comovente de *La marseillaise*:

Allons enfants de la Patrie
Le jour de gloire est arrivé!

Em seguida, o corpo foi transferido para o cemitério da Maize, em Vauquois, onde repousa.

Ao pé da célebre Pequena Colina, no local onde se encontra a escadaria que conduz os visitantes ao cimo, ergue-se um pequeno monumento à memória do Soldado Henri Collignon.



Estela em memória de Henri Collignon

“Não há em torno do nome Henri Collignon necessidade alguma de legenda; a verdade é suficientemente bela, poderoso exemplo que ele quis dar para ser seguido; esta será a recompensa mais bela no além-túmulo.”

Salve o Soldado Henri Collignon: *Le second la tour d’Auvergne*. Salve o querido filho de Émilie! *Vive la France!*

* * *

O *Musée des Beaux-Arts de Bordeaux*, em 18 de março de 1997, através da Sra. Marie-Christine Lelu, nos enviou uma cópia do livro *Des hommes et des activités*, de Jean e Bernard Guérin, edição B. E. B, Paris, que, no verbete Henri Collignon, entre outras coisas, informa:

“Depois de 1920, uma rua de Bordeaux recebeu seu nome (antiga rua Sauce, onde ele morou durante muitos anos” (p. 178)

JEAN ET BERNARD GUÉRIN

DES HOMMES
ET DES
ACTIVITÉS
AUTOUR D'UN DEMI-SIÈCLE

Leurs Préface de
FRANÇOIS MAURIAC
de l'Assemblée française



ÉDITIONS B. E. B.

Des hommes et des activités

XX – ANÚNCIO ESPIRITUAL DE *LES QUATRE ÉVANGILES*

Voltemos a dezembro de 1861, quando da primeira visita de Jean-Baptiste à casa de Émilie Collignon.

J.-B. Roustaing se sente bem acolhido (*accueilli*) nesta visita e resolve voltar lá, para agradecer (*remercier*).

“Lá fui. Oito dias depois voltei à casa de Mme. Collignon, com o intuito de lhe agradecer o acolhimento que me dispensara por ocasião da visita que lhe fizera para ver aquela produção mediúnica (*production médianimique*)” (QE, I, 64).

Roustaing, então, comenta sobre esta segunda visita:

“Ao cabo de breve conversação sobre generalidades, como sói acontecer entre pessoas que mal se conhecem e que ainda não se acham ligadas por quaisquer relações de sociedade, tratei de retirar-me” (QE, IV, 68).

É nesta hora, então, que os Espíritos se revelam, convidando estes dois missionários para a consecussão dos *Les quatre évangiles*:

“No momento que me preparava para sair, Mme. Collignon sentiu na mão a impressão e a agitação fluídicas bem conhecidas dos médiuns, indicadoras da presença de um Espírito desejoso de se manifestar. A instância minhas, ela condescendeu em se prestar à manifestação mediúnica e, no mesmo instante, à mão, fluidicamente dirigida, escreveu o seguinte” (QE, I, 64).

Imediatamente segue a bela mensagem anunciando a mais completa obra mediúnica sobre os Evangelhos de N. S. Jesus-Cristo. Um verdadeiro monumento em forma de livro. Vamos transcrevê-la na íntegra:

“É transitória a época em que vos achais; em toda parte os obreiros da destruição se esforçam por derruir os antigos monumentos, já solapados nas suas bases; outros procuram construir novos monumentos, onde se possam abrigar as almas inquietas; mas, em geral, os que destroem não se preocupam com o que deva substituir o que for destruído; os que tratam de construir não se mostram seguros a respeito das bases em que hajam de assentar o monumento do futuro. A vós, espíritas, é que incumbe

reunir os materiais esparsos, escolher as pedras boas para sustentarem o edifício do futuro, eliminar cuidadosamente tudo que do tempo tenha recebido a marca da vetustez e dispor os fundamentos do templo onde a verdade terá seus altares e donde espargirá sua luz.

“Meti mãos à obra, pois que os espíritos indecisos flutuam entre a dúvida que lhes é semeada nos corações e a fé de que precisam; seus olhos nada mais podem distinguir nas trevas de que os cercaram e buscam no horizonte uma luz que os ilumine e, sobretudo, que os tranqüilize.

“Cumpra que essa luz lhes seja mostrada, porquanto desapareceu a confiança que depositavam nos dogmas da Igreja; falta-lhes esse apoio. Apresentai-lhes o esteio sólido da nova revelação.

“Que eles, enfim, reconheçam que o Cristo, a nobre e grandiosa figura que lhes foi mostrada pairando, do alto da cruz ignominiosa, sobre o mundo, não é um mito, uma legenda. Mostrai-lhes também que os véus em que o envolveram é que o roubaram aos olhares deles, não lhes permitindo ver mais do que uma forma indecisa, incapaz de lhes satisfazer à razão.

“Mostrai-lhes a verdade naquilo que comumente se considera mentira, conforme a palavra de quem repele os Evangelhos e o que eles encerram.

“Mostrai-lhes que os milagres, proclamados maquinalmente por uns e negados por outros sistematicamente, são atos naturais derivados do curso ordinário das leis da Natureza e cuja impossibilidade só existe na ignorância do homem relativamente a essas leis.

“A vós, pioneiros do trabalho, cabe a tarefa de preparar os caminhos, enquanto esperais que aquele que há de vir para traçar o roteiro comece a sua obra.

“Com esse objetivo nós, oh! bem-amados, vimos incitar-vos a que empreendais a explicação dos Evangelhos em espírito e verdade, explicação que preparará a unificação das crenças entre os homens e à qual podeis dar o nome de *Revelação da Revelação*.

“São chegados os tempos em que o espírito que vivifica substituirá a letra que produziu seus frutos, de acordo com as fases e as condições do progresso humano, e que agora mata, se mal interpretada.

“Ponde-vos à obra; trabalhai com zelo e perseverança, coragem, atividade e não esqueçais nunca que sois instrumentos de que Deus se serve para mostrar aos homens a verdade; aceitai com simplicidade de coração e reconhecimento o que o Senhor vos dá; tende sempre nos vossos pensamentos e atos a humildade, a caridade, a abnegação, o amor e o devotamento aos vossos irmãos e sereis amparados e esclarecidos.

“Quando todos os materiais estiverem reunidos e for chegado o momento de se tornar conhecida, de publicar-se esta obra, destinada a congregar todos os dissidentes de boa fé, ligando-os por um pensamento comum, sereis prevenido”.

Dezembro de 1861.

Mateus, Marcos, Lucas, João
Assistidos pelos apóstolos.
(QE, I, 64-6)

J.-B. Roustaing e Émilie Collignon foram tomados de *uma surpresa imensa (une surprise profonde)*. Diante deste convite que os concitava a empreender tão grande trabalho de revelação, Roustaing sentiu-se:

“Cheio ao mesmo tempo de alegria e do temor de não sermos capazes nem digno do encargo que nos era desferido” (QE, I, 66).

Os Espíritos indicaram a semana seguinte (*la semaine qui devait suivre*) para o início dos trabalhos.

O *Alto* tem coisas que a nossa *razão* desconhece:

“O trabalho ia ser feito por dois entes que, oito dias atrás, não se conheciam” (QE, I, 66).

Aos discípulos, como servos, só é permitido aceitar, agradecer a oportunidade, pedir ajuda e trabalhar:

“Chamados desse modo a executar essa obra da revelação, que certamente de nosso moto próprio não ousaríamos tentar, incapazes, ignorantes e cegos que éramos, metemos ombro à tarefa” (QE, I, 66).

Vamos analisar alguns pontos relevantes desta mensagem-convite:

1º) Inicialmente, a mensagem fala de três classes de homens:

Os obreiros da destruição: são os materialistas e cientistas arrogantes que, arrotando erudição, *o pó da terra*, buscam derruir e solapar os monumentos e as bases postas pelas Revelações: hebraica e cristã. O único instrumento que possuem é o da razão, que, diante da verticalidade dos ensinamentos das revelações, é sempre míope, pois não vê em conjunto, nem em profundidade.

Os obreiros da construção, sem bases. São homens de boa vontade, mas ignorantes do conjunto dos princípios básicos que só a *nova revelação* traria. São os *precursores* do Espiritismo. Eles tiveram revelações parciais e intuições de alguns princípios; mais faltavam a eles as bases sólidas para um sistema filosófico mais completo. Há muitos nomes que dignificam esta classe de homens.

Os espíritas: São os que se sentem seguros, pois estão alicerçados em bases filosóficas e experimentais, que proporcionam ampla visão.

As bases espíritas se encontram em *O livro dos espíritos* e em *O livro dos médiuns*. É assim que escreve J.-B. Roustaing, na *Introdução* de *Les quatre évangiles*:

“A revelação espírita, obra dos Espíritos do Senhor em missão de preparar e de iniciar a nova era... tem sua base formulada em *O livro dos espíritos* e em *O livro dos médiuns*” (QE, I, 102).

Esta é a grande *Revelação* que segue a de Moisés e a do Cristo, como disse o Sr. Edouard Pereyre:

“O Espiritismo é a Terceira Revelação” (RS, FEB, 1861, setembro, p. 418).

Estas três classes de homens estavam atuando no planeta, num momento todo especial, como disse o Espírito Mardochee, através do médium Sr. Rodolfo, da cidade de Mulhouse:

“Não sentis que a Terra está em trabalho de parto?” (RS, FEB, 1861, outubro, p. 461).

Sim, estas duas obras de Allan Kardec formam a base de uma revelação que está longe de dizer a última palavra, pois respeita o amadurecimento das épocas:

“Embora o Espiritismo já nos tenha dado a chave de muitas coisas, ainda não disse a última palavra” (RS, FEB, 1861, maio, p. 211).

Por isso, J.-B. Roustaing e Émilie Collignon estavam sendo chamados para prestarem seus concursos na grande obra de continuar o levantamento *do edifício do futuro (l'édifice de l'avenir)*:

“A vós, espíritas, é que incumbe reunir os materiais esparsos, escolher as pedras boas para sustentarem o edifício do futuro, eliminar cuidadosamente tudo que do tempo tenha recebido a marca

da vetustez e dispor os fundamentos do templo onde a verdade terá seus altares e donde espargirá sua luz” (QE, I, 64-5).

2º) Os Espíritos reveladores pedem para os dois missionários meterem mãos à obra, pois os *espíritos indecisos flutuam (les esprits indécis flottent)* entre a *dúvida e a fé*. O Sr. Louis Jourdan, em carta a Allan Kardec, descreve bem a angústia destes indecisos:

“A dúvida! É o pior dos males!” (RS, FEB, 1861, abril, p. 163).

Era, então, urgente, fazer algo.

3º) Outro ponto que merece destaque é quando falam que o Cristo, a nobre e grandiosa figura, está envolto por *véus (voiles)*, do mito e da lenda, que não permitem ver mais que *uma forma indecisa, incapaz de satisfazer à razão*.

Kardec já havia publicado a opinião de um Espírito sobre as interpretações falsas em torno da figura do Cristo:

“As interpretações que os homens deram da lei do Cristo têm gerado lutas que são contrárias à do espírito” (RS, FEB, 1861, p. 192).

Era, então, necessário tirar os véus que encobrem toda a radiosa luz crística. Mostrar o Mestre, não pela lenda ou o mito de um deus, mas em toda a sua identidade verdadeira:

“Olhai o mestre de todos vós, o Cristo, homem por excelência, mas na mais alta fase da sublimidade” (Espírito Charlet, em mensagem na *Sociedade Espírita de Paris*. RS, FEB, 1860, julho, p. 316).

Ou, ainda, como está numa comunicação estrangeira, ditada à Srta. de P..., e lida nesta mesma Sociedade de Paris:

“O único que vos mostrou o caminho pelo qual remontareis a esta glória primitiva; o único ao qual não podeis censurar, por não ter jamais se enganado em seus ensinamentos; o único justo perante Deus; o único, finalmente, que deveis seguir para serdes agradáveis a Deus, é o Cristo. Sim, o Cristo, vosso divino mestre que, durante séculos, esquecestes e desconhecestes” (Espírito Rembrand, RS, FEB, 1859, dezembro, 509).

4º) Roustaing e Émilie Collignon são chamados de *pioneiros do trabalho (pionniers de l'oeuvre)*. Evidentemente que são pioneiros,

mas entre muitos. J. Malgras acertou em indicá-los como *Les pionniers du spiritisme en france*, em 1906.

5º) Eles, os pioneiros Roustaing e Collignon, deviam se empenhar na grande obra da nova era, enquanto esperam que *aquela que há de vir para traçar o roteiro comece sua obra*. Quem será este mensageiro do bem?

Sim, a obra *Les quatre évangiles* é apenas uma espécie de intróito, que se prolongaria em sucessivas revelações, sempre respeitando o amadurecimento dos tempos, até alcançar uma fase bem superior com o advento do *Regenerador*:

“Espírito que desempenhará a missão superior de conduzir a humanidade ao estado de inocência, isto é, ao grau de perfeição a que ela tem que chegar” (QE, III, 65).

Penso que aqui se está falando da volta do Espírito Moisés-Elias-Batista, como o *Regenerador*:

“O precursor ainda reaparecerá no meio de vós. Sua presença assinalará um imenso progresso, tanto no terreno moral, como no da ciência. Sua futura missão consistirá em alargar o círculo das vossas idéias, dos vossos conhecimentos, fortificando em vós o amor universal e a caridade que lhes é conseqüente” (QE, II, 233).

6º) Outro ponto: J.-B. Roustaing e É. Collignon vão participar da empresa da *explicação dos Evangelhos em espírito e verdade*, que preparará a *unificação das crenças* entre os homens.

Um espírito já havia dito, e Kardec registrou sua revelação:

“O Espiritismo está destinado a restaurar a unidade da crença; é, pois, a confirmação e o esclarecimento do Cristianismo” (RS, FEB, 1861, abril, p. 192).

Inicialmente, era necessário revelar os princípios básicos para *interpretação em espírito e verdade dos Evangelhos*. Esta é a tarefa primeira, que coube ao Codificador, nas obras fundamentais, *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*. Depois, a revelação sucessiva e complementar, dada em Bordeaux, ao Sr. Roustaing e à Sra. Collignon, onde os Evangelhos são analisados espiriticamente à luz destes princípios originais e na íntegra.

7º) A revelação da revelação (*la révélation de la révélation*).

No original da 1ª impressão, de 1866, está assim, com letra minúscula.

Já comentamos sobre esta expressão do conde Joseph de Maître. Já vimos que Roustaing fez, em 1861, a evocação deste Espírito. Ele estudou a obra de Maître e observou como este conde havia pressentido o surgimento da nova era espírita, a Terceira Revelação:

“O sinal do advento de uma nova era, como já tinham pressentido o conde de Maître em suas *Soirées de Saint Pétersburg e Lamennais*” (QE, I,63).

J. de Maître, no capítulo onze deste livro, ou melhor, no seu *onzième entretien*, fala precisamente de *une révélation de la révélation*, que concorrerá para uma *grande unité* entre os homens.

Esta expressão já era bem conhecida no movimento espírita de então, desde o magnífico trabalho de *Philaléthès* (André Pezzani), no jornal *La vérité*, sobre o insigne precursor, Joseph de Maître: *Un Prophète du spiritisme*. Toda a matéria foi publicada em quatro números, de 10 de abril de 1864 (2º ano, nº 8) a 1º de maio de 1864 (2º ano, nº 11). Aí, tudo é contado e analisado com cuidado. E dois anos antes do lançamento de *Les quatre évangiles*.

A primeira palavra *révélation*, nesta expressão, é a Revelação da Doutrina Espírita, a segunda palavra *révélation*, é a Revelação do Cristianismo.

Para que não haja dúvidas, acompanhemos o seguinte relato. A redação do *La vérité – Journal du spiritisme*, sob a direção do Sr. E. Edoux (Rue Charité, 29, Lyon), no dia 15 de maio de 1864, anuncia o lançamento de *O evangelho segundo o spiritisme (Imitation de l'évangile)*, num artigo intitulado, de forma muito significativa, *Les trois révélations*. O Sr. Edoux, inteligente, antes de citar vários fragmentos belíssimos da nova obra de Kardec, faz o seguinte comentário:

“Os fragmentos (de *O evangelho segundo o espiritismo*) que serão lidos estão totalmente de acordo com o pensamento de Joseph de Maître, anunciando uma terceira explosão da bondade de Deus, após os profetas judeus e o Cristo” (2º ano, nº 13, p. 2).

No mesmo jornal *La vérité*, um número antes, o Sr. André Pezzani também já havia escrito sobre o lançamento de *O Evangelho segundo o espiritismo*, na sessão *Bibliographie – L'imitation de l'évangile selon spiritisme*, quando a certa altura comenta:

“O Espiritismo é a continuação de um plano divino de educação de nossa humanidade, uma das fases da revelação prevista por todos os profetas inspirados. Da mesma forma que o Cristo veio completar e desenvolver a lei de Moisés, o Espiritismo vem, em nossos dias, inicialmente por Espíritos simples e, posteriormente, por grandes Espíritos mensageiros do Pai Celeste, confirmar, ampliar, fazer receber e compreender a todos a doutrina do Cristo, preparar a fusão dos cultos e a magnífica unidade religiosa do futuro. Esta é a grande missão que está para começar; numa palavra, o Espiritismo, ou o surgimento do Espírito, é, como foi profetizado por Joseph de Maistre, *uma revelação da revelação*” (2º ano, nº 12, de 8 de maio de 1864, p. 5. O itálico é do original).

Não há dúvida, então, se é que dúvida existia. O título é, então, bastante apropriado. A obra de J.-B. Roustaing chama-se: *Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação – Os Quatro Evangelhos*. Por ser um título, as iniciais são em maiúsculo.

Sim, o que o leitor encontrará nesta obra é o espiritismo, o mesmo codificado por Allan Kardec, numa visão totalmente cristã; logo: *Espiritismo Cristão*.

E se é obra de espiritismo, é obra da Terceira Revelação, que tem por objetivo explicar e completar a Segunda Revelação do Cristo, e que foi por Ele anteriormente anunciada. Logo, é uma *Revelação da Revelação*.

Já o título *Os quatro evangelhos* é didático. Explica o conteúdo da obra em si: as explicações, *em espírito e verdade* dos Evangelhos.

* * *

J.-B. Roustaing escreve que, à medida que a obra ia se adiantando, sua alma ia ficando presa de admiração ao descobrir todas aquelas verdades. Então ele salmodiou, à semelhança do *Magnificat*:

“Disponde da vossa criatura, oh! meu Deus; sou vosso, pertencovos; meu coração, meu tempo, minha razão, eu os consagro ao vosso serviço; serei feliz, oh! soberano Mestre, se, mau grado à minha fraqueza, puder tornar-me nas vossas mãos um instrumento útil, que vos conquistou o amor, o respeito, o coração das vossas criaturas” (QE, I, 66).

XXI – APÓSTOLO DE BORDEAUX

“O apóstolo é o educador por excelência. Nele residem a improvisação de trabalho e o sacrifício de si mesmo para que a mente dos discípulos se transforme e se ilumine, rumo à esfera superior”. (Emmanuel, Xavier, F. C., *Fonte e viva*. Rio de Janeiro: FEB, 1975, lição nº 57, p. 131).

“Aquele que dá é quem tem que agradecer”. (J.-B. Roustaing – *Revue Spirite*, 1879, p. 116).

“Quando o servidor está pronto, o serviço aparece.” (*Nosso Lar*, Ministro Genésio, p. 143)

A palavra apóstolo traz o significado de mensageiro de Deus. De todos os escritores das sagradas letras, Lucas e Paulo foram os que utilizaram a palavra *apóstolo* com mais frequência. Paulo, em especial, soube listar os diversos atributos de um apóstolo, principalmente em suas cartas aos Romanos, aos Gálatas e nas duas aos Coríntios. Penso que, de todos eles, o atributo do *chamamento espiritual* seja a raiz de todos os outros. Paulo escreve:

“Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai” (Gl. 1: 1).

Eis a grande virtude: ser *convocado* pelo Alto para exercer uma missão de educador *por excelência*, em benefício dos homens, que nada mais é que:

“A demonstração positiva do bem para o mundo, a possibilidade de atuação dos Espíritos Superiores e a fonte de benefícios imperecíveis para a Humanidade inteira” (Emmanuel. *Fonte e viva*, p. 133).

É esta missão, leitor, que vamos encontrar em J.-B. Roustaing. Os textos que citaremos demonstrarão o papel deste *apóstolo da fé* em benefício do homem e na história das revelações sucessivas.

Iniciemos pelas verdades mais simples. Ninguém é grande de um salto. As responsabilidades espirituais são dadas num crescendo. Não se dá o mais, se não se souber administrar o menos. É matemática inviolável. E Jesus confirma na *Parábola das dez minas*:

“Muito bem, servo bom; porque foste fiel no pouco terás autoridade sobre dez cidades” (Lc. 19: 17).

E. continua mais adiante:

“Pois eu vos declaro: a todo que tem dar-se-lhe-á” (Lc. 19: 26).

J.-B. Roustaing recebeu muito e não se descuidou de administrar com fidelidade os talentos materiais que a vida lhe confiou, para multiplicá-los em benefício de muitos. Ele demonstra todo esse cuidado em seus testamentos, beneficiando os que precisam, e incentivando ao trabalho, como solução social e pessoal, todos os que possam exercê-lo. Assim, soube gerenciar o patrimônio que duramente conquistou e que o Alto achou por bem lhe confiar.

Atento, Roustaing cuidava pessoalmente desses recursos, não admitindo o desperdício de um só franco francês, como se esperasse prestar contas a *um patrão* exigente. Isto se pode ver numa carta achada, no ano de 2000, pelo Sr. Claude Hughet, da ASPAECT, nos arquivos de Arbis, e transmitida para o Sr. Prof. Jean-Claude Drouin, que gentilmente nos enviou uma cópia, em 21 de junho de 2000. Vamos transcrevê-la na íntegra:

“Bordeaux, 2 de dezembro de 1873

“Rua St. Siméon, 17

“Ao Senhor Prefeito da Comuna de Arbis

Senhor Prefeito,

“Tenho a honra de fazê-lo saber: 1º que vendi meu cavalo que eu tinha em meu domínio de Tribus, comuna de Arbis; que o vendi, no dia 24 de novembro último, ao senhor Rouge de Lertiac; 2º que minha carruagem de quatro rodas não tem mais atrelagem e permanece fora de uso.

“Conseqüentemente, devo desde já, para o ano próximo (1874), ser liberado de todos os impostos quanto ao cavalo e à carruagem, bem como de qualquer outra taxa decorrente deste fato.

“Peço-lhe que, segundo as formas e prazos prescritos pela lei, mande cancelar meu nome de tudo que se refere ao cavalo e à carruagem.

“A presente carta é, para este efeito, uma declaração e uma requisição legal e oficial junto a V. Sa. E junto a quem de direito em virtude da lei.

“Queira, senhor Prefeito, apresentar e fazer valer de forma legal e oficial tal declaração e requisição e, em conseqüência, operar por quem de direito o dito cancelamento de todas as obrigações referentes ao fato de não mais possuir cavalo e carruagem.

“Contando com o cumprimento de todos os prazos legais, queira aceitar, senhor Prefeito, os meus sentimentos mais afetuosos”.

ROUSTAING

“Proprietário do domínio de Tribus, comuna de Arbis,
advogado da corte de apelação; antigo bastonário”.

1. Bourdeau, le 4 Decembre 1874,
 Rue St Simon 47
 Monsieur le Maire de la
 Commune d'Arbis.
 Monsieur le Maire.
 J'ai l'honneur de vous faire
 savoir que j'ai vendu
 mon cheval que je tenais
 au nom de la Commune d'Arbis
 commune d'Arbis, que j'ai
 vendu le 24 novembre 1874
 à un sieur Ruge de Lestiac
 et que ma voiture à quatre
 roues, qui est à plus de 100
 M et demandera hors d'état
 de service
 je dois en conséquence
 Me immédiatement, et sous
 la garantie, (1874), etc.

Carta de J.-B. Roustaing ao Prefeito Pierre Domecq

Noutra carta de J.-B. Roustaing, anexada a esta – e que já veremos seu conteúdo –, revela-se que o nome do Sr. Prefeito era P. Domecq. No livro *Arbis* – já conhecido nosso – seu nome é registrado como Pierre Domecq (pp. 291-312).

Esta carta, apesar do linguajar técnico, e do tema aparentemente fútil, revela o quanto Roustaing cuidava, com atenção, de seu patrimônio financeiro. Ela retrata bem o ensino evangélico:

“Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”
 (Mat. 22: 21).

Agora, podemos falar do exercício da caridade feita por Roustaing. Caridade consciente de seu papel social, mas rica de amoroso desvelo. Conhecendo os cuidados de Roustaing na administração fiel dos recursos que lhe foram confiados, mais valor se lhe dá a caridade, na sua verdadeira roupagem de ajuda justa. No famoso discurso do Sr. Battar, encontramos:

“A partir deste momento (o da recuperação de sua saúde), ele se liberou, com mais desprendimento que antes, tanto na cidade como no distrito de Targon, onde possuía uma propriedade”.

Não foi só a dor que colaborou, como uma profunda intervenção cirúrgica na alma do nosso biografado, como argumenta o Sr. Battar, razão por que se deve chamar a dor de grande benemérita. Neste caso, a alma já era bastante liberada – *ele se liberou, com mais desprendimento que antes* –; e acentuou suas liberações, após compreender os ensinamentos da Doutrina dos espíritos, codificada por Allan Kardec. Foi, então, o espiritismo o fator determinante da manifestação plena da caridade, segundo os moldes do Evangelho.

Prossegue o Sr. Battar:

“Em Bordeaux, prestava socorro a infelizes, e sua morte, para eles, seria grande perda; pode-se dizer que ele será pranteado pelos pobres”.

Não só caridade material, mas, antes de tudo, amparo, socorro e consolo, como conclui o Sr. Battar:

“Segundo bela expressão de um dos nossos antecessores,⁵⁷ o homem que deixa este mundo só leva consigo o que ele deu; as lágrimas dos infelizes que nosso confrade secou com seu consolo e suas benemerências, as que o reconhecimento fez derramar em seu túmulo, serão acompanhadas até diante do Juiz Supremo”.

J.-B. Roustaing, então, por causa da caridade, é pranteado pelos infelizes, quando de sua desencarnação.

Apesar da caridade dever ser discreta, sem ostentação – devendo se *esconder da mão esquerda o que a direita fez* –, o Sr. Battar foi informado sobre um grande exemplo de caridade feita pelo nosso *Apóstolo de Bordeaux*. Ele, então, em seu discurso fúnebre, o revela em alto e bom-som:

“Assim, durante três anos, com a colaboração de um dos seus vizinhos de campo (vizinho de Tribus, no distrito de Targon), ele sustentou e manteve, até seus últimos momentos, um pobre morador que ficou enfermo em consequência de grave acidente”.

Hoje, essa pesquisa chegou mais perto deste caso de amor cristão, e identificou os nomes, tanto do colaborador e *vizinho*

⁵⁷ Outro *Bâtonnier* da Ordem dos Advogados de Bordeaux.

de Roustaing, Sr. Pierre Domecq; como do pobre beneficiado, Sr. Rony. Tudo está registrado na carta anexa, que Roustaing enviou, em 2 de dezembro de 1873, ao Prefeito de Arbis, comuna do distrito de Targon. Temos a cópia desta carta, que nos foi remetida junto com a precedente, e vamos transcrevê-la agora:

②
Bordeaux le 2 Décembre 1873
Rue St Siméon 17
Mon cher Domecq.
Je vous envoie ci-jointe et
ci-incluse, ma lettre officielle
que je vous écris comme Maire
pour vous annoncer, 1º que mon
cheval a été vendu le 24 novembre
dernier. 2º que ma voiture qui n'a
plus d'attelage et demeure
hors de service et qu'en conséquence
je dois être rayé et déchargé
de tous impôts qui ont à
cheval et à voiture
relativement au pauvre
Rony; je prie que vous
veniez avant le premier
décembre courant, pour la

Carta de Roustaing ao Sr. Pierre Domecq

“Bordeaux, 2 de dezembro de 1873

“Rua Saint Siméon, 17

“Meu caro Domecq

“Envio-lhe, anexa e inclusa, a minha carta oficial que lhe escrevo como prefeito para anunciar-lhe: 1º que meu cavalo foi vendido no dia 24 de novembro último; 2º que minha carruagem não tem mais atrelagem e permanece fora de uso e, por conseguinte, devo ser liberado de todos os impostos quanto ao cavalo e à carruagem.

“Relativamente ao pobre Rony, eu pensava que você viria antes do dia primeiro de dezembro corrente para receber a pensão deste pobre Rony e que você remeteria a ele, adiantadamente, esta pensão.

“Eu tenho a importância à sua disposição para lhe entregar pessoalmente ou à pessoa que vier de vossa parte com uma carta de autorização para receber.

“Esperando então o prazer de vos ver ou de receber o seu enviado.

“Recebam todos vocês, a Senhora Domecq e seus filhos, os nossos sentimentos afetuosos e devotados”.

Roustaing.

Assim, na bandeira de Roustaing tremulava o lema áureo do movimento espírita bordelense:

“Fora da caridade não há salvação. Sem caridade não há verdadeiro espírita”.

Jean Guérin escreve sobre seus gestos caritativos na *Revue Spirite*:

“Ele era ambicioso de virtudes e ávido de verdades celestes. Sua vida se assinalou por eminentes atos de caridade e de beneficência. Sua passagem na Terra ficou exalçada por exemplos constantes, na prática de todas as virtudes cristãs... Sempre deu generosamente do que tinha aos que não tinham” (1879, março, pp. 116).

Era o próprio Roustaing que dizia com freqüência:

“Para o outro mundo não se leva senão o que se deu; e aquele que dá é quem tem que agradecer” (p. 116)

J.-B. Roustaing soube abraçar a *caridade espiritual* com amor cristão. Sabia ele ser dever do espírita, também, não se esquecer dos Espíritos desencarnados e sofredores. Por isso, administrava, diariamente, reuniões de preces e orientações evangélico-doutrinárias, onde os sofredores espirituais obtinham o lenitivo de que tanto careciam. Assim, J.-B. Roustaing promovia, todas as noites, às 19 horas, em sua residência, reuniões de prece e esclarecimento aos Espíritos sofredores.

Ele mesmo narra um exemplo ocorrido em março de 1863. Estava ele na residência da médium sonâmbula, *muito lúcida*,

Sra. D. T., em companhia do Sr. Puginier, tenente do 88º Regimento de Linha, e do Sr. Du Boscq, membro do Conselho Geral do Departamento da Gironde, para assistir as consultas que ela dava a diversos doentes. Já no momento de se retirar, estando à porta, ouviu um grito. Voltou. A Sra. D. T., de pé, dava passividade a uma entidade que dizia a Roustaing:

“Sou eu G. D. que te quer falar (Tratava-se do Sr. G. D., que eu conhecera muito intimamente durante a sua vida terrena e que morrera, havia meses). Procurava uma ocasião de conversar contigo e achei-a. Entrei neste corpo e dele me sirvo. Sou imensamente desgraçado e sofro horrivelmente, etc.” (QE, I, 393 – Nota de rodapé).

Ele descreveu a Roustaing toda a sua angústia espiritual, a qual achava que jamais cessaria. O nosso *Apóstolo* teve, então, com ele um demorado colóquio de mais de meia hora:

“Esclareci-o e o consolei, concitando-o a ter paciência e resignação, a se arrepender, profunda e sinceramente, das faltas que cometera durante a sua vida terrena, a tomar o propósito de repará-las, mostrando-lhe a grandeza, a justiça, a bondade e a misericórdia infinita de Deus, que está sempre pronto a perdoar o Espírito culpado, transviado, desde que se humilhe, arrependido e submisso: a lhe abrir, pela reencarnação, o caminho a novas provações, ou seja o caminho da reparação e do progresso. Consegui, assim, que naquela alma atribulada luzisse um raio de esperança e de fé” (p. 394).

O fenômeno foi impressionante, pois o Espírito G. D. reproduzia os gestos e atitudes corporais que lhe eram próprios na vida terrena. Terminada a *substituição*, a Sra. D. T. comentou:

“Pobrezinho! Sofre bastante e é bem desgraçado! Desejava falar-vos e então consenti, com permissão dos nossos anjos de guarda, em *lhe* emprestar o meu corpo, para que, *entrando nele*, pudesse dizer o que queria. *Eu estava ao lado, ligada e presa* ao meu corpo *por um cordão fluídico luminoso*, mas invisível para os vossos olhos humanos” (p. 395. Os itálicos são do original).

Esta substituição se reproduziu muitas vezes, em casa da Sra. D. T., inclusive na presença do Sr. Du Boscq, que *também era amigo* de G. D..

Agora vamos à confirmação das reuniões diárias na residência de Roustaing:

“Desde o primeiro dia em que nos falamos, exortei o Espírito de G. D. a ir todas as noites à minha casa, na hora⁵⁸ em que os Espíritos sofredores, errantes no espaço se manifestam por um médium psicográfico para pedir e ouvir as preces” (p. 395).

Comenta, então, Roustaing:

“A partir daquele dia, todas as noites, o Espírito de G. D. se manifestou espontaneamente. Assim, durante longo tempo orei por ele e ainda oro. Meus esforços, meus conselhos, minhas exortações e minhas preces foram recompensadas. Tive a alegria de haver contribuído para lhe aliviar os sofrimentos, para consolá-lo, esclarecer e melhorar, desenvolvendo nele a paciência e a resignação nos sofrimentos morais, o arrependimento e o desejo de reparar suas faltas e de progredir” (pp. 395-6).

Há outro exemplo contado também por Roustaing. Em dezembro de 1863, através da mesma médium, Sra. D. T., foi identificada, *por relação magnética*, a presença de um obsessor que atormentava um homem que parecia atacado por uma moléstia nervosa, cujo tratamento, pelos meios humanos empregados para as curas materiais, até então falhara. Experimentava, então, contrações na garganta e às vezes sacudiduras no rosto e no pescoço, que pareciam um tique nervoso:

“Frequentemente, no momento de começar uma refeição, os maxilares e os dentes se lhe cerravam de tal maneira que impossível lhe era comer, vendo-se constrangido a desistir de tomar o alimento, ainda que sentindo muito apetite e precisando alimentar-se” (QE, I, 397 – Nota de rodapé).

A Sra. D. T., dirigindo-se ao obsessor, diz:

“Deixa tranqüilo esse homem... Vou orar por ti”.

Feita uma oração, dirige-se então ao doente, depois de o examinar:

“Não tendes doença alguma: sois atormentado por um mau Espírito em favor do qual deveis orar. Só pela prece o afastarei. Ide e orai, não com os lábios, mas com o coração, com desinteresse e caridade. Voltai daqui a oito dias” (pp. 397-8).

⁵⁸ Às sete horas da noite (QE, I, 398).

J.-B. Roustaing, que assistia a toda esta manifestação mediúnica, pôe-se *em relação com a sonâmbula*, que lhe informa sobre o caso. Ele, então, fala:

“Pois bem! Devemos tentar a cura moral, porquanto, em vez de um doente, há dois” (p. 398).

E, dirigindo-se ao obsessor, disse-lhe:

“Vai a minha casa hoje à noite às sete horas. A essa hora lá vão muitos Espíritos sofredores, desgraçados, pedir preces e receber os benefícios das que por eles fazemos. Se não fores espontaneamente, eu te evocarei. Orarei por ti e te farei compreender que estás praticando o mal e que, depois da morte, como na Terra, não devem animar o Espírito senão os sentimentos de amor e de caridade para com os seus irmãos encarnados e errantes” (p. 398).

Naquela mesma noite, e em oito seguintes, evocou Roustaing aquele Espírito obsessor, em sua residência, e pôs em prática, a seu favor, *a prece, as exortações e os conselhos*.

Oito dias depois, o doente relata à Sra. D. T., na presença de Roustaing, que estava sendo um pouco *menos atormentado*, mas que ainda o era, se bem que *mais fracamente*. Continua, então, Roustaing:

“As reuniões continuaram a se realizar, assim, de oito em oito dias na casa da Sra. D. T. O subjugado persistia nas preces e, por meu lado, persisti nas evocações e nas preces em minha casa, durante cerca de um mês” (p. 399).

Passado este tempo, o Espírito se arrependeu e se manifestou espontaneamente. Fizera-se a luz. Renunciara à subjugação do homem e pediu preces. Três dias depois, sendo *o dia do comparecimento de J.-B. Roustaing na sessão da Sra. D. T.*, o homem lá se encontrava e lhe disse:

“Há cinco dias que não sinto mais nada; estou curado” (p. 400).

Roustaing registra que mesmo o homem estando livre, o Espírito arrependido, mas angustiado de sofrimento pelo mal que causara, devia continuar a comparecer todas as noites em sua casa para receber os *benefícios da prece*:

“Orei e ainda oro em seu favor. Tenho a satisfação de haver contribuído para seu alívio e sua melhoria moral, desenvolvendo nele cada vez mais a paciência e a resignação nos sofrimentos, o arrependimento e o desejo de reparar sua falta e de progredir” (p. 400).

Isto é legítimo serviço espírita no bem. É apostolado! É amor! Numa outra frente de atuação espírita, J.-B. Roustaing exercia seu apostolado divulgando a Doutrina dos espíritos no célebre *Grupo Roustaing*, um dos mais destacados de toda a França. Já vimos o seu brilho espiritual na citação de Alexandre Delanne:

“A cidade de Bordeaux, como a grande cidade lionesa, teve a honra de levantar cedo a bandeira de Allan Kardec.

“Pela primeira vez, em 1860, eu visitava os grupos espíritas dessa cidade; nela já havia um número bastante grande. Os mais freqüentados eram os da Sra. Collignon, da Srta. O'kine, dos Srs. Roustaing, Krell, Alexandre, etc. (*Le spiritisme – organe de l'union spirite française* (Gerente: Gabriel Delanne), n.º. 23, 1ª quinzena de fevereiro de 1884, p. 6. Redação e administração: Passage Choiseul, 39 & 41, Paris).

Sim, o *Grupo Roustaing* era um dos mais freqüentados. A consolidação deste *Grupo* espírita garantiu à população de Bordeaux e das cidades vizinhas, a partir de 1864, reuniões mensais e às vezes semanais concorridíssimas, onde os Evangelhos eram comentados à luz dos ensinamentos espíritas. As reuniões aconteciam no primeiro domingo de cada mês. Foi assim que, no dia 4 de setembro de 1864, o Sr. Armand Lefraise, uma das lideranças do movimento espírita da Gironde, esteve assistindo às atividades deste *Grupo* e, impressionado, num misto de alegria e esperança no futuro desta bela Doutrina, escreveu um artigo sobre a famosa domingueira, e o estampou no seu *Le sauveur*, na seção *Variétés* (1 ano, n.º 33, domingo, 11 de setembro de 1864, p. 4). Dada a sua importância para esta pesquisa, vamos transcrevê-lo na íntegra:

VARIEDADES

“Assistimos, no último domingo, a uma reunião de espíritas, chegados há pouco à crença regeneradora. Um dos apóstolos mais dedicados da doutrina nova, o Sr. Roustaing, advogado na Corte imperial de Bordeaux, que a confiança e a estima de seus colegas muitas vezes elevaram ao posto de bastonário da ordem, recebia naquele dia, em sua casa, em sua propriedade do Tribus, como faz todo mês, os prosélitos que conseguiram chegar à sua região.

VARIÉTÉS

Nous avons assisté, dimanche dernier, à une réunion de spirites, arrivés depuis peu à la croyance régénératrice. L'un des apôtres les plus dévoués de la doctrine nouvelle, M. Roustaing, avocat à la Cour impériale de Bordeaux, que la confiance et l'estime de ses collègues ont souvent élevé au poste de bâtonnier de l'ordre, recevait ce jour-là, chez lui, sur sa propriété du Tribus, comme il le fait chaque mois, les prosélytes qu'il est parvenu à faire dans sa contrée.

Malgré les sermons dans lesquels il a été menacé des foudres de l'Eglise et des fournaises de l'enfer, M. Roustaing, pénétré de la sainteté de la doctrine qu'il propage, n'en continue pas moins à amener les populations qui l'entourent à la connaissance de l'Evangile par le Spiritisme; aussi a-t-il obtenu un résultat bien satisfaisant. Chaque jour de réunion, on voit arriver au Tribus, de toutes les contrées environnantes, des gens qui, se sentant améliorés, renouvelés par la nouvelle révélation mise à la portée de leur intelligence, viennent des alentours et de plusieurs lieues à la ronde se grouper autour de celui dont la parole éloquentes et convaincues leur développe d'une manière claire et saisissante la réalité de l'existence de Dieu, de l'immortalité de l'âme et de son individualité après la mort, par les relations du monde invisible des Esprits avec le nôtre.

En général, ces réunions sont composées de personnes habitant la campagne, d'honnêtes cultivateurs ou artisans parmi lesquels se trouvent un grand nombre de médiums, tout surpris d'obtenir des communications que ne renieraient pas des savants ou des littérateurs distingués. Grand aussi est l'étonnement de l'assistance qui connaît à peu près la capacité littéraire de chacun. De là, partent les réflexions qui, de proche en proche, discutées, débattues, amènent chaque jour à la croyance de nouveaux incroyables qui, ayant vu de leurs propres yeux les résultats obtenus, et ayant entendu les explications du maître du logis, se retirent convaincus et font de nouveaux adeptes. Aussi, le Spiritisme marche-t-il à grands pas dans le pays.

Ce n'est pas, cependant, sans une foule d'obstacles que la nouvelle doctrine se fait jour. Les incroyables, unissant leurs efforts à ceux des détracteurs intéressés, cherchent à entraver la marche de la vérité. Ainsi, il nous a été rapporté par un homme digne de foi, adjoint au maire de sa commune, abonné au *Sauveur des Peuples*, que le curé de sa paroisse, de concert avec le maire, qu'il tient sous sa domination, avait intercepté le n° 28 de ce journal, qui lui était adressé. Nous signalons ce fait, afin que les auteurs de ces manœuvres coupables soient bien avertis que si des actes semblables se renouvellent, nous saurons leur faire rendre compte de leur conduite inqualifiable et leur montrer que nous ne sommes plus aux temps de l'inquisition.

Quoi qu'il en soit, dimanche dernier, les vastes salons du logis du Tribus étaient trop petits pour contenir la foule empressée, et pourtant bon nombre d'adeptes connus, et s'étant fait excuser, manquaient à l'appel.

M. Roustaing sème la bonne semence dans de bon terrain qui, récemment défriché par lui, produit de beaux et bons fruits. Aussi, malgré sa santé délabrée par le travail, ne perd-il pas une occasion d'utiliser ce qui lui reste de vie terrestre, pénétré qu'il est de la vérité de cette pensée, si bien exprimée par le P. Lacordaire dans sa péroraison, reproduite plus haut : « Rien ne se perd d'un mouvement imprimé par une créature libre, et, toute froide qu'elle est sous la tombe, elle se survit dans l'immortalité des leçons qu'elle a données. »

Pendant que dans la catholique Espagne on promulgue des lois pour opposer une digue aux flots de la vérité qui monte sans cesse et menace d'engloutir dans un avenir prochain les vieilles erreurs; pendant que le nouvel évêque de Barcelonne fulmine contre cette même vérité dans un mandement plein d'apreté; pendant que des mesures légales sont prises de ce côté pour protéger la *Saint-Eglise infaillible*, qui paraît chancelante sur sa base; pendant qu'à Rome cette même Eglise n'a d'autre appui que les baionnettes françaises, il se passe dans l'une et l'autre de ces contrées, les plus fanatiques du monde, des faits dignes de remarque.

En Espagne, c'est un soldat qui, accusé d'avoir volé dans une église, sur l'autel de la Vierge, une coupe en vermeil déposée en *ex-voto*, déclare que ce n'est pas lui qui l'a prise, mais que c'est la Vierge elle-même qui la lui a donnée; qu'il l'a bien remerciée et qu'il a mis la coupe dans sa poche. En présence de cette déclaration, dans laquelle les juges crurent voir un miracle, l'affaire fut renvoyée devant le tribunal ecclésiastique, lequel, craignant de nuire à l'efficacité future des miracles, reconnut qu'il y avait bien un fait de cet ordre, relâcha l'accusé en lui recommandant de ne plus se prêter, à l'avenir, à de semblables fantaisies de la Vierge. — Il y a tout lieu de croire que le fait miraculeux le plus certain reconnu par le tribunal ecclésiastique, c'est que les madones reçoivent mais ne donnent pas.

A Rome, c'est un fait d'une autre nature qui se passe. C'est le renouvellement de l'odieuse affaire Mortara. Un enfant, Michel Coën, jeune israélite, âgé de dix ans, est enlevé à sa famille par un prêtre catholique, qui l'emmène avec lui par surprise et l'enferme dans le couvent des Catéchumènes, pour le faire chrétien malgré lui et malgré sa famille.

N'est-il pas évident que les bons Esprits, las de toutes les horreurs qui se commettent au nom de l'Eglise infaillible, abandonnent ses ministres à l'influence des mauvais Esprits qui les conduisent à leur perte. — *Quos vult perdere Jupiter dementat.*

NÉCROLOGIE

Nous avons en le regret d'apprendre, il y a peu de jours seulement et d'une manière tout à fait indirecte, la mort de M. Adolphe Nunez, dont nos lecteurs connaissent au moins le nom par une communication publiée dans le n° 3 du *Sauveur des Peuples*. Spirite dévoué à la pratique et à la propagation de la doctrine régénératrice, M. Nunez, israélite d'origine, n'hésita pas à reconnaître, dès que ses yeux furent ouverts à la lumière de la nouvelle révélation, que les pratiques du Spiritisme n'avaient rien de contraire à la loi de Moïse; que les temps n'étant plus les mêmes, juifs et chrétiens adorant un seul et même Dieu, c'était un anachronisme que de vouloir appliquer aujourd'hui la défense faite par la loi de Moïse, d'interroger les morts, alors qu'elle fut faite dans d'autres temps pour tenir les Israélites en garde contre l'adoration des faux dieux.

M. Nunez était un homme aussi modeste qu'honnête. Depuis peu de temps et par dévouement au Spiritisme, il avait consenti à accepter la présidence du groupe qui, dans notre ville, a pris le titre de *Société spirite de Bordeaux*. L'aménité de son caractère y aurait ramené sans doute quelques membres, et nous avions l'espoir que sa modestie véritable et sa prudence auraient su imprimer à ce groupe une direction utile.

Nous ne doutons pas que par les qualités de son cœur et la droiture de ses sentiments, M. Nunez n'ait conquis une place parmi les Esprits heureux.

Pour tous les articles non signés :

A. LEFRAISE.

Le Directeur-Gérant : A. LEFRAISE.

BORDEAUX. — Imprimerie A.-R. CHAVNES, cours d'Aquitaine, 57.

Le sauveur, 11 de setembro de 1864, p. 4

“Apesar dos sermões nos quais ele foi ameaçado pelos raios da Igreja e pelas fornalhas do inferno, o Sr. Roustaing, compenetrado da

santidade da doutrina que propaga, continua ainda mais a levar às populações que o cercam o conhecimento do Evangelho pelo Espiritismo; por isso obteve um resultado bem satisfatório. A cada dia de reunião, vê-se chegar a Tribus, de todas as regiões vizinhas, pessoas que, sentindo-se melhoradas, renovadas pela nova revelação posta à capacidade de sua inteligência, vêm dos arredores e de vários lugares ao redor agrupar-se em torno daquele cuja palavra eloqüente e convicta lhes explica de maneira clara e penetrante a realidade da existência de Deus, da imortalidade da alma e de sua individualidade após a morte, pelas relações do mundo invisível dos Espíritos com o nosso.

“Em geral, essas reuniões são compostas de pessoas que habitam o campo, honestos agricultores ou artesãos, entre os quais se encontra um grande número de médiuns, todos surpresos por obter comunicações que os sábios ou os distintos literatos não renegariam. Grande também é a admiração da assistência que pouco conhecia a capacidade literária de cada um. Daí partem as reflexões que, pouco a pouco, discutidas, debatidas, levam cada dia à crença novos incrédulos que, tendo visto com seus próprios olhos os resultados obtidos, e tendo ouvido as explicações do dono da casa, se retiram convencidos e fazem novos adeptos. Por isso, o Espiritismo caminha a passos largos na região.

“Não é, entretanto, sem uma multidão de obstáculos que a nova doutrina abre caminho. Os incrédulos, unindo seus esforços com os dos detratores interessados, procuram enterrar a marcha da verdade. Assim foi-nos relatado por um homem digno de fé, adjunto do prefeito de sua comuna, assinante do *Sauveur des Peuples*, que o cura de sua paróquia, de comum acordo com o prefeito que ele tem sob seu domínio, interceptara o nº 28 desse jornal, que lhe estava endereçado. Assinalamos esse fato, a fim de que os autores dessas manobras culpáveis sejam advertidos de que, se atos semelhantes se repetirem, saberemos responsabilizá-los por sua conduta inqualificável e lhes mostrar que não estamos mais nos tempos da inquisição.

“Seja como for, no último domingo, os vastos salões da casa do Tribus eram muito pequenos para conter a multidão diligente; isto apesar de um bom número de adeptos conhecidos terem faltado ao apelo, desculpando-se pelo não comparecimento.

“O Sr. Roustaing semeia a boa semente em bom terreno que, recentemente arroteado por ele, produziu belos e bons frutos. Também, apesar de sua saúde arruinada pelo trabalho, não perde a oportunidade de utilizar o que lhe resta de vida terrestre, compenetrado que está da verdade deste pensamento, tão bem expresso por P. Lacordaire em sua peroração, reproduzida mais acima: “Nada se perde de um movimento impulsionado por uma

criatura livre, e por mais fria que ela esteja sob a tumba, sobrevive na imortalidade pelas lições que deu”.

Meu Deus, quanta beleza esta Doutrina nos proporciona! Dada a importância do texto, vamos destacar algumas observações:

1º) É possível identificar o dia desta reunião, fazendo-se uma comparação entre a data do jornal, 11 de setembro de 1864 (domingo), com sua própria informação: *Assistimos, no último domingo, a uma reunião de espíritas*. Ora, é uma conta simples: o último domingo ocorreu em 4 de setembro, 1º domingo do mês.

2º) O apostolado de Roustaing está expresso na frase: *Um dos apóstolos mais dedicados da doutrina nova, o Sr. Roustaing, advogado na Corte imperial de Bordeaux*. Aqui está a fonte de inspiração para o título deste livro: JEAN BAPTISTE ROUSTAING – APÓSTOLO DO ESPIRITISMO.

3º) O *Grupo Roustaing* reunia-se na casa da propriedade do Tribus, que era pequena para conter o público interessado de toda a redondeza: *no último domingo, os vastos salões da casa do Tribus eram muito pequenos para conter a multidão diligente*.

E, inclusive, muitos haviam faltado, penso que pela distância de 45 km da cidade principal, Bordeaux. Mas, mesmo lamentando a ausência, não se esqueceram de se desculpar.

4º) O Sr. Lefraise destaca que os participantes eram de diversas localidades:

“A cada dia de reunião, vê-se chegar ao Tribus, de todas as regiões vizinhas, pessoas que, sentindo-se melhoradas, renovadas pela nova revelação posta à capacidade de sua inteligência, vêm dos arredores e de vários lugares ao redor agrupar-se”.

5º) Evidentemente que o sucesso, mesmo o espiritual, incomoda a muita gente; e a Igreja católica esbravejou, porém, inutilmente:

“Apesar dos sermões nos quais ele foi ameaçado pelos raios da Igreja e pelas fornalhas do inferno, o Sr. Roustaing, compenetrado da santidade da doutrina que propaga, continua ainda mais a levar as populações que o cercam ao conhecimento do Evangelho pelo Espiritismo; por isso obteve um resultado bem satisfatório”.

Como está certo o Evangelho do Cristo:

“Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos Profetas que vieram antes de vós” (Mt. 5: 11-12)

6º) Os temas escolhidos para as palestras eram os princípios básicos da Doutrina Espírita, como: *a realidade da existência de Deus, da imortalidade da alma e de sua individualidade após a morte, pelas relações do mundo invisível dos Espíritos com o nosso.*

7º) O orador era experiente em se apresentar em público, dada a sua larga experiência nos tribunais de Bordeaux. Porém, agora, a oratória era mais vibrante e penetrante, pois o coração de Roustaing se encontrava inflamado pelas alegrias e certeza do espiritismo:

“Palavra eloqüente e convicta lhes explica de uma maneira clara e penetrante”.

J.-B. Roustaing anteviu que o sistema de *palestras doutrinárias era indispensável à difusão do espiritismo*. Seus discípulos, principalmente Jean Guérin, seguiram o mesmo caminho, realizando palestras por toda a França. Foram Roustaing e Guérin os iniciadores deste método de difusão doutrinária na seara espírita. É isto que diz a *Revue Spirite*, em artigo de Leymarie (RS, 25º ano, nº 1, 1882, janeiro, p. 3). Veremos mais sobre este fato ao falarmos de Jean Guérin.

8º) Outro ponto relevante é o grande número de médiuns e a análise cuidadosa que faziam de suas produções mediúnicas:

“Se encontram um grande número de médiuns, todos surpresos por obter comunicações que os sábios ou os distintos literatos não renegariam. Grande também é a admiração da assistência que pouco conhecia a capacidade literária de cada um. Daí partem as reflexões que, pouco a pouco, discutidas, debatidas, levam cada dia à crença novos incrédulos que, tendo visto com seus próprios olhos os resultados obtidos, e tendo ouvido as explicações do dono da casa, se retiram convencidos e fazem novos adeptos”.

9º) O *Grupo* contribui para a consolidação dos princípios doutrinários na Gironde: *o Espiritismo caminha a passos largos na região.*

10º) Por fim, diz o Sr. Lefraise, surpreso com o que viu e ouviu, dando mais uma demonstração de que o *Grupo Roustaing* é digno de nota e, por isso, quatro (4) dias depois de seu artigo no *Le sauveur*, o transcreve, também, na íntegra, no *La lumière* (1º ano, 15 de setembro de 1864, quinta-feira, p. 4).

As atividades do *Grupo Roustaing*, fortalecendo-se, deram fama ao nome de Roustaing em toda a vasta região de Entre-deux-Mers. Mais tarde, o Sr. Édouard Feret viria a confirmar:

“Discípulo fervoroso de Allan Kardec, levou, durante os últimos anos de sua vida, numerosos adeptos à doutrina espírita, seja em Bordeaux, seja, sobretudo, na região de Entre-deux-Mers, onde habitava na comuna de Arbis, próximo de Targon”.

Toda esta atividade doutrinária levava as lideranças espíritas de Bordeaux a reconhecer o apostolado de Roustaing como um grande serviço em favor do maior bem que se pode fazer para com a Doutrina: a sua divulgação. É assim que, no grande Banquete de *Pentecostes*, em 1866, quando da inauguração da *Nova Sociedade Espírita de Bordeaux*, ele, presente à reunião, é *brindado* por todos os participantes com um título todo especial:

“A M. J.-B. Roustaing, le vulgarisateur du spiritisme dans la Benauge”.

“Ao Sr. J.-B. Roustaing, o vulgarizador do espiritismo em Benauge” (*L'Union*, 1º ano, nº 48, 22 de maio de 1866, p. 279).

Já citamos toda a ata deste Banquete, redigida pelo Sr. Auguste Bez, na *Introdução*. Lembro que *Benauge* é o Château onde está localizada a sede administrativa da comuna de Arbis, onde ficava a quinta do Tribus, lugar onde funcionava o *Grupo Roustaing*.

Já observamos, também, a frase de Jesus que confirma que *o servo bom, fiel no pouco, terá autoridade sobre dez cidades* (Lc. 19: 17). Esta imagem das *dez cidades* parece que foi talhada de propósito para J.-B. Roustaing. A *Revue Spirite*, através de um aviso assinado pelo *Comitê de leitura* deste periódico,⁵⁹ descreve seu apostolado espírita com estas significativas palavras:

⁵⁹ Adiante falaremos mais sobre este artigo.

“Na Gironde, em Langoiran, La Sauve, Créon, Naujean, Brasne, Frontenac, Arbis, Ladaux, Letourne, Langon, Targon, Blézignac, Fougères, Latrème, Mazères, Villenave-de-Rions, Capian, etc., etc., há mais espíritas que oficialmente se poderia reunir em Paris, todos partidários de Allan Kardec, e que J. B. Roustaing iniciou em nossas crenças; eles consideram Allan Kardec e J. B. Roustaing dois mestres venerados” (RS, 26º ano, 1883, p. 363).

Dans la Gironde, à Langoiran, La Sauve, Créon, Naujean, Brasne, Frontenac, Arbis, Ladaux, Letourne, Langon, Targon, Blézignac, Fougères, Latrème, Mazères, Villenave-de-Rions, Capian, etc, etc., il y a plus de spirites qu'officiellement on pourrait en réunir à Paris, tous partisans d'Allan Kardec, et que J.-B. Roustaing a initiés à nos croyances; ils considèrent Allan Kardec et J.-B. Roustaing comme deux maîtres vénérés, et c'est équité bien naturelle de permettre à nos F. E. C. de dédager sainement l'œuvre de leur initiateur à la grande, à la consolante doctrine spirite fondée par Allan Kardec; agir autrement serait anti-fraternel et déloyal, et nous accomplissons ce devoir.

Revue Spirite, 1883, p. 363

Reparem a extensão do *Grupo* e sua influência na região: *há mais espíritas que oficialmente se poderia reunir em Paris*. Mas a *Revue Spirite* diz mais sobre a grande influência deste *Grupo* na região, e de como a lembrança do *Apóstolo de Bordeaux* continuava bem viva na memória de todos, mesmo anos após a desencarnação de J.-B. Roustaing. Estas palavras que iremos citar foram escritas pelo Sr. P.-G. Leymarie, quando de sua visita missionária,⁶⁰ em 1883, àquela região. Logo, ele observou *in loco* e, por isso, suas palavras são de fé:

“Em todas as comarcas de *Entre-deux-Mers*, a lembrança de J.-B. Roustaing permanece bem viva; os adeptos do espiritismo e aqueles que se interessam por nossa filosofia aí se contam aos milhares; todos se recordam das reuniões em Arbis, nas quais, todo domingo, o antigo bastonário da ordem dos advogados de Bordeaux discorria sobre o espiritismo; seja em seu salão, seja diante da relva vizinha ao seu *château*, e sobre a qual ficavam seus numerosos ouvintes; o terreno foi bem semeado” (RS, 26º ano, nº 7, 1883, julho, p. 299).

⁶⁰ Adiante falaremos mais sobre este artigo.

600. Dans tous ces cantons de l'entre-deux-mers, le souvenir de J. B. Roustaing est resté bien vivant ; les adeptes du spiritisme et ceux qui s'intéressent à notre philosophie s'y comptent par milliers ; tous se rappellent les réunions à Arbis, dans lesquelles, chaque dimanche, l'ancien bâtonnier de l'ordre des avocats à Bordeaux, discourait sur le spiritisme, soit dans son salon, soit devant la pelouse qui attenait à son château, et sur laquelle se tenaient ses nombreux auditeurs ; le terrain a été bien ensemené et nous venons y préparer la récolte en y parlant de la grande

Revue Spirite, 1883, p. 299

J.-B. Roustaing: *apóstolo de Bordeaux*, pelo coração, pela palavra e pela prática. Ele retrata bem o que diz Emmanuel sobre o significado do apostolado com Jesus:

“É o fermento espiritual que leveda a massa do progresso e do aprimoramento” (*Fonte viva*, p. 133).

XXII – ORGANIZAÇÃO DE *LES QUATRE ÉVANGILES*

A missão de Roustaing diante da obra *Les quatre évangiles* não é só a de *compilador*, como é comumente conhecido. Compilar traz o sentido de reunir textos que, no caso em foco, vêm de uma mesma procedência e natureza. Não. Roustaing foi mais que isto. Podemos chamá-lo de *organizador*. E isto porque ele não só ordenou os ditados, que, aliás, não foram recebidos na seqüência comumente conhecida das escrituras sacras, mas pôde participar, com perguntas elucidativas, que muito facilitaram o esclarecimento e o aprofundamento das revelações espirituais. Além disso, cabia a ele uma *Introdução* que apresentaria todo o trabalho, fora as correções e os acordos com a gráfica e os livreiros, de Bordeaux e Paris.

O trabalho era grande e demandava dedicação e cuidado todo especial. Os Espíritos reveladores, em dezembro de 1861, já haviam recomendado, tanto a ele como à Sra. Collignon:

“Ponde-vos mãos à obra; trabalhai com zelo e perseverança, coragem, atividade e não esqueçais nunca que sois instrumentos” (QE, I, 65).

Nesta mesma mensagem, também disseram:

“Quando todos os materiais estiverem reunidos e for chegado o momento de se tornar conhecida, de publicar-se esta obra, destinada a congregar todos os dissidentes de boa fé, ligando-os por um pensamento comum, sereis prevenido” (QE, I, 66).

A obra começa a ser revelada. Roustaing dá, então, uma dica, numa nota no volume II, página 334, dizendo que determinada passagem da obra foi ditada em 18 de dezembro de 1862. Ora, fazendo uma conversão no *software de calendário*, temos que esta passagem foi escrita numa quinta-feira. Assim, podemos supor que, desde dezembro de 1861 até maio de 1865, J.-B. Roustaing e Émilie Collignon se reuniam semanalmente, todas às quintas,⁶¹ para receberem da espiritualidade *Les quatre évangiles*.

⁶¹ Coincidentemente, o *Grupo Ismael*, célula espiritual da *Federação Espírita Brasileira*, incorporado a esta *Casa mater*, por Bezerra de Menezes, em 1889, se reúne até hoje, todas as *quintas-feiras*, às 19 horas, para estudar *Os quatro evangelhos* de J.-B. Roustaing.

Os textos, como já falamos, não foram revelados na ordem conhecida dos capítulos dos Evangelhos. No quadro abaixo, o leitor poderá observar, por exemplo, que a passagem de Mateus (I: 1-17) foi revelada em abril de 1863, enquanto a de Mateus (VIII: 5-13), veio à luz com cerca de onze meses de antecedência, em maio de 1862. Apesar da aparente desarmonia cronológica, o texto total da obra forma um todo perfeito, como se tivesse sido ditado, parágrafo após parágrafo, numa única seqüência. Aqui se vê que a espiritualidade tinha o controle de tudo, e ia fazendo as revelações, segundo seu plano, e atendendo à capacidade de compreensão do médium e do organizador da obra. Todo este quadro foi montado a partir de 11 notas apresentadas por Roustaing.

Livro	Cap.	Vers.	Dia	Mês	Ano	Dia Semana	Vol.	Pág.
Mateus	VIII	5-13	-	maio	1862	-	II	82
Lucas	VII	1-10	-	maio	1862	-	II	82
Mateus	XIII	1-23	18	dezembro	1862	quinta	II	334
Marcos	IV	1-20 e 25	18	dezembro	1862	quinta	II	334
Lucas	VIII	1-15 e 18	18	dezembro	1862	quinta	II	334
Lucas	X	23-24	18	dezembro	1862	quinta	II	334
Mateus	IX	32-34	-	fevereiro	1863	-	II	157
Lucas	XI	14-20	-	fevereiro	1863	-	II	157
Mateus	XIII	36-43	-	fevereiro	1863	-	II	357
Mateus	I	1-17	-	abril	1863	-	I	295
Lucas	III	23-38	-	abril	1863	-	I	295
Mateus	XXII	15-22	-	agosto	1863	-	III	275
Marcos	XII	13-17	-	agosto	1863	-	III	275
Lucas	XX	20-26	-	agosto	1863	-	III	275
Mateus	XXIV	1-14	-	agosto	1863	-	III	319
Marcos	XIII	1-13	-	agosto	1863	-	III	319
Lucas	XXI	5-19	-	agosto	1863	-	III	319
Mateus	XXIV	40-44	-	agosto	1863	-	III	356
Lucas	XII	39-40	-	agosto	1863	-	III	356
Mateus	XXV	14-30	-	agosto	1863	-	III	369
Lucas	XIX	11-27	-	agosto	1863	-	III	369
Lucas	XVII	25-37	-	dezembro	1864	-	III	143
João	VII	10-53	-	dezembro	1864	-	IV	301

Prosseguia sem interrupção a revelação de toda a obra. Quando os Espíritos estavam ensinando acerca da *parábola do mancebo rico*, precisamente nas explicações do versículo que diz: *ama o teu próximo como a ti mesmo* (Mt. 19: 19), espontaneamente foram ditadas estas palavras:

“Quando estiveres da posse de todos os materiais acerca dos Evangelhos, far-te-emos empreender um trabalho especial sobre os Mandamentos – Decálogo (Êxodo, cap. XX): – Amor de Deus e do próximo (Deuteronomio, cap. VI, vv. 4-5; Levítico, cap. XII, v.18; Mateus XXII, vv. 34-40; Marcos, XII, vv. 28-31; Lucas, X, vv. 25-28 e 29-37), trabalho esse que publicarás em seguida ao dos Evangelhos. – Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos apóstolos” (QE, IV, 69).

No mês de maio de 1865, estavam reunidos todos os ditados, tanto sobre os Evangelhos, como sobre os Mandamentos. Roustaing recebe, então, pela mesma médium Sra. Collignon, uma mensagem espontânea, orientando-o sobre a publicação da obra. Vamos transcrevê-la na íntegra, e depois faremos alguns comentários que se fazem necessários:

“Chegados a uma época transitória em que, lutando com o espiritualismo, o materialismo deixa as almas indecisas; em que, incerta, a fé flutua no ar, sem saber onde pouse; em que, filho dos séculos de barbaria, de intolerância, da cupidez, os dogmas envelhecidos tremem nas suas bases; em que os princípios fundamentais da fé: a crença num Deus, a esperança de uma vida eterna, se extinguem, à falta de alimento; em que, cansados de mentiras, os homens vão ao extremo de rejeitar as verdades, é tempo de oferecer-se-lhes uma luz suave, porém firme, que possa clarear esse caos e mostrar aos vacilantes, aos pesquisadores o caminho que eles a tantos séculos perderam. “Essa luz vos é dada pelo Espiritismo, que tem a missão de reacender o fogo do amor universal, abafado no fundo do coração humano, de reconduzir aos pés do Senhor os ateus, que julgam viver somente pela matéria, de fazer que os homens sigam com amor a casta e grandiosa figura de Jesus que, do alto da cruz, lança, de contínuo, fraterno olhar a todas as criaturas que lhe cumpre levar ao Pai purificadas e santificadas.

“Desde alguns anos o nome de Jesus provoca muitas dissidências e dá lugar a muitos sofismas.

“Ninguém mais podendo crer na sua divindade, procuraram explicá-lo pela natureza humana propriamente dita. Mas, ainda aí o

homem esbarrou num escolho com que não contara: Jesus, como homem-Deus, era um contra-senso, seu devotamento, uma aberração, seu sacrifício, uma mentira, sua pureza, uma conseqüência fatal da sua natureza. Considerado homem carnal, homem de vosso planeta, seus atos se tornavam incompreensíveis, sua vida um problema, não passando de mistérios, de quantos apropriados unicamente a embalar a humanidade infante e destinados a ser por ela repelidos com desprezo e zombaria na sua virilidade, os fatos denominados milagres, operados pelo Mestre antes do sacrifício do Gólgota, o desaparecimento de seu corpo do sepulcro, estando chumbada a pedra que lhe fechava a entrada, sua ressurreição e, como conseqüência desta, suas aparições às mulheres e aos discípulos, sua volta às regiões etéreas, na época chamada ascensão.

“Agora que o terreno foi lavrado em todos os sentidos pelos trabalhadores do pensamento, a revelação da revelação tem que ser conhecida e publicada, porquanto a obra que vos fizemos empreender vem explicar Jesus aos homens, tal como ele se apresenta aos olhos do pensador esclarecido pela luz espírita, isto é:

“como protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, dirigindo-lhe o desenvolvimento, os progressos, sempre dedicado à ativação da sua obra;

“como revestido de um corpo harmônico com a sua natureza espiritual, mas também relativamente harmônico com a vossa esfera, para aí se manifestar por longo tempo e lançar a semente que lhe havia de germinar durante mil e oitocentos anos, deixando muitos grãos por pasto ao erro, preservada, porém, a vitalidade dos que começam hoje a desenvolver-se e que, em breve, cobrirão com seus ramos frondejantes o universo inteiro.

“A semente destinada a germinar durante mil e oitocentos anos deixou muitos grãos para alimento do erro, porque, em tempo algum, a verdade inteira pode ser desvendada à humanidade; porque, sobretudo quando esta ainda se acha na infância, a verdade, atenta à maneira pela qual é disposta e apropriada, é sempre relativa ao entendimento da mesma humanidade, ao que ela pode suportar e compreender. Assim sendo, os véus que a cobrem dão lugar a falsas interpretações, que têm sua razão de ser com relação à época.

“A semente vital, que hoje começa a se desenvolver e que breve estenderá seus galhos frondejantes por sobre o universo, é a base forte que não pode ser substancialmente alterada. A semente que o Mestre espalhou quando surgiu na Terra e por ela passou, que germinou e vos há de abrigar, é a fé na missão do Cristo, enviado de Deus aos homens para lhes ensinar a viver e a morrer, objetivando o progresso do Espírito (ponto de vista este do qual fez ele todas as suas obras); para lhes mostrar o caminho do céu

pelo renascimento, pela reencarnação, que é senda de purificação e de progresso, único meio de conciliar a justiça divina com a aparente injustiça da sorte. É a fé primordial, fundamental, definitiva num Deus, só e único criador de tudo; a confiança e a certeza de que há, para a alma que faliu, uma vida eterna, a princípio expiatória e por fim gloriosa.

“A obra que vos fizemos empreender vem mostrar aos homens que, afastada toda e qualquer idéia de maravilhoso, de divindade da parte do Cristo, se podem explicar e pôr em concordância os livros que tiveram por destino conservar o bom grão, envolvendo-o, para isso, numa camada de mistérios, até o momento em que o solo se devesse cobrir de frutos, isto é, até os tempos da era nova que começa, em que o Espírito da Verdade, que o Mestre predisse e prometeu, vai despojar da letra o espírito e, pela sua obra progressiva e incessante, preparar e realizar o reino da verdade e conduzir-vos ao advento de Jesus, que vos virá mostrar a verdade sem véu.

“Fica sabendo e faze saber a teus irmãos que a obra que lhes colocas sobre as vistas é uma obra preparatória, ainda incompleta, uma entrada em matéria; que não passa de um prefácio da que sairá das mãos daquele que o Mestre enviará para esclarecer as inteligências e despojar INTEIRAMENTE da letra o espírito.

“Aquele que há de desenvolvê-la e cuja obra também será preparatória não tardará a se dar a conhecer, porquanto a atual geração humana verá os seus primeiros anos messiânicos. E os messias, isto é, os enviados especiais se sucederão até que a luz reine sobre todos.

“Publica esta obra, a que darás o título de – Os Quatro Evangelhos, seguidos dos MANDAMENTOS EXPLICADOS em espírito e verdade, de acordo com os ensinamentos ministrados, quanto aos Evangelhos, pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos e, quanto aos Mandamentos, por Moisés e pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos.

“O trabalho é geral. Se bem que os nomes nem sempre sejam declinados, um de nós presidiu sempre à inspiração. O Espírito que nos anima é o mesmo que anima a todos os Espíritos superiores, sejam quais forem, que prepararam o advento da missão terrena do Mestre, que participaram do cumprimento dessa missão, que para ela concorreram, que trabalharam e trabalham pelo desenvolvimento, pelo progresso do vosso planeta e da vossa humanidade.

“Damos nomes para evitarmos nomear aquele que, por nosso intermédio, dirigiu estes trabalhos e dirigirá os que ainda temos que fazer sejam empreendidos.

“O que vais publicar será a primeira parte da obra geral. A segunda se comporá: 1º da refutação das objeções que esta primeira

parte sobre os Evangelhos e os Mandamentos provocar; 2º da explicação, em espírito e verdade, dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas, na passagens que delas extrairemos para dar autoridade ao presente; da revelação, chamada Apocalipse, que João recebeu na ilha de Patmos.

“É chegado o tempo de te colocares na situação de entregar à publicidade esta obra. Não fixamos limites. Emprega, com critério e medida, as horas, a fim de poupares tuas forças. Tens diante de ti mais de um ano. Alguns meses a mais ou a menos nada são no correr dos tempos, porém são muita coisa na economia das forças humanas.

“A publicação poderá começar no próximo mês de agosto. A partir desta época, trabalha com a maior presteza possível, mas sem ultrapassar os limites de tuas forças, de tal sorte que a publicação esteja concluída em agosto de 1866.

“Coragem, bons trabalhadores. O Mestre saberá levar em conta a vossa boa-vontade.

Moisés, Mateus, Marcos, Lucas, João,

Assistidos pelos apóstolos.

Maio de 1865

Agora, destaquemos alguns pontos desta mensagem para análise:

1º) Jesus é o *protetor e governador de vosso planeta*.

O livro dos espíritos já havia destacado que ele é o *tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem*. Seu guia e modelo. Kardec até conclui, inspirado, que:

“O Espírito Divino o animava” (perg. 625).

2º) A mensagem fala sobre o *corpo fluídico* de Jesus:

“Revestido de um corpo harmônico com a sua natureza espiritual, mas também relativamente harmônico com a vossa esfera, para aí se manifestar por longo tempo”.

O próprio Roustaing faz uma síntese do que seria este *corpo fluídico*, na obra de sua autoria *Les quatre évangiles de J.-B. Roustaing – réponse à ses adversaires – édité par les élèves de*

J.-B. Roustaing (Bordeaux, imprimerie de J. Durand, 1882).⁶² É precisamente daí que vamos tirar o comentário de J.-B. Roustaing sobre o *corpo fluídico*:

“1º) Que o puro Espírito não pode aparecer num mundo fluídico, imediatamente inferior às regiões dos fluídos puros que ele habita, senão por encarnação ou incorporação fluídica voluntária.

“2º) Que não pode descer ao planeta, superior ou inferior, que tem por Messias, senão assimilando esse corpo fluídico às regiões que haja de percorrer através das camadas de ar e de mundos intermediários, assimilando-o depois aos fluidos ambientes que servem para a formação do homem planetário.

“3º) Que esse puro espírito não pode aparecer num planeta, senão seguindo o curso das leis naturais, pela ação espírita e magnética.

“4º) Que, com o auxílio da influência magneto-espírita, a concepção, a gravidez, o parto podem ser imitados. A ação fluídica dá lugar a este notável fenômeno, de maneira a produzir a ilusão completa na mulher e em todos os que o testemunham.

“5º) Que essa ação é útil, oportuna, necessária para o aparecimento de um Messias” (no opúsculo original francês, pp. 135-7. Na versão em português de *Os quatro evangelhos*, vol. I, 1942, p. 107).

Só assim é permitido ao *Espírito puro* se manifestar corporalmente, pois ele não está:

“Mais sujeito à reencarnação em corpos perecíveis” (*O livro dos espíritos*, perg. 113).

Outro ponto que precisa ser reforçado é o de que este Espírito puro pode, com semelhante corpo fluídico, *se manifestar por longo tempo*. Inicialmente, podemos dizer que se trata de um *agêner*, pois este corpo não foi gerado segundo a morfologia do nosso planeta. Porém, é bom que se diga logo, que ele não está definido nos *caracteres dos agêneres* apresentados por Allan Kardec, pois, em seu tempo, o Codificador não havia observado casos de materializações de Espíritos, além de não serem estes

⁶² Sobre esta obra ainda falaremos dela mais adiante. O original é constituído de 164 páginas. Quando saiu a 2ª impressão da obra *Les quatre évangiles*, em 1882, os discípulos de Roustaing publicaram nela, como prefácio, parte deste opúsculo crítico, precisamente das páginas 88 a 164. Guillon Ribeiro, o ilustre tradutor de *Os quatro evangelhos* para o português, nas edições da FEB, de 1920 e 1942, baseada na 2ª tiragem de 1882, traduz e publica este encarte. Porém, nas futuras edições da FEB, ele não foi mais incluído.

corpos, ainda, objeto de pesquisa da ciência, o que só aconteceu mais tarde, na década de 1870, por Willian Crookes e outros cientistas de renome. Vejamos um comentário de Kardec;

“É de notar-se que as aparições tangíveis só têm da matéria carnal as aparências; não poderiam ter dela as qualidades. Em virtude da sua natureza fluídica, não podem ter a coesão da matéria, porque, em realidade, não há nelas carne. Formam-se instantaneamente e instantaneamente desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem, nem morrem, como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba de onde vêm, como vieram, nem para onde vão. Ninguém os poderia matar, nem prender, nem encarcerar, visto carecerem de corpo carnal. Atingiriam o vácuo os golpes que se lhes desferissem.

“Tal o caráter dos agêneres, com os quais se pode confabular, sem suspeitar de que eles o sejam, mas que não demoram longo tempo entre os humanos e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família” (*A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 1973, pp. 297-8).

O primeiro ponto que se levanta é a *falha na generalização* da citação de que estes tipos de corpos não têm a *coesão da matéria*. Isto não é absoluto. No caso de Jesus, depois do fenômeno da cruz, ele aparece para Tomé e diz:

“Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne e ossos, como vedes que eu tenho” (Lc. 24: 39).

O próprio Kardec cita vários casos de agêneres, dos quais se devem guardar as devidas distâncias da ciência especial utilizada para o corpo de Jesus, dada a sua grandeza espiritual, onde aparece, de forma bem palpável, a coesão da matéria. Um caso é o ocorrido com o Sr. Lecomte, cultivador na comuna de Brix, caso bem real, segundo o próprio Kardec:

“Não se trata de uma simples visão, mas de uma aparição tangível, pois o defunto, amigo do Sr. Lecomte, lhe havia apertado a mão” (RS, FEB, 1860, abril, p. 185).

O segundo ponto é o da duração desta manifestação física: *Formam-se instantaneamente e instantaneamente desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas*. Esta

é outra generalização falha. No caso do *louquinho de Bayonne*, o próprio Codificador é quem comenta:

“A duração dessa aparência está submetida a condições que nos são desconhecidas; depende, sem dúvida, da vontade do Espírito, que a pode produzir ou fazê-la cessar à vontade, embora dentro de certos limites, que nem sempre tem liberdade de transpor” (RS, FEB, 1859, fevereiro, p. 62).

Reparem que Kardec confessa que as *condições da duração* da aparição lhe são *desconhecidas*. E que tudo *depende da vontade* do Espírito, respeitando-se *certos limites*. Qual era o nível da vontade de Jesus? Quais os limites permitidos para a sua missão messiânica?

É por isso que um dos grandes discípulos de Roustaing, o engenheiro René Caillé, Vice-Presidente honorário da *Sociedade de Estudos Psicológicos de Paris*, em sua obra *Spiritisme Chrétien – Révélation de la Révélation – Les évangiles – Analyse et resume* (Librairie des sciences psychologiques, Paris, 1884)⁶³, que, em 820 páginas, resume, de forma brilhante, a obra de J.-B. Roustaing, não aceita as correlações entre o *corpo fluídico* de Jesus e o *caráter dos agêneres* apresentado por Allan Kardec:

“O Cristo, quando veio cumprir sua missão, tomou a *incorporação* que tomam os espíritos perfeitos nos mundos *fluídicos* superiores, e a tomava e a retomava à vontade. Ao contrário dos agêneres, ele estava apto a uma longa tangibilidade. Não há, então, nenhuma analogia a estabelecer entre o Cristo e os agêneres” (Observação da p. I, referente à informação da p. 15).

São Luís, Presidente espiritual da *Sociedade Espírita de Paris*, aliás, interrogado por Kardec sobre a classe dos Espíritos, inferiores ou superiores, que podem se manifestar de forma tangível, respondeu:

“Podem pertencer às duas; são fatos raros. Deles tendes exemplos na Bíblia” (RS, FEB, 1859, fevereiro, p. 65).

Maurice Lachâtre, no seu *Nouveau dictionnaire universel*, de 1865, no verbete sobre os *agêneres*, fala sobre a *duração momentânea* e dá um exemplo sobre uma *aparição de longa duração*:

⁶³ No 3º *Apêndice* deste livro vamos transcrever parte deste *prefácio* e do *epílogo* desta obra.

“Variedade de aparição tangível, segundo a doutrina espírita. É o estado de que certos Espíritos podem se revestir momentaneamente com formas e aparências de uma pessoa viva, a ponto de produzir uma completa ilusão”.

Mais adiante continua Lachatre:

“A história registra vários fatos desse gênero; as lendas de todos os povos contêm grande número de casos. O anjo que guiou Tobias na sua viagem pertenceria a esta categoria, porque, aos olhos do jovem homem, era um simples companheiro de viagem, até o momento que, no seu retorno, este subitamente desapareceu”.

O terceiro ponto de generalização falha é quando Kardec comenta que *atingiriam o vácuo os golpes que se lhes desferissem*. Não, a materialização é concreta. Só atinge o vácuo, se o Espírito se desmaterializar. É o que ensina Crookes com sua experiência:

“Jamais Katie se mostrou tão perfeitamente. Por perto de duas horas passeou pela sala, conversando familiarmente com os que aí se achavam reunidos. Muitas vezes tomou de meu braço, caminhando, e a impressão experimentada por mim, de estar ao meu lado uma mulher viva e não um visitante do outro mundo... pedi-lhe permissão para tomá-la nos braços... Pude assim me certificar de que o fantasma... era um ser material como a própria Miss Cook”.

O quarto ponto também é falho, em sua generalidade, o de que *não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família*. Allan Kardec aqui não se lembrou do caso apresentado por ele mesmo na *Revue Spirite*, do jovem de Boulogne-sur-Mer, que, desdobrado, foi levado a Londres para ver os amigos, passando com eles alguns momentos, num domingo, inclusive com:

“O caso singular de ter almoçado com eles” (RS, FEB, 1858, dezembro, p. 494).

Aliás, este foi também o caso do anjo que guiou Tobias, que Kardec não deveria esquecer, pois que o citou por três vezes: duas em *O evangelho segundo o espiritismo*: 1º) Capítulo XXV, item 5 e 2º) Capítulo XXVII, item 8 e uma em *Revue Spirite*, 1866, pp. 483, 487 e 490.

Com Jesus também aconteceu o mesmo, depois do fenômeno da cruz:

“Então, lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. E ele comeu na presença deles” (Luc. 24: 42-3).

Voltemos para a análise da mensagem dada a Roustaing, em maio de 1865:

3º) Queda e salvação:

A mensagem fala de *queda* e de *salvação* para o Espírito que, livre e espontaneamente, faliu:

“A certeza de que há, para a alma que faliu, uma vida eterna, a princípio expiatória e por fim gloriosa”.

Aqui estamos diante do chamado fenômeno da *queda* espiritual, devidamente explicada na obra de Roustaing (QE, I, pp. 281-336).

O *livro dos espíritos*, na pergunta nº 122, fala em *queda do homem e do pecado original*. A pergunta nº 124 diz que há Espíritos que, *desde o princípio, seguiram o caminho do bem absoluto*. Na pergunta nº 125, os Espíritos reveladores explicam que os que enveredaram pelo caminho do mal chegarão também à perfeição, só que *as eternidades lhes serão mais longas*. A pergunta nº 262 ensina que a *conseqüência do desatender os conselhos dos bons Espíritos é a chamada queda do homem*.

A *queda* arremessou o Espírito no exílio da encarnação física. Agora, ele, como o *filho pródigo da parábola*, deve expiar seus erros, refletir, entrar em si, e trilhar o caminho de volta à *Casa Paterna*. O Espírito Lamennais recomenda:

“Filhos pródigos, deixai o exílio voluntário” (RS, FEB, 1860, novembro, p. 513).

Um Espírito que *sempre mostrou superioridade*, no dizer de Kardec, evocado, deu a seguinte explicação sobre os maus pendores que muitos ainda, entre nós, manifestam, como o prazer pelo crime:

“Sua punição é justamente retrogradar; é o próprio inferno. É a punição de Lúcifer, do homem rebaixado até a matéria, isto é, o véu que, doravante, lhe ocultará os dons de Deus e sua divina proteção. Esforçai-vos, pois, para reconquistar esses bens perdidos; tereis reconquistados o paraíso que o Cristo nos veio abrir. É a presunção, é o orgulho do homem que queria conquistar o que somente Deus podia ter” (RS, FEB, 1858, outubro, pp. 430-1).

Allan Kardec conhecia bem esse tema, pois ele mesmo alerta os espíritas bordelenses. É muito interessante ver estas palavras ditas pelo Codificador:

“Vedes, pois, senhores, que o impulso que vos anima vem do Alto, e bem temerário seria quem o quisesse deter, porquanto seria abatido como os anjos rebeldes, que quiseram lutar contra o poder de Deus” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 512).

Toda a revelação da *queda* espiritual apresentada por Roustaing encontra-se devidamente comentada e explicada, com várias figuras e gráficos, no livro *A evolução de Adão – reencarnação do Gênesis à psiquiatria*, de Jorge Damas Martins e Roberto Silveira, edição particular, Rio de Janeiro, 1985.

Aproveito para comentar que é nestas páginas sobre a *queda* espiritual, em *Les quatre évangiles*, que há a propalada questão sobre comparação com os *criptógamos carnudos*. O Espírito, após a sua *queda*, se é muito simples na escala evolutiva, vai habitar formas humanas rudimentares, em mundos primitivos. Foram essas condições patológicas que permitiram a comparação, feita pelos Espíritos reveladores. Vejamos primeiro a citação na obra:

“Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos. Podeis formar idéia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios. São massa, quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja, ou antes desliza, tendo os *membros*, por assim dizer, *em estado latente*” (QE, I, 313. Itálico do original).

Solicito ao leitor que atente para as COMPARAÇÕES usadas pelos Espíritos. Eles fazem duas comparações:

- A) Criptógamos carnudos: *Cryptogames charnus* (no francês, 1882, 1º vol, p. 499).
- B) Larvas informes: *larves informes* (no francês, 1882, 1º vol. p. 499).

O que são criptógamos? *Cripto + gamia*. Na botânica é a classe do sistema sexual de Carl Von Linneu (1707-1778), naturalista sueco, onde se encontram os vegetais pluricelulares (cogumelos, musgos etc.), cujos órgãos da reprodução estão ocultos ou pouco aparentes.

Entre os cogumelos há os microscópicos, como o mofo, e espécie de grande talhe, alguns apresentando frutificação em forma

de chapéu encimando um pé ou talo. Há modalidades comestíveis, algumas tóxicas e até mesmo mortais.

No *sentido figurado*, diz-se das coisas que surgem rapidamente e em grande número. *Crescer como cogumelo, crescer rapidamente* (ver *Enciclopédia e dicionário ilustrado*, Koogan/Houaiss, Edições Delta, 1998).

Kardec, dada a sua cultura invejável, que todo o movimento espírita reconhece, fala sobre os criptógamos, inclusive os carnudos, muitas vezes, e mesmo bem antes de J.-B. Roustaing. Vejamos algumas de suas citações. Inicialmente como um vegetal minúsculo:

“O botânico não pode conhecer o reino vegetal a não ser observando o mais humilde criptógamo (*cryptogame*, no original francês, p. 192), que o musgo oculta, até o carvalho altaneiro, que se eleva nos ares” (RS, FEB, 1858, julho, 298).

Agora, como um vegetal grande e bem *carnudo*:

“O cogumelo é um produto dos mais bizarros; delicioso ou mortal, microscópico ou de dimensão fenomenal, confunde, sem cessar, a observação do botânico. No túnel de Doncastre, existe um cogumelo que há doze meses se desenvolve, parecendo não haver ainda atingido sua última fase de crescimento. Atualmente mede 15 pés⁶⁴ de diâmetro. Veio num pedaço de madeira; é considerado o mais belo espécime de cogumelo que já existiu. Sua classificação é difícil, porque as opiniões estão divididas. Assim, eis a ciência em grande dificuldade por causa de um cogumelo que se apresenta sob um novo aspecto. Esse fato provocou em nós a seguinte reflexão: Suponhamos vários naturalistas, cada um a observar por seu lado uma variedade desse vegetal: um dirá que o cogumelo é um criptógamo comestível, apreciado pelas pessoas de fino paladar; o segundo, que é venenoso; o terceiro, que é invisível a olho nu; e o quarto que pode alcançar até quarenta e cinco pés de circunferência, etc.” (RS, FEB, 1858, agosto, p. 323).

Noutro ponto fala Kardec das lições que um criptógamo pode oferecer:

⁶⁴ O Dicionário Aurélio eletrônico informa: Unidade de medida linear anglo-saxônica, de 12 polegadas, equivalente a cerca de 30,48 cm do sistema decimal. Logo, a medida do cogumelo citado por Kardec é de aproximadamente 4,57 m. Como se pode constatar é muito *carnudo*.

“Para o observador nada é perdido, encontrando ensinamentos até mesmo no criptógamo que cresce no adubo” (RS, FEB, 1858, dezembro, p. 506).

Aliás, foi assim que os Espíritos reveladores da obra *Les quatre évangiles* fizeram, como sugere Kardec: observando os cogumelos ou criptógamos, fizeram uma comparação deles e de suas características com as primeiras encarnações humanas rudimentares, em planetas primitivos.

Kardec ainda diz mais. Agora ele vai usar criptógamo em sentido figurado, numa crítica à erudição superficial do Sr. Louis Figuier:

“O Sr. Louis Figuier deu-se à especialidade de recolher, um a um, os mil fatos que brotam, dia a dia, em torno das academias, como longas carreiras de cogumelos que nascem da noite para o dia sobre as camadas criptogamíferas” (RS, FEB, 1861, abril, p. 169).

É óbvio que Allan Kardec não está falando que o Sr. Louis Figuier recolhe criptógamos, ele está fazendo uma comparação. E é precisamente isto que os Espíritos reveladores fazem.

Nos Evangelhos, há outra comparação que erroneamente foi tomada ao pé da letra. É o caso do Espírito que se manifestou sobre Jesus, quando do seu batismo por João:

“E um espírito santo desceu como pomba sobre ele em forma corpórea” (Lc. 3: 22).

Esta tradução é do Prof. Pastorino (*Sabedoria do Evangelho*, 1º vol., Rio de Janeiro: Ed. Sabedoria, 1967, p. 125). O Espírito, corporal ou perispiritualmente, desceu levitando sobre Jesus, como uma pomba desce sobre alguém.

O Espírito André Luiz também faz uma comparação bastante incomum para o corpo espiritual humano primitivo:

“Em tais circunstâncias, se o monoideísmo é somente reversível através da reencarnação, a criatura humana desencarnada, mantida a justa distância, lembra as bactérias que se transformam em esporos” (*Evolução em dois mundos*, F. C. Xavier. Rio de Janeiro, FEB, 1977, pp. 90-1).

Assim, a comparação da encarnação do Espírito primitivo com cogumelos carnudos significa que ele, nesta triste condição, não lavra, nem semeia, mas vive como um parasita de tudo o que a natureza disponibiliza ao alcance de suas mãos. À semelhança

do cogumelo citado por Kardec, que *veio num pedaço de madeira*, e que naturalmente vive a custa dela.

A outra comparação da encarnação em planeta primitivo, na obra de Roustaing, é com a *larva informe*. O habitante destes planetas tem muitos de seus membros bastante acanhados, estando mesmo alguns em *estado latente*. Um exemplo claro é seu cérebro, bem menor, e que manifesta menos funções em relação ao homem civilizado. Ele rasteja ou desliza como um *macacóide*. André Luiz fala de um Espírito encarnado, em nosso planeta, mas em profunda aberração:

“Por fora, sim, era ele dolorosa máscara de anormalidade e aberração. Mirrado, nada medindo além de noventa centímetros e apresentando grande cabeça, aquele corpo disforme, tresandando odores fétidos, inspirava compaixão e repugnância... A fisionomia denotava configuração macacóide, exibindo, porém, no sorriso inconsciente e nos olhos semilúcidos, a expressão de um palhaço triste” (*Ação e reação*, F. C. Xavier. Rio de Janeiro, FEB, 1980, p. 180).

Outra revelação é bastante concorde com a de Roustaing. Ela foi dada pelo Espírito João sobre o comportamento do homem primitivo:

“Era extremamente preguiçoso. Estendido na terra, alimentava-se do que estava ao alcance de sua mão; e, sempre que se punha em movimento, seus gestos revelavam repugnância e desgosto” (*Roma e o Evangelho*, D. José Amigó Y Pellicer. Rio de Janeiro, FEB, 1982, p. 167).

De tudo isto, conclui os Espíritos em *Les quatre évangiles*:

Eis, oh! homem, a tua origem, o teu ponto de partida, quando o orgulho, a inveja, o ateísmo, surgindo mesmo no centro da luz, a indocilidade e a revolta te fizeram falir em condições que exigem a primitiva encarnação humana. Não desvies horrorizado o olhar, antes bendize do Senhor que te permite elevar os olhos para ele e entrever a imagem da perfeição nos Espíritos radiosos que o cercam (QE, I, 313).

4º) A obra *Les quatre évangiles* é preparatória:

“A obra que lhes colocas sobre as vistas é uma obra preparatória, ainda incompleta, uma entrada em matéria; que não passa de um prefácio da que sairá das mãos daquele que o Mestre enviará para esclarecer as inteligências e despojar INTEIRAMENTE da letra o espírito”.

Quem será esse que o *Mestre* enviará?

Antes, vamos resgatar da obra de Roustaing o que ela ensina sobre a vinda dos missionários especiais. Roustaing fala do *advento do Cristo*, da vinda do *Regenerador*, e da *reencarnação dos discípulos*.

A) *A reencarnação dos discípulos:*

“Os discípulos de Jesus reencarnando outra vez para acabarem a obra que começaram, virão ainda *ligar e desligar* na terra e o Senhor *ligará e desligará* no céu, pois tal será deles a missão” (QE, II, p. 169).

B) *A vinda do Regenerador:*

“Espírito que desempenhará a missão superior de conduzir a humanidade ao estado de inocência, isto é, ao grau de perfeição a que ela tem de chegar” (QE, III, p. 65).

Noutra passagem da obra, fala-se da vinda do Precursor, o Espírito Moisés-Elias-João, com palavras que estão bem próximas das que foram usadas para definir a missão deste *Regenerador*. Pelo dito se está falando da mesma entidade espiritual:

“Elias-João, o Precursor, ainda reaparecerá no meio de vós. Sua presença assinalará um imenso progresso, tanto no terreno moral, como no da ciência. Sua futura missão consistirá em alargar o círculo das vossas idéias, dos vossos conhecimentos, fortificando em vós o amor universal e a caridade que lhe é conseqüente” (QE, II, 233).

Não nos é permitido saber quando isto ocorrerá, dizem os Espíritos reveladores, porém será numa época em que, na Terra, se *multiplicar* a encarnação dos Espíritos superiores. Então:

“O precursor virá anunciar-nos a boa nova, preparar-nos para entrar na vida espiritual, que nos porá em condições de receber a Jesus como Espírito da Verdade” (QE, II, 234).

E mais ainda:

“Nesta época, também se repetirão, na Terra, os casos de aparições idênticas ao da de Jesus, quando aí foi desempenhar sua missão terrena, isto é, por incorporação puramente perispirítica, mediante o revestimento de um perispirito tangível com a aparência do corpo humano” (QE, II, 234).

Assim, temos: o *Precursor* é o *Regenerador* e sua manifestação será num *corpo fluídico*.

C) *O advento do Cristo:*

“Ele não voltará, visível aos olhos dos homens, senão quando houverdes atingido tal grau de desenvolvimento, que lhe seja possível manifestar-se sem que precise recorrer a uma encarnação especial, qual a de que se serviu” (QE, III, 400).

Noutras passagens da obra *Os quatro evangelhos* encontra-se a mesma informação: QE, II, 170, 191, 192, 250, 253 e III, 365. Allan Kardec corrobora esses ensinamentos em *A gênese*: XVII, item 45.

5º) *A continuação da obra:*

Voltemos à revelação da mensagem de maio de 1865, que diz que a obra de Roustaing é *preparatória*. A continuação imediata desta obra será feita por um missionário que manifestará seus primeiros anos de encarnado, ainda para aquela geração de Roustaing, isto é, para os fins do século XIX:

“Aquele que há de desenvolvê-la e cuja obra também será preparatória não tardará a se dar a conhecer, porquanto a atual geração humana verá os seus primeiros anos messiânicos”.

Aqui, penso que se está falando da futura missão de Pietro Ubaldi, que nasceu em 18 de agosto de 1886. Ele é, segundo muitas revelações, a reencarnação do apóstolo Pedro. Sua obra é composta de 24 volumes. Sua fonte de inspiração é Sua Voz, que, segundo Emmanuel, é Jesus *renovando os seus ensinamentos do Mar da Galiléia*, como se encontra no *prefácio* da obra *A grande síntese*, da edição da *Federação Espírita Brasileira* (Rio de Janeiro, 1939, p. 12). Ou como escreve Augusto dos Anjos, também pelo lápis mediúnico de Chico Xavier:

“Nesta síntese orgânica da ciência,
“Fala Jesus em toda a substância” (p. 13).

Esta obra também é apontada por Emmanuel como sendo o *Evangelho da ciência*.

É a grande trilogia que Guilhon Ribeiro traduziu, publicou e divulgou: Kardec, Roustaing e Ubaldi.

A grande síntese fala dos *corpos ectoplásmicos* como um *espécime do futuro* (cap. LXXIII) e traça a estrada da evolução, em

total coerência com as revelações de Kardec e, principalmente, de Roustaing. As ampliações dos conceitos ficam por conta do amadurecimento da época.

6º) O Título da obra:

“Publica esta obra, a que darás o título de – Os Quatro Evangelhos, seguidos dos MANDAMENTOS EXPLICADOS em espírito e verdade, de acordo com os ensinamentos ministrados, quanto aos Evangelhos, pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos e, quanto aos Mandamentos, por Moisés e pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos”.

Aqui temos o título original dado pelos Espíritos. Em dezembro de 1861, eles haviam revelado um subtítulo ou título à guisa de explicação, que já vimos e comentamos:

“Com esse objetivo nós, oh! bem-amados, vimos incitar-vos a que emprendais a explicação dos Evangelhos em espírito e verdade, explicação que preparará a unificação das crenças entre os homens e à qual podeis dar o nome de *Revelação da Revelação*” (QE, I, 65).

7º) Os autores espirituais:

São eles: Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos apóstolos e Moisés. No entanto, apenas um presidiu todo o trabalho:

“O trabalho é geral. Se bem que os nomes nem sempre sejam declinados, um de nós presidiu sempre à inspiração”.

No livro *História de Roustaing* (Martins, Jorge Damas. Rio de Janeiro: edição particular, 1987, pp. 27-8), levanto as hipóteses de quem seria este presidente espiritual do trabalho.

A) *Primeira Hipótese: João, Evangelista.*

Isto porque, em 1863, este Espírito ditou, em Paris, uma página maravilhosa intitulada: *Deixai que venham a mim as criancinhas*. Essa mensagem Kardec a transcreveu em *O Evangelho segundo o espiritismo*, no capítulo VIII: *Bem-aventurados os que têm puro o coração*. A certa altura o Espírito avisa:

“Meus bem-amados, são chegados os tempos em que, explicados, os erros se tornarão verdades. Ensinar-vos-emos o sentido exato das

parábolas e vos mostraremos a forte correlação que existe entre o que foi e o que é. Digo-vos, em verdade: a manifestação espírita avulta no horizonte, e aqui está o seu enviado, que vai resplandecer como o Sol no cume dos montes” (*Edição especial*, 2004, p. 193).

Naquele livro (*História de Roustaing*), comentávamos que é evidente que João está se referindo à obra *Os quatro evangelhos*, que já estava sendo recebida em Bordeaux, quando afirma: *ensinar-vos-emos o sentido exato destas parábolas*. Somente nesta obra, e não em *O evangelho segundo o espiritismo* é que o *sentido exato* das mesmas é totalmente esclarecido em espírito e verdade, pelo simples fato de que só aí todas elas são comentadas, o que não ocorre na obra de Kardec, que só analisa a parte moral dos Evangelhos.

Outro ponto é quando o Espírito João diz que *é o enviado que vai resplandecer como sol*. Na obra de Allan Kardec isto não ocorre, pois são vários os autores espirituais que ditam mensagens. Já na obra de Roustaing, é bem possível, pois *um de nós presidiu sempre a inspiração*.

B) Segunda hipótese: Mateus.

Já comentamos sobre a mensagem *Da proibição de evocar os mortos*, ditada pelo Espírito Simeão, por Mateus, à médium Émilie Collignon. Esta mensagem permite observar o trabalho daqueles que se convencionou chamar de *transformadores espirituais*. A mensagem é de Simeão, mas, devido à sua alta hierarquia e para diminuir a distância vibratória ou dimensional com o aparelho mediúnico, a Sra. Émilie Collignon, Mateus agiu como um *transformador, presidindo* o trabalho de ditar esta mensagem.

A nossa *segunda hipótese*, então, para quem *presidiu a inspiração* em *Os quatro evangelhos* é Mateus. Talvez fosse ele o mais habilitado para *transformar* as revelações do Espírito de Verdade, o Consolador prometido por Jesus, e esclarecer todas as parábolas e ensinamentos dos Evangelhos, como os que encontramos na obra coordenada por Roustaing.

No entanto, independente de a *obra* ter sido ditada por João, Mateus, ou qualquer outro evangelista ou apóstolo, a mensagem tem sua fonte em Espírito bem mais elevado, que sempre conduziu todo o trabalho:

“Damos nomes para evitarmos nomear aquele que, por nosso intermédio, dirigiu estes trabalhos e dirigirá os que ainda temos que fazer sejam empreendidos”

Em suma, a revelação é do Espírito da Verdade, o Cristo de Deus. É como ensina Bezerra de Menezes:

“Jesus ensinou o que a humanidade podia suportar: eis o Evangelho.

“Jesus mandou, por seus santos Espíritos, ensinar em nosso tempo, muito mais do que aquilo, porque já podemos suportar mais: eis o Espiritismo” (*Jornal do Brasil*, 27 de maio de 1895).

8º) O que J.-B. Roustaing deve publicar:

“O que vais publicar será a primeira parte da obra geral. A segunda se comporá: 1º da refutação das objeções que esta primeira parte sobre os Evangelhos e os Mandamentos provocar; 2º da explicação, em espírito e verdade, dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas, na passagens que delas extrairemos para dar autoridade ao presente; da revelação, chamada Apocalipse, que João recebeu na ilha de Patmos”.

Inicialmente, Roustaing irá publicar a PRIMEIRA PARTE DA OBRA. Ela consta das explicações, em *espírito e verdade*, dos Evangelhos e dos Mandamentos. Foi publicada em 1866, em 3 volumes, num total de 1872 páginas.

A segunda parte também cabia a Roustaing publicar e pode ser dividida assim;

1º) Da refutação das objeções que esta primeira parte sobre os Evangelhos e os Mandamentos provocar;

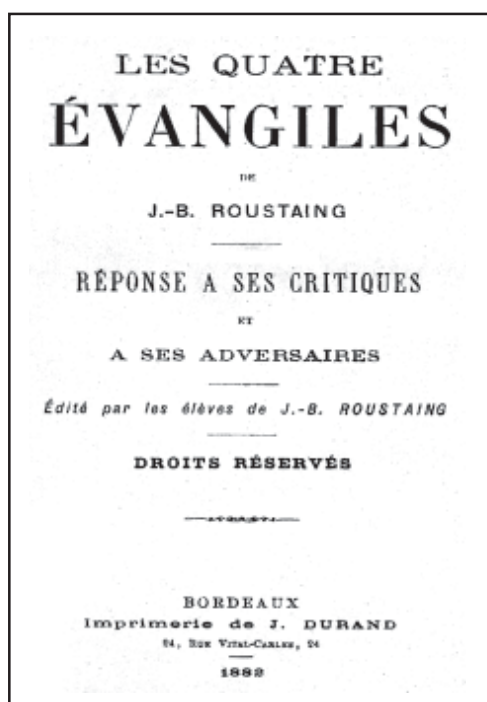
2º) Da explicação, em espírito e verdade, dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas, nas passagens que delas extrairemos para dar autoridade ao presente; da revelação, chamada Apocalipse, que João recebeu na ilha de Patmos.

A *refutação* (1º) foi publicada em 1882: Numa *parte reduzida* como prefácio da 2º tiragem francesa de *Les quatre évangiles*. E, de *forma completa*, na brochura *Les quatre évangiles de J.-B. Roustaing – réponse à ses critiques et à ses adversaires*, que veio a lume em 1883. Aqui uma parada para explicação. Todo este material é póstumo e foi escrito por Roustaing e mandado publicar por seus discípulos, quatro anos após a sua desencarnação. É uma crítica com palavras firmes, porém numa linguagem muito honesta e verdadeira, colocando tudo às claras.

A obra foi impressa pela J. Durand, e deveria sair em 1882, como, aliás, está em sua primeira página, mas sérios problemas com o editor atrasaram sua publicação, que só ficou pronta em 1883. Isto gerou muitas críticas, inclusive maldosas, dos

adversários, o que levou a *Revue Spirite* a esclarecer o público, através do discípulo fiel de Roustaing, Sr. Jean Guérin:

“Quanto à reprovação que nos fizeram de não ter publicado anteriormente a brochura póstuma de Roustaing e de ter esperado a morte da Sra. Allan Kardec⁶⁵ para publicá-la, eis a nossa resposta: não dependeu de nós que ela fosse publicada antes de sua morte; ela foi, realmente, entregue ao impressor desde o mês de junho de 1882, com previsão para ficar pronta em agosto ou setembro. Um acontecimento doloroso que ocorreu com a família do editor e uma troca de domicílio produziram um atraso no nosso projeto e um absoluto impedimento do nosso desejo de publicá-la antes do fim do ano, e, desta forma, antes da morte da Sra. Allan Kardec, que ocorreu no começo do presente ano de 1883” (RS, 1883, p. 473).



*Les quatre évangiles de J.-B. Roustaing
– réponse à ses critiques et à ses adversaires*

Ao término desta explicação de Guérin, numa nota da direção da *Revue Spirite* (Sr. Leymarie), encontramos o seguinte comentário:

⁶⁵ 21 de janeiro de 1883.

“Nós recebemos de Roma, da Sicília, de Lion, da Bélgica, e da Espanha, cartas de nossos irmãos que são realmente espíritas e adotam as idéias do Cristo [corpo fluídico] e a teoria da queda; eles acham que as idéias de um [Kardec] se justapõem às do outro [Roustaing] e se completam” (473-4).

Um bom exemplo veio da Bélgica, e a *Revue Spirite* não deixou de destacar:

“A brochura tende a provar o real valor dessas interpretações fornecidas pelos Espíritos e por meio das quais todas as passagens obscuras dos Evangelhos recebem uma explicação racional e é afastado o miraculoso, o extranatural, isto é, a transgressão às leis imutáveis da criação, admitida pela ortodoxia cristã.

“Esta obra do célebre advogado é um assunto de estudo e de apreciação individuais para os espíritas instruídos. Para aqueles que só têm um *conhecimento superficial do espiritismo*, ela, de modo algum, seria entendida ou seria *ridiculamente interpretada*.

“Várias passagens da brochura estão nas mesmas condições. Nós excetuamos dela os capítulos *Síntese filosófica do Século XIX. Golpe de vista sobre a fenomenalidade do espiritismo moderno*. Os capítulos são eminentemente instrutivos para espíritas e não-espíritas.

“– Em conclusão, lemos estas sábias palavras: “Examinemos o belo patrimônio que nossos guias nos legaram. Para nós, nada de *superstições*, mas de instrução, de educação, de tolerância, com o amor da verdade, do bom e do bem. – Devemos, definitivamente, criar o *livre-pensamento espiritualista* que deve pôr em seu lugar limitado a *liberdade de consciência do materialista*; essa liberdade que tenderia a mumificar nossa consciência e nossa razão, como o quis fazer o catolicismo mariólatra e intolerante dos papas-reis. – Reunamos num feixe todos os espíritos generosos que pensam num futuro moral. Estando unidos, seremos uma força ativa que tenderá para o objetivo: a alforria intelectual e moral de todos os nossos irmãos em humanidade. – Era a promessa de Allan Kardec, foi a de J. B. Roustaing e de todos os espíritos nobres”– Que este objetivo seja o nosso e que nós possamos fazer dele uma realidade, combatendo por todas as coisas queridas e sagradas, segundo o *pro aris et focis* dos Latinos.

“O espírita é um pensador livre; se ele quer realmente se tornar um verdadeiro educador, deve estudar sem cessar; deve seguir atentamente a ciência moderna em todas as suas evoluções; para ele, é o meio mais racional, mais sábio de cumprir o seu papel moralizador”.

De Turck, cônsul honorário, amigo devotado de Allan Kardec (RS, 1883, pp. 312-3).

Realmente o Sr. de Turck era *partidário da revelação evangélica segundo Roustaing*, aceitando e defendendo os ensinamentos sobre a *queda* espiritual. Dele, a *Revue Spirite* publica um artigo intitulado *A queda original segundo o espiritismo*, muito interessante, e que, antes de transcrevê-lo, a direção (Sr. Leymarie) acrescenta a seguinte observação:

“Sob este título e com a assinatura do Sr. de Turck, o venerável decano dos espíritas belgas e franceses, octogenário sempre jovem, enérgico e pleno de vontade, o jornal *Moniteur spirite et magnétique*, editado em Bruxelas, publica o seguinte artigo” (RS, 1885, p. 84).

Em seguida vem a transcrição do artigo, que, noutra oportunidade, vamos publicar.

Noutra passagem, na *Revue Spirite*, Jean Guérin já havia rebatido uma crítica da Sra. Berthe Froppo sobre a brochura de Roustaing. Porém, diz Guérin, que esta senhora estava certa em afirmar que a brochura *Les quatre évangiles*:

“É obra mesmo de Roustaing e não de seus discípulos, que tiveram a humildade de declarar que foram somente os editores” (RS, 1883, p. 375).

Neste mesmo artigo, mais adiante, prossegue Guérin:

“Executor testamentário de Roustaing, tive a honra de apreciar de perto a sua bondade e a retidão de seu caráter, a profundidade de seu espírito e de sua humildade” (p. 383).

Por fim, ainda sobre as polêmicas que esta brochura suscitou, quero citar mais uma opinião surpreendente de P.-G. Leymarie, cheia de autoridade e firmeza:

“NOTA: A brochura que causou este ataque e esta defesa é interpretada diversamente pelos melhores espíritos; a esse título, a revista está aberta a essa discussão, que deve ser medida, isenta de paixão. Allan Kardec tirou da matéria, inacessível aos nossos vãos temores, partido depois do grande e bom trabalho, e ensina muito bem que sua obra era a de um homem consciencioso, mas falível, que, seguindo sua via perfeitamente traçada, podia ferir, apesar dele, outros homens de boa vontade levados para os mesmos estudos que os seus; que as feridas tenham sangrado e que elas tenham deixado sua marca, isto não podia ser de outro

modo. J.-B. Roustaing, homem muito liberal, muito honesto, exalou seu suspiro, deixando a seus executores testamentários a *ordem de o publicar*, o fez tão simples, muito natural de sua parte, não precisou de vãos comentários e de interpretações falsas.

“Todas as invenções, alegações sem bases, não podem substituir uma bela e boa discussão entre espíritas que se devam amar nem podem esquecer de serem corteses, comedidos em suas expressões; há muito a adquirir junto a seus contraditores e a polêmica sem medida serve sempre a outros interesses que o do espiritismo” (RS, 1883, pp. 313-4).

Com o passar do tempo, vários adeptos de Roustaing, na França e no estrangeiro, escreveram refutações às objeções desta primeira parte de *Les quatre évangiles*.

As principais são:

- a) *Spiritisme chrétien* – René Caillé – Vamos publicar o prefácio e o epílogo como apêndice nesta obra.
- b) *Os quatro evangelhos e o livro dos espíritos* – J. E. Guillet (tradução FEB, 1942).
- c) *La chute originelle selon le spiritisme* – J. E. Guillet.⁶⁶
- d) *L’amour et le mariage selon le spiritisme* – J. E. Guillet.⁶⁷
- e) *Elucidações evangélicas* – Antonio Luiz Sayão (FEB).
- f) *A divina epopéia* – Bittencourt Sampaio.
- g) *Jesus perante a cristandade* – Espírito Bittencourt Sampaio, médium Frederico Junior.(FEB).
- h) *De Jesus para as crianças* – Espírito Bittencourt Sampaio, médium Frederico Junior.
- i) *Do calvário ao apocalipse* – Espírito Bittencourt Sampaio, médium Frederico Junior. (FEB).
- j) *O Cristo de Deus* – Manuel Quintão (FEB).
- l) *Vida de Jesus* – Antonio Lima (FEB).
- m) *Jesus nem Deus nem homem* – Guillon Ribeiro (FEB).
- n) *A personalidade de Jesus* – Leopoldo Cirne.
- o) *Irmãos de Jesus* – Kruger Mattos (FEB).
- p) *Elos doutrinários* – Ismael Braga (FEB).
- q) *Ponte evangélica* – Jorge Damas Martins – Ed. particular.
- r) *História de Roustaing* – Jorge Damas Martins – Ed. particular.

⁶⁶ Esta obra foi traduzida e está sendo publicada no periódico *A voz do caminho*, Vitória-ES.

⁶⁷ Em breve iremos traduzir e publicar esta obra.

- s) *Os adeptos de Roustaing* – Luciano dos Anjos – AEEV.
- t) *Jean-Baptiste Roustaing – O missionário da fé* – Luciano dos Anjos – AEEV.
- u) *A evolução de Adão* – Jorge Damas Martins e Roberto Silveira – Ed. particular.
- v) *À luz da verdade* – Inaldo Lacerda Lima – Brasília: Ed. Alta de Souza, 2000.

Essa SEGUNDA PARTE DA OBRA ainda contaria com a publicação da explicação de alguns temas destacados dos *Atos dos apóstolos*, *Epístolas* e *Apocalipse*. Este material, revelado mediunicamente a Roustaing, não se sabe se através da Sra. Émilie Collignon, não chegou a ser publicado, mas, com certeza, foi escrito e sua publicação autorizada. Roustaing fala deles no seu 2º testamento de 1878. Vejamos:

“Interdito igualmente em meus sobrinhos a faculdade e o direito de se imiscuírem de nenhuma maneira ou de intervirem na obra confiada aos cuidados e ao devotamento do Dr. Guérin, proprietário, residente na comuna de Villenave de Rions, no lugarejo de Lormon, para a tradução, a impressão e a publicação seja das obras já publicadas dos quatro Evangelhos *et caetera*, seja das obras não publicadas no estado de manuscrito, notadamente relativas aos atos dos apóstolos, às epístolas e ao apocalipse de São João; através de ato de doação entre vivos, já investi o Dr. Guérin atualmente e irrevogavelmente, na data deste ato, na propriedade das obras já publicadas e naquelas restantes a publicar no estado de manuscrito”.

Reparem que a obra se encontrava em manuscrito e sua publicação estava na responsabilidade do Sr. Guérin. Ele faleceu em 1885 e não publicou a obra. Não sabemos o motivo de ele não ter feito a vontade de Roustaing, da qual recebeu plenos poderes. Ele só publicou a 2º tiragem de *Les quatre évangiles* e a brochura com as críticas de J.-B. Roustaing. Esta pesquisa fez todos os esforços para localizar este material, mas até agora não teve sucesso.

Não se deve ser apressado em julgar que estes manuscritos não foram publicados porque o Alto não endossara seu conteúdo. Não julgemos apressadamente. Quantos manuscritos do Cristianismo e Judaísmo foram descobertos dezenas de séculos depois de terem sido escritos. Vede como exemplo os achados de *Nag Hamadi*, em 1945, e *Qumran*, em 1947.

Chico Xavier, o querido médium de Pedro Leopoldo, também passou por este grave problema, pois uma de suas obras mediúnicas não foi publicada, por ter sido extraviada. É o que ele mesmo conta

ao Presidente febiano, Antonio Wantuil de Freitas, em carta datada de 24 de outubro de 1946:

“Em 1939/40, perdi duzentas páginas manuscritas, de Amigos Espirituais, em originais que nunca mais apareceram. Constituíam um livro inteiro, tendo, como tema central, a impressão de desencarnados no momento da morte e depois dela. Emprestei a um amigo para ler, companheiro honestíssimo, mas nunca mais, nem ele e nem eu, achamos o trabalho” (*Testemunhos de Chico Xavier*, Schubert, Suely Caldas. Rio de Janeiro, FEB, 1986, p. 109).

É correto dizer: *Deus escreve certo por linhas certas*. Tudo se encontra matematicamente controlado pelo Alto. Foi assim que, em 1882, o Espírito Urias, o guia da *Sociedade Espírita Fraternidade*, do Rio de Janeiro, ditou a seguinte revelação:

“Já obtivestes tudo quanto a misericórdia de Deus permitiu, pois que essa não é a vossa tarefa. À terra de Santa Cruz cabe tarefa maior: o estudo dos Evangelhos e a sua competente prática, pois é daqui que se irradiará a luz para todo o mundo e se há de receber a 2ª parte da Revelação, porquanto para isso o Senhor já preparou tudo que é necessário” (*Reformador*, 1916, 382).

É surpreendente, pois nunca foi publicado o 2º testamento de Roustaing, de 1878, que fala do manuscrito complementar. Estamos apenas há três (3) anos da desencarnação de Roustaing, e Jean Guérin ainda estava encarnado. Se a obra aparecesse por aqueles dias, toda a revelação de Urias cairia por terra. Mas, como ele mesmo disse: *o Senhor já preparou tudo que é necessário*. Não haveria erro!

A tarefa de complementação caberia ao Espírito mavioso de Bittencourt Sampaio,⁶⁸ que ditaria, pela mediunidade de Frederico Pereira da Silva Junior, um grandioso livro:

“Do Calvário ao Apocalipse, que importava na promessa anunciada a Roustaing em 1865” (*Reformador*, 1917, p. 25).

É esse, verdadeiramente, um grande livro da revelação espírita de todos os tempos. Ele veio à luz em 1907 e até hoje continua sendo publicado pela *Federação Espírita Brasileira*. Evidentemente

⁶⁸ “Era Bittencourt Sampaio o homem que mais conhecia o Evangelho, o que é atestado pela sua Divina Epopéia e pelas suas sábias e sublimes lições dadas durante anos no Grupo Ismael, onde teve por discípulo Bezerra de Menezes, Antônio L. Sayão, Pedro Sayão e todos nós que tivemos a ventura de ouvir as suas proveitosas e profundas lições” (Pedro Richard – *Reformador*, 1917, p. 41).

que os aborrecidos da luz espernearam, como escreveu o lúcido Pedro Richard, o fiel discípulo de Max:

“Para receber-se essa preciosa produção, travou-se uma luta tremenda.

“Descrever essa peleja hercúlea, que durou mais de 4 anos e que se travou entre os espíritos das trevas e os diretores espirituais do Grupo formado pelos coxos e estropiados, é tarefa que se sobrepõe às minhas débeis forças. Nesse tempo era o Grupo presidido pelos confrades Dr. Geminiano Brasil e José Ramos, porquanto os seus primitivos presidentes Drs. Bezerra de Menezes e A. L. Sayão já tinham partido para o espaço, o que sucedeu pouco tempo depois a Geminiano.

“Narrar-se o que foi essa luta cercada das mais cruéis peripécias, e na qual os inimigos se utilizaram de todos os meios para impedir nos fosse concedida a inestimável graça de tal revelação, é impossível, tais foram as dificuldades de toda ordem que surgiram por todos os respeitos. Nem a honra, nem a saúde, nem mesmo a própria vida, muitas vezes ameaçada, foram poupadas nos ataques assacados pelos inimigos espirituais” (*Reformador*, 1917, p. 24).

Aqui só cabe se curvar e agradecer as bênçãos que o Alto abundantemente derrama sobre todos nós.

9º) O cuidado do Alto com a saúde de Roustaing.

Da mesma forma que com Allan Kardec, os Espíritos reveladores se preocupavam com a saúde de J.-B. Roustaing. Eles não fixaram limites rígidos para a preparação e publicação da obra. Pediam e exigiam que Roustaing empregasse com critério e medida as horas, a fim de que poupasse as suas forças:

“Alguns meses a mais ou a menos nada são no correr dos tempos, porém são muita coisa na economia das forças humanas”.

Deram um prazo confortável para a preparação da obra. Mais de um ano. Esperavam a publicação dela em agosto de 1866. Tudo planejado para que Roustaing pudesse trabalhar com a maior presteza possível, mas sem ultrapassar os limites de suas forças.

É certo que o trabalhador determinado e fiel é digno de seu salário. Roustaing e Collignon são reconhecidos pelo Alto, como bons trabalhadores, que serão retribuídos com os favores celestes:

“O Mestre saberá levar em conta a vossa boa-vontade”.

XXIII – LANÇAMENTO DE *LES QUATRE ÉVANGILES*

J.-B. Roustaing colocou mãos à obra, e cheio de presteza adiantou o trabalho o máximo possível. Recolheu os ditados, priorizou a ordem dos textos dos Evangelhos, corrigiu o que era preciso, respeitando plenamente o conteúdo da revelação espiritual. Em alguns meses o manuscrito estava pronto para ser entregue ao impressor.

Homem respeitado entre os grandes da Gironde, para Roustaing não foi difícil acertar a impressão da obra na famosa tipografia: *Imprimerie Lavertujon*, uma das mais importantes da França em sua época. Só alguém muito influente e bem relacionado no meio cultural e político teria a honra de ver uma obra sua publicada por tão destacada empresa.

Vejam os um pouco de história. O nosso já conhecido Prof. Jean-Claude Drouin publicou um importante trabalho sobre o Sr. Lavertujon, um dos *notabilité girondine*. Vamos seguir de perto este artigo.

André Lavertujon nasceu em 23 de julho de 1827, em Périgourdin, e era filho do Sr. François, também um grande impressor. Desde cedo seguiu sua vocação política, inscrevendo-se, em Paris, como membro do Comitê Democrático Socialista. No mundo dos negócios, associou-se com o seu cunhado Gustave Gounouilhou (1821-1912) que, em 1848, casou-se com Adèle Lavertujon. Em agosto de 1854, compraram e passaram, eles mesmos, a administrar o famoso jornal *La Gironde*.

A linha deste diário era antigovernista, ou melhor, antiimperialista. Rapidamente se tornou um dos principais jornais de oposição democrática e liberal ao regime de Napoleão III. Diversas vezes advertido, sofreu com penalidade de dois meses de suspensão, em 1864, e um processo em 1869 com penas, inclusive de prisão, para os responsáveis.

O Sr. André Lavertujon foi por diversas vezes candidato em eleições. E sua influência marcou a vida social, política e cultural *de la Belle époque*. O Salão Gounouilhou-Lavertujon foi, então, a sede da vida política bordelense, onde se encontrava a nova geração de médicos, engenheiros, empresários, professores e intelectuais hostis à Igreja Católica e influenciados pelo positivismo, franco-maçonaria e *Liga do Ensino*.

Lavertujon, em 4 de setembro de 1870, foi secretário-adjunto do governo nacional de Jules Favre. Depois foi redator-chefe do

Jornal Oficial (1871). Em 1887, foi eleito senador da Gironde e reeleito em 1888.

Em Ault escreveu obras literárias e filosóficas após deixar a política. Morreu em 1º de setembro de 1914.

Os Gounouilh-Lavertujon de Bordeaux constituem uma dinastia poderosa da burguesia republicana, que reinou sobre a vida política e intelectual da Gironde durante várias décadas, entre 1854 e 1914.

No terreno das impressões, eles publicaram obras de grandes autores bordelenses: Ausone, Montaigne, Pierre de Brach, Montesquieu, Léo Drouyn, Roustaing, etc. Depois, passaram a publicar o diário *La Petit Gironde*, jornal popular a 5 centavos de FF, que chegou a uma tiragem estrondosa para a época, de 200.000 exemplares. E, com isso, influenciaram muito a opinião pública.

No terreno da contribuição do pensamento político e social, André Lavertujon levantou opiniões importantes sobre a Revolução Francesa e a evolução da humanidade.

Simpatizante da obra de Renan, era fascinado pela opinião da destituição da divindade atribuída a Jesus. Não deixava, porém, de criticar a *anarquia mental* em que Renan vivia, seu personalismo aristocrático e sua religião puramente individual.

O objetivo final de André Lavertujon era uma *ética religiosa e social*, com *tendência universalista*.

Agora podemos aquilatar melhor a *imprimerie* que Roustaing escolheu para trazer a lume a magnífica obra *Les quatre évangiles*. Ambiente moderno, arejado, cheio de luzes, em oposição a tudo de retrógrado que imperava. É que, entre tantas novidades trazidas e propaladas pelos Gounouilh-Lavertujon, a obra de Roustaing é a mais importante, por descortinar os segredos do progresso espiritual e apresentar a verdadeira natureza de Jesus-Cristo, em toda a sua grandeza espiritual de Governador da Terra.

É hora de escrevermos o local de lançamento e de venda principal da obra de Roustaing: a *Librairie Centrale*, 24, Boulevard des Italiens, em Paris. O fino da *Belle époque*. Aliás, o renomado escritor francês, Aurélien Scholl (iremos falar mais sobre ele adiante), entusiasmado com as revelações espirituais de *Les quatre évangiles*, escreve uma matéria extensa, no periódico *Soleil*, de 5 de maio de 1866, a qual Allan Kardec transcreve na *Revue Spirite*, onde o articulista deixa transparecer a sua surpresa, não só com a *imprimerie* da obra, mas também, com a *librairie* utilizada por Roustaing:



Boulevard des Italiens na belle époque



24, Boulevard des Italiens

Aurélien Scholl, depois de citar o trecho da mensagem de maio de 1865, supracitado, que recomenda a Roustaing, presteza com moderação, na preparação da obra, e que ele teria *até agosto de 1866* para trazê-la a lume; surpreendido com tudo isto, escreve misturando fina ironia com surpresa:

“O leitor fica surpreendido por não ver Moisés, Mateus, Lucas e João⁶⁹ levar seu conselho ao extremo e acrescentar: Farás imprimir

⁶⁹ O original francês (p. 272) não registra o nome do Espírito do evangelista Marcos.

a obra na casa Lavertujon, 7, rue des Treilles, em Bordeaux, e a farás aparecer na Librairie Centrale, 24, Boulevard das Italiens, em Paris” (RS, Edicel, 1866, setembro, p. 271).

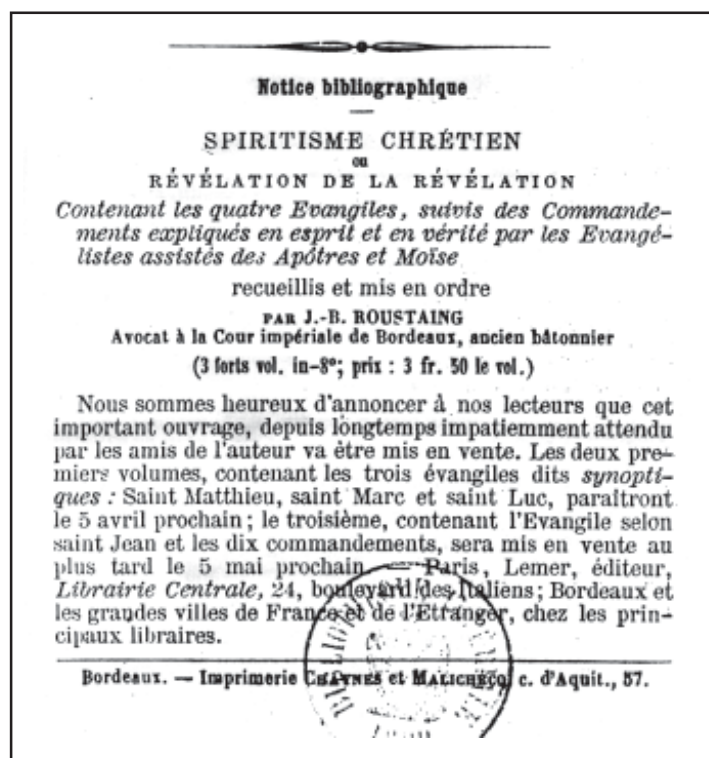
É evidente que as entidades reveladoras não escolheram a casa *Lavertujon*, nem a *Librairie Centrale*, mas escolheram o organizador terreno da obra, o Dr. J.-B. Roustaing, homem de grande estatura social, política e financeira, e muito bem relacionado, que, fazendo-se amante sincero e fervoroso da revelação que lhe fora confiada, não mediu esforços para vê-la alçada pelo que se tinha de melhor em termo de *impressão e distribuição*.

Os anúncios para divulgação ocorreram, com certeza, no mínimo, no jornal administrado pela casa Lavertujon: *La Gironde*. No meio espírita, Roustaing assumiu, ele mesmo, a tarefa nobre de enviar um exemplar para os periódicos doutrinários, da França e do estrangeiro, anexando sempre uma carta de apresentação da obra e, humildemente, colocando-se como *compilador* de todo o trabalho que pertence exclusivamente aos Espíritos reveladores.

É assim que um grande anúncio é estampado, em primeiríssima mão, em *L'Union spirite bordelense*, sob a direção do Sr. Auguste Bez, em 1º de abril de 1866 (1º ano, nº 41, p. 120). Nele temos o lançamento sendo anunciado em duas etapas: primeira, em 5 de abril de 1866, com a publicação dos dois primeiros tomos; segunda, em 5 de maio de 1866, com a publicação do terceiro e último tomo.

A tradução é a que se segue;

“Nós somos felizes ao anunciar aos nossos leitores que esta importante obra, após longo tempo impacientemente aguardada pelos amigos do autor, será colocada à venda. Os dois primeiros volumes, contendo os três evangelhos ditos *sinópticos*: São Mateus, São Marcos e São Lucas aparecerão, no próximo 5 de abril; o terceiro, contendo o Evangelho segundo São João e os dez mandamentos, será colocado à venda o mais tarde no próximo 5 de maio – Paris, Lemer, editor, Librairie Centrale, 24, Boulevard des Italiens; Bordeaux, e nas grandes cidades da França e do estrangeiro, na casa dos principais livreiros” (*L'Union*, 1º ano, nº 41, 1º de abril de 1866, p. 120).



Anúncio de lançamento de *Les quatre évangiles*

No número imediato de *L'Union*, o Diretor desta revista e amigo de Roustaing, Sr. Auguste Bez, manda publicar uma apresentação de *Les quatre évangiles*, de 14 páginas, com todo o prefácio original da obra, escrito por seu compilador. Como cabeçalho de toda esta grande apresentação, Bez escreve:

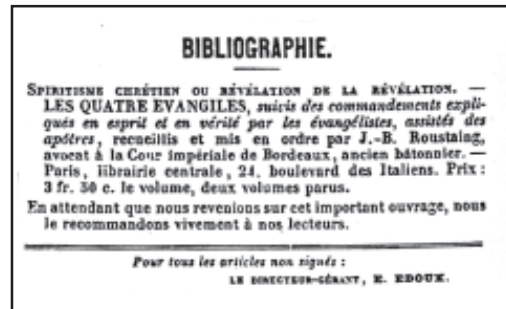
“Vimos de percorrer de afogadilho os dois primeiros volumes desta importante obra sobre a qual já falamos aos nossos leitores. Esperando que um estudo mais completo nos permita fazer uma análise dela; acreditamos dever extrair do prefácio as passagens seguintes que nos certificarão sobre a personalidade do autor, sobre a parte que lhe é própria neste trabalho imenso e sobre as condições nas quais este último foi publicado.

“Deixamos a palavra ao autor: ...” (*L'Union*, 1º ano, nº 42, 8 de abril de 1866, pp. 129-142).

Alguns números depois, *L'Union* anuncia, num destaque de rodapé, o lançamento do terceiro tomo de *Les quatre évangiles*:

“O terceiro volume dos Quatre Évangiles, por J.-B. Rostaing, acaba de ser colocado à venda” (1º ano, nº 46, 8 de maio de 1866, p. 240).

O jornal *La vérité*, de Lyon, imediatamente divulgou o lançamento dos dois primeiros volumes de *Les quatre évangiles*:



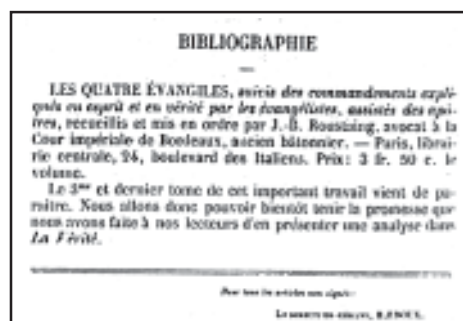
Anúncio de *Les quatre évangiles*

Vamos traduzir somente o comentário do Diretor, Sr. E. Edoux:

“A respeito desta importante obra, nós vivamente a recomendamos aos nossos leitores” (*La vérité*, 4º ano, nº 5, domingo, 15 de abril de 1866, p. 32).

Alguns números mais adiante no tempo, o Sr. E. Edoux manda publicar o anúncio do lançamento do terceiro tomo. Vamos somente transcrever o comentário sobre a importância da obra:

“O terceiro e último tomo deste importante trabalho acaba de ser publicado. Nós podemos então, em breve, realizar a promessa que fizemos aos nossos leitores de apresentar uma análise dessa obra no *La vérité*” (4º ano, nº 13, domingo, 20 de maio de 1866, p. 52).



La vérité –Anúncio do 3º tomo de *Les quatre évangiles*

Allan Kardec também não deixaria de saudar o lançamento da magnífica obra compilada por J.-B. Roustaing. A obra completa foi encaminhada à direção da *Revue Spirite* em duas remessas, como escreveu o próprio Roustaing, numa outra carta a Allan Kardec:

“Obra com que, em abril e maio últimos, presenteei a direção da Revista Espírita de Paris, que a aceitou” (RS, Edicel, 1867, janeiro, p. 81).

Essas remessas constituíram a quarta e quinta cartas de que se tem notícia, de J.-B. Roustaing para Allan Kardec.

O Codificador esperou o lançamento do terceiro e último volume de *Les quatre évangiles* para fazer o seu anúncio na *Revue Spirite*, no número imediato, com seu importante comentário:

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OS EVANGELHOS EXPLICADOS

PELO SR. ROUSTAING

“Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com a ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os Espíritos, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada pelo *Livro dos espíritos* e o *Livro dos médiuns*. As partes correspondentes às que tratamos o são em sentido análogo. Aliás, como nos limitamos às máximas morais que, com raras exceções, são claras, estas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; assim, jamais foram assunto para controvérsia religiosa. Por esta razão é que por aí começamos, a fim de ser aceito sem contestação, esperando, quanto ao resto, que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a idéia espírita.

“O autor desta nova obra julgou dever seguir outro caminho. Em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto. Assim, tratou certas questões que não tínhamos julgado oportuno abordar ainda e das quais, por conseqüência, lhe deixamos a responsabilidade, como aos Espíritos que as comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação nem desaprovação, deixando ao tempo o trabalho de as sancionar ou as contraditar. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas e que, em todo

caso, necessitam da sanção do controle universal, e que até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas partes integrantes da doutrina espírita.

“Quando tratarmos destas questões, fá-lo-emos decididamente. Mas é que então teremos recolhido documentos bastante numerosos nos ensinamentos dados *de todos os lados* pelos Espíritos, a fim de poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria*. É assim que temos feito, todas as vezes que se trata de formular um princípio capital. Dissemo-lo cem vezes, para nós a opinião de um Espírito, seja qual for o nome que traga, tem apenas o valor de uma opinião individual. Nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica, para as coisas que não podemos controlar com os próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como uma verdade absoluta se, mais tarde, devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

“Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios do Livro dos Espíritos e do dos Médiuns. Nossas observações são feitas sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, com todas as aparências da materialidade e, de fato, um *agênere*. Aos olhos dos homens que não tivessem, então, podido compreender sua natureza espiritual, deve ter passado em aparência, expressão incessantemente repetida no curso de toda a obra, para todas as vicissitudes da humanidade. Assim seria explicado o mistério de seu nascimento: Maria teria tido apenas a aparência da gravidez. Posto como premissa e pedra angular, este ponto é a base em que se apóia para a explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

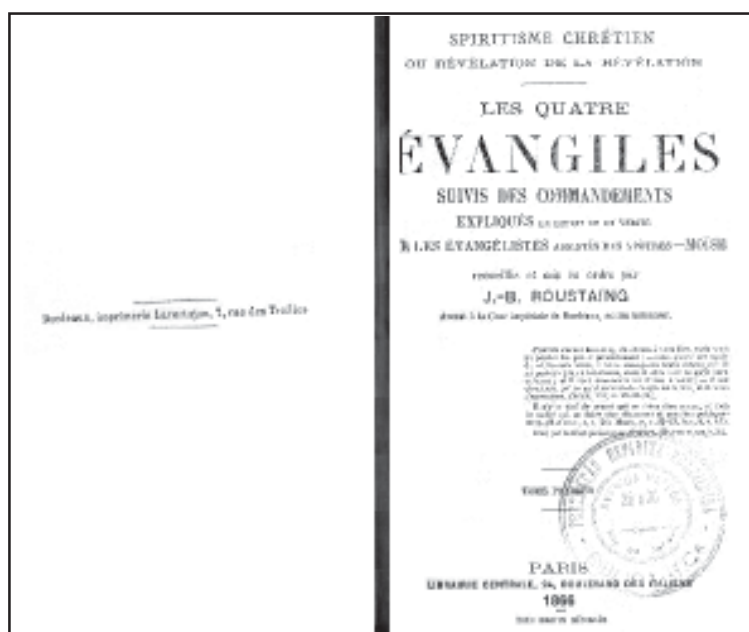
“Nisso nada há de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do envoltório perispiritual. Sem nos pronunciar pró ou contra essa teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética, e que, se um dia fosse reconhecida errada, na falta de base todo o edifício desabaria. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem a prejudicar, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal.

“Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, em nada diminuem a importância da obra que, ao lado de coisas duvidosas, em nosso ponto de vista, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada pelos Espíritos sérios.

“Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é para desdenhar e contribui com algo para o sucesso. Achamos que certas

partes são desenvolvidas muito extensamente, sem proveito para a clareza. A nosso ver, se, limitando-se ao estritamente necessário, a obra poderia ter sido reduzida a dois, ou mesmo a um volume e teria ganho em popularidade”.(RS, Edicel, 1866, junho, pp. 188-190).

É necessário fazer uma análise crítica destas *Notícias bibliográficas*, de Allan Kardec. Antes, é bom ressaltar que somos espíritas e que temos Kardec como Codificador da Doutrina Espírita. Nada deste comentário diminui o nosso respeito pelo insigne pioneiro do espiritismo:



Les quatre évangiles, 1ª tiragem de 1866
Cópia gentilmente cedida pela Federação Espírita Brasileira

1º) *Notícias bibliográficas*:

Aqui há mais do que uma simples notícia bibliográfica anunciando o lançamento de *Les quatre évangiles*. Kardec faz uma crítica à obra, principalmente à sua espinha dorsal, o *corpo fluídico* de Jesus. Evidentemente que o leitor que apreciar esta matéria de Kardec, se optar em ler a obra, já irá, induzido, ou melhor, com idéias preconcebidas. Como se diz, com o *pé atrás*. E, também,

baseado em informações que não são as mais corretas em relação ao que se é ensinado na obra dos *Evangelhos explicados*. É lógico que Kardec, e todos, temos o direito de nos exprimirmos sobre qualquer livro, como acharmos melhor; porém o que está dito nesta matéria de Kardec extrapola o título de uma *notícia bibliográfica*, é mais uma crítica.

2º) *Correspondência com O Evangelho segundo o espiritismo*:

“As partes correspondentes às que tratamos o são em sentido análogo”.

O sentido é análogo; porém, em muitos pontos, é mais aprofundado e completo.

3º) *Máximas morais*:

“Com raras exceções, são claras; estas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; assim, jamais foram assuntos para controvérsia religiosa. Por esta razão é que por aí começamos, a fim de ser aceito sem contestação, esperando, quanto ao resto, que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a idéia espírita”.

Não foi bem assim, pois Kardec não deveria esquecer que um mês após o lançamento de *O evangelho segundo o espiritismo*, em 1º de maio, o *Índex* não só condenou esta obra, como aproveitou o ensejo para condenar as outras da Codificação. Assim, ela foi *objeto de controvérsia*. Evidentemente que Kardec começou por essas máximas, porque só recebeu revelação sobre elas.

Não devemos esquecer que, quando ele resolveu comentar o *dogma da Imaculada Conceição*, sem ter recebido revelação sobre o assunto, foi criticado pela espiritualidade. Acompanhemos, primeiro, Kardec:

“Esta interpretação dá razão de ser toda natural ao dogma da imaculada Conceição, do qual zombou o ceticismo. O dogma estabeleceu que a mãe do Cristo não era manchada pelo pecado original. Como pode ser isto? É muito simples: Deus enviou um Espírito puro, que não pertencia à raça culpada e exilada, para se encarnar na Terra e desempenhar a sua missão, do mesmo modo que, de vez em quando, envia Espíritos superiores que se encarnam a fim de impulsionarem o progresso e apressarem o desenvolvimento do orbe” (RS, FEB, 1862, janeiro, p. 29).

Esta citação encontra-se numa matéria longa, intitulada *Ensaio de interpretação sobre a doutrina dos anjos decaídos* (pp. 15-29). Mas, adiante, Kardec publica outra matéria com o título de *Controle do ensino espírita* (pp. 35-37), quando em certa altura ele escreve:

“Submetemos aos nossos correspondentes as questões que se seguem, enquanto aguardam as que lhe diremos ulteriormente” (p. 37).

Em seguida, temos uma lista com seis matérias para apreciação. A última é precisamente sobre o tema *Anjos rebeldes, anjos decaídos e paraíso perdido*. E, como ele mesmo diz, é uma referência ao artigo que acabamos de apontar, onde há a uma citação sobre o dogma da Imaculada Conceição.

Em abril, ele publica uma matéria intitulada *Resposta à questão dos anjos decaídos*. Entre tantos comentários dos Espíritos, um há pela médium Srta. Stéphanie, e vem assinado: Um Espírito, *amigo sincero do médium e do diretor da Revista Espírita*, que diz firme:

“Está bem definido, mas – é preciso ser franco – há uma coisa que me contraria: por que falar desse dogma da Imaculada Conceição? Tivestes revelações concernentes à mãe do Cristo? Deixai essas discussões para a Igreja Católica. Lamento tanto mais essa comparação, quanto mais os padres crerão e dirão que vós lhes quereis fazer a corte” (RS, FEB, 1862, abril, p. 164).

Ora, esse dogma *démodé*, imposto por Pio IX aos católicos, em 8 de dezembro de 1854, nunca foi engolido, do modo como foi formulado, dado seus graves erros conceituais, pelos espíritas que estudam Kardec e/ou Roustaing. Por isso, o alerta do *amigo espiritual* de Kardec.

Assim ocorre com as partes que não são consideradas *máximas morais*; até aquela data, Kardec não havia recebido revelações sobre elas, por isso ainda não havia escrito interpretações sobre estes assuntos. E não havia recebido pelo simples fato de que, sobre eles um outro é quem receberia as revelações do Alto, segundo a maturidade do tempo e segundo as tarefas atribuídas a cada missionário. É o Alto que administra as revelações, *em espírito e verdade*, segundo seu critério, sempre cheios de sabedoria e prudência.

4º) *Atingir o fim de um salto:*

“O autor desta nova obra julgou dever seguir outro caminho. Em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto.

Assim, tratou certas questões que não tínhamos julgado oportuno abordar ainda e das quais, por consequência, lhe deixamos a responsabilidade, como aos Espíritos que as comentaram”.

O tema proposto pelos Espíritos reveladores era analisar os Evangelhos de Jesus. Analisá-los por inteiro, dentro do contexto espírita. Ora, na visão espírita, as partes morais já haviam sido interpretadas por Kardec, só faltavam pequenos complementos. A parte mais complexa, como o nascimento do Cristo, sua ressurreição e os ditos fenômenos extraordinários, é que faltavam ser comentados. As bases para estas interpretações já estavam fixadas em *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*. O tempo já estava maduro para a obra de fôlego. E tudo aconteceu com ordem, critério e sem enganos.

Segundo a Doutrina dos Espíritos, todos são responsáveis por seus atos. Logo, Roustaing e os Espíritos reveladores o são pelo que nos trouxeram. Se erros houvesse em suas revelações, e ainda não se conhece nenhum, eles seriam, evidentemente, responsabilizados. Assim é com Kardec ou com qualquer outro. Cada um é responsabilizado por suas obras.

5º) *Controle universal*:

“Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas e que, em todo caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas partes integrantes da doutrina espírita”.

Não se deve ingenuamente pensar que o *controle universal* seja a opinião particular de Allan Kardec. A sua opinião é mais uma, que merece o maior respeito e atenção. Porém, sua palavra não é lei, nem infalível.

O *controle universal* também não pode ser quantitativo. Os fatores razão, bom senso e a pesquisa científica devem ser argumentos considerados; e, inclusive, em maior conta que o número de aceitações, tanto de encarnados, como de desencarnados. Um exemplo: eram muitos os espíritas e Espíritos na época de Kardec, em todo o mundo, que não aceitavam a reencarnação; ainda é assim até hoje, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos; nem por isso, ela deixa de ser uma determinada verdade que a razão, o bom senso e as pesquisas científicas estão sempre apontando como uma lei biológica.

Espíritos podem se apresentar por médiuns diferentes, em épocas diferentes e não estarem com a razão. Os valores procedem de outra

região. Quem é que pode dizer que determinadas revelações fazem parte ou não da Doutrina Espírita? Com certeza, não é Allan Kardec, nem os Espíritos reveladores, nem ninguém em particular. Quando Kardec não aceitava a reencarnação, ela não era uma Lei cósmica?

Mas há outro caso. Na trajetória evolutiva, o homem já foi animal? Em 1861, independentemente da afirmação científica de Charles Darwin (1859), Kardec ainda afirmava que o homem jamais tinha sido animal:

“Se sabe que o homem jamais foi animal. É verdade” (RS, FEB, 1861, agosto, p. 338).

Inclusive, com esta opinião, ele resolve sua dúvida, e a dos Espíritos, como ele havia escrito em *O livro dos espíritos*, na nota à pergunta 613:

“É assim, por exemplo, que *nem todos pensam da mesma forma* quanto às relações existentes entre o homem e os animais. *Segundo uns*, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. *Segundo outros*, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal. O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de assinar um alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo é mais conforme à dignidade do homem” (O itálico é meu).

E, hoje, a revelação de que o homem veio do animal, pela ciência, faz parte da Doutrina espírita ou não? E as revelações dos Espíritos, coerentes com a ciência, em Roustaing, Emmanuel, André Luiz, e tantos e tantos outros?

Não quero deixar de citar o que estava escrito na primeira edição de *O livro dos espíritos*, de 1857, sobre este assunto:

127 – A alma do Homem não teria sido primitivamente o Princípio Vital de ínfimos seres vivos da Biocriação, que chegou, ex-vi de lei progressiva, até o ser humano, percorrendo os diversos graus da escala orgânica?

“Não! Não! Os Espíritos, homens somos desde natos.

“Cada ser vivo só pode progredir na sua espécie e em sua essência. O Homem não foi jamais outro ser senão *homo*” (*O primeiro livro dos espíritos de Allan Kardec 1857*, Abreu, Canuto. São Paulo: Companhia Editora Ismael, 1957, p. 65).

Pensando assim, a Lei de progresso de que o homem veio do animal, em 1857, não fazia parte da Doutrina Espírita. Em março de 1861, quando foi lançado *O livro dos espíritos* completo, havia dúvida entre os Espíritos e Kardec. E, em agosto de 1861, voltou a não fazer mais parte da Doutrina, com a negação de Kardec, na *Revue Spirite*. Logo, o *critério universal* é bem restrito, se não forem levadas em conta as pesquisas científicas e a informação racional e cheia de bom senso de alguns Espíritos reveladores, que confirmaram a lei do progresso do infra-humano, através da escala orgânica: *do átomo ao arcanjo que começou por ser átomo* (pergunta 540).

A revelação sobre este tema, em Roustaing, sempre foi confirmada pela ciência, pela razão e pelo bom senso de muitos Espíritos reveladores, por médiuns diferentes, em lugares diferentes e em épocas diferentes. O mesmo acontece com relação à revelação do *corpo fluídico* de Jesus, ninguém mais que a ciência confirma todas as suas possibilidades. São dezenas de cientistas que poderíamos citar; fiquemos com um: Willian Crookes. Quanto aos Espíritos que confirmam esta verdade, são tantos, que preferimos, aqui, citar seus médiuns: P-G. Leymarie, Frederico Pereira, F. C. Xavier, Divaldo Franco, Yvonne Pereira, Zilda Gama, etc. Mas, para não sair do universo de Allan Kardec, vou citar duas revelações de Espíritos superiores, dadas na *Revue Spirite*, em defesa da revelação de Roustaing.

A primeira foi uma solicitação feita por um pastor protestante ao Sr. Staat, mecânico, para que sondasse os Espíritos guias de seu *Grupo* espírita, sobre o tema do nascimento do Cristo. O Sr. Staat resolve, então, estender suas pesquisas relatando-a na *Revue Spirite*. Em certa altura está dito:

“Não deve surpreender tampouco que o Cristo, para nascer, para encarnar-se, não tenha seguido a via comum e que tenha nascido de uma virgem, segundo os Evangelhos e segundo os profetas, porque o Cristo é o grande revelador; o Cristo é o princípio de uma humanidade nova, o segundo Adão, de acordo com Paulo,⁷⁰ devia, pois, nascer neste mundo por meio de uma via nova e sobrenatural.

“Os Espíritos consultados aqui confirmam essa afirmação, o autor dessa afirmação declara, por São Mateus,⁷¹ o protetor de nosso grupo, ser um Espírito elevado encarregado da parte de Deus de anunciar e de explicar o Evangelho aos homens” (RS, 1873, p. 285).

⁷⁰ 1ª Coríntios 15: 45.

⁷¹ Aqui, mais uma vez, Mateus serve como um *transformador espiritual*, entre o Céu e a Terra.

A outra comunicação é do Espírito Mouis. Antes, vamos falar um pouco sobre o autor espiritual. Acompanhem as palavras de P.-G. Leymarie registrando a desencarnação dele:

“Em 1875, estando (Leymarie) na Bélgica, constatamos que tudo caminhava para este objetivo, neste país, onde cada um exprime livremente seu pensamento.

“Sr. Mouis, em Bruxelas, tendia então a generalizar nosso ensinamento através de seu espírito de dedução e de seu raro talento da palavra; ele viajava, reunia os humildes nos centros da indústria de carvão belgas, curava-os de suas doenças da matéria pelo magnetismo, pela imposição das mãos e ampliava suas concepções através de conferências sobre a ciência da vida espírita; este homem honesto, este grande coração morreu em combate pela justiça e verdade. Concedemos a ele uma recordação de bondade, piedade e fidelidade” (RS, 1881, janeiro, pp. 2- 3).

Agora podemos transcrever a comunicação *espontânea* que ele ditou, no dia 15 de maio de 1883:

“O estudo sério do Espiritismo vos revela a cada instante coisa novas, e vós deveis notar que o que se condenou ontem torna-se amanhã uma coisa palpitante de interesse e de verdade: tal é a obra revelada a J.-B. Roustaing.

“Allan Kardec, com muito tato, reservara essas revelações para o futuro. Para serem aceitas, elas devem receber a sanção dada pelas pesquisas de Willian Crookes, Russel, Wallace, Hare e uma multidão de outros príncipes da ciência.

“Tende paciência e estudaí, meus irmãos, se quereis obter outras manifestações notáveis; observando de maneira contínua, vos será dado conhecer verdades sempre maiores e de acordo com o vosso avanço intelectual e moral”.

“Mouis – (*Médium*, Sr. V. Biazot, antigo discípulo de A. K.).
(RS, 1883, p. 313).

É muito interessante observarmos como a *Revue Spirite* registra quem era o médium desta comunicação espiritual.

6º) *Acordo com a maioria*:

“Quando tratarmos destas questões, fá-lo-emos decididamente. Mas é que então teremos recolhido documentos bastantes numerosos nos ensinamentos dados *de todos os lados* pelos Espíritos, a fim de poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria*”.

Inicialmente, vejamos a palavra traduzida aqui, por Júlio Abreu Filho (Edicel), por *decididamente*. O original francês (p. 191) registra *carrément*, que melhor se traduz por *cuidado*, com muita atenção, dada a importância do tema. O *decididamente*, neste contexto, soa como arrogância. E Kardec podia deixar o tema de quarentena, falando de forma *franca*, porém não era indelicado, nem arrogante. Era homem de fino trato, cheio de urbanidade. O que ele quis dizer é que, quando chegasse à hora de tratar deste tema, ele o faria baseado no ensino dado de *todos os lados* pelos Espíritos.

Kardec só uma vez tratou desse assunto em *A gênese*, em 1868, porém, infelizmente, não revelou a fonte de seus estudos, nem que tenha recebido algumas mensagens espirituais sobre este assunto. Assim, tudo fica no terreno das *teorias ainda hipotéticas e pessoais*, como ele mesmo alerta na *Introdução* (p. 12). Mais adiante analisarei seu comentário em *A gênese*.

Aqui, mais uma vez, ele insiste que se deve estar de *acordo com a maioria*. Este conceito não é qualitativo e nunca representou a verdade. No entanto, era assim mesmo que Kardec pensava:

“Em caso de divergência de opinião, o meio fácil de sair da incerteza é ver qual a opinião que reúne o maior número de partidários, pois há nas massas um bom-senso inato que não se deixa enganar” (RS, FEB, 1862, fevereiro, p. 63).

Não devemos esquecer que Jesus foi condenado pela maioria. A reencarnação não é aceita pela esmagadora maioria da Cristandade. O conceito de massa é sempre *mediocre*. Pietro Ubaldi já alertou:

“O aplauso das multidões é amplo e rápido em razão inversa do valor” (*A grande síntese*, capítulo nº 83, 1997, p. 279).

7º) *Nada há de materialmente impossível:*

“Nisso nada há de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do envoltório perispiritual. Sem nos pronunciar pró ou contra essa teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética, e que, se um dia fosse reconhecida errada, na falta de base todo o edifício desabaria”.

É correto o que Kardec comentou. A evolução, na obra de Roustaing, tem no seu ápice o Espírito puro que só poderá se manifestar num mundo como o nosso, num corpo fluídico. Isto é lei universal. Assim, se fosse possível derrogar esta lei, todo *edifício desabaria*. Mas o Evangelho do Cristo e a obra de

Roustaing que o explica só têm recebido confirmações pela ciência da fenomenologia espírita. São, inclusive, esses os corpos que a evolução biológica está preparando para o futuro, do qual o *corpo fluido* de Cristo foi uma antecipação evolutiva:

“Somente estes conceitos de vida psíquica podem guiar a ciência até as portas de uma ultrafisiologia, ou fisiologia do supranormal, como a vedes despontar nos fenômenos mediúnicos. Aqui, as relações entre matéria e espírito são imediatas: o psiquismo modela uma matéria protoplasmática mais evoluída e sutil: o *ectoplasma*. A nova construção, antecipação evolutiva, não possui, naturalmente, a resistência das formas que se estabilizaram por uma vida longa; seu desfazimento é rápido. As estradas novas e de exceção ainda são anormais e inseguras. Os produtos da fisiologia supranormal que emergem dos caminhos habituais da evolução necessitam fixar-se, por tentativas e longas repetições, na forma estável. Tudo isso vos lembra o raio globular, retorno atávico de um passado superado. Ao invés, o ectoplasma é um pressentimento do futuro, corresponde àquele processo de desmaterialização da matéria, de que falamos. A matéria química do ectoplasma corresponde a uma avançada desmobilização dos sistemas atômicos em movimentos vorticosos, ao longo da escala de elementos, para pesos atômicos máximos. O fósforo (peso atômico 31), corpo sucedâneo, aceito apenas em doses moderadas no círculo da vida orgânica, é tomado aqui, no avançado movimento vorticoso, como corpo fundamental, ao lado do H (1), C (12), N (14), e O (16). A plástica da matéria orgânica, por obra do psiquismo central diretor, torna-se cada vez mais imediata e evidente. Tudo isso vos explica a estrutura falha de muitas materializações espíritas, que suprem a incompleta formação de partes, com massas uniformes de substância ectoplasmática, com aparência de panos ou véus. Tudo revela a tentativa, o esforço, a imperfeição do que é novo. Isso vos faz compreender como o desenvolvimento do organismo, até à forma adulta, seja apenas uma construção ideoplástica, realizada pelo psiquismo central, através dos velhos e seguros caminhos tradicionais percorridos pela evolução (*A grande síntese*, capítulo nº 73, 1997, pp. 237-8).

8º) *Objecções sérias:*

“Sem a prejulgar, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria e que, em nossa opinião, os fatos podem ser perfeitamente explicados sem sair das condições da humanidade corporal”.

Objecções sérias, até aquela época, onde? Se Kardec sabia de revelações de objeções, não as revelou. Nos jornais espíritas da época, de Paris e outras cidades, nada saiu. Somente André Pezzani, que particularmente não aceitava o docentismo, se manifestou em

duas cartas, de Lyon, a 14 e 15 de janeiro de 1865, ao médium Auguste Bez, e mais de um ano antes do lançamento de *Les quatre évangiles*, dizendo que não aceitava a *tese doceta* e que se deveria esperar uma revelação espiritual explicando o nascimento do Cristo; mas, até lá, aconselhava que não se deveria estudar, nem divulgar o tema, para não ser influenciado por Espíritos galhofeiros. Bez transcreve as duas cartas no jornal *La voix d'outre-tombe* (1º ano, nº. 26, de 22 de janeiro de 1865, pp. 1 e 2).

Bez, evidentemente, não seguiu este conselho a risca, e continuou estudando o tema, pois a *instrução* é recomendação espírita (*instruí-vos*), e, quando se faz com ardor e sinceridade, não se atrai Espíritos inferiores, muito pelo contrário. Inclusive Bez interrogava os Espíritos, como foi o caso de Agostinho, em 20 de junho de 1863, através do médium Sr. X.. A entidade recomendou, coerentemente, que ele estudasse o tema com cuidadosa atenção, dando-lhe a importância devida, mas que ele mesmo não daria a sua opinião, pois era necessário preparar o terreno com a *charrua*, para futura revelação (*La voix*, 1º ano, nº 27, 29 de janeiro de 1865, p. 2).

Isto explica por que Kardec ainda não havia recebido revelação sobre o assunto. Não havia chegado a época. E outro seria o missionário para tal revelação.

Mas onde Kardec encontrou objeções? Será entre os chamados *pais da Igreja*, ou entre os escritores da Idade Média? Ora, a eles faltava base, ciência e revelação sobre o assunto. E tudo que escreveram constituiu apenas uma série de aproximações, muitas vezes erradas e frustrantes, de determinada verdade que teria tempo certo para ser explicada, em *espírito e verdade*.

Explicar os fatos, *sem sair das condições da humanidade corporal*, até agora tem sido impossível. Sempre se precisa falar em *mentira*, *obsessão* ou *roubo*, para dar este tipo de explicação material, de forma natural. Ou os evangelistas Mateus e Lucas mentiram sobre o fato da *anunciação* a Maria e a José, ou estavam obsedados, ou escribas inventaram a lenda e adulteraram os Evangelhos, ou os apóstolos roubaram o corpo de Jesus da sepultura, etc.

A única explicação coerente que não nega nenhum versículo evangélico e explica tudo coerentemente, dentro dos postulados espíritas e da ciência que estuda a fenomenologia mediúnica, é a obra revelada a Roustaing.

9º) *Nosso ponto de vista:*

“Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, em nada diminuem a importância da obra que, ao lado de coisas duvidosas,

em *nosso ponto de vista*, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada pelos Espíritas sérios” (o destaque em itálico é meu).

Aqui o Codificador esclarece que, se havia *objeções sérias* ao corpo fluídico, não eram revelações de Espíritos. Tudo que era *duvidoso* na obra de Roustaing, para Kardec, era segundo o seu *ponto de vista*. Ponto de vista este que ele classificava como teoria ainda *hipotética e pessoal*, sujeita à aprovação do tempo.

10º) *A obra poderia ser reduzida:*

“Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é para desdenhar e contribui com algo para o sucesso. Achamos que certas partes são desenvolvidas muito extensamente, sem proveito para a clareza. A nosso ver, se, limitando-se ao estritamente necessário, a obra poderia ter sido reduzida a dois ou mesmo a um volume e teria ganho em popularidade”.

Eis aqui um tema que Kardec conhece bem. Como escritor e didático, foi ele um dos melhores. Bezerra de Menezes, também, percebeu isso muito bem:

“É, pois, um livro precioso e sagrado o de Roustaing; mas o autor, não possuindo, como homem, a vantagem que faz sobressair o trabalho de Kardec, de concisão e clareza, torna-o bem pouco acessível às inteligências de certo grau para baixo.

“Seria obra de mérito e valor dar à sua exposição de princípios relevantíssimos a concisão e a clareza que sobram no mestre e que lhe faltam bem sensivelmente” (*A gazeta de notícias*, 6 de abril de 1897, terça-feira, p. 3).

Peço licença ao leitor para aprofundar um pouco mais o assunto. O jornalista Luciano dos Anjos, no *prefácio* de meu livro *Ponte evangélica – de Bordéus a Pedro Leopoldo*, escreveu com propriedade:

“Nada é complicado em *Os quatro evangelhos*. A prolixidade ficou por conta da necessidade e da conveniência de cultuar uma tese nova, necessariamente carente de repetições e tautologismos a fim de ser oxigenada na sua essencialidade. Mas o conteúdo, a narrativa, é sempre simples” (p. 15).

É sem tirar nem pôr!

A opinião de que a obra poderia ser *reduzida a dois, ou mesmo a um só volume*, foi o que fez muito bem Antônio Sayão e René Caillé. Porém, quando Kardec fala que *certas partes são desenvolvidas muito extensamente*, não vejo assim.

Atentemos para um fato. Tivemos o cuidado de somar os versículos analisados por Kardec, em *O evangelho segundo o espiritismo*: Mateus, Marcos, Lucas e João, mais os versículos referentes aos dez mandamentos, no Êxodo e Deuteronômios. Somaram um total de 840 versículos. Depois, fizemos a mesma soma de Mateus, Marcos, Lucas e João, mais os versículos do Êxodo e Deuteronômios, referentes aos dez mandamentos, em J.-B. Roustaing, e encontramos um total de 3820 versículos analisados.

Comparemos estes números com as quantidades de páginas utilizadas pelos respectivos autores, em seus livros. Primeiro Kardec: em *O evangelho segundo o espiritismo*, no original francês, da edição definitiva de 1866, temos XXXV páginas de *Introduction*, mais 444 dos textos analisados, num total de 479 páginas. Segundo Roustaing: também no original francês, da 1ª tiragem de 1866, temos, para o primeiro volume, 75 páginas de *Introduction*, mais 494 páginas de interpretação de textos; para o segundo volume, temos 703 páginas, e para o terceiro, 654 páginas. Total de 1926 páginas.

Comparando os 840 versículos analisados por Kardec, com os 3820 de Roustaing, chega-se à conclusão de que a obra do Codificador corresponde a 21,98% de *Les quatre évangiles*, ou seja, 1/5 aproximadamente. Outra análise é sobre a quantidade de páginas. Fazendo uma regra de três, entre os 840 versículos analisados por Kardec, em 479 páginas, em *O evangelho segundo o espiritismo*, com os 3820 versículos analisados em Roustaing, chegamos à seguinte conclusão: Kardec precisaria de 2178 páginas para interpretar todos os versículos analisados por Roustaing. Ou melhor, além das 1926 páginas utilizadas na obra de Roustaing, ele precisaria de mais 252 páginas. O que é praticamente outro livro. Logo, em comparação, a análise evangélica de Kardec foi mais extensa do que a de Roustaing. Porém, dada a grandiosidade da obra *O evangelho segundo o espiritismo*, ninguém sugere que ela deva ser reduzida em suas páginas. Evidentemente, pode-se dizer o mesmo da obra de Roustaing.

A questão da *popularidade* levantada por Kardec é outra questão que merece atenção. Raramente há coerência entre popularidade e qualidade. Graças a Deus, no Brasil, as principais obras de Kardec são uma exceção, e estão sempre em destaque na lista das mais vendidas. Mas, infelizmente, não era assim que P-

G. Leymarie, o administrador da *Livraria Espírita*, via a vendagem de *A gênese*, a última obra da Codificação:

“*A gênese* é pouco lida, nós o constatamos, a nossa livraria vende 100 volumes das primeiras 4 obras de Allan Kardec, contra *um só (un seul)* da Gênese; nós deploramos este fato, prova evidente de que a pluralidade dos espíritas não dá importância a este livro pleno de magnificências, admiravelmente escrito, que une o espiritismo à ciência” (RS, 26º ano, nº 9, 1883, setembro, p. 401. O itálico é do original).

XXIV – AURÉLIEN SCHOLL E *LES QUATRE ÉVANGILES*

Aurélien Scholl é um dos grandes jornalistas e romancistas franceses. Ele nasceu em Bordeaux, em 1833, e desencarnou em Paris, em 1902. Socialista convicto desde os 15 anos, escrevia versos em defesa apaixonada de sua corrente de pensamento.



Aurélien Scholl

Articulista de primeira grandeza, redigia para diversos jornais, com muita sátira, os acontecimentos da época. Inicialmente, firmou seu nome no *Fígaro*, porém, mais tarde, fundou o *Le nain jaune*, em 1863, que passou a ser o grande concorrente do *Fígaro*, onde ele havia deixado de escrever. Criativo, com verbo intenso, sempre tinha um novo projeto a divulgar. Foi, assim, que fundou vários jornais, onde escrevia, muitas vezes, com o pseudônimo de *Balthazar*. A sua fina ironia o presenteou com diversos inimigos, na alta sociedade e na política. Porém, do público, angariava simpatia, pois sua arte de escrever fazia dele um porta-voz de seus clamores. Produziu inúmeras peças de sucesso para o teatro. Uma vez, questionou o materialismo teimoso e a religiosidade superficial de sua época, com a seguinte sátira:

“Se Deus não existe, como ele teria um filho?”



Aurélien Scholl

Allan Kardec ao assinalar alguns artigos da imprensa leiga sobre o espiritismo, quase todos críticos mordazes da nova Doutrina, destaca um de Aurélien Scholl, no *Soleil*, de 5 de maio de 1866, reconhecendo que foi escrito *por um autor que revela uma convicção mais completa* do espiritismo. Não foi só aí, no entanto, que ele deixou transparecer seu pensamento notadamente espírita. Há outras citações de seus trabalhos, na *Revue Spirite*, que não deixam dúvidas sobre seu compromisso com o espiritismo. O primeiro é sobre um de seus romances, e é o próprio Kardec quem comenta:

“Nalguns outros romances, a idéia espírita apenas fornece o tema dos episódios. O Sr. Aurélien Scholl, nos seus *Nouveaux Mystères de Paris*, publicados pelo *Petit Journal*, faz intervir um magnetizador, que interroga uma mesa pela tipologia, depois uma moça posta em sonambulismo, cujas revelações deixam alguns assistentes em dificuldades. A cena é bem apresentada e perfeitamente verossímil” (*Petit Journal*, 23 de outubro de 1866) – RS, Edicel, 1867, janeiro, p. 15.

Anos depois, a *Revue Spirite* transcreve do *Bulletin de la Société protectrice des animaux*, de fevereiro de 1882, uma *nouvelle* escrita por Aurélien Scholl, que versa sobre a inteligência dos animais, ou melhor, sobre a existência de *um princípio inteligente* que os anima. O texto é extenso, e foi publicado numa série de três artigos: *Une victime de la vivisection* (pp. 250-3; 276-8 e 350-3).

Por fim, o artigo que nos interessa é o que Kardec transcreveu do *Soleil*, que em fina *verbi*, traça um paralelo inteligente entre Ernest Renan e J.-B. Roustaing. Porém, a grande importância dele, na história da obra *Les quatre évangiles*, é a sua presença a apenas três meses do *anúncio crítico* que o Codificador fez da obra ofertada por Roustaing. Assim, a presença deste artigo ressalta o respeito do Prof. Rivail pela obra compilada pelo insigne advogado bordelense. Dada a sua importância vamos transcrevê-lo na íntegra:



Caricatura de Aurélien Scholl

“Ao mesmo tempo em que apareciam *Os apóstolos*, do Sr. Ernest Renan, o Sr. J.-B. Roustaing, adepto esclarecido do Espiritismo, publicava na Librairie Centrale uma obra considerável, intitulada *Os Quatro Evangelhos*, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apóstolos.

“A massa parisiense quase não conhece, em matéria de Espiritismo, senão as mixórdias de alguns escamoteadores, que em vão tentaram abusar da credulidade de um público incrédulo. Esses charlatões foram vaiados, o que é muito bem feito; mas os Espíritos, cheios de ardor e de fé, não deixaram de continuar as experiências e sua rápida propaganda.

“As mais sérias coisas são, em Paris, tratadas por igual como as coisas fúteis. É aqui que, na maioria dos casos, se pergunta se se trata de um deus, de uma mesa, ou de uma bacia. As experiências sumárias entre duas taças de chá, por algumas mulheres adúlteras e algumas jovens pretensiosas, bastaram à curiosidade dos parisienses. Se a mesa mostrava que ia mover-se, riam muito; se, ao contrário, a mesa ficava firme, riam ainda mais. A coisa era diferente entre a população mas refletida da província. O menor resultado animava os prosélitos, excitava-lhes o ardor. O Espírito de seus parentes respondia à sua espera; e cada um, conversando

com a alma de seu pai e seu irmão defuntos, estava convencido de haver levantado o véu da morte que, daí por diante, não podia causar-lhe terror.

“Se jamais houve uma doutrina consoladora, certamente é esta: a individualidade conservada além do túmulo, a promessa formal de uma outra vida, que é realmente a continuação da primeira. A família subsiste, a afeição não morre com a pessoa; não há separação. Cada noite, no sul e no oeste da França, as reuniões espíritas atentas tornam-se mais numerosas. Oram, evocam, crêem. Gente que não sabia escrever, escreve; sua mão é guiada pelo Espírito.

“O Espiritismo não é perigo social. Assim, deixam-no espalhar-se sem lhe opor barreira. Se o Espiritismo fosse perseguido, teria os seus mártires, como o Babismo⁷² na Pérsia.

“Ao lado das respostas mediúnicas mais sérias, encontram-se indicações e conselhos que provocam o sorriso. O autor dos *Quatro Evangelhos*, Sr. Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, seu antigo presidente, não é um ingênuo – como não é um dileitante – e, no seu prefácio, encontra-se a seguinte comunicação:

“É chegado o momento em que te debes pôr em situação de entregar esta obra à publicidade. Não te fixamos limites; emprega com sabedoria e medida as tuas horas, a fim de poupar tuas forças... A publicação pode ser começada *a partir do mês de agosto próximo*; a partir desta data, trabalha o mais prontamente possível, mas sem ultrapassar as forças humanas; de tal maneira que a publicação esteja terminada no mês de agosto de 1866”.

Assinado: Moisés – Mateus, Marcos, Lucas e João
“Assistidos pelos apóstolos”.

“O leitor fica surpreendido por não ver Moisés, Mateus, Lucas e João levar seu conselho ao extremo e acrescentar: Farás imprimir a obra na casa Lavertujon, 7, rue des Treilles, em Bordeaux, e a farás aparecer na Librairie Centrale, 24 Boulevard des Italiens, em Paris.

“Também se para um instante nessa passagem que diz ao autor *não ultrapassar as forças humanas*. Então o autor as teria ultrapassado, sem essa palavra paternal dos senhores Moisés, Mateus, Marcos e João?

⁷² “Movimento religioso islâmico, fundado na Pérsia, nos fins da primeira metade do séc. XIX, pelo reformador Mirza Ali Mohamed ibn Radnik (1824-1850), pretense descendente de Maomé, que se intitulava o Bab, a porta pela qual os fiéis teriam acesso à divindade, e que pregava a igualdade entre os sexos e proibia a poligamia, o consumo de álcool e a mendicância” (*Aurélio eletrônico*).

“Sem tocar, de início, no Espiritismo, o Sr. Renan faz numerosas alusões a essa nova doutrina, cuja importância parece não desconhecer. O autor dos *Apóstolos* lembra, na pág. 8, uma passagem capital de São Paulo⁷³, que estabelece: 1º – a realidade das aparições; 2º – a longa duração das aparições. Só uma vez, no curso de sua obra, o Sr. Renan mete a bulha no Espiritismo. À pág. 22, na segunda nota, diz:

“Para conceber a possibilidade de semelhante ilusões, basta lembrar as cenas de nossos dias, em que pessoas reunidas reconhecem unanimemente ouvir ruídos sem realidade, e isto com perfeita boa-fé. A espera, o esforço de imaginação, a disposição para acreditar, por vezes complacências inocentes, alguns desses fenômenos que não são produto direto da fraude. Essas complacências, em geral, vêm de pessoas convictas, animadas de um sentimento de benevolência, que não querem que a sessão acabe mal e desejosas de tirar do embaraço os donos da casa. Quando se crê no milagre, sempre se ajuda sem o perceber. A dúvida e a negação são impossíveis nessas espécies de reuniões. Seria penoso para os que crêem e para os que convidaram. Eis por que tais experiências, que ante pequeno grupo dão resultado, falham geralmente ante um público pagante e sempre falham as comissões científicas”.

“Aqui, como alhures, ao livro do Sr. Renan faltam boas razões. De estilo suave e encantador, substituindo a lógica pela poesia, *Os apóstolos* deveriam intitular-se *Os Últimos Abencerrages (Les Derniers Abencérages)*.⁷⁴ As referências a documentos inúteis, as falsas provas de que a obra está sobrecarregada lhe dão todas as aparências da puerilidade com que foi concebida. Não há com que negar.

“O Sr. Renan conta que Maria de Magdala, chorando ao pé do túmulo, teve uma visão, uma simples visão. – Quem lho disse? – Ela acreditou ouvir uma voz. – Como sabe que realmente não a ouviu? Todas as afirmações contidas na obra são mais ou menos da mesma força.

“Se os Espíritos não têm a oferecer senão sua boa-fé, como explicação, o Sr. Renan nem tem esse recurso.

“Aqui não podemos referir o livro do Sr. Roustaing; não temos o direito de o discutir, nem o de ver onde ele nos conduz. Aliás não

⁷³ No original de *Le Apôtres*, Renan cita o versículo: “E apareceu a Cefas e, depois, aos doze” (I. Co 15:5). É interessante ver que o Sr. Aurélien Sholl soube interpretar esta frase também como uma aparição de longa duração. Prova de que entendeu bem a lição de *Os quatro Evangelhos* (os autores).

⁷⁴ Membro da tribo moura que dominou Granada no século XV. *Último abencerrage*, último defensor, derradeiro paladino de uma idéia. Sua história inspirou a Chateaubriand uma novela, *As aventuras do último abencerrage* (1826). Koogan/Houaiss, *Enciclopédia e dicionário ilustrado*.

seria o lugar para entrar em consideração que o leitor não busca em nossas colunas. A obra é séria, o estilo é claro e firme. O autor não caiu no desvio ordinário dos comentadores, que muitas vezes são mais obscuros que o próprio texto que querem esclarecer.

“O Espiritismo, que tinha o seu catecismo, terá de agora em diante seus códigos anotados e seu curso de jurisprudência. Só lhe faltará à prova do martírio”.

AURÉLIEN SCHOLL

(RS, Edicel, 1866, setembro, pp. 270-2).

É interessante ver na *Revue Spirite*, de Allan Kardec, a obra *Les quatre évangiles* como um curso avançado de espiritismo. É perfeitamente o que diz Bezerra de Menezes:

“Eis aí que aparece Roustaing, o mais novo missionário da lei, que, em muitos pontos, vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da humanidade” (*A gazeta de notícias*, 6 de abril, 1897, p. 3).

Bom, com relação ao *martírio*, profeticamente visualizado por Aurélien Scholl, este não faltou a Kardec, nem a Roustaing; vide o famigerado *Índex*, para um, e as perseguições intestinas, para o outro. E isto é bem comum num planeta do nível espiritual da Terra, como o Codificador já havia apresentado, num discurso aos espíritas de Lyon e Bordeaux:

“No estado atual das coisas aqui na Terra, qual é o homem que não tem inimigos? Para não tê-los fora preciso não habitar aqui, pois esta é uma conseqüência da inferioridade relativa de nosso globo e de sua destinação como mundo de expiação. Bastaria, para não nos enquadrarmos na situação, praticar o bem? Não! O Cristo aí está para prová-lo. Se, pois, o Cristo, a bondade por excelência, serviu de alvo a tudo quanto a maldade pode imaginar, como nos espantarmos com o fato de o mesmo suceder àqueles que valem cem vezes menos?” (*Viagem espírita em 1862*, Allan Kardec, edição *O Clarim*, Matão-SP, 1968, p. 45).

Quero concluir este assunto com a mensagem imortalizada pelos maiores especialistas no terreno das perseguições na Terra, os mártires do Cristianismo nascente:

Ave, Cristo! Os que vão viver para sempre te glorificam, e saúdam!

XXV – ERRATA DE *LES QUATRE ÉVANGILES*

Por volta do fim do ano de 1866, J.-B. Roustaing enviou a diversos periódicos espíritas uma carta contendo uma *errata* inclusa referente ao terceiro volume de sua obra, que *escapou à correção das provas*.

Allan Kardec atende ao apelo do nobre advogado bordelense e inclui, imediatamente, sua solicitação nas páginas da *Revue Spirite*. O Codificador, porém, não informa a data desta 6ª carta de Roustaing de que temos conhecimento. Mas podemos levantar, por comparação, a data aproximada dela. Roustaing envia esta errata para o jornal *La vérité*, de Lyon, em 30 de novembro de 1866. O diretor deste periódico também atende de pronto, mandando publicá-la no periódico, ainda no mesmo ano: *La vérité*, 4º ano, nº 43, domingo, 16 de dezembro de 1866, p. 4.

Bordeaux, 29 novembre 1866.

A Monsieur Eloux, directeur du journal *La Vérité*.

Monsieur le Directeur,

Dans l'ouvrage dont je vous ai fait hommage, aux mois d'avril et mai derniers et intitulé : *LES QUATRE ÉVANGILES* (1), il a été omis, dans l'impression, un passage du manuscrit.

Ce passage omis, et qui est ainsi conçu, a sa place à la suite de la dernière ligne, page III, 3^e volume :

« Et cette hypothèse, de la part des Spirites : — que le corps de
« Jésus aurait été un corps terrestre, tel que le vôtre. — et que les
« anges ou esprits supérieurs auraient pu le rendre invisible, l'enlever
« — et l'aurait enlevé au moment même où la pierre fut descellée
« et renversée, serait, à raison, *impossibilité et fausseté*; elle doit, en
« effet, être écartée *comme telle*, en présence de la révélation faite par
« l'ange à Marie puis à Joseph; révélation qui serait alors messagère,
« qui ne peut l'être, émanant d'un envoyé de Dieu, et qui doit être
« interprétée, *selon l'esprit qui souffle, en esprit et en vérité*, suivant
« le cours des lois de la nature, et non *royées* (2). »

Pour porter, par la publicité dont votre journal dispose, à la connaissance de ceux qui ont lu, qui lisent et qui liront cet ouvrage, cette omission qui a eu lieu dans l'impression, je viens solliciter de votre obligeance, l'insertion de la présente lettre dans le plus prochain numéro de *La Vérité*.

En vous remerciant, d'avance, de cette extrême obligeance de votre part,

Veuillez, Monsieur le Directeur, agréer l'expression de mes sentiments les plus distingués.

ROUSTAING,
Avocat à la Cour Impériale de Bordeaux. —
Ancien bâtonnier.

La vérité – Errata de *Les quatre évangiles*

A carta para o jornal *L'Union*, de Bordeaux, encaminhada aos cuidados de Auguste Bez, partiu em 6 de dezembro de 1866. Esta *errata* foi publicada às pressas pelo diretor da *Revue*, pois, nesta época, seu periódico estava bastante atrasado, como informamos na *Introdução*. Assim, ela é publicada no tomo V, nº 58, de setembro de 1866, pp. 176-7. Aqui, o flagrante do atraso é

bem legível, pois a carta é de 6 de dezembro e o periódico é de setembro, tudo do mesmo ano.

Em seguida à publicação da errata, Auguste Bez insere a seguinte nota:

“Nós solicitamos aos nossos leitores que leram, que estão lendo ou lerão a obra publicada pelo Sr. J.-B. Roustaing, intercalar à pena, na margem do 3º volume, na página 111, a passagem que escapou da impressão.

“Como nós prometemos, quando da publicação da obra, faremos, em breve, um resumo detalhado que teria já sido publicado, se não houvesse a interrupção forçada do nosso jornal”.

A. B.

Infelizmente, com a publicação dos três números atrasados, o periódico deixou de circular em janeiro de 1867. Foi uma pena, pois não tivemos a oportunidade de conhecer, em *detalhes*, o pensamento de Bez sobre *Les quatre évangiles*.

Agora temos duas datas para as cartas com a errata de Roustaing: 30 de novembro e 6 de dezembro. Assim, podemos supor que sua 6ª carta para o Codificador ocorreu, aproximadamente, entre 25 de novembro e 10 de dezembro de 1866, esticando um pouco mais os limites. O texto para Allan Kardec foi o seguinte:

“Senhor Diretor da *Revista Espírita*,

“Na obra que anunciaste no número da revista *Espírita*, de junho último, e intitulada “Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação; – os quatro evangelhos seguidos dos mandamentos explicados *em espírito e verdade* pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos; Moisés, recolhidos e postos em ordem por J.-B. Roustaing, advogado na Corte imperial de Bordeaux, antigo presidente, 3 vol., Paris, Livraria Central, nº 24, 1866; obra com que, em abril e maio últimos, presenteei a direção da *Revista Espírita* de Paris, que a aceitou, foi omitida, o que escapou à correção das provas, uma passagem do manuscrito. Esta passagem omitida e que está assim concebida, tem seu lugar a seguir na última página 111 do 3º volume.

“É esta hipótese da parte dos Espíritas: – Se o corpo de Jesus tivesse sido um corpo terrestre – e se os anjos ou Espíritos superiores tivessem podido torná-lo invisível, levá-lo e o tivessem levado – no momento mesmo em que a pedra foi erguida e derrubada, seria *a priori*, *inadmissível e falsa*; ela deve, com efeito, ser *afastada como*

tal, – em presença da revelação feita pelo anjo a Maria, depois a José; revelação que, então, seria mentirosa, que não o pode ser, emanando de um enviado de Deus, e que deve ser interpretada, explicada *segundo o espírito que vivifica, em espírito e verdade*, segundo o curso de leis da natureza e não rejeitada (ver supra, III° vol., pp. 23-24; – I° vol., pp. 27 a 44; 67 a 86; 122 a 129; 165 a 193; 226 a 266; – III° vol., p. 139 a 145; 161 a 163; 168 a 175).

“Pela publicidade em vosso jornal, para o conhecimento dos que leram, dos que lêem e dos que lerem esta obra, esta omissão havida na impressão, e para que aqueles que têm esta obra possam acrescentá-la a mão, na página indicada, o parágrafo acima mencionado – venho solicitar de vossa bondade a inserção da presente carta no mais próximo número da *Revista Espírita* de Paris, agradecendo-vos antecipadamente.

“Tende a bondade, senhor Diretor, de aceitar, etc.”.

ROUSTAING
Advogado da Corte imperial de Bordeaux,
antigo presidente, rue Saint-Siméon, 17.
(RS, Edicel, 1867, janeiro, pp. 31-2).

XXVI – SEGUNDO ENCONTRO DE ROUSTAING COM ALLAN KARDEC

Antes de falar sobre este encontro, em 1867, quero comentar sobre a viagem missionária de Allan Kardec por cerca de vinte cidades da França, entre elas a cidade de Roustaing, em 1862. A visita a Bordeaux foi bastante curta, como o próprio Rivail já havia anunciado:

“Se não surgir nenhum obstáculo imprevisto, tenho a intenção de lhes fazer uma pequena visita, ainda que fosse para lhes agradecer a boa acolhida do ano passado” (RS, FEB, 1862, setembro, pp. 381-2).

Esta rápida visita era consequência do grande número de centros espíritas que ia visitar:

“O número de centros que nos propomos visitar, aliado à extensão do trajeto, não nos permite consagrar a cada um o tempo que desejaríamos” (RS, FEB, 1862, setembro, 392).

Realmente, o trabalho foi extenso, mas o resultado foi imenso. Sendo impossível aquilatar:

“Acabamos de visitar alguns Centros Espíritas da França, lamentando que o tempo não nos tenha permitido ir a toda parte onde nos haviam convidado, nem prolongar nossa estada em cada localidade como o desejávamos, em razão da acolhida tão simpática e tão fraterna que por toda parte recebemos. Durante uma viagem de mais de seis semanas e um percurso total de seiscentas e noventa e três léguas, paramos em vinte cidades e assistimos a mais de cinqüenta reuniões” (RS, FEB, 1862, novembro, p. 439).

Os principais discursos se encontram no opúsculo *Viagem espírita em 1862*, que já citamos, e a competência de Wallace Leal V. Rodrigues, adepto de Roustaing, achou por bem traduzir. Porém, nesta brochura, não encontrei o menor indício de um possível encontro de Kardec com Roustaing. Mas, aqui, também penso que tenha ocorrido. Que espírita perderia uma oportunidade desta? Ainda mais naquela época em que as distâncias eram maiores e difíceis de serem percorridas, dados os meios precários de transporte. Salvo algum imprevisto, os dois trocaram cumprimentos, e Kardec

aproveitou para agradecer pessoalmente, em nome da *Sociedade Espírita de Paris*, as bênçãos oferecidas no testamento.

Passemos para o encontro que aqui nos interessa, o de 1867.

Já vimos na *Introdução*, quando escrevemos sobre Auguste Bez, que o Banquete espírita de *Pentecostes*, em 1866, foi um sucesso. Bez conseguiu reunir espíritas devotados que, animados com o encontro fraterno, fizeram reviver seus compromissos doutrinários na consecução da *Nova Sociedade Espírita de Bordeaux*.

No ano seguinte, em 1867, como também já relatamos, um novo Banquete foi celebrado, agora com a presença de Allan Kardec, de Madame Rivail e de inúmeros convidados que proporcionaram uma verdadeira *festa de família*:

“Perto de cento e vinte pessoas, entre as quais dezesseis senhoras, assistiram a essa reunião”.

Entre estes nobres participantes, encontrava-se J.-B. Roustaing, que, sem tomar a palavra, foi lembrado e saudado com um brinde nominal:

“Após vários outros discursos pronunciados pelos Srs. Jonqua filho, Pichon, Dubos, Delcher e Maillot, e dos brindes aos propagadores do espiritismo em Bordeaux, ao Sr. Roustaing, e aos espíritas pobres que não puderam assistir ao banquete, uma coleta é feita para os pobres sem distinção de raça, de nacionalidade, nem de culto. Ela resulta em 85 francos, que são depositados nas mãos dos membros do Comitê da Sociedade Espírita de Bordeaux, encarregados de fazer sua distribuição”.

É bom recordar que, em 1866, no Banquete anterior, J.-B. Roustaing também foi brindado de uma forma muito especial:

“Ao Sr. J.-B. Roustaing, o vulgarizador do espiritismo em Benauge”.

Já comentamos bastante sobre Benauge, e sobre a missão de Roustaing nesta região. O certo é que, em 1867, ele é brindado, mais uma vez, agora diante de Kardec, como um dos propagadores *do espiritismo em Bordeaux*.

É relevante ressaltar que, em seguida ao brinde levantado a Roustaing, passa-se a se falar dos pobres e a recolher recursos para atendê-los. As palavras: *para os pobres sem distinção de*

raça, de nacionalidade, nem de culto, parece uma reedição daquelas que Roustaing utilizou no seu 1º testamento, em 1861:

“Legó aos ditos pobres da dita paróquia de São Pedro que são, todos, meus irmãos *seja qual for o culto a que pertençam*” (o itálico é meu).

“Para os pobres do culto católico, um quarto ao Presidente do conselho presbiterial e consistório da igreja reformada de Bordeaux, que estiver também em função quando da minha morte para os pobres dos cultos protestantes e o outro quarto ao grande Rabino de Bordeaux que estiver igualmente em função, na época da minha morte, para os pobres do culto israelita”.

Sendo franco, estas palavras do discurso antecedem as que serão usadas por Roustaing em seu 2º testamento, em 25 de dezembro de 1878:

“Dôo e legó a cada sociedade de beneficência da cidade de Bordeaux, às nove existentes, sem distinção de culto, a cada uma a quantia de mil francos livre de todos os direitos de transmissão e de todo encargo, para serem distribuídos *aos pobres* socorridos de Bordeaux, como já disse, *sem distinção de culto, de religião e mesmo de nacionalidade* (o itálico é meu)”.

Tudo leva a crer que este recolhimento de recursos para a caridade aos mais necessitados foi uma iniciativa de J.-B. Roustaing, que foi imediatamente acolhida por todos os presentes, como o maior brinde desta *reunião de família*.

Há ainda que destacar a presença de Mme. Rivail e de outras *dezesseis senhoras*. Fato raro, quase exceção à presença de mulheres em banquetes festivos de uma sociedade. É que o espiritismo, desde os seus primórdios, sempre exaltou a mulher, e reservou a ela um espaço de dignidade e co-participação, semelhante ao concedido ao homem. Neste ponto, permito-me incluir a presença amada de Mme. Elisabeth Roustaing entre as senhoras deste banquete. Ela não era só a *querida esposa* de Roustaing, mas, como diz o Sr. Battar:

“A companheira de sua vida e de suas obras”.

XXVII – COMENTÁRIO DE KARDEC EM A GÊNESE

Em janeiro de 1868, Allan Kardec lança o seu *A gênese*. Nesta obra, como ele escreve no prefácio, há:

“Algumas teorias hipotéticas que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais” (p. 12).

No capítulo XV, nos parágrafos de 64 a 67, ele aborda o *Desaparecimento do corpo de Jesus*, e, então, a revelação sobre *corpo fluídico* de Jesus é aventada.

Devemos ressaltar que Kardec analisa o *corpo fluídico* de um modo geral, sem citar Roustaing e sua obra. É também interessante lembrar que o Codificador, neste capítulo, analisa diversos fatos evangélicos, como a *Multiplicação dos pães*, *Tentação de Jesus*, *Tempestade aplacada*, *Bodas de Canaã*, etc. Para a explicação de todos esses fatos ele não se apóia na revelação dada a Roustaing; porém, ao abordar o *Desaparecimento do corpo de Jesus*, ele sentiu a necessidade de usar esta informação, como umas das explicações para o fato. É verdade, também, que ele apresentou duas outras explicações que alguns sugeriram:

- 1º) *Um fato milagroso.*
- 2º) *Uma subtração clandestina.*

Imediatamente após estas possibilidades, fruto da infantilidade ou da mentira, ele passa à *hipótese*, segundo sua visão, da possibilidade do *corpo fluídico*:

“É fora de dúvida que semelhante fato não pode se considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluídos; mas seria pelo menos inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres (Cap. XIV, nº 36). Trata-se, pois, de saber se tal hipótese é admissível, se os fatos a confirmam ou contradizem” (p. 352).

Em seguida, passa a listar algumas opiniões pessoais que discordam desta revelação sobre o *corpo fluídico*; porém não explica o *desaparecimento do corpo de Jesus* ou esquece de explicá-lo. Ou será que ele não tinha uma resposta? Não se pode acreditar que ele aceitasse o *fato milagroso*, o que ele categoricamente negou

em páginas anteriores, no capítulo XII, nos parágrafos de 1 a 3: *Os milagres no sentido teológico*. Penso que também ele não aceitava a hipótese alicerçada na mentira da *subtração clandestina* do corpo. Esta tese coloca por terra os escritos dos *Evangelhos*, e diz que o Cristianismo começou com roubo, falsidade e loucura de fanáticos. Uma árvore tão rica de frutos saborosos e saudáveis não poderia provir de uma semente tão cheia de maldição.

É importante concordar com Kardec que *o corpo fluídico* de Jesus foi um fato *inteiramente excepcional*. Sim, excepcional por sua pureza, excepcional por sua ciência e excepcional pelos recursos e substâncias utilizadas. E tudo sem sair da lei natural, que rege a formação desses corpos, segundo o nível espiritual dos Espíritos de pureza perfeita. Inclusive os mentores maiores ensinam que, quando um Espírito crístico precisa se manifestar num mundo inferior, o faz construindo, por sua alta ciência, um corpo especial compatível com sua grandeza:

“Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste”
(Hb, 10: 5).

Há também que considerar que este corpo está *em formal oposição ao caráter dos agêneres* como Kardec os conhecia em sua época. Kardec nunca participou de reuniões de materialização de Espíritos. Sua ciência, sobre este assunto é precária, frente ao que foi descoberto por cientistas consagrados, nas décadas posteriores. Outro ponto é que as materializações estudadas por estes cientistas são normalmente de Espíritos de nível inferior ou intermediário, com poucos recursos e que eles só se utilizam das substâncias comuns ao nosso planeta. O caso de Jesus é *excepcional*, se for comparado a este *lugar comum* das materializações, conhecidas e estudadas na esfera da fenomenologia. Estes estudos, porém, são unânimes em demonstrar a possibilidade científica para a formação de corpos semelhantes ao de Jesus.

Vamos listar algumas objeções hipotéticas feitas por Allan Kardec:

1º) *O corpo de carne é a sede das sensações e das dores:*

Só para ficarmos com um exemplo contrário a esta hipótese, solicito ao leitor que leia os capítulos IV, V e VI de *Nosso lar*, do Espírito André Luiz. Nele encontramos: *enfermeiro, serviço de assistência médica, visitador dos serviços de saúde, intestinos*

apresentando lesões sérias, fígado revelando dilacerações, rins com esgotamento prematuro, mutilações, sofrimento intenso, dores na zona intestinal, etc. Com estas citações se constata que o *corpo psicossomático* é hipersensível. Imagine Cristo, o *supersensível*, como escreveu Pietro Ubaldi sobre ele:

“É o fato tangível e inegável, em que o supersensível se materializou”
(*Ascese mística*. Campos: Fundápu, 1983, pp. 195-6).

2º) *Vão simulacro e comédia indigna*:

Kardec escreve que, se Jesus teve um corpo *aparente*, todos os atos de sua vida, antes da sua chamada *morte*, foram *simulacro* ou *comédia*. O Codificador não se lembrou de que, depois da *morte*, essa *comédia* crística então persistiu:

- a) *Sou eu mesmo... não sou um fantasma... carne e ossos* (Lc. 24: 39).
- b) *Comeu peixe e mel* (Lc. 24: 41).
- c) *Comeu pão* (Lc. 24: 30 e 35).

Assim, para que tudo fique coerente com as informações colhidas por *testemunhas oculares* (Lc. 1: 2), não houve *vão simulacro*, nem antes, nem depois de sua chamada morte.

Não houve, também, *vão simulacro*, nem *comédia indigna*, no caso do anjo que guiou Tobias e que, como já vimos, Kardec citou duas vezes; nem no caso do jovem de Londres, contado por Kardec, o que fez São Luiz, o mentor da *Sociedade Espírita de Paris*, comentar: *Às vezes há sobre a Terra Espíritos que revestem essa aparência, e são tomados como homens... tendes exemplos na Bíblia* (RS, FEB, 1859, fevereiro, p. 64 e 65). Nem houve *simulacro*, igualmente, quando Willian Crookes fez a contagem das pulsações do Espírito Katie King; nem quando o Dr. William Ritchman, presidente da *Sociedade de antropologia de Liverpool*, escreveu, em 1886, para Aksakof, dizendo que tinham *respiração e circulação* os Espíritos materializados. Nem, também, quando Charles Richet, Prêmio Nobel de Fisiologia, em 1913, encontrou anidrido carbônico no ar respirado por Bien-Boa, e muito menos, quando o Sr. Maximiliano Meck, ocultista, fez cortes num fantasma materializado. Nem muito menos em tantos e tantos outros casos estudados seriamente pela ciência.

3º) Apolinário de Laodicéia:

Ao contrário do que diz Kardec, Apolinário não acreditava no *corpo fluídico* de Jesus. Atribuía ao Mestre um corpo humano. Zeus Wantuil resume, assim, a doutrina de Apolinário (330 d.C a 392 d. C):

“O Cristo assumiu o corpo humano e a alma humana ou princípio da vida animal, mas não o espírito humano. O Lógos é que tomou o lugar deste último, tornando-se assim, no Cristo, o centro da vida racional e espiritual, a sede da autoconsciência e autodeterminação. O Cristo é, então, um ser humano (pelo corpo e pela alma sensitiva) guiado e controlado pelo Lógos que é, portanto, a única parte divina do mesmo Cristo” (*Apêndice* do livro *Elos doutrinários*, de Ismael Gomes Braga. Rio de Janeiro: FEB, 1978, p. 152).

Kardec diz que os apolinaristas foram anatematizados. Logicamente foram por outras idéias, não porque professassem o *corpo fluídico*. Aliás, ser ou não anatematizado não significa nada, é, inclusive, uma honra. Os reencarnacionistas, os que não atribuíam a Cristo a Divindade, os médiuns, John Huss, Kardec, Pietro Ubaldi, todos foram também anatematizados.

4º) Crença dos Docetistas, seita numerosa dos Gnósticos:

O docetismo, segundo Kardec, era aceito por numerosos Gnósticos. Aqui, Kardec mais uma vez se contradiz, quando ressalta os numerosos crentes docetistas. Ora, não é o *número*, a *massa das opiniões*, que se deve seguir, como ele defende na teoria do chamado *critério universal*? É lógico que não! Deve-se seguir o que é lógico, o que é aprovado pelo bom senso, pela razão e pela ciência. Tanto é assim, que Allan Kardec não aceitava o docetismo, bem como Roustaing, os Espíritos reveladores, e nós outros. Acompanhemos a opinião de J.-B. Roustaing:

“Allan Kardec, nas suas conversações e nos seus escritos, manifestava a pretensão de acoimar de Docetismo (doutrina errônea, falsa e condenada) tudo que tendesse a provar que o Cristo teve apenas um corpo fluídico durante a sua permanência na Terra. Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing eram diretamente objetivados por essa apreciação.

“No jornal *La vérité*, Philaléthès falara de Docetismo. Allan Kardec se apoderou desta expressão para aplicá-la à nossa obra.

“Vamos responder a essa pretensão, a essa insinuação que, se não é intencional, prova que o autor do sistema preconcebido não conhecia a doutrina dos Docetas, pois que a considerava semelhante à nossa.

“A revelação feita pelos Espíritos Superiores, tendo em vista a obra dos Quatro Evangelhos explicados em espírito e verdade, está de conformidade com as modernas descobertas da ciência, com todas as asserções dos investigadores que vimos de citar. Allan Kardec ignorava esse fato ou o conhecia superficialmente, assim como não sabia bem o que era o Docetismo.

“Esse assunto constitui a maior preocupação da nossa vida.

“Refutaremos a asserção do sr. Allan Kardec e salientaremos os erros que pululam na correspondência trocada a tal respeito pelos srs. de Mirville e Philaléthès (A. Pezzani, do jornal *La vérité*, Lyon).

Philaléthès escrevia ao sr. de Mirville: “Aqui está um escritor espírita que acolhe, de acordo com Espíritos que pretendem ser os dos Apóstolos, o Docetismo, isto é, a velha opinião segundo a qual o Cristo não desceu em carne e osso a este mundo, não tendo o seu corpo mais do que as aparências de um corpo material. Seguir-se-á daí, devemos dizer como vós, que profetizais no quarto volume da obra que publicastes, o ressurgimento do Docetismo, que os Espíritos, autores daqueles ditados, são demônios? Em tal caso, perguntaremos: como esses demônios hão podido escrever, de par com semelhante erro, páginas da mais sublime moral, os mais empolgantes comentários sobre os preceitos evangélicos? Para o triunfo de um ponto de doutrina, quase insignificante, iriam eles expor-se a converter os homens e a inspirar o bem? Ora, como Deus nos julga mais pelos nossos atos do que pelas nossas opiniões de boa fé, claro é que o próprio Satanás houvera conquistado almas para o céu.

“São Espíritos que, imbuídos desta opinião, a qual, ainda em nossos dias, conta alguns raros aderentes, a quiseram sustentar e fazer triunfar, atraindo seus irmãos para o bem, mediante excelentes conselhos morais” (QE, I, 1942, pp. 101-3).

Esta pesquisa resgatou este jornal de Lyon. E esta matéria se encontra num fascículo do 4º ano, nº 49, domingo, 27 de janeiro de 1867, p. 194. Nela Philaléthès é ainda mais restritivo quanto a esta teoria:

“Nós somos aqui de vossa opinião, e nós cremos que esta maneira de ver é falsa, alambicada e dando lugar a uma grande quantidade de embaraços e que conduz a sérias dificuldades” (p. 194).

Isto posto, voltemos aos comentários de Roustaing:

“Este artigo do sr. Philaléthès, que se achava sob o império da preocupação, que dominava, de um argumento contra o Demonismo do sr. de Mirville, foi escrito sem que o autor conhecesse o homem a quem designa por estas palavras: “um escritor espírita”. Sem haver até então lido e meditado suficientemente sobre a obra de J.-B. Roustaing, Philaléthès lhe atribui, bem como aos Apóstolos, o contrário do que estes revelaram. Ele desconhecia o caráter e o alcance dessa revelação.

“O escritor espírita sabia, muito antes de ter sido eleito para criar os Quatro Evangelhos, que o Docetismo é um erro velho colocado por Matter à frente de todas as heresias, segundo a linguagem católica.

“Fora um ato absurdo de incredulidade e de ignorância, elevadas a mais alta potência, aceitar o Docetismo como sendo a Revelação da revelação feita pelos Evangelistas e pelos Apóstolos, à guisa de explicação dos Quatro Evangelhos em espírito e verdade e também da encarnação do Cristo.

“Matematicamente vamos provar à evidência o que avançamos:

“1º – Precisaremos o que constitui o Docetismo, antiga opinião, erro que surgiu no primeiro século da nossa era e que, no segundo, tomou o caráter e as proporções de uma seita, cujo chefe foi Julio Cassiano, erro que se renovou no século VI.

“2º – Citaremos as próprias palavras daquele que Philaléthès chama o escritor espírita, palavras que se encontraram no prefácio dos Quatro Evangelhos e igualmente as próprias palavras dos Espíritos que inspiraram e dirigiram essa obra.

“Que os espíritas e os partidários de Mirville e de Philaléthès não esqueçam que Roustaing era advogado e fora o bastonário da advocacia bordelesa, que tanto brilho deu à advocacia francesa.

“O sr. Philaléthès (A. Pezzani) devia lembrar-se de que, em 1860, iniciara no Espiritismo o seu colega Roustaing; de que este, com ele, penetrou na babel da ortodoxia cristã e perlustrou a história das suas heresias; de que lhe mostrou o que era o Docetismo, levando-o a percorrer-lhe a trajetória com o auxílio das obras de Santo Inácio, de S. Polycarpo, de S. Irineu, de Eusébio (História Eclesiástica), de Teodoreto, de Clemente de Alexandria, de Beausobre (História do Maniqueísmo), de Bergier, de Feller, de Floquet, de Matter.

“Ambos compreenderam e reconheceram que o Docetismo era um desses numerosos erros devidos à infância da humanidade do Cristo, humanidade que se agitava dentro dos seus vários idiomas sob a obscuridade e o véu da letra, sob a capa do mistério, sob o prestígio do milagre.

“Que é o Docetismo? A fim de bem o compreendermos e determinarmos, vamos pôr em confronto a ortodoxia com a heresia.

“Para os ortodoxos, como para os docetas, um mundo apenas havia na imensidade da criação universal: a Terra; e uma única humanidade: a terrena.

“Diziam os dois adversários: dadas à presciência e à sabedoria infinitas de Deus, a dupla revelação feita pelo anjo a Maria e depois a José, com condição e meio de progresso humano, deve ser entendida, segundo a letra, deste modo: – A primeira o foi para servir ao reinado da letra, ficando a outra sob o império do espírito.

“Diante destas palavras do apóstolo Paulo: “Ele era sem pai, sem mãe e sem genealogia”, o Cristo era o meio e o instrumento da inteligência em espírito e em verdade, obedecendo sua encarnação ao curso das leis da natureza.

“Segundo os ortodoxos, “Jesus revestiu um corpo carnal no seio de Maria, mas derogando as leis naturais de procriação e da reprodução em nosso planeta, leis que exigem o concurso dos dois sexos, e isso se deu para que o homem nascesse da mulher por uma encarnação miraculosa, por obra do Espírito Santo, ou do próprio Deus, criador incriado, único eterno e infinito. Em consequência dessa encarnação, o Cristo é filho de Deus, parte destacada, ainda que inseparável do pai, igual a Ele; homem-deus provindo do corpo da mulher, revestido de um corpo humano material do planeta e mortal, pois que sujeito à morte humana; – Deus, como parte destacada ainda que inseparável de Deus e igual a Ele, ressuscitado pela volta do espírito ao cadáver humano, tal como o do homem do nosso planeta”.

“É essa a interpretação literal que os ortodoxos dão a estas palavras do Cristo: “Eu sou Filho de Deus”.

“Na opinião dos Docetas, “Jesus não se encarnou no seio de Maria, não podia ter vindo por isso mesmo e não veio a este mundo numa carne qualquer, da qual, em suma, só tinha as aparências; Espírito, ele desceu do céu à Terra, sem ter podido revestir, em falta de encarnação humana no seio da mulher virgem, e sem ter, de fato, revestido corpo algum, sendo que só um corpo humano ele poderia tomar neste mundo, onde, segundo as leis da geração, o homem não nasce senão pelo concurso dos dois sexos. Jesus Cristo espírito, com um corpo fantástico, fictício, que da carne só tinha as aparências, descera assim à Terra com a aparência de corporeidade humana, de uma corporeidade qualquer”.

“Não se tratava, nessa crença dos Docetas, mais do que de uma luta, no terreno da letra, com os ortodoxos.

“A chave da explicação, em espírito e em verdade, segundo o curso das leis da natureza, da encarnação especial do Cristo, faltava aos Docetas como aos ortodoxos. Longos séculos haviam de escoar-

se antes que o homem se tornasse capaz de receber e compreender a revelação da revelação, que lhe vem ensinar:

“1º – Que o puro Espírito não pode aparecer num mundo fluídico, imediatamente inferior às regiões dos fluidos puros que ele habita, senão por encarnação ou incorporação fluídica voluntária.

“2º – Que não pode descer ao planeta, superior ou inferior, que o tem por Messias, senão assimilando esse corpo fluídico às regiões que haja de percorrer através das camadas de ar e de mundos intermediários, assimilando-o depois aos fluidos ambientes que servem para a formação do homem planetário.

“3º – Que esse puro Espírito não pode aparecer num planeta senão seguindo o curso das leis naturais, pela ação espírita e magnética.

“4º – Que, com o auxílio da influência magneto-espírita, a concepção, a gravidez, o parto podem ser imitados. A ação fluídica dá lugar a este notável fenômeno, de maneira a produzir a ilusão completa na mulher virgem e em todos os que o testemunham.

“5º – Que essa ação é útil, oportuna, necessária para o aparecimento de um Messias.

“Estabelecido precisamente o em que consiste o Docetismo, aceitá-lo fora de nossa parte, dar guarida a uma absurdidade, praticar um ato de ignorância e de credulidade elevadas a mais alta potência (QE, I, 1942, pp. 103-8).

Roustaing prossegue mais adiante seu ensino:

“A Revelação da Revelação explica quem é o filho, dando a conhecer a origem e a natureza espiritual de Jesus, sua verdadeira genealogia e, incidentemente, a origem da alma, do Espírito, suas fases, suas trajetórias, seus fins e seus destinos no infinito e na eternidade.

“Depois de caracterizarem a doutrina cristã, tal como se formou da dupla revelação feita a Maria e a José, os Quatro Evangelhos traçam o quadro sumário dos erros das interpretações humanas quanto à encarnação do Cristo, colocando entre esses erros e apreciando sucintamente o que Philaléthès chamou de Docetismo, assinalando, ao mesmo tempo, no passado, desde mais de dois mil anos, e no presente, a incapacidade da inteligência e da razão humanas para, no exercício do livre exame diante da ortodoxia cristã, substituir a letra pelo espírito, isto é, explicar e fazer compreender aos homens, em espírito e verdade, essa encarnação do Cristo, conformemente às leis da natureza; e traçam também o quadro de uma nova revelação, de uma Revelação da Revelação.

“Jesus Cristo não foi um homem carnal, revestido de um corpo material humano, igual ao do homem do nosso planeta, pelas razões seguintes:

“1^a – Esse corpo material não se pode formar, seguindo as leis naturais e imutáveis que regem a procriação, na Terra, senão pelo concurso dos dois sexos;

“2^a – A vontade inflexível de Deus jamais derroga as leis da natureza, imutáveis como essa mesma vontade, da qual elas emanam desde toda a eternidade;

“3^a – A revelação feita pelo anjo, um Espírito superior, enviado de Deus, a Maria, depois a José, não pode e não deve ser recusada, por compreensível segundo a letra; deve ser explicada e compreendida em espírito e em verdade, segundo as leis naturais que regem os mundos superiores, tendo-se em vista suas aplicações e adaptações à esfera que habitamos;

“4^a – O corpo que Jesus tomou, a fim de aparecer entre os homens e desempenhar a sua missão terrena, não foi fruto da concepção humana; formou-se por uma operação estranha à geração do homem e sem o concurso dos dois sexos, por uma operação extra-humana, revestida, pela necessidade dos tempos, pelo estado das inteligências, pelas exigências dos preconceitos e tradições, da capa do mistério, envolta no véu da letra, uma e outro encobrendo e ocultando o sentido das palavras do anjo. Esse fato se destinava a atender ao presente e a preparar para o futuro, trazendo consigo, pelo espírito, a base e os elementos da revelação porvindoura do Espírito da Verdade;

“5^a – O que de Maria nasceu se formou por obra do Espírito Santo. Conseqüentemente, a concepção em Maria, virgem, assim como sua gravidez e seu parto não podiam ser e não foram reais, pois que, se reais tivessem sido, estaríamos em presença de um fato contrário às leis naturais que presidem a geração dos corpos no seio da humanidade terrena;

“6^a – Desde então, forçosamente, a concepção, a gravidez e o parto da virgem foram apenas aparentes, por um fenômeno espírita, que se produziu inteiramente de acordo com as leis da natureza.

“Jesus Cristo não foi um homem carnal, revestido de um corpo material humano, qual o do homem terreno, sujeito como este à morte. Não, ele não morreu efetivamente no Gólgota, nem ressuscitou no sentido que damos a esta palavra, isto é, pela volta do Espírito a um cadáver humano, por isso que a vontade imutável de Deus nunca derroga as leis imutáveis que regulam a vida e a morte do homem planetário, leis que não permitem que o Espírito tenha entrada num cadáver, que se una à podridão e lhe restitua a vida.

“A Revelação da revelação dá a conhecer aos homens quem é, em espírito e em verdade, o Espírito Santo, qual a operação que, por ele realizada, produziu, segundo as leis imutáveis da natureza, a

concepção, a gravidez e o parto da Virgem Maria, quais a natureza e o caráter dessa operação. Ela mostra que por Espírito Santo se deve entender as legiões dos Espíritos do Senhor, na ordem hierárquica em que se agrupam, órgãos de suas inspirações, ministros ou executores de suas vontades.

“Os Espíritos provam que a concepção, gravidez e o parto de Maria foram só aparentes; que, para aquela concepção, em nada concorreu a ação humana; que ela foi meramente obra dos Espíritos do Senhor, obra puramente espírita (QE, I, 1942, pp. 109-111).

* * *

Allan Kardec ainda compara o *corpo fluídico*, ensinado na obra de Roustaing, com os *docetas* e *apolinaristas*, no seu livro, *Catálogo racional – obras para se fundar uma biblioteca espírita* (*Catalogue raisonné des ouvrages pouvant servir à fonder une bibliothèque spirite*) A editora U.S.E – Madras (São Paulo, 2004), publicou uma edição bilíngüe desta obra. No *prefácio* desta edição no Brasil, o *Coordenador da Madras espírita*, Eduardo Carvalho Monteiro, esclarece logo de início:

“Este *Catálogo Racional – Obras para se fundar uma Biblioteca Espírita* foi o último trabalho original publicado por Allan Kardec. Surgiu em março de 1869, sendo distribuído entre os clientes da *Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques* como suplemento independente da *Revista Espírita*, esgotando-se em poucos meses e levando a duas reedições, além de algumas fac-símiles. Posteriormente, essa publicação caiu no esquecimento e ficou totalmente desconhecida das gerações de espíritas desde o século XX” (p. 7).

À frente, continua Eduardo Carvalho Monteiro escrevendo sobre o lançamento do *Catálogo*:

“Foi o último trabalho original publicado por Allan Kardec em fins de março de 1869, dias antes de seu desencarne” (p. 91).

Allan Kardec já havia prometido este trabalho:

“Daremos um dia um catálogo *racional* das obras que, direta ou indiretamente, tratam da ciência espírita, na Antigüidade e nos tempos modernos, na França ou no estrangeiro, entre os autores sacros e os profanos, quando nos tiver sido possível reunir os elementos” (RS, FEB, 1861, fevereiro, p. 77. O itálico é do original).

Esta obra é dividida em três partes: primeiro, *obras fundamentais da doutrina espírita (por Allan Kardec)*; segundo, *obras diversas sobre o espiritismo ou complementares da doutrina*; e, terceiro, *obras contra o espiritismo*.

O que é significativo é que a obra *Les quatre évangiles* se encontra recomendada para a *formação de uma biblioteca espírita*, precisamente no capítulo das *obras diversas sobre o espiritismo ou complementares da doutrina*. O que é mais uma prova de como Kardec a conceituava. *Os quatro evangelhos* de J.-B. Roustaing, segundo Kardec, é, então, obra espírita e complementar da Doutrina.

O texto sobre o livro de Roustaing, no original francês, está nas páginas 4 e 5. A tradução em português (p. 29) é a que segue:

“Evangelhos (Os quatro) , *seguidos dos Mandamentos*, explicados em espírito e em verdade pelos Evangelistas, por ROUSTAING, advogado em Bordeaux. – 3 vols. in-12, 10 fr. 50 c; franqueado, 11 fr. Paris, Aumont. (*Revista Espírita*, junho⁷⁵ e setembro⁷⁶ de 1866, p. 190 e 271).

“A teoria defendida nesta obra sobre a natureza fluídica do corpo de Jesus, que teria nascido e sofrido apenas aparentemente, é a mesma dos *Docetas* e dos *Apolinaristas* dos primeiros séculos da era cristã (Ver, sobre essa teoria, a *Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo XV, números 64 a 68)”.⁷⁷

Atesto, ainda, que as duas obras, já citadas, de Émilie Collignon, *L'éducation maternelle – conseil aux mères de famille* e *Entretiens familiers sur le spiritisme*, também são referendadas por Kardec (ver p. 4 do original francês e p. 28 do texto em português).

⁷⁵ Texto sobre a *Notícia biográfica* de *Os quatro evangelhos*. Na edição da Edicel é p. 188.

⁷⁶ Texto de Aurélien Scholl em defesa de Roustaing. Na edição da Edicel é p. 270.

⁷⁷ Texto sobre o *Desaparecimento do corpo de Jesus*. Na edição da FEB é p. 351 (1973). A edição da FEB esta baseada na 5ª edição francesa, e, nesta edição em português, os números vão de 64 a 67.

XXVIII – CHEGADA DE LES QUATRE ÉVANGILES AO BRASIL

Após a desencarnação de Allan Kardec, em 31 de março de 1869, o movimento espírita francês passou por significativa estruturação. No dia 3 de julho deste mesmo ano era fundada a *Sociedade anônima para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec*. Este projeto era do Codificador e fora estudado, cuidadosamente, por Mme. Rivail e vários conselheiros, executando-se o que, na ocasião, era praticável. Formou-se, assim, uma base de associação comercial, como único meio legal possível de se chegar a fundar alguma coisa. A duração da nova sociedade foi fixada em 99 anos, a datar de sua constituição definitiva, que ocorreu em agosto de 1869.

Esta *Sociedade* nascia com a prioridade de manter as publicações das obras espíritas de Allan Kardec, da *Revue Spirite* e oxigenar a *Livraria espírita*. Era, assim, que novos ventos sopravam, não permitindo que parasse de tremular a bandeira hasteada pelo Codificador.

A nova *Sociedade* começou abraçando todas as frentes de divulgação do espiritismo. Um exemplo de abertura foi dado pela *Librairie spirite*, que seguiu coerente com o próprio pensamento de seu fundador:

“Proibir um livro é provar que o tememos” (RS, FEB, 1861, fevereiro, p. 79).

É, assim, iluminada pela coerência, que a *Revue Spirite* anuncia:

“EVANGELHOS (Os Quatro), seguidos dos Mandamentos, explicados em Espírito e em verdade pelos Evangelistas; por ROUSTAINING, advogado em Bordeaux. – 3 vol. in-12; 10 fr. 50. Paris, *Livraria espírita*, 7, rua de Lille.

“Prevenimos os nossos leitores que a *Livraria espírita* acaba de receber, em depósito, certo número de exemplares desta obra que acreditávamos estar completamente esgotada. Os três volumes serão despachados, sem taxas, aos nossos assinantes que assim nos solicitarem através de mandato postal de 10 francos e 50 centavos, em atenção do Sr. BITTARD.

“Pelo Comitê de administração,
o Secretário-gerente: A. Desliens”
(RS, 13º ano, nº 7, 1870, julho, p. 232).

EVANGILES (les quatre), suivis des Commandements, expliqués en Espéit et en vérité par les Evangélistes; par ROUSTAING, avocat à Bordeaux. — 3 vol. in-12; 40 fr. 50. Paris, *Librairie spirite*, 7, rue de Lille.

Nous prévenons nos lecteurs que la *Librairie spirite* vient de recevoir en dépôt un certain nombre d'exemplaires de cet ouvrage que l'on croyait complètement épuisé. Ces trois volumes seront expédiés franco à ceux de nos abonnés qui nous en feront la demande, contre un mandat de poste de 40 fr. 50, à l'ordre de M. BITTARD.

Pour le Comité d'administration, le Secrétaire-gérant: A. DESLIENS.

Anúncio da venda de *Les quatre évangiles* na *Librairie spirite* de Paris

Aproveitemos os bons ventos para cruzar o Atlântico, rumo à *terra brasilis*.

O bom anjo Ismael, ouvindo os desígnios maiores, determinou que seu discípulo Luiz Olímpio Teles de Menezes fundasse na Bahia, Salvador, em 17 de setembro de 1865, o primeiro centro espírita do Brasil – o *Grupo Familiar de Espiritismo*. A este mesmo pioneiro coube a tarefa de criar, também, o primeiro jornal espírita do nosso país – *O Écho D'Além-Tumulo – Monitor do Spiritismo no Brazil* (*O eco de além-túmulo – monitor do espiritismo no Brasil*), em 8 de março de 1869, que só veio a lume no mês de julho deste ano.

Esta pesquisa adquiriu junto a Biblioteca Nacional uma cópia completa deste periódico. Imediatamente enviamos uma cópia deste material para o pesquisador Eduardo Carvalho Monteiro. Ele já está fazendo um bom uso deste material, pois acaba de lançar, pela Editora Madras – SP, em abril de 2005, o livro “*Tunel do Tempo – As primeiras publicações espíritas no Brasil*”. Nesta obra participamos, também, com fotos e certidões, na construção da biografia do grande Pioneiro espírita, Sr. Casimir Lieutaud – adepto de Roustaing. Para a consecução deste livro, também colaboramos com o farto material publicado na *Revue Spirite*.

Teles de Menezes enviou para a França um exemplar do *Écho*, e a *Revue Spirite* fez por bem divulgá-lo em suas páginas históricas. É assim que seu *Secrétaire-gérant*, na época o Sr. A. Desliens, estampa o anúncio de lançamento de nosso primeiro jornal espírita, no mês de outubro de 1869 (p. 320).

Este anúncio foi o meio pelo qual J.-B. Roustaing tomou conhecimento do nascimento deste periódico. Assim, como era de seu costume, ele envia um exemplar dos três volumes de *Les quatre évangiles*, para Luiz Olímpio, acompanhado, também como era de sua característica, de uma significativa e singela carta de apresentação.

L'Écho d'outre-tombé, moniteur du Spiritisme au Brésil, publié mensuellement à Bahia, en langue portugaise par cahier de 60 pages in-octavo sous la direction de M. Luiz Olympio-Telles-de-Menezes, membre de l'Institut historique de Bahia.

Conditions d'abonnement par an :

Bahia.....	9,000 réis.
Provinces brésiliennes.	11,000 réis.
Etranger.....	12,000 réis.

Bahia. — *Largo d'o desterra n.º 2.*

Anúncio *Écho Além-Tumulo* na *Revue Spirite*

Aqui no Brasil, Luiz Olímpio manda publicar esta carta e parte do prefácio de Roustaing, em seu periódico, de maio de 1870 (1º ano, nº 6), sem deixar de registrar sua valiosa palavra de aprovação a tão significativo trabalho de revelação espiritual. É assim que a maior obra mediúnicamente ensinada adentra às terras do Cruzeiro, com a missão de somar com a revelação de Allan Kardec, e construir o grande destino desta nação, de ser o *coração do mundo, a pátria do Evangelho*.



1º página do *Écho* de maio de 1870

Bibliographie.

Spiritisme Chrétien ou Révélation de la Révélation. Les Quatre Évangiles suivis des Commandements expliqués en esprit et en Vérité par les Évangélistes assistés des Apôtres—Léon, révisé et mis en ordre

Par J.—B. ROUSTAING,

Avocat à la Cour Impériale de Bordeaux, ancien bâtonnier.
Bordeaux, rue St. Simon, 17.

Esta importantíssima obra, em 3 volumes de 600 páginas cada um, foi publicada em Bordéus em 1866: tínhamos apenas notícia de sua existência; agora, porém, tivemos a súbita satisfação de sermos honrados com a generosa oferta de um exemplar por seu muito distinto autor, à quem, cordialmente, agradecemos essa alta prova de consideração. Os Espíritas verdadeiros encontrarão em sua leitura variadíssimos ensinos de transcendental importância e do mais perfeito accordo com a doutrina ensinada n'o Livro dos Espíritos e n'o Livro dos Médiuns.

Esta obra é de um trabalho considerabilíssimo, porquanto pelo concurso de admiráveis comunicações mediúnicas, sempre sustentadas, explica e interpreta os Evangelhos, capítulo por capítulo, verso por verso.

Esta obra extra-humana foi produzida pelos Espíritos e por sua ordem publicada, como accedura com o Sr. Alvan Kardec à cura d'a organização e publicação d'o Livro dos Espíritos (Livro des Esprits). Em o, que é respeito em seu prefacio diz o Sr. Roustaing:

.....
Proseguia em meus estudos, minhas indagações e meus trabalhos, quando em Dezembro de 1861 convidaram-me para ir, —em casa d'a Senra. Collignon, à quem não tinha a honra de conhecer e à quem devia eu ser apresentado,—ver um grande quadro, medianicamente desenhado, e que representava uma vista d'os mundos espalhados n'o espaço.

Foi vel-o e oito dias depois voltei para agradecer a Senra. Collignon a sua hospitalidade, com que recebeu minha visita, feita n'o intuito de ver esse prodigio mediúnico.

Após breve conversação, que versou sobre generalidades, como aconteces entre pessoas que se não conhecem, e entre as

1ª página do *Écho* anunciando Roustaing.

A matéria estampada no *Écho* foi extensa, ocupando cinco páginas do periódico. Vamos transcrever as palavras históricas de Luiz Olímpio:

“Esta importante obra, em 3 volumes de 600 páginas cada um, foi publicada em Bordéus, em 1866. Tínhamos apenas notícia de sua existência; agora, porém, tivemos a súbita satisfação de sermos honrados com a generosa oferta de um exemplar por seu muito distinto autor, a quem, cordialmente, agradecemos essa alta prova de consideração. Os Espíritas verdadeiros encontrarão em sua leitura variadíssimos ensinos de transcendente importância e do mais perfeito accordo com a doutrina ensinada em *O livro dos espíritos* e em *O livro dos médiuns*.”

“Esta obra é de um trabalho considerabilíssimo, porquanto, pelo curso de admiráveis comunicações medianímicas, sempre sustentadas, explica e interpreta os Evangelhos, capítulo por capítulo, verso por verso.

“Esta obra extra-humana foi produzida pelos Espíritos e por sua ordem publicada, como sucedera com o Sr. Allan Kardec acerca da organização e publicação de *O livro dos espíritos* (*Livre des Esprits*). Ver p. 292.

Em perfeita sintonia com J.-B. Roustaing, que recomenda o estudo inicial das obras básicas da Revelação espírita, dadas a Kardec, antes da leitura de *Les quatre évangiles* (QE, I, 102), Luiz Olímpio recomenda absolutamente a mesma instrução:

“Sem a leitura e o conhecimento prévio de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns* não se poderá ter a verdadeira inteligência dos *Quatro Evangelhos* explicados em *Espírito e Verdade*, e, por isso, recomendamos a leitura dessas duas obras fundamentais da doutrina espírita” (p. 296).

Em seguida, Luiz Olímpio publica parte da carta de Roustaing, não sem antes comentar sobre a humildade de seu autor:

“O Sr. Roustaing, espírita sério, tem a probidade da franqueza e a virtude da abnegação; em sua estimável e honrosa carta, que acompanhou sua tão valiosa oferta, assim se exprime:

“Publicando essa obra, que *não emana de mim*, e para cuja realização tenho sido, sou e continuarei a ser apenas um instrumento, somente tive e continuo a ter um incentivo e um fito – a difusão da luz e da verdade, o progresso moral e intelectual da humanidade com o desinteresse absoluto” (p. 296. O itálico é do original).

Por fim, a recomendação aos moldes de Kardec:

“Recomendamos, portanto, a todos os Espíritas sérios a leitura dessa obra incontestavelmente de um mérito real; nela encontrarão, a par de alguns ensinamentos que, segundo a opinião autorizada do Sr. Allan Kardec, necessitam da verificação geral dos Espíritos, e, portanto dependentes da sanção futura, ensinamentos e desenvolvimentos em inteiro acordo com os princípios da doutrina espírita” (p. 296).

Agora, uma curiosidade: Luiz Olímpio divulga os meios de aquisição da obra, e divulga o endereço de J.-B. Roustaing. É muito interessante saber que o eminente advogado se envolvia também, com a venda dela. Assim, ele não negava colocar o

avental de servo, como recomendou Jesus (Jo 13: 4), para que o Evangelho Redivivo fosse exaltado:

“As pessoas que facilmente quiserem obter essa obra deverão aproveitar-se do – seguinte aviso: – Enviando um saque de 10 fr. 50 c. sobre o correio de Bordeaux *em favor de Mr. J.-B. Roustaing, avocat à la Cour impériale, ancien bâtonnier, rue St Siméon, 17*, receber-se-á, livre de qualquer outra despesa, essa importante obra.

LUIZ OLYMPIO (p. 296).

*

Outro grande marco na história da chegada da obra *Les quatre évangiles* ao Brasil se deve a um de nossos principais pioneiros do espiritismo, o prof. Casimir Lieutand. Nascido em Manosque, departamento de Basses-Alpes, Lieutand se estabeleceu no Brasil em meados do século XIX, quando fundou o *Colégio francês*, no Rio de Janeiro. Espírita de mente aberta, era determinado em divulgar a Doutrina, escrevendo sobre ela diversos artigos. A *Revue Spirite* publica suas notas e comentários por diversas vezes, inclusive assuntos ligados ao *corpo fluídico* de Jesus (RS, 1874, pp. 284-7; 1875, p. 269; 1876, p. 10; 1877, p. 4; 1878, p. 327; 1885, p. 86 e pp. 379-80).

Ele foi o autor do *Les temps sont arrivés (Os tempos são chegados)*, que o historiador Dr. Canuto de Abreu destaca como, simplesmente, o primeiro livro espírita publicado em nossas terras:

“Em 1860, apareceram os dois primeiros livros em português: o do professor Casimir Lieutand, *Os tempos são chegados*, o primeiro talvez na América do Sul, e o *Espiritismo na sua expressão mais simples*, sem nome do tradutor, que só apareceu na terceira edição, em 1862, professor Alexandre Canu”. (*Bezerra de Menezes – subsídios para a história do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895*. São Paulo: FEESP, p. 25).

Esta obra passou por sucessivas atualizações, feitas pelo autor, que, em 1881, a republica nas páginas da *Revista espírita acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, órgão de divulgação da *Sociedade espírita acadêmica*. Mas o que nos interessa, aqui, é que esta primeira obra espírita escrita no Brasil cita Roustaing, destacando-o entre muitos escritores e adeptos, *instruídos e honrados*:

“Depois, ao notar-se, por entre os adeptos da nova doutrina, homens como Victor Hugo, erudito, grande poeta; (...); O Sr. Roustaing, advogado em Bordéus, autor dos Quatro Evangelhos, explicados em espírito e verdade pelos Evangelistas; (...); e muitos outros não menos instruídos, nem menos honrados; (...), quer nos parecer que, refletindo um pouco, a gente não pode deixar de pensar que alguma coisa deve existir de bom e de verdadeiro em semelhante doutrina, e é impossível não passar pela mente o desejo de conhecê-la” (1º ano, 1881, dezembro, p. 374).



Revista de dezembro de 1881

*

Em 2 de agosto de 1873, sob a égide e por inspiração de Ismael, ficou constituída no Rio de Janeiro, a *Sociedade de estudos espíritos* – grupo *Confúcio*, a primeira nesta capital e segunda no Brasil. Seu lema era o mesmo da *Sociedade Espírita de Bordeaux*, aliás como sugeriu Allan Kardec (ver *Viagem espírita em 1862*, p. 48):

“Sem caridade não há salvação.
Sem caridade não há verdadeiro espírita”. (*Reformador*, 1973, agosto, p. 227).

Esta *Sociedade* muito contribuiu para a solidificação do espiritismo em nossas terras. Traduziu as obras básicas da Codificação, através dos esforços do Dr. Carlos Travassos (Fortúnio); publicou a *Revista espírita*, do Brasil; recebeu a bandeira de Ismael: *Deus, Cristo e Caridade*, que norteia o movimento espírita no Brasil e, ali, já eram estudados *O livro dos espíritos e O livro dos médiuns*.

Neste grupo, também já era estudado, não de forma regular, *Os quatro evangelhos*, de J.-B. Roustaing. Isto pode ser visto na citação, que já fizemos, da *Revista Espírita*, publicada no Brasil e dirigida pelo Presidente Dr. Antônio da Silva Neto, que aborda o tema da *queda espiritual*, segundo Roustaing (1º ano, nº 2, fevereiro de 1875, p. 61). Outro fato é a citação feita pelo tradutor Fortúnio, também do tema da *queda espiritual* segundo Roustaing. Acompanhem as palavras de Zeus Wantuil:

“Em todas as traduções mencionadas, a única coisa de interessante a anotar, sem nos referirmos ao bom estilo do tradutor, é o judicioso esclarecimento rustenista, que vê, na obra *O céu e o inferno* após a seguinte frase de Kardec, no item 8 do capítulo III: “A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito”. Numa nota, considera, então, Travassos: “Kardec trata da generalidade dos Espíritos, porquanto Espíritos puros há que, na sucessão dos séculos, fizeram sua marcha progressiva sem nunca se desviarem do caminho do bem, e chegaram imaculados à perfeição sideral: uma vez nela, estão livres da contingência de pecar, e, porquanto, da necessidade de encarnação, pela qual nunca passaram, porque nunca faliram. Tal é o Cristo, Senhor Nosso, nosso Guia, nosso Salvador, nosso Mestre Divino. (Nota do Tradutor)”. Ver *Grandes espíritas do Brasil*, 2002, FEB, p. 411.

Em 15 de julho de 1880, é fundado o *Grupo Ismael*, por Antônio Luiz Sayão. Ali, a obra de Roustaing é estudada moto-contínuo. A partir de 1889, Bezerra de Menezes, então Presidente da *Federação Espírita Brasileira*, transfere este *Grupo* para as suas dependências internas, onde ele passa a ser a sua célula espiritual, como o é até hoje.

Em 1883, surge o *Reformador*, fundado por Augusto Elias da Silva, revista que nunca deixou de circular, e de onde brilha a luz do binômio Kardec-Roustaing.

Em 1º de janeiro de 1884, Ismael orienta seus discípulos a fundarem a *Federação Espírita Brasileira*. Ela já nasce estudando Kardec e Roustaing. Seu primeiro Presidente, o Mal. Raymundo Ewerton Quadros, traduziu *Les quatre évangiles* para o português, tradução que começou a ser publicada em série, no *Reformador*,

em 15 de janeiro de 1898 (falaremos dela mais adiante). Mas é em 1895, quando o Dr. Bezerra de Menezes assume a presidência da FEB pela segunda vez, que é instituído, de forma legal, o estudo do binômio Kardec-Roustaing na *Casa de Ismael*. Esta atitude formal foi um fortalecimento do estado de fato.

Por fim, em 5 de outubro de 1949, chegamos à concretização da grande missão de Bezerra de Menezes, a assinatura do *Pacto áureo*, que orienta a *unificação por amor*, do movimento espírita brasileiro. O que se deseja, neste *Pacto*, é um clima de respeito mútuo. Com relação à obrigatoriedade do estudo da obra de Roustaing, a posição da FEB foi sempre clara:

“Para nós (FEB) sim, para as adesas não” (*Reformador*, 1948, julho, p. 149-50).

Não vamos nos alongar mais sobre a introdução de *Os quatro evangelhos* no Brasil. Em nossa obra *História de Roustaing* (Martins, Jorge Damas. Rio de Janeiro: Ed. particular, 1987), comento com muitos detalhes todos os fatos. Esta obra está esgotada, mas há um exemplar na *Biblioteca Nacional* do Rio de Janeiro, e uma cópia na Internet, na *page* do *Grupo espírita virtual –GEV* (<http://obreiros.tripod.com/obreiros.htm>) e na *page* da *Casa de recuperação e benefícios Bezerra de Menezes* (<http://www.casarecupbenbm.org.br>).

XXIX – CARTA A JULES FAVRE

O leitor agora tomará conhecimento de uma carta que contém belos e profundos pensamentos sobre política, justiça social, a liberdade humana e os desígnios do Alto, em prover os destinos planetários. Ela foi escrita nos últimos meses de 1870, por J.-B. Roustaing, porém, só foi publicada na *Revue Spirite*, em 1893. Por todo esse tempo, ficou guardada num *copiador de cartas (copie-lettres)*, nos arquivos da administração da *Revue Spirite*, em Paris. Como é certo que *não há nada oculto que não venha a ser revelado*, foi ela, então, descoberta pelo Diretor P.-G. Leymarie, que a mandou publicar nas páginas da histórica revista. Vinte e três anos após ser escrita a carta, seu conteúdo se mostrava atual, e deixa claro que o nome Roustaing ainda estava em foco na França. E a sua reedição agora ainda comprova esta verdade.

O cabeçalho desta publicação, feito pelo administrador Leymarie, demonstra que seu conteúdo merece ser conhecido. Ele diz o seguinte:

“Encontramos, num copiador de cartas, o fac-símile desta carta expedida de Tribus, comuna d’Arbis (Gironde), por Cadillac, para o Sr. Jules Favre. Ela merece ser lida, como emanando de um espírita bastante convicto”.

A *Revue Spirite* não assinala a data desta correspondência; porém a própria carta deixa dados de onde se pode levantar o ano, e inclusive o período em mês:

“Eu vos escrevo de minha casa de campo onde estou nesse momento até o mês de novembro próximo... Nessa vida tão agitada, que começou no dia 4 de setembro”.

O citado deixa transparecer que a carta foi escrita após o dia 4 de setembro e antes do início do mês de novembro. Mas o que é que começou no dia 4 de setembro? A história gloriosa da França assinala este dia como sendo o da criação do *governo de defesa nacional*, presidido pelo General Louis Jules Trochu (1815-1896) e tendo o Sr. Gabriel-Claude-Jules Favre (1809-1880) como Vice-Presidente.



Jules Favre

A gênese do *governo de defesa nacional* é a seguinte:

Desde 1864, vinham se deteriorando as relações entre os governos da Prússia e da França, em decorrência da política de unidade alemã desenvolvida por Bismarck e das malsucedidas tentativas de Napoleão III de obter dele algumas vantagens territoriais. Finalmente, por ocasião da sucessão ao trono da Espanha, Bismarck monta uma armadilha, na qual Napoleão III apressa-se em cair, apesar dos alertas de vários setores. Então, o governo francês declara guerra à Prússia, em 19 de julho de 1870. Com o apoio da imprensa, cujo lema freqüente é “*a Berlim!*”, a decisão de ir à guerra recebe amplo apoio da opinião pública e provoca cenas entusiásticas de chauvinismo popular, inclusive de setores do movimento operário.

Em 2 de agosto, os embates começam. A superioridade do armamento, do treinamento e do comando da tropa prussiana não demora em comprovar-se. Os erros franceses encadeiam-se numa sucessão de derrotas. Em 1º de setembro, começa a Batalha de Sedan que, no dia 2, termina em capitulação francesa, incondicional; as cifras do desastre: três mil mortos, 14 mil feridos, mais de oitenta mil prisioneiros, entre os quais 39 generais e o próprio Imperador.

A notícia do desastre de Sedan levanta a população de Paris que, no dia 4 de setembro de 1870, invade a Câmara, exigindo a queda do regime. Sob a pressão popular, o Império é derrubado, a República proclamada e formado um *Governo de Defesa Nacional*. A guerra, como acelerador social, deu cria à revolução, época em que os prazos e ritmos políticos e sociais se precipitam violentamente. O *Governo de defesa nacional*, consciente de que

a vanguarda prussiana está se aproximando de Paris, entre outras coisas, objetiva, naquele momento, como questão capital, a defesa de Paris e a resistência à invasão.

Voltemos à carta de J.-B. Roustaing a seu colega Jules Favre. Dada a profundidade do tema que ela defende, vamos transcrevê-la na íntegra:

LETTRE A JULES FAVRE

Nous trouvons, dans un copie-lettres, le fac simile de cette lettre expédiée des Tribus, commune d'Arbis (Gironde), par Cadillac, à M. Jules Favre. Elle mérite d'être lue, comme émanant d'un spirite très convaincu :

« Mon cher et très honoré confrère : Je vous écris de ma campagne où je suis en ce moment jusqu'au mois de novembre prochain.

Je ne sais si vous recevez ou tout au moins si vous lisez assidûment le journal qui se publie à Bordeaux : *La Gironde*.

J'ai lu hier, dans ce journal, une lettre qui vous concerne. Après l'avoir lue, la pensée, l'inspiration me sont venues de vous en transmettre la teneur par copie entière et littérale transcrite de ma main et *ci-incluse*.

Je me félicite de cette pensée, de cette inspiration, car elles me procurent le plaisir de vous adresser cette communication qui vous sera, je l'espère, agréable, et en même temps de me rappeler à votre bon souvenir.

Je suis d'autant plus heureux de vous transmettre cette lettre publiée dans *La Gironde*, que je partage pleinement les sentiments qu'elle exprime à votre égard.

Parte da página da *Revue Spirite* com a carta para Jules Favre

“Meu caro e muito honrado confrade: Eu vos escrevo de minha casa de campo onde estou nesse momento até o mês de novembro próximo.

“Não sei se recebeis ou pelo menos se ledes assiduamente o jornal que se publica em Bordeaux: *La Gironde*.⁷⁸

“Li ontem, nesse jornal, uma carta que vos diz respeito. Depois de lê-la, me veio o pensamento, a inspiração de vos enviar seu conteúdo por cópia, transcrita por mim inteira e literalmente, e aqui *inclusa*.

“Felicito-me desse pensamento, dessa inspiração, porque eles me proporcionam o prazer de vos endereçar esta comunicação que vos será, espero, agradável, e ao mesmo tempo de me lembrar de boa recordação vossa.

“Estou tanto mais satisfeito de vos enviar esta carta publicada em *La Gironde*, porque partilho plenamente dos sentimentos que ela exprime a vosso respeito.

⁷⁸ *Imprimerie Lavertujon*, a mesma de *Les quatre évangiles* (os autores).

“Nessa vida tão agitada, que começou no dia 4 de setembro e em suas diversas fases, nas peripécias que presidiram aos sucessivos eventos no seio dos quais, o papel que a providência de Deus vos dera, vos fez sofrer muito com as emoções morais.

“Vós o sabeis, as emoções morais exercem uma grande influência sobre a saúde do homem.

“Tendes necessidade de calma, de repouso para reparar vossas forças e de vos recolher, porque vossa tarefa – disso tenho a intuição, – está longe de estar terminada.

“Numa de vossas circulares em resposta àquela de Bismark, dissestes: “A França tinha talvez necessidade de ser humilhada; mas dessa prova suprema, depois de inefáveis adversidades, ela sairá transfigurada”.

“Essas palavras foram palavras inspiradas, palavras de verdade; os homens sabê-lo-ão no futuro.

“Essa prova suprema está longe de estar, integralmente, sofrida e cumprida. “Estamos, com efeito, longe ainda da regeneração moral que será o indício pelo qual se reconhecerá que a França está no caminho de sua transfiguração.

“Contudo, os dias se aproximam, disso tenho também a intuição em que o velho mundo deverá tomar lugar no mundo novo.

“Estamos numa época de transição; todos o dizem e o repetem, em virtude da lei do progresso que atrai a realização, *em espírito e em verdade*, da gloriosa Revolução de 1789. Essa transição não pode ser obra de retrogradação, ou de imobilidade, mas de adiantamento nas vias da luz e da verdade, sob os auspícios e o funcionamento da justiça, da caridade, que são as duas bases eternas da liberdade, da igualdade e da fraternidade, pelos atos, nunca somente por palavras, segundo as leis da solidariedade universal que são de Deus, em Deus e por Deus, e cuja manifestação está na natureza inteira.

“Nessas fases transitórias e diversas que devem preceder, preparar e realizar essa prova suprema da qual a França deve sair, e sairá, transfigurada, haveria dias nefastos e de luto não somente para a França mas para a Europa?⁷⁹ Tenho o doloroso pressentimento de que assim será. Mas, na presença desse doloroso pressentimento, tenho fé na lei do progresso que quer que a humanidade, nas épocas de transição chamadas a abrir uma nova era, não volta para trás nem patea no lugar. Tenho fé no futuro e na providência de Deus, que não abandonará nossa querida França que Ele preparou, em 1789, para ser a iniciadora das nações. Esta providência de Deus, que preside aos destinos de nosso planeta e de sua humanidade, permitirá que essa obra começada em 1789 pela França seja acabada

⁷⁹ Fantástica a profecia para as duas Grandes guerras que marcará a Europa no século XX (os autores).

por ela, e que a luz e a verdade resplandeçam da França sobre a Europa, nos pontos de vista político, social, civil e religioso. Adeus, meu caro e muito honrado confrade; aceitai a expressão dos sentimentos muito afetuosos e dedicados daquele que vos fez homenagem, há alguns anos, do livro que publicou em três volumes e intitulado: “Les quatre évangiles et les commandements – expliqués *en esprit et en vérité*” e que é vosso confrade e vosso amigo”.

J. B. ROUSTAING,
advogado na Corte de apelação
de Bordeaux, antigo bastonário.
(RS, 1893, pp. 230-32)

XXX – EDIÇÕES ESPANHOLAS DE LOS CUATRO EVANGELIOS

“Facilitar o entendimento é ato de caridade, e construir o futuro é serviço de confiança” (Espírito Francisco Valdomiro Lorenz, Xavier, F. C., *O esperanto como revelação*, 1ª edição. Araras-SP: Instituto de difusão espírita, IDE, p. 152).

Quando elaborou o *Esperanto*, a língua internacional, Ludwik Lejzer Zamenhof (1859-1917) anteviu o abraço fraterno ao entendimento entre os homens.

Este idioma, que, em seu nome simbólico, significa *esperança*, deverá resolver os problemas de comunicação entre os encarnados, e até mesmo entre os errantes de além-túmulo. O Espírito Camilo Candido de Botelho chama-nos a atenção sobre as vantagens do *Esperanto*:

“O idioma do futuro, aquele penhor inestimável da Humanidade, e que tenderá a envolvê-la no amplexo unificador das raças e dos povos confraternizados para a conquista do mesmo ideal: o progresso, a harmonia, a civilização iluminada pelo Amor! (*Memórias de um suicida*, médium: Yvonne A. Pereira. Rio de Janeiro: FEB, 1977, p. 546).

A ciência de um idioma universal entre os homens e os Espíritos facilitaria e muito, não só a fraternidade, mas a divulgação das revelações mediúnicas. Infelizmente, ainda hoje, uma diminuta parcela da humanidade se entende via *Esperanto*.

Na época de Roustaing, inclusive, ele ainda não havia sido materializado na Terra, pelo insigne médico polonês. Era urgente, então, que os esforços se multiplicassem para que *Les quatre évangiles* chegassem ao entendimento do maior número possível de corações. Este *serviço* árduo e custoso valeria a pena, pois Roustaing tinha a certeza de que a obra que lhe cabia da revelação era uma das colunas para *construir o futuro*. Esta *confiança* não lhe faltava.

Era hora de começar a divulgação da *revelação da Revelação* no estrangeiro. Espanhol, alemão, inglês, italiano, tcheco e português foram as línguas escolhidas inicialmente pelo Alto para a vulgarização do *Evangelho, em espírito e verdade*.

No entanto, era necessário escolher o primeiro idioma a ser traduzido, e, entre eles, o espanhol tomou a dianteira. As razões são bem desafiadoras. Primeiro, porque a língua de Cervantes cobria uma imensa população cristã no mundo inteiro, onde seria mais fácil penetrarem revelações em torno dos Evangelhos; segundo, que o espiritismo, nos moldes de uma filosofia religiosa-cristã, como a divulgada por Allan Kardec, já inflamava grande número de espíritas na Espanha vizinha, desde as provocantes e propagadoras chamadas do *Auto de fé* de Barcelona, em 9 de outubro de 1861.

Em 1875, ano do aparecimento da tradução espanhola de *Les quatre évangiles*, o movimento espírita da Espanha já contava com grandes expoentes. O pioneiro Visconde Antônio de Torres-Solanot y Casas; D. Joaquim Bassols y Marañoso; Alverico Paron; D. Miguel Vives y Vives, cognominado el *Apóstol del Bien*; D. José Maria Fernandes e a grande dama do espiritismo, Amália Domingo y Soler, adepta consciente da revelação dada a Roustaing. Neste país já havia periódicos espíritas bem estruturados, traduções da obra de Kardec e bons livros de divulgação doutrinária, como o famoso *Preliminares al estudio del espiritismo*, de Torres-Solanot.

Das terras da Espanha, Barcelona foi a grande pioneira e incentivadora do espiritismo. Nela se destacava a *Sociedad espiritista anónima barcelonesa*, administrada por Juan Puígventós, e localizada na calle San Ramon, nº 28. Foi este pioneiro, conhecido também como Juan Pons, quem providenciou com J.-B. Roustaing a publicação da tradução. A obra saiu num único volume, com páginas divididas em duas colunas por uma linha vertical, num total de 739 páginas de 24 cm, com o título de *El espiritismo cristiano ó revelación de la revelación: los cuatro evangelios seguidos de los mandamientos espligados en espíritu y en verdad por los evangelistas asistidos de los apóstoles y Moisés – comunicaciones recogidas y ordenadas por J.-B. Rustaing*.

No catálogo editado pela *Federação Espírita Brasileira*, enfaixado na 5ª edição de *O livro dos espíritos*, em 1899, há a seguinte informação, na p. 6:

“Os quatro evangelhos, 7 pesetas. Vendedor: Juan Torrents y Goral, calle del Triunfo, S. Martin de Provencas – Barcelona” (*A posição zero*, Luciano dos Anjos, jornal *Obreiros do bem*, Rio de Janeiro, dezembro de 1978, p. 15).

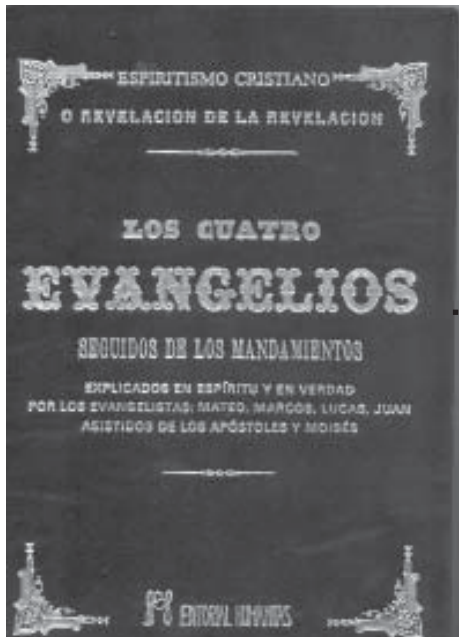
Um fato muito significativo para nós, adeptos de revelação dada a Roustaing, é que, em 1990, 115 anos após o 1º lançamento,

a Editorial Humanitas, S. L., também de Barcelona, publicou uma nova edição desta obra. É uma reimpressão, pois tem o mesmo tamanho e quantidade de páginas. Esta editora está localizada no *Centro industrial Santiga*, Talleres 8, Nave 17, 08210 Barbará del Vallés, Barcelona – España. Hoje, esta obra continua sendo posta à venda por esta editora (ISBN 84-7910 – 042 –7). Há muitas outras excelentes obras publicadas por ela, inclusive os principais livros de Allan Kardec (<http://www.editorial-humanitas.com>). Esta pesquisa acaba de adquirir dois belos exemplares desta moderna edição de Roustaing.

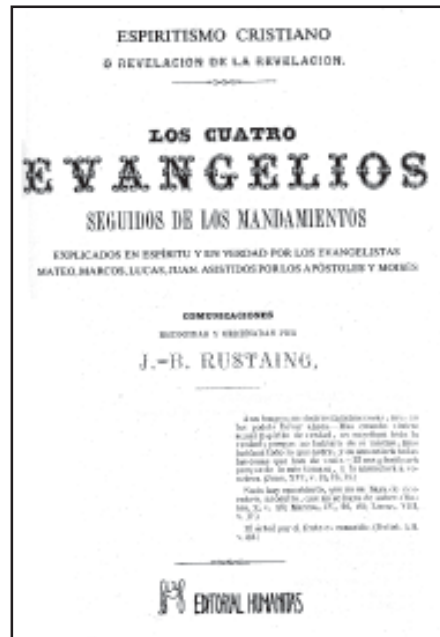
Há exemplares das duas edições, 1875 e 1990, na *Biblioteca Nacional da Espanha*. A cópia que possuo da 1ª edição desta obra foi gentilmente cedida pelo *Centro espírita de Jacarepaguá*, Rio de Janeiro, pelo seu então Presidente Sr. Amaury de Souza, que atendendo ao nosso pedido, também ofertou um exemplar original ao confrade e adepto Luciano dos Anjos.



Los cuatro evangelios (1875)



Los cuatro evangelios (1990)⁸⁰



Los cuatro evangelios (1990) –
Página de rosto

⁸⁰ Segue o texto da propaganda feita pela editora:

Los Cuatro Evangelios Seguidos de los mandamientos – Los Cuatro Evangelistas – Esta obra nos expone claramente todo aquello que antes estaba en tinieblas, y hace resplandecer la verdad en todo lo que estaba considerado como mentira en la gran obra de la revelación mesiánica que Jesús cumplió, y que los evangelios recogieron.

Este precioso libro trata de explicar a los hombres esos hechos que niegan porque no comprenden, nos explica las causas naturales de los hechos considerados hasta ahora como sobrenaturales.

XXXI – DESENCARNAÇÃO DE ELISABETH ROUSTAING

“Bom, feliz é o homem que está ligado por toda a vida a um amor suave”.

(Trecho de uma carta de Sigmund Freud para sua *queridinha* Martinha, 16. 9. 1883; *Sigmund Freud – correspondência de amor e outras cartas*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1982, p. 87).

Já nos foi possível observar o amor que J.-B. Roustaing manifestava pela sua querida e amada esposa Elisabeth, conhecida pelos íntimos como Jenny. Não é só, ele também considerava muito sua capacidade administrativa, e confiava, plenamente, em seu bom senso e afeto caritativo. Por isso, pode-se concluir que eram Espíritos afins, que conviveram numa intensa intimidade de mais de 27 anos, além de se conhecerem por 73 anos, pois eram primos. O Sr. Battar expressa, baseado em fato real, todo esse amor:

“Há dois meses apenas, conduzimos ao lugar de repouso os despojos mortais da companheira de sua vida e de suas boas obras; ele sobreviveu pouco tempo; parece que a morte se apressava em reuni-los”.

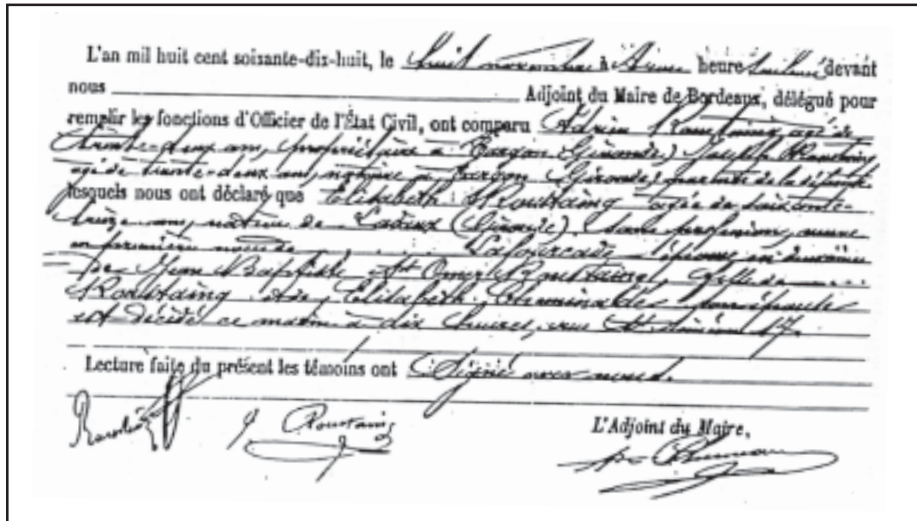
Que beleza! O pensamento do Sr. Battar deixa transparecer, por causa do amor, sua simpatia pela verdade dos princípios espíritas, da imortalidade da alma e dos laços indestrutíveis do amor, que nem a morte é suficiente grande e forte para anular:

“Onde está, ó morte, a tua vitória?” (I Co 15: 55).

A desencarnação de Madame Elizabeth ocorreu em 8 de novembro de 1878. A certidão de óbito nos foi enviado pelos *Archives municipales de Bordeaux*, em 26 de dezembro de 1996. Segue a tradução do documento:

“Roustaing Elisabeth. No dia oito de novembro do ano de mil oitocentos e setenta e oito, às três horas perante nós, Adjunto do Prefeito de Bordeaux, delegado para exercer as funções de Oficial do Estado Civil, compareceram Adrien Roustaing, de trinta e dois anos, proprietário em Targon (Gironde), Joseph Roustaing, de trinta e dois anos, notário em Targon (Gironde), parentes da falecida, os quais nos declararam que Elisabeth Roustaing, de setenta e três anos, natural de Ladaux (Gironde), sem profissão, viúva em primeiras núpcias

de Lafourcade, esposa em segundas núpcias de Jean Baptiste St. Omer Roustaing, filha de Pierre Roustaing e de Elisabeth Cheminade, sua esposa, faleceu esta manhã às dez horas, na rua Saint Siméon, 17. Feita a leitura do presente, as testemunhas assinaram conosco. - Roustaing, J. Roustaing, O Adjunto do Maire, A. Plumeau”



Certidão de óbito de Elisabeth Roustaing

O jornal de Bordeaux, *La Gironde*, estampou o *Convoi Funèbre*. Eis a tradução:



Convoi funèbre Mme. Roustaing

“CORTEJO FÚNEBRE – Sr. Roustaing, advogado, antigo bastonário; Sra. viúva Naubert, Sra. viúva Roustaing e seus filhos, Sra. viúva Godefroy, a família Cheminade, solicitam a seus amigos e conhecidos a honra de assistir as exéquias da Sra. Elisabeth Roustaing, sua esposa, cunhada, tia e prima, que ocorrerá no

domingo, 10 do corrente, na igreja Saint-Pierre. A reunião será no local do velório, rua Saint-Siméon, nº 17, às onze horas e meia, de onde partirá o cortejo fúnebre ao meio dia.

“Não haverá outros avisos”.

O corpo foi sepultado no jazigo da família, em *Le Cimetière de la Chartreuse*.

Num *folheto de turismo* que recebemos da prefeitura de Bordeaux, é dito assim, sobre este cemitério:

“Ele é reconhecido pela sua variedade de monumentos, pelos epitáfios tocantes, e por ser um local calmo, e de recolhimento, romântico por excelência”.

Dos parentes aí assinalados, esta pesquisa chegou até o Sr. Jean-Baptiste Adrien Roustaing, primo do nosso casal J.-B. Roustaing, que nasceu em 3 de dezembro de 1845, era filho do Sr. Joseph Amédée Roustaing (antigo notário e prefeito) e da Sra. Jeanne Nely Demptos. Ele foi prefeito de Targon, de 1876 a 1908. A prefeitura nos enviou sua foto em 16 de dezembro de 1997, através do prefeito Sr. F. Luro.



Jean-Baptiste Adrien Roustaing

XXXII – O SEGUNDO TESTAMENTO DE ROUSTAING

Após a desencarnação de sua querida Elisabeth, em 1878, sentindo-se mais cansado e doente do corpo, mas lúcido de Espírito, J.-B. Roustaing resolveu tomar mais uma grande decisão diante de seu patrimônio, já que agora era o único, segundo as leis dos homens, que podia deliberar sobre ele.

Impossibilitado de escrever, solicitou a presença de um tabelião em sua residência e de testemunhas para a confecção do documento que providenciaria sobre suas últimas vontades. Neste documento, mostrando todo o uso de sua razão, não renunciou ao que havia deliberado no seu primeiro testamento, em 1 e 2 de dezembro de 1861; apenas acrescentou novas distribuições, e só alterou aquilo que é expressamente citado para isso, neste novo documento.

Aqui a caridade prossegue dando exemplo de como administrar os talentos que pertencem a Deus, e que é um dever do *servo bom e fiel* não desperdiçar um centavo sequer.

Este documento recebemos do *Conseil General de la Gironde*, em 9 de outubro de 1997. O manuscrito apresenta uma letra bastante sofrida; então, achamos por bem enviá-lo ao nosso já conhecido professor de história de Bordeaux, Sr. Drouin, para que fizesse a gentileza de transcrever o documento para o francês, com uma letra mais acessível. O Prof. Drouin aceitou a tarefa, ao qual ficamos muito gratos, e, em 28 de abril de 2001, nos enviou o texto que agora pode melhor ser traduzido. Vamos transcrevê-lo na íntegra:

TRANSCRIÇÃO DO SEGUNDO TESTAMENTO DE JEAN BAPTISTE ROUSTAING

25 de Novembro de 1878

“Perante o Dr. Isidore Antoine Thierrée abaixo assinado, em Bordeaux.

“Em presença dos senhores:

“David Cousteau, negociante, armador, residente em Bordeaux, no cais de Brienne nº 11;

“Pierre Mothes, pai, negociante, residente na dita cidade, na rua Arnaud Miqueu, nº 35;

“François Labatut, fabricante de chapéus, residente também em Bordeaux, na rua Ste. Catherine nº 102 e

“François Saumande, dono de carruagens de aluguel, residente na dita cidade, na rua dos Trois Conils nº 1.



Pardevant Me^e Indore contume
Notaire notaire soussigné, à Bordeaux,
En présence de

Nocesions :

Jos. D. Lousteau, neveu
armateur, demeurant à Bordeaux, quai de
Prima n°11;

Pierre Nothas, pro, neveu,
demeurant en l. S. ville, rue de la Vierge, n°11;

François Labatut, fabricant de
chapeaux, demeurant à Bordeaux, rue
St. Siméon n°17;

François Lassus, maître
bureau de ventes, demeurant en l. S. ville, rue
de la Vierge n°11;

Les quatre témoins instrumentaires
requis à l'effet de présents et ainsi
désignés, savoir :

Et compare :

Monsieur Jean Baptiste Roustaing,
avocat à la Cour d'appel de Bordeaux, ancien
président de l'Ordre, demeurant à Bordeaux, rue
St. Siméon n°17;

Malade de corps, mais sain
d'esprit, mais qui est apparu avec le Notaire et
témoin par la circonstance, ainsi que le Notaire
notaire et Contre deux en faisant place à son

1ª página do 2º testamento de J.-B. Roustaing, 25.11.1878

“Todas as quatro testemunhas instrumentárias requeridas para efeito das atuais e também abaixo assinadas, reunindo as qualificações exigidas.

“Compareceu:

“Senhor Jean-Baptiste Roustaing, advogado junto à Corte de Apelação de Bordeaux, antigo presidente da Ordem, residente em Bordeaux, na rua St. Siméon nº 17, doente do corpo, mas são do espírito,

logo que apareceu aos d. (ditos) escrivão e testemunhas para a conversação, foi encontrado pelos ditos escrivão e testemunhas numa poltrona colocada num quarto, ao meio-dia do dia marcado, perto de duas sacadas para a rua St. Siméon e o qual fez seu testamento, que ditou assim como segue, em presença das testemunhas, ao d. (dito) escrivão, que o redigiu na íntegra, na mesma presença, tal como o Dr. Roustaing, testador, o ditou, o presente.

“Mantenho meu testamento hológrafo, datado de primeiro e dois de dezembro de mil oitocentos e sessenta e um, salvo apenas as modificações e mudanças que resultem das atuais; todas as disposições do dito testamento hológrafo contrárias às atuais modificações são de nulo efeito e valor, e inexistentes, como se jamais houvessem existido.

“Instituo e nomeio como meus legatários gerais e universais meus dois sobrinhos, um deles escrivão em Targon, ali residente, Joseph Roustaing, o outro, Georges Roustaing, sem profissão, residindo com sua mãe em Bordeaux, na rua Bouffard n° 50, e considerando que não tenho herdeiros e que meus sobrinhos são meros colaterais, eu tenho o poder absoluto de um legislador para opor ao legado universal que acabo de lhes fazer todas as restrições e condições que são do domínio de minhas derradeiras vontades.

“A esse título e em virtude desse direito eu os interdito e proíbo, da forma a mais expressa, de colocar, em meu domicílio ou nas minhas residências da cidade ou do campo, numa palavra, em nenhuma parte, os selos judiciais ou de mandar fazer ali nenhum tipo de inventário.

“Interdito igualmente em meus sobrinhos a faculdade e o direito de se imiscuírem de alguma maneira ou de intervirem na obra confiada aos cuidados e ao devotamento do Dr. Guérin, proprietário, residente na comuna de Villenave de Rion, no lugarejo de Lormon, para a tradução, a impressão e a publicação seja das obras já publicadas dos quatro Evangelhos *et caetera*, seja das obras não publicadas no estado de manuscrito, notadamente relativas aos atos dos apóstolos, às epístolas e ao apocalipse de S. João; através de ato de doação entre vivos, já investi o Dr. Guérin atualmente e irrevogavelmente, na data deste ato, na propriedade das obras já publicadas e naquelas restantes a publicar no estado de manuscrito.

“Em caso de quaisquer contestações ou impedimentos levantados por meus sobrinhos, declaro formalmente revogar, e revogo pelas atuais mesmas, todas as disposições testamentárias estabelecidas pelas atuais em favor deles, querendo e entendendo formalmente que meus dois sobrinhos Georges e Joseph Roustaing têm direito apenas à tomada de posse, pela remessa que lhes será feita pelo Dr. Guérin, unicamente dos títulos de propriedade ou de demarcação em razão dos imóveis de que eles virão a ser proprietários, em razão do legado universal a eles feito. Todos os outros livros, títulos e papéis estranhos às outras propriedades legadas que de

propriedade de direito propriamente ditos, ficarão na propriedade exclusiva do senhor Guérin, que é o único encarregado de entregar a meus dois sobrinhos, meus legatários universais, todos os ditos papéis relativos às propriedades a eles legadas para efeito do legado universal. Em caso de dificuldades e de impedimentos, de oposições ou contestações da parte de meus dois sobrinhos, todas as disposições testamentárias estabelecidas pelas atuais serão nulas de pleno direito, de nenhum valor, não existentes, como se elas jamais houvessem existido.

“Meus dois sobrinhos Georges e Joseph Roustaing são instituídos meus legatários universais com o encargo, primeiramente, de executar fielmente e lealmente minhas inteiras disposições testamentárias; em segundo lugar, de quitar e pagar todos os legados e todos os encargos a seguir enumerados e legados a seguir feitos.

“Dôo e lego à senhora Naubert, nascida Roustaing, minha irmã residente em Bordeaux, na rua Honoré Tessier nº 20, uma renda anual e vitalícia da quantia de dois mil francos por ano, a qual será paga pelos meus dois sobrinhos a cada seis meses e antecipadamente a partir do dia do meu falecimento.

“Dôo e lego à viúva Sournave, residente em Bordeaux, na rua Fondaudège nº 35, antes na rua Porte Dijeaux nº 101, uma renda anual e vitalícia de trezentos e sessenta e cinco francos por ano. A qual lhe será paga a cada seis meses e antecipadamente por meus dois herdeiros instituídos Georges e Joseph Roustaing.

“Dôo e lego a Sta. Marthy, cognominada em família Armande, residente em Bordeaux, na rua Ste. Catherine nº 1, a quantia de dez mil francos pagos de uma só vez a partir do dia do meu falecimento.

“Dôo e lego ao Dr. Lablay, doutor em medicina em Bordeaux, alameda de Gourgues nº 9, a título de remuneração e como pagamento de uma dívida a que faz jus, a quantia de seis mil francos por todos os cuidados que nos deu, a mim e à minha mulher, senhora Roustaing, durante longos anos, sem nada cobrar.

“Dôo e lego à senhorita Lévêque, Marie Lévêque, residente em Bordeaux, na rua St. Siméon nº 17, com seus pai e mãe, a título de dedicação, a quantia de mil francos, pagável em duas partes após o meu falecimento.

“Dôo e lego à senhora Collignon, na sua qualidade de presidente da obra de aprendizes, obra das lojas maçônicas, a quantia de três mil francos, encarregando-a de fazer a aplicação na obra de conformidade com as regras e estatutos que a regem.

“Dôo e lego ao asilo das crianças assistidas e abandonadas da cidade de Bordeaux a quantia de vinte mil francos, que será paga no ano que se seguir ao meu falecimento, sem juros até à época do pagamento. Esse legado, da quantia de vinte mil francos, feito a esse asilo no atual testamento será o único a ser cumprido; aquele contido no testamento hológrafo de primeiro e dois de dezembro de mil oitocentos e setenta e um será nulo e inexistente.

“Dôo e lego aos quatro filhos de meu caseiro Jacques Léglise, cognominado em família Marcelin, na minha propriedade de Tribus, comuna de Arbis, e a cada um de seus filhos, Ferdinand, Fernand, Marie e Jeanne, a quantia de quinhentos francos, que será destinada e paga a cada um deles na época de seu casamento, ou na época de sua maioridade e a partir do dia do meu falecimento, esses citados legados aos quatro filhos de Léglise, meu caseiro, serão por meus dois herdeiros instituídos Georges e Joseph Roustaing depositados e remetidos à Caixa Econômica de Cadillac ou Bordeaux, à escolha dos interessados, que elas permanecerão rendendo juros até à dita época do casamento ou maioridade.

“Dôo e lego à Marie Laborde e a Rose Laborde, Jeanne, sua irmã, minhas domésticas atualmente a meu serviço, para a primeira nomeada a quantia de três mil francos e, para a segunda a quantia de mil e quinhentos francos; essas duas quantias de três mil francos e de mil e quinhentos francos serão pagas e saldadas por meus legatários gerais e universais Georges e Joseph Roustaing a partir do dia do meu falecimento, com juros a partir do dia do meu dito falecimento.

“Todos os legados particulares acima enumerados serão liquidados e pagos por meus legatários gerais e universais titulares, meus dois sobrinhos, livres e isentos de todos os direitos de transmissão e de todos os direitos e encargos, a cada um de meus legatários particulares.

“Dôo e lego a cada sociedade de beneficência da cidade de Bordeaux, às nove existentes, sem distinção de culto, a cada uma a quantia de mil francos livre de todos os direitos de transmissão e de todo encargo, para serem distribuídos aos pobres socorridos de Bordeaux, como já disse, sem distinção de culto, de religião e mesmo de nacionalidade.

“Tais são as minhas derradeiras vontades, que meus sobrinhos saberão bem respeitar, bem como saberão honrar a memória de seu tio.

“Feita a leitura ao testador disso que precede, em presença das ditas testemunhas pelo dito escrivão, o dito testador lhe declarou na mesma presença que tal é a sua vontade, na qual ele persiste.

“Cujo ato, feito e passado em Bordeaux, na residência acima indicada do Dr. Roustaing.

“Ano de mil oitocentos e setenta e oito e dia vinte e cinco de novembro.

“E assinaram o testador, Dr. Roustaing, e as testemunhas abaixo nomeadas com o d. (dito) Dr. Thierrée escrivão, após nova e inteira leitura das atuais, sempre em presença das ditas testemunhas”.

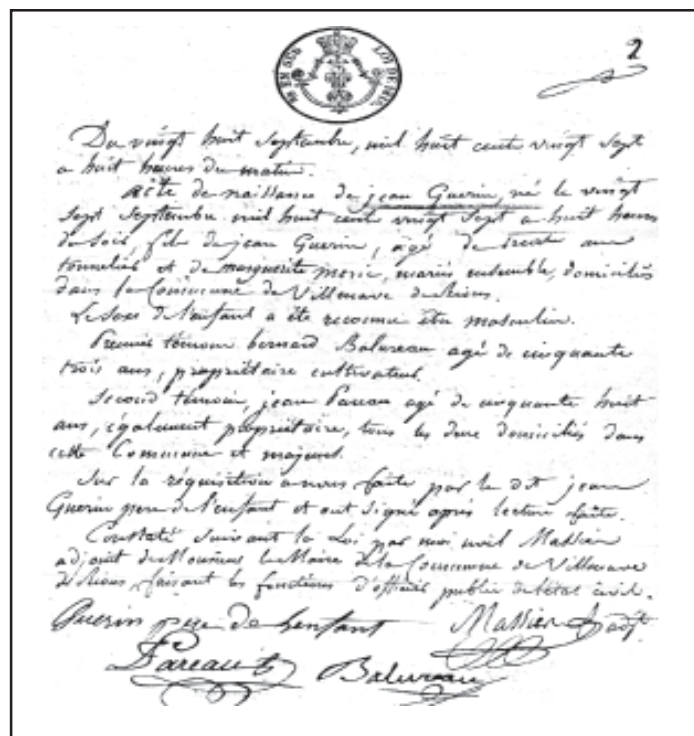
ASSINATURAS

XXXIII – JEAN GUÉRIN – O DISCÍPULO FIEL

Jean Guérin foi um dos maiores pioneiros do espiritismo na França, como está atestado no clássico *Os pioneiros do espiritismo*, de J. Malgras, Primeira parte, capítulo X (Ed. DPL, pp. 39-40).

Esta pesquisa foi em busca de fontes novas e escreveu para o prefeito da cidade de Villenave de Rions, sua cidade natal, solicitando dados biográficos, e recebemos dele, o Sr. Antoine René, uma série de documentos, certidões, foto e livro, em 4 de janeiro de 1998.

A certidão de nascimento de Guérin informa que ele nasceu em 27 de setembro de 1827, às 8 horas da noite. Era filho do Sr. Jean Guérin, prefeito de Villenave de Rions e de Marguerite Mérie. J. Malgras comenta:



Certidão de Nascimento de J. Guérin

“Jean Guérin, simples vinhateiro, residente em Villenave de Rions (Gironde), foi um espírito enérgico, sincero e de boa-fé, e dedicou-se à

propagação e à defesa do Espiritismo, assim que entrevira essa luz, tudo aquilo que ele tinha de vida, de coragem e de abnegação” (p. 39).

Uma prova desta coragem temos na publicação da obra *Réponses aux sermons contre le spiritisme prêchés par le R. P. Nicoméde* (Bordeaux, Maison Suwerinck, 1863). Ela foi escrita em parceria com os Srs. Grousset e Gassiot. Pela data da obra, 1863, pode-se ver que Guérin é pioneiro mesmo.



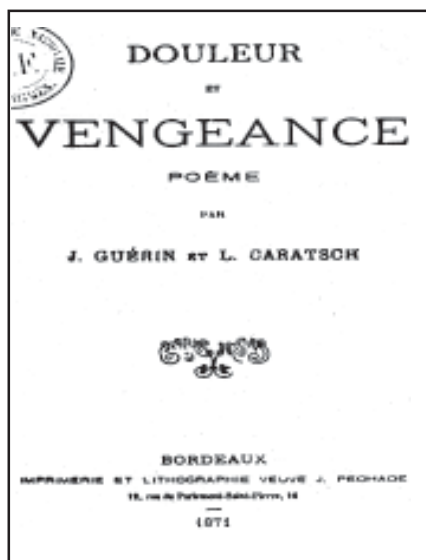
Resposta ao padre Nicoméde

Muito bem relacionado, era republicano e amante de sua querida França. Quem escreve é J. Malgras:

“Ele tinha conexões com Allan Kardec, Pierrard, Roustaing, Eugène Nus, Eugène Bonnemère, Charles Fauvety, o príncipe Devlet-Kildef, Scarpa, Godin de Guise. Cartas lhe eram endereçadas por Victor Hugo, Garibaldi (espírita ele também), Jules Favre, Gambetta, e por membros do governo da Defesa nacional aos quais em 1870, com seu pai, ele doara dez mil francos para tentar salvar nosso país do invasão tudesca (p. 39).⁸¹

⁸¹ Relativo aos, ou próprio dos antigos germanos (Aurélio Eletrônico).

Toda esta paixão pela França ele deixou transparecer nos cânticos do belo poema que publicou, com L. Caratsch, intitulado *Douleur et vengeance* (*Dor e vingança*), em 1871 (Bordeaux, Imprimerie et Lithographie Veuve J. Pechade). Nele há uma súplica pela França ao “*divin maître*” (p. 7).



Dor e vingança

Jean Guérin tinha na caridade a razão de sua vida. Uma caridade operante, que melhor se exercitava na obra da divulgação doutrinária, a sua maior virtude, dada a necessidade urgente de esclarecer para iluminar e impulsionar. Inicialmente, em 1879, ele instituiu um concurso literário, com prêmios de três mil francos, sobre a seguinte questão:

“Pesquisar quais foram, através dos séculos e em todos os países, as crenças dos povos, dos fundadores de religiões, dos grandes filósofos, sobre a existência dos Espíritos, sobre a possibilidade das comunicações entre nós, sobre a persistência da vida após o que nós chamamos morte, sobre o retorno a novas vidas, seja na Terra, seja em quaisquer mundos siderais” (J. Malgras, p. 40).

Este prêmio foi intensamente divulgado na imprensa espírita, em especial nas páginas da *Revue Spirite*. São tantas notas e artigos a respeito que preferimos não citar páginas aqui, esperando

outra oportunidade para tratar deste prêmio em detalhes. P.-G. Leymarie assim escreveu:

“Para ajudar ao movimento, um homem devotado, Sr. J. Guérin, seguidor do Sr. Roustaing, ex-bastonário da ordem dos advogados em Bordeaux, impregnando-se do pensamento deste eminente escritor espírita e de outros seus amigos, nos demonstrou por fatos o que se pode realizar com o espírito de perseverança, colocando em prática obras preparadas com maturidade. Sr. J. Guérin criou um prêmio de 3.000 fr. Este concurso produziu, como resultado, a impressão de dois volumes de grande utilidade: *L'âme et ses manifestations à travers l'histoire*, pelo historiador Eugène Bonnemère,⁸² e *Le spiritualisme dans l'histoire*, pelo professor de filosofia, em Smyrne, Sr. Rossi de Giustimani”⁸³ (RS, 25 ano, nº 1, 1882, janeiro, p. 3).

Ele foi o idealizador da sala de conferências, uma novidade na época: disseminar através de palestras a Doutrina espírita pelo território francês e no estrangeiro. Mas o movimento era carente destas salas, ele então idealizou um projeto para a construção destes auditórios. Acompanhemos J. Malgras:

“Com suas obras, com o sacrifício de seu bem-estar material, ele deu ao Espiritismo o que lhe fazia sobretudo falta, amplas salas de reunião em que os conferencistas podem proclamar, defender, propagar as idéias que lhe são caras; por outro lado, ele conquistou para o Espiritismo – e isso aí é o maior de seus méritos – toda uma população honesta, laboriosa, devotada” (p. 39).

P.-G. Leymarie escreve, então, um longo artigo na *Revue Spirite*, falando dos cuidados tomados para a permanência do patrimônio dessas salas, que ficariam, em caso de dissolução do movimento espírita, de alguma localidade beneficiada, por direito, pertencendo à *Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec*. Vejamos o pensamento de Leymarie:

⁸² *A alma e suas manifestações através da história*. O Sr. Bonnemère é adepto de Roustaing. No original, há a seguinte nota de Leymarie: Pode ser encontrado na *livraria espírita*, 5, rue des Petit-Champs, 3 fr.

⁸³ *O espiritualismo na história*. O Sr. Giustimani é adepto de Roustaing. No original, há a seguinte nota de Leymarie: Pode ser encontrado na *livraria espírita*, 5, rue des Petit-Champs, encadernado, 3 fr.

“Como o Sr. Roustaing, autor dos 4 Evangelhos,⁸⁴ o Sr. J. Guérin imaginou que conferências feitas em todo o país, por oradores devotados à causa, seriam indispensáveis à difusão do espiritismo; ele não somente criou a obra das conferências oferecendo uma importante soma, como também percebeu que a grande dificuldade para os oradores solicitados pelos centros espíritas era a de encontrar uma sala espaçosa e conveniente, sendo assim seria indispensável que as sociedades e os grupos espíritas tivessem pelo menos uma sala à disposição.

“Conseqüentemente, este generoso homem ofereceu a cada cidade central onde se encontra uma aglomeração espírita, uma soma de 10.000 fr como adiantamento da soma que poderá ser reunida para a compra de uma sala, ou para a construção da referida sala num terreno previamente comprado. O grupo espiritualista de Nantes e a Sociedade espírita de Rouen, onde realizamos uma palestra, em outubro passado, aceitaram o donativo do Sr. Guérin com o devido reconhecimento; estas sociedades apelam a todos os espíritas, a todos os partidários da causa espírita, para reunir ao redor deste donativo outras importâncias que lhes permitirão realizar este belo projeto, este ideal tão em vão procurado pelas sociedades da *liga de ensino*.

“Compreende-se que tais salas não serão somente dedicadas ao ensino espírita, pois foi espontaneamente acordado, entre o Sr. Guérin e os partidários de nossa causa, que estas salas também serão oferecidas aos membros da *Liga francesa de ensino*, bem como a todas as sociedades que se ocuparem com a educação moral e a instrução popular. Todos os espíritas que pertencerem à circunscrição de uma cidade que tenha aceitado o donativo do Sr. Guérin, farão uma obra de utilidade acrescentando seus óbolos à soma oferecida; tal solidariedade produzirá excelentes frutos, pois unirá os irmãos em Cristo pela comunhão de pensamentos.

“Desinteressado como todos os acionistas da Sociedade para continuação das obras espíritas de ALLAN KARDEC, o Sr. J. Guérin deseja ajudar esta sociedade anônima, que tem 99 anos por existência e da qual ele é membro, protetor dos interesses da coletividade dos doadores contra o desaparecimento inesperado de um ou vários grupos locais; conseqüentemente, ele deseja que os fundos apropriados para a construção ou compra de salas de conferências, sejam dirigidos à citada sociedade para serem depositados no Banque de France; ele entende que diante das possibilidades de dispersão dos grupos locais, a sociedade citada deva ser a proprietária de tais salas, tornando-as inalienáveis e com o direito

⁸⁴ Nota de Leymarie no original francês: 3 volumes, in-12 – 10 fr 50. Na *livraria espírita*, 5, rue des Petit-Champs.

de ser a proprietária durante o período de 99 anos conforme desejo de seus fundadores.

“O Sr J. Guérin realiza este projeto para a cidade de Bordeaux. A importância que ele destina à construção da sala deverá ser registrada, para ser dividida em ações nominativas de 500 fr; o comitê de controle adotou esta divisão, em princípio, para referendá-la durante a nossa reunião geral dos acionistas da sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec.

“Os homens não têm valor real a não ser pelos seus atos; possam os que criticam Roustaing, e seus seguidores imitar o Sr. J. Guérin” (RS, 1882, janeiro, pp. 3-4).

A sala de conferência de Bordeaux foi uma das salas do projeto Guérin, como acabamos de noticiar. A *Revue Spirite* também dá detalhes sobre sua construção:

“O Sr. J. Guérin põe à disposição de todos os espíritas da Gironde o pano azul semeado de estrelas de prata, no centro do qual um sol dourado se irradia em todos os sentidos, cercado das máximas espíritas: *Fora da caridade não há salvação. — Nascer, morrer, renascer ainda, e progredir sem cessar, tal é a lei*; também a bandeira em seda azul, semeada de estrelas de prata, com as cores do arco-íris lançadas através da bandeira, e sobre as quais estão inscritas em ouro, as divisas: *Sociedade espírita, solidariedade universal*. As últimas cerimônias, com esses emblemas, indicarão, claramente, o que é o espiritismo para todos aqueles que rendem as últimas honrarias aos seus mortos.

“Em Bordeaux, a sala que o Sr. J. Guérin mandou construir termina ativamente; os operários dão o último retoque na marcenaria, e a obra dos pintores será realizada logo. Bem arrumada, acústica excelente, arejada, 1800 ouvintes colocados sem incômodo sobre assentos confortáveis, tudo faz dessa sala um lugar de reunião excepcional cujas saídas fáceis se abrem para um jardim por cinco largas portas. A inauguração ocorrerá em setembro ou outubro próximo. O Sr. Leymarie visitou os espíritas bordelenses, e um deles, o Sr. Brisse, homem inteligente e ativo, deseja vivamente ocupar-se em unir em feixe todos os nossos F. E. C. Cada grupo poderá ocupar-se intimamente da questão espírita em sua casa; mas não esquecerá que uma *Federação Espírita* bordelesa deve estabelecer-se e que lhe deve sua cooperação útil e indispensável. É um voto comum, constatado pelo Sr. L.⁸⁵ Possa ele se realizar e criar na Gironde um centro de ação verdadeiro! (RS, 26º ano, nº. 7, 1883, julho, pp. 300-1).

⁸⁵ Sr L. (Leymarie).

Em 1884 a sala de Bordeaux (95, rue de la Croix-Blanche) fica pronta e é inaugurada com uma conferência. A *Revue* noticia:

“Em 27 de abril último teve lugar, em Bordeaux, a inauguração da sala de conferências criada pelo Sr. Jean Guérin, às 15 horas da tarde, 800 pessoas assistiram a inauguração com a palestra do Sr. Auguste Dide, do círculo parisiense da Liga de ensino” (RS, 27º ano, nº 10, 15 de maio de 1884, p. 305).

J. Guérin era um apaixonado pelas conferências. Na visita missionária de P.-G. Leymarie à cidade de Bordeaux e comunidades vizinhas, em 1883, ele se empenhou ao máximo. É o próprio Leymarie quem comenta:

“Várias conferências foram dadas na Gironde, em Villenave-de-Rions, Arbis, Ladaux, Naujean, Frontenac, Targon, Blesignac onde se apresentaram nossos amigos de Lasauve e de Créon, vários professores da escola normal; em Langon, em Letourne-Langoiran; O Sr. J. Guérin, nosso irmão dedicado, preparara essas conferências que reuniram umas 250 pessoas, outras, de 500 a 600” (RS, 1883, julho, p. 300).

Não era só necessário construir salas de conferências, mas agendar, com cuidado, roteiros de palestras com conferencistas dispostos ao trabalho. Aliás, relata Leymarie que esse também era um velho desejo de Kardec, comentado com ele em reuniões íntimas:

“Allan Kardec sobre o assunto das conferências, nos falava em reuniões íntimas; ele aguardava o momento propício para realizar conferências instrutivas capazes de instruir com sábia moderação e assegurar a aceitação da maioria” (RS, 24º ano, nº 1, 1881, janeiro, p. 2).

Em 1880, já havia um projeto estampado nas páginas da *Revue Spirite*:

“De todos os meios de propaganda, a palavra é a mais direta, a mais convincente e a mais rápida. Se você pensa da mesma forma que eu, de que a hora favorável chegou, eu vos proponho organizar conferências nas principais cidades da França em benefício de nossa bela doutrina.

“Faço este apelo através da Sociedade de continuação das obras espíritas de Allan Kardec, através de seu órgão, a *Revue Spirite*:

“subscrições centralizadas na sede da Sociedade.

“um comitê encontrará e escolherá conferencistas aptos a difundir a boa palavra.

“os conferencistas terão as suas despesas reembolsadas pelo comitê, através de um fundo.

“conferências puramente espíritas.

“Guérin declara ser subscritor com a soma de 5.000 francos anuais e mais 1.000 francos anuais destinados à publicação dos anais das conferências. Ele avisa que poderá aumentar esta soma dentro das suas reservas pecuniárias” (RS, 1880, pp. 283-285).

Realmente, o meio de propaganda através da palavra é o mais direto e convincente, inclusive em nossos dias, como também registrou, numa entrevista, o inesquecível tribuno Newton Boechat:

“A tribuna consegue ser superior ao livro, porque este se encontra imobilizado na letra, requerendo da pessoa que o lê ingredientes para interpretá-lo, ao passo que a palavra falada, vem envolvida em impacto, modulação da voz, exteriorização magnética e a pessoa leva tudo naquela hora para casa. Uma conferência de uma hora, bem urdida, equivale a um livro de trezentas páginas” (transcrito do *Jornal Batuira*, ano VIII, nº 47, setembro/outubro – 2004, São Paulo, p. 5).

O projeto foi em frente e, em 1881, já estava sendo executado, não só na França, mas no estrangeiro. O comitê organizava as datas, em comum acordo com os conferencistas, administrava o fundo de subscrições para custear as despesas financeiras, certificava-se do conteúdo das conferências, que deviam ser eminentemente espíritas, e:

“Cada conferencista deverá seguir as idéias emitidas pelos mestres: Allan Kardec, Roustaing e os sábios modernos que estudam a fenomenologia” (RS, 1881, pp. 254-5).

Segue, então, nesta última página citada a relação dos conferencistas. Vamos citar os da França: Sr. Bonnefond, Srs. Jésupret pai e Jésupret filho, casal Rosen, casal Olympe Aulonard, Sr. Vincent, P.-G. Leymarie, Léon Denis, Sr. E. Cordurié, Sr. François Valey, Sr. V. Tournier.

Voltemos para outras tarefas de J. Guérin.

No primeiro encontro de P.-G. Leymarie com Guérin, em 1881, ocorreu numa visita missionária a região sul da França, do administrador da *Revue Spirite*. O ilustre visitante pôde, então, se certificar da mediunidade com Jesus exercida pelo nobre vinhateiro de Villenave de Rions:

“Em Cadillac, encontrei J. Guérin e fiquei feliz em apertar a sua mão e abraçá-lo, bem como a sua mãe Mme. Guérin, digna e venerável

octogenária, espírita devotada como seu filho à propagação das novas verdades.

“O Sr. Guérin mandou construir, em sua residência, um salão para 150 pessoas e todos os domingos os espíritas ali se reúnem.

“O grupo tem médiuns de todos os carismas: incorporação, psicografia, tipologia e médiuns oradores destacáveis. Ele mesmo é médium de incorporação de primeira grandeza, um sensitivo como poucos. Ele fala com destacável inspiração e realiza trabalhos de desobsessão.

“Com o Sr. Dubosc, conselheiro geral da Gironde, homem de mérito universal, participamos da doutrinação de Espíritos sofredores e obsessores, altamente instruídos, que se comunicaram através do órgão do Sr. Guérin; a *luta* foi emocionante e do mais alto interesse.

“Havia uma homogeneidade de fluídos e uma união de todos para conduzir ao bem os desencarnados sofredores” (RS, 1881, pp. 441-2).

Leymarie revela que havia sempre de 70 a 100 espíritas presentes nestas reuniões.

Outro trabalho importante de Guérin era com a pena. Os jornais espíritas registram, dele, mensagens mediúnicas, cartas, notas e muitos artigos. Na *Revue Spirite*, localizamos tantos artigos que optamos por não citá-los. Evidentemente que ele era um árduo defensor das idéias propaladas por Roustaing, e as defendia com maestria, mas sempre respeitando e considerando seus oponentes. Aliás, escreve J. Malgras:

“Com a pena, ele defendeu a obra de Roustaing; e, na polêmica ardente, apaixonada, que foi empenhada a respeito da concepção nova que o antigo chefe da ordem dos advogados de Bordeaux tinha apresentado ao mundo espírita sobre a natureza fluídica de Cristo, Guérin mostrou o que podem a lei, a fé, o reconhecimento e a amizade, sentimentos que ele, pode-se dizer, idealizou” (p. 39).

Mas adiante prossegue J. Malgras:

“Com suas obras, ele reanimou a coragem vacilante dos fracos, ensinou as virtudes espíritas: moderação,⁸⁶ cortesia na luta,⁸⁶ caridade

⁸⁶ Um bom exemplo foi à discussão travada, entre Guérin e Gabriel Delanne, sobre as verdades de Roustaing (RS, 1884, pp. 49-60). Numa outra oportunidade publicaremos este debate. Desde já alerta que Delanne passa um profundo respeito pela pessoa de Roustaing; porém, o que ele não aceita é o corpo fluídico, dizendo, inclusive, não ser a sua área de pesquisa os Evangelhos. Daí toda a sua dúvida.

em relação aos adversários, respeito pelas opiniões e pelas instituições religiosas, resignação, confiança no porvir” (p. 39).

A este homem de bem foi a quem Roustaing deixou, em documento especial, a responsabilidade para a publicação de suas obras e traduções. É assim que já vimos em seu 2º testamento:

“Interdito igualmente em meus sobrinhos a faculdade e o direito de se imiscuírem de alguma maneira ou de intervirem na obra confiada aos cuidados e ao devotamento do Dr. Guérin, proprietário, residente na comuna de Villenave de Rions, no lugarejo de Lormon, para a tradução, a impressão e a publicação. seja das obras já publicadas dos quatro Evangelhos *et caetera*, seja das obras não publicadas no estado de manuscrito, notadamente relativas aos atos dos apóstolos, às epístolas e ao apocalipse de S. João; através de ato de doação entre vivos, já investi o Dr. Guérin atualmente e irrevogavelmente, na data deste ato, na propriedade das obras já publicadas e naquelas restantes a publicar no estado de manuscrito.

Nada poderia impedir o Sr. Guérin de cuidar da obra de Roustaing. Inclusive documentos e papéis ficaram, inicialmente, sobre sua responsabilidade. Essa era a vontade expressa de Roustaing:

“Em caso de quaisquer contestações ou impedimentos levantados por meus sobrinhos, declaro formalmente revogar, e revogo pelas atuais mesmas, todas as disposições testamentárias estabelecidas pelas atuais em favor deles, querendo e entendendo formalmente que meus dois sobrinhos Georges e Joseph Roustaing têm direito apenas à tomada de posse, pela remessa que lhes será feita pelo Dr. Guérin, unicamente dos títulos de propriedade ou de demarcação em razão dos imóveis de que eles virão a ser proprietários, em razão do legado universal a eles feito. Todos os outros livros, títulos e papéis estranhos às outras propriedades legadas que de propriedade de direito propriamente ditos, ficarão na propriedade exclusiva do senhor Guérin, que é o único encarregado de entregar a meus dois sobrinhos, meus legatários universais, todos os ditos papéis relativos às propriedades a eles legadas para efeito do legado universal. Em caso de dificuldades e de impedimentos, de oposições ou contestações da parte de meus dois sobrinhos, todas as disposições testamentárias estabelecidas pelas atuais serão nulas de pleno direito, de nenhum valor, não existentes, como se elas jamais houvessem existido.”



Jean Guérin

A *Revue Spirite* registra o fato de Guérin ser detentor da obra de Roustaing, e logo ressalva que ele estava doando aos centros espíritas um exemplar dos *Quatro evangelhos*. Divulgação total, sem medir esforços:

“O Sr. J. Guérin, detentor e proprietário do que resta da 1ª edição de um marcante livro, obtido mediunicamente: Os quatro evangelhos..., (...) A cada grupo ou sociedade espírita da França e do estrangeiro, que possa ler usualmente o francês, o Sr. Guérin faz uma graciosa homenagem de um exemplar desta obra em três volumes” (RS, 1879, maio, p. 161).

Alguns números à frente, continua anunciando a *Revue Spirite*:

“O Sr. J. Guérin, detentor e proprietário de um belo e marcante livro mediúnico – Os quatro evangelhos, deseja divulgar esta obra que é o comentário luminoso dos evangelhos, das parábolas e dos ensinamentos do Cristo; que explica as origens da alma, suas fases, seus fins e seus destinos; que dá o verdadeiro sentido da personalidade de Jesus cuja essência foi objeto de tanta controvérsia entre os homens, antes e depois do Docetismo do XI século, que explica o seu nascimento, sua vida e sua morte aparentes, decorrentes de uma longa tangibilidade para realizar sua missão terrestre entre os homens.

“A cada grupo ou sociedade espírita da França e do estrangeiro, que possa usualmente ler em francês, o Sr. Guérin faz um donativo gracioso de um exemplar desta obra em 3 volumes (3 fr 50 c por

volume), se no caso dirigir uma solicitação ao Sr P.-G. Leymarie, rue Neuve-des-Petits-Camps, 5, através de uma carta registrada enviando somente o custo do correio, isto é, 1,50 fr para Europa e 2,5 fr para a união postal. Fora da união postal, 3 francos” (RS, 1879, dezembro, p. 506).

No entanto, dúvidas surgiram entre alguns, por pura má-fé, de que o Sr. Guérin estava gastando os 40.000 fr deixados por Roustaing, para a publicação de suas obras e traduções, com gastos relativos ao projeto das conferências pela França e estrangeiro. Eis o que a *Revue Spirite*, através de Leymarie, observa:

“O Sr. J.-B. Roustaing, bastonário da ordem dos advogados da corte de Bordeaux, deixou, nas suas últimas disposições, uma soma de 40.000 francos, que seu executor testamentário deve empregar em traduções estrangeiras de sua obra *Os quatro evangelhos*. Os três volumes que compõem esta obra estão traduzidos em inglês, espanhol, italiano e alemão. Eles obtiveram sucesso, pois não há, nessa obra, idéias preconcebidas, e procura dar explicação das grandes e sublimes verdades. O Sr. J. Guérin gastou esta soma de 40.000 francos sem prestar contas aos herdeiros do Sr. Roustaing, e o que se deve dizer sobre isto, aqui, é que pessoas mal informadas acreditaram que as doações liberais feitas por J. Guérin para as conferências vieram desta soma” (RS, 1883, pp. 2-3).

Já ouvi pessoas afirmando levemente que a obra *Les quatre évangiles* foi publicada, porque Roustaing investiu seu capital pessoal. Isto é certo, e não há nenhum erro. O mesmo fez Allan Kardec:

“Direi que a primeira edição de *O livro dos espíritos*, que empreendi por minha conta e risco, mesmo não tendo editor que dele quisesse encarregar-se” (RS, FEB, 1862, junho, pp. 253-4).

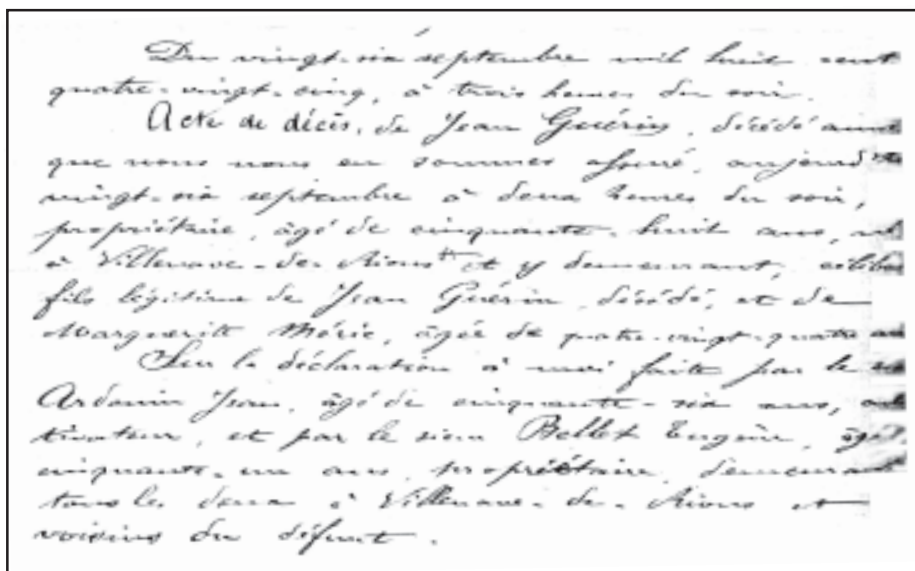
Ai de Kardec e Roustaing se não investissem seus recursos adquiridos com sacrifício na causa do bem!

Esta pesquisa também não localizou, apesar de todos os esforços, o testamento de J. Guérin. Mas o que se sabe é que ele deixou toda sua fortuna para a *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec*. A *Revue Spirite* informa esta verdade algumas vezes. J. Malgras também corrobora:

“Não contente em ter mandado construir uma sala de conferências em Bordeaux e de ter feito uma importante doação à Sociedade Científica do Espiritismo, Jean Guérin legou a esta última sua fortuna” (p. 40).

Aqui, um esclarecimento. Numa assembléia geral, em 1883, por unanimidade, foi decidido que a *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec* passaria a chamar-se *Sociedade Científica de Espiritismo* (Ver RS, 1883, p. 476).

Jean Guérin desencarnou em 26 de setembro de 1885.



Certidão de óbito de Jean Guérin

A *Revue Spirite* noticia intensamente sua desencarnação através de sete páginas. Na *Revue* de 1º de outubro de 1885, em sua primeira página, dentro de um retângulo, como destaque, temos as primeiras informações:

“Sr. Guérin, o propagador infatigável do espiritismo na Gironde, desencarnou sábado, 26 de setembro último, às 15 horas, após longa e dolorosa enfermidade e de uma agonia das mais dolorosas. É uma dor geral em toda a região onde ele deixou a lembrança de um homem de bem; é também uma dor para a nossa Sociedade na qual ele era um dos membros mais devotados. Oremos por ele, a fim de que se desprenda da matéria totalmente e venha nos guiar nos nossos trabalhos e nos sustentar nas nossas provas terrestres” (RS, 28 ano, nº 19, 1º de outubro de 1885, p. 577).



Revue Spirite – Anúncio fúnebre de J. Guérin

Neste mesmo número da *Revue Spirite*, em páginas mais à frente, está publicado o testamento holográfico sobre o regulamento do sepultamento de Guérin. É uma página hiperinteressante, que atesta toda a sua grandeza cristã, bem como sua fé inabalável nos princípios da Doutrina. Vamos transcrevê-las na íntegra:

O TESTAMENTO HOLOGRÁFICO DE GUÉRIN

“Este é o meu testamento holográfico para regulamentar o meu sepultamento.

“Eu, abaixo assinado, Jean Guérin, proprietário morador na comuna de Villenave de Rions (Gironda), declaro não pertencer a qualquer dos cultos atualmente reconhecidos pelo Estado nem a qualquer outro culto do exterior.

“Eu declaro ser espírita cristão, isto é, eu sou *adorador do Pai em espírito e verdade*, segundo esta frase do Cristo: *O reino de Deus está dentro de vós*.

“Eu espero e eu desejo ser sepultado sem cerimônia de qualquer culto.

“Eu desejo que meu despojo mortal seja acompanhado ao local de sua sepultura pelos meus parentes, meus amigos, meus

conhecidos e meus irmãos espíritas que desejarem se unir ao féretro e fazer sobre a borda da sepultura uma prece espírita para os mortos (nº 356, página 386 de *O evangelho segundo o espiritismo*, por Allan Kardec).⁸⁷ E, em qualquer caso, independentemente da citada prece para os mortos, não será feita qualquer outra prece a não ser a oração dominical.

“Eu vivi e morri no espiritismo cristão que não é outra coisa que o Cristianismo do Cristo, explicado nos *Quatro Evangelhos* publicados em 1865⁸⁸ por J.-B. Roustaing, advogado em Bordeaux.

“Eu solicito a sepultura rasa que é a consagração do princípio de humildade proclamado pelo Cristo, e atesto a pouca importância que se deve dedicar ao envelope corporal, que é apenas o instrumento do Espírito na vida imortal da alma através das encarnações sucessivas nas existências corporais.

“Eu peço ao meu amigo Sr. du Boscq, meu executor testamentário de fazer cumprir as vontades expressas pela presente declaração. No caso de sua ausência, pessoas indicadas por ele serão chamadas para substituí-lo para a execução da presente declaração.

“Villenave-de-Rions, sete de julho de 1882”.

J. Guérin.
(RS, 1885, pp. 653-4).

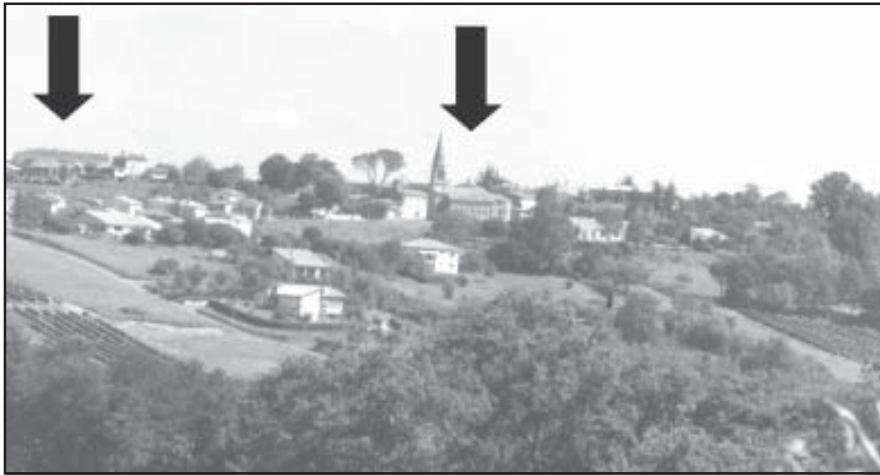
J. Malgras conclui sobre o velório de Guérin:

“Perto de 1.200 pessoas, entre as quais uma multidão de autoridades do departamento, conselheiros gerais, conselheiros do distrito, prefeitos, etc., assistiram às suas exéquias, civis na forma, mas profundamente religiosas no fundo” (p. 40).

O cemitério onde foi sepultado o despojo mortal de Guérin foi desfeito em 1925. No seu lugar, em frente da Igreja, surgiu uma charmosa praça. A mansão onde vivia Jean Guérin foi reformada em 1960, segundo nos informou o prefeito. Ele também enviou uma foto, onde podem ser localizadas a residência reformada e a Igreja do antigo cemitério.

⁸⁷ Na edição em português, é pp. 438-40, FEB, capítulo XXVIII, IV, item 60.

⁸⁸ Concluído em 1865 e editado em 1866.



1ª seta: Mansão reformada. 2ª seta: Igreja do antigo cemitério.

Por fim, quero informar que também recebi o testamento de sua querida mãezinha, a Sra. Marguerite Mérie, pelo *Conseil General de la Gironde*, em 21 de outubro de 2002. Ele é datado de 2 de junho de 1887, e, em certa altura, está escrito:

“Eu desejo ser enterrada civilmente como meu filho.

“Eu ratifico tudo que o meu filho fez em relação à distribuição dos seus bens”.

XXXIV – A PEDAGOGIA DE ÉMILIE COLLIGNON

O segundo testamento de Roustaing, em certa altura anuncia:

“Dôo e lego à senhora Collignon, na sua qualidade de presidente da obra de aprendizes, obra das lojas maçônicas, a quantia de três mil francos, encarregando-a de fazer a aplicação na obra de conformidade com as regras e estatutos que a regem”.

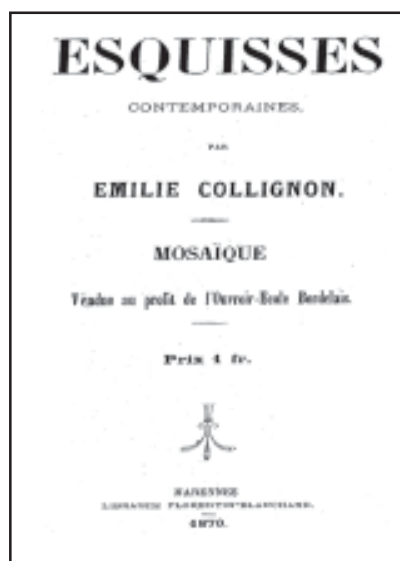
O que significa presidente da obra de aprendizes? A *Revue Spirite* esclarece sobejamente os fatos que podem ser revividos em detalhes.

Em princípios de 1870, Émilie Collignon projetou criar uma escola para meninas pobres e cursos para mulheres adultas. Os recursos para a consecução de tal empreendimento era sua intenção tirá-los da venda de uma obra, escrita por ela para tal fim: *Esquisses contemporaines* (Marennes, Librairie Florentin-Blanchard,⁸⁹ 1870). *Esquisses* significa *esboços*; logo temos *Esboços contemporâneos*. Esta brochura nos foi enviada de Bordeaux, em abril de 1997, pelo então Primeiro Ministro Francês, M. Alain Juppé.

É uma obra muito interessante, que merece ser meditada. Depois da apresentação de Émilie Collignon, segue um belo poema intitulado *Dieu (Deus)*, que a *Revue Spirite* transcreve em suas páginas (RS, 1871, p. 63). Em seguida, temos artigos e poemas com temas mais que atuais: *Às damas de Bordeaux*, *Dizer e fazer são duas coisas diferentes (Dire et faire sont deux – [fábula])*, *Emancipação das mulheres*, *A filha da necessidade* [poema] e *O luxo*. Por fim, uma peça de teatro, *Tudo que brilha não é ouro (Tout ce qui reluit – n'est pas or)*. A brochura tem, ao todo, 33 páginas.

Esta brochura é um alerta às *damas da sociedade*, quanto a seu importante papel na formação da família. Diz mais, o objetivo principal da mulher é *A educação de vossos filhos*.

⁸⁹ O Sr. *Florentin-Blanchard* era espírita em Marennes, e amigo e defensor de Kardec e dos princípios doutrinários, contra o ataque de intransigentes. Ver artigo de Kardec, intitulado *O espiritismo em Rochefort – episódio de viagem do Sr. Allan Kardec* (RS, FEB, 1862, dezembro, pp. 499-509).



Esquisses contemporaines

A *Revue Spirite* anuncia este livro e seus propósitos, em 1870 (p. 295) e 1871 (pp. 13 e 63).

Au moment de mettre sous presse nous recevons de madame E. C., de Bordeaux, l'estimable auteur de *l'Éducation maternelle et des Entretiens journaliers sur le Spiritisme*, une nouvelle brochure intitulée *ESQUISSES CONTEMPORAINES*, mélange de prose et de poésie.

Nous regrettons que le temps et l'espace nous manquent pour en parler plus longuement, mais nous nous proposons d'y revenir dans un prochain numéro.

Le produit de la vente de cette brochure étant destiné à venir en aide à une œuvre essentiellement philanthropique et moralisatrice, nous considérons comme un devoir de nous rendre au désir de notre honorable correspondant en nous chargeant du placement de l'ouvrage sans aucune remise.

Nous sommes persuadés que les spirites tous partisans de la gratuité de l'enseignement, s'empresseront de saisir cette occasion de contribuer au progrès de l'idée lorsqu'ils sauront qu'il s'agit de la fondation à Bordeaux d'une école primaire et professionnelle gratuite pour les filles, — que l'abandon de la famille, les mauvais exemples et la misère vouent inévitablement au vice *adès* et parfois *avant* qu'elles sortent de l'enfance, — ainsi s'exprime Madame E. C. dans sa lettre d'envoi.

Le prix de l'ouvrage est de 1 fr. ; par la poste 1 fr. 10 cent.

Revue Spirite, 1870, p. 295

Ele é formado por *mesclas (mélanges)* de *prosas e poesias* e é devido à pena simpática de Mme. É. Collignon, e o produto de sua venda está destinado a servir a uma obra essencialmente *filantrópica e moralista*:

“A fundação em Bordeaux de uma escola primária e profissional gratuita para as meninas. O preço da obra é de 1 franco”.⁹⁰

Este projeto tinha, evidentemente, o apoio da Espiritualidade, em especial do Espírito Jean, dito *Bahutier*,⁹¹ que cuidava da obra de forma imediata, inclusive ditando mensagem de apoio e esclarecimento. Em 23 de março de 1872, Mme. Collignon envia à *Revue Spirite* um *Apelo aos espíritas do mundo*, em favor da causa da *escola*, precedido de duas comunicações deste Espírito protetor. Inicialmente escreve a redação:

“A Sra. Émile Collignon, de Bordeaux, nossa inteligente e infatigável irmã espírita, envia-nos duas comunicações do Espírito *Jean, dito Bahutier*, Espírito elevado que a secunda nos seus generosos esforços para divulgar a instrução nas classes deserdadas, seja através de escolas para as meninas pobres, seja por meio de cursos para mulheres adultas, a serem estabelecidos nos quatro cantos diferentes da cidade. Os espíritas que quiserem atender a esse urgente apelo, trata-se aqui de preencher uma das obrigações sagradas aceitas pelos adeptos de Allan Kardec.

“Os pedidos, EM NOME do trabalho de que falamos sob o título *Deus*, extraídos dos *Esquisses contemporaines* (*Revue*, 1871, p. 63) devem ser dirigidos à Sra. Collignon, Rua Sauce, 12, em Bordeaux (Gironde)” – Ver RS, 1872, p. 212 – Trad. Luciano dos Anjos.

Em seguida, são transcritas as duas mensagens espirituais, que vale a pena serem conhecidas. *Primeira*:⁹²

“Deixa-me aproveitar a autorização que me é dada para dizer algumas palavras à médium:

“Importa não hesitar; é chegada a hora de colocar o machado na velha árvore que, tal como está, tomba em ruína e, abatida, desbastada, esquartejada, pode servir ainda para sustentar a cumieira do edifício.

⁹⁰ Muitas instituições de beneficência têm no livro o seu sustento. Um exemplo é a *Mansão do Caminho*, em Salvador-BA, do nosso Divaldo Pereira Franco, um adepto de Roustain; nela a venda de abençoados livros espíritas é uma das colunas de sustentação.

⁹¹ *Bahutier*: produtor de cofre, baú, malas, armários rústicos, etc.

⁹² Trad. Luciano dos Anjos.

“É tempo de concentrar todos os vossos esforços no sentido da instrução popular, esta fonte de paz e de prosperidade que unicamente os cegos voluntários negam e repelem.

“É tempo de formar uma vasta associação destinada a malquerença, a suprir o atraso do Estado e a fazer marchar para frente, sempre em frente, a inteligência, a razão, a fé, a moral.

“Não tenhas nenhum medo, amiga; sou eu quem te estimula. Não te direi: Tu serás sempre bem-sucedida; mas apenas: Quando o pensamento for bom, eu te sustentarei; quando te sentires insuficiente, eu te inspirarei. Esforça-te para fazer crescer, em tua esfera, o desenvolvimento da instrução; fala, em teu meio, sem cessar e sempre, da necessidade da instrução; não há pequenos esforços na grande obra da renovação: são os átomos aglomerados que produzem os mundos”.

Jean Bahutier (pp. 212-3).

A *segunda* comunicação⁹³ também é muito instrutiva:

“Não te admires de reencontrar meu nome todas as vezes que fores impelida na vida da instrução popular; é obra para mim mesmo. Não sabes o que seja o terrível suplício de morrer à mingua de conhecimento: este suplício tenho de padecer.

“Antes, numa existência em que eu podia espalhar luz em abundância, empreguei todos os recursos de minha inteligência para engrossar as trevas que eu aproveitava. Para expiar, tive de recomeçar num meio refratário aos instintos e às necessidades da minha alma. Pleno de desejos de saber, com muita sede de aprender, eu era como essas árvores cheias de seiva que uma mão criminosa arranca, esmaga, sufoca os brotos que produziriam flores e frutos em abundância, deixando em seu lugar somente feridas, por onde esta seiva generosa escorre acre e quente, dessecando o galho que a sustinha.

“Meu nome te indica o meio no qual vivi: homem do campo, tendo passado a maior parte da minha vida numa cidade⁹⁴ onde eu sufocava, onde eu acreditei poder me expandir pelas ruas estreitas e

⁹³ Trad. Luciano dos Anjos.

⁹⁴ Nota do original francês: *A primeira vez que este Espírito se manifestou foi numa reunião composta quase inteiramente de aldeões. Ele se apresentava todas as vezes que eu ali ia. Jean Bahutier se manifestou imediatamente após uma evocação dirigida aos Espíritos superiores.*

[É evidente que esta nota é de Émilie Collignon. Penso que esta reunião, composta quase inteiramente de aldeões, ocorreu no Grupo Roustaing, em Tribus (os autores)].

salas das cidades de então (falo-te de há quase duzentos anos), lá encontrei também o sofrimento, pois, mesmo na modesta profissão de *bahutier* que eu exercia, a ignorância e a rotina entravavam meus menores ensaios para delas sair. O que eu sofri eu sinto ainda; eis por que estarei sempre onde esforços forem tentados de forma a evitar este sofrimento para outros Espíritos.

“É por isso que te digo: não te desencorajes, ri dos zombadores, afronta a crítica e marcha para a frente, no atalho da dedicação e do dever.

“Eu me retiro, agradecendo aos Espíritos venerados que acharam por bem autorizar a te falar”.

Jean *ditto* Bahutier (p. 213-4).

Em seguida a *Revue Spirite* transcreve o *apelo*⁹⁵ muito significativo de Émilie Collignon:

APELO AOS ESPÍRITAS DO MUNDO

“A todos vós, meus irmãos em crença, amigos devotados da humanidade, servidores infatigáveis do progresso, espíritas enfim, eu venho fazer um apelo.

“Ajudai-me no empreendimento duma obra para a qual, sem vós, eu serei impotente; mas que convosco eu poderei, estou segura de que poderei levá-la a bom termo.

“Em princípio de 1870, projetei criar em Bordeaux uma escola para meninas pobres, essas pessoas acorrentadas ao vício, possuídas pela miséria e freqüentemente pelos maus exemplos, os maus conselhos. A guerra⁹⁶ tem estendido seu véu de sangue sobre esta esperança; mas hoje, mais do que nunca, eu queria fazer reviver essa esperança, transformá-la numa realidade.

“Conto convosco, porque vós sois espíritas, porque sabeis, vós, melhor que ninguém, os deveres que nos competem com vistas a nossos irmãos. Porque sabeis, vós, que o Espírito não tem sexo, que aquele que reveste um invólucro de mulher está mais sujeito a falir, em certas condições, não porque ele vale menos, mas porque este invólucro paralisa freqüentemente sua energia; porque sabeis que é uma obrigação severa para nós ajudar-nos mutuamente para sairmos vitoriosos da luta.

“A vós, pois, eu me dirijo. Coloquei à venda, antes da guerra, uma brochura cujo produto era necessário à instalação de uma escola.

⁹⁵ Tradução Luciano dos Anjos.

⁹⁶ Refere-se à guerra da França com a Prússia: 1870-1871.

Uma parte dos exemplares foi empregado nas necessidades urgentes da época dolorosa que vimos de passar. O resto, eu vos peço para tomá-lo a si. Que é um franco para dar, quando se pensa que, numerosos como somos, esse franco, multiplicado por toda a vossa boa vontade, poderá fornecer às crianças infelizes o pão da inteligência, ao mesmo tempo que o do corpo, a vestimenta indestrutível da alma. Isto é, a moral, ao mesmo tempo que a vestimenta quente para os membros.

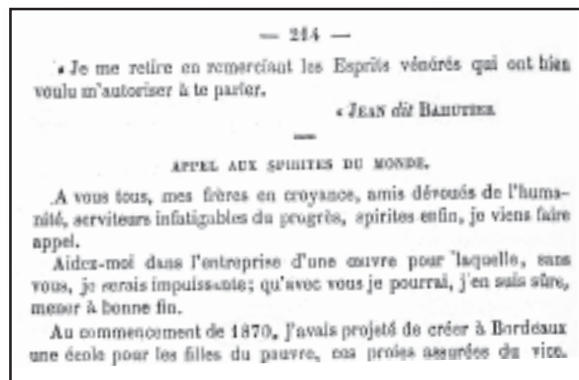
“Conto, portanto, convosco, meus irmãos, e não apenas por este ano, mas por aqueles que se seguirão, e, se concordardes em me oferecer vosso concurso, espero vos oferecer, no próximo ano, algumas comunicações deixadas nos cadernos que nosso venerado Allan Kardec leu e aprovou.

“A fim de evitar os custos de Correio, as remessas poderão ser centralizadas com os chefes de grupos, aos quais expedirei as quantidades de brochuras pedidas.

“Tão logo a escola esteja funcionando (na volta às aulas, se os fundos forem suficientes), a Revista Espírita vos informará, no final de cada ano, o resultado dos trabalhos e o emprego das somas devidas ao vosso fraternal concurso”.

“Vossa irmã em crença.”

Émilie Collignon (pp. 214-5).



Apelo aos espíritas do mundo – *Revue Spirite*, 1872, p. 214

Em agosto de 1872, um mês depois, a *Revue Spirite* continua, através de uma carta de Mme. Collignon, a falar do projeto escolar:

“Caros senhores,

“Recebi, neste momento, um cheque de cem francos. O anônimo, que generosamente quer participar da nossa obra, pede-me para acusar o recebimento, o que me apresso a fazer, pedindo-lhes exprimir todo o meu reconhecimento a esse irmão... ou essa irmã em crença.

“Queira assim receber, juntamente com os membros do comitê diretor, meus agradecimentos pela publicidade que a Revista deu ao nosso projeto da escola. Se nossos irmãos o tomarem de coração, ele será bem-sucedido e eu ficarei ao mesmo tempo muito feliz, pois a idéia poderá criar raízes noutros lugares.

“Amemo-nos, ajudemo-nos, façamos *aos outros aquilo que queremos que os outros nos façam*, e nossa querida doutrina será bem cedo procurada por todos e regenerará o mundo; teremos assim pregado pelo exemplo, única maneira de fazer adeptos sérios.

“Adeus senhores e irmãos,”

Émilie Collignon.

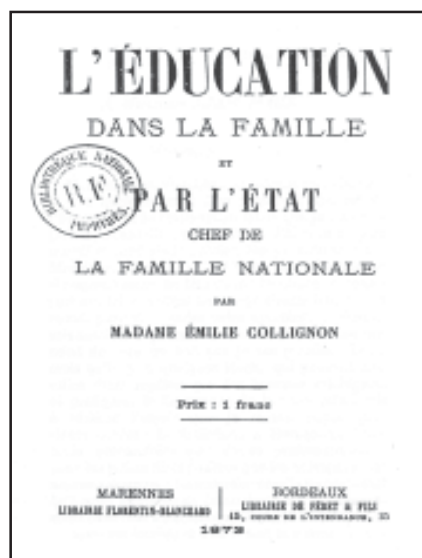
Em 1873, Émilie Collignon faz mais um grande esforço para a concretização de seu projeto de instalação da escola, ao publicar o seu quinto livro, se incluímos *Les quatre évangiles*, a brochura intitulada *L'éducation dans la famille et par l'état – chef de la famille nationale* (A educação na família e pelo estado – chefe da família nacional). Esta obra nos foi enviada pela *Bibliothèque Nationale de France* – BNF, e traz as seguintes informações: Em Marennes, estava posta à venda pela *Librairie Florentin-Blanchard* e, em Bordeaux, pela *Librairie de Fêret & Fils*, 15, cours de L'intendance.

Inicialmente, temos uma apresentação da Sra. Collignon, que aborda os objetivos que se pretende alcançar com esta publicação, e a instalação de sua *Ouvroir-école*⁹⁷; depois, segue uma carta de apresentação do trabalho, feita por Jean Macé, o fundador da *Liga de ensino*. Inclusive, Émilie Collignon diz que Jean Macé será o *passaporte* para a divulgação de sua *Ouvroir-école* e, também de sua brochura: uma espécie de *aval*.

Ao todo são 44 páginas, que tratam de assunto ultramoderno: *A educação na família*, *A família na escola primária*, *A instrução obrigatória*, *Deveres do Estado – chefe da família nacional*, *A gratuidade da instrução*, *A ciência na escola: a religião na igreja*, *O que será no futuro*, *Objecções*, *O que é: o que será* [a educação], *A*

⁹⁷ Uma tradução seria: *instituto de beneficência escolar*, *escola operária* ou *escola profissionalizante*.

questão do dinheiro, A nação é a família coletiva, Aos egoístas, O que o homem pode, o que ele deve fazer [em educação]. Estes temas mostram o quanto Émilie Collignon era antenada com a vanguarda.



A *Revue Spirite* saudou o lançamento de mais um grande trabalho da generosa médium do Evangelho redivivo, e reforçou a importância da escola, que visava em seu *curriculum* à preparação para a profissionalização:

“OUVROIR-ÉCOLE PREPARATÓRIA ÀS ESCOLAS PROFISSIONAIS

“A Sra É. Collignon, Rua Sauce, 12, em Bordeaux, (Gironde), mantém a firme vontade de abrir sua *ouvroir-école*, instituição tipo que tem por objetivo recolher as meninas abandonadas, quer seja devido às más influências da miséria, quer pela negligência de seus pais; de apresentar aos centros populosos o modelo de uma *Société de Tutelles*, que levará as mulheres portadoras de gestos de beneficência a afastar a juventude das armadilhas estendidas sem cessar pela vida.

“A Sra. É. Collignon enviará a todos que o solicitarem os estatutos da *ouvroir-école*, bem como sua brochura intitulada *L'éducation dans la famille*, contendo 44 páginas interessantes, instrutivas, plenas de belas idéias, ditadas pelo coração e cuja aplicação é fácil. A *Revista* possui um estoque dessas brochuras, vendidas a 1 franco, em benefício da obra. Proximamente daremos dela um resumo textual” (RS, 1873, maio, p. 164. Trad. Luciano dos Anjos).

OUVROIR-ÉCOLE PRÉPARATOIRE AUX ÉCOLES PROFESSIONNELLES.

Madame E. Collignon, rue Saxe, 12, à Bordeaux (Gironde), a toujours la ferme volonté d'ouvrir son ouvroir-école, véritable type qui a pour but de soustraire les petites filles abandonnées, soit aux mauvaises influences de la misère, soit à l'insouciance de leurs parents; de présenter aux centres populaires l'exemple d'une Société de Filles, qui engage les femmes parées aux actes de bienfaisance, à dévouer la jeunesse des péchés tout au moins par la voie.

Madame E. Collignon ouvrira à tous les demandeurs les statuts de l'école-ouvroir, ainsi que sa brochure intitulée: *L'Association dans la famille*, contenant 44 pages intéressantes, instructives, pleines de belles idées, dictées par le cœur, et dont l'application est facile. La brochure peut être envoyée en dépôt de ces brochures, vendues 1 franc, au profit de l'Œuvre. Prochainement, nous en donnerons un extrait textuel.

Anúncio da ouvroir-école – *Revue Spirite*, 1873, p. 164.

A promessa da *Revue Spirite* de um resumo textual da brochura acabou não se concretizando; acredito que pela grande reviravolta em sua administração, causada pela demissão do Sr. Bittard e a entrada como *Le secrétaire-gérant*, de P.-G. Leymarie (ver RS, 1873, junho, p. 165).

A guerra com a Prússia, porém, causou muitos danos na economia francesa, deixando o bolso das pessoas desprovido de recursos para ajudarem no projeto de Émilie Collignon. Aliás, o Espírito Jean, *dito* Bahutier, já a havia alertado, que *nem sempre ela seria bem-sucedida* neste projeto-escola. Assim, mais uma vez, ela, numa carta, alcança as páginas da *Revue Spirite*, em 1876, onde lamenta não ter podido ainda concretizar o projeto da sua *ouvroir-école*, mas que se encontrava engajada, à frente da direção de uma escola e de uma creche, em Bordeaux, mantidas por uma *instituição independente*. Acompanhemos sua longa carta de esclarecimento, com um título deveras significativo:

Hors la charité point de salut.

—

Chers Frères et Sœurs en croyance,

Vous souvient-il qu'en juillet 1872 je vous adressai un appel en faveur des petites filles pauvres que j'aurais voulu réunir dans un — ouvroir-école — où, sous la tutelle de dames dévouées à l'œuvre, elles auraient fait leur éducation, auraient appris un état et n'auraient été livrées aux chances de la vie que lorsqu'elles auraient été assez fortes, assez éclairées, assez moralisées pour pouvoir se sauvegarder elles-mêmes?

Malheureusement, nous sortions à peine de la terrible crise qui a fait saigner tant de cœurs! Les bourses s'étaient épuisées à fournir aux besoins les plus pressants... Quelques Frères seulement me répondirent, et je leur exprime

Parte da página da *Revue Spirite*, 1876, p. 127

“Fora da caridade não há salvação
 “Caros irmãos e irmãs em crença.
 “Estais lembrados de que, em julho de 1872, eu vos dirigi um apelo em favor das meninas pobres que eu queria reunir numa *ouvroir-*

école, onde, sob a tutela de senhoras dedicadas à obra, elas seriam educadas, adquiririam uma posição e não ficariam entregues à sorte da vida, até quando estivessem fortes, esclarecidas, bastante moralizadas para poder se proteger sozinhas?

“Infelizmente, mal saímos da terrível crise que tanto sangrou os corações!⁹⁸ Os bolsos estão exauridos pelas necessidades mais prementes... Apenas alguns irmãos me responderam, e eu lhes exprimo aqui todo o meu reconhecimento; mas eles foram tão poucos, que nada seria possível tentar. De resto, isto não me surpreende, pois o Espírito Jean Bahutier, que mais me impelia a tomar essa iniciativa, havia dito que eu não seria bem-sucedida, mas que eu lançaria a semente ao vento, que ela seria recolhida e cultivada por outros que a farão frutificar. Jean Bahutier tinha razão: uma instituição independente, em Bordeaux, que já protege certo número de aprendizes, criou uma escola para meninas aprendizes, internando-as desde a idade de sete anos para instruí-las. Aos doze ou treze anos, elas farão aprendizado em ateliês, conhecidos e selecionados, freqüentando os cursos da escola duas vezes por semana. Cada garotinha tem por tutora uma senhora do comitê, por ela de alguma sorte responsável e que deve fiscalizar sua conduta, seus progressos, visitar seus pais, exercer, enfim, a sua tutela até que a jovem menina esteja formada ou casada.

“Independente da escola, foi aberta uma creche num dos mais pobres bairros de Bordeaux. Lá, as crianças são recebidas desde seus primeiros dias, são vestidas, alimentadas, quando o leite da mãe é insuficiente ou quando são desmamadas, tratadas, se estão doentes, etc.; e, como na escola, esses pobres seres infantis tão miseráveis – que deixam de ter atenções quando a mãe trabalha ou que deixam de ter tudo quando ela não tem trabalho – são protegidos, assim, pelas senhoras da instituição. Cada criança tem sua tutora, sua ativa fiscal, não unicamente dela, mas de sua família, onde bons conselhos e uma caridade moral consistente poderão, às vezes, trazer de novo a ordem e a paz que ali eram desconhecidas ou que a miséria afastou.

“Colocada à testa dessas duas obras, que se completam uma à outra, julguei de meu dever falar-vos para que possais delas participar. Espíritas, a nós, sobretudo, cabe meter mãos à obra para fazer progredir nossos irmãos em humanidade. Libertar o obscurantismo, preservar da miséria, arrancar da ignorância, salvar do vício as crianças que nascem em torno de nós é preencher um dever sagrado, é preparar a regeneração das massas, pois cada um desses pequenos seres fará descendentes em seu redor e descendentes

⁹⁸ A guerra com a Prússia.

honestos, inteligentes, sábios, graças aos cuidados que nós lhes teremos dispensado. Mas, ah! São tão poucas nossas crianças! Dez na creche, outro tanto na escola, e isto porque faltam fundos para aumentar-lhes o número. Vinte ao todo. É quanto se conta entre aqueles que precisam de nós! E nem há salas suficientes para asilar e receber aqueles que são demasiado grandes para a creche e demasiado pequenos para as escolas.

“Irmãos, eu vo-lo digo ainda como há quatro anos: nós nos contamos aos milhares. Se cada um quiser me assegurar somente um franco que fosse por ano, vede quantas crianças nós poderemos recolher, quantas ficarão vos devendo, não apenas seu bem-estar material, mas seu progresso espiritual!

“O dinheiro, a mim confiado por alguns de vós para a *ouvroir-école*, não foi bastante para fundá-la. Entretanto, foi empregado com o fim que vós propusestes: uma parte ajudou a colocar, no orfanato do respeitado Sr. Prévot, um órfão espírita; o restante vai dotar a creche de um berço com grade e um leito de repouso para as crianças que começam a andar. Estes dois objetos levaram cada um: *ofertado por espíritas*.

“Termino, caros Irmãos e Irmãs em crença, insistindo ainda quanto a meu pedido.

“Se nossas doutrinas provocam o riso dos tolos, convém que nossas obras recomendem o respeito dos sábios”.

Émilie Collignon

(RS, 1876, abril, pp. 127-8. Trad. Luciano dos Anjos).

Espírito dinâmico, Émilie Collignon mantinha-se sempre atuante na causa que abraçara. Ao mesmo tempo que trabalhava por seu intento da *ouvroir-école*, presidia uma creche e escola, com vinte crianças, mantida por uma *instituição independente*, que logo veremos ser a maçonaria. Por isso Roustaing, em seu segundo testamento fala: *Dôo e lego à senhora Collignon, na sua qualidade de presidente da obra de aprendizes, obra das lojas maçônicas*.

A carta fala também do *orfanato do respeitado Sr. Prévost*. Este orfanato ficava em Cempuis, no departamento de Oise. Prévost era membro da *Sociedade Espírita de Paris*, e, se o leitor desejar saber mais sobre ele e seu exemplo espírita cristão, e a opinião de Kardec sobre sua obra, solicito buscar na *Revue Spirite*, FEB, outubro de 1863, pp. 410-415. O menino que Collignon encaminhou para esse orfanato chamava-se Félix, como veremos mais adiante. Ele precisou ser transferido para este abrigo porque a escola de aprendizes que Émile Collignon presidia, dos maçons, era para meninas.

Por fim, a direção da *Revue* acrescenta numa nota:

“Possa esta tocante prece, este apelo aos mais nobres pensamentos, ser ouvida e vivamente encorajada.

“Nossos amigos terão a bondade de encaminhar seu donativo à nossa Irmã, tão estimável sob todos os títulos, para Bordeaux, Rua Sauce, 12” (p. 128).

Lendo muita coisa sobre os primórdios do espiritismo, constatamos, algumas vezes, que nem sempre a relação era amistosa dos maçons para com os espíritas. Havia muito preconceito e discriminação. Ora, estes maçons, que mantinham a creche e a escola presidida por Émilie Collignon, por uma questão de escrúpulo, não vão aceitar as doações, do berço e do leito, porque nelas estavam gravadas as palavras: *ofertado por espíritas*. Acompanhemos o *Aviso na Revue Spirite*:

“A Sra. Collignon nos comunica que a Creche maçônica de Bordeaux declinou da oferta feita pelos espíritas, de um berço e uma cama de campanha que ela havia tomado a iniciativa de doar. Ela pede às pessoas que contribuíram com fundos para esse donativo que os reclamem de volta com a Sra. Collignon, na Rua Sauce, 12, em Bordeaux” (RS, 1876, julho, p. 232).

É muito honesto da parte de Collignon devolver o dinheiro aos espíritas colaboradores; porém, é muito mais correto ocultar a fonte da doação, e por amor, não deixar de atender às crianças, as verdadeiras necessitadas. Afinal, a regra da caridade é sempre a do não *saiba a vossa mão esquerda o que deu a direita*. Émilie, refletindo, rapidamente reverteu a situação, e pede a *Revue Spirite* que publique mais um *Aviso* complementar. A. Bourgués, *Le directeur-gérant*, que substituíra Leymarie, que se encontrava condenado e preso, em decorrência do escandaloso *Processo dos espíritas*, foi quem redigiu o *aviso*:

“Conhecemos todo o devotamento e o interesse que a Sra. Collignon tem pelo Espiritismo; conhecemos o bem que ela faz em nome dele, a fim de fazê-lo amado, e, sobretudo a profunda caridade que a anima... Assim, lamenta que a creche maçônica de Bordeaux tenha recusado a oferta de um berço e uma cama de campanha, porque ela pretendeu colocar esse donativo em nome dos espíritas.

“A Sra. Collignon nos oferece um ensinamento. Ela deu a soma de dinheiro que havia recolhido à destinação que lhe houvera primitivamente reservado, porém sem a indicação da origem.

Procedeu bem e nós a felicitamos. Cabe, sobretudo aos espíritas, fazer a caridade sem *étiquette*” (RS, 1876, agosto, p. 264. Trad. Luciano dos Anjos).

Por fim, a *Revue Spirite* manda publicar, em 1877, a prestação de contas de Émile Collignon quanto aos valores recebidos:

— 231 —

Madame Collignon à ses coopérateurs

Je vous adresse le résultat obtenu par la coopération de nos frères en Spiritisme. En 1872 et 1873, j'ai reçu 460 francs; en 1876, 131 francs, soit 591 francs.

J'ai employé 349 francs, d'une part, à soutenir un petit enfant abandonné chez sa nourrice depuis la fin de 1872. La pauvre femme, quoique ayant de la famille, n'a pas voulu laisser au hasard ce petit être qui eût été mis aux enfants trouvés, où il serait mort vu sa faiblesse de constitution.

J'ai employé 60 francs pour compléter le petit dot de Félix, un gentil garçon que nous avons placé à Cempuis (Oise), dans la maison de refuge de notre regretté M. Prévot.

20 francs ont été remis au trésorier de la crèche, à Bordeaux; il y a d'autres menus frais dont je rendrai compte à mes généreux donateurs.

Vous savez que j'ai voulu créer un lit à la crèche de Bordeaux, et que les personnes qui en ont la direction refusent, parce que la somme employée à cet objet vient des Spirites!

Recevez, messieurs, l'expression de mes sentiments fraternels.

EMILE COLLIGNON, rue Saussure, à Bordeaux

Prestação de contas – *Revue Spirite*, 1877, p. 231.

“A SRA. COLLIGNON AOS SEUS COOPERADORES

“Comunico-vos o resultado obtido pela cooperação de nossos irmãos em Espiritismo. Em 1872 e 1873, recebi 460 francos; em 1876, 131 francos, ou seja, 591 francos.

“Empreguei 349 francos no sustento de um menino abandonado em casa de sua ama de leite desde o fim de 1872. A pobre mulher não quis largar ao azar esse pequeno ser que, embora tendo a família, foi colocado entre as crianças achadas, onde morreria em vista de frágil constituição.

“Empreguei 60 francos para completar o pequeno dote de Félix, esse bom menino que colocamos em Cempuis (Oise), no asilo do nosso pesaroso Sr. Prévot.

“20 francos foram recolhidos à tesouraria da creche, em Bordeaux; há outras despesas miúdas das quais darei conta a meus generosos doadores.

“Sabeis que eu quis doar um leito à creche de Bordeaux, e que os seus dirigentes o recusaram, porque a soma empregada com esse objetivo vinha dos Espíritas!

“Recebei, senhores, a expressão de meus sentimentos fraternos. Émilie Collignon, Rua Sauce, em Bordeaux” (RS, 1877, julho, p. 231. Trad. Luciano dos Anjos).

É lamentável o preconceito destes maçons, em específico: aceitavam que Émile Collignon, como espírita, presidisse a escola e a creche, mas eram intransigentes com relação a doações identificadas como de espíritas. Aceitar *doações* passa a imagem de carência e fraqueza, logo, inferioridade. Aceitar o *serviço* de uma espírita, mesmo no posto de Presidente, passa a imagem da superioridade de um grão senhor (a maçonaria), frente à inferioridade do administrador (Mme. Collignon). Ah! Os homens, não conhecemos nada da lei de amor e humildade.

Émile soube calar para servir. Servir sem fronteiras, por amor, como recomenda Cristo. Que mulher! Que mãe! Que espírita!

Seu exemplo sensibilizou os espíritas sinceros de seu tempo. P.-G. Leymarie, inclusive, em sua visita a Bordeaux, em 1881, não deixou de ir visitá-la:

“Antes de deixar Bordeaux vimos alguns dos nossos amigos espíritas... nós pudemos conversar com Mme. Collignon” (RS, 1881, 442).

É desta grande pioneira espírita e educadora que J. Malgras escreve:

“Senhora Collignon (Émilie), mãe de um dos nossos mais simpáticos prefeitos, morta em 1902. Ela foi a célebre médium que escreveu para J.-B. Roustaing, chefe da ordem dos advogados de Bordeaux, os famosos *Evangelhos revelados* e dos quais certas visões originais foram vivamente combatidas e contestadas por grande número de espíritas. É justo acrescentar que, longe de favorecer suas opiniões pessoais, ela era claramente oposta a certas revelações das quais não foi senão a intérprete meramente mecânica” (*Os pioneiros do espiritismo*, p. 94).

Novamente temos interessantes pontos para analisar. Inicialmente, vejamos a informação de ser ela *intérprete meramente mecânica*. Vejamos um exemplo interessantíssimo de como

funcionava em Collignon este tipo de mediunidade. O ditado era mecânico, porém ela permanecia consciente e questionava tudo que não fosse filtrado pela sua razão, o que dava grande veracidade ao recebido.

O Espírito Marguerite ditou a Mme. Collignon, certa vez, duas mensagens (*Les obstacles* e *Le paysan et le bon curé*, respectivamente), em datas diferentes, sendo que a *primeira* veio num traçado e linguagem normais; a *segunda*, porém, foi bem diferente. O Espírito se manifestou com o linguajar de uma criança, e usava da pena guardando certa travessura. Ela foi ditada numa pequena reunião, na presença do Sr. Armand Lefraise, num domingo, em 29 de maio de 1864. Ele as publicou, com um esclarecimento seu seguido de um comentário do mentor de Émilie Collignon, no seu periódico *Le sauveur*. Acompanhemos, inicialmente, o esclarecimento do Sr. Lefraise sobre a captação desta 2ª mensagem:

“A segunda foi obtida há oito dias, em nossa presença, durante uma pequena reunião. Ela foi totalmente traçada em menos de dez minutos, apesar da dificuldade que o Espírito comunicante impunha ao médium, obrigando-o a escrever com o verso do bico da pena, posição que era imediatamente retornada quando a médium a colocava na posição natural; enfim, apesar da extensão e da bizarrice da sua ortografia e de seu estilo que, nós sabemos, não é a forma comum obtida pela médium” (*Le sauveur*, domingo, 5 de junho de 1864, p. 2).

Iniciada a comunicação, a médium *resiste*, o Espírito *persiste*, e o Sr. Lefraise coloca uma observação entre parênteses, transcrevendo as ponderações do Espírito frente às dificuldades impostas pelo médium:

“(O Espírito que fazia a médium escrever com a pena invertida foi interrompido porque ela obstinava em manter a *pena* na sua forma normal) – Não, eu prefiro desta forma, retomando a pena entre os dedos do médium – Eis então o que eu desejo vos escrever: É preciso não me interromper, porque desta forma eu perderei o fio da palavra” (p. 3).

Por fim, o Sr. Lefraise dá mais esclarecimentos e transcreve o comentário do mentor de Émilie Collignon, que esclarece o motivo da forma do ditado e aproveita para iluminar seu conteúdo:

“O médium, espantado pelo esforço que lhe havia imposto o Espírito, através de um estilo estranho e pela própria persistência dele, apesar da oposição do médium em lhe fazer manter a *pena* no

sentido natural de escrever, pensava que se tratava de um Espírito leviano, simples, em decorrência da forma do ensino, apesar do fundo lhe parecer extremamente de grande seriedade.

“Para tirar a dúvida do médium, o guia lhe fez escrever o que se segue:

“É um exemplo dado, cara criança. O Espírito que se comunicou não está carregado do fardo de ignorância que parece portar; mas ele desejou lhe fazer o *quadro* de sua última existência, conservando toda a sua originalidade. Como ele vos disse, é um grande ensino que aí deve ser transmitido. Os homens são, em geral, em todas as classes, o que fazem os seus superiores. Escolhe, pois, cuidadosamente, o chefe de família, os instrutores, os professores, os guias que vocês vão dar aos vossos filhos, pois das impressões da idade mais jovem dependem todos os sentimentos do futuro”.

JOSEPH (pp. 3-4).

Agora podemos melhor analisar o que o Sr. J. Malgras quis dizer sobre a aceitação de Émilie Collignon frente a algumas partes de *Les quatre évangiles*:

“Ela era claramente oposta a certas revelações das quais não foi senão a intérprete meramente mecânica”.

Isto quer dizer que ela não aceitava na íntegra todas as passagens desta magnífica obra. Dado o seu tipo de mediunidade mecânica, é tudo muito natural e fortalece, inclusive, a própria revelação. É uma prova da autenticidade.

Tudo ocorre então à semelhança da mensagem recebida do Espírito Marguerite: A médium não concorda, porém não participa com sua interferência, e a mensagem é materializada no estilo e na característica do Espírito comunicante. Assim também é no caso de *Os quatro evangelhos*: a médium não concorda com o *corpo fluídico* de Jesus, e resiste. Apesar disto, ela não interfere no ditado com idéias pessoais, e tudo é comunicado segundo a determinação do Alto.

Até com a suposição de que o Espírito Marguerite era leviano, como pensou inicialmente a médium, no fim tudo se esclareceu, pela profundidade da substância e pela revelação do seu próprio mentor. Com o caso Roustaing não foi diferente. Tudo fica claro, quando se observa a unidade harmônica das mais de 1870 páginas, e da sua total relação com os princípios evangélicos-doutrinários. Acompanhemos o que escreveu sobre este assunto o Sr. René Caillé, um dos adeptos mais esclarecidos de Roustaing:

“Esta senhora foi, desde então, o único Médiu que serviu à grande Revelação. Ela não emitiu nenhuma opinião que lhe fosse pessoal, muito ao contrário, porque a idéia do Cristo agêner, encarnado somente como Espírito e por via exclusiva de tangibilidade, lhe repugnava à razão. Entretanto, a Sra. Collignon resistia, recusava-se, por assim dizer, em servir de instrumento aos Espíritos que começava a ver como impostores, e que, entretanto, ao contrário, eram Espíritos elevados, vindos nos tempos preditos para revelar o que ficara oculto até então. A Sra. Collignon cria e crê ainda, parece, que a Encarnação do Cristo foi análoga àquela de todos os homens de nosso Planeta e não pôde compreender a necessidade de uma derrogação na regra geral da encarnação dos missionários da Humanidade. Relata-nos o Sr. Guérin, o amigo e fiel discípulo de Roustaing, que “acontecia muitas vezes, durante os ditados medianímicos, que o pensamento dos inspiradores desse trabalho, verdadeiramente providencial, ficava como que paralisado em sua livre manifestação, por causa dessa hostilidade pessoal da Médiu em aceitar essa nova teoria, contraditória com aquela que era o objeto de suas preferências”. O Sr. Roustaing me disse também muitas vezes que perseverança e que dedicação lhe eram necessárias para prosseguir o trabalho e encorajar a Médiu, quando os Espíritos lhe faziam escrever por assim dizer mecanicamente: *A Médiu resiste*.

“É certo que há em toda esta revelação três fatos eminentemente notáveis:

“1º A homogeneidade constante do pensamento, sempre elevado, dos Espíritos Inspiradores sem que nenhuma intervenção estranha viesse fazer suspeitar a origem;

“2º A resistência da Médiu à manifestação do pensamento dos Espíritos, quando emitiam sobre o tema da natureza do Cristo uma teoria antipática às suas convicções;

“3º As manifestações espontâneas feitas a Roustaing antes que conhecesse a Sra. Collignon e que se pode ler no prefácio de seu livro *Les quatre Evangiles*” (*Os Evangelhos explicados em espírito e verdade, análise e resumo*, pp. 42-4).

Por fim, seguindo o comentário de J. Malgras, citado acima, Émilie desencarnou em 1902. Os últimos anos de sua produtiva existência foram passados na bucólica cidade de Saint-Georges-de-Didonne, em Charente-Maritime, junto a familiares de Charles Collignon, o seu digníssimo esposo. Nestas terras era predominante o espírito protestante. No lindo e significativo dia 25 de dezembro de 1902, ela desencarna com 83 anos. A certidão de óbito, encaminhada pela prefeitura, em 16 de junho de 1997, registra os seguintes fatos:

“Falecimento de Émilie-Aimée-Charlotte Bréard viúva Collignon. No dia vinte e cinco de dezembro de mil novecentos e dois, às nove horas da manhã, diante de nós, Pelletan Semion Eugène, prefeito oficial do Estado civil da comuna de Saint-Georges-de-Didonne, cantão de Saujon, departamento da Charente-Inférieure, compareceram Armand Camus, de quarenta e dois anos, morando em Saint-Georges-de-Didonne, profissão de doutor em medicina, que disse não ser parente da defunta; e Adolphe Autrusseau, de cinqüenta anos, morando em Saint-Georges-de-Didonne, profissão de professor primário, que declarou não ser parente da defunta; os quais declararam que Émilie-Aimée-Charlotte Bréard, sem profissão, faleceu nesta comuna, hoje, às cinco e meia da manhã, em seu domicílio, com a idade de oitenta e dois anos, nascida em Anvers, (dept.) Bélgica, viúva de Charles-Paul Collignon, morando em Saint-Georges-de-Didonne, filha do falecido Paul-Damase Bréard e da falecida Aimée-Marie-Célestine Hubert, e os declarantes assinaram conosco o presente ato, após ter sido feita a leitura para eles”.

DÉCÈS de Émilie-Aimée-Charlotte Bréard V^e Collignon

L'an mil neuf cent *deux* ; le *vingt-cinq* du mois de *décembre* sur les *neuf* heures du *matin* ; pa devant Nous *Pelletan Semion Eugène, maire,*

Officier de l'Etat-civil de la commune de *Saint-Georges-de-Didonne* canton de *Saujon* département de la Charente-Inférieure, sont comparus *Armand Camus* âgé de *quarante-deux* ans, demeurant à *Saint-Georges-de-Didonne* profession de *Docteur en médecine* qui a dit être *son parent de la défunte*; et *Adolphe Autrusseau* âgé de *cinquante* ans, demeurant à *Saint-Georges-de-Didonne* profession de *professeur primaire* qui a dit être *son parent de la défunte*; lesquels ont déclaré que *Émilie-Aimée-Charlotte Bréard* profession de *aucune*

est décédée dans cette commune, le jour, à *vingt heures et demie de matin*, à son domicile

âgé de *quatre-vingt-deux* ans, né à *Anvers* dép. de *Belgique* de son vivant *avec Charles-Paul Collignon* demeurant à *Saint-Georges-de-Didonne* fils de *Paul-Damase Bréard* et de *Jehanne-Aimée-Marie-Célestine Hubert* et ont, les déclarants, *signé avec nous* le présent acte après qu'il leur en a été fait lecture

Armand Camus *Adolphe Autrusseau*

Certidão de óbito de Émilie Collignon

Seu filho, então prefeito do Finistère, Henri Collignon, manda publicar, em *La Petite Gironde* de Bordeaux, o *Convoi Funèbre* de Émilie, em 26 de dezembro:



Convoi Funèbre de E. Collignon

Vamos transcrever o texto:

“CONVOI FUNÈBRE – M. Henri Collignon, préfet du Finistère; Mme. Jeanne Collignon, M. Paul Buron, Mme. veuve Constance Hubert et ses enfants, M. e Mme. Poissonier et leurs enfants, Mme. veuve Comes, les familles Breard, Hubert, Duplessis, Gillotte et Le Tort ont la douleur de faire part à leurs amis de la perte cruelle qu’ils ont éprouvée en la personne de

Mme. veuve Charles COLLIGNON,
née Émilie BREARD,

leur mère,⁹⁹ tante et cousine, décédée dans sa quatre-vingt-troisième année à Saint Georges-de-Didonne, où elle sera inhumée le 27 décembre courant, à deux heures”.

[TRADUÇÃO:

“CORTEJO FÚNEBRE – Sr. Henri Collignon, prefeito do Finistère; Sra. Jeanne Collignon, Sr. Paul Buron, Sra. viúva Constance Hubert e seus filhos, Sr. e Sra. Poissonier e seus filhos, Sra. viúva Comes, as famílias Breard, Hubert, Duplessis, Gillotte e Le Tort têm a dor de participar a seus amigos a perda cruel que sofreram na pessoa da

⁹⁹ Este *leur mère*, do *Convoi funèbre* de Émilie Collignon, deixa claro que ela era mãe de Henri e Jeanne Collignon.

Sra. viúva Charles COLLIGNON,
nascida Émilie BREARD,

mãe deles, tia e prima, falecida aos oitenta e três anos em Saint Georges-de-Didonne, onde será enterrada em 27 de dezembro corrente, às duas horas”.

Por fim, quero registrar que os jornais do Finistère noticiaram o pesar que sentiam pelo seu querido prefeito. A *Préfecture du Finistère*, em Quimper, nos enviou dois recortes de jornais com as informações da desencarnação de Émilie Collignon, em 25 de setembro de 1998, através de *Le secrétaire administratif*, Jacqueline Lemoine:

O periódico *La dépêche de Brest*, no sábado, 27 de dezembro de 1902, registra:

“A Sra. Collignon, mãe do Sr. prefeito do Finistère, que estava doente já há algum tempo, faleceu ontem, em Saint-Georges-de-Didonne (Charente-Inférieure), com a idade de 83 anos.¹⁰⁰

“Nós nos associamos, nesta circunstância, ao cruel luto que atinge o primeiro magistrado do departamento e cremos nos fazer intérprete de toda a população do Finistère em lhe dirigindo os mais sinceros cumprimentos de condolências.

O jornal *Le Finistère* também registrou suas condolências, em 27 de dezembro:

“O Sr. prefeito do Finistère acaba de ter a dor de perder sua mãe, falecida quinta-feira pela manhã, após cruel enfermidade, em Port-de-Saint-Georges-de-Didonne (Charente-Inférieure). A Sra. Collignon estava com 83 anos. Nesta triste circunstância, nós dirigimos ao Sr. prefeito do Finistère nossos sinceros cumprimentos e condolências”.

Assim como as principais notícias da desencarnação da Sra. Collignon partiram do Finistère, surgiu por descuido, e até descaso, a nota na *Revue Spirite*, de que ela havia desencarnado em Quimper. Está errado! Quimper fica muito distante de Saint-Georges-de-Didonne. Nesta época, a *Revue* não era mais dirigida por P.-G. Leymarie, que já havia desencarnado (1827-1901); por

¹⁰⁰ No original, encontra-se 81 anos.

isso, a nota, tão pequena e simples, sobre uma alma que tanto e tão bem contribuiu com a Doutrina dos Espíritos e foi uma de suas principais pioneiras:

“Mme. Collignon, a destacada (*remarquable*) médium de J.-B. Roustaing que publicou *Les quatre évangiles*, ditados por este médium, morreu em Quimper no dia 25 de dezembro último” (RS, 1903, p. 246).

Grande e significativo dia do Natal de Nosso Senhor Jesus-Cristo.

XXXV – DESENCARNAÇÃO DE J.-B. ROUSTAING

O segundo testamento de Roustaing registra que, em 1878, após a desencarnação da Sra. Elisabeth Roustaing, o nosso advogado bordelense se encontrava bastante doente:

“Senhor Jean-Baptiste Roustaing, advogado junto à Corte de Apelação de Bordeaux, antigo presidente da Ordem, residente em Bordeaux, na rua St. Siméon nº 17, doente do corpo, mas são do espírito”.

Este quadro clínico era fatal, pois dois meses depois, em 2 de janeiro de 1879, numa quinta-feira, Roustaing desencarnava, aos 73 anos, em sua residência em Bordeaux. O Sr. Battar é convidado a pronunciar as palavras finais:

“Devemos esperar que esteja num mundo melhor, e que existência tão bem vivida, tão honesta e tão generosa receberá sua recompensa.

“Segundo bela expressão de um de nossos ilustres antecessores, o homem que deixa este mundo só leva consigo o que ele deu; as lágrimas dos infelizes que nosso confrade secou com seu consolo e suas benemerências, as que o reconhecimento fez derramar em seu túmulo, serão acompanhadas até diante do Juiz Supremo”.

Por todo este trabalho estamos citando, como numa costura, trechos deste belo e profundo discurso fúnebre. Agora é hora do leitor conhecê-lo na íntegra. Recordando: ele foi pronunciado ao pé da sepultura dos despojos de Roustaing, em 4 de janeiro de 1879, pelo então bastonário da ordem dos advogados de Bordeaux, Sr. Battar:

CRONICA LOCAL

“Discurso pronunciado pelo Sr. Battar, bastonário da ordem dos advogados de Bordeaux, por ocasião das exéquias de Jean-Baptiste de St-Omer Roustaing:

“Senhores e caros confrades,

“Mal acabamos de entrar no ano novo, somos chamados diante deste túmulo, no umbral da eternidade, para dar nosso derradeiro adeus a um confrade que nos deixa, e que leva, com todas as nossas saudades, muitas lembranças do passado.

“Após longo tempo afastado do Palácio, em virtude da deterioração de sua saúde, pertencendo a uma geração cujas classes se misturam a cada dia, ele era pouco conhecido da maioria de vós, ainda que jamais tivesse vontade de abandonar a advocacia. Contudo, é bom que sua memória vos seja lembrada, pois ela oferece um exemplo notável do que pode o amor ao trabalho, aliado a uma firme vontade, jamais desmentida, para vencer os obstáculos acumulados ao longo de sua vida.

“Nascido em Bordeaux, em 1805, de uma família de poucos recursos, Jean-Baptiste Rostaing foi matriculado no Liceu da cidade, onde recebeu uma educação boa e sólida. Mas, ao sair do colégio, era preciso escolher uma carreira, e os sacrifícios que seu pai se havia imposto para lhe ajudar haviam chegado ao fim.

“Nessa ocasião, ao lado de nomes que lembram um passado glorioso, e que se tornariam célebres, o quadro da Ordem continha outros, cheios de promessas brilhantes para o futuro.

“O jovem Rostaing foi inflamado de nobre emulação e, a exemplo de um pintor ilustre, ele disse sobre si próprio: “E eu também terei um lugar neste quadro”. Resoluto, ele partiu para Toulouse, não contando com ninguém, a não ser ele próprio, para continuar seus estudos. Tornou-se professor para poder se transformar em estudante. De um lado, ele ensinava matemáticas especiais, obtendo, assim, os recursos necessários para fazer face às despesas com taxas de inscrições e às necessidades de sua vida; de outro, seguia assiduamente os cursos da Escola de Direito.

“Conhecendo qual o preço do tempo, ele se empregava inteiramente, e logo obteve todos os seus diplomas. Pôde, então, voltar a Bordeaux e ao seio de sua família.

“Tinha, finalmente, alcançado o objetivo de todos os seus desejos: tinha estudado, no intervalo, procedimentos legais num dos melhores centros de estudo de Paris; tinha-se munido de todas as peças e se lança com ardor nas lutas do palácio e consegue logo seu lugar.

“Trabalhador infatigável, secundado por uma viva inteligência e excelente memória, ele analisava as causas até as últimas etapas de profundidade do direito. Seu caráter laborioso e perseverante se revelava em toda parte, nas suas audiências e nos seus escritos.

“Muito honesto para procurar desnaturar fatos, a fim de acomodá-los às necessidades de sua defesa, ele os aceitava em sua realidade, tal como se ofereciam a ele, e procurava com cuidado quais eram os princípios de direito aplicáveis às suas causas. O terreno do direito era o campo de batalha a que se afeiçoara, e sobre o qual tinha prazer de chamar seus adversários. Era aí que desenvolvia todos os recursos de uma ciência completa, e que dava provas de prodigiosa fecundidade.

“Quando acreditava ter obtido uma visão definitiva, ele a seguia até o fim, sem jamais desencorajar, e não parava a não ser diante de uma impossibilidade absoluta.

“Para atingir seu objetivo, nada o continha; as mais prolongadas e penosas pesquisas eram para ele, poder-se-ia dizer, um prazer. Quantas noites passou mergulhado em suas meditações, pesquisando autores e compilações diversas para extrair o que poderia servir às suas defesas. E quando, no dia seguinte, chegava à tribuna, surpreendia seus adversários com a variedade de seus recursos. Quantas vezes ele, assim, com uma inspiração feliz pela descoberta imprevista, recuperara causas aparentemente desesperadas; quantas vezes fez triunfar métodos que, à primeira vista, poderiam parecer fortemente duvidosos, mas que ele fundamentava no direito e nas autoridades mais importantes.

“Foi assim que ele conquistou, na advocacia, uma das situações mais prestigiadas e, ao mesmo tempo, uma modesta fortuna, mas suficiente para seus gestos simples e seu coração desprovido de ambição. Ele reservava mesmo grande parte para empregar em abundantes esmolas.

“Não vos surpreenderíeis, senhores, se eu acrescentasse que foi também, por ter ganho a afeição e estima de seus confrades que, em 1848, nomearam-no bastonário da Ordem e lhe conferiram, por sufrágio, a mais alta distinção àquele que jamais a aspirara.

“Depois, chegou o dia em que esse ardente organismo achou-se quebrado pelo excesso de trabalho, onde a atividade do espírito foi vencida pelo esgotamento do corpo. Em torno de 1860, sua saúde, profundamente alterada, obrigou-o a se afastar da vida militante da advocacia, e a se recolher a seu interior, onde sua inteligência ainda se fazia sentir sobre matérias de direito e sobre outros assuntos. Mas desejava sempre continuar advogado, e conservava com amor sua beca que, nesses momentos de ilusão, habitual entre doentes, jactava-se, algumas vezes, de poder retomar suas antigas atividades. A partir desse momento, ele se liberou, com mais desprendimento que antes, de suas atividades de beneficência e caridade, tanto na cidade como no distrito de Targon, onde possuía uma propriedade. Assim, durante três anos, com a colaboração de um de seus vizinhos de campo, ele sustentou e manteve, até seus últimos momentos, um pobre morador que ficou enfermo em consequência de grave acidente. Em Bordeaux, prestava socorro a infelizes, e sua morte, para eles, será grande perda; pode-se dizer que ele será pranteado pelos pobres.

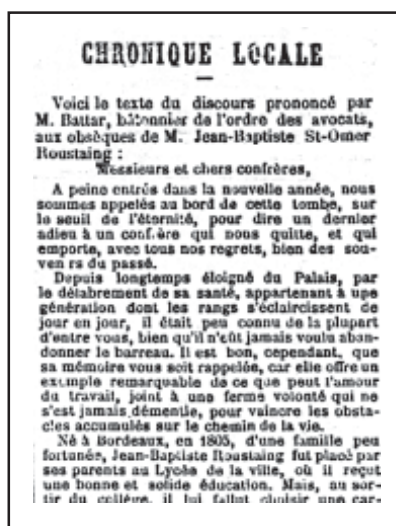
“Há dois meses apenas, conduzimos ao lugar de repouso os despojos mortais da companheira de sua vida e de suas boas obras; ele sobreviveu pouco tempo; parece que a morte se apressava em reuni-los. Devemos esperar que esteja em um mundo melhor, e que

existência tão bem vivida, tão honesta e tão generosa receberá sua recompensa.

“Segundo bela expressão de um de nossos ilustres antecessores, o homem que deixa este mundo só leva consigo o que ele deu; as lágrimas dos infelizes que nosso confrade secou com seu consolo e suas benemerências, as que o reconhecimento fez derramar em seu túmulo, serão acompanhadas até diante do Juiz Supremo”.

Journal de Bordeaux – 6 de janeiro de 1879

Esta pesquisa levantou que o Sr. Battar, Bastonário da Ordem dos Advogados de Bourdeaux é um dos autores da brochura: “Corte imperial de Bordeaux. Recursos do senhor Laurent Lauba, inquilino, contra os proprietários da floresta de la Teste (Gironde) e seus pretensos administradores intimados [Texto impresso], Laberdolive, oficial de justiça do tribunal; Battar, advogado.

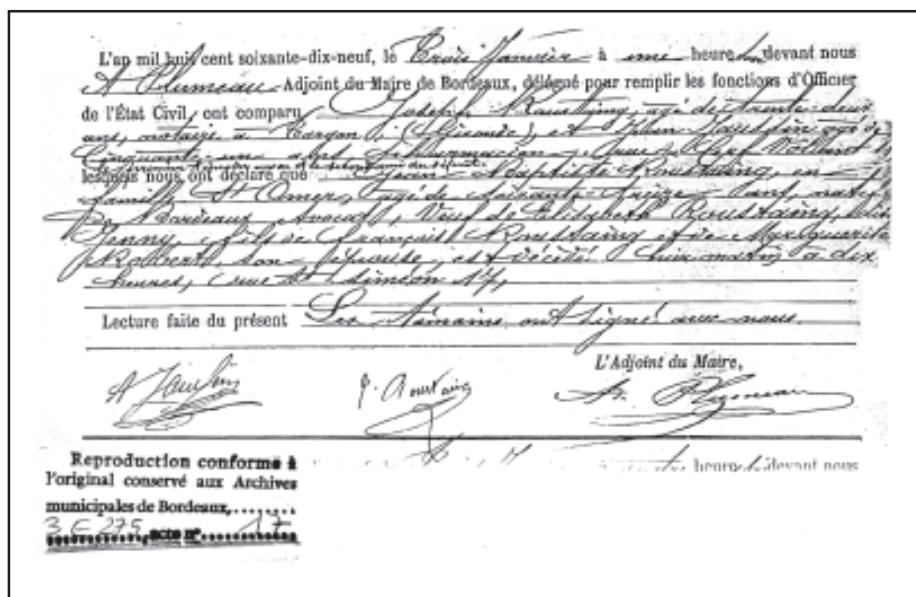


Parte do discurso do M. Battar
Journal de Bordeaux – 6 de janeiro de 1879

Vamos transcrever a tradução do texto da *certidão de óbito* de J.-B. Roustaing:

“Roustaing Jean. No dia três de janeiro do ano de mil oitocentos e setenta e nove, à uma hora da tarde, diante de nós, A. Plumeau, Adjunto do Prefeito de Bordeaux, encarregado para exercer as funções de oficial

do Estado civil, compareceram Joseph Roustaing, de trinta e dois anos, notário em Targon (Gironde), e Jean Jaussin, de cinquenta e um anos, farmacêutico, residente na rua do Cerf-Vollant 11, o primeiro testemunha sobrinho e o segundo amigo do falecido, os quais nos declararam que Jean-Baptiste Roustaing, cognominado em família St. Omer, com a idade de setenta e três anos, nascido em Bordeaux, advogado, viúvo de Elisabeth Roustaing, dita Jenny, filho de François Roustaing e de Marguerite Robert, sua esposa, faleceu ontem de manhã, às dez horas, na rua St. Siméon 17. Leitura feita do presente. As testemunhas assinaram conosco. – Jean Jaussin, J. Roustaing, O Adjunto do Prefeito, A. Plumeau”.



Certidão de óbito de J.-B. Roustaing

Os principais jornais da cidade de Bordeaux noticiaram o falecimento de seu ilustre cidadão. Vamos transcrevê-los:

“CORTEJO FÚNEBRE – Sra. Vv. Naubert, nascida Roustaing, Sra. Vv. A. Roustaing, Sr. e Sra. Joseph Roustaing, Sr. Georges Roustaing, Sra. Vv. Amédée Roustaing, Sr. Adrien Roustaing, Sra. Vv. Godefroy, Sr. e Sra. William Ichon convidam seus amigos e conhecidos para assistirem as exéquias de Sr. Jean-Baptiste ROUSTAING, advogado, antigo bastonário da ordem, seu irmão, cunhado, tio e primo, que se realizarão sábado, 4 do corrente, na igreja de St-Pierre”.

CONVOI FUNÈBRE M^{me} V^e Naubert, née Roustaing; M^{me} V^e A. Roustaing, M. et M^{me} Joseph Roustaing, M. Georges Roustaing, M^{me} V^e Amédée Roustaing, M. Adrien Roustaing, M^{me} V^e Godefroy, M. et M^{me} William Ichon, prient leurs amis et connaissances de leur faire l'honneur d'assister aux obsèques de M. Jean-Baptiste ROUSTAING, avocat, ancien bâtonnier de l'ordre, leur frère, beau-frère, oncle et cousin, qui auront lieu, le samedi 4, du courant, dans l'église St-Pierre,

Journal de Bordeaux – 4 de janeiro de 1879

O jornal *Courrier de la Gironde* publica:

“CORTEJO FÚNEBRE – Sra. viúva Naubert, nascida Roustaing, Sra. viúva A. Roustaing, Sr. e Sra. Joseph Roustaing, Sr. Georges Roustaing, Sra. viúva Amédée Roustaing, Sra. Adrien Roustaing, Sra. viúva Godefroy, Sr. e Sra. Willian Ichon convidam seus amigos e conhecidos para assistirem as exéquias do Sr. Jean-Baptiste ROUSTAING, advogado, antigo bastonário da Ordem, seu irmão, cunhado, tio e primo, que se realizarão sábado, 4 do corrente, na igreja de St-Pierre.

“A reunião será as 8 e 3/4 na casa mortuária, rue Saint-Siméon, 17, de onde o cortejo fúnebre partirá as 9 e 1/4.

“Não se fará novo convite” (*Courrier de la Gironde*, 4 de janeiro de 1879).

CONVOI FUNÈBRE Mme veuve Naubert, née Roustaing, Mme v. v^e A. Roustaing, M. et Mme Joseph Roustaing, M. Georges Roustaing, Mme veuve Amédée Roustaing, M. Adrien Roustaing, Mme veuve Godefroy, M. et Mme William Ichon, prient leurs amis et connaissances de leur faire l'honneur d'assister aux obsèques de M. JEAN-BAPTISTE ROUSTAING, avocat, ancien bâtonnier de l'ordre, leur frère, beau-frère, oncle et cousin, qui auront lieu le samedi 4 courant, dans l'église de St-Pierre. On se réunira à 8 heures 3/4 à la maison mortuaire, rue Saint-Siméon, 17, d'où le convoi funèbre partira à 9 heures 1/4. Il ne sera pas fait d'autre invitation.

Courrier de la Gironde – 4 de janeiro de 1879

O jornal *La guienne* registra:

“CORTEJO FÚNEBRE – Sra. viúva Naubert, nascida Roustaing, Sra. viúva A. Roustaing, Sr. e Sra. Joseph Roustaing, Sr. Georges Roustaing, Sra. viúva Amédée Roustaing, Sra. Adrien Roustaing, Sra. viúva Godefroy, Sr. e Sra. Willian Ichon convidam seus amigos e conhecidos para assistirem as exéquias do Sr. Jean-Baptiste

Roustaing, advogado, antigo bastonário da ordem, seu irmão, cunhado, tio e primo, que se realizarão sábado, 4 do corrente, na igreja de Saint-Pierre.

“A reunião será às oito horas e três quartos, na casa mortuária, rue de la Merci,¹⁰¹ 17, de onde o cortejo fúnebre partirá às nove horas e um quarto.

“Não se fará novo convite” (*La guienne*, 4 de janeiro de 1879).



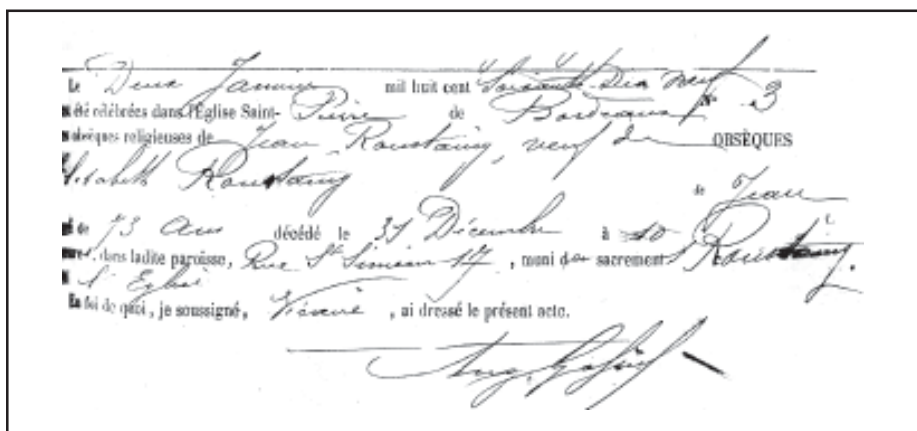
La guienne, 4 de janeiro de 1879.

A família de Roustaing, católica, resolveu mandar celebrar uma cerimônia religiosa em favor da alma de J.-B. Roustaing, de corpo presente, na igreja de Saint-Pierre, que fica nas imediações da Rue Saint-Siméon. É estranho ser *dono* de cadáver e impor regras religiosas ao que está inanimado; porém é sempre oportuno respeitar o colorido religioso dos outros. Jesus já ensinou: *deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos*. Escrevemos para a igreja de Saint-Pierre, e o Padre de Menditte, gentil, nos enviou o documento religioso, em 17 de abril de 1997. As datas que nele se encontram, no entanto, estão erradas, talvez pelo fato de, na época, terem sido anotadas de memória: 31 de dezembro, para o falecimento e 2 de janeiro de 1879, para a cerimônia religiosa. O correto é 2 de janeiro de 1879 para a desencarnação e 4 de janeiro para a cerimônia religiosa e o sepultamento. Segue a tradução do documento:

“No dia 2 de janeiro de 1879 foram celebradas, na igreja de Saint-Pierre de Bordeaux, as cerimônias religiosas fúnebres de Jean Roustaing, viúvo de Elisabeth Roustaing, de 73 anos, falecido em 31 de dezembro, às 10 horas, na dita paróquia, na rua Saint-Siméon, 17, e recebeu os sacramentos da Igreja

“Afirmo com fé e assino, *Vigário*, o presente ato”.

¹⁰¹ Possível engano do jornal. Esta rua fica no quarteirão da rua Saint-Siméon.



Certidão religiosa fúnebre de J.-B. Roustaing

O sepultamento ocorreu, no jazigo da família, no *cimetière de la Chartreuse*. Este cemitério foi construído segundo o modelo do *Père Lachaise* parisiense. Sua área é de 25 ha, e nele há uma igreja, diversas alas e uma grande quantidade de monumentos. Ele surgiu na segunda metade do século XIX, e ficou conhecido como *petit Père La Chaise*.



Túmulo de J.-B. Roustaing

A *Revue Spirite*, o principal órgão de difusão do espiritismo na época, transcreveu em suas páginas uma nota de Jean Guérin, seu fiel discípulo, repleta de sentimentos:

“SR. ROUSTAING, ADVOGADO

“Anuncio-vos a morte, segundo a carne, de nosso excelente irmão e amigo, Sr. Roustaing, ex-bastonário da Ordem dos Advogados de Bordeaux, ocorrida no dia 2 de janeiro deste mês, após uma longa moléstia e vivos e cruéis sofrimentos, em seu domicílio, em Bordeaux, na Rua Saint Siméon, 17, com a idade de 73 anos.

“Ele se extinguiu, corporalmente, cheio de fé e de esperança no progresso desta bela doutrina que vem de Deus e da qual foi ele um dos mais ardentes apóstolos, dos mais inteligentes e dos mais dedicados.

“Sua grande e bela alma nenhum pesar sentia por deixar este mundo: pesava-lhe, unicamente, deixar inacabada a sua obra. Dessa idéia, porém, logo se recobrava, dizendo: “Voltarei; Deus me concederá a graça de retornar e continuar a minha obra, de trabalhar pelo progresso moral e material dos meus irmãos.

“Todos os que o conheceram crêem plenamente na sinceridade das suas aspirações, porquanto ele era ambicioso de virtudes e ávido de verdades celestes. Sua vida foi assinalada por eminentes atos de bondade e de beneficência. Sua passagem pela Terra ficou exalçada por exemplos constantes, na prática de todas as virtudes cristãs.

“Dotado de grandes aptidões para o trabalho, sempre os executou ativamente: no Foro, até 1861; depois, até à morte, em labores filosóficos e religiosos.

“Ensinou pela palavra e pelo exemplo. Humilde de espírito e de coração, sempre deu generosamente do que tinha aos que não tinham.

“Ficai certos, dizia nas reuniões mensais a que presidia, que ‘para o outro mundo não se leva senão o que neste se deu; e que aquele que dá é quem tem de *agradecer*’.

“Fez-se, assim, um grande vazio em nosso meio, onde gostávamos de ouvir sua palavra persuasiva, convincente e simpática. Estaríamos inconsoláveis em nossa dor e nosso pesar, se não estivéssemos convencidos de que sua alma imortal e livre está sempre presente entre nós.

“Devemos testemunhar-lhe nossa amizade sincera, propiciando a realização de seu desejo; e, à vista disso, devo fazer saber que me encarregou do cuidado de traduzir em inglês, em alemão e em italiano (a tradução espanhola já está feita e impressa em edição bíblica grande, in-oitavo, num único volume) o seu livro *Os quatro evangelhos explicados em espírito e verdade*,... imprimindo-o e publicando-o nessas diversas línguas”.

“Em Villeneuve-de-Rion, 6 de janeiro de 1879

J. Guérin
(RS, 1879, pp. 116-7. Trad. Luciano dos Anjos).

M. ROUSTAING, AVOCAT.

Je viens vous annoncer la mort *selon la chair*, de notre excellent frère et ami, M. Roustaing, ex-bâtonnier de l'ordre des avocats à Bordeaux, qui a eu lieu le 2 de ce mois, après une longue maladie et de vives et cruelles souffrances, à son domicile à Bordeaux, rue Saint-Simon, 17, à l'âge de 73 ans.

Il s'est éteint, *corporellement*, plein de foi et d'espérance dans le progrès de cette belle doctrine qui vient de Dieu, et pour laquelle il a été un des apôtres les plus ardents, les plus intelligents et les plus dévoués.

Sa grande et belle âme n'éprouvait qu'un regret de quitter cette terre: c'était de laisser son œuvre inachevée mais il se reprenait bien vite de cette pensée, en disant: « Je reviendrai; Dieu m'accordera la grâce de reprendre et de continuer mon œuvre, et de travailler au progrès moral et matériel de mes frères. »

Tous ceux qui l'ont connu croiront sans peine à la sincérité de ses aspirations, car il était un ambitieux de vertu, et un avide des vérités célestes. Sa vie a été marquée par des actes éminents de

Revue Spirite, 1879, parte da p. 116.

No aniversário da comemoração dos mortos, ainda em fins de 1879, a *Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec* lembrou os que mereceram reconhecimento por haverem *defendido a doutrina pela palavra e pelos atos*. Entre os lembrados estava J.-B. Roustaing:

“Sr. Roustaing, antigo professor de Filosofia, homem culto, jurisconsulto muito conhecido, bastonário da Ordem dos Advogados de Bordeaux, tornou-se espírita após a leitura de *O livro dos espíritos* e compôs *Os quatro evangelhos*, tirados dos ditados mediúnicos da Sra. Collignon, médium, com o auxílio espiritual dos quatro evangelistas, dos apóstolos e de Moisés; antes, colocou-os em ordem e trabalhou até à morte na divulgação da obra... deixou a reputação de um espírito justo, leal, íntegro, amigo do progresso” (RS, 1879, p. 487).

É praticamente baseado nestes dois últimos textos que J. Malgras escreve a biografia de J.-B. Roustaing, e o coloca entre *Os pioneiros do espiritismo* (1ª parte, capítulo VII, pp. 32-33).

XXXVI – TRADUÇÃO ALEMÃ –
CHRISTLICHER SPIRITISMUS

A tradução alemã foi publicada em 1879, em Budweis, na Boêmia, em três volumes (1º volume: XVIII páginas de *Introdução*, mais 230 páginas de texto; 2º volume: 294 páginas e 3º volume: 287 páginas). O tradutor é o Sr. Franz Pavlicek, *comissário de finanças* (*finanz-commissar*). Em 1881 havia o registro de mais uma tiragem da mesma tradução (Mitwirkung Von Streiff V. Maxstadt).

A biblioteca de Praga, *Narodní knihovna Cr*, nos enviou, em junho de 1997, uma cópia de toda a *Introdução* da obra.

Seguem as informações sobre esta tradução:



Tradução Alemã de *Os quatro Evangelhos* – 1879

“*Christlicher Spiritismus*, 16 marcos. Vendedor: Paul Hientzsch, Rua Mauer, 68, Berlim... O registro da tradução alemã pode ser encontrado na p. 3 do *Catálogo*, editado pela *Federação Espírita Brasileira* e enfaixado, com numeração própria de páginas, no fim da 5ª edição de *O livro dos espíritos*, publicado em 1899” (*A posição zero*, Anjos, Luciano, *Obreiros do bem*, dezembro de 1878, p. 15).

XXXVII – TRADUÇÃO INGLESA: *THE FOUR GOSPELS*

Anna Blackwell, a primeira tradutora para o inglês de *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, também achou muito necessário verter *Os quatro evangelhos*, de J.-B. Roustaing, para esta língua. Ela, então, redigiu uma carta que foi publicada no *Spiritualist*, de 5 de novembro de 1875, esclarecendo a necessidade de publicar nesta língua *O livro dos espíritos*, *Os quatro evangelhos* e *outro livro de sua autoria*. A carta é de uma importância histórica sem precedentes, a tal ponto que foi traduzida para o francês e transcrita na *Revue Spirite*. A certa altura ela informa:

“Mas, até que os livros de Allan Kardec, aquele de Roustaing, e o meu estejam prontos para serem colocados em mãos do público, e que Deus me dê os meios de pagar um escritório especial, de criar uma pequena folha para lutar com a pena, eu nada posso fazer senão deixar gritar nossos adversários tão ignorantes desta doutrina. Se eu tivesse ao menos os meios de pagar a impressão, eu as faria todas, sem me preocupar com a venda, pois estou certa de que os livros serão aceitos mais tarde. Mas a Sociedade (*para continuação das obras espíritas de Allan Kardec*) quererá assumir esses gastos diante do frágil resultado desse primeiro ensaio? A impotência me paralisa e eu aguardo o futuro com uma certa ansiedade que não está longe de ser uma angústia e que me tem impedido de dormir em paz”.

Anna Blackwell

(RS, 1876, janeiro, p. 12. Trad. Luciano dos Anjos)

Mais, jusqu'à ce que les livres de Allan Kardec, celui de Roustaing et le mien, soient prêts à mettre entre les mains du public, et que Dieu me donne les moyens de payer un bureau spécial et de créer une petite feuille pour lutter avec la plume, je ne puis faire autrement que de laisser déclamer nos adversaires si ignorants au sujet de cette doctrine. Si j'avais seulement les moyens de payer ces impressions, je les ferais toutes, sans m'inquiéter de leur vente, car je suis sûre que ces livres seront acceptés plus tard. Mais la Société voudra-t-elle assumer ces frais en présence du faible résultat de ce premier essai? L'impuissance me paralyse et j'attends l'avenir, avec une certaine anxiété qui n'est pas loin d'être une angoisse et qui m'a empêchée de dormir bien des nuits. Anna Blackwell.

Revue Spirite, parte da carta de Anna Blackwell sobre Roustaing

A *Revue Spirite* faz, então, um comentário à possibilidade de J.-B. Roustaing colaborar com a Sra. Blackwell:

“Miss Anna Blackwell acha que *Os quatro evangelhos*, de Roustaing, devem também ser traduzidos em inglês; o eminente homem que editou esses volumes não poderia encontrar os recursos necessários para realizar o desejo manifestado pela nossa amiga??? Ajudemo-nos uns aos outros, tal deve ser nossa moral, se quisermos obter resultados importantes e, mesmo, resultados imprevistos” (p. 13).

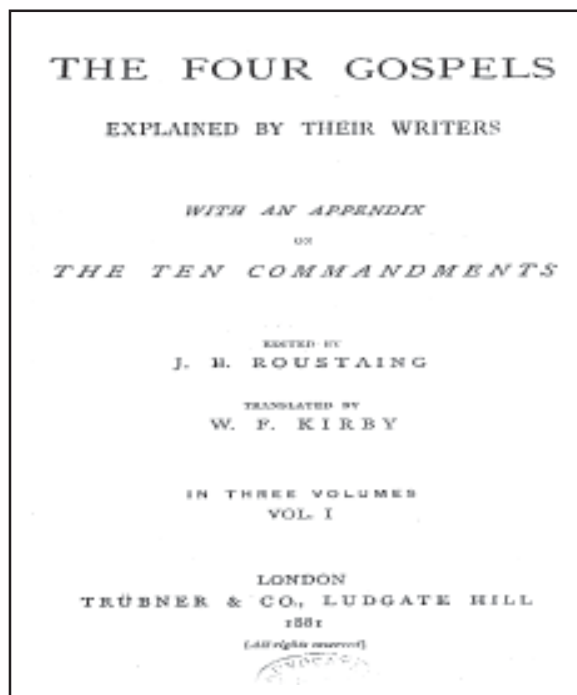
Já sabemos, pelo 2º testemunho de Roustaing, em 1878, que ele atendeu a este grande e significativo apelo.

Anna Blackwell era adepta e divulgadora das idéias reveladas a Roustaing. Na sua tradução de *O livro dos médiuns (The médium's book)*, em 1876, no capítulo XX (*Mental and moral influence of the medium*) inclui a mensagem espiritual de Judas Iscariotes, acrescentando ainda o comentário de outros Espíritos reveladores, dados em *Les quatre évangiles*. Ver *The mediums' book*, pp. 255-6, edição publicada pela FEB.

A tradução inglesa de *Os quatro evangelhos* foi feita pelo eminente cientista Dr. Willian Forsell Kirby (1844-1912), por solicitação de Anna Blackwell, que colaborou com ele na tradução e, inclusive, escreveu a quatro mãos o *prefácio* da obra.

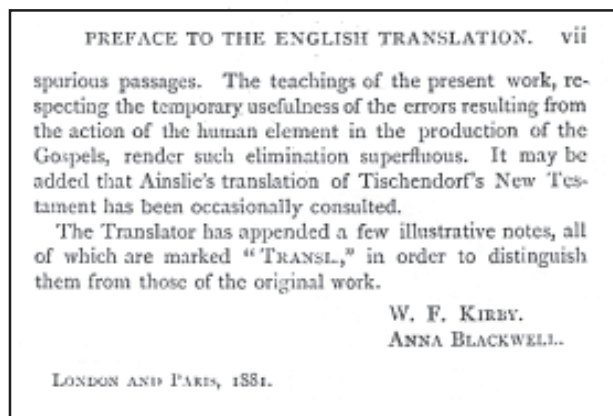
O cientista W. F. Kirby escreveu muitas obras sobre insetos, do qual era, em sua época, referência em pesquisa, em especial sobre lepidópteros. Ele também traduziu outras obras científicas. Na *National Library of Scotland*, há 29 referências de obras suas. Charles Darwin, em seu clássico *A origem do homem e a seleção natural* (editora Hemus, São Paulo, 1974), apóia-se, muitas vezes, no brilhante cientista, citando-o por diversas vezes.

Esta pesquisa adquiriu na National Library of Scotland, em 3 de dezembro de 1997, uma cópia de parte do 1º volume, contendo o *Prefácio do tradutor*, o *Prefácio de Roustaing* e sua *Introdução*. A tradução inglesa é de 1881, e foi publicada em 3 volumes, em London, pela Trübner & Co., Ludgate Hill, e impressa na Ballantyne and Hanson, Edinburgh, Chados street, London.



The four gospels

Vamos reproduzir, em tradução de Júlio Couto Damasceno, o prefácio de *The four gospels*:



Final do prefácio de *The four gospels*

OS QUATRO EVANGELHOS de J.-B.Roustaing
PREFÁCIO À EDIÇÃO INGLESA

“O trabalho ora oferecido ao público inglês é extremamente respeitado no Continente, como um desenvolvimento da filosofia religiosa cujos princípios foram estabelecidos nas obras de Allan Kardec. As circunstâncias nas quais foi escrito estão amplamente detalhadas no *Prefácio do Editor*, e não há nada a se acrescentar nesse assunto, a não ser sugerir que seja lido imparcialmente, sem nenhum tipo de preconceito, favorável ou não, em função da origem de que provém.

“Da pureza e sublimidade da moral ensinada na presente obra há somente uma opinião possível; ao mesmo tempo que os pontos de vista nela contidos serão reconhecidos não apenas como altamente interessantes e sugestivos mas que, em certos aspectos – notavelmente em relação às hipóteses sobre a Evolução, salvas pelo racional aqui apresentado das garras do materialismo – antecipam os últimos resultados da pesquisa científica. Será também digno de nota que ela explica o *modus operandi* dos mais recentes fenômenos de *ação espiritual ostensiva*, agora comumente conhecida como *materialização*, na ausência de um nome melhor, quer dizer, a produção de formas humanas aparentes, dotadas de visibilidade e tangibilidade temporárias, capazes de simular várias funções e atributos humanos: fenômeno ao qual são dadas importância e dignidade adicionais pela demonstração de que sua ocorrência é um desígnio providencial, como preparação da base necessária para a aceitação desta importante doutrina chamada *A Revelação da Revelação*, precursora da vindoura transformação da humanidade, que resultará da transformação de suas crenças.

“É importante reconhecer que o Editor, observando as inevitáveis imperfeições presentes no atual estágio do intercâmbio intermundos, revisou (e evidentemente o fez) as anotações dessa obra mediúnica,¹⁰² sem receio de suprimir mesmo as repetições de palavras, que constantemente ocorrem no original, devidas ou à recorrência de conceitos ou a ênfases que tenham degenerado em prolixidade. Tendo em vista a manutenção da legibilidade do texto em inglês, foi necessário evitar-se a reimpressão das repetições desnecessárias, com todo cuidado para que nenhuma parte essencial ao entendimento do texto fosse omitida. O Prefácio do Editor e a Introdução foram totalmente revisados pela Sra. Anne Blackwell, que, embora incapaz de levar adiante o seu antigo desejo de traduzir este livro (para o quê as suas traduções das obras de Allan Kardec pavimentaram o

¹⁰² O texto original traz a expressão *the entries of séance-book verbatim*, que preferimos simplificar na forma em itálico. Nota do tradutor.

caminho), ajudou o tradutor na execução da tarefa que veio a lhe ser confiada com seus conselhos e cooperação.

“Como a tradução inglesa do Novo Testamento é gritantemente defeituosa em muitos pontos relacionados aos ensinamentos desta obra, o mesmo ocorrendo com a tradução francesa, ambas feitas a partir da Vulgata, que é um pouco incorreta em certos aspectos, e ainda mais em outros, o tradutor julgou necessário trazer os textos dos Evangelhos diretamente do grego. Fazendo isto ele teve de empenhar-se especialmente para distinguir os três significados da palavra *Céu*, totalmente confusos na versão inglesa. Nos Evangelhos sinópticos, quando usada no plural, ela denota o mundo espiritual; e quando utilizada no singular freqüentemente refere-se ao firmamento. Já no Evangelho de João ela é geralmente empregada no singular, denotando a região de onde o Cristo provém, e para a qual Ele retornaria, isto é, a morada dos espíritos totalmente purificados, ou Nirvana.

“Nenhuma tentativa foi feita de revisar os textos evangélicos, seja na supressão de trechos duvidosos ou de notoriamente falsos. Como os ensinamentos do presente trabalho respeitam a temporária utilidade dos erros resultantes da ação do elemento humano na produção dos evangelhos, essa eliminação se tornaria supérflua. É preciso acrescentar que a tradução de Ainslie do Tischendorf’s New Testament foi ocasionalmente consultada.

“O tradutor adicionou umas poucas notas ilustrativas, todas assinaladas com a marca *Transl.*, para distingui-las das do trabalho original.

W. F. Kirby
Anna Blackwell
Londres e Paris, 1881.

Ainda sobre esta tradução inglesa, quero lembrar um caso interessante que aconteceu com o extraordinário Frederico Fígener, quando de sua viagem à Inglaterra:

“Possuía (Fígener) sólidos conhecimentos da Doutrina e defendia com ardor as obras de Allan Kardec e a de J.-B. Roustaing. Por ocasião de sua viagem pela Inglaterra, pasmou-se de não encontrar nas livrarias essas obras fundamentais. Percorreu pacientemente as mil casas de livros de segunda mão, em Londres, e lá encontrou alguns exemplares de ambos os autores. Comprou-os todos e ofereceu-os a instituições espíritas inglesas. Relatava-nos, depois, com entusiasmo: “Três exemplares da obra de Roustaing, em perfeito estado, em boa tradução inglesa, encontrei numa livraria e ofereci-os a três sociedades espíritas” (*Grandes espíritas do Brasil*, Zeus Wantuil. Rio de Janeiro: FEB, 2002, pp. 345-6).

XXXVIII – TRADUÇÃO ITALIANA: *SPIRITISMO CRISTIANO*

A tradução italiana *Spiritismo Cristiano* é de Corrado Baruzzi, e foi publicada na Bologna, em 1881, pela *Società Tipografica Cia Compositori*. No italiano, *J.-B. Roustaing* é chamado de *G. B. Roustaing*, sendo que esse *G.* significa Giovanni, isto é, João. O mesmo acontece com *Guérin*, que, no prefácio do tradutor, aparece como *Giovanni Guérin*.

A nossa amiga Téka de Oliveira Lima, moradora em Foligno e coordenadora da difusão da obra de Pietro Ubaldi na Itália, gentil, adquiriu para esta pesquisa, na *Biblioteca de Bologna*, em 16 de março de 1998, uma cópia de parte do 1º volume, contendo o *Prefácio de Roustaing*, sua *Introdução* e o *Prefácio do tradutor*.



Spiritismo Cristiano

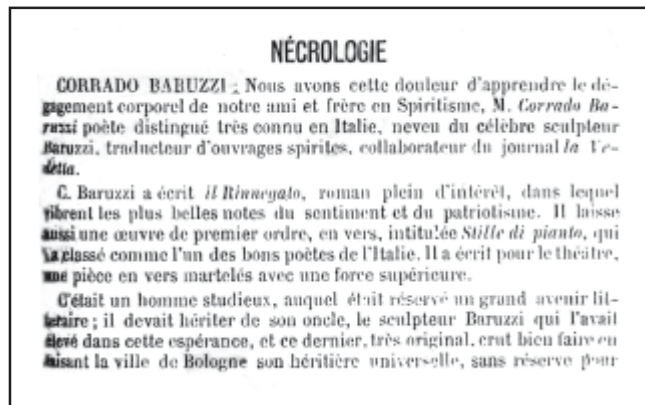
Corrado Baruzzi era escritor, poeta e romancista, muito considerado no meio literário italiano. A *Revue Spirite* noticia sua desencarnação:

“Nós tivemos a dor de tomar conhecimento do desprendimento corporal do nosso amigo e irmão em espiritismo, Sr. Corrado Baruzzi,

poeta distinguido e conhecidíssimo na Itália, sobrinho do célebre escultor Baruzzi, tradutor de obras espíritas, colaborador do jornal *La vedetta*.

“(…)

“Corrado Baruzzi estava casado, ao morrer, há três anos, e era pai de uma menininha, deixando-os sem grandes recursos financeiros” (RS, 1886, pp. 413-4).



Revue Spirite – parte da necrologia de Corrado Baruzzi

O *Prefácio do tradutor* é uma linda declaração de fé nos ideais espíritas e na *Rivelazione dela Rivelazione*, que iremos transcrever na íntegra. A tradução foi feita pelo amigo de ideal espírita Ferdinando Ruzzante:

O TRADUTOR AOS ESPIRITISTAS ITALIANOS

“Eis, traduzida, a obra volumosa dos *Quatro evangelhos* comentados espiriticamente.

“Quando o senhor Giovanni Guérin, nosso confrade francês, me confiava esta honrosa incumbência, por um momento hesitei, desconfiado de meu pobre intelecto, mas a beleza, a misteriosa profundidade do assunto me invadiram sem que toda a minha temerosa dúvida fosse dissipada.

“Não pretendo, em verdade, oferecer um texto de língua; para isto, muito mais do que a minha boa vontade e a minha capacidade, se opunham duas coisas: a pressa, tendo eu prometido executar a tarefa no curso de um ano, e a obrigação de traduzir fielmente um ditado francês muitas vezes difícilimo, prolixo e algumas vezes, pouco claro.

“A obra toda foi inspirada a uma senhora de Bordeaux, ainda hoje viva, a qual eu conheço, e só quem lesse como convém, se

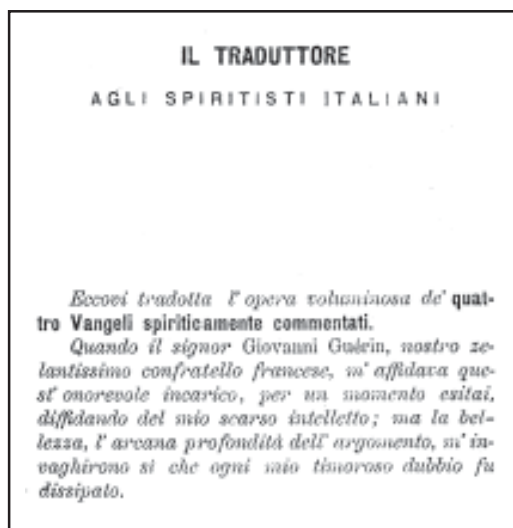
convenceria de que uma senhora de limitada instrução, como a de escola média, não teria de certo podido com tanta ostentação de ciência desenvolver tão diversa matéria, sem o concurso dos *desencarnados*.

“Aqui tendes a síntese do saber espírita.

“Ó espíritas italianos, a hora já soou, tendo chegado o tempo de trombetear também no nosso belo país o verdadeiro cristianismo despido de toda mistura, de todo esplendor pagão, o verdadeiro cristianismo que gloriosamente brilha entre as místicas trevas das catacumbas.

“Nós não odiamos ninguém, até rezamos pelos desventurados aos quais falta o supremo bem da fé, querendo também a felicidade de todos.

“Cristo enalteceu a mulher, o anjo da família, acrescentando-lhe a gloriosa auréola do paraíso; e à mulher especialmente se quer fazer compreender esta obra, tanto mais que hoje alguns privados de juízo queriam que ela fosse não outra que o emblema da prostituição.



Parte do Prefácio do tradutor Corrado Baruzzi

“Para graça nossa, o rico se convencerá de ser um simples depositário de tesouro terreno e o terá deixado aos irmãos deserdados, não já com o epíteto austero da dignidade, mas com o dulcíssimo sorriso da verdadeira piedade. E o pobre, o mísero operário será persuadido, por mérito do Espiritismo, que a desventura é degrau de purificação, penhor certíssimo do mais jubiloso destino

além da morte. Então o rico não se preparará mais tão larga messe de ódio, pois cada um estará contente do próprio estado e a crise social será esconjurada.

“Continuamos! – Oh, não existe um lugar da Terra onde não palpíte um coração espírita. Coragem, portanto; duplicaremos todas as nossas forças para popularizar a confortável doutrina da eternidade do Espírito e as ligações que unem os encarnados aos desencarnados.

“A minha reta intenção me vale para granjear a vossa compaixão onde, pelo meu pobre intelecto, não tive o sucesso de alcançar aquela sonoridade de frases que terei querido dar para todo o Livro Sagrado”.

CORRADO BARUZZI

A Itália já de há muito vinha estudando e divulgando as idéias reveladas a Roustaing. Estavam, inclusive, ansiosos para ter uma tradução em italiano. Foi, então, através de P.-G. Leymarie, que os espíritas do sul deste país tomaram conhecimento da tradução de *Spiritismo Cristiano*. A *Revue Spirite* publica uma carta vinda de Messine, do Sr. L. Roteller, ansioso por conhecer esta versão na língua do imortal Dante Alighieri:

Messine. — Votre lettre nous informe que la traduction et l'impression de la belle œuvre : Les Quatre évangiles, sont un fait accompli ; nous attendons avec impatience l'exemplaire en langue

Revue Spirite – Início da carta do Sr. L. Roteller de Messine – Itália

“MESSINE. – Vossa carta nos informa que a tradução e a impressão da bela obra *Os quatro evangelhos* foram realizadas; nós aguardamos com impaciência o exemplar em língua italiana para darmos francamente nossa opinião sobre esta tradução.

“A concordância de nossos trabalhos com a obra dos *quatro Evangelhos*, de J. –B. Roustaing, é tão impressionante, que nós a consideramos divinamente inspirada; lembre você o nosso entusiasmo sobre este assunto em praticamente todas as nossas cartas do ano de 1880 e você facilmente compreenderá que a difusão destes *quatro Evangelhos* será para nós não somente um dever espírita, mas também uma verdadeira satisfação e a maior das alegrias.



A seta indica no mapa a cidade de Messine

“Infelizmente o número de espíritas é ainda aqui muito restrito e, no momento, a difusão da obra de J.-B. Roustaing é restrita, seja em Messine, em Palerme ou em Catane; mas chegará o momento, que não está longe, quando a obra citada será adquirida, em centenas de exemplares; talvez possamos dizer milhares de cópias. Esta profecia tem uma base infalível e certa.

“Destá forma, faça um depósito em Messine, na livraria Carmelo de Stephano.

Por que vocês não fizeram a tradução para o italiano de *O livro dos médiuns*, do *Evangelho*, de *O céu e o inferno*, da *Gênese* de Allan Kardec? Já é tempo deste grande desejo ser realizado.

“A respeito de nossos trabalhos espíritas, que podemos vos dizer, caro Sr. Leymarie? É que nós continuamos a realizá-los com zelo e ardor, e que nós passamos de grandezas a novas grandezas, maravilhas sucedem a maravilhas. – Jamais na Terra estudos desta natureza atingiram semelhante grau de interesse e importância. Eles provam e põem em prática todas as teorias concernentes a nossa doutrina, é um caminho grandioso em todo o nosso sistema planetário; o conhecimento, passo a passo, de toda a escala do progresso, da verdadeira estrutura do Universo, da origem dos mundos e dos sóis, etc...; a origem das forças, etc. – Haverá, no que nós divulgaremos, um surpreendente golpe para todas as classes

sociais, quaisquer que elas sejam, e, principalmente, para os sábios modernos. A ciência atual, tão materialista, perdeu a via sagrada; além disto, ela está baseada somente nas propriedades da matéria e, quanto à parte especulativa, é somente uma imensa quantidade de erros”.

L. ROTELLER
(RS, 1883, pp. 269-70)

XXXIX – SEGUNDA TIRAGEM DE *LES QUATRE ÉVANGILES*

Em 1882, o discípulo fiel de Roustaing, Jean Guérin, ofereceu ao público espírita a 2ª tiragem de *Les quatre évangiles*. Não se trata de uma segunda edição, pois o miolo da obra contendo as interpretações evangélicas é absolutamente o mesmo. Se, por acaso, houve uma nova impressão, as matrizes utilizadas foram rigorosamente as mesmas. O que é mais provável foi a utilização de exemplares remanescentes.

Esta tiragem reduziu o *Prefácio* original de J.-B. Roustaing, de XXXIII páginas para as atuais 17 páginas. Esta revisão de Roustaing deu mais fluidez ao texto, porém suprimiu mensagens espirituais importantes. A *Introdução*, também escrita por Roustaing, foi totalmente suprimida, o que foi uma pena, devido ao resumo que ela faz dos principais pontos desenvolvidos na obra. Em compensação, foi incluída, nesta 2ª tiragem, parte da brochura *Les quatre évangiles de J.-B. Roustaing – Réponse à ses critiques et à ses adversaires*, precisamente da página 88 à 164 do original francês dessa brochura.

O livreiro também mudou. Em Paris, agora temos a venda feita pela *Librairie spirite*, 5, rue des Petits-Champs. Ora, esta era a livraria fundada por Allan Kardec, e que estava sendo administrada pela *Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec*. Em Bordeaux, a obra estava sendo posta à venda pela Féret, 15, cours de l'Intendance e pela Aimé Picot, Librairie Nouvelle, 3, place de la Comédie.



Édouard Féret

A Livraria Féret pertencia ao célebre escritor Édouard Féret, autor do maior clássico sobre os vinhos bordelenses, e que já citamos inúmeras vezes, dada a biografia de Roustaing que ele publicou num de seus famosos livros. A Edições Féret, em 18 de maio de 1998, teve a gentileza de nos enviar a interessante história de sua empresa, acompanhada da foto do grande escritor.



Nota de rodapé da página 52, da 2ª tiragem de *Les quatre évangiles*, de 1882, com as Informações das novas livrarias para a venda da obra.

A nota da página 52, desta 2ª tiragem de 1882, informa o nome das livrarias para a venda da obra, bem como o novo preço de 11 fr. 50 c.

A *Revue Spirite* publicou, por muitas vezes, o anúncio da venda desta 2ª tiragem. Vamos citar três exemplos:

1º) *Preço promocional de 9 fr:*

“Os quatro Evangelhos, por Roustaing, advogado, obra importante, em três volumes, aconselhável de ler e meditar; 10 fr e 50 os três volumes, incluído o porte. A administração os deixa por 9 fr, incluindo o porte, aos espíritas que os solicitarem” (RS, 25º ano, nº 4, 1882, abril, p. 128).

Les quatre Évangiles, par Roustaing, avocat, ouvrage important, en trois volumes, qu'il est bon de lire et de méditer: 10 fr. 50 les trois volumes port payé. L'administration les laisse à 9 fr. port payé aux spirites qui lui en feront la demande.

RS, 1882, p. 128

2º) *Preço normal:*

“Os 4 evangelhos, destacada obra, 10 fr. 50 c.” (RS, 26º ano, nº 1, 1883, janeiro)

OUVRAGES DIVERS
Les conférences spirites de l'année 1882, par F. Vallès. 1 fr.
Les 4 évangiles Roustaing, ouvrage remarquable, 10 fr. 50 cent.

RS, 1883, janeiro (encarte de propaganda)

3º) *Preço atualizado:*

“Os quatro evangelhos – Preço dos 3 volumes in-12, 11,50 fr, porte incluído. Paris, Livraria espírita, 5, rue des Petits-Champs. – Féret, em Bordeaux, 15, Cours de l'Intendance; e Aimé Picot, 3, Place de la Comédie” (RS, 26º ano, nº 7, 1883, julho, p. 312, nota 1).

(1) Prix des 3 volumes in-12 fr. 11.50 port payé. Paris, Librairie spirite, 5, rue des Petits-Champs. —Feret, à Bordeaux, 15, Cours de l'Intendance, et Aimé Picot, Librairie nouvelle, 3, Place de la Comédie. »

RS, 1883, p. 312

XL – EDIÇÕES TCHECAS DE VÝKLAD CTVERA EVANGELII
DESATERA PRIKÁZÁNÍ DLE SPIRITISMU¹⁰³

O *Reformador* (janeiro, 1974, p. 3), órgão da *Federação Espírita Brasileira*, informa que, no acervo de obras raras desta *Casa dos espíritas*, há um volume, da tradução tcheca de *Os quatro evangelhos*, de 1928, gentilmente ofertado pelo casal Dorothy- Felipe Salomão, de Franca-SP. Este casal amigo recebeu esta obra da Sra. Helena Stavelova. Ela guardava este volume consigo desde sua transferência da Europa, e sua oferta ocorreu em 3 de novembro de 1973, quando de uma palestra, em Franca, do tribuno Newton Boechat.

Recolhida esta informação, escrevemos para a *Narodní Knihovna České Republiky* (*Biblioteca Nacional da República Tcheca*), em Praga, em busca de mais detalhes sobre esta tradução. Em 2 de julho de 1997, através da Sra. Jindriska Pospisilova, do *Departamento de informação*, recebemos dados bem mais completos sobre as diversas traduções nesta língua.

Inicialmente, em 1886, a obra de J.-B. Roustaing começou a ser publicada numa *série* chamada de *Livraria espírita*, com a impressão de, no mínimo, VIII cadernos ou fascículos. Esta *Biblioteca* só possui em seu acervo os cadernos IV e de VI a VIII, dos quais nos enviou cópias da página de rosto e informações complementares da tradução.

Solicitamos à Embaixada da República Tcheca no Brasil que nos ajudasse na tradução das cópias, o que foi feito através de uma tradutora juramentada. Eis as informações:

1º) Série II – *Livraria Espírita – Espiritismo cristão*, ou seja, *Interpretação dos quatro evangelhos e do decálogo escritos pelos evangelistas e apóstolos, via mediúnica*.

Compilado e editado por Jan Roustaing, advogado francês. Traduzido por Frantisek Pavlicek,¹⁰⁴ comissário financeiro aposentado.

4º Caderno. Preço do caderno individual: 10 kr.

Editado e publicado por Karel Sezemský.

Praga, rua Soukenická, 1188/25, Scola, 1886.

Este caderno contém 40 páginas.

¹⁰³ *Interpretação dos Quatro Evangelhos e Decálogo por meio espírita.*

¹⁰⁴ Mesmo tradutor da edição alemã.



Caderno IV



Cadernos VI a VIII

2º) Série II – Livraria Espírita Central – Cadernos VI a VIII, encadernados juntos.

Espiritismo cristão, ou seja, Interpretação dos quatro evangelhos e decálogo escritos pelos evangelistas e apóstolos, via mediúnica.

De Jana Roustainga,¹⁰⁵ advogado francês.
 Traduzido por Frantisek Pavlicek, comissário financeiro
 aposentado.
 Preparado para impressão e editado por conta própria por
 Karel Sezemský em Hrabacové.
 Impressão de Bedricha Outraty, em Jicínè.
 Preço do volume individual: 20 hal.
 Estes cadernos contêm, juntos, 65 páginas.

Aqui, os recursos financeiros de Roustaing, intermediados
 por Jean Guérin, não chegaram. Tudo ficou por conta do ideal
 espírita de caridade do Sr. Karel Sezemský.

A Sra. Jindriska Pospisilova, da *Biblioteca Nacional*, em
 Praga, também nos informou que há outra tradução, em dois
 volumes, desta obra de Roustaing, publicada nos anos de 1908 e
 1909. Ela nos enviou cópias. Eis a tradução das informações:



1º volume, edição tcheca de 1908

1º) 1º volume:

*Interpretação dos quatro evangelhos e do decálogo, por meio
 espírita.*

¹⁰⁵ Jean Roustaing.

Escritos pelos evangelistas e apóstolos, mediunicamente.
Compilado e editado por Jan Roustaing, advogado francês.
Traduzido para o vernáculo e preparado para impressão por
F. Skola e K. Sezemský.

I Parte.

Em Nové Pace, 1908.

Edição da Biblioteca Espírita Central em Nové Pace.

Impresso por Josefa Glose, em Semilech.

Total: 306 páginas.



2º volume, edição tcheca de 1909.

2º) 2º volume:

Interpretação dos quatro evangelhos e decálogo, por meio
espírita.

Escritos pelos evangelistas e apóstolos mediunicamente.

Compilado e editado por Jan Roustaing, advogado francês.

Preparado para impressão por K. Sezemský.

II Parte.

Em Nové Pace, 1909.

Edição da Biblioteca Espírita Central em Nové Pace.

Impresso por Josefa Glose, em Semilech.

Total: 619 páginas.

Por fim, chegamos à edição tcheca de 1928 e 1930, para o
primeiro e o segundo volumes, respectivamente, da obra de

Roustaing. É deste 1º volume, de 1928, que há um exemplar raríssimo nos arquivos de *obras raras* da FEB, e que nem a *Biblioteca de Praga* possui um exemplar, como nos informou por e-mail a Sra. Jindriska Pospisilova, em 26 de junho de 1997. Há na Biblioteca apenas um exemplar do 2º volume, de 1930, do qual nos enviou informações e a cópia da página de rosto. As informações são rigorosamente as mesmas do 2º volume da edição de 1909.

O 1º volume de 1928 possui, segundo o registro do artigo do *Reformador*, as mesmas informações do 1º volume da edição de 1908. Há apenas uma diferença: os números de páginas foram contrabalançados: de 306, em 1908, passaram para 565 páginas, em 1928; e de 619, em 1909, passou para 528 páginas em 1930. Evidentemente que este recurso de divisão de páginas deu melhor estética. O *Reformador* publicou a fac-símile deste 1º volume de 1974, com os devidos autógrafos de oferecimento:



1º volume, edição tcheca de 1928.



2º volume, edição tcheca de 1930.

XLI – TRADUÇÕES PORTUGUESAS DE OS QUATRO EVANGELHOS

A obra *Les quatre évangiles* chega ao Brasil em 1870, ano em que começa a ser estudada e divulgada em nossas terras, ininterruptamente, até hoje. Como a obra estava escrita em francês, havia muita dificuldade na consecução de seu estudo. Inicialmente, os textos eram lidos em tradução nas reuniões de estudo. Com o surgimento da *Sociedade Espírita Fraternidade*, em 2 de março de 1880, e, com ela, a intensificação do estudo da obra de Roustaing, surgiu possivelmente num texto manuscrito a primeira tradução desta obra em português, feita pelo Sr. João Kall. Este texto não deve ter sido preparado para uma futura publicação. Acompanhemos a informação precisa de Pedro Richard, testemunha ocular, nas páginas do *Reformador*:

“Durante alguns anos, a *Sociedade Espírita Fraternidade* não se desviou do programa que lhe foi traçado pelo seu guia:¹⁰⁶ o estudo das obras dadas a Allan Kardec e a da Revelação da Revelação dada a Roustaing.

“Ali era lido o texto traduzido pelo vice-presidente, o nosso prezado confrade João Kall, de quem hauri proveitosas lições” (*Reformador*, 1916, p. 382).

*
*
*
Durante alguns annos a «Sociedade Espírita Fraternidade» não se desviou do programma que lhe foi traçado pelo seu guia: o estudo das obras dadas a Allan Kardec e o da *Revelação da Revelação* dada a Roustaing.
Ali era lido o texto traduzido pelo vice-presidente, o nosso prezado confrade João Kall, de quem hauri proveitosas lições.

Reformador, 1916, p. 382

Em 1883, antes mesmo da fundação da *Federação Espírita Brasileira*, corre a informação de que o Marechal Francisco Raimundo Ewerton Quadros teria traduzido *Les quatre évangiles*,

¹⁰⁶ O Espírito Urias (*Grandes espíritas do Brasil*, p. 390).

agora sim, com vista a uma futura publicação. É o próprio *Reformador* que esclarece numa nota:

“Os três volumes que compõem esta obra já estão traduzidos e publicados em inglês, espanhol, italiano e alemão. Sabemos que, em português, já foi traduzida pelo ilustre Sr. Dr. Francisco Raymundo Quadros e que, brevemente, será publicada” (*Reformador*, 15 de fevereiro de 1883).

É provável que esta tradução, em 1883, não estivesse completa, em seus três volumes. Isto se pode pensar analisando o texto original de Ewerton Quadros. No entanto, depois, toda a tradução foi concluída. Isto se prova, pois que nos arquivos da *Federação Espírita Brasileira* se encontra o texto, em manuscrito, do terceiro volume desta tradução. Na sua página de rosto, há o registro de quem solicitou esta tradução:

“Por Ewerton Quadros sob os auspícios da *Federação Espírita Brasileira*... H. Garnier, Rua Moreira César 71, Rio de Janeiro”.

A *Federação Espírita Brasileira* só foi fundada em 1º de janeiro de 1884, logo a tradução de Ewerton Quadros, a pedido dela, não pode ter sido concluída em 1883, simplesmente porque ela ainda não existia. Penso que, nesta época, parte da tradução já se encontrava pronta, talvez os dois primeiros tomos. Depois da fundação da FEB, esta solicita ao seu próprio Presidente que complete a tradução, sobre seus auspícios, para uma futura publicação pela H. Garnier.

Penso que o tamanho dos custos naquele momento, dada à extensão de *Os quatro evangelhos*, não permitiu que o projeto da *Federação* fosse concluído, como se esperava, pela editora H. Garnier. Infelizmente, o projeto não vingou. Mas, nem por isso, o esforço do confrade foi desprestigiado, pois, em janeiro de 1898, esta tradução começa a ser publicada, em série, nas páginas do *Reformador*, por iniciativa do seu então Presidente, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes. Antes, vejamos o anúncio desta publicação:

“NOTÍCIAS – Com o nosso primeiro número de janeiro do ano próximo, começaremos a publicar a excelente obra *Os Quatro Evangelhos*, de J.-B. Roustaing e acreditamos que esta simples notícia dispensa qualquer comentário sobre o alto valor dessa publicação, graças à reputação, por assim dizer, universal que fez a referida obra, cujas admiráveis páginas encerram a interpretação

dos textos evangélicos em espírito e verdade, tal como a admite a filosofia espírita, essencialmente progressiva" (*Reformador*, 1897, 2 de novembro, p. 2).

Assim, mais precisamente, no dia 15 de janeiro de 1898, ela começa a ser estampada nas páginas do *Reformador*, que irá publicá-la, até as proximidades do lançamento da edição encadernada de 1909. O *Reformador* justifica em suas páginas, então (1º de fevereiro de 1908, p. 47), que pelo motivo de se achar concluída a nova tradução desta *Revelação*, que será brevemente dada ao prelo, resolve suspender, por motivo de liberação de espaço na revista, esta publicação em série.



Reformador, 15 de janeiro de 1898

Esta tradução nunca foi publicada em livro, e não desvendamos o motivo.

O próximo movimento da *Federação Espírita Brasileira*, para ver a obra de Roustaing publicada, também não obteve sucesso. Foi o caso da tradução feita pelo Sr. João Anníbal Soares de Oliveira, a pedido da *Federação*, que, infelizmente, foi perdida num incêndio, como consta na ata da Reunião da Diretoria, de 09 de maio de 1906, segundo informação de Luciano dos Anjos, no seu livro *Os adeptos de Roustaing* (Volta Redonda-RJ: AEEV, 1993, pp. 123-4). Não consegui recuperar esta ata junto à *Federação*, para maiores detalhes, pois ela se encontra atualmente extraviada. Ainda segundo Luciano, a ata ora registra José, ora João, para o nome do confrade tradutor. *É impossível, então, saber qual dos prenomes é o correto.*

Novo esforço foi feito pela *Federação*, e o Sr. Henrique Vieira de Castro foi encarregado, por Fred Fígner, da tarefa de traduzir *Os quatro evangelhos*. Sobre este confrade, Sr. Henrique, o *Reformador*, ao narrar a sua desencarnação, ocorrida no final de outubro de 1921, aproveita para ressaltar o seu empenho e sucesso na realização da tradução da obra de Roustaing:

“Essas lições ele as entesoura no seu coração desde que desempenhou com zelo e devotamento a tarefa, que a *Federação* lhe confiou, de traduzir do francês para o nosso idioma a preciosa obra de J.-B. Roustaing – *Revelação da Revelação* ou *Os Quatro Evangelhos explicados em espírito e verdade*” (*Reformador*, 1921, 1º de novembro, p. 443).

Esta *nova tradução* permanecerá em vigor até 1920. A sua história é a seguinte:

1º) Em 1906, ela está colocada na lista das obras em preparo (*Reformador*, 1º de março de 1906, p. 73).

2º) Em 1908, continua a lista de assinaturas para a *aquisição com vantagens* desta obra, que, por esses dias, os *originais vão ser enviados à empresa impressora* (*Reformador*, dezembro de 1908, p. 390).

3º) Em outubro de 1909, é anunciado o lançamento desta tradução:

“OS QUATRO EVANGELHOS. – Cientificamos a todos os confrades que já se acha em nossa livraria esta magnífica obra, cuidadosamente impressa. Podem, pois, vir buscá-la os subscritores que antecipadamente se habilitaram para isso”. (*Reformador*, 3 de outubro de 1909, p. 311).

Os Quatro Evangelhos. — Sci-
entificamos a todos os confrades que
já se acha em nossa livraria esta ma-
gnifica obra, cuidadosamente im-
pressa. Podem, pois, vir buscá-la os
subscriptores que antecipadamente se
habilitaram para isso.
Os que ainda não completaram o
pagamento de suas prestações, terão
a bondade de o fazer para igual fim.

Reformador, 1909, p. 311

A impressão desta edição de 1909 foi feita numa *tipografia a vapor* da *Empresa Literária e Tipográfica*, Rua de D. Pedro, 184 – Porto – Portugal. A sede da *Federação*, nesta época, ficava na rua do Rosário, 133.

Outro ponto a considerar é que, nesta edição de 1909, não saiu o nome do tradutor. Por este motivo, pode-se pensar que ela foi a tradução de Ewerton Quadros, ou mesmo um complemento, de algum volume da tradução dele. Mas, não foi assim. Ewerton Quadros traduziu os três volumes, e, fazendo uma comparação dos textos, pode-se observar que a tradução de 1909 não é a que ele havia feito.



Os quatro evangelhos, 1909

Passemos à comparação dos textos das duas traduções:

Inicialmente, vamos olhar um trecho da tradução do 1º volume, o 1º parágrafo por exemplo, do que foi publicado no texto do *Reformador*:

“N. 1. “Os Evangelistas eram, sem o saber, médiuns historiógrafos inspirados, mantendo, porém, nos laços da humanidade, em virtude de sua aptidão mediúnica, a independência de sua natureza”. (*Reformador*, 15 de janeiro de 1898, p. 4).

Agora vamos observar a tradução da edição de 1909 do mesmo parágrafo:

“N. 1. “Os Evangelistas eram, sem o saberem, médiuns historiadores inspirados, mas nos laços da humanidade, guardando, em presença da sua aptidão medianímica, a independência da sua natureza” (QE, 1909, pp. 109-10).

Não só aqui, mas por todo o texto das duas traduções impera uma diferença de linguagem e de estilo. Diferença, inclusive, nos textos referentes ao 3º volume, que se pensava que Ewerton Quadros não tivesse traduzido. Vejamos, também, um exemplo neste 3º volume. Vamos transcrever o trecho do primeiro parágrafo da tradução de Ewerton Quadros, que temos conosco, e de que a *Federação* gentilmente nos cedeu uma cópia:

“N. 286. O repasto de Jesus, com seus discípulos, e a comunhão a que ele chama os homens, não devem despertar em vossos espíritos uma idéia material: Jesus faz um último e solene apelo à fraternidade universal por esses emblemas do pão e do vinho, que ela compara a seu corpo e a seu sangue”.

Agora, a tradução de Henrique Vieira de Castro, para o mesmo texto:

“N. 286. A refeição de Jesus com os seus discípulos e a comunhão para a qual ele chamava todos os homens não devem despertar nos vossos espíritos uma idéia *material*. Jesus faz, mediante os emblemas do pão e do vinho que ele compara ao seu corpo e ao seu sangue, um derradeiro e solene apelo à fraternidade entre todos” (QE, 1909, p. 7).

Assim, a edição de 1909 é, como anuncia o *Reformador*, uma *nova tradução desta Revelação* (1º de fevereiro de 1908, p.

47), feita pelo Sr. Henrique Vieira de Castro, a pedido da própria *Federação*.

Em 1918, a *Federação* achou por bem preparar uma *nova tradução*, baseada no que se pensava ser uma 2ª edição de Roustaing:

“Está bastante adiantada a nova tradução dos Quatro Evangelhos, de J.-B. Roustaing, da qual se encarregou nosso companheiro e Diretor da Livraria, Dr. Guillon Ribeiro” (*Reformador*, 21 de janeiro de 1918, p. 38).

Os objetivos desta nova tradução são explicitados mais adiante:

“Tendo-se esgotado a tradução em português da obra publicada pelo Sr. Roustaing – *Revelação da Revelação* ou *Os Quatro Evangelhos explicados em espírito e verdade pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos*, a *Federação Espírita* está aditando uma nova tradução, feita em moldes que aumentarão o valor da obra como torná-la também obra de consulta” (*Reformador*, 16 de julho de 1918, p. 236).

A referência do texto acima, falando em *consultas*, é o índice das matérias e as notas nas margens das páginas, que foi uma das grandes contribuições de Guillon Ribeiro.

O *Reformador* ainda ressalta *as angústias do momento presente*, dada a guerra que imperava em 1918, por isso, contava com a:

“Colaboração de todos os espíritas para a realização desse empreendimento”.

Esta edição já seria redesenhada em 4 volumes:

“A *Federação Espírita Brasileira*, na sua missão de propagar o Espiritismo, está cuidando de editar uma nova tradução da mesma obra, em quatro volumes de cerca de 500 páginas cada um, todos com um minucioso índice dos assuntos neles tratados, de sorte a fazer dela utilíssima obra de consulta” (*Reformador*, 1918, 16 de junho, p. 237).

Apesar das *dificuldades do momento atual*, a *Federação* estava abrindo subscrições para facilitar o pagamento desta obra, parcelado ou à vista com desconto e, mesmo assim, ela seria lançada a preços populares.

Espectáculo christão
ou
Revelação da revelação.

Os quatro evangelhos
os manuscritos
aplicados em espirito e em verdade, pelos Evangelistas, assistidos
dos apóstolos e Apóstolos - recebidos e coordenados por
F. R. Secutarius.
Elaborado em Bordeaux.
Traduzido
por
Ewerton Quadros
sob o pseudônimo de
Charles Capricieux Brasileiro

Não se deve deixar os muitos erros, pois: vos quer
tentar não estar no caso de compreenderdes o
Luzes de espírito de verdade, até vos fazer
abrir toda a verdade, porque até aqui, já se
se menciona, mas se vos derdes a que terá sentido. Até
se reconhecerem os erros que devem reconhecer. Até
se glorificarem, não que terá recebido de seus, com
se reconhecerem.

(João, XVI, v. 12-13-14)
Nada existe de oculto que não deva ser conhecido:
nada de oculto que não deva ser descoberto e revelado
para publicamente.

(Matthias, X, v. 26; Marcos, IV, v. 22-23; Lucas, VIII, v. 17)
E não temer que se descubra a verdade.
(Matthias, X, v. 23).

último
Volume
H. Garric
Rua Orleans nº 77
Rio de Janeiro

Cópia manuscrita do terceiro volume de Os Quatro Evangelhos da tradução de F. R. Ewerton Quadros

A adesão à proposta da Federação Espírita foi endossada com entusiasmo pelos confrades:

“A nova edição... tem sido recebida pelos nossos confrades, como era de se esperar, com vivas demonstrações de entusiasmo e de carinho” (*Reformador*, 1918, 16 de setembro, p. 302).

A lista dos subscritores começa a surgir pelas páginas deste periódico; como destaque, nesta mesma nota, temos os nomes dos confrades Manoel Philomeno Baptista de Miranda e Marechal Francisco Raymundo Ewerton Quadros, entre outros.

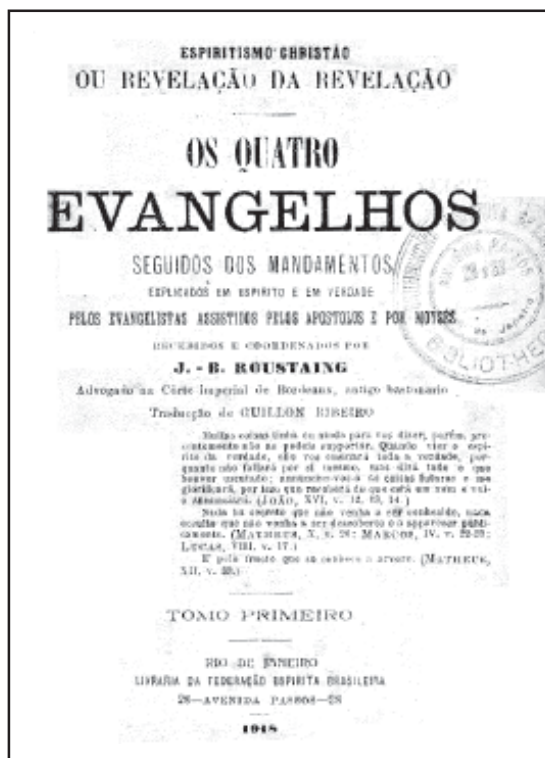
A situação, provocada pela guerra, não permitiu que a *Casa de Ismael* entregasse essa *nova tradução* à tipografia da cidade do Porto, já sua conhecida, em inúmeros trabalhos:

“Para impressão desta obra, a Livraria reuniu orçamentos de várias firmas desta praça pela impossibilidade de editá-la na Europa devido à alta dos preços e à dificuldade da revisão que, pela natureza do trabalho, deve ser rigorosa, obrigando o tradutor a acompanhar de perto a impressão. Dada a falta de transporte rápido e contínuo para Europa, tornou-se impossível superar esta dificuldade e tivemos que aceitar, entre as propostas que recebemos, a que melhores vantagens ofereceu. Está, pois, em andamento o trabalho, estando o 1º volume quase concluído, dependendo apenas das últimas revisões e impressão do índice. É considerável este trabalho, grandes as dificuldades a vencer, porém, graças ao Criador, esperamos realizá-lo” (*Reformador*, 1919, 16 de janeiro, p. 43).

A empresa escolhida foi a Tipografia Baptista de Souza – Rua da Misericórdia, 51 – Rio de Janeiro, como informa o verso da página de rosto desta edição.

Infelizmente, o trabalho desta tipografia não ficou dentro dos padrões de qualidade da *Federação* e do que se esperava para esta obra de referência espírita. O *primeiro volume* chegou a ser publicado, mais foi colocado de lado, como um volume extraordinário, não fazendo parte da coleção de Roustaing. Esta edição de 1918 só foi concluída nos últimos dias de março de 1919. Acompanhemos a nota explicativa da *Federação*:

“Só em fins do mês próximo findo pode ficar concluída a impressão do primeiro volume da nova tradução que fizemos da incomparável obra mediúnica *Os quatro Evangelhos* ou *Revelação da Revelação* de J.-B. Roustaing, de modo que só agora nos é possível remetê-lo a todos os que se dignaram subscrever para a aquisição dos quatro volumes em que, na nova tradução, a obra se dividirá.



Os quatro evangelhos, 1918

“Cumprimos, porém, o dever de comunicar a todas as pessoas que assim nos honraram com sua confiança, que esse primeiro volume, a que vimos de referir-nos, lhes será remetido gratuitamente.

“Será um volume extraordinário que não fará parte da coleção dos quatro que nos obrigamos a enviar-lhes.

“É que o trabalho feito de modo algum correspondeu à nossa expectativa; não foi isso o que nos propusemos oferecer a quantos desejavam possuir tão magnífica obra.

“Verificando esse fato e uma vez que, com a terminação da guerra, tornou-se fácil confiar aos nossos antigos editores na Europa a impressão dos quatro volumes da *Revelação da Revelação*, deliberamos entregar-lhes, sem demora, esse trabalho, certos de que só assim o podemos ter nas condições que desejamos.

“Dentro de alguns meses receberemos de lá, superiormente confeccionados, os dois primeiros volumes e, sem demora, os faremos chegar às mãos dos subscritores da obra, para os quais então ficará sem serventia o que agora lhes mandamos apenas com o intuito de que, desde já, possam fazer-lhes a leitura.

“Dada essa explicação que devíamos aos que, de modo honroso para nós, acudiram ao apelo que lhes dirigimos, esperamos nos relevem a falta que procuramos remediar da melhor maneira, sem medir sacrifícios” (*Reformador*, 1919, 16 de abril, p. 148).

Agora, infelizmente, vai começar um novo drama, envolvendo a publicação da edição de 1920, de *Os quatro evangelhos*. A tipografia da cidade do Porto, já tão conhecida da FEB no passado, não honrará seus compromissos. Vários fatores vão somar para este fracasso: problemas com o fim da guerra, os transportes marítimos, greve dos operários portugueses e, inclusive, a saúde dos proprietários. O sucesso que se esperava para alguns meses vai se arrastar por seis longos e impacientes anos. Acompanhemos esta história de lutas.

A *Federação* se encontrava pressionada frente a seus compromissos com os subscritores da obra, pois os dois volumes, prometidos para breve, não foram entregues pela tipografia do Porto:

“Contávamos que, como de costume, tudo corresse normalmente e, portanto, com muita rapidez. Assim não foi. De um lado, a crise continuada do trabalho, naquele país irmão, proveniente das agitações políticas e operárias e, de outro lado, a morosidade e os embaraços com que ainda vai sendo feita a navegação entre a América e a Europa, ocasionaram e estão ocasionando imensa demora na remessa das provas, que não podemos prescindir de rever e, por conseguinte, no acabamento da obra.

“Para não nos alongarmos, só falamos aqui das dificuldades principais” (*Reformador*, 1919, 16 de novembro, p. 272).

Agora, as dificuldades aumentaram, e giram em torno do estado grave da saúde do diretor gerente da tipografia:

“Como sabem nossos leitores, além de muitas outras obras, temos a imprimir-se, na Empresa Literária e Tipográfica do Porto, a cujas oficinas desde muitos anos a *Federação* confia todos os trabalhos que edita, a nova tradução dos *Quatro Evangelhos*, de J.-B. Roustaing. Longa e grave enfermidade do diretor gerente dessa antiga casa editora, coincidindo com a agravação da crise do trabalho operário em Portugal, determinou profunda perturbação na vida da Empresa, ocasionando a quase paralisação de todos os seus serviços” (*Reformador*, 1920, 1º de dezembro, p. 478).

Nesta nota da *Federação*, porém, já se via uma luz no fim do túnel:

“Hoje, felizmente, nos é permitido noticiar que a situação embaraçosa em que veio a encontrar-se aquela Empresa editora já se acha quase normalizada, o que verificamos pela regularidade e brevidade com que nos estão sendo remetidas as provas cuja revisão é feita aqui, de sorte que contamos distribuir ainda, no princípio do ano vindouro, os dois primeiros volumes da obra de Roustaing”.

Parecia um sonho, mais tudo continuava se arrastando...

Agora aumentavam as dificuldades, pois alguns subscritores, mal informados sobre a conduta exemplar da *Federação Espírita Brasileira* reclamavam da demora:

“Se têm revoltado contra a demora, que consideram injustificável” (*Reformador*, 1921, 1º de fevereiro, p. 75).

Frente a estes novos fatos, a *Federação* precisou tomar uma medida mais drástica, como a que se encontra na nota desta mesma última referência:

“Por comprovarmos a afirmação de que nem um só instante o companheiro que dirige a Livraria se tem descuidado de ativar a feitura tipográfica da nova tradução da obra de Roustaing... menos pelo zelo com que trata dos interesses materiais do departamento a seu cargo, do que pelo empenho que põe em ser dos que melhormente cuidam dos altos interesses morais ligados à existência da *Federação*, diremos que, nada de satisfatório obtendo com o fazer diretamente reiteradas reclamações e exigências a casa nossa editora, do Porto, lançou mão dos bons ofícios do confrade e consócio Sr. Manuel Graça, também ali estabelecido, dando-lhe plenos poderes para proceder como se lhe afigurasse mais conveniente, em face da situação que lhe foi exposta com toda a clareza.

“Não se demorou aquele confrade em devolver ação inteligente no sentido em que a solicitáramos e de tal modo se houve que, por seu intermédio, tivemos do novo gerente da Empresa Literária e Tipográfica a promessa formal de que até junho estará pronto toda a nossa encomenda ora ali em execução, compreendido o segundo volume da obra de Roustaing, cujo primeiro tomo se acha inteiramente acabado”.

Agora já estamos em agosto de 1921, e a *Federação* manda publicar uma nota cheia de esperança, solicitando, inclusive, que os subscritores atualizem seus endereços, visando à futura remessa para breve:

“Vencidas as múltiplas dificuldades e embaraços, de que aos nossos leitores temos dado ciência, surgidos, sem que os pudéssemos prever, nem com eles contar, no curso da impressão tipográfica, que mandamos fazer em Portugal, da nova tradução da obra de Roustaing – *Os Quatro Evangelhos* ou *Revelação da Revelação* – dentro, o mais tardar, de mês e meio os seus primeiros volumes estarão sendo enviados a todos os que subscreveram para a respectiva publicação, remetendos-nos antecipadamente a importância do custo da obra” (*Reformador*, 1921, 1º de agosto, p. 325).

Enfim, no *Relatório da Diretoria da Federação Espírita*, de 22 de janeiro de 1922, pode-se tomar conhecimento de que os dois primeiros tomos da edição de 1920, de Roustaing, já começaram a ser distribuídos, e que o restante da obra, a passos largos, estava sendo concluído:

“Felizmente, com a sensível regularização dos serviços daquela Empresa, já foi possível este ano distribuir-se por uma grande parte dos que antecipadamente adquiriram a obra, subscrevendo para a sua publicação, os dois primeiros dos quatro volumes em que ela se desdobra. Está a chegar o restante da edição desses dois volumes. Quanto ao terceiro, para se achar pronto só falta a impressão do respectivo índice alfabético. Assim, dentro de pouco tempo também ele estará sendo distribuído, contando nós que o quarto o venha a ser até meados do ano próximo” (*Reformador*, 1922, p. 71).

O endereço da Empresa Literária, no Porto, era rua Boavista, 321. Lembro que, em total falta de sintonia com a complicada situação, no registro da tipografia desta Empresa, na edição de Roustaing, está escrito, por incrível que pareça, *Oficinas movidas à eletricidade*. Pela *velocidade* na entrega das encomendas, imagine se fosse manual.

No início do ano de 1923, numa nota, a *Federação* faz um balanço de como se encontravam as coisas, ficando então claro que ainda teremos alguns capítulos longos para o final desta novela:

“Felizmente, removidos os maiores obstáculos, conseguiu a Empresa Literária e Tipográfica concluir a impressão de três tomos. Destes, o 1º e o 2º já foram entregues aos que subscreveram previamente a obra e o 3º, já em nosso depósito, será, dentro de poucos dias, distribuído igualmente. O 4º e último volume está com a composição bastante adiantada de modo a ficar concluído em fevereiro de 1923 para ser entregue em março” (*Reformador*, 1923, 1º de janeiro, pp. 66-7).



Os quatro evangelhos, 1920

Aqui, uma parada nesta longa exposição do drama vivido pela *Federação*, para ver a obra de Roustaing devidamente publicada, como é seu ideal e seu compromisso estatutário. Informo que as sucessivas listas de subscritores continuavam a ser publicadas, independente dos problemas na edição da nova tradução. Quero citar três exemplos: no encarte de 1º de dezembro de 1922, encontramos um nome que expressa cultura e nobreza: Dr. Porto Carreiro Neto. No encarte de 16 de outubro de 1923, temos o mavioso poeta Luiz Oliveira; e, no de 3 de outubro de 1923, brilha o nome da inesquecível médium de Victor Hugo, Sra. Zilda Gama.

Voltemos à demorada edição da nova tradução de Roustaing. No *Relatório da Diretoria da Federação*, de 27 de janeiro de 1924, há quase que um ponto final, em todo este drama, que lembra um *fado do português doido*, parodiando o genial Stanislaw Ponte Preta. Vejamos a nota:

“*Revelação da Revelação* – As nossas relações com a antiga Empresa Literária ficaram extintas com a entrega que essa casa fez aos Srs. Lello & Irmão Limitada, do resto dos volumes 1º., 2º e 3º, desta obra e de toda a edição do 4º volume, que já está concluído.

“Por carta recente dos referidos Srs., soubemos que as brochuras estavam concluídas e prontas para embarcar. As encadernações estavam sendo executadas com rapidez, de modo a ser embarcada toda a obra nos primeiros dias do ano a iniciar-se.

“Como sabeis, os Srs Lello & Irmão levaram procuração para agir em nome da *Federação*, junto à Empresa Literária e Tipográfica, e vão desempenhando cabalmente o encargo, dando-nos a esperança de que, em breve, teremos concluída a 2ª edição de Os Quatro Evangelhos” (*Reformador*, 1924, 1º de fevereiro, p. 73).

Enfim, o último capítulo com o esperado *happy end*, como consequência da intervenção do mais Alto:

“Temos hoje, afinal, a grande satisfação de poder anunciar que a Livraria da *Federação* acaba de receber o quarto volume dessa obra monumental, cujo altíssimo valor cada dia mais e mais se demonstra” (*Reformador*, 1924, 1º de junho, p. 238).

A história, porém, continua.

Em 1942, surge a terceira edição de *Os quatro evangelhos*, com a mesma tradução de Guillon Ribeiro, que permanecerá até os dias de hoje. Ela ainda inclui o encarte com a *crítica aos adversários* de Roustaing. Esta edição coroa todos os esforços de Guillon Ribeiro, *um gigante do espiritismo no Brasil*, na feliz expressão que imortaliza sua missão de bênçãos.



Os quatro evangelhos, 1942

A quarta edição surge em 1954, na gestão do Presidente Antônio Wantuil de Freitas. Nela retorna a *Introdução* escrita por Roustaing, e sai, definitivamente, a *crítica aos adversários*.



Os quatro evangelhos, 1954

A 5ª edição, a de 1971, ocorre na gestão do inesquecível Presidente Armando Assis;



Os quatro evangelhos, 1971

Depois vieram a 6ª edição de 1983; a 7ª de 1988, a 8ª de 1994. A 9ª edição, é a atual, de 1999.

A história desta obra de luz no Brasil é a prova de que o Alto a quer muito e, a deseja, para desenvolver o progresso espiritual no *Coração do mundo*.

CONCLUSÃO

Nossa pesquisa nos levou muito além do que podíamos imaginar. O nome de J.-B. Roustaing corre pelo mundo. Pelos quatro cantos do planeta se encontra a presença de sua obra, que, como nenhuma outra, foca luz nos Evangelhos de Jesus.

A fama desta alma de bem correu o mundo e sua obra foi reconhecida em diversos países: Espanha, Inglaterra, Alemanha, Itália, Bélgica, República Tcheca e Brasil. Quero citar mais duas referências fora dos limites franceses: Estados Unidos da América e Índia.

A primeira vem do Sr. Henri Lacroix (1826-1897), autor, entre outros, de dois clássicos do universo espírita: *L'homme et sa chute* (Paris, Librairie des sciences psychologiques, 1881) e *Spiritisme américain: mes expériences avec les esprits* (1889). Esta referência foi extraída da *Mind and matter*, periódico da Philadelphie, EUA:

“Eu informo aos nossos leitores os nomes de pessoas célebres que, na França, serviram e servem à nossa causa pela palavra e pela pena: ... J.-B. Roustaing... Sra. Émile Collignon... Jean Guérin” (transcrito na *Revue Spirite*, 1883, pp. 349-354).

A segunda referência vem da Índia, e encontra-se na obra do Sr. René Caillé, publicada em 1884, da qual iremos transcrever algumas partes no 3º Apêndice. A referência é de um jornal espiritualista da cidade de Bombaim:

“Enfim, não queríamos deixar passar em silêncio a opinião do grande jornal inglês *Le Théosophist*, que se publica em Bombaim e que está completamente dedicado a todos os preceitos da filosofia oriental e tem por objetivo patrocinar e fazer valer a doutrina do Budismo,¹⁰⁷ a religião mais antiga do mundo e que conta como partidários mais do que a terça parte da população do globo.

“Todos os fatos citados no livro os *Quatro evangelhos*, publicado por Roustaing – diz esse Jornal –, pertencem sem exceção às nossas teorias arianas e pré-arianas, mas são apresentadas como novas revelações. Encontram-se nesta obra numerosas passagens admiráveis de sabedoria e de beleza... é uma exposição perfeita da doutrina oculta do Budismo de nossa Igreja do Norte. A influência dos Espíritos de uma ordem muito superior (*Dhyan Chohan*) sobre

¹⁰⁷ E também do hinduísmo. Estas duas religiões estão entre as mais antigas do mundo.

a evolução primitiva do homem, a densidade dos planetas proporcionada em seu lugar à série evolutiva dos mundos, os desenvolvimentos futuros dos poderes psíquicos em toda a raça humana, o desenvolvimento da Humanidade saindo de um germe primitivo após ter alcançado os limites da perfectibilidade possível nos reinos animal e vegetal, está bem aí tudo o que admitem os iniciados budistas... Tudo que encontramos no *livro de Roustaing* foi ensinado por nosso Buda, Gautama Cathagata, há vinte e quatro séculos” (pp. 779-80).

Por fim, quero ressaltar que a obra de Roustaing está absolutamente dentro do contexto da Revelação espírita, sendo esta última um prolongamento, segundo a modernidade dos tempos, das revelações evangélica e mosaica. P-G. Leymarie concebe muito bem este conceito em seu *canto do cisne*:

“O ensino dos espíritos contém integralmente a moral evangélica; aquele que quiser abundantemente fazer prova disto, lerá Allan Kardec em todas as suas obras, Camille Flammarion, Rose, Dozon, G. Delanne, todos os jornais aparecidos depois de 1855, Guldenstube, Roustaing, Léon Denis, Mme. Catalá, etc.; em todas estas obras se apresentará o mesmo caráter da moral evangélica, o mesmo selo da moral do Cristo e do decálogo” (RS, 1898, p. 451).

Esta citação mostra como Leymarie se encontrava antenado com a mais pura tradição espiritual, pois é a primeira vez que se encontram reunidos os nomes graníticos que foram *recolhidos* por Humberto de Campos, *nas tradições do mundo espiritual*: Allan Kardec, J.-B. Roustaing, Léon Denis, G. Delanne e C. Flammarion.

A essência deste trabalho está, então, demonstrada: J.-B. Roustaing é legítimo homem de bem e, por isso, é nosso dever e obrigação pesquisar, estudar e divulgar sua vida e obra. Nosso intuito pode ser expresso com a seguinte frase: *quanto mais se conhecer o homem, mais se respeitará sua obra*.

Esta pesquisa não tem um ponto final, e, se ela está sendo escrita agora, é para saudarmos as luzes do *Bicentenário* de J.-B. Roustaing, em 15 de outubro de 2005. Amanhã, novas revelações por certo surgirão...

APÊNDICE

I – APÊNDICE

ESTUDOS SOBRE OS FLUIDOS

Presidente: Sr. Peyranne. – Médiun: Sr. Bez. – Espírito: Claudius.

PRINCÍPIOS GERAIS

Sessão de 17 de abril de 1866. – Nada na natureza poderia existir sem fluidos.

Os fluidos são, pois, o elemento capital, o elemento único pelo qual tudo vive, se agita, cresce, se desenvolve, declina, se decompõe para nascer de novo sob uma forma cada vez mais depurada, cada vez mais graciosa, cada vez mais próxima desse ideal que, ele próprio, cresce à medida que cresce a inteligência, que é a única que pode concebê-lo.

Estudar os fluidos é, portanto, estudar a própria natureza em sua essência, em seus princípios primordiais; estudar os fluidos é estudar a causa de todas as causas, o mecanismo primitivo, aquele que engendra todos os outros mecanismos; é, numa palavra, atingir o mais fundo dos mistérios mais obscuros da criação; é lançar um olhar investigador até os mais profundos recôncavos da vida essencial da natureza.

Limitar-me-ei hoje a enunciar alguns dos princípios gerais que regem os fluidos, com a condição de desenvolvê-los mais tarde e de tirar deles todas as conseqüências possíveis.

Assim como há uma causa primeira, causa inteligente por excelência pela qual tudo que é deve sê-lo, da mesma forma há um princípio material primeiro e único, causa material por excelência, da qual tudo que é, fora do princípio da causa inteligente, tira os átomos materiais que formam a matéria. A fim de facilitar-lhes a concepção dessas coisas que a inteligência do espírito, mesmo o mais avançado, não pode conceber senão pela indução e pela comparação, chamaremos de fluido universal esse princípio material de que são formados todos os corpos que enchem os mundos.

O fluido universal: eis a fonte inesgotável da qual o Criador de todas as coisas tira sem cessar os elementos necessários para a criação.

Sob sua mão inteligente e todo-poderosa, o fluido universal se subdivide em uma infinidade de fluidos distintos uns dos outros por sua densidade, por sua afinidade, por suas propriedades diversas. Tais são o que vocês chamam de fluido elétrico, de fluido medianímico, de calórico, que não é outra coisa senão um fluido, o fluido imantado, e uma multidão de outros cujos efeitos se produzem sem cessar aos olhos de vocês, sem que vocês tenham a mínima percepção disso, e da combinação de todos esses fluidos entre si, de suas misturas, de sua atração e de sua repulsão uns pelos outros são formados todos os corpos materiais que os olhos de vocês vêem, que suas mãos tocam, que sua audição escuta, que seu olfato pode cheirar, que seu paladar pode saborear.

E, da mesma forma que esses corpos materiais que caem sob a apreciação material de seus sentidos, da mesma forma essa infinidade de corpos fluídicos, materiais também, mas cuja matéria depurada escapa à imperfeição de seus sentidos ainda bastante grosseiros, da mesma forma esses corpos etéreos, invólucro da alma que é tão pura, tão imaterial quanto a própria alma mais elevada, da mesma forma todos os corpos perispirituais são também apenas compostos desses fluidos, combinados entre si nas proporções diversas cuja lei conhecem apenas o Mestre da criação e os espíritos ultra-superiores delegados por ele para presidir a obra sem cessar renascente e sempre inacabada da criação ao infinito no infinito dos mundos.

Assim, pois, um único princípio de onde provém tudo que existe, um único corpo simples de onde são formados todos os corpos que enchem o infinito dos universos, eis a grande lei da criação.

A pedra filosofal que tantas inteligências de elite se esforçaram por procurar, o princípio único está todo achado, é o fluido universal, e, quando o homem se tiver tornado digno de conhecer-lhe as misteriosas propriedades e quando lhe for permitido manejar-lhe os elementos, não somente o grande problema da transmutação dos metais estará definitivamente resolvido, mas também o problema bem mais difícil da criação em todos os seus mistérios não será mais que um jogo para a inteligência do homem, como o é hoje para as inteligências celestes que se dedicam todos os dias e em todos os momentos a pô-lo em prática.

Não me foi permitido, porque os tempos ainda não vieram para a nossa Terra, entrar nos detalhes mais íntimos dessa importante questão, mas acreditei dever traçar-lhes, de maneira rápida, o quadro que acabo de ditar.

E vou estudar agora com vocês algumas das propriedades dos fluidos que nos são menos desconhecidas e cujos efeitos vocês são freqüentemente chamados a ver desenvolver-se diante dos seus olhos.

Sessão de 24 de abril de 1866 – Como todos os corpos são apenas compostos de fluidos, é evidente que os fluidos são os agentes mais poderosos de que podemos nos servir, seja para deteriorar, seja para regenerar os corpos.

É por isso que os fluidos, embora não tenham podido ser ainda analisados pela ciência humana, produzem esses efeitos imensos que o homem se limita a constatar, porque não pode explicá-los, e muitas vezes, obedecendo a essa influência secreta que o leva a atribuir a poderes sobrenaturais tudo que não entende e que, por isso mesmo, lhe parece sobrenatural, ele atribui ao Diabo ou aos seus acólitos, a Deus ou a seus anjos, os efeitos que são apenas os efeitos dos fluidos sobre a matéria.

Daí os efeitos tão curiosos em sua variedade sem cessar renascente do fluido elétrico, quando, em consequência do choque dos princípios negativo e positivo que se encontram dentro de si, ele produz a chama terrível que derruba, quebra ou então mutila, segundo seus caprichos mais inconcebíveis, os objetos quaisquer que sejam que se encontrem em sua passagem.

Mas o que menos ainda se compreende nesses efeitos extraordinários dos fluidos são os agentes que os dirigem, que os combinam, que os utilizam, enfim, para produzir esses fenômenos maravilhosos caídos no domínio da indiferença, por isso só é que eles se produzem todos os dias e em todos os lugares.

Esses agentes inteligentes, já que imprimem aos fluidos uma direção inteligente, não são senão os Espíritos.

Espíritos de todos os graus – Espíritos superiores encarregados pelo Ser supremo dessa direção e por ordem dos quais todos esses fenômenos se reproduzem, embora provenientes de uma fonte única, com uma variedade que os torna aptos a servir às intenções do Criador que deles se serve para as provas e as punições dos homens.

Espíritos inferiores de todos os graus que, como operários obscuros pouco inteligentes, desbravam terrenos e manipulam princípios cujas riquezas e propriedades ignoram.

Eis por que os Espíritos são os maiores manipuladores dos fluidos e eis por que também, como veremos na seqüência deste estudo, os Espíritos que utilizam os fluidos para operar sobre as matérias, com o objetivo de curar as doenças da matéria, obtêm sucessos de que os médicos terrestres nem podem ter idéia, ainda que aproximativa, de tal modo os remédios fluidicos são superiores aos remédios materiais que eles empregam freqüentemente como cegos.

Sessão de 22 de maio. – P. O fluido universal que você expõe como corpo simples não seria antes um composto, já que se pode decompô-lo e fazê-lo sofrer certas transformações?

R. Como todo corpo (o invisível é um corpo também já que não é invisível senão por causa da imperfeição dos órgãos visuais de vocês) como todo corpo o fluido universal se compõe de moléculas compostas também de átomos.

É pela maior ou menor quantidade dessas moléculas e desses átomos e pela ação operada sobre eles sob a direção dos operários de Deus, pelo calor, pela condensação e por alguns outros agentes que são desconhecidos por vocês e que tomam sua essência na própria natureza do espírito, isto é, na vontade, que se produzem de uma fonte única uma multidão de fluidos ou de corpos diferentes que, por suas combinações uns com os outros adquirem propriedades dessemelhantes e freqüentemente opostas radicalmente umas das outras e formam também todos os seres materiais da criação.

P. Será permitido um dia ao homem analisar os fluidos e tirar deles algumas conseqüências como fazem atualmente os espíritos errantes que nos são hierarquicamente superiores?

R. É claro, por que não? Quando os homens sobre a Terra tiverem atingido um grau de avanço e de depuração que os tornar iguais a esses espíritos de que você fala, e quando a Terra aperfeiçoada e depurada também oferecer à sua ciência elementos menos grosseiros e mais maleáveis.

Sessão de 12 de junho. – Depois do exposto rápido que acreditei dever fazer-lhes dos princípios gerais que regem os fluidos, ser-nos-á fácil dar-nos conta, não só de sua ação, mas também da maneira como essa ação se exerce segundo a vontade daqueles a quem é permitido dirigi-la.

Eis o magnetizador, por exemplo:

Usando fluidos que saem de seu organismo e posto em presença de um *sujet* cujo sistema nervoso muito impressionável é propício a receber esses fluidos e a agir segundo seu impulso, ele o carrega com força, faz passar de alguma forma sua própria vida ao corpo do seu *sujet*, identifica-se com ele, pesa até sobre sua inteligência, sobre seu ser pensante que ele força a distanciar-se, torna-se dono de seu corpo que doravante obedece impassível à menor de suas ordens.

Proveniente de seu perispírito, cuja existência mesma freqüentemente ele ignora, o fluido do magnetizador penetra, primeiramente, no perispírito do sonâmbulo, separa-o pouco a pouco do corpo que se torna quase isolado, separa-o pouco a pouco, também, se o quiser, do espírito que retoma seu curso em direção ao espaço, deixando longe de si, inerte, imóvel ou sob o domínio do magnetizador, o corpo que doravante não parece mais lhe pertencer. E, nessa situação, se quiser, o magnetizador mostrará a esse corpo, que os fluidos submeteram à sua vontade, tudo que ele quiser mostrar-lhe, fará agir cada um de seus órgãos como melhor lhe aprouver, cansá-lo-á se quiser cansá-lo, largá-lo-á, se quiser largá-lo, fornecer-lhe-á visões terríveis, pesadelos atroztes, ou o fará assistir a sonhos esplêndidos sem que, no despertar, isto é, depois que pela força da vontade apenas ele tiver dispersado todos os fluidos e que o espírito tiver entrado em sua casa, o *sujet* tenha conservado a menor lembrança do que acontecia alguns minutos antes. E se, ao contrário, ele quiser deixar-lhe a lembrança seja total, seja parcial, agindo sempre com o socorro único de sua vontade, ele fará entrar o espírito no corpo antes do despertar deste, fá-lo-á assistir a tudo o que acontece e pela impressão profunda produzida sobre o perispírito lhe deixará no despertar a lembrança de tudo que aconteceu. Ou então, depois de ter facilitado, por meio de seus fluidos, a liberação do espírito, não querendo dominar o corpo e submetê-lo à sua influência, ele os deixará em relação um com o outro, mas permitirá ao espírito transmitir-lhe seus pensamentos, o resultado de suas impressões pessoais, a visão do que acontece a distâncias mais ou menos grandes, as noções científicas que ele pôde ter adquirido em existências anteriores e que no despertar dormem latentes em si. Ou então ainda lhe permitirá consultar espíritos livres completamente e transmitir suas respostas, suas opiniões e seus conselhos pelos órgãos desse corpo em aparência privado de vida.

O que faz o magnetizador com a ajuda do seu fluido, do fluido obtido em sua matéria (em seu corpo e em seu perispírito), o espírito livre pode fazê-lo também da mesma maneira com a ajuda de seu próprio fluido que ele obtém nessa matéria sempre mais depurada que você chama de perispírito. Daí, duas magnetizações, duas ações idênticas nos resultados embora provenientes de fontes diversas.

Tentaremos fazer um paralelo entre elas na próxima ocasião.

Sessão de 10 de julho. – Assim como vimos em nossa conversa precedente, a ação do magnetizador sobre o sonâmbulo se exerce pelos fluidos provenientes do perispírito e do corpo daquele, agindo sobre o perispírito e o corpo deste, e essa ação adquire os caracteres da vontade que a dirige. Mas não é indispensável que o magnetizador esteja encarnado para operar sobre um *sujet*.

O espírito desencarnado pode agir da mesma maneira, só que, como não possui corpo, não pode agir fluidicamente sobre o corpo, e, porque não encontra nele os fluidos corporais necessários, tem necessidade de obtê-los no corpo de um encarnado disposto *ad hoc* e que você chama de médium. Esse médium pode ser externo ao *sujet* ou então o próprio *sujet*.

Obtendo os fluidos corporais no corpo do médium e os fluidos perispiríticos em seu próprio perispírito, o espírito magnetizador age, embora invisível, da mesma maneira que o magnetizador encarnado e os mesmos fatos se reproduzem.

Mas o magnetizador encarnado, agindo sobre seu *sujet*, encontra freqüentemente obstáculos que não pode dominar e que lhe é difícil vencer, na maior parte das vezes, enquanto não descobre a causa deles. Apesar de sua vontade, apesar de seus esforços maiores, muitas vezes o *sujet*, por mais flexível que seja, repele sua ação, recusa-se a obedecer, ou, então, executa movimentos, faz atos não somente isolados da influência do magnetizador, mas ainda diametralmente opostos aos que ele tem a firme vontade de impor-lhe.

De onde vem isso? Qual é a força que vem opor-se à força? Qual é a vontade que combate e domina sua vontade? Eis o que o magnetizador animal não pôde compreender até aqui e eis o que o espiritismo veio revelar a vocês.

É que os magnetizadores invisíveis, usando de seu livre-arbítrio, vêm opor-se algumas vezes à ação dos magnetizadores encarnados.

É que os anjos da guarda, os guias dos *sujets*, reconhecidos confessos por alguns magnetizadores que, forçados, vencidos pelos fatos, pouco a pouco e com dificuldade saíram da animalidade para entrar na espiritualidade, vêem algumas vezes lutar contra a influência de homens que só pensam na matéria, procurando freqüentemente, por meios materiais ilícitos, produzir fatos que não são permitidos produzir sem causar prejuízo às leis imutáveis da natureza e ao livre desenvolvimento das provas humanas.

Oh! Sem dúvida foram necessárias lutas, muitas derrotas para que os magnetizadores conseguissem proclamar esta grande verdade: a existência de seres invisíveis para eles, visíveis para seus *sujets*; ajudando-os algumas vezes, combatendo-os muitas outras, e produzindo inteiramente fora de sua ação fenômenos de que não podiam dar-se conta.

Mas, enfim, alguns homens conscienciosos e amigos do progresso e da verdade superaram o temor do ridículo e corajosamente entraram nesta via;

honra para eles, que abriram à ciência a grande estrada de onde vem a verdadeira luz e seu exemplo corajoso será logo seguido por todos os pesquisadores de boa fé.

Então todo um mundo novo virá revelar-se de alguma forma oficialmente ao seu mundo.

Então a ciência estará na verdadeira via, a via que conduz à verdade pelo progresso incessante que até aqui tem sido muito negligenciado, porque quiseram sujeitar-se apenas às leis da matéria, desconhecendo, assim, não só as leis do Espírito, mas também sua ação poderosa.

Sessão de 17 de julho.— Como já vimos, o magnetizador encarnado ou o espírito pode, por meio de seus fluidos guiados por sua vontade, operar sobre o corpo de um *sujet*, libertar-lhe o espírito e produzir os mil fenômenos do sonambulismo.

Essa faculdade tão bela, no entanto, é apenas uma fraca parcela das faculdades diversas que se desenvolvem com o socorro dos fluidos e, entre elas, a mais bela, porque é também a mais útil, a mais caridosa, é a faculdade de curar as doenças diversas que vêm afligir o corpo do homem.

Como já lhes disse no começo deste estudo, tudo que é matéria provém de uma causa única, de um princípio único, cujos diferentes corpos são apenas diferentes manifestações. Com os fluidos primitivos que entram nos princípios desses corpos, é, então, possível modificar a matéria, restabelecê-la em seu estado normal, apressar-lhe seja a dissolução, seja a reconstrução. É, então, possível (fenômeno sublime que deixa bem para trás os alambiques e retortas da ciência), é então possível proceder pela análise e pela síntese exatamente como se pode fazê-lo (e muito melhor, quando se tiver podido conhecer o manejo dos fluidos) exatamente como se procede num laboratório de química.

E não vá revoltar-se contra o impossível: esse fenômeno, por mais espantoso que seja, não é nada de novo; desde tempos imemoriais ele produziu-se sobre a Terra, embora os homens privilegiados pelos quais ele se produziu não tiveram consciência dele, na maior parte dos casos pelo menos.

É em consequência da aplicação da lei que rege os fluidos que se realizaram todos os fatos chamados milagres e negados pela ciência que, desconhecendo essa lei, a lei a que eles obedecem, os rejeita como sobrenaturais, pretendendo, com justa razão, que o sobrenatural não existe. O erro provém precisamente do fato de que a ciência muito orgulhosa repele tudo que não compreende, em lugar de procurar as causas e relega à categoria das loucuras ou das imposturas tudo aquilo de que não pode dar conta; e, no entanto, se se quer negar fatos atestados pela história não seria necessário também negar a história? Se se quer negar fatos atestados por milhares de testemunhas, não será necessário olhar essas testemunhas como impostores ou loucos e repelir igualmente seu testemunho desses fatos que eles vêm afirmar? Ao lado dessa pretensão orgulhosa dos sábios, encontramos também as pretensões mais orgulhosas ainda dos místicos.

Estes não lamentam os fatos considerados milagres, mas, sem procurar-lhes as causas, como os outros, eles os relacionam todos ao poder de dois seres sobrenaturais aos quais atribuem seus caprichos, segundo sua visão e no mais das vezes, infelizmente, segundo seus interesses.

Os que servem sua causa vêm diretamente de Deus ou de seus enviados. Os que parecem, ao contrário, querer combatê-los vêm diretamente do Diabo ou de seus enviados e depois... e depois... tudo já está dito.

É assim que os milagres de Moisés ocorreram pelos poderes do Altíssimo, enquanto os dos mágicos do Faraó eram apenas fruto dos gênios infernais.

É assim que os milagres de Jesus e dos primeiros cristãos eram o sinal resplandecente da redenção do mundo, enquanto os de Apolônio de Tiana, das Sibilas, dos espíritos de Pítion e dos numerosos oráculos consultados pelos pagãos eram devidos apenas à raiva do Diabo se debatendo com angústia contra o reino da verdade que começava a estabelecer-se.

É assim que na Idade Média os santos e as santas eram os bem-aventurados e atraíam a multidão em piedosas peregrinações, enquanto os feiticeiros eram supliciados e despedaçados nos calabouços da Inquisição e vinham alimentar as chamas das fogueiras.

É assim que, finalmente, nos dias atuais, todos os fenômenos, todos os milagres dos espíritos são atribuídos ao príncipe das trevas, enquanto os milagres dos ritos que se dizem ortodoxos procuram ficar cada vez mais protegidos. E não se dá nenhuma atenção à imutabilidade de Deus, que não tem dois pesos e duas medidas, que não faz uma lei para os anjos, outra para os diabos, e não se pensa que todos esses fenômenos idênticos em seus efeitos devem sê-lo também em suas causas.

Por isso, deixando de lado essas opiniões estabelecidas apenas pelo espírito de casta e de partido, vou esforçar-me para desenvolver para vocês a lei que rege todos esses fenômenos e, demonstrando-lhes a ação dos fluidos sobre a matéria, explicar-lhes como se operam os milagres.

Sessão de 14 de agosto de 1866: Como lhes disse acima, os espíritos são os grandes manipuladores dos fluidos; encarnados ou livres, eles são os agentes de que Deus se serve para exercer sua ação na criação.

Os milagres, injustamente chamados assim porque são, dizia-se, contrários às leis da natureza, são manifestações da ação de Deus sobre as coisas da criação, mas, longe de serem operações sobrenaturais, são operações naturais, simples como as que se desenrolam diariamente diante de vocês, só que as leis a que eles obedecem escapam ou escaparam até aqui à nossa investigação.

Os fluidos, suas combinações, sua ação sobre a matéria são a chave dessas leis. Por isso disse eu em alguma parte, com muita razão, creio, que a ciência dos fluidos é a ciência do progresso, a ciência do futuro.

Os espíritos que manipulam os fluidos são, vocês sabem, encarnados ou livres; quando estão encarnados, sua ação visível em parte contribui para lançar sobre sua pessoa um brilho que, infelizmente, o bom senso ainda muito restrito da humanidade não lhe permite suportar, e vocês são levados a fazer desses homens semideuses, muitas vezes até mesmo deuses.

Quando esses espíritos são livres, o fascínio é ainda maior, porque, não conhecendo a causa invisível que produz esses fenômenos surpreendentes, vocês são levados a olhar com veneração os objetos, simples instrumentos passivos que obedecem a essa causa. Oh! Aberração do espírito humano! É assim que tantas vezes te vira rebaixar-te até a adorar estátuas que andam, quadros que falam, imagens que choram ou que deixam escorrer sangue, e atingido por esses fatos estranhos para ti, porque não os conheces, tu não lhes pesquisas a causa, tu te aviltas até aos últimos limites do absurdo em lugar de te elevares pela ciência e pelo conhecimento de ti mesmo para Deus, a fonte de toda ciência e de toda virtude.

Existe uma terceira categoria de espíritos que, embora não tenham nada com a realização dos milagres, desempenham aos olhos dos homens um grande papel e sobre os quais quero também me deter por um instante.

São esses espíritos encarnados cujos corpos, dotados dos fluidos necessários, fornecem aos espíritos livres ou aos espíritos encarnados, operadores diretos, os elementos fluídicos que lhes são necessários para agir materialmente sobre a matéria; são esses encarnados, enfim, que vocês muito justamente chamam de médiuns.

Porque esses homens vêem seu corpo sofrer certas contrações, porque eles o vêem obedecer a certas influências, e porque de sua boca ou de sua pena saem predições, conselhos, avisos aos quais sua alma é inteiramente alheia, eles são vistos como seres sobrenaturais e são adorados, durante sua vida, tanto quanto depois de sua morte, sendo atribuído assim ao efeito o que deveria ser para a causa, sempre pondo os milagres na conta daqueles que não o fazem, mas servem para que eles sejam feitos.

Não quero estender-me demais sobre esse assunto e apresso-me a fechar este capítulo com algumas aplicações que servirão para torná-lo mais compreensível.

Para mim, Moisés, Jesus, Maomé, em muitas circunstâncias, Buda, Confúcio, Brama, Apolônio de Tiana, e vários outros sábios da Antigüidade pertencem à primeira categoria; os espíritos encarnados operando milagres pela manipulação direta consciente ou inconsciente dos fluidos e que adoramos, atribuindo-lhes poderes sobrenaturais.

Os Deuses da Antigüidade, as mesas, as estátuas que reproduziam oráculos; as relíquias dos santos, as imagens sagradas, cujas emanações fluídicas operaram curas e das quais se faziam fetiches, amuletos que muitas vezes, infelizmente, fizeram esquecer Deus, pertencem à segunda; as dos espíritos invisíveis, manipuladores diretos, conscientes ou não, dos fluidos e que, não podendo atrair os olhares, eram substituídos na adoração dos povos pelos objetos sobre os quais se concentrava sua ação...

Finalmente, os profetas do judaísmo, os mágicos do Egito, as sibilas e as pitonisas da Grécia e de Roma, os apóstolos e os discípulos do Cristo em muitas circunstâncias, os mágicos pagãos que, durante tanto tempo lutaram com eles, os homens e as mulheres visionários, extáticos, que foram feitos santos, os feiticeiros e os convulsionários condenados às fogueiras na Idade Média e nos dias de hoje os encarnados que servem de meio a essas manifestações de todo tipo, de que vocês fazem um estudo especial, pertencem à terceira categoria. A dos médiuns que também foram muito adorados, assim como também foram queimados, noutros casos, em lugar de fazer levar a Deus a causa verdadeira desses fenômenos que eram produzidos por eles, as aspirações da alma e os agradecimentos do coração. Mas parece ter soado a hora em que o véu que escondia aos homens as leis que regem os fluidos deve ser rasgado inteiramente e em que lhes será permitido estudar-se a si mesmos na plenitude de suas faculdades.

Então, quanto mais eles se reconhecerem grandes, mais se verão fortes, mais também deverão testemunhar ao Criador de todas as coisas seu reconhecimento e seu amor, mais também deverão beneficiar as outras criaturas com faculdades, tesouros que lhes foram confiados a fim de ratificar esta palavra de Jesus: “Muito será pedido àqueles a quem muito foi dado”.

P. Como o estudo dos fluidos é uma ciência, pensamos que um dia, distante sem dúvida, o homem deve descobrir um instrumento que, decompondo os fluidos, dará o valor moral de um encarnado?

R. Certamente, mas não será um instrumento. Será uma emanção da alma, um sentido novo desconhecido dos encarnados terrestres, que lerá na alma dos espíritos dos irmãos e os julgará. Esse sentido, que lhes falta ainda a vocês, os espíritos livres superiores o possuem, e deles se servem a todo instante. Alguns deles o conservaram em graus diferentes, quando desceram em missão sobre a Terra. Jesus o possuía em toda a sua integridade, por isso lia no coração dos homens e conhecia seus pensamentos.

ESPÍRITO CLAUDIUS.

(*Revue Spirite*, Paris, XXXIII, 1890, março, pp. 77-87).

ESTUDOS SOBRE A BICORPOREIDADE

Um dos fenômenos mais curiosos e, ao mesmo tempo, mais instrutivos entre todos os que o espiritismo estudou e explicou é, sem dúvida, o fenômeno da bicorporeidade. Embora sejam muito raros os exemplos conservados pela história, há dois deles, sobretudo, de cuja autenticidade não se poderia suspeitar, e cuja explicação não pôde ser dada pela ciência. Por isso puseram-nos na conta do sobrenatural e do milagre, esquecendo que o sobrenatural não pode existir e que o milagre, considerado como *fenômeno contrário às leis da natureza*, é radicalmente impossível.

Queremos falar dos dois fenômenos notáveis de que Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua foram os autores e que lhes valeram a canonização.

Ao espiritismo era reservada a honra de estudar e de resolver esse interessante problema e de provar, ao mesmo tempo, que, se é verdade que se produzem fenômenos cujas causas nos são inteiramente desconhecidas, não é menos verdade que essas causas existem, são compreendidas nesse admirável feixe de leis invariáveis que, em todos os tempos, regeram a natureza, e que o homem é chamado, pelo seu trabalho contínuo e sua elevação, tanto na ordem moral quanto na intelectual, a desvendar até nos recôncavos mais escondidos.

Allan Kardec, em seu *Livro dos médiuns*, relata sucintamente esses dois fatos tão curiosos e dá após algumas explicações que acreditamos dever reproduzir antes de publicar o estudo mais completo que um de nossos irmãos espíritas quis comunicar-nos.

“O Espírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, pode aparecer como o de uma pessoa morta e ter todas as aparências da realidade; além disso, pelas mesmas causas que explicamos, ele pode adquirir uma tangibilidade momentânea. É esse fenômeno, designado pelo nome de bicorporeidade, que deu origem às histórias dos homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea foi constatada em dois lugares diferentes. Eis dois exemplos disso, tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

“Santo Afonso de Liguori foi canonizado antes do tempo desejado, por se ter mostrado simultaneamente em dois lugares diferentes, o que passou por um milagre.

“Santo Antônio de Pádua estava na Espanha, e, no momento em que pregava, seu pai, que estava em Pádua, ia para o suplício, acusado de um assassinato. Nesse momento, Santo Antônio aparece, demonstra a inocência do pai e dá a conhecer o verdadeiro criminoso que, mais tarde, recebeu o castigo. Ficou constatado que, naquele momento, Santo Antônio não tinha saído da Espanha.

“Santo Afonso, ao ser evocado e interrogado por nós sobre o fato acima, deu as seguintes respostas:

“1. – Poderia dar-nos a explicação desse fenômeno?

“– Sim; o homem, quando se desmaterializou completamente por sua virtude, quando elevou sua alma para Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como. O Espírito encarnado, sentindo vir o sono, pode pedir a Deus que o transporte para um lugar qualquer. Seu Espírito ou sua Alma, como quiserem chamá-lo, abandona então o corpo, seguido de uma *parte* de seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado *vizinho* da morte. Digo *vizinho*, porque ficou no corpo um elo que liga o perispírito e a alma à matéria, e esse elo não pode ser definido. O corpo aparece então no lugar pedido. Creio que é tudo que vocês desejam saber”.

“2. – Isso não dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.

“O Espírito, achando-se liberado da matéria, segundo seu grau de elevação, pode tornar-se tangível à matéria”.

“3. – O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça noutros locais?

“A alma pode dividir-se, quando se sente levada para um lugar diferente daquele em que se encontra o corpo. Pode acontecer que o corpo não durma, embora isso seja muito raro, mas, então, o corpo não está nunca num estado perfeitamente normal; está sempre num estado mais ou menos extático”.

“*Observação.* – a alma não se divide no sentido literal do termo; ela se irradia de diferentes lados, e pode manifestar-se em vários pontos sem estar dividida; o mesmo ocorre com uma luz que pode simultaneamente refletir-se em vários espelhos.

“4. – Se um homem está mergulhado no sono enquanto seu Espírito aparece noutro lugar, que aconteceria se ele despertasse subitamente?

“Isso não aconteceria, porque, se alguém tivesse a intenção de despertá-lo, o Espírito voltaria para o corpo e preveniria a intenção, já que o Espírito lê o pensamento”. (*Livro dos médiuns*, p. 147 e 148.)¹

Assim diz, terminando, o sr. Allan Kardec, que

“Santo Afonso de Liguori explica o fato da dupla presença, mas não dá a teoria da visibilidade e da tangibilidade”.

É por isso, sobretudo, que o trabalho que vamos publicar será mais instrutivo e também mais interessante.

¹ Na língua portuguesa esta passagem se encontra na segunda parte, capítulo VII, item 119, página 149 a 151, FEB, Rio de Janeiro, 1975 (os autores).

Eis, primeiramente, em que termos o Espírito de Santo Afonso, evocado a esse respeito, anunciou que ele mesmo se punha à disposição do evocador a fim de ajudá-lo a explicar esses fenômenos até aqui incompreendidos:

“Em todos os tempos, Deus permitiu a alguns homens obter manifestações poderosas da alma, e usá-las para dissipar as profundas trevas que envolveram a humanidade, quando ela ainda estava no seu início.

“Infelizmente, esses fatos tão extraordinários não foram entendidos nem utilizados em seu verdadeiro objetivo: em lugar de se servir deles para elevar as almas pelo estudo de sua própria natureza e de suas numerosas propriedades, usaram-nos para inspirar aos homens um fanatismo cego que os levava ao embrutecimento.

“Mas esses pontos luminosos, dispersos daqui e dali, na noite dos tempos, não estarão perdidos para os progressos da humanidade, porque a história recolheu alguns deles, e, cedo ou tarde, com o auxílio das novas luzes que lhes trarão os Espíritos, serão explicados e comentados, e servirão, poderosamente, para a construção da Grande Obra de regeneração da Terra pelo progresso e pela fé baseada na razão.

“Bem-aventurados são aqueles que, entregando-se com ardor a esses estudos sagrados, terão a felicidade de colocar sua pedra na construção do imenso edifício.

“Quanto a mim, estou disposto a responder a suas perguntas, assim como prometi, quando me foi permitido conversar com vocês.

AFONSO DE LIGUORI

A *História geral da Igreja*, do sr. Barão Henrion (Paris, 1851, tomo 2, p. 272), conta como se segue o fato *milagroso* acontecido com Afonso de Liguori:

“Na manhã do dia 21 de setembro de 1774, Afonso, depois de ter rezado a missa, atirou-se em sua poltrona; estava abatido e taciturno, sem fazer o menor movimento, sem articular uma única palavra de prece nem endereçar a palavra a ninguém. Ficou *nesse estado* todo o dia e toda a noite seguinte; *durante todo esse tempo*, não tomou nenhum alimento e não se viu que ele desejasse algum serviço à sua volta. Os empregados que inicialmente perceberam sua situação mantinham-se nas proximidades de seu quarto, mas não ousavam entrar. No dia 22, de manhã, reconheceram que Afonso não tinha mudado de atitude, e não sabiam mais o que deviam pensar; temiam que não fosse mais

que um êxtase prolongado. No entanto, quando a hora estava um pouco mais avançada, Liguori tocou a campainha para anunciar que queria celebrar a santa Missa. A esse sinal, não foi somente o irmão leigo encarregado de servi-lo no altar, mas todas as pessoas da casa e outros estranhos que acorreram apressadamente. O prelado pergunta com ar surpreso por que tanta gente. Respondem-lhe que havia dois dias que ele não falava, nem dava nenhum sinal de vida. “É verdade, replicou ele, mas vocês não sabem que fui assistir o papa que acaba de morrer”. Uma pessoa que tinha ouvido essa resposta foi levá-la no mesmo dia a Santa Ágata; ela logo se espalhou em Arienzo, onde residia Afonso. Acreditou-se que fosse apenas um sonho, mas não tardaram a receber a notícia da morte de Clemente XIV que tinha passado para uma outra vida no dia 22 de setembro, precisamente às 7 horas da manhã, no momento exato em que Liguori tinha recuperado os sentidos”.

O historiador dos papas, Novaès, faz menção a esse *milagre* contando a morte de Clemente XIV. Diz ele que o Pontífice

“Tinha parado de viver no dia 22 de setembro de 1774, às sete horas da manhã (décima terceira hora para os italianos), assistido pelos superiores dos Augustinianos, dos Dominicanos, dos Observantinos e dos Conventuais, e, o que interessa ainda mais, assistido milagrosamente pelo Santo Afonso de Liguori, embora distanciado do corpo, como consta no processo jurídico do supracitado santo, aprovado pela Sacra Congregação dos Ritos”.²

Evocador, Sr. ROUSTAING; *médium*, Sr. Aug. Bez³

Evocado, Santo Afonso transmitiu as respostas seguintes:

P. – Poderia fazer-nos o favor de relatar-nos, em detalhe, os fatos e fenômenos espíritos que se produziram quando da morte do papa Clemente XIV?

R. – No dia 21 de setembro de 1774, pouco depois de ter celebrado o santo sacrifício da missa, senti-me tomado por um entorpecimento geral, por um estado de torpor de que não me dava conta, mas que eu soube ter-

² Esse fato está igualmente contado na *Histoire universelle de l'Église catholique*, pelo abade Rohrbacher, t. 27, p. 30 (1ª edição, Paris, 1848). – *Vie du B. Alphonse Marie de Liguori*, por Jancart, missionário na província (1828, Paris, 1 vol. In 8º p. 370) – *Elementi della Storia de sommi Pontefici*; raccolte dal canonino Giuseppe de Novaès; (in Roma, 1822, toma XV, p. 210). Nota do original

³ É muito importante declarar aqui que o médium ignorava a história que se acaba de ler. Nota do original

me sido ocasionado pela ação magnética que vários espíritos exerciam sobre meu corpo, a fim de liberar minha alma deste último e de permitir-lhe vagar no espaço. Esse estado durou bastante tempo, antes que a liberação fosse completa, e, embora o corpo estivesse entorpecido desde a manhã, só de noite é que pude, com a ajuda deles, ir ter com o Papa que agonizava. Passei a noite ao seu lado, e lhe dei os últimos socorros, na companhia de veneráveis prelados. Eu estava, então, não somente no estado de libertação, de que lhes falei, mas meu Espírito, ajudado pelos Espíritos que sempre me acompanhavam, tinha podido tornar-se visível e tangível a tal ponto que todas as pessoas presentes, inclusive o Papa, se enganaram e me acreditaram presente em carne e osso.

Depois da morte do Papa e assim que os diversos personagens que tinham assistido os seus últimos momentos se tinham retirado, perdi esse estado de tangibilidade e fui reconduzido, sempre por meus guias espirituais, até o meu corpo que logo saiu de seu estado de torpor, e conservei a lembrança do que tinha acontecido.

Despertei no dia 22, por volta das 11 horas da manhã.

AFONSO DE LIGUORI.

P. – Se o Papa morreu às 7 horas, por que o senhor saiu do sono apenas às 11 horas?

R. – Assim que o Papa soltou seu último suspiro, permanecemos todos ainda algum tempo no quarto mortuário para dizer orações e proceder aos diversos preparativos cerimoniais que eram exigidos pelas circunstâncias. Só por volta das 9 horas é que deixamos o quarto e só então fui reconduzido para meu corpo. Então foram necessários mais alguns momentos antes de poder conseguir o despertar completo.

P. – É verdade que o Papa foi assistido em seus últimos momentos pelos superiores Augustinianos, Dominicanos, Observantinos e Conventuais?

R. – É.

P. – O senhor ficou visível e tangível para todos?

R. – Fiquei.

P. – O senhor ficou durante a noite com os superiores dessas Ordens monásticas, ou só com as pessoas ligadas aos serviços do Papa?

R. – Alguns desses padres estavam já lá quando cheguei, outros chegaram depois de mim; alguns saíram durante a noite, voltaram em seguida; foi todo o tempo uma espécie de vaivém contínuo entre todos esses prelados que se comprimiam, por um motivo ou por outro, junto do leito do augusto moribundo. Minha presença no meio deles não provocou nenhuma sensação; os que me conheciam não sabiam que eu não tinha deixado Arienzo, os outros tinham mais que fazer do que se informar a meu respeito, cada um estava preocupado com a saúde do Papa e se comprimia junto dele para atentar para os seus menores movimentos.

P. – Tendo ficado toda à noite junto do Papa e no dia seguinte pela manhã, depois de sua morte, até as nove horas, o fenômeno da bicorporeidade com aparição visível e tangível ocorreu com articulações e com o uso da palavra humana, seja perto do Papa, seja com as pessoas presentes?

R. – Ocorreu desde cerca de dez horas da noite até nove horas da manhã, no momento em que saí do quarto mortuário na companhia de quase todos os outros assistentes.

P. – No *Livro dos médiuns*, perguntas são mostradas ainda como se lhe fossem dirigidas. Foi o senhor que respondeu?

R. – Não fui eu que respondi. Foi um dos Espíritos que freqüentemente se comunicaram com o autor do *Livro dos Espíritos* e do *Livro dos médiuns*, e que tem o nome de São Luís; ele tinha, ademais, missão de responder por mim. Se as respostas que foram feitas não foram explícitas, foi porque não era ainda o momento de entrar em apreciações detalhadas que não teriam sido compreendidas pelas massas que só deviam receber noções elementares na época.

P. – O senhor faria o favor de explicar esse fenômeno de bicorporeidade, de visibilidade e de tangibilidade?

R. – O Espírito encarnado, nessa circunstância, é quase sempre, para não dizer sempre, ajudado por outros Espíritos inteiramente desmaterializados que receberam de Deus a autorização ou a ordem de trabalhar nesse importante fenômeno. Não é indispensável que o médium cuja alma esta destinada a liberar-se assim esteja de alguma forma santificada e separada do corpo pelo efeito de suas virtudes. A liberação resulta muito mais da organização física e, sobretudo, da presença dos fluidos indispensáveis do que das qualidades morais do indivíduo. (Perdoem-me essa pequena digressão que achei útil fazer a fim de responder a uma passagem muito exclusiva da comunicação que vocês acabam de ler)⁴

Uma vez libertada, a alma se transporta, como as almas inteiramente livres, para o lugar para o qual a empurra seu livre-arbítrio, ou para onde a chamam as ordens dos Espíritos superiores enviados do Altíssimo. Ela permanece sempre ligada ao corpo por um cordão fluídico que serve de condutor aos fluidos que a alma e os Espíritos que a assistem tomam sem cessar no corpo em que estão encerrados.

É pela condensação desses fluidos e por sua mistura com os fluidos provenientes dos perispíritos da alma e dos desencarnados que o perispírito da alma adquire primeiramente a visibilidade, depois a tangibilidade.

Eu disse isso sobre os fenômenos em geral, e o mais sucintamente possível. Quanto ao fato que me concerne, os Espíritos e eu tomamos também dos fluidos medianímicos idênticos aos do meu corpo no corpo de um dos assistentes.

⁴ Está se falando sobre a citação do *Livro dos médiuns*. Nota do original.

P.– Esse assistente ficou todo o tempo e, se se distanciou, continuou a fornecer os fluidos?

R.– Ele ficou todo o tempo; mas se se tivesse distanciado, meu perispírito, uma vez posto em contacto com o dele, teria continuado a beber nele os fluidos necessários, por intermédio dos Espíritos que me assistiam. Um novo cordão fluídico se teria formado, ou, melhor dizendo, o cordão fluídico, existindo já entre mim e ele, teria tomado proporções maiores e a comunicação não teria sido interrompida.

P. – O senhor nos faria o favor de explicar como o senhor deve ao encarnado os fluidos que formam esse cordão fluídico?

R.– O cordão fluídico estabelecido entre o encarnado e minha alma envolvida por seu perispírito era formado pela liberação dos fluidos do encarnado que eram tomados pelos Espíritos que me assistiam e lançados por eles sobre meu próprio perispírito.

P. – Como esse empréstimo ocorreu; era aos fluidos do perispírito ou aos do invólucro material?

R. – Eram empréstimos feitos aos fluidos provenientes do invólucro material. Eu disse acima que eram fluidos idênticos aos que eu tomava em meu próprio corpo.

P. – Para a inteligência completa dos fatos de visibilidade e de tangibilidade, o senhor poderia explicar como e com a ajuda de quais meios se opera, pelo Espírito ou pelos Espíritos que o assistem, essa condensação que faz a tangibilidade?

R. – Os Espíritos e a alma envolvidos apenas por seu perispírito aglomeram, neste último, os fluidos medianímicos corporais que tomam nas fontes de que lhes falei; eles os misturam com os fluidos provenientes dos próprios perispíritos e também com o fluido universal, a essência primeira de toda matéria. Essa aglomeração de fluidos que se condensam pouco a pouco sob a ação magnética dos Espíritos produz primeiramente a visibilidade apenas sob forma vaporosa, depois, e por graus, a tangibilidade, quando a aglomeração e a condensação estão completas.

Assim, alguns de seus gases, invisíveis no estado de gás, se tornam perceptíveis aos seus órgãos visuais quando, pela condensação operada neles por um processo qualquer – os diversos graus de temperatura, por exemplo, no ar –, eles adquirem uma espécie de aparência vaporosa como o nevoeiro, depois uma realidade material, como o vidro.

P. – Como se opera a condensação que produz a tangibilidade?

R. – Por uma ação magnética; os fluidos, como sabem, obedecem à força da vontade.

P. – Como e com a ajuda de que meios seu Espírito, no estado visível e tangível, tinha a faculdade e o uso da palavra humana articulada?

R. – Tudo se liga nos fenômenos, e não há um detalhe que não tenha sua razão de ser no próprio fenômeno. Uma vez tornado tangível o perispírito e uma vez dotado de todos os órgãos semelhantes aos órgãos de um verdadeiro corpo, cada um desses órgãos que chamarei de *perispiritais tangíveis*,

adquire também, sempre pela mesma ação magnética que age sobre os fluidos, as propriedades do órgão correspondente do verdadeiro corpo material. É assim que os membros do perispírito tangível podem mover-se, que seus ouvidos podem ouvir, que seus olhos podem ver e sua boca falar.

Vocês compreenderão isso facilmente, se observarem que esses órgãos, sendo por um momento materiais, recebem e produzem todas as sensações dos verdadeiros órgãos corporais, tais como a vibração do ar, etc.

P. – Que sentido devemos atribuir a estas últimas palavras: tais como a vibração do ar, etc.?

R. – Por esta última frase, quis sobretudo fazê-los entender que a boca, a língua, a laringe e todos os órgãos interiores que se relacionam com a voz e produzem a palavra recebem o ar atmosférico e formam as diferentes combinações que produzem os sons; como todos esses órgãos de um corpo real existem no corpo *perispiritual tangível*, o fenômeno da palavra e da voz se produz da mesma maneira que no verdadeiro corpo material.

P. – Enquanto seu Espírito visível e tangível em Roma estava, como qualquer outro Espírito, em semelhante situação, ausente de seu corpo, seu corpo estava no estado de catalepsia completa?

R. – Durante o lapso de tempo que meu perispírito ficou visível e tangível, meu corpo estava na catalepsia mais completa. Estava somente adormecido durante o trabalho de liberação e durante o trabalho fluídico que preparou e trouxe o fenômeno. Ele deixou o estado de catalepsia tão logo meu Espírito retomou sua forma vaporosa e, gradualmente, voltou ao seu estado normal, passando pelos diversos graus do despertar magnético.

P. – Isto é, com todas as aparências da morte real, pela ausência de qualquer sensibilidade, de qualquer calor vital, de qualquer pulsação ou pulso e de qualquer batimento cardíaco; numa só palavra, por suspensão da vida orgânica?

R. – Isso mesmo.

P. – Por qual motivo e com que objetivo ou em consequência de quais circunstâncias ocorreu esse fato de bicorporeidade, de aparição visível e tangível com todas as faculdades aparentes da vida corporal humana?

R. – Os Espíritos que, ao me liberarem do meu corpo, operaram o fenômeno, agiam por ordem de Deus, e nada do que Deus faz não é feito sem objetivo útil para a humanidade. Do ponto de vista das tendências da época em que ocorreu, esse fato de bicorporeidade era um desmentido formal dado à escola materialista que começava já a estender por toda parte suas raízes e queria esmagar toda espécie de sentimento religioso sob os golpes do sarcasmo, da ironia e da negação absoluta do maravilhoso. Do ponto de vista da luz que o espiritismo veio trazer à Terra, esse fato devia ter ainda mais valor, porque, emanando de fontes autênticas, cuja negação não é possível a alguns dos adversários mais encanecidos da nova doutrina, será nas mãos dos espíritas uma arma formidável contra eles e seu sistema *diabólico*; porque, por mais que gritem ainda por “milagre” e pela intervenção particularíssima de Deus, a filosofia nova fez hoje bastantes progressos

para demonstrar a todos que Deus não faz exceções e que todo fenômeno, seja qual for, se liga a uma lei natural conhecida ou desconhecida, mas cuja aplicação é ou será, cedo ou tarde, demonstrada. Eu disse que alguns dos adversários do espiritismo, aqueles que admitem a realidade dos fatos, não os admitem senão como obra do demônio, ou, em alguns casos, como obra dos anjos autorizados excepcionalmente por Deus; que o partido clerical, numa palavra, por mais que, sustentando seu sistema, diga que o fenômeno de que acabamos de falar ocorreu pela *intervenção particular e direta* de Deus, isto é, que foi um *milagre*, um *ato sobrenatural*, uma *exceção* às leis da natureza. Mas não está longe o momento em que essa tese será insustentável, e, então, esse fato da bicorporeidade terá para o mundo inteiro um grande valor, porque será explicado segundo leis há muito desconhecidas, mas finalmente descobertas.

P. – Venerado e bem-amado irmão, eu lhe agradeço ter querido comunicar-se conosco e ter vindo esclarecer-nos e esclarecer nossos irmãos sobre os fatos historicamente compilados que marcaram sua existência terrestre com o nome de Afonso de Liguori.

R. – Eu lhes agradeço também por me terem proporcionado, com suas perguntas, o meio de trabalhar mais no cumprimento de um dever sagrado que é também para mim um trabalho muito agradável e prazeroso de realizar: a preparação dos caminhos que trazem a luz.

AFONSO DE LIGUORI

No próximo número, publicaremos o estudo feito sobre o fato não menos interessante acontecido a Santo Antônio de Pádua.

Aug. Bez.

(*L'Union*, nº 20, 22 de outubro de 1865, pp. 169-82).

ESTUDOS SOBRE A BICORPORIDADE
Continuação⁵

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

O fato relativo a Santo Antônio de Pádua está contido, nestes termos, no livro intitulado *De probatis sanctorum historis, etc.*, por F. Laurentium, surium carthusianum; coloniae aggripinae; anno MDLXXIX, tomo 3, p. 732.⁶

“Cum Paduae degeret vir Dei, Ulysbona duo cives inexplebili odio se mutuo persequebantur. Eques alter juxta aedes parentum beati viri manebat, et cum, hora vespertina, filium hostis sui in platea invenisset, per summam crudelitatem jugulavit; et, interventa nocte, in horto parentum viri Dei, facta fossa, eum sepelivit.

“Cum autem nobilis esset is cujus filius caesus erat, inquisitum est diligenter et repertum ejus filium illac transivisse ubi ejus inimicus morabatur. Itaque, ejus domo et loco lustrato, nil compertum est. Illum et ad vicinas aedes et in horto illarum pueri cadaver inventum est; itaque pater sancti viri cum tota familia coniectus est in vincula, tanquam reus caedis illius. Id vero ut per spiritum cognovit vir Dei, vesperi, a guardiano petiit copiam exeundi, quae illi negata non est. Eadem nocte, magno miraculo Ulysbonam perductus est et proximo ad judicem se contulit, rogans ut insontes e vinculis dimissos patiretur abire domum. Illo modis omnibus recusante, petiit cadaver perempti pueri ad se afferri; quo allato, jussit surgere puerum et dicere num a parentibus ipsius occisus. Ille surgens dixit ejus caedis illos prorsus conscios non esse, atque ita discedendi est illis facta potestas. Mansit, toto illo die, cum parentibus suis vir beatus, et mane angelico ministerio Paduam reductus.”

[TRADUÇÃO:

“Como o homem de Deus vivesse em Pádua, em Lisboa dois cidadãos se perseguiram em ódio insaciável. Um cavaleiro permanecia junto da casa dos pais deste varão santo, e como, à tarde, encontrasse o filho do seu inimigo na praça, com suma crueldade o matou e,

⁵ No original há uma nota esclarecendo que este é o segundo artigo da série. Ela dá as referências: número do jornal e das páginas onde se encontra o primeiro artigo (os autores).

⁶ Também se encontra em *Acta sanctorum; les Bollandistes*, 2º vol., Anvers, 1698 (nota de Aug. Bez). TRADUÇÃO: *Sobre as provadas histórias dos santos, etc.*, por F. Laurêncio, cartuxo sírio; colônia agripina; ano 1579, tomo 3, p. 732. N. T

chegando à noite, o sepultou numa fossa no jardim dos pais do homem de Deus.

“Como era nobre aquele cujo filho fora morto, pesquisou diligentemente e descobriu que seu filho passara por onde o seu inimigo morava. O assassino tendo limpado sua casa e o lugar, nada foi descoberto. Aquele cadáver do jovem foi encontrado junto à casa vizinha e no seu jardim; assim o pai do varão santo, com toda a sua família, foi lançado na prisão como réu da sua morte. Mas como o varão de Deus descobriu isto por meio do espírito, pediu ao guardião uma licença para sair, que lhe foi negada. Na mesma noite, por um grande milagre, ele foi conduzido à Lisboa e se apresentou junto ao juiz pedindo que os inocentes saíssem soltos da prisão e partissem para casa. O juiz recusou de todas as maneiras, o varão santo pediu que o cadáver do morto fosse levado a ele; tendo sido levado, ordenou ao jovem que se levantasse e dissesse se fora morto pelos seus pais. Ele se levantou e disse que eles não estavam cientes da sua morte, e assim lhes foi dado o poder de ir embora. O varão piedoso permaneceu todo aquele dia com seus pais e, de manhã, por ajuda de anjos voltou à Pádua].⁷

Evocador, Sr. Roustaing; médium, Sr. Aug. Bez.⁸

Evocação do Espírito Santo Antônio de Pádua:

R. – Estou perto de vocês, disposto a fornecer-lhes todas as informações desejáveis.

D. – O senhor nos faria o favor de descrever os fatos relativos à acusação de assassinato que foi dirigida contra sua família, e à sua intervenção para fazer reconhecer sua inocência; finalmente, a tudo o que ocorreu, qualificado como “milagre” pela Igreja romana e em que ela se baseou para sua canonização?

R. – Eu estava em Pádua, ocupado com meus assuntos eclesiásticos, sem pensar absolutamente em meus pais, quando, subitamente, ouvi uma voz que me disse: “Tua família corre um grande perigo. É preciso socorrê-la”.

No momento, não soube bem o que pensar desse aviso; mas, ao fazer minhas preces, adormeci, sem perceber, e vi-me transportado para junto da minha família. Encontrei-a em lágrimas e em desespero, encerrada numa negra prisão. Perguntei a causa da dor que tinha atingido cada um dos seus membros, e eles me contaram que um assassinato tinha sido cometido, que um cadáver tinha sido achado no jardim de sua casa e que, acusados desse crime de que não eram culpados, tinham sido encerrados na prisão de onde só saíam para ir para o suplício.

⁷ A tradução dos textos em latim é do professor Geraldo Moura (os autores).

⁸ Mesma observação feita na nota 2. A nota no original nos dá esta referência (os autores).

Tudo isso se passava como num sonho e eu mesmo só tinha uma vaga consciência do que ouvia; percebi até que essas confidências feitas por meus parentes não tinham necessidade das palavras; que eu as tinha, por assim dizer, lido no fundo de seu pensamento.

Logo me vi transportado para a casa do juiz encarregado do processo, e, por seu aspecto perturbado, percebi que eu existia realmente, em corpo e alma, nesses lugares em que eu acreditava estar apenas em sonho; mas não me dei conta do meu estado real nem desse fenômeno inconsciente para mim da bicorporeidade. Uma longa conversa ocorreu entre mim e esse juiz, e terminou pela decisão tomada por ele de mandar desenterrar o cadáver da criança assassinada.

Dominado pela certeza da inocência dos meus parentes, caí de joelhos e pedi a Deus que fizesse um milagre, que esse cadáver falasse e declarasse a inocência deles.

Minha prece foi acolhida, o morto se levantou e contou o assassinato tal como tinha acontecido. Mas o morto não ressuscitou. Depois de falar, o cadáver voltou a cair no chão e não se levantou mais.

Mais tarde expliquei a mim mesmo esses fenômenos que não entendi, de início, e que atribuí a um “milagre” permitido e ordenado por Deus para salvar meus parentes.

Estes, libertados, voltaram para sua casa onde passei com eles uma parte do dia; depois desapareci e despertei em Pádua onde todas as circunstâncias ficaram gravadas em meu espírito como um sonho.

Não ousava atribuir-lhes outra característica, quando, mais ou menos um mês depois desse longo sono, recebi de meus pais uma carta me anunciando minha estranha visita a eles, e me perguntando se era mesmo eu que lhes tinha tão milagrosamente devolvido a liberdade.

ANTÔNIO DE PÁDUA

D. – Ao começar o relato que o senhor acaba de fazer, o senhor disse: “Subitamente, ouvi uma voz que me disse: ‘Tua família corre um grande perigo, é preciso ir socorrê-la’. O senhor era um médium auditivo?”

R. – Sim; várias vezes eu ouvira vozes misteriosas cuja natureza eu não explicava bem, mas que, por uma intuição profunda, considerava sempre como a de meu anjo da guarda; só depois da minha morte é que me dei conta exatamente desse fenômeno de mediunidade auditiva.

D. – Como ocorreu sua aparição junto de seus parentes?

R. – Meu Espírito, o eu individual e espiritual, se liberou do corpo pesadamente vencido por um sono de chumbo, e me vi transportado para junto de meus parentes como nos transportamos em sonho para junto daqueles que nos atraem por sua simpatia.

Quando visitei meus parentes na prisão, não lhes apareci de primeiro; eu lia seus pensamentos e só aos poucos é que meu Espírito, condensando os fluidos perispirituais de que estava rodeado, conseguiu dar-se a ver a seus

olhos espantados; só então eles perceberam minha presença que eles estavam bem longe de esperar. Meu anjo da guarda e outros Espíritos me ajudaram nessa operação.

D. – Essa aparição junto deles foi visível somente ou, ao mesmo tempo, foi visível e tangível?

R. – Só visível; sua perturbação foi tão grande que eles nem pensaram em me tocar.

Depois de tê-los consolado com minha presença e com minha voz, atravessei sem encontrar obstáculos as portas e as paredes e fui para a casa do juiz; foi lá somente e depois da longa discussão que houve entre ele e mim que me tornei realmente tangível e que meu perispírito teve todas as aparências de um corpo real.

D. – Mas seus parentes eram médiuns auditivos?

R. – Não, mas da mesma forma com que apareci para eles, pude pronunciar palavras que atingiram seus ouvidos. Qualquer pessoa presente me teria visto e ouvido.

D. – Eles eram médiuns videntes?

R. – Nem videntes nem auditivos; eu era visível para todo mundo. Eu já lhes disse: eu tinha podido condensar os fluidos que me envolviam de maneira a dar ao meu perispírito todas as aparências de um corpo real; só lhe faltava a tangibilidade que só me foi possível operar na casa do juiz.

D. – O senhor acaba de dizer-nos há pouco que sua aparição na casa do juiz foi visível e tangível e que o senhor teve uma longa conversa com ele; essa conversa ocorreu na sua opinião com a ajuda da mediunidade auditiva do juiz ou foi com a ajuda da palavra humana articulada pelo senhor e, assim, reciprocamente trocada?

R. – Pela palavra humana articulada; o juiz acreditou que eu era realmente um homem com seu corpo material e possuidor de todas as suas faculdades materiais.

D. – No relato que o senhor nos fez tão bem do fenômeno, o senhor nos falou do aspecto perturbado do juiz quando de sua aparição na casa dele; qual era, na sua opinião, a causa dessa perturbação?

R. – O juiz sabia que eu estava em Pádua e se assustou muito ao me ver e ouvir-me na casa dele em que entrei sem que tivessem necessidade de anunciar-me ou de abrir-me às portas.

D. – Diante do que o senhor nos disse no relato do fato, relativamente ao cadáver, como e por quais meios esse cadáver se levantou e pôde, parecendo “ter ressuscitado”, falar com o juiz?

R. – Na minha prece ardente que não era outra coisa senão uma evocação partida do fundo do coração, vi aparecer à volta de mim uma multidão de Espíritos que seguravam pela mão um outro Espírito como eles, mas envergonhado e confuso. Depois de ter operado nele o que hoje vocês chamam de passes fluídicos, eles de alguma forma o fizeram entrar no cadáver inanimado; depois continuaram seus passes nesse cadáver, e este se levantou e o Espírito, servindo-se de seus órgãos devolvidos em aparência a uma vida

momentânea, pela ação fluídica, fez levantar o cadáver, fê-lo andar, e falou por sua boca.

Essa operação foi muito rápida e só me dei conta dela depois da minha morte, como Espírito inteiramente liberado da matéria, quis aprofundar todos esses mistérios... Naquele momento, ignorando inteiramente leis que regem esses estranhos fenômenos, atribuí tudo o que acontecia a um “milagre especial” que Deus fazia, por intermédio desses Espíritos, que eu acreditava serem anjos para salvar meus parentes.

No caso presente, o Espírito se serviu do cadáver como instrumento, animou-o por um instante como teria animado o corpo de um médium; fê-lo andar, fê-lo falar, etc. Vocês me dirão talvez que o cadáver não possuía mais, já que estava quase em dissolução, os fluidos mediúnicos necessários, e que, assim, a manifestação era impossível. É verdade, mas ele os conseguia em meu próprio corpo sempre ligado ao meu corpo fluídico ou perispírito condensado por um cordão igualmente fluídico que servia de condutor. O Espírito não deu vida ao cadáver, como os Espíritos batedores não dão vida aos móveis que movem ou que usam para bater e, quanto à palavra, ele se serviu da boca e da língua do cadáver como os Espíritos se servem de um instrumento qualquer capaz de produzir sons, quando querem manifestar-se dessa maneira.

D. – Por uma ação simultânea, o cadáver teria podido ficar invisível para os Espíritos e ter escapado à visão humana, e, no mesmo instante, o Espírito da vítima teria podido tornar-se visível e tangível como o senhor, falar com o juiz como o senhor, pela palavra humana articulada, depois desaparecer e apagar-se, o cadáver tornado visível e de pé cair no mesmo instante da última palavra pronunciada pelo Espírito?

R. – As coisas poderiam ter acontecido assim como vocês dizem, mas a realidade não teria sido tão aparente e, quando os fluidos desaparecessem, ter-se-ia revisto o cadáver imóvel, ter-se-ia talvez duvidado; enquanto a manifestação, tal como ocorreu, durou primeiramente tempo bastante para que não fosse possível duvidar, e, depois, como o cadáver era o mesmo e tinha não somente as marcas de suas feridas, mas também às da sua decomposição, o efeito produzido pelas palavras pronunciadas por ele foi muito maior.

Ademais, a manifestação ocorreu assim porque Deus queria produzir uma grande sensação; e o juiz aterrorizado, não podendo negar o testemunho de seus próprios olhos e de seus próprios ouvidos, não pôde hesitar um instante e pôs meus parentes em liberdade.

D. – Essas expressões, falando do cadáver, e recebidas pela inspiração medianímica: “animado, devolvido em aparência à vida”, correspondem exatamente ao seu pensamento?

R. – Meu pensamento foi tão bem expresso quanto possível. A manifestação ocorreu por meio dos fluidos bebidos em meu próprio corpo e, repito, o Espírito animou ou pareceu animar, por um instante, o cadáver, como teria podido fazê-lo com um objeto qualquer.

D. – Segundo os relatos históricos da Antigüidade, relatos que nos foram transmitidos pelos historiadores mais sérios e mais fidedignos, fatos espíritas análogos se produziram e foram postos em evidência atualmente, relativamente a estátuas que “andavam e falavam”. Devemos ver também, nesses fatos, a ação dos Espíritos e como se utilizavam eles assim dessas estátuas?

R. – Sim; e como hoje eles se utilizam de móveis ou de outros instrumentos.

D. – Como o Espírito pôde produzir, por uma ação fluídica, os movimentos dos lábios, da língua, etc., nesse cadáver quase em dissolução?

R. – Ele se utilizou por isso dos fluídos emprestados do meu corpo e combinados com os fluidos, não somente do Espírito da criança, mas também dos outros Espíritos que o ajudaram e que eu pensava serem anjos.⁹ São estes últimos que desempenharam o maior papel nesta manifestação; o Espírito da criança era mais passivo que ativo, servia de alguma forma de ponto de contato, de guia condutor sobre o qual se amontoavam e se combinavam todos os fluidos que ele próprio distribuía em seguida, por uma ação inconsciente, às diversas partes de seu corpo.

D. – Como, por quais meios e com qual ajuda o cadáver se levantou e se manteve de pé?

R. – Sempre pela mesma ação fluídica que agia sobre ele como age sobre um corpo material qualquer – uma mesa, por exemplo – ergue-o e até, algumas vezes, o mantém no espaço sem nenhum ponto de apoio. A manifestação que ocorreu tem muita relação com o levantamento de seu médium Home acima das pessoas que o circundam.

D. – O senhor disse-nos acima que o Espírito da criança vítima do assassinato, sendo ameaçado por uma multidão de Espíritos, estava envergonhado e confuso. Por quê?

R. – Ele ainda estava mergulhado no que vocês chamam de perturbação, e não se dava conta do que acontecia; ele não se acreditava ainda morto e estava surpreso de ver todos esses Espíritos que o circundavam e lhe ordenavam que fizesse o que ele talvez não teria querido, ou cuja necessidade ele não compreendia.

D. – Na sua volta à casa de seus pais, o senhor ficou ainda visível e tangível como na casa do juiz?

R. – Eu fiquei primeiramente tangível como durante a cena na casa do juiz, depois, quando chegou o momento de me retirar, meu perispírito retomou aos poucos e gradativamente sua forma e sua densidade normais, e eu desapareci imediatamente como uma sombra, o que os encheu de espanto e os fez, finalmente, notar a singularidade da minha presença. Foi por isso que eles me escreveram para Pádua, fazendo um relato do que aconteceu e

⁹ Ver no primeiro artigo a explicação dada por Santo Afonso de Liguori a respeito da articulação da palavra. A. B. (nota original do médium).

me perguntando se eu tinha conhecimento daquilo. Foi assim que o fato foi divulgado e, mais tarde, foi olhado em toda parte como um grande “milagre” devido à intervenção dos mensageiros de Deus.

D. – O senhor manteve com seus pais uma conversa usando a palavra humana articulada?

R. – Falamos principalmente do acontecimento que acabava de se realizar; pronunciei palavras humanamente articuladas até o momento em que o perispírito, privado dos fluidos necessários que se tinham pouco a pouco esgotado, retomou sua forma fluídica e perdeu pouco a pouco sua tangibilidade e outras propriedades materiais. Foi então que desapareci.

D. – Quanto tempo durou a tangibilidade?

R. – Cheguei à prisão de manhã por volta das sete ou oito horas; a tangibilidade e todas as outras propriedades materiais ocorreram na casa do juiz por volta do meio-dia e continuaram até o sol posto, isto é, entre seis e sete horas da noite. Então começou a dispersão dos fluidos que terminou com minha entrada em meu corpo em Pádua. A tangibilidade e as outras propriedades materiais de meu perispírito duraram então aproximadamente seis horas.

D. – O senhor nos disse que teve com o juiz, na casa dele, uma longa conversa usando a palavra humana articulada. Como e com a ajuda de quais meios o Espírito visível e tangível pode produzir esse fenômeno espírita?

R. – Primeiro, é necessário que ele possa extrair de um corpo humano os fluidos medianímicos que lhe são necessários para produzir esse notável fenômeno, porque o Espírito sozinho, por si mesmo, não pode tornar-se visível; seus fluidos perispíritos não saberiam tornar-se visíveis a seus órgãos materiais se não se impregnassem da matéria de que são impregnados, por sua vez, os fluidos medianímicos que certos sujeitos possuem.

Em seguida é preciso para esses fenômenos primeiramente a vontade de Deus sem a qual nada poderia produzir-se; em seguida, também o concurso dos Espíritos superiores que, encarregados desse cuidado pelo Todo-Poderoso, dirigem os esforços do Espírito que quer manifestar-se dessa maneira e o ajudam com todo o seu poder.

Se esses fenômenos são tão raros é porque pouquíssimos sujeitos encarnados possuem, num grau bastante desenvolvido, os fluidos medianímicos necessários; mas em breve eles se tornarão menos raros, porque sabemos que será preciso dar grandes golpes para fazer abaixar o orgulho dos sábios de seu mundo e fazê-los curvar-se diante da loucura dos que eles chamam de loucos.

D. – Como foi operado pelo senhor o empréstimo dos fluidos humanos?

R. – Eu os extrai do meu próprio corpo que os possuía num grau notável, sem que eu tivesse consciência disso.

D. – O fato que se produziu para o senhor e no interesse de seus parentes é um fato, ao mesmo tempo, excepcional e raríssimo; foi para eles uma

provação que não devia ir até a morte, em consequência de uma falsa acusação?

R. – Era primeiramente uma provação para meus parentes; era também uma provação para mim que, depois desse fenômeno notável, citado em toda parte como um “milagre”, estava exposto a orgulhar-me dele e, dessa forma, a perder todos os seus frutos. Mas era também, e sobretudo, uma manifestação poderosa de que se utilizou Deus para atingir os corações dos encarnados da época e trazê-los à fé em seu poder e à crença em sua justiça. Porque, infelizmente, os havia no meu tempo como os há no seu; a incredulidade e o indiferentismo religiosos reinavam no fundo dos corações, e os homens não pensavam em seu Deus a não ser quando seu pensamento era forçado a isso, provocado por algum acontecimento notável.

Era ainda, e notem bem que aí talvez se encontre a mais poderosa causa desse fenômeno, para afirmar, de maneira irrecusável, a existência da alma, sua individualidade, suas manifestações e suas propriedades materiais; e o fenômeno de que tanto falamos esta noite pôde servir de marco nesta longa história das manifestações da alma cuja origem se perde na noite dos tempos e que hoje somente nos dedicamos seriamente a estudar com o desejo ardente de deduzir suas verdadeiras consequências.

Assim tudo, nas mãos do Ser supremo, tem uma multidão de objetivos cuja importância freqüentemente desconhecemos, mas que, cedo ou tarde, resplandecem e expande por toda parte uma grande luz.

D. – Segundo os dados da ciência espírita, deve-se qualificar esse fenômeno como bicorporeidade com aparição, primeiramente visível, depois visível e tangível, e articulação da palavra humana?

R. – Vocês podem qualificá-lo assim; porque esse fenômeno foi múltiplo. Todos os diversos meios de manifestação das almas foram de alguma forma reunidos nesta circunstância extraordinária, e deve-se essa reunião de fenômenos – após a vontade de Deus – apenas à abundante quantidade de fluidos de que meu corpo era dotado e à assistência dos numerosos Espíritos que então desempenharam o papel mais importante.

D. – Venerado e amado irmão, nós lhe agradecemos por ter querido vir comunicar-se conosco e dar as explicações pedidas para esclarecer os homens sobre as circunstâncias, os meios, os motivos e o objetivo dessa manifestação poderosa que foi considerada um milagre, mas que, pelo contrário, só ocorreu e se realizou como todas as manifestações espíritas, todos os fenômenos na ordem física, moral e intelectual, segundo leis naturais imutáveis que Deus estabeleceu para toda a eternidade. Digne-se conceder-nos sua proteção e seu auxílio em nossos trabalhos.

R. – Vocês sabem, imensas coortes de Espíritos entre os quais muitos já habitaram a Terra, aqui desceram hoje para trabalhar em sua regeneração e para aqui preparar as vias para a nova era, para a era espiritual e de solidariedade fraterna pela caridade, que logo vai começar. Tenho a felicidade de fazer parte desses Espíritos, por isso é não somente um prazer, mas

também um dever para eu responder ao seu chamado e contribuir na medida de minhas forças para arrotear o terreno que todos juntos somos chamados a preparar para a semente bendita que logo será posta em seu seio.

Estou feliz por ver suas disposições e o estudo sério e profundo que vocês fazem de tudo que se relaciona às questões espirituais. É esse o dever de todos nós; trabalhem, encarnados e errantes, trabalhem em nossa tarefa, e Deus que vela por nós saberá, quando terminar a jornada, dar a cada um de acordo com o trabalho que ele tiver feito.

Trabalhem, orem e ajam segundo a lei de Deus, e Deus abençoará seus trabalhos e os fará frutificar.

ANTÔNIO DE PÁDUA

Por cópia conforme:

AUG. BEZ.

(*L'Union*, 1º ano, nº 21, 1º de novembro de 1865, pp. 193-205).

CORRESPONDÊNCIA

Châlons-sur-Saône, 15 de novembro de 1865.

Senhor e prezado irmão,

No número 21 da *Union spirite*, de primeiro de novembro corrente, o senhor dá conta de uma manifestação de Santo Antônio de Pádua. Importaria que o evocador e o médium pela intercessão dos quais esse Espírito ou qualquer outro que fale em seu nome se comunicou pudessem evocá-lo mais uma vez e pedir-lhe que nos diga como se pode conciliar sua aprovação atual da doutrina espírita com a doutrina contrária e implacável que, em sua vida, ele professava quanto ao dogma católico do inferno. Veja-se, aliás, a esse respeito o *Avenir*, de 9 de novembro, número 71.

Queira aceitar, Senhor e amigo, os reclamos de minha fraternal simpatia.

LE BRUN DEJUSSIEU

Após o recebimento dessa carta, propúnhamos fazer, de acordo com nosso irmão espírita, Sr. Roustaing, a pergunta acima ao Espírito Antônio de Pádua, assim como algumas outras que um de nossos assinantes de Lesparre (Gironde) teve a gentileza de transmitir-nos para submetê-las à apreciação de Afonso de Liguori, quando o Espírito, aproveitando o fato de

que nos encontrávamos, no dia 19 de novembro, numa reunião espírita, nos ditou espontaneamente a resposta seguinte:

A. B.¹⁰

“Vocês me perguntam como posso conciliar as idéias que mantive em vida sobre o inferno e sua eternidade, com a profissão de fé espírita que fiz ultimamente, dando conta a alguns de nossos irmãos das impressões produzidas sobre mim pelo fenômeno da bicorporeidade de que outrora fui objeto.

“Permitam-me primeiramente dizer-lhes que esse fenômeno não me aconteceu porque eu era um santo. Afonso de Liguori, aliás, se exprimiu com bastante clareza a esse respeito quando disse: ‘Não é indispensável que o médium cuja alma está destinada a libertar-se assim esteja de alguma forma santificada e separada do corpo pelo efeito de suas virtudes. A liberação resulta muito mais da organização física e sobretudo da presença dos fluidos indispensáveis do que das qualidades morais do indivíduo’.

“Um santo! Os homens me deram esse título. Mas me consultaram? Vocês devem ter notado que nunca fiz alusão a isso em minhas comunicações, e simplesmente assinei ‘Antônio de Pádua’.

“Agora vamos à pergunta:

“Vocês acreditam que o Espírito permaneça estacionário uma vez que se despojou da matéria que o ligava ao solo? Vocês acreditam que passados longos séculos desde minha existência na Terra não tenham trazido nenhuma luz ao meu Espírito? Vi, estudei, aprendi, e hoje, fortalecido com minhas novas convicções, posso pregar e ensinar o espiritismo, doutrina de amor e de perdão, com tão boa-fé quanto tinha quando preguei e ensinei outrora o inferno eterno e suas espantosas torturas: doutrina horrível da tirania, do ódio e da crueldade.

“No entanto, faço questão de desenvolver mais amplamente meu pensamento. Não que eu queira procurar conciliar minha doutrina de então com a que professo agora: elas são inconciliáveis; mas porque é bom que vocês saibam que tudo aquilo de que a Terra foi testemunha teve sua razão de ser e serviu, não somente com a permissão de Deus, mas também por sua ordem, à educação progressiva da humanidade. A teoria das chamas eternas, como todas as outras, tinha sua razão de ser; direi até mais: ela era necessária na época em que a ensinaram. Não é culpa nossa se os homens que nos sucederam não souberam apreciar os progressos realizados e não souberam ou

¹⁰ Auguste Bez (os autores).

não quiseram elevar suas doutrinas à altura dos progressos de seu século!

“Nos tempos de servidão, de ignorância e de barbárie, em que o senhor condenava às penas mais horríveis os vassalos que se tornavam culpados do menor delito; nos tempos de terror e de medo em que o homem só podia ser levado pelo medo e pelo terror, como se teria posto um freio à vingança que rugia no fundo de todos os corações, se não se tivesse de opor a todos, grandes e pequenos, os horríveis quadros do inferno com que sonhavam os extáticos que foram transformados também em santos? Quanto mais poderoso era o senhor, tanto mais a ofensa, por mais leve que fosse, era considerada como grave, merecendo ser punida com mais rigor.

“E, enquanto as leis humanas não permitiam nada aos fracos a não ser a escravidão, o suor e as lágrimas, elas não impunham outras regras aos fortes a não ser as dos seus caprichos e do seu prazer. Como, então, teríamos governado esses tiranos encouraçados com ferro e cujos corações eram tão duros quanto o aço de suas couraças, se não tivéssemos podido aplicar-lhes a mesma lei que eles aplicavam aos outros; se nós não lhes tivéssemos mostrado, acima deles e ao abrigo de sua cólera, um Deus todo poderoso, infinito, o rei dos reis, o tirano dos tiranos, e se nós não lhes tivéssemos inculcado essa idéia que a menor das ofensas feitas a esse Deus infinito seria punida com penas infinitas e tanto mais terríveis quanto maior é esse Deus?

“Eis todo o segredo do dogma da eternidade das penas, que sustentei com tanta convicção quanto hoje combato. Sem ele, a Idade Média, já tão manchada de crimes, ter-se-ia tornado um Dédalo assustador dos mais negros horrores. Foi o freio imposto aos caprichos dos grandes e a barreira poderosa que pôde, por muito tempo, parar as ondas impetuosas da vingança dos pequenos.

“Não façam, portanto, um escarcéu das nossas opiniões de então. Elas eram necessárias; e vocês mesmos, talvez, as partilharam e foram seus defensores. Mostrem a verdade aos povos; façam luzir em seus olhos a tocha da razão e da instrução que a desenvolve, e eles compreenderão então a doçura e as alegrias da misericórdia e do amor; preparem os corações para os dogmas do progresso, conduzam-nos com ardor pela estrada do futuro, mas não façam um julgamento severo demais do passado, porque sem o passado, apesar de seus preconceitos e seus erros, vocês não seriam chamados a gozar do presente a esperar pelo futuro.

“Aquele que foi ANTÔNIO DE PÁDUA”

Pela cópia conforme:

AUG. BEZ.

(*LUnion*, 1º ano, nº 25, 1º de dezembro de 1865, pp. 5-8).

II – APÊNDICE

A inclusão deste artigo neste livro tem por objetivo ressaltar a pesquisa crítica em torno da história do espiritismo nascente.

O prof. Jean-Claude Drouin não é espírita; logo, dentro dos critérios de liberdade de expressão a todos facultados, apresenta sua opinião sobre a história espírita, não se alinhando, totalmente, com a visão corrente que nós espíritas fazemos de nossa história. Porém, seu argumento, fruto de sinceras reflexões, é bastante válido.

Convido o leitor a tomar conhecimento deste trabalho com um olhar atento. Pensando, refletindo e respeitando as idéias e seu autor.

Uma linha de orientação, para sua leitura, é observar como um ilustre professor, hoje aposentado, antigo diretor do *Departamento de história* da *Universidade de Bordeaux*, autor de inúmeros artigos publicados, pensa sobre as origens históricas do espiritismo e sua interação com os diversos ramos do saber religioso, filosófico e científico da época.

Num esforço de colaboração ao entendimento deste artigo, vamos colocar notas de rodapé sempre que se fizer necessário, esclarecendo conceitos e pontuando dados históricos desconhecidos do autor e corrigindo alguns erros de impressão.

NOS PRIMÓRDIOS DO ESPIRITISMO

J.-B. ROUSTAING (1805-1879)

Em Arbis, em Bordeaux e no Brasil

Jean-Claude Drouin

Cada comuna de França possui seu grande homem. A comuna de Arbis foi o lugar de residência de um advogado bordelês, Jean-Baptiste chamado Omer Roustaing, que conheceu a fama, não tanto por sua profissão, mas, sobretudo, por sua obra escrita divulgada no mundo inteiro. Seu livro *Os quatro Evangelhos* tornou-se depois de sua morte, ocorrida em 1879, uma das bases essenciais do movimento espírita universal. Por isso, o *Congresso mundial espírita* que se realizará em Paris em 2004¹¹ prevê duas *peregrinações* a duas grandes cidades de França: Lyon, local de nascimento de Allan Kardec, e a região bordelesa em que Jean-Baptiste Roustaing viveu, tanto em Bordéus (Rua Saint-Siméon, nº 17) quanto em Targon e em Arbis.¹²

¹¹ Este artigo foi publicado em setembro de 2000.

¹² Agradecemos particularmente aos membros da *Federação Espírita Brasileira* que nos forneceram informações novas, mais particularmente ao Sr Stenio Monteiro de Barros, do Rio de Janeiro. Consultamos também os sites da *Internet* muito numerosos onde se encontram referências à obra de J.-B. Roustaing (essencialmente em língua portuguesa). [Nota do original]

Em Arbis, Roustaing deixou sua marca. Foi dono, entre 1855 e 1879, de uma propriedade de 17 hectares de terra, *au Tribus*. Essa fazenda dependia, antes da Revolução, do domínio particular do castelo de Benauge. A tradição local afirma que o nome dessa fazenda vem do fato de que ela devia ser a residência do recebedor dos impostos do condado de Benauge, que contava ainda 21 paróquias no século XVIII. Vendida como bem nacional em 1795, *au Tribus* tornou-se a propriedade da família Lalanne, depois, em 1855, de J.-B. Roustaing. Depois de 1879, a propriedade permaneceu dividida entre dois de seus sobrinhos: François-Joseph Roustaing, tabelião em Targon (morto no dia 27 de janeiro de 1900) e Georges Roustaing, rendeiro. A *Tribus* foi vendida por seus descendentes, no dia 28 de agosto de 1919, à família Arnaud.

Apresentaremos rapidamente a biografia desse cidadão de Arbis, antes de descrever os primórdios do movimento do espiritismo, que se quer cristão,¹³ em Bordéus, e de traçar as grandes linhas da história da difusão da obra de Roustaing, tanto na França, quanto no Brasil.

Sem fazer juízo de valor sobre a obra espírita, é preciso reconhecer que o nascimento do espiritismo, que se quer uma nova religião,¹⁴ é um episódio original na história das idéias e que o nome de Roustaing merece ser citado bastante hoje em Arbis e ser integrado no *De Viris illustribus Aquitaniae: o catálogo dos homens ilustres da Aquitânia*.

Ele era conhecido, desde o final do século XIX, porque Edouard Féret... o cita em sua Biografia em 1889:

“Discípulo fervoroso de Allan Kardec, ele trouxe, durante os últimos anos de sua vida, numerosos adeptos à doutrina espírita, seja em Bordéus, seja, sobretudo, na região de Entre-Deux-Mers, onde ele morava na comuna de Arbis, perto de Targon”.

Não retomaremos aqui a apresentação geral feita aos nossos cuidados no *Colóquio* em Sauveterre-de-Guyenne, setembro de 1999.¹⁵ Contentemo-

¹³ O espiritismo é cristão, pois interpreta em *espírito e verdade* as palavras de Cristo e as aceita integralmente (os autores).

¹⁴ *Nova religião*, em termos de idéia, não como templo e hierarquia sacerdotal (os autores).

¹⁵ [Nota do original].

Ver nosso estudo apresentado no “*Colóquio de Entre-deux-mers*”, ocorrido em Sauveterre-de-Guyenne, sob a égide do CLEM e da Associação *Os Amigos dos Bastides*, em setembro de 1999.

“*Jean-Baptiste Roustaing, espírita cristão, um discípulo de Allan Kardec em Entre-deux-Mers (1866)*”.

Já encontramos membros da família Roustaing em várias correspondências feitas desde 1987.

nos com os pontos essenciais: J.-B. Roustaing é uma pessoa notável da província que possui, ao mesmo tempo, potência econômica, poder político, prestígio social e cultura. Ele nasceu em Bègles, no dia 14 de vindemiário do ano XIV, ou seja, no dia 15 de outubro de 1805, no início do reinado de Napoleão I; morreu em Bordeaux no dia 2 de janeiro de 1879, sob a presidência do marechal de MacMahon. Conheceu, portanto, dois impérios, três reis e duas repúblicas!

Sua genealogia, que foi estabelecida pela Senhora Jeanne Guilhon, mostra profissões diversas: seu trisavô era cirurgião, seu pai, François Roustaing, é conhecido como *negociante*.

Seu primo em primeiro grau, Joseph Amédée (1808-1870), foi tabelião, e Adrien (1855-1908),¹⁶ filho deste último, tornou-se prefeito de Targon. Seu irmão, Adolphe, foi corretor de vinhos, seu sobrinho François-Joseph (morto em 1909)¹⁷ foi, também, tabelião e a filha deste último, Jeanne (1883-1929), desposou Joseph Rivière, também tabelião em Targon. J.-B. Roustaing não teve filho de seu casamento, celebrado em Bordeaux no dia 24 de agosto de 1850 com uma parenta, Elisabeth – chamada Jenny Roustaing, nascida em Ladaux, no dia 13 de dezembro de 1805, e viúva de Raymond Lafourcade. Ela morreu alguns meses antes do marido, no dia 8 de novembro de 1878.

Seus biógrafos brasileiros apresentam-no como oriundo de família pobre e como tendo conhecido uma juventude difícil (*juventude cheia de*

“As eleições municipais em Targon (1831-1935) - *Em Entre-deux—Mers a procura de sua identidade*”. *Atas do 1º Colóquio do País de Branne - 1987*
“Os Notáveis de Targon de 1789 a 1830 - *Em Entre-deux-Mers a procura de sua identidade*”. *2º colóquio de Créon - setembro 1989 CLEM- 1990*
“*Prefeitos da Gironde da Revolução à Restauração - Os prefeitos das sedes de cantão de 1790 a 1824*”. Talance MSHA 1993 (*Centro de estudo dos espaços urbanos*)

Em 1840, Joseph Amédée Roustaing, nascido em 1808, notário, tem uma renda de aproximadamente 2.000 francos por ano. Foi eleito prefeito sob a IIª República. Em 1852, foi nomeado administrador de bairro pelo prefeito.

Cavaleiro da Legião de honra, foi presidente do conselho do “arrondissement”, sua fortuna aumenta: a renda anual passa de 8.125 francos em 1855 a 20.000 francos dez anos mais tarde. Notário em Targon desde 1836, sua fortuna em 1855 se compõe de seu cargo de 15.000 francos que rende 5000 francos por ano, de seus bens imóveis (81.000 francos e 2.025 francos de renda). Finalmente, de capitais (22.000 francos) que dão mil francos por ano. O governo imperial diz dele “administrador tão distinto quanto devotado, tendo no cantão uma grande influência que ele conduz em proveito do governo”.

¹⁶ No original está grafado 1900 (os autores).

¹⁷ No original está grafado 1900, o correto é 28 de janeiro de 1909 (os autores).

dificuldades. Família pobre)^{18, 19} De fato, a família Roustaing não era pobre; trata-se de uma família de burguesia rural, se esses termos não são antinômicos, cujos membros estavam em plena ascensão social antes e após a Revolução francesa. Os Roustaing possuíam bens no campo e exerciam, no burgo de Targon, uma influência política e social considerável: eram *pequenos notáveis*, na escala da sede do cantão.

Como as crianças da burguesia, ele vai para uma grande cidade universitária: Toulouse – e não Bordeaux – para os estudos de letras, ciências e direito.

Não pensamos, como seus biógrafos brasileiros, que ele tenha começado a trabalhar para poder estudar.²⁰

Depois de um estágio em Paris, torna-se advogado em Bordeaux, em 1830. Defende numerosas causas. É, portanto, o exemplo típico das novas camadas sociais da burguesia que tomaram o poder entre 1789 e 1830.

Eleito bastonário da ordem dos advogados em 1848, conheceu as agitações da revolução de 1848 e só deixou de advogar em 1860. Fez questão, no entanto, da honra de estar inscrito até a sua morte no quadro da ordem, à qual deu um legado ao morrer. Em 1858, foi, segundo seu próprio testemunho, vítima de uma longa e dolorosa doença. Depois da sua cura, em 1861, um *médico distinto* lhe fala da possibilidade de comunicação do mundo corporal com o mundo espiritual e o aconselha a ler as obras de Allan Kardec; *O livro dos Espíritos* tinha surgido em abril de 1857. Em Bordeaux, Roustaing foi um dos primeiros discípulos do fundador²¹ do espiritismo, considerado uma *neo-religião*. A primeira carta de Roustaing a Kardec data de março de 1861. Ele frequenta então o *Grupo* de Émile Sabò com a médium Senhora Cazemajour e Adolphe Nunes, presidente da Sociedade Espírita de Bordéus (até sua morte, no dia 17 de agosto de 1864).²²

Roustaing considera que fora encarregado pelos espíritos e seus mensageiros – os *médiuns*²³ – de anunciar a grande revelação messiânica: a segunda vinda de Jesus.²⁴

¹⁸ Consultamos sobretudo um estudo que nos foi oferecido pelo autor Jorge Damas Martins – *História de Roustaing – Panorama cronológico dos fatos mais importantes*, Rio de Janeiro, 1987, 100 p. Rua Alberto de Sequeira, nº 5, ap. 202, Tijuca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP: 20.260-160. [Nota do original]

¹⁹ Esta informação recolhemos do próprio J.-B. Roustaing – QE, I, 57 (os autores).

²⁰ Esta informação recolhemos do próprio J.-B. Roustaing – QE, I, 57 (os autores).

²¹ Kardec não foi o *fundador* do espiritismo. A Doutrina é dos Espíritos. A Allan Kardec coube a tarefa de codificar o corpo doutrinário (os autores).

²² O Sr Adolphe Nunes foi presidente da *Sociedade espírita de Bordeaux*, fundada em 14 de outubro de 1861, após o Sr Émile Sabò exercer a primeira presidência (os autores).

²³ No original está grafado *médico* em evidente erro de impressão (os autores).

²⁴ Na forma de o *Consolador* prometido por Jesus (o *Espírito de Verdade*) que viria, como veio, trazer o espiritismo, a *Terceira revelação* (os autores).

Essa revelação da revelação lhe teria sido dada no dia 23²⁵ de junho de 1861, e os trabalhos com a Senhora Émilie Collignon prosseguiram até maio de 1865.²⁶ O resultado está consignado nas 1872 páginas publicadas em 1866 em três grossos volumes, ao mesmo tempo em Paris e em Bordeaux, na editora do impressor Lavertujon, que publicava também o jornal de oposição ao Império, *La Gironde*. O método consiste em explicar os Evangelhos pelos evangelistas, eles próprios assistidos pelos apóstolos, e os mandamentos do Antigo Testamento por Moisés. As crenças fundamentais do espiritismo estão expostas: a pluralidade dos mundos, a lei do renascimento ou da reencarnação, a harmonia universal, as afirmações de que Jesus teria um *corpo fluídico*, que foi encarregado de uma missão, enviado por Deus ao meio dos homens para ensiná-los a viver e a morrer com vistas aos progressos do espírito.

Roustaing mostra-se muito hostil em relação aos dogmas católicos e ao papado de Pio IX; diz-se *cristão*, mas constata que a doutrina moral de Jesus Cristo foi “alterada, desnaturada, falseada pelas interpretações humanas, pelos dogmas e pelos mandamentos humanos”.

Os temas humanistas aparecem com freqüência na sua obra: o espírito do pai de Roustaing, morto em 1855,²⁷ lhe lembra a famosa trindade: “Liberdade, fraternidade, igualdade diante de Deus e diante dos homens, é o espiritismo que vai conclamar para essa colheita abundante contra o orgulho, o egoísmo, o fanatismo, a intolerância, a incredulidade, e o materialismo”.

Não podemos, neste breve artigo, analisar objetivamente todo o conteúdo da obra: seria fazer a exposição de toda a doutrina espírita. Queríamos somente fornecer algumas informações e abrir pistas de pesquisas sobre os primórdios do movimento espírita em Bordeaux e de sua difusão no Brasil, onde *o Apóstolo de Bordeaux* é conhecido por vários milhões de adeptos.

Inicialmente, constatamos que são muito contrastantes os julgamentos sobre a obra de Roustaing-Collignon. Se ela foi considerada fundamental com a de Kardec pelo movimento espírita brasileiro, desde 1870, foi mal recebida por alguns críticos franceses, em particular o bibliógrafo célebre Pierre-Gustave Brunet (conhecido pelo pseudônimo de Philomneste Junior).²⁸

Exatamente um ano após a morte de Roustaing, em 1880, um livrinho de Philomneste Junior, *Les fous littéraires*, é maldoso em relação à obra

²⁵ No original está grafado 21 (os autores).

²⁶ Os trabalhos em conjunto com a Sra Collignon só começaram em dezembro de 1861 (os autores).

²⁷ No original está grafado 1855. O correto é 1º de novembro de 1859 (os autores).

²⁸ Brunet Pierre Gustave (Philomneste Junior) *Les Fous littéraires*. Bruxelas e Paris 1880 – XI – 229 p. (Reimpressão: Slatkine, Genebra, 1970). [Nota do original]

de Roustaing: Esse “ensaio bibliográfico sobre a literatura excêntrica, os iluminados”. É de fato um verdadeiro panfleto no estilo percuciente do século XIX.

Roustaing, de fato, é colocado [por Brunet]²⁹ na mesma categoria dos autores reconhecidos depois como geniais, mesmo que suas opiniões e sistemas se prestem fortemente à discussão e à crítica: Saint-Simon, Charles Fourier, Gérard de Nerval, Jules Michelet, Jean Reynaud e Sade, com relação aos franceses; Walt Whitman, Wronski, Edgar Poe, William Blake, Jacob Boehme, John Bunyan, Franz Baader e Adam Mickiewicz, com relação aos estrangeiros.

Ainda que injusto, Brunet viu bem o parentesco do espiritismo com místicos e poetas cujas obras são hoje consideradas com admiração. Roustaing era mesmo um *Iluminado*, isto é, ele estava convencido de ter recebido a luz do outro mundo, a dos Espíritos.

Mas os partidários do racionalismo viam nele um verdadeiro alienado. Brunet não tem papas na língua:

“Essa obra, impressa em Bordeaux, oferece uma prova adicional do pendor que leva os alienados a escrever sem descanso: não contém menos de 1872 páginas. Temos o direito de espantar-nos com o fato de um juriconsulto esclarecido ter-se deixado levar, no final de seus dias, pelas mais absurdas aberrações”.

O autor [Roustaing] anuncia, primeiramente, que foi messianicamente advertido de que [seu livro] se trata apenas de uma:

“obra preparatória para a grande e progressiva revelação do espírito de verdade”.

[Continua Brunet]:

“Ele conta que, no dia 23³⁰ de junho de 1861, o espírito de João Batista e o de seu pai se manifestaram a ele; o espírito do apóstolo Pedro se manifestou no dia 30 de junho; os quatro evangelistas lhe dão a ordem de escrever, e ele escreve sobre os Evangelhos um imenso comentário onde explodem, em cada página, as alucinações de um cérebro que o espiritismo transtornou. As frases são de um comprimento excessivo; palavras em caracteres itálicos ou maiúsculos são freqüentemente intercaladas, sem que se adivinhe o motivo; definitivamente, nada há de engenhoso nessa interminável e ilegível mixórdia”.

²⁹ Os colchetes são dos autores e visam um melhor entendimento do texto.

³⁰ No original está grafado 26 (os autores).

Para os discípulos de Roustaing, sua obra principal é uma “obra mediúnica ditada pelos espíritos e tirada dos ditados à Sra. Émilie Aimée Charlotte Bréard, a Collignon. Segundo seus biógrafos brasileiros atuais, Roustaing foi o responsável pela coordenação desses ditados, recolhendo-os e pondo-os em ordem, ele escreveu também a *Introdução* e se encarregou da publicação e da divulgação. Com a ajuda espiritual dos quatro evangelistas, dos apóstolos e de Moisés, a Sra. Collignon e Roustaing teriam dado “uma interpretação completa dos quatro Evangelhos de Jesus Cristo e dos Mandamentos de Moisés baseados nos princípios da doutrina espírita”. O Sr. Stenio Monteiro de *Barros*³¹ escreve a respeito: “Consideram-na a maior e mais luminosa obra mediúnica de interpretações dos ensinamentos do Cristo”.

Só podemos apresentar esses julgamentos positivos que estão, obviamente, em total oposição aos do bibliógrafo Pierre Brunet acima citados. Nosso papel de historiador é, antes de tudo, constatar que as idéias de Roustaing foram muito rapidamente difundidas, não somente em Bordeaux, mas, sobretudo, no Brasil, a partir de 1870.

No plano local, os testemunhos são raros: Duas brochuras da *Biblioteca Nacional* falam de J.-B. Roustaing: em 1851, ele pede transferência para Targon da brigada do quartel do cantão (4º LK79614). Numa data indeterminada, ele escreveu, com um certo Landuneau-Rousseau, uma monografia de 27 páginas, referente a um parecer da antiga companhia das duas margens do Garone.³²

Entre os manuscritos, a ordem dos advogados de Bordéus não possui nenhum documento. Obras não publicadas de Roustaing, sob a forma de manuscritos, sobre *Os Atos dos Apóstolos*, as *Epístolas* e o *Apocalipse* de São João teriam sido confiadas a Jean Guérin, habitante de Villenave-de-Rions, por testamento do dia 25 de novembro de 1878, estabelecido diante do mestre Thierrée, tabelião em Bordeaux. Não se sabe o que foi feito desses documentos. Será que Jean Guérin os utilizou em sua controvérsia de 1882-1883 com G. Delanne?³³

Estudando os arquivos da família Domec, o Sr. Jean-Claude Huguet encontrou duas cartas manuscritas endereçadas ao prefeito de Arbis, em 1873, [Sr.] Domec. O conteúdo é muito banal: tendo vendido seu cavalo e não podendo mais atrelar sua carruagem, J.-B. Roustaing pede a supressão dos impostos a que estava submetido. O interesse é somente o de conhecer a letra do homem, já que seu retrato permanece sempre impossível de achar, apesar das pesquisas em todas as direções.

³¹ No original está grafado *Branco*, em evidente erro de impressão (os autores).

³² Esta pesquisa nada encontrou sobre estes dois fatos citados pelo Prof Drouin. Penso tratar-se, talvez, de algum (us) parente (s), e que houve engano da parte do articulista (os autores).

³³ Esta controvérsia foi publicada em 1884 (*Revue Spirite*, pp. 49-60) e nela este material não foi citado (os autores).

O próprio Allan Kardec faz elogio da obra na *Revue Spirite* de junho de 1866. No ano seguinte, em julho de 1867, ele vai a Bordeaux onde a *Sociedade Espírita* foi reorganizada com Peyranne como presidente.

Que informações se podem encontrar na *Revue Spirite* sobre a vida das sociedades espíritas em Bordéus? São muitas, mas dispersas. Mas existe também em Bordeaux até uma imprensa espírita em torno da médium, Madame Cazemajour, e de Jean Hillaire, agricultor de Charente, que possuía também faculdades *medianímicas*.

Os fundadores do movimento espírita em Bordeaux parecem ser Émile Sabò e Jean Chapelot (pseudônimo de Jean Condat), entre 1858 e 1863. Os médiuns eram as Senhoras Mally e, sobretudo, Cazemajour, autora de uma brochura, *Les caractères de la Bruyère*. No dia 20 de março de 1862, J. Chapelot inaugurou um novo grupo. A *Ruche bordelaise. Revue de l'enseignement des esprits*, órgão da *Sociedade espírita de Bordeaux*, que viveu de primeiro de junho de 1863 a 15 de maio de 1865.³⁴ Émile Sabò era seu principal redator, ajudado, desde abril de 1864, por Chapelot e Aug(uste) Bez. Em 1864, este último fundou *La voix d'outre-Tombe, journal du spiritisme* e A. Lefraise *Le sauveur des peuples, journal du spiritisme bordelais*, um semanário vendido a 6 francos por ano. Lefraise teria fundado também outro órgão *Lumière. La Ruche bordelaise* terminou sua existência quando o irmão Sabò deixa Bordéus para ir para Paris e tornar-se o secretário particular do próprio Allan Kardec.

Examinemos, portanto, o conteúdo da principal revista espírita, entre 1863 e 1865, exatamente antes do aparecimento dos *Quatro Evangelhos*. O primeiro número do dia primeiro de junho de 1863 contém uma carta de Allan Kardec em que ele apresenta a cidade:

“Bordeaux foi, há muito tempo que vocês o sabem, assinalada como uma das principais cidades de onde o Espiritismo deve irradiar-se no Sul da França”.

Encontra-se em seu escrito [de Kardec] e no de Emile Sabò o objetivo do espiritismo:

“Destruição do materialismo, do egoísmo e do orgulho, moralização das massas pela fé no futuro e na bondade de Deus, união dos homens pelos laços da caridade, tal é a missão”.

³⁴ A sede da revista era primeiramente 44, rua des Trois Conils. O impressor Lanefranque 19, Rua du Palais de l'Ombrière. Depois se encontra como endereço 91, Rua Malbec. A *União espírita Bordelesa* apareceu a partir de primeiro de junho de 1865 (24 páginas – 4 vezes por mês – 12 francos por ano) sob a direção de Aug. Bez. Ela resultava da fusão das quatro folhas espíritas precedentes. [Nota do original].

A virtude da caridade é permanente:

“Fora da caridade não há salvação; fora da caridade não há verdadeiros Espíritas”.

O Espiritismo (com inicial maiúscula) é apresentado como uma:

“Doutrina sublime, nascida, no entanto, dessas mesas giratórias com que a maioria de nós nos divertimos tanto”.

Embora o regime imperial se tenha liberalizado, desde 1860, os Espiritistas recusam qualquer compromisso imediato e direto. No entanto, pode-se ter uma idéia sobre para qual família de espírito vão suas simpatias quando fazem depois o elogio de Pierre Leroux, de Jean Reynaud e de Victor Hugo, então no exílio. Por aí eles se aproximam das escolas socialistas, republicanas e *humanitárias*. O oponente célebre é considerado um gênio próximo da nova religião.

Em 1865, *La Ruche* dá, segundo o diário *La presse* (de 25 de janeiro de 1865), o texto do discurso pronunciado por Hugo exilado, sobre o túmulo de uma mocinha, Emily de Putron, a fim de mostrar os laços profundos do escritor com o espiritismo:

“Ela se foi, juventude para a Eternidade; beleza para o ideal; esperança para a certeza; amor para o infinito; pérola para o oceano; Espírito para Deus... Para onde se foi ela? Para a sombra? Não. Nós é que estamos na sombra. Ela está na aurora. Os mortos são os invisíveis, mas não são os ausentes”.

Victor Hugo, para os espíritas de Bordeaux, é um médium.

A lista dos Espíritos evocados em *La Ruche* é variada: de um lado, os Espíritos da religião católica (Fénelon, Bourdaloue, Massillon e Joseph de Maistre), mas, por outro lado, e de uma maneira progressivamente mais importante, os Espíritos dos autores hostis ao catolicismo na medida em que queriam instaurar uma nova religião: Dupont de Nemours, Pierre Leroux, Jean Reynaud e Saint-Simon. Mas a existência da alma é uma base essencial do Espiritismo:

“O Espiritismo diz: a alma é imortal e ele o prova por meio da evocação dos espíritos”.

Os autores contemporâneos reconhecidos como inspiradores são diversos: George Sand, Maxime du Camp, André Pezzani, Lerminier, Gérard de Nerval, Victor Cousin, Eugène Pelletan, Charles de Rémusat, Franck de Brotonne e H. Fortoul. Os Espíritas eram, certamente, leitores cultos, que conheciam bem a literatura e a filosofia de sua época. A médium Cazemajour

transmite também as mensagens de dois Espíritos do mundo da pintura: Louis David e Horace Vernet, e de um inventor célebre Fulton. Os Espíritas são *progressistas* e consideram sua doutrina *o instrumento do progresso geral*.

Em abril de 1864, o Rev. Pe. Delaporte tinha proferido na *Faculdade de teologia de Bordeaux* um curso de dogma em que criticava fortemente o espiritismo. Ao mesmo tempo, outro eclesiástico, o Rev. Pe. Nicomède pronunciava sermões hostis. Esses dois religiosos foram, portanto, refutados pela *Ruche bordelaise* em numerosos artigos. Não encontramos denúncia do cardeal Donnet, então arcebispo de Bordeaux, mas dois outros membros do episcopado francês foram criticados severamente porque tinham condenado o espiritismo: o arcebispo de Alger e André Roess, bispo de Estrasburgo. No entanto, vimos que, mesmo que se opusessem violentamente à religião católica, a dogmas e à sua hierarquia, os Espíritas se dizem *cristãos* porque para eles:

“O espírito de verdade anunciado pelo Cristo é o espiritismo”.

Eles se acreditam os fundadores³⁵ do novo e autêntico cristianismo.

Analisando os artigos da *Ruche*, percebe-se que o espiritismo já está bem implantado no Sudoeste da Aquitânia. Percebe-se a presença de grupos locais que funcionam em Angoulême, Cognac, Jarnac, Saint-Jean-d'Angély, Marennes, Meschers e também em Bègles, Tonneins, Marmande. Jean Hillaire, agricultor em Sonnac (Charente Inferior) é um intermediário privilegiado.³⁶

A lista dos colaboradores permitirá pesquisar em quais meios se recrutavam os primeiros espíritas. Como hipótese de partida, pode-se pensar na classe da burguesia média, na cidade de Bordeaux e nas pequenas cidades. Citemos alguns nomes: Jaubert, Dombre, Jean Hillaire, Barrillot, J. Delaby, de Heeger, J.-L. Jea, advogado, J. Chapelot, a viscondessa de Oger, Auguste Bez. Um certo J.-B. Borreau publica pela Feret, em 1864, uma brochura: *Como e por que me tornei espírita*. Um manuscrito do advogado J.-L. Jean é publicado em 1865:

“O Espiritismo não é obra nem de um partido nem de uma seita; ele tem, como todas as obras do Criador, um caráter de elevação que o coloca acima das querelas religiosas e das lutas políticas”.

Podemos pôr em dúvida esta última afirmação, porque desde o início os católicos da hierarquia católica e os teólogos, de um lado, e os

³⁵ Melhor seria dizer *adeptos*, pois é aos Espíritos que cabe a responsabilidade da Revelação espírita, o espiritismo (os autores).

³⁶ *Privilegiado* não é bem o termo, melhor seria um médium de amplas faculdades (os autores).

monarquistas legitimistas, de outro lado, se opuseram, com violência, ao espiritismo ligado, SEGUNDO ELES, aos movimentos franco-maçom, republicano e socialista, sinônimos de satanismo.

Os Espíritas cristãos bordelenses se definem a si mesmos como opostos ao mesmo tempo aos Céticos, aos Materialistas e aos Ministros da Igreja. Eles têm confiança no anúncio feito por H.-D. Rivail (Kardec) em *O Livro dos espíritos*:

“Os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal chegaram”.

E que os Espíritos enviados por Deus têm por missão:

“Instruir e esclarecer os homens inaugurando uma nova era para a regeneração da humanidade”.

Providência, Regeneração, Revelação são palavras-chave do discurso espírita com as de Caridade, União, Harmonia.

O lançamento do livro de Roustaing ocorre entre janeiro e maio de 1866.³⁷ Em junho de 1866, reconstituiu-se, sob a presidência de Peyranne, uma *Nova sociedade espírita de Bordeaux*, que recebeu Allan Kardec, no dia de *Pentecostes*.

Roustaing não publicou mais nenhuma obra pessoalmente até sua morte, ocorrida em 1879, enquanto Madame Collignon parece ter dedicado seu tempo e seu dinheiro, por volta dos anos 1870, a criar em Bordeaux escolas profissionais para moças e a escrever brochuras sobre os problemas de educação.³⁸ Ela morreu no dia 25 de dezembro de 1902³⁹ em Saint-Georges-de-Didonne, em Charente-Inferior.

Seria interessante pesquisar, na imprensa nacional e na imprensa regional, reações à publicação das brochuras espíritas. O Sr. Damas Martins cita, em particular, um artigo do *Soleil*, devido a Aurélien Scholl (5 de maio de 1866), que compara duas obras aparecidas ao mesmo tempo: *Os apóstolos*, de Ernest Renan, e *Os quatro Evangelhos*, “do Sr. Roustaing, adepto esclarecido do espiritismo”. Quais foram as reações da Igreja católica?

³⁷ Corretamente, em 05 de abril - 1º e 2º tomos e 05 de maio - 3º tomo (os autores).

³⁸ [Nota do original]. A BN de Paris possui três brochuras de E. Collignon: *Conversas familiares sobre o espiritismo*. Bordeaux – Feret e Barbet, 1865. *Esboços contemporâneos*. Marrennes 1870. *A Educação na família e pelo Estado chefe de família nacional* – Marennes, Florentin Blanchard, 1873. *A Revue Spirite* de julho de 1864 comenta com categoria uma brochura de E. Collignon: *Conselhos às mães de família* (com um poema *O Corpo e o Espírito*).

³⁹ No original está grafado 1905 (os autores).

Em Bordeaux, o cardeal Donnet e os professores da faculdade de teologia reagiram em suas pastorais e em seus cursos de teologia?

Por final, essa pesquisa rápida pode legitimamente fazer algumas perguntas. Por que, em 1870, Roustaing enviou seu livro a Luís Olímpio Teles de Menezes no Brasil? Tinha ele recebido um pedido por parte dos grupos brasileiros e, em particular, o da Bahia, fundado em 1865? Ou ele enviava sistematicamente seu livro a todos os centros que estavam em contato com a *Revue Spirite* de Paris? Parece também que Charles Collignon, artista pintor e *capitalista* ou empreendedor, tinha numerosas relações. Pode-se também notar que Allan Kardec tinha sido membro de uma loja franco-maçônica⁴⁰ e podia ter relações com correspondentes no mundo inteiro. Em Bordeaux, até o diretor da *Ruche bordelaise* tem o cuidado de dizer que não é franco-maçom. No entanto Roustaing publica sua obra pela Lavertujon, gráfica onde os laços com a franco-maçonaria local são numerosos. A hostilidade profunda ao papa Pio IX, ao cesarismo romano e aos dogmas católicos é um traço comum de J.-B. Roustaing e André Lavertujon, porta-voz da oposição republicana ao Império, no jornal diário *La Gironde*.⁴¹ Em Bordeaux, mesmo, seria necessário seguir as atividades numerosas de Émile Sabò, que esteve com Allan Kardec quando este fora inaugurar a *Sociedade espírita de Bordeaux*, em outubro de 1861.

Este estudo foi efetuado na ótica espírita por Jorge Damas Martins e não insistiremos. Notemos, apenas, que os Espíritos Carlos Magno, Massillon e Fénelon são freqüentemente citados e evocados, no meio espírita bordelês, que se reunia na casa de Sabò e, a partir de 1862, na de Ch. Collignon (chamado de *capitalista* em português), que morava na rua Sauce, nº 12, em Bordeaux, porque Émilie Collignon-Bréard era uma médium célebre, da mesma forma que a Sra. Cazemajour. Segundo o historiador espírita brasileiro, a participação de Bordeaux [nas obras da] Codificação e na *Revue Spirite* é estimada em 140 notas, [entre mensagens] cartas e bilhetes. Encontrar-se-ão mais detalhes no estudo de Damas Martins, publicado em 1987, no Rio de Janeiro, que talvez seja um dia traduzido em francês.

Um caso poético poderia também ser estudado: em maio de 1863, uma poesia espírita do magistrado Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne e presidente de honra da *Sociedade espírita de Bordeaux*, foi premiada na Academia dos Jogos Florais de Toulouse. Esse sucesso

⁴⁰ Esta pesquisa hoje tem a informação de que Allan Kardec não foi Maçom, como informa *La ruche*, 1º ano, No 24, 2ª quinzena de maio de 1864, pp. 393-4 (os autores).

⁴¹ Ver nosso artigo *Pierre Laffitte e André Lavertujon: duas notabilidades girondinas da Belle époque* (Benauges – Essai historique Targon – ASPECT 1999). [Nota do original].

provoca uma viva crítica do publicista católico Adrien Péladan, em *La France Littéraire*, de Lyon, no dia 6 de junho de 1863:

“Os senhores foram guiados pelo mau Espírito ou dominados pelo socialismo, o grande conjurado contra a verdade cristã. Tudo que nega os dogmas eternos é visto como mazzinismo⁴² que se repete”.

Péladan assimila, com razão ou sem ela, espiritismo, socialismo, mazzinismo, antipapismo, republicanismo e... diabolismo.

Outra pista local é uma *enquête* sobre a família Collignon. Terão os membros bordelenses dessa família laços de parentesco com Charles-Etienne Collignon (nascido em 1802), engenheiro, político e especialista dos caminhos de ferro da França e da Rússia? Outro, Charles Edouard Collignon, nascido em 1831, engenheiro, também foi construtor de pontes e ruas.⁴³

A senhora Collignon desempenhou papel importante nos problemas com a educação em Bordeaux, durante longos anos: ainda em 1873, ela publica uma brochura sobre a *Educação na família e pelo Estado na família nacional*. Se ela não desempenhou aparentemente papel na divulgação das idéias espíritas, seu filho foi um servidor fiel da III^a República. As informações fornecidas pelos dicionários permitem reconstituir a bela carreira administrativa e política do filho da médium de Roustaing.⁴⁴

Henri Paul François Marie nasceu em Caudéran, no dia 2 de outubro de 1856, filho de Charles Paul Collignon, artista pintor (48 anos) e de Émilie Aimée Charlotte Bréard (36 anos). Uma das testemunhas de sua certidão de nascimento é seu avô (?): Henri Auguste C., de 70 anos, diretor do abrigo de mendigos de Bordeaux.⁴⁵ Após estudos de direito até o doutoramento em 1882, Henri Collignon tornou-se advogado, mas não exerceu a profissão; entrou em 1880 como adido no gabinete do prefeito da Gironde, que era então Henri Doniol, Chefe de gabinete dos ministros René Goblet e Armand Fallières, em 1881. Exerceu numerosas funções de vice-prefeito e de prefeito, em particular em Finistère, entre 1899 e 1906. Foi também chefe de gabinete do prefeito do Sena, em 1895. Posto em disponibilidade em 1906, exerceu

⁴² Mazzinismo: de Andrea Luigi Mazzini (1814-1852) socialista italiano. N. T.

⁴³ Esta pesquisa não encontrou nenhuma relação entre Charles Collignon e essas dois personagens citados (os autores).

⁴⁴ Todos os dicionários biográficos franceses dedicam uma breve nota ao prefeito Collignon. Seu dossiê nos *Arquivos Nacionais* (Flb I 458) foi utilizado no Dicionário dos prefeitos. A nota do Dicionário de Biografia francesa cita em referência: M. Hollebecque *La Grande Revue* abril 1913 e J. Mayor *La Gazette de Lausanne* 18 de junho de 1914. [Nota do original].

⁴⁵ Esta pesquisa já demonstrou não ser ele seu avô (os autores).

em seguida, de setembro de 1912 a fevereiro de 1913, a função de secretário geral da presidência da República com Armand Fallières, originário de Lot-et-Garonne. Deixou essa função, quando Raymond Poincaré entrou no Eliseu em 18 de fevereiro de 1913. No dia 18 de março de 1913, foi nomeado conselheiro de Estado em serviço extraordinário. No dia 11 de dezembro de 1908,⁴⁶ tornava-se venerável da importante loja maçônica Alsace-Lorraine. Apesar de sua idade (58 anos), alistou-se como soldado raso no 46º R. I. como encarregado da guarda da bandeira. Foi morto no campo de honra, no dia 15 de março de 1915, durante um bombardeio, quando ia em socorro de um agente de ligação ferido. Foi enterrado em Abbeville e uma estela em sua memória foi erigida nos arredores de Vauquois, no lugar em que foi morto. Assim morreu dignamente aquele que se chama desde então *A Torre de Auvergne da IIIª República*.

Assim, a partir de 1880, o filho da médium Sra. Collignon torna-se um servidor fiel da República radical, espiritualista e anticlerical, triunfante após a Ordem moral monárquica e católica. No mesmo instante, o espírita Léon Denis quer dar ao espiritismo sua plena vocação de nova religião, de “ciência religiosa” que ele sonha tornar a filosofia oficial da IIIª República.⁴⁷

Atualmente, as outras revistas espíritas publicadas em Bordéus sob o IIº Império não estão acessíveis; tinham por título *O Salvador dos povos*, *a União espírita bordelesa*, *A voz de Além-Túmulo*, *Luz*, *A União simpática das almas*.⁴⁸ A *Biblioteca municipal de Bordeaux* só possui quatro números do ano de 1888 do *L'éclair de vérité (O clarão da verdade)*. Pode-se notar que essa folha espírita era impressa na tipografia Gounouilh, que também tinha publicado, em 1866, a obra de Roustaing e que era o editor republicano e anticlerical de Bordeaux, proprietário dos diários *La Gironde*, e depois do *La petite Gironde*. Em 1888, a rede cultural e ideológica continua a funcionar de maneira mais eficaz.

Uma pista de pesquisa na história das idéias é valorizar a genealogia complexa das influências sofridas. Citamos os principais autores reivindicados pelos Espíritas como “pais espirituais”.⁴⁹ Se alguns são, atualmente, pouco conhecidos, como um tal Lowe ou o teólogo, o americano William Ellery Channing, muitos se ligam à antiga escola saint-simoniana que também tinha querido uma nova religião por volta dos anos 1830. É o caso de Louis Jourdan, autor, em 1861, da obra *Um filósofo junto à lareira*. Jean Reynaud também tinha sido um saint-

⁴⁶ No original está grafado 1918 em evidente erro de impressão (os autores).

⁴⁷ Léon Denis *sonha*, como todos nós espíritas que um dia, as Leis divinas demonstradas pela nossa Doutrina, serão reconhecidas universalmente (os autores).

⁴⁸ Esta pesquisa conseguiu resgatar todos eles, à exceção de a *União simpática das almas* que desconhecemos (os autores).

⁴⁹ Melhor seria falar de *precursores* (os autores).

simoniano militante, antes de romper em 1832 e de fundar com Pierre Leroux a *Encyclopédie nova* e de tornar-se um militante da causa socialista e republicana em 1848.⁵⁰ Em seu livro, surgido em 1854, *Filosofia religiosa – Terra e Céu*, ele apresenta algumas afirmações que são retomadas pelo próprio Allan Kardec, em 1857, e para toda uma equipe de sonâmbulos-médiuns (que são freqüentemente mulheres): a existência da vida no universo, a imortalidade da alma, a transcendência divina, a negação do inferno, a melhoria do destino da humanidade pelo progresso da associação e da indústria. Encontram-se todos esses temas em *La Ruche bordelaise*. Jean Reynaud é freqüentemente citado na revista com nomes célebres na literatura e no pensamento do século XIX: Lamennais, Lamartine, Victor Hugo, Vacquerie, Balzac, Charles Fourier (*sic*), Delphine de Girardin e com nomes menos conhecidos de Alfred Dumesnil, Louis Jourdan, André Pezzani.

Louis Jourdan, nascido em 1810, é um jornalista conhecido em sua época, que tinha participado da aventura saint-simoniana, da independência da Grécia, da revolução de 1848, do diário *Le siècle* e de todos os movimentos industriais do Segundo Império. Quando um pouco mais jovem, André Pezzani (1818-1877) fora um advogado lionês que parece ter sido um amigo pessoal de Roustaing. Sua obra era já importante em 1865 e conhecida no mundo intelectual:

1847 – *Exposição de um novo sistema filosófico*.

1857 – *Princípios superiores de moral*.

1860 – *O Reino de Deus predito pelos profetas*.

1864 – *A Pluralidade das existências da alma*.

1865 – *Os Bardos drúidicos*.

Esses exemplos mostram que os grupos espíritas estavam em estreitas relações uns com os outros, muitas vezes por intermédio da *Revue Spirite*, e que o espiritismo tinha numerosos adeptos nos mundos do direito (advogados e magistrados em particular) e do jornalismo. Por volta de 1865, encontram-se órgãos espíritas em Lyon (*La vérité*), em Paris (*L'avenir*), em Marselha (*Lecho d'outre-tombe*), em Toulouse (*Le médium évangélique*).

Pensamos que os espíritas bordelenses e Roustaing participam de um movimento maior que se desenvolve em França depois da crise espiritual dos anos 1830 e que tem por objetivo fundar uma nova religião sobre as ruínas do catolicismo romano. Primeiramente representado por Saint-Simon, Lamennais e Ballanche, esse movimento tem como principais representantes Edgar Quinet, Jules Michelet, Pierre Leroux e Jean Reynaud.

⁵⁰ Utilizamos com proveito todos os artigos publicados na *Polítika hermetica* nº 9, 1995, Paris: *A idade do Homem*. Número especial dedicado ao *Esoterismo e socialismo*, em particular o artigo de Nicole Edelman: *Sonambulismo, mediunidade e socialismo*. [Nota do original].

Todos são *Iluminados*, porque estão convencidos de ter recebido a Luz e querem pela palavra e pela escrita dar a conhecer uma nova Revelação. Os Espíritos dos mortos se comunicam com os homens por diversos meios técnicos, mas o conteúdo das mensagens decifradas corresponde, o mais das vezes, ao espírito geral do tempo e utiliza o estilo da época.

Assim, ao *Cisne de Cambraia* é creditado o asserto:

“A Sociedade, horrenda lagarta, sairá de seu invólucro de incredulidade e de materialismo, para lançar-se, borboleta brilhante e graciosa, nas copas encantadas das flores da verdade.”

Pela leitura mesmo rápida de *La Ruche bordelaise*, parece que Jean Reynaud é o teórico que, sem contar Allan Kardec, mais influenciou os médiuns e os redatores. Por ocasião de sua morte, ocorrida no dia 28 de junho de 1863, ele foi saudado como “um Espírito enviado à Terra em missão de progresso” e, sobretudo, mais tarde, ele manda mensagens que são consideradas o fundamento da nova revelação:

“O Espiritismo veio combater e vencer as dúvidas que, em todos os tempos, se produziram contra a imortalidade da alma. Como chegou ele a isso? Pelo perispírito ou corpo fluido, um invólucro imortal do Espírito que não o deixa nunca, seja na sua vida terrestre, seja na sua vida espiritual, durante suas encarnações e no mundo errante. O perispírito é a pedra angular da nova revelação”.

É certo que o Espiritismo quis ser, desde o início, uma nova Religião. Religião com enxerto, no entanto, do catolicismo, porque os espíritos evocados são freqüentemente padres e até bispos (Fénélon, Boudaloue em particular) e santos. No dia 6 de dezembro de 1864, no momento em que o papa Pio IX promulgava a *Encíclica quanta cura* e o *Syllabus*, um ditado espontâneo de Santo Agostinho afirma como uma profecia:

“Sim, o catolicismo está morto nas suas ciências oficiais; deixai vir a vós o Espiritismo com todas as suas promessas e com essa salvação messiânica que assinala cada acontecimento religioso da humanidade”.

Enquanto Pio IX proclama o dogma da Imaculada Conceição, os Espíritas criticam fundamentalmente todos os dogmas da Igreja católica e, em particular, o da Encarnação [Divina]:

“Jesus não é, portanto, Deus, mas um apóstolo de Deus”.

As Escrituras sagradas só têm para os Espíritas um objetivo: o de confirmar o espiritismo. Trata-se, de fato, segundo o espírita Barillot, de

uma *Palingenesia*, de um novo renascimento, em que o Reino do Cristo pode e deve exercer-se segundo mandamentos novos, presentes como um catecismo sistemático.

Citemos alguns exemplos:

Deus nunca criou penas eternas
Tudo se reabilita com a caridade

O homem não tem nenhuma necessidade de intermediário
Entre o Criador e ele: seu olho o segue⁵¹

Reencarnando a alma se fortifica
A carne é um cadinho onde o espírito se purifica

A equivalência do espiritismo: o verdadeiro cristianismo é, sem cessar, reafirmado na revista bordelesa de 1863 a 1865 depois, em seguida, pelo próprio Roustaing:

“O Espírito de Verdade anunciado pelo Cristo é o espiritismo”.

Sabò, em abril de 1864, declara-se com Chapelot e Bez:

“Sentinelas avançados do exército pacífico da regeneração da humanidade”.

Para os Espíritas bordelenses em torno de Roustaing, a doutrina é “luz brilhante, sol resplandecente e inextinguível, (que) plana hoje sobre o mundo e inaugura a quarta fase da humanidade”.⁵²

Os redatores reconhecem que a publicação de dois livros, em 1863-1864, *Le maudit* [O maldito] e *La vie de Jésus* [A vida de Jesus], de Ernest Renan, anunciam um cataclismo religioso: o fim do catolicismo e lançam um *slogan*:

“Espíritas, mantenhamo-nos prontos!”

Segundo o título do jornal de A. Lefraise, o espiritismo será o *Salvador dos Povos*.

Uma fórmula densa mostra bem que o espiritismo se situa na grande corrente profética e escatológica do século XIX, primeiramente cristão-católico depois cristão-espírita:

⁵¹ *Seu olho o segue*: significa, provavelmente, que nossa razão nos orienta para Deus (os autores).

⁵² Provavelmente: a *Idade da pedra*, a *Idade antiga*, a *Idade média*, a *Idade nova* (os autores)

“O Espiritismo traz em seus flancos o MILÊNIO anunciado”.

Não é por inocência que os grandes espíritos mais freqüentemente citados na revista sejam dois mortos e um vivo. O vivo é Victor Hugo, “grande poeta e médium dos mais completos”. Os mortos são Lamennais e Jean Reynaud. O primeiro foi um padre católico que, para os Espíritas, se revoltou contra o cesarismo pontifical e quis reencontrar o Cristo-Povo, “sufocado por quatorze séculos sob a batina branca do *Pontífice Máximo*”. O segundo aparece como um Espírito que fornece, por intermédio do médium X, uma *Nova Revelação* e que afirma categoricamente:

“O Espiritismo é a síntese das Religiões desaparecidas”.

Às grandes religiões os Espíritas acrescentam o druidismo e os filósofos dos séculos XVIII e XIX. Seu objetivo é o mesmo do de Henri Carle, que funda, em 1865, *A aliança religiosa universal*, e de Charles Fauvety, autor, em 1874, do *Catecismo filosófico da religião universal*. Este último preconiza o estudo da filosofia, a síntese do estudo geral das ciências, a contemplação artística da harmonia e a prática da moral.

Entre as referências filosóficas da revista, encontram-se freqüentemente os nomes de Larroque e Nourrisson. De quem se trata? De dois filósofos muito conhecidos por volta de 1860. Jean-Félix Nourrisson é o autor de um *Quadro dos progressos do pensamento humano desde Tales até Leibniz* (1858) e de estudos sobre Bossuet, Leibniz e Santo Agostinho. Esses grandes Espíritos foram, não raro, evocados pelos médiuns espíritas. Quanto a Patrice Larroque (1801-1879), ele publicou em Bruxelas, em 1859, *Renovação religiosa e Exame crítico das doutrinas da religião cristã*, duas obras que foram objeto de perseguições judiciais e foram, por um tempo, proibidas na França. Assim, ainda que os espíritas tenham cuidado ao dizer que não se ocupam de política nem de economia social, os escritores que lhes servem de fonte e de penhor pertencem, o mais das vezes, aos movimentos do socialismo dito utópico (Saint-Simon, Fourier, Leroux) e do republicanismo de 1848 (Sand, Eugène Pelletan, Reynaud). No plano filosófico, a filosofia alemã é igualmente solicitada (Lessing, Kant, Schelling), da mesma forma que os Ideólogos franceses (de Gérando) e o místico Claude de Saint-Martin.

Os temas centrais dessa avalanche de fontes parecem ser a religião do Progresso e a crítica da Igreja católica de Roma.

O sucesso do livro de Roustaing no novo mundo é uma questão bem interessante. Só poremos alguns marcos cronológicos extraídos das obras brasileiras e nos contentaremos em dizer que a divulgação das crenças espíritas de Roustaing é, com efeito, paralela à das idéias liberais de Benjamin Constant, no Brasil, e das concepções positivistas de Augusto Comte. Além disso, essas doutrinas francesas se desenvolveram nos meios intelectuais brasileiros, que eram os mesmos dos que as tinham produzido na França; advogados, magistrados, professores, jornalistas e políticos.

Os laços dinásticos entre os Bragança do Brasil e os príncipes franceses foram numerosos. A princesa Amélia de Beauharnais, neta de Napoleão Iº (1812-1873) tinha desposado, em 1829, o imperador Pedro I, que abdicou em 1831. Os Bourbon tinham também alianças com o imperador Pedro II (1825-1891), que reinou de 1831 a 1889, e tinha desposado, em 1843, Teresa de Bourbon-Siciles (1822-1889). Sua filha Isabel tinha se casado, em 1864, com Gaston d'Orleans, conde d'Eu, neto de Luis Filipe Iº, tornado príncipe imperial do Brasil. Além disso, Francisca, uma irmã de Pedro II, nascida de um primeiro casamento de Pedro Iº com uma arquiduquesa da Áustria, desposara, em 1843, Francisco, príncipe de Joinville, filho de Luís Filipe Iº.

Essas alianças principescas são apenas um exemplo entre centenas de outros. No século XIX, a França era representada por um ministro plenipotenciário e por quatro cônsules na Bahia, Pará, Rio de Janeiro e São Paulo, sem contar uma vintena de agentes. Bahia era uma grande cidade⁵³ do país.

Desde 1864, as idéias de Kardec parecem ter sido apresentadas em língua portuguesa; a revista bordelesa cita uma pequena brochura de 15 cêntimos *O Espiritismo em sua mais simples expressão*.⁵⁴ Os centros parisienses de Allan Kardec conduziam uma propaganda ativa: a *Revue Spirite* (rua Sainte Anne, 59) e os editores Didier (Quai des Augustins, 35) e Ledoyen (Galeria d'Orleans, no Palais Royal). Foi certamente por intermédio dessa revista que os brasileiros tomaram conhecimento do livro de Roustaing-Collignon em 1866. Pouco depois um leitor brasileiro de Roustaing se dizia *roustainguista*.⁵⁵ O estudo metódico das obras de Kardec e Roustaing, como escreveu Jorge Damas Martins, foi determinante para a orientação do movimento espírita brasileiro em seus primórdios.

Em 1869, aparecia na Bahia o primeiro jornal espírita do Brasil, *Ecos de além-túmulo*, sob a direção de L. O. Teles de Menezes, primeiro divulgador da obra de Roustaing nesse país. Luís Olímpio Teles de Menezes tinha fundado, em 1865, sob a influência do anjo Ismael, seu inspirador, o primeiro núcleo espírita: *Grupo Familiar de Espiritismo*.

Mais tarde, em maio de 1870, Roustaing enviou uma carta a L. O. Teles de Menezes, publicada no número 6 de *Ecos de Além-túmulo*, afirmando que não era o autor dos *quatro Evangelhos*, mas que os Espíritos lhe tinham ditado a obra. Para resumir, diremos que o livro de Roustaing chegou ao Brasil em 1870, enviado por seu autor a Luís Olímpio Teles de Menezes,

⁵³ “Bahia, nome dado tradicionalmente à cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia” Koogan/Houaiss, *Enciclopédia e dicionário*, Ed. Delta, Rio de Janeiro, 1998 (os autores)

⁵⁴ Esta obra foi notícia na *Ruche* em 1864, mas já existia, com certeza, em 1862, na tradução do Prof Alexandre Canu, como informa Canuto de Abreu no seu *Bezerra de Menezes, subsídios para a história do espiritismo no Brasil até o ano de 1895.*, FEESP, São Paulo, p. 25 (os autores).

jornalista e deputado. Ele, em seguida, foi divulgado sob forma de traduções manuscritas em português, entre 1870 e 1898.

Os *quatro Evangelhos* foram traduzidos em inglês, em 1881, por W. F. Kirby. Dois anos depois se começava uma tradução portuguesa pelo Marechal R. Ewerton Quadros, enquanto na França Gabriel Delanne, um dos colaboradores de Kardec, publicava um livro que refutava a obra de Roustaing.⁵⁶ O movimento estava lançado na França e no Brasil. Em 1884, F. R. Ewerton Quadros tornava-se o primeiro presidente da *Federação Espírita Brasileira*, e, na França, René Caillé analisava e resumia a *revelação da revelação* para apresentar o *espiritismo cristão*. Outro discípulo de Roustaing, Jean Guérin, publicara, em 1882, uma segunda edição,⁵⁷ em francês, dos *Quatro Evangelhos*.

No Brasil, no Rio de Janeiro, então capital, um grupo CONFÚCIO foi fundado, em agosto⁵⁸ de 1873, em comunicação com os espíritos de Kardec e do sábio chinês,⁵⁹ e o livro de Roustaing é aí comentado. O Anjo Ismael fornece a divisa *Deus, Cristo e Caridade*. Um periódico *Revista espírita* é publicado por esse grupo enquanto *O livro dos espíritos*, de Kardec, é traduzido em português por Carlos Travassos, em 1875. Finalmente, em 1876, F.-L. Bittencourt funda um novo grupo que leva o nome de *Sociedade de estudos espíritas – Deus – Cristo – Caridade*.

Fica-se surpreso com a rápida progressão das idéias espíritas em menos de quinze anos nas grandes cidades do império do Brasil.

As edições do livro e as traduções se multiplicam nas principais línguas européias: em inglês por W. F. Kirby, em 1881; em italiano por Corrado Baruzzi, em 1893. Versões em alemão e em espanhol são anunciadas em 1899.⁶⁰ No Brasil, a tradução do Marechal F.-R. Ewerton Quadros apareceu, a partir do dia 15 de janeiro de 1898, no jornal *O reformador* do [período

⁵⁵ As correntes *roustainguista* (*rustenista*), como a *kardecista*, não expressam a verdade em sua substância. Todos somos *espíritas* (os autores).

⁵⁶ *J.-B. Roustaing devant Le Ssiritisme – réponse a ses élèves*. Esta obra foi publicada em 1883, e é uma coletânea de artigos de vários escritores. Sua publicação ficou a cargo da *Union sirite française* (PARIS, au bureau du journal: *Le spiritisme*, 39 et 41. passage Choiseul). A brochura consta de 66 páginas, e Gabriel Delanne só escreve um dos artigos (pp. 14-22): *Réponse a M. Guérin*. Nele, Delanne é bastante cordial com o homem Roustaing e não se vê confortável, na sua condição de cientista, para analisar o *corpo fluídico* de Jesus (os autores).

⁵⁷ O correto seria uma 2ª tiragem como já comentamos (os autores).

⁵⁸ No original está grafado abril. O correto é 02 de agosto de 1873 (os autores)

⁵⁹ Humberto de Campos revela a identidade desse Espírito: “Um dos emissários de Ismael, que dispunha de maiores elementos no terreno das afinidades mediúnicas, para se comunicar nos grupos particulares organizados na cidade, adotou o pseudônimo de Confúcio, sob o qual transmitia instrutivas mensagens e valiosos ensinamentos”. Ver *Brasil coração do mundo pátria do Evangelho*, FEB, 1974, p. 183 (os editores).

⁶⁰ Nos encartes de propaganda das obras espíritas divulgadas pela *Federação Espírita Brasileira* e inseridos em *O livro dos espíritos*, 5ª edição de 1899 (os autores).

do] Dr. Bezerra de Menezes. Essa folha era o órgão da *Federação Espírita Brasileira*.

Quanto ao Brasil, não podemos seguir a história complexa do movimento espírita com seus presidentes. Retenhamos apenas que, no início do século XX, o nome de Roustaing é conhecido no Brasil como o co-fundador⁶¹ do espiritismo com Kardec, e seus dois nomes estão associados no livro de J. Malgras, editado em 1906, *Os pioneiros do espiritismo na França* e na inauguração da sede da *Federação Espírita Brasileira*, no Rio de Janeiro, em 1911. A primeira edição completa, em português, publicada pela FEB, data de 1909, por Guillon Ribeiro,⁶² que foi também presidente da *Federação Espírita Brasileira*.

O Apóstolo de Bordeaux sempre foi objeto, no século XX, de estudos elogiosos da parte dos espíritas brasileiros.⁶³ Só citaremos aqui dois nomes de biógrafos atuais: Luciano dos Anjos e Jorge Damas Martins, cujas obras conhecemos. Assim, em 1978, o primeiro começava a publicar, no jornal *Obreiros do bem* (números de 56 a 76), uma série de artigos *A posição zero – introdução histórica e dialética a Roustaing*.

Em 1987, surgia, sempre no Rio de Janeiro, uma pequena brochura muito densa de 100 páginas, obra de Jorge Damas Martins, *História de Roustaing (panorama cronológico dos fatos mais importantes)*. Utilizamos largamente para este estudo e agradecemos o Sr. Stenio Monteiro de Barros, do Rio de Janeiro, que nos comunicou esse texto fundamental e que espera que o mandem traduzir em francês para o *Congresso Espírita Mundial*, que se realizará em Paris em 2004.⁶⁴

Desde a comuna de Arbis até os milhões de leitores brasileiros, quisemos simplesmente mostrar como uma aventura individual, que se desenrolou em alguns anos na região bordelesa, teve algum tempo depois uma influência ao mesmo tempo nacional e internacional. Originado da colaboração da Sra. Collignon e de J.-B. Roustaing, o livro *Os quatro Evangelhos* obteve, com o apoio de Allan Kardec e da *Revue Spirite*, uma influência quase imediata no Brasil, onde a cultura francesa estava já profundamente ancorada no meio das elites intelectuais e políticas.

Mas a obra de Roustaing não é isolada. Um pouco antes, a revista *Ruche bordelaise* começou a colocar os fundamentos da nova religião do espiritismo cristão. Não ficamos surpresos por achar entre os Espíritos invocados os de Lamennais e de Reynaud e, entre as fontes reivindicadas, as de Saint-Simon e de Leroux. A nova religião é a do Progresso e da Humanidade.

⁶¹ Melhor seria como um dos *auxiliares designados para coadjuvar* Allan Kardec (os autores)

⁶² O correto, como já observamos, é Henrique Vieira de Castro (os autores).

⁶³ Há, evidentemente, muita crítica também (os autores).

⁶⁴ Evidentemente que ficaríamos felizes com a tradução desta obra, porém, a bem da verdade, a proposta de tradução partiu do Prof Drouin, como está registrada em sua intensa correspondência conosco (os autores).

Por sua ação ideológica, o Espiritismo favoreceu o livre curso da idéia republicana e do anticlericalismo. Há certamente laços de causalidade no Brasil entre o desenvolvimento do espiritismo e o fim do regime monárquico-imperial em 1889, ao qual sucedeu a república.

Na França, pode-se constatar que J.-B. Roustaing morre – ou se *desencarna*, segundo a fórmula espírita – no dia 2 de janeiro de 1879.⁶⁵

⁶⁵ [Nota do original]. Jean Guérin anunciava na *Revue Spirite* de março de 1879: “Nosso irmão e amigo se extinguiu corporeamente no dia 2 de janeiro de 1879... cheio de fé e de esperança nos progressos dessa bela doutrina que vem de Deus e da qual ele foi um dos apóstolos mais ardentes, mais inteligentes e mais devotados”. Jean Guérin foi o executor testamentário de J.-B. Roustaing. Em sua morte, no dia 26 de setembro de 1885, uma manifestação espírita se desenrolou quando de seu enterro civil em Villenave-de-Rion: 1200 pessoas assistiam a ele; espíritas levavam a bandeira e a mortalha da *Sociedade espírita de Bordéus*. Havia numerosos prefeitos, adjuntos, conselheiros gerais, conselheiros municipais.

Amigos de Guérin retidos por razões eleitorais (eleições legislativas) tinham enviado cartas: o barão do Boscq, Reinhold Dezeimeris, Debruck. Um certo P. G. Leymarie (da casa editora espírita?) lembra que Jean Guérin era *republicano e espírita*, que mantinha relações com Allan Kardec, Pierrart, Roustaing, Eugène Nus, Eugène Bonnemère, Charles Fauvety, o príncipe Deulet-Kildef e Godin de Guise que, *simples vinhateiro*, tinha recebido cartas de Victor Hugo, de Garibaldi, de Jules Favre e de Gambetta. Entre todos os documentos concernentes a esse enterro civil, que provocou então escândalo, citemos dois textos característicos. Em primeiro lugar, o *testamento religioso* de Jean Guérin lido no cemitério no sábado 29 de setembro de 1885:

“Eu abaixo assinado Guérin (Jean), proprietário residente na comuna de Villenave-de-Rion (Gironde) declaro não pertencer a nenhum dos cultos atualmente reconhecidos pelo Estado e a nenhum outro culto exterior. Declaro ser espírita cristão, isto é, que sou “adorador do Pai em espírito e em verdade, segundo esta palavra do Cristo, ‘o reino de Deus está dentro de vós”.

“Entendo e quero ser enterrado sem cerimônia de nenhum culto.

“*Desejo que meus restos mortais sejam acompanhados ao lugar de sua sepultura por meus parentes, meus amigos, meus conhecidos e meus irmãos espíritas que desejarem juntar-se ao cortejo e fazer à beira do túmulo uma prece espírita pelos mortos (nº 356, página 386 do Evangelho segundo o espiritismo, de Allan Kardec). E, em todo caso, independentemente da dita prece pelos mortos, não serão feitas outras preces senão a da oração dominical. Vivi e morri no espiritismo cristão que não é outra coisa senão o cristianismo do Cristo, explicado nos Quatro Evangelhos publicados em 1866* por J. B. Roustaing, advogado em Bordéus. [* No original desta nota do prof Drouin está 1865 – os autores]* “Quero a vala comum que é a consagração do princípio da humildade proclamada pelo Cristo e que atesta a pouca importância que se deve dar ao invólucro corporal, que é apenas o instrumento do espírito na vida imortal da alma pelas reencarnações sucessivas nas existências corporais...”.

No dia 5 de janeiro, os republicanos têm a maioria no Senado e, no dia 30 de janeiro, o marechal de MacMahon, duque de Magenta, presidente da República, é obrigado a demitir-se. A Ordem moral católica e monárquica dá lugar aos republicanos que elege, no dia 30 de janeiro, Jules Grévy presidente da República. Sem ser a causa determinante, o espiritismo, como os outros movimentos culturais, como a franco-maçonaria, o livre pensamento, o positivismo e o socialismo, contribuíram para enfraquecer a posição dominante dos partidos monárquicos e da Igreja católica nos grupos *esclarecidos* da população francesa. Parece-nos altamente simbólico que o filho da médium de Roustaing, Sra. Collignon, se tenha tornado um prefeito ativo da IIIª República e, no fim de sua carreira, o colaborador imediato do presidente da República.

No início do século XX, J. Malgras⁶⁶ apresenta *Os pioneiros do espiritismo na França*, entre os quais *os mais velhos*; a lista é longa, começa com Honoré de Balzac: J.-B. Roustaing vem exatamente antes de Victor Hugo, Jules Giresin é citado antes de Villiers de l'Isle-Adam.

Assim, os Girondins estão em boa companhia, pois se encontram nesse *livro de ouro*: René Caillé, Charles Fauvety, Auguste Vacquerie, o presidente Carnot, e também Boucher de Perthes, Alexandre Dumas pai, Théophile Gauthier (*sic*), Jules Michelet, Georges Sand e, obviamente, Jean Reynaud.⁶⁷

Esse texto tinha sido redigido no dia 7 de julho de 1882. Em segundo lugar, o epitáfio feito pelo próprio Jean Guérin:

“Jean Guérin, nascido no dia 27 de setembro de 1827, desencarnado no dia 26 de setembro de 1885.

Como republicano e amigo da solução social pela associação, ele ama o trabalho, a justiça e os bons cidadãos que fazem sacrifícios por seu país. Como espiritualista, teve essa crença de que, submetidos à multiplicidade das existências, o espírito humano deve progredir infinitamente: *Passante, medita porque o que precede é pura e simplesmente razão.*”

⁶⁶ Roustaing e Guérin têm ambos direito a uma breve nota em *Os Pioneiros do Espiritismo na França*. Documentos para a formação de um *Livro de Ouro* das ciências psíquicas reunidos por J. Malgras, Paris, Livraria das Ciências psicológicas, 42, Rua Saint-Jacques, 1906. [Nota do original].

⁶⁷ Jean Reynaud é atualmente desconhecido. Não está citado na *Enciclopédia Universal*. Estimamos que seu papel sobre o movimento das idéias no século XIX é capital. Foi assinalado por Paul Bénichou em *O tempo dos profetas. Doutrinas da idade romântica*, Paris, Gallimard, 1977, no capítulo dedicado à dissidência saint-simoniana: Pierre Leroux (pp. 330-378) sob o título geral *Da utopia à democracia humanitária*. Reynaud, nascido em 1806, é da mesma geração de Roustaing, Pierre Leroux nasceu em 1797. [Nota do original].

III – APÊNDICE

O ENGENHEIRO RENÉ CAILLIÉ

O engenheiro Dr René Caillié é um dos grandes divulgadores da Terceira Revelação, como bem ressaltou J. Malgras, na 1ª parte, capítulo XXV, do seu célebre *Les pionniers du spiritisme en France*.

O Dr Caillié era filho do viajante, explorador e naturalista René-Auguste Caillié (1799-1838), autor do clássico *Journal d'un Voyage à Tombouctou et à Jenné dans l'Afrique centrale, précédé d'observations faites chez les Maures Braknas, les Nalous et d'autres peuples, les années 1824, 1825, 1826, 1827, 1828* (3 vol, 1830, Paris), obra editada, ainda, em francês e inglês.



René-Auguste Caillié

René Caillié recebeu de sua mãe, a célebre educadora viúva René Caillié, uma sólida base intelectual e moral. Ela foi parceira da pedagoga francesa, Srta. Pape-Carpantier, discípula de Fröbel e Pestalozzi, no projeto que ficou conhecido por *Salles d'asile*. Na *École normale modele*, foi pioneira na formação de professoras de escolas maternas. Zeus Wantuil escreve sobre a mãe de Caillié:

“Esta senhora também devotou toda a sua existência à educação das crianças, por quem foi muito amada, tendo deixado, nos Departamentos do Haut-Rhin e do Bas-Rhin, uma obra imperecível. Pela *Revue Spirite* de 1870, ficamos sabendo que Rivail fora amicíssimo de Mme. René Caillié, unindo-os uma amizade de muitos anos, fortalecida posteriormente pelos ideais espíritas que ambos compartilhavam” (*Allan Kardec*, 1º. vol., p. 153).

A viúva René Caillié faleceu em 10 de novembro de 1869, em Estrasburgo, mesmo ano de desencarnação de Kardec. A *Revue Spirite* (1870, p. 64), depois de observar que madame estabeleceu *longues annés em relations intimes avec M. Allan Kardec*, ressalta que ela fundou em Estrasburgo *uma das primeiras sociedades espíritas regulamentadas*. Por isso, J. Malgras também a coloca como uma das pioneiras do espiritismo:

“Sra. René Caillié estava, havia longos anos, em contatos freqüentes com Allan Kardec. Suas aspirações filosóficas a tinham feito, antes da propagação do Espiritismo, uma partidária esclarecida e convencida dos princípios da pluralidade das existências e dos mundos habitados. Ela foi uma das primeiras inteligências de elite que estudaram as manifestações e aceitaram a doutrina lógica e racional, que devia ser a consequência natural disso” (p. 28).

Prossegue Malgras:

“Apesar das dificuldades locais e de um meio eminentemente refratário, Sra. René Caillié, reunindo em torno de si alguns pensadores sérios, conseguiu, por seus esforços perseverantes, fundar em Estrasburgo uma das primeiras sociedades espíritas regularmente organizadas e verdadeiramente fecundas em trabalhos úteis e conscienciosos. Ela mantinha com Allan Kardec uma correspondência freqüente, e participou, com todo seu poder, na propagação da doutrina, fazendo-lhe chegar numerosos documentos de uma utilidade incontestável para o desenvolvimento de nossos estudos” (p. 29).

A carreira de René Caillié começou de forma brilhante, diz, também, J. Malgras:

“Formado em Engenharia pela École Centrale, foi um dos lugartenente de Ferdinand de Lesseps por ocasião da abertura do canal de Suez” (p. 69).

Mas o destino nem sempre é retilíneo, como deseja o olhar acanhado e míope do homem. Muitas vezes ele traça curva longa e dolorosa no intuito de esculpir almas, segundo o interesse do progresso espiritual. Assim foi com o nosso ilustre engenheiro em sua fulminante ascensão profissional. Acompanhemos um pouco mais J. Malgras:

“Sua estada no meio do pântano dessa região (Suez) foi o ponto de partida de doenças infecciosas que abalaram sua saúde aleijando-o, e o forçaram a abandonar uma posição brilhante para se limitar a dar lições de matemática” (p. 69).



René Caillié

Sua aula preparatória de matemática, para jovens, com instrução moral baseada no espiritismo, foi noticiada na *Revue Spirite* (1880, p. 400).

Influenciado pelas salutares conversações com P.-G. Leymarie, leu as obras espíritas, e, com ardor, passou a divulgá-las. Suas convicções e estudos profundos o levaram a ser vice-presidente da Sociedade *científica de estudos psicológicos*, fundada em Paris, em 1878, com nobre objetivo de estudar o espiritismo cientificamente. O *Estatuto* desta Sociedade, autorizado pelo Ministre de l'Intérieur, foi estampado na *Revue Spirite* (1878, pp. 228-30). J. Malgras esclarece sobre o papel desta sociedade:

“A *Sociedade de estudos psicológicos*, que existiu durante alguns anos e teve François Vallés como presidente, tinha sua sede na rua dos Petits-Champs, nº 5, no mesmo local da Administração da Sociedade Científica do Espiritismo.⁶⁸ Essas duas sociedades irmãs trabalhavam lado a lado. Esta continuava a obra de Allan Kardec, aquela se ocupando dos fatos e fenômenos psíquicos, por muito tempo apresentados como *milagrosos* pela superstição e repelidos por isso pela ciência, e tinha-se dado como tarefa elucidar toda essa categoria de fatos, pesquisar suas causas, controlar e estudar as diferentes forças que concorrem à produção deles” (pp. 41-2).

Por fim, conclui Malgras:

⁶⁸ Novo nome da *Sociedade anônima para a continuação da obras espíritas de Allan Kardec*.

“Numa palavra, dessas duas sociedades, unidas pela mesma causa, uma a sociedade fundada por Allan Kardec, representava a razão, e outra, a *Sociedade de estudos psicológicos*, representava a ciência” (p. 42).

A *Sociedade psicológica* ainda contava, entre seus membros, com o grande filósofo Charles Fauvety, o historiador Eugène Bonnemère, o sábio astrônomo e orientalista Trémeschini, os escritores de renome Charles Lomon, Eugène Nus e Camille Chaigneau.

Lavra brilhante, René Caillié dirigiu de Avignon, onde passou a residir, os jornais espíritas *Étoile*, *L'âme* e *L'anti-matérialiste*. Este último, depois de muitos anos, transformou-se na *Revue des hautes études: organe mensuel de la synthèse scientifique, sociale et religieuse*. São páginas riquíssimas, que enchem de novidade e cultura vastíssima a história da imprensa espírita mundial. Ele ainda escrevia intensamente na *Revue Spirite*, em *Le spiritisme*, entre outros jornais doutrinários. Seu lema nestes periódicos era:

“A Crença em Deus, Potência eterna, presente em toda parte;
Fé nos destinos infinitos da alma humana;
O Amor e a Dedicção aos nossos semelhantes”.



1ª página do *L'anti-matérialiste*

René Caillié foi o responsável pela publicação da obra *La vie de Jésus, dictée par lui-même* (1885), que ele mandou editar a pedido de seu médium; porém fez questão de ressaltar, no prefácio, que não concordava com o conteúdo atribuído aí à natureza de Jesus, pois era partidário da *Revelação* dada a Roustaing, sobre o *corpo fluidico*. Estranhamente, as edições em português desta obra não incluem seu prefácio original.

Ele também escreveu *Libres pensées* (1880), *Une histoire extraordinaire – Niza, souvenir d'Égypte* (1878), *Dieu et la création* (1883) e *Le poème de l'âme* (1893).

A grande obra de sua vida foi *Les Évangiles de J.-B. Roustaing, Analyse et Résumé* (1884), colocado à venda pela *Librairie des Sciences Psychologiques*, rue des Petits-Champs, 5. Um volume denso, porém de grande clareza e simplicidade, num total de 748 páginas. Diz J. Malgras:

“Discípulo ardente de Roustaing, o autor dos evangelhos explicados em espírito e verdade, ele fez aparecer, em 1884, um importante volume, fornecendo a análise e o resumo dessa obra” (p. 69).



Les évangiles – Analyse et Résumé

Esta obra René Caillié a publicou assumindo todas as despesas, por um total amor ao ideal pelo qual viveu. É Leymarie quem observa:

“O engenheiro René Caillié, filho do célebre explorador que descobriu Tombouctou, sintetizou a bela obra de *J.-B. Roustaing: Les quatre évangiles expliqués, ou révélation de la révélation*, num só volume que foi editado às suas custas” (RS, 1900, p. 259).

Leymarie conclui, dizendo que René Caillié *não precisava ter gastado com seu bolso*, se os legados de Jean Guérin e Madame Rivail, como já observamos, não tivessem sido *perdidos, após longo processo*. Logo, segundo Leymarie, era pretensão sua, em nome da *Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec*, publicar o *resumo de Roustaing*, escrito pelo Dr. René Caillié.

Esta obra de René Caillié se notabilizou, inclusive nas páginas da *Revue Spirite*, pois um *Comitê de leitura*, autorizou, com louvor, a sua publicação nas páginas desta *revista*, fundada por Allan Kardec. Dada a importância do artigo, vamos transcrevê-lo na íntegra:

AVISO DO COMITÊ DE LEITURA DA REVISTA

“Os discípulos de Allan Kardec, partidários de seu ensinamento e respeitosos de suas intenções, seguem fielmente estas palavras que ele disse e imprimiu: *Nós não somos nem juiz nem parte, e não temos a pretensão de ser únicos dispensadores da luz; está no leitor fazer a parte do bom e do mau, do verdadeiro e do falso.*

“Então, o dever dos espíritas é de não se fechar num círculo ininteligente e exclusivo.

“Nossa filosofia abre ao espírito humano horizontes sem limites e vastos campos de investigação, nos quais cada um pode achar o que convém ao seu temperamento, às necessidades de sua inteligência e de seu coração.

“Como espíritas, temos esse orgulho de julgar que nossas idéias, se elas são a verdade, devem ser uma das grandezas da humanidade; emanando de uma lei invariável, elas não necessitam de *nenhuma proteção*, de qualquer parte que venha, e devem procurar a contradição.

“Os ensinamentos racionais recebidos até este dia vêm de revelações saídas da erraticidade, uma delas, no dizer dos discípulos de Roustaing, é particularmente notável, após a do *Livre des esprits* pela pureza de sua doutrina e o meio que ela oferece aos protestantes e aos católicos de aceitar a revelação espírita, de tomar parte no grande movimento de reforma religiosa que caracteriza o fim deste século e da qual será o glorioso coroamento.

“É aqui a questão da obra de J.-B. Roustaing, ex-Bastonário da ordem dos advogados de Bordeaux, editada sob o título seguinte: *Spiritisme chrétien ou révélation de la révélation. Les 4 évangiles*

suiuis des commandements expliqués en esprit et en vérité, par les evangelists assistés des apôtres, et de Moïse.

“Essa obra tem três grossos volumes, é infelizmente longo e difícil de ler; nosso F. E. C., o Sr. René Caillié, vice-presidente da *Sociedade científica de estudos psicológicos*, dedicou-se voluntariamente à revisão dessa obra considerável, da qual fez um resumo analítico no jornal *l'Anti-matérialiste* de Mans, resumo que apareceu em folhas separadas suscetíveis de serem reunidas mais tarde em um volume. Imparciais e independentes, sem opinião preconcebida, não querendo imitar os infalibilistas e usar de ostracismo, porque o espiritismo deve altivamente enfrentar todas as críticas e todas as teorias (aqui não se trata de crítica). A pedido do Sr. René Caillié, a revista inserirá, não somente seu resumo, mas também os artigos pró ou contra a obra de J.-B. Roustaing, se eles não contiverem agressões e alusões ofensivas.

“Em consequência, publicamos esse resumo, fazendo esta reserva, de que a revista não é responsável, nem pelas idéias emitidas no curso dessa revelação medianímica dada a Roustaing, nem pelas que o Sr. René Caillié poderá dar sobre esse assunto. É desejável que essa obra seja conhecida racionalmente, para que a julguem e separem o bom grão do joio, como devem fazer os espíritos livres, inimigos dos preconceitos.

“Na Gironde, em Langoiran, La Sauve, Créon, Naujean, Brasne, Frontenac, Arbis, Ladaux, Letourne, Langon, Targon, Blézignac, Fougères, Latrème, Mazères, Villenave-de-Rions, Capian, etc., etc., há mais espíritas que oficialmente se poderiam reunir em Paris, todos partidários de Allan Kardec, e que J.-B. Roustaing iniciou em nossas crenças; eles consideram Allan Kardec e J.-B. Roustaing dois mestres venerados, e é equidade bem natural permitir ao nosso F. E. C. julgar judiciosamente a *obra de seu iniciador* na grande, na consoladora doutrina espírita fundada por Allan Kardec; agir de outro modo seria antifraternal e desleal, e nós cumprimos esse dever.

(*REVUE SPIRITE*, Paris, XXVI, agosto, 1883, pp. 362-363).

Assim, à semelhança da *Revue Spirite*, nós também cumprimos o nosso papel, e transcreveremos partes do *Prefácio* e do *Epílogo* desta obra, onde fazem referências diretas a Roustaing.

É importante afirmar que a *Federação Espírita Brasileira* recebeu a autorização de P.-G. Leymarie, em 1900, para traduzir e publicar a obra de René Caillié, em língua portuguesa, o que infelizmente acabou não acontecendo. Vejamos a nota no *Reformador*:

“Concedo, pelo presente, à Federação Espírita Brasileira, do Rio de Janeiro, o direito de traduzir em língua portuguesa a obra

Les évangiles de Roustaing, resumida pelo Sr. René Caillié. 42, rue St. Jacques – Paris, 1º de março de 1900. – P.-G. Leymarie, (concessionário por escritura) – *Reformador*, 1º de julho de 1900, p. 3.

Antes de passarmos para a transcrição das partes anunciadas da obra de René Caillié, registramos que a *Revue Spirite* publica longa nota sobre sua desencarnação, ocorrida em fins de maio de 1896, em Avignon, da qual destacamos o motivo de seu desenlace:

“Uma simples ferida na mão foi suficiente para destruir o organismo físico do bom e generoso René Caillié” (1896, p. 445).

Obra de Roustaing

ESPIRITISMO CRISTÃO

Revelação da Revelação

OS EVANGELHOS
EXPLICADOS EM ESPÍRITO E EM VERDADE

Por MOISÉS, os EVANGELISTAS e os APÓSTOLOS

ANÁLISE E RESUMO

POR RENÉ CAILLIÉ
Vice-Presidente honorário
da Sociedade de Estudos Psicológicos de Paris

Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.

(João, XVI, v. 12, 13, 14.)

NANTES

TIPOGRAFIA NOVA
PÉAULT, RONCOT & C^{ia}.

NOS ESCRITÓRIOS
DO ANTI-MATERIALISTA

Rua Santeuil, 8
1884

PREFÁCIO

Estamos na época, talvez, a mais extraordinária, a mais digna da atenção dos pensadores, que se viu desde a chegada de Jesus na Terra.

Todo mundo sabe a maneira, por assim dizer, milagrosa pela qual o *Espiritismo* fez sua aparição, e a velocidade incrível com a qual em menos de trinta anos, ele invadiu toda a Europa. Esse fato é certamente tão admirável quanto aquele da *doutrina do crucificado* – da qual ninguém pode negar a miraculosa extensão sobre o globo – impondo seus soberbos princípios a todas as nações do ocidente. Todos aqueles que fizeram do *Espiritismo* um estudo sério não podem se subtrair a este pensamento: que uma grande revolução moral e religiosa está a se cumprir e que uma imensa armada de *Espíritos*, de Mensageiros divinos, se agitou, como sob o efeito de uma ordem, para abrir os olhos dos cegos, combater e destruir o materialismo, e fazer renascer enfim a fé sobre a Terra:

(...)

Eis que chegamos à Revelação de Roustaing, a que será objeto deste trabalho.

A aparição do cristianismo foi, ninguém o pode negar, um grande evento na história de nosso Planeta. Os judeus eram um povo à parte. Eles admitiam, é verdade, a unidade de um Deus criador, único senhor do Universo, mas tinham também o orgulho e a pretensão de crer que eram o único povo da Terra amado por Deus, todos os outros estando infalivelmente condenados a lhes estar submetidos e a lhes obedecer. Foram as leis e instituições de Moisés que os fanatizaram assim, porque Moisés foi um dos mais duros e dos mais cruéis reformadores que existiu. Para que o povo judeu entrasse na harmonia do planeta, precisava que fosse arrancado de seu fanatismo, de seus preconceitos, de seus dogmas infalíveis, da dominação de seus sacerdotes. Tal foi a missão de Jesus e, depois dele, a dos apóstolos. Admitimos certamente esta missão como divina, porque é por meio de Messias, de Anjos e de Espíritos superiores, que Deus dirige o planeta terrestre e o conduz a seus destinos. Os Messias de Deus são de todos os gêneros, de todas as épocas e de todos os povos. Eles constituem a grande *Revelação eterna e universal* sem a qual não se poderia compreender o progresso dos planetas. Tudo no universo se eleva na direção de Deus numa marcha insensível e regular, e todos os povos de uma mesma terra estão destinados a nela se tornarem um só povo quando tiver compreendido esta bela lei da transformação infinita de todos os seres, a lei do progresso sem limites. Quando um desses povos sai do conjunto e provoca a discórdia na harmonia, é preciso que ele seja reconduzido ao caminho, e são as guerras, os pesados impostos da derrota, a dominação do vencedor, que servem de meios. Mas são também os Messias que, em épocas memoráveis, são os grandes Reveladores e vêm dar ao planeta um impulso mais rápido e mais direto.

Não, ninguém pode negar a beleza da doutrina do Cristo e a necessidade de sua vinda. Que cuidado não toma ele para abrir os olhos aos nobres, aos sacerdotes, aos escribas, a todos os doutores, dizendo-lhes: “*Atentai ao espírito e não à letra*”. Não vim destruir a lei, dizia ainda, mas esclarecê-la, reformá-la em seus abusos. Ele era bem, em verdade, o grande Reformador dos Judeus, seu Messias.

E os Apóstolos! Não é verdadeiramente miraculosa a maneira pela qual eles continuam a missão do Mestre? Eles fazem tudo para operar a associação entre Judeus e Gentios numa mesma crença e na mesma fé. Qual foi sua grande dificuldade? Foi fazer crer aos Judeus que os Gentios, que não eram circuncidados, pudessem ser Cristãos, e é com todas as dificuldades que eles alcançam fazer compreender, a uns e a outros, que a circuncisão não contribuía para nada na ordem das coisas morais.

Quando se medita essa grande reforma do Cristo e que se julga a causa pela grandeza dos efeitos produzidos, deve-se dizer que há aí alguma coisa de preconcebido, alguma coisa de divino, e que essa reforma é apenas um elo necessário e indispensável da história moral e religiosa do planeta. Ela era necessária, do mesmo modo que o é em nossos dias, de impedir ao catolicismo atual de impor seus dogmas, tão falsos e perigosos para o progresso dos povos e para o futuro do planeta.

Sim, há na vinda do Cristo alguma coisa de verdadeiramente extraordinária. Não se pode negar que sua chegada não tenha sido anunciada e predita pelos profetas hebreus. Hoje, a crença nos profetas e na predição das coisas futuras é fácil; porque quantos de nós não vemos médiuns adormecidos predizer fatos que estão ainda, para nós, nas trevas do futuro e que, entretanto, acontecem exatamente na época predita? É aos milhares que se poderia citar destes casos nas reuniões de experiências espíritas. Assim era entre os israelitas e é este o povo dentro do qual os videntes, os oráculos, as pitonisas, os inspirados de todas as ordens, tiveram um papel tão considerável. Podemos, então, crer nas profecias que anunciaram a chegada do Cristo; não há, nessa crença, nada que possa prejudicar o amor da verdade nem a razão, visto que os fenômenos do moderno espiritualismo nos oferecem casos semelhantes. Então só há um passo a dar para admitir e crer que Jesus foi um Messias à parte, um Messias divino. E, se foi verdadeiramente uma revelação divina, o que há de admirável em os Apóstolos que, outrora, foram os propagadores dessa doutrina tão bela, tão elevada e tão consoladora, venham *no estado de Espíritos* continuar essa Revelação, a reconduzir em seu verdadeiro espírito e a completar? O que há então! Todos os Espíritos vêm conversar conosco, e isto seria proibido aos Apóstolos, àqueles que outrora ajudaram Jesus em sua missão? Vemos, então, e o simples bom senso está aí para ajudar nossa fé, vemos então que é tão simples quanto fácil admitir que os Evangelistas e os Apóstolos puderam escolher Roustaing, homem religioso e cheio de bom senso, homem instruído e capaz de os compreender, como intermediário entre eles e os encarnados. Em tudo isto, então, nada que não seja perfeitamente aceitável.

Esta obra não emana de mim, diz Roustaing em seu prefácio dos *Quatre Évangiles*. Ela vem daqueles que prepararam o advento da missão de Jesus, daqueles que foram chamados a escrever e conservar as palavras pronunciadas pelo Mestre, os atos cumpridos por ele, e todos os eventos que presidiram sua aparição e sua passagem pela Terra. É uma *era nova* que começa hoje para os habitantes da Terra, e eles vêm continuar sua tarefa; eles vêm dar, de novo, testemunho da missão do Cristo, cumprindo eles mesmos uma nova missão, aquela inteiramente espiritual, que será a REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO. É preciso que a luz penetre no fundo de todos os corações, esclareça todas as inteligências. Eles vêm *despojar o espírito da letra*, difundir a luz sobre tudo que parecia obscuro e tenebroso, mostrar aos encarnados da Terra que tudo, tudo que se faz e se produz aqui em baixo só faz obedecer *ao curso regular das leis da Natureza*. O que, na ignorância dessas leis, uns chamam: *mistérios, milagres*, e outros: *lendas e fábulas*, tudo isto vai servir para tirar a verdade de suas faixas de múmia.

Os Evangelistas e os Apóstolos deviam voltar a Terra para concorrer com o cumprimento das promessas do Mestre. Para provar a verdade da fonte divina do ensino cristão, o Cristo também deve voltar, como ele próprio disse; mas o segundo advento de Jesus deve ser precedido da fase regeneradora que se produz nesse momento pelo *Espiritismo*, que é o ensino do *Espírito de verdade*, ensino conduzido por todos os Espíritos que se comunicam atualmente com os homens, e prova a realidade da existência da alma pelos fenômenos de todas as espécies de que Allan Kardec tinha por missão dar a chave. *Le Livre des esprits* e o *Livre des médiums* foram as primeiras pedras que serviram de base ao soberbo edifício da nova era. O Espiritismo é o *precursor* que devia preceder ao segundo advento de Jesus, o qual só deve voltar quando o planeta estiver depurado e transformado. Então a Verdade aparecerá *sem véu*, e poderemos todos compreender – pelo menos todos aqueles que não forem lançados noutros planetas inferiores – os destinos que Deus reserva àqueles que amam. Então, a sublime moral do Cristo resplandecerá em todos os olhares, em todo o seu esplendor e em toda a sua pureza.

Roustaing, bastonário dos advogados na Corte de Bordeaux, teve várias manifestações espontâneas pelas quais os Espíritos lhe indicavam a tarefa que tinha que exercer. Um fato, muito digno de nota, é que este grande trabalho da *Revelação da Revelação*, uma vez começado, continua de maneira natural e regular, como a fonte que, saindo do seio entreaberto da montanha, corre, pensando que seu dever é de alimentar o rio que deve dar de beber aos planos e a todos os habitantes do globo. Nenhuma intervenção leve de espírito ocorreu, como acontece tão freqüentemente nas sessões de espiritismo vulgar onde é permitido – sem dúvida, para nos advertir, porque Deus nos deixou a todos nosso livre-arbítrio para nos instruir julgando que Espíritos inferiores venham lançar a discórdia e a confusão. O trabalho, de muito fôlego, foi sempre

sustentado e protegido pelas altas influências que o dirigiam; assim vê-se, de uma a outra extremidade, e *sem a menor contradição*, a mesma tese admiravelmente sustentada, admiravelmente defendida. A origem da alma, todas as suas fases de desenvolvimento, seus fins e seus destinos, o nascimento e a personalidade do Cristo, todos os grandes problemas que causaram no mundo tantas contradições e tantas lutas insensatas, tantos atos de barbárie e tanta efusão de sangue, e são tratados de maneira racional e luminosa. Esta Revelação deve marcar o fim do antagonismo e dos conflitos entre a Ciência e a Religião. O conhecimento do Espiritismo, que nos demonstrou a existência dos Espíritos e a possibilidade de suas comunicações com os vivos, nos permitiu compreender o Antigo e o Novo Testamento nas relações que eles nos mostram entre o mundo espiritual e o mundo corporal e em tudo que eles têm de providencial e de divino. Por outro lado, o magnetismo, conhecido e aceito em nossos dias por todas as pessoas sérias, nos iniciou nos meios que Deus empregava para ligar a alma à matéria e os mundos entre eles. Nos tempos antigos e nos tempos modernos, está em toda parte e é sempre que se encontra diante de si o magnetismo para explicar tudo, para nos permitir tudo compreender. É a grande lei da natureza intimamente ligada a todos os fenômenos que ligam o mundo espiritual ao mundo corporal.

A *Revelação da Revelação* vem demonstrar aos homens a necessidade, para todos, da instrução integral. “*Não há nada secreto que não deva ser conhecido e nada de oculto que não deva ser descoberto*”.

Por um primeiro médium, Roustaing recebeu de João, filho de Isabel e de Zacarias, a comunicação seguinte:

“*Os tempos são chegados* em que as profecias devem se cumprir. O reino da Verdade começa. Povos consagrados ao culto idólatra da fortuna, desligai vossos pensamentos desta profana adoração, voltai vossos olhares para as regiões celestes, escutai as vozes dos Espíritos do Senhor que não podem deixar de fazer escutar esta advertência salutar: *Os tempos são chegados*.”

“*Os tempos são chegados*. Deus enviou os Espíritos aos homens para os ajudar a sair da superstição e da ignorância. Ele quer o progresso intelectual e moral; mas ele está travado pelo orgulho e pelo egoísmo, obstáculos que ele só podia transpor pelas lutas sangrentas e mortais. O Espiritismo, alavanca poderosa que vosso Pai pôs entre as mãos de alguns Apóstolos fervorosos, o fará caminhar, com um passo rápido, ao cume que ele deve subir para arrancar a Humanidade inteira do pesado sono que retinha seu pensamento e seu corpo inclinados para a Terra...”

“*Os tempos são chegados* em que todos deveis reconhecer vossos erros e vossas faltas...”

“Que os santos mandamentos de Deus, dados a Moisés no Monte Sinai, sejam o Código que regule vossos deveres para com vossas

consciências; que o santo Evangelho seja a doce filosofia que vos faça resignados, compadecidos e doces para com vossos irmãos, porque sois todos membros da mesma família. O Espiritismo veio ensinar-vos a verdadeira fraternidade e *os tempos são chegados*.

“*Os tempos são chegados* em que vai brotar, de todas as partes, a preciosa semente que o Cristo, o espírito de verdade, espalhou entre os homens.

“Sabeis quais são os frutos abundantes que os verdadeiros Espíritas vão colher desta colheita bendita? É a liberdade, a fraternidade, a igualdade diante de Deus e dos homens. É o Espiritismo que os vai convidar a todos para esta ceifa abundante, porque o orgulho e o egoísmo, o fanatismo e a intolerância, a incredulidade e o materialismo vão desaparecer da Terra para dar lugar ao amor e à caridade que vos são anunciadas pelos Espíritos do Senhor. Eles estão sempre convosco, porque OS TEMPOS SÃO CHEGADOS”.

Mais tarde, foi outro médium, a Sra. Collignon, que caiu como que miraculosamente sob sua mão. Esta senhora foi, desde então, o único médium que serviu à grande Revelação. Ela não emitiu nenhuma opinião que lhe fosse pessoal, muito ao contrário, porque a idéia do Cristo agêner, encarnado somente como Espírito e por via *exclusiva de tangibilidade*, lhe repugnava à razão. Entretanto, a Sra. Collignon resistia, recusava-se, por assim dizer, a servir de instrumento aos Espíritos que começava a ver como impostores, e que, entretanto, ao contrário, eram Espíritos elevados, vindos nos tempos preditos para revelar o que ficara oculto até então. A Sra. Collignon cria e crê ainda, parece, que a Encarnação do Cristo foi análoga àquela de todos os homens de nosso planeta e não pôde compreender a necessidade de uma derrogação na regra geral da encarnação dos missionários da Humanidade. “Assim – nos contou o Sr. Guérin, o amigo e fiel discípulo de Roustaing –, acontecia muitas vezes, durante os ditados medianímicos que o pensamento dos inspiradores desse trabalho, verdadeiramente providencial, ficava como que paralisado em sua livre manifestação, por causa dessa hostilidade pessoal da médium em aceitar essa nova teoria, contraditória com aquela que era o objeto de suas preferências. Também, o Sr. Roustaing me disse muitas vezes que perseverança e que dedicação lhe eram necessárias para prosseguir o trabalho e encorajar a médium, quando os Espíritos lhe faziam escrever por assim dizer *mecanicamente*: “*A médium resiste*”.

É certo que há, em toda esta revelação, três fatos eminentemente notáveis:

1º. A homogeneidade constante do pensamento, sempre elevado, dos Espíritos inspiradores, sem que nenhuma *intervenção* estranha viesse fazer suspeitar a origem;

2º. A resistência da médium à manifestação do pensamento dos Espíritos, quando emitiam sobre o tema da natureza do Cristo uma teoria antipática às suas convicções;

3º. As manifestações espontâneas feitas a Roustaing antes que conhecesse a Sra. Collignon e que se pode ler no prefácio de seu livro *Les quatre Evangiles*.

(...)

Começando a obra que nós nos estamos propondo, o Resumo dos *Quatre Evangiles* de Roustaing, nós nos colocamos sob a proteção dos amigos celestes encarregados por Deus de sustentar e guiar os *homens de boa vontade* e queremos sempre ter no pensamento essas palavras saídas de sua boca:

“Lembra-te que os bons Espíritos só assistem àqueles que servem a Deus com humildade e desinteressadamente, e que repudiam todo aquele que procura no caminho do céu um escabelo para as coisas da Terra; eles se retiram do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira entre o homem e Deus; é um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode se servir do cego para fazer compreender a luz”.⁶⁹

Agora, se nossos leitores nos permitirem de lhes dar um conselho, nós lhes diremos que, para compreender facilmente o livro que nós publicamos, é bom ter sido iniciado previamente nas crenças da *Revelação Espírita*. Essa iniciação, encontrá-la-ão em *Le Livre des esprits*, de Allan Kardec.

Enfim, para terminar esse prefácio, diremos que não estamos nem a favor nem contra a obra de Roustaing, ainda não tendo opinião feita a respeito dela. Somos só um pioneiro leal, amante apaixonado da verdade, procurando elucidar uma questão que interessa aos crentes e aos pensadores. Não temos então *parti feres*,⁷⁰ e o que nos fez empreender a análise e o resumo desta obra, é antes de tudo porque ela encerra belezas reais que nos seduziram e que, por outro lado, pensamos que, liberando à atenção e à discussão certas idéias emitidas sobre o nascimento e a morte do Cristo, motivaríamos algumas pessoas a sair desse estado de indiferença religiosa, que é uma das desditas de nossa sociedade, e a meditar a obra cristã. Haverá luta. Tanto melhor! Do choque de idéias sairá à luz.

⁶⁹ Allan Kardec, *Le Livre des Esprits*. Prolegômenos. [Nota (1) de rodapé, do autor].

⁷⁰ Opinião preconcebida, prevenção. Em Latim, no original. N. do T.

Sucedá o que suceder, aliás, disso não resultará, certamente, nenhuma derrota, nem para a moral cristã, que permanecerá sempre o mais belo código religioso que haja e o que há de mais doce e de mais consolador para os corações, nem para nossa fé, que se resume num pequeno número de crenças aceitáveis por todo mundo e que devem reunir-se, numa só e mesma, todas as religiões:

A Crença em Deus, Potência eterna, embreado, presente por toda parte;
A Fé nos destinos infinitos da alma humana;
O Amor e a Dedicção para com nossos semelhantes.

RENÉ CAILLIÉ

.....

EPÍLOGO

Eis aqui está terminada a tarefa que nos tínhamos dado, a de fazer conhecer a obra de Roustaing, reunindo num Resumo sucinto o conjunto inteiro da doutrina. Talvez não tivéssemos empreendido esse trabalho, se conhecêssemos antecipadamente toda a dificuldade, porque esta Revelação não é outra coisa senão a explicação das obras de Deus, uma admirável cosmogonia do Universo. É uma obra magistral em que, durante todo o curso dos ensinamentos que nos dá, sente-se um sopro de amor e de fé que é impossível a algum de nós de ter também o poder em seu coração, quando, por outro lado, o desejo de se fazer compreender conduz às repetições e enredos que devemos procurar evitar e que, entretanto, fazem o charme da obra mostrando a dificuldade infinita que têm os Reveladores para convencer, e toda a delicadeza e os cuidados que tomam os mestres em se fazer aceitar pelos alunos que eles sabem, *com antecipaçaõ*, toda a dificuldade para vencer a indolência e o *parti feres*.⁷¹

Nós o confessamos com toda modéstia, nós nos sentimos desolados de ter tão mal traduzido uma obra tão santa e tão elevada que, estamos muito intimamente convencidos, deve tornar-se um dia

A BÍBLIA DA HUMANIDADE.

Achávamos que, entre os Espíritas, tratava-se um pouco ligeiramente uma obra que, após tê-la lido duas vezes um pouco rapidamente, parecia-nos cheia de belezas e de ensinamentos dignos de elevar em nós o senso moral e capaz de nos tornar melhores. Esta era, nos pareceu antes de tudo, a bela religião do Cristo, ÚNICA NO MUNDO, explicada em todos os seus

⁷¹ Opinião preconcebida, prevenção. Em Latim, no original. N. do T.

detalhes como nunca tinha sido até hoje, e, – exceto o nascimento miraculoso de Jesus e os padecimentos de sua morte que, segundo sua natureza *não humana*, só podiam ser morais, e exceto também a virgindade de Maria, sua mãe, – tudo nos parecia legitimamente aceitável sendo dada, para o compreender, a chave que nos oferece atualmente a *Ciência Espírita*.

Mas, no curso de nosso estudo, feito muito conscienciosamente e sem *partiferes*, e no qual, aliás, nos prepararam longas e sérias pesquisas, vimos nossas idéias mudar completamente e, no momento em que escrevemos estas linhas, é a doutrina completa e inteira, são seus ensinamentos, em todos os seus detalhes, que aceitamos como sendo a pura expressão da verdade. Vemos, de hoje em diante, como um dever de ser dela o defensor, e como uma glória, se conseguíssemos nos colocar entre os seus corifeus.

Creemos que Jesus era um Espírito puro descido das altas esferas celestes em missão, na qual sua natureza de pureza perfeita não permitia tomar um corpo semelhante ao nosso, pela razão de que isto lhe era *completamente* impossível, tanto quanto seria impossível a um químico unir em conjunto um átomo de hidrogênio a um átomo de ouro ou de platina, de ferro ou de chumbo, os dois corpos heterogêneos postos em presença um do outro diferindo muito entre eles por sua natureza e por sua densidade. Por outro lado, nada é impossível nos fenômenos que nos contam do nascimento de Jesus, de seu crescimento e de sua vida que, longe de serem *realidades*, como para cada um de nós, foram só *aparências*; aí estão os fatos de transfiguração fluídica que vemos se reproduzir em nossas sessões espíritas e que, particularmente, são muito comuns nas aparições de Espíritos que acontecem atualmente na América. É necessário dizer que o ESPIRITISMO, esta maravilha do século XIX, mudou a face do mundo e que o que foi rejeitado como loucura absurda há vinte anos, passou, atualmente, ao estado de fato científico e de verdade incontestável e demonstrada. Não falamos aqui para os espíritos orgulhosos e vãos que, majestosamente exaltados em sua pobre ciência humana, na qual ainda estão apenas no primeiro teorema, creram estar muito abaixo deles ocupar-se das mesas girantes e do estudo do mundo extraterrestre. Aqueles são punidos por onde pecaram; eles se colocaram voluntariamente na impossibilidade de nada compreender, deixando erguer-se entre eles e a verdade, um muro de bronze. São os escribas e os fariseus de outrora, que preferem crucificar a verdade do que crer nela.

Acreditamos na virgindade de Maria, não porque o estado de virgem é superior àquele de mãe, não, pelo contrário: mas, porque Maria e José eram dois Espíritos descidos dos mundos superiores para ajudar Jesus em sua missão.⁷² Nesses mundos, os Espíritos no-lo disseram bastante,

⁷² O ensinamento na obra de Roustaing é: “Espíritos muito elevados, José e Maria sofriam o constrangimento do envoltório carnal que haviam aceitado, mas não estavam sujeitos a instintos de que já haviam libertado. Exilados momentaneamente da verdadeira pátria, dela guardavam instintivamente a lembrança e um único era o anseio de ambos: voltar para lá” (QE, II, 312-3). Nota dos autores.

a geração não se faz da mesma maneira que aqui em baixo, pela razão que, quanto mais se eleva na hierarquia dos globos, mais a matéria se purifica e se ilumina,⁷³ e mais também o *espírito* prevalece sobre ela e a domina. Nesses mundos onde se está ocupado em servir a Deus, do qual a gente se sente os instrumentos *conscientes*, os esposos chamam do coração um jovem *Espírito* recentemente saído, ignorante e simples, das mãos do Criador, e de quem resolveram guiar os primeiros passos; depois, como o fariam dois hábeis químicos, eles lhe compõem um corpo com os fluidos que os envolvem. Isto não é para o jovem Espírito que entra na vida universal uma encarnação, mas uma simples *incorporação*. É da mesma maneira que Jesus formava e decompunha seu corpo por sua poderosa vontade, quando ele estava em nossa Terra, com os fluidos que traziam ao redor dele os Espíritos superiores que o ajudavam em sua missão. Então, Maria e José, Espíritos superiores, não tinham nenhum gosto pela obra da carne, e eis tudo. O caso não é raro e conhecemos homens e mulheres, que, entretanto, são apenas pobres terrenos, que pensam absolutamente como José e Maria, e que professam pela obra da carne o mais profundo desprezo.⁷⁴

É preciso nada ver de extraordinário nessa abstinência e nesta vida pura de José e de Maria, quando os filósofos platônicos da Escola de Alexandria nos deram tantos exemplos de casos semelhantes. Citemos um só desses exemplos: “No primeiro nível entre os professores da Escola de Alexandria, diz Eugène Bonnemère,⁷⁵ brilhava uma mulher, a célebre Hypathia, que foi uma de suas mais puras glórias. Ela devia à superioridade de seu saber e de seu gênio, o ocupar a cadeira de filosofia, honrada por tantos espíritos ilustres, e em último lugar por Plotino”.

“Filha do filósofo Théon, de Alexandria, a uma eloquência encantadora, à mais imaculada virtude, ela unia a mais tocante beleza. Chamavam-na *a bela filósofa*, e a astronomia era uma das ciências que ela cultivava com paixão. Os magistrados lhe rendiam honras, e Oreste, o governador da cidade, se orgulhava de ser contado no número de seus amigos. Casada com o filósofo Isidore, ela vivia virgem e casta junto dele. Esta união de almas, que exclui a dos corpos, era bastante freqüente então entre os platônicos;

⁷³ A palavra no original é “luméfié”, não encontrada no dicionário que temos, nem no *Larousse*, e a própria Aliança Francesa, em Vitória-ES, não pôde traduzi-la para nós, então a traduzimos por “ilumina”, já que o progresso dos mundos é se purificarem e se iluminarem. N. do T.

⁷⁴ O ensinamento na obra de Roustaing é: “Espíritos muito elevados, encarnados em missão, José e Maria não experimentavam as necessidades carnis da humanidade” (QE, II, 313). Nota dos autores.

⁷⁵ *L'Âme et ses manifestations a travers l'histoire* [A Alma e suas manifestações através da história] por Eug. Bonnemère, obra premiada pela Société d'Etudes Psychologiques de Paris. Nota do original.

era o amor platônico, e muitos dos bispos casados davam nobres exemplos desta continência voluntária”.⁷⁶

Enfim, cremos que Jesus só podia ter sofrimentos morais e achamos verdadeiramente ininteligente, em grau supremo, admitir que Deus pudesse condenar seu filho bem-amado a sofrer nossas dores de forçados das galés, sem poder evitá-los nem delas subtraí-lo. Que ser impotente seria então esse Deus! E como teríamos o direito de negar e de nos crer superiores a ele, nós que, por simples passes magnéticos, por alguns fluidos escapando-se de nosso sistema nervoso, podemos lançar em catalepsia, isto é, na mais completa insensibilidade, uma pessoa amada à qual queremos poupar os sofrimentos de uma operação cirúrgica ou as dores do parto. Verdadeiramente, não é razoável admitir que Jesus sofresse sobre a cruz como sofreria um dos indivíduos deste inferno que se chama Terra. Oh! entendemos bem aqui a crítica. Pois quê! dirão, que fazeis do magnífico sacrifício do Calvário? Que! há mil e oitocentos anos, a Humanidade cristã choraria sobre sofrimentos apócrifos? Precisamos de um Jesus que sangre, que chore, que, ofegante e todo em farrapos, perdoe os seus algozes. Ai de nós! Responderemos, ainda que desolados de vos contradizer, por nossa parte, um quadro semelhante do filho de Deus, de um dos bem-amados do Criador, nos conduziria à negação do próprio Deus, e, se ele precisava passar por fatos humilhantes, ainda preferiríamos retomar nossa posição de outrora entre os materialistas. Já era muito para o nosso Cristo, descer de suas alturas para vir nesta Terra, obrigado de aí viver lado a lado com a ignorância, com o orgulho, com o egoísmo, com a loucura, com a ingratidão e com a crueldade dos homens.

⁷⁶ “Saint-Cyrille era patriarca de Alexandria. Ficava profundamente irritado de ver que o governador Oreste envolvia com igual proteção os Judeus, os heréticos nestorianos, os católicos, os pagãos e os adeptos das diversas seitas filosóficas. Ele se mostrava sobretudo enciumado da influência e da celebridade da pagã Hypathia. Um mestre-escola, partidário fanático de Cyrille e inimigo da “bela filósofa”, tendo sido assassinado em um tumulto suscitado pelo patriarca contra os Judeus, Cyrille o exaltou publicamente e o pôs no nível dos mártires. A população agitou-se em sentido diverso. Um leitor da igreja de Alexandria, denominado Pierre, amotinou a população cristã contra Hypathia; arrancaram-na de sua morada, arrastaram-na até a igreja chamada Césarium, como se quisessem imolá-la em holocausto ao pé dos palácios de Deus, despojaram-na de suas vestimentas, rasgaram com conchas cortantes, com os restos de telhas e de cerâmicas, o belo corpo que nenhuma mancha jamais alcançara. Esses furiosos, disse Chateaubriand, queimaram em seguida na praça Cinaron os membros da criatura celeste, que vivia na sociedade dos astros que ela igualava em beleza e dos quais ela experimentava as mais sublimes influências: “Perdoar-nos-ão esta digressão, não estávamos irritados ao ponto de excitar, de passagem, a fibra de indignação contra esses fanáticos sem coração, nem alma, que, tão freqüentemente, desonram com suas crueldades infames a bela e doce religião do Cristo” [Nota de rodapé, do original].

Do mesmo modo que, nos sonhos apropriados, nossos anjos guardiães nos guiam e nos ensinam por meio de quadros fluídicos; do mesmo modo Jesus, o anjo guardião da Terra, veio fazer ele mesmo nossa educação, por meio de quadros e de símbolos tanto mais poderosos quanto ele próprio era maior e que a coletividade à qual ele se endereçava era mais numerosa. Essa coletividade era a Humanidade terrena inteira. Não há aí nem comédia, nem fraude, e impostura bem menos ainda.

Como a entendemos esta bela Revelação, todos fomos criados Espíritos e nossa verdadeira existência, nossa existência normal, é a vida no estado de Espíritos no espaço ou nos mundos fluídicos, ou nos mundos mais belos ainda, chamados de mundos celestes, que só os Espíritos puros podem habitar. E todos os Espíritos sobem de globo em globo e instruindo-se sempre, sob o olhar e a direção de mestres sábios e poderosos; eles acabam por participar dos trabalhos do Criador: eles mesmos criam mundos, os governam e os dirigem. Mas o orgulho pode tomá-los em alturas semelhantes, e está aí o imenso perigo ao qual grande número sucumbe, porque Deus nunca atenta contra o livre-arbítrio de sua criatura que, sem esse livre-arbítrio, não teria nenhum mérito e nem mesmo existiria. Sem a possibilidade de cair e de falir, com efeito, a criatura deveria ser criada perfeita, e ela seria o igual de Deus, ela seria o próprio Deus. Admitido tudo isto, chega, evidentemente, a necessidade da *punição*, sem a qual não haveria reabilitação possível. E é exatamente para a punição daqueles que faliram que foram criadas as Terras primitivas, como a nossa, sobre as quais são encarnados e reencarnados os Espíritos culpados, e *somente* os Espíritos culpados, para ter de expiar suas faltas e se livrar pela prova, pela luta e pelos combates de todos os gêneros, dos vícios e dos defeitos em que os fizeram cair o orgulho e a presunção, o egoísmo e a inveja.

E nesses globos, que são outros tantos infernos, o Espírito se encarna nas *matérias particulares* protegidos da destruição, naquilo que elas repugnam aos animais que os afugentam. E a obra do Espírito é sair dessa matéria que, com o tempo, ele ilumina e à qual ele dá formas cada vez mais belas até que, completamente purificado, ele se livra recuperando sua virtude primeira. É nessa matéria primitiva *humana* que vem, então, se encarnar o Espírito em punição, matéria na qual seu perispírito se liga, molécula a molécula, e que ele impregna inteiramente, como a água faz à esponja.

O objetivo do Espírito será, para o futuro, de elevar a vida nessa matéria que a possui já no estado rudimentar; é a grilheta que ele traz no pé e que deve obrigá-lo a refletir e a pensar, um dia, em se corrigir. Aliás, as revelações sucessivas que virão fazer-lhe os Espíritos encarregados de velar sobre ele, na medida de suas necessidades e de seus progressos, ajudá-la-ão a sair pouco a pouco dessa horrível prisão, cuja reencarnação lhe permite mudar constantemente os materiais e as paredes.

A punição é dura; porque ele subira tão alto na ciência é que ele caiu tão baixo em seu orgulho! Precisava uma combinação de sua alma com a

matéria que o fizesse esquecer e que fosse bastante forte para adormecer seus fortes impulsos para o mal.

É então que, apenas minorados (tanto mais que o elemento de encarnação é mais áspero e primitivo), seus vícios abrem caminho através do pesado manto da matéria, que não os impede, entretanto, de ainda dar mostra de poder e de vida; e o ódio, e o ciúme, e o egoísmo e o maldito orgulho, agindo juntos no meio dessa multidão de encarnados entregues aos ventos de todas as paixões, é a guerra que passeia por toda parte seu gládio ensangüentado e sua tocha incendiária. Pobre Humanidade, sem bússola e desarvorada! Com quantos males e horríveis sofrimentos não vais saldar tua revolta insensata?

Mas essas almas caídas vão se depurar no fogo da prova e do sofrimento, como a lupa de ferro sob o martelo do ferreiro, e, pouco a pouco os vícios diminuem, e, na mesma proporção, a matéria se purifica e se ilumina, e o Espírito irradia mais facilmente. As formas tornam-se mais belas, o coração se desenvolve, o arrependimento nasce, a alma se eleva e, como na primavera as flores saindo de seus botões um após o outro, vê-se de todos os lados despertarem-se esses Espíritos adormecidos na carne e estender para a pátria perdida seus braços suplicantes.

Chegou o momento para o perdão, e é então que, nessas almas ainda pesadas, ainda cheias de orgulho e fracas de vontade para o bem, um CRISTO é enviado pelo Senhor para abrir à luz seus olhos de cegos. A missão desse Cristo tem três fases. Ele se reveste primeiro de um *aspecto* MATERIAL, como nós o vimos nesta obra de Roustaing, a fim de se pôr ao alcance de homens materiais e de poder se fazer compreender por eles. Está aí sua primeira aparição, na qual ele leva à Humanidade o código moral que deve guiar seus passos, ajudando-a a progredir e favorecendo seus primeiros impulsos em direção ao arrependimento e à luz. Depois, quando esta Humanidade progrediu suficientemente, ao mesmo tempo em seu corpo e em seu perispírito, que são solidários e se purificam mutuamente, este Cristo volta ao estado DE ESPÍRITO à frente de legiões de Espíritos ajudando-o em suas obras e voando em socorro dos humanos que os chamam e lhes imploram na humildade e na simplicidade de seu coração. Mas o próprio planeta segue, ao mesmo tempo, a via do progresso e, quando ele chegou ao ponto em que, ele e toda a humanidade que conseguiu segui-lo, devem ir ocupar um nível mais elevado na hierarquia dos globos, é então que Seu Cristo volta pela terceira vez, e naquele momento, *em toda* SUA GLÓRIA, para os conduzir ao lugar que, de ora em diante, eles devem ter no espaço. E é então que o planeta, distanciando-se pouco a pouco do astro central que lhe dispensava todos os elementos necessários à *sua vida material*, o sol se *obscurecerá* e se mostrará *coberto de trevas*. E é aí o fim do mundo, isto é, o momento em que a parte purificada e espiritualizada de nosso planeta se aproximará de Deus, deixando no espaço sua parte material em pedaços semelhantes àqueles cuja presença nossos astrônomos constataram entre Marte e Júpiter e que reuniram sob o nome de *Planetas telescópicos*.

Tal é, em algumas palavras, o Resumo desta bela Revelação, que os próprios apóstolos vieram nos fazer no estado de Espíritos, ministros que eles ainda são do MESTRE nesta segunda Revelação que o próprio Jesus tinha anunciado. É preciso dizer que ela foi corroborada por todas as outras *pequenas revelações* particulares que fazem, em todos os cantos do globo outros Espíritos, compondo essa imensa legião que se abalou e na qual cada um traz também sua parte de ajuda e de trabalho para a grande obra de regeneração. Se todas não são *identicamente* as mesmas, é que os Espíritos que as fazem não têm o mesmo grau de mérito, de saber e de instrução. Mas, todos, obedecem aos chefes colocados sob a direção de nosso Cristo. E todos aqueles que quiserem se dar ao trabalho de estudar seriamente os livros ditados por todos esses Espíritos diferentes, nenhuma dificuldade terão em reconhecer que, em essência, elas são sempre a mesma, e que, enfim, todo este conjunto de revelações são apenas partes destacadas de uma grande revelação geral, realizando-se sobre toda a superfície de nosso globo.

(...)

Enfim, não queríamos passar em silêncio a opinião do grande jornal inglês *Le Théosophist* [O Teosofista],⁷⁷ que se publica em Bombay, que está completamente dedicado a todos os preceitos da filosofia oriental e tem por objetivo patrocinar e fazer valer a doutrina do Budismo [e hinduísmo que estão entre] as religiões mais antigas do mundo e que contam como partidários mais do que a terça parte da população do globo:

“Todos os fatos citados no livro dos *Quatre Evangiles*, publicado por Roustaing – diz esse Jornal –, pertencem, sem exceção, às nossas teorias arianas e pré-arianas, mas estas são apresentadas como novas revelações. Encontra-se, nesta obra, numerosas passagens admiráveis de sabedoria e beleza (...); não podemos ocultar quanto estivemos admirados do fato de que esse livro, em muitos lugares, é apenas uma exposição perfeita da doutrina oculta do Budismo de nossa Igreja do Norte. A influência dos Espíritos de uma ordem muito superior (*Dhyan Chohan*) sobre a evolução primitiva do homem, a densidade dos planetas proporcionada em seu lugar à série evolutiva dos mundos, os desenvolvimentos futuros dos poderes psíquicos em toda a raça humana, o desenvolvimento da Humanidade saindo de um germe primitivo após ter alcançado os limites da perfectibilidade possível nos reinos animal e vegetal, está bem aí tudo o que admitem os iniciados budistas. Admitimos que o tipo é *uno*, mas que é modificado por aquilo que o circunda e

⁷⁷ Esta pesquisa localizou este periódico e a interessante referência a Roustaing: *Le Théosophist*, 1882, v. 3, agosto, p. 276. O Texto tem o seguinte título: The four Gospels by J.-B. Roustaing... (W. F. Kirby). [os autores]

a transição do estado da encarnação primitiva é produzido pelo desenvolvimento desse tipo único contido no germe. Tudo que encontramos no *livro de Roustaing* foi ensinado por nosso Buda, Gautama Cathagata (...); aí encontramos o eco mais pronunciado das doutrinas esotéricas orientais sobre a Cosmogonia e a Evolução. De onde e como este eco chegaria ao médium do Sr. Roustaing, Sra. Collignon?⁷⁸

Tal é o resumo, em poucas palavras, de um grande artigo desse jornal. (...)

Terminamos, fazendo apelo à indulgência e à benevolência do leitor destas páginas; a dedicação e o amor da verdade, sozinhos, nos fizeram escrevê-las. Nosso objetivo foi de facilitar-lhe um estudo difícil e de lhe dar a ocasião de meditar com a cabeça e com o coração postos sobre essa bela e admirável religião do Cristo desembaraçada de tudo que a ignorância a manchara unida às especulações do interesse e do orgulho, e levada, enfim, ao seu verdadeiro espírito divino por esta Revelação nova cujo nome verdadeiro é bem:

A REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO.

RENÉ CAILLIÉ.

⁷⁸ Aqui só citamos os pontos de ligação espiritual com a revelação de *Os quatro evangelhos* (os autores).